

romance

A TERRA DA PROMISSÃO

H. Pontoppidan

ED. CRUZEIRO

PRÊMIO NOBEL DE LITERATURA

coleção de grandes escritores modernos

Nesta série, em que as Edições O CRUZILHO procuram oferecer ao leitor o que de melhor existe na literatura universal, serão publicadas grandes obras, tôdas merecedoras de colocação imediata em biblioteca de pessoa culta e de bom gôsto. Entre as obras de escritores laureados com o Prêmio Nobel de Literatura destacam-se os seguintes lançamentos:

OS FRUTOS DA TERRA

Knut Hamsun

MINNA

Karl Gjellerup

O NOBRE SENHOR KINGSBLOOD

Sinclair Lewis

A ALDEIA

Ivan Bunin

A TERRA DA PROMISSÃO

Henrik Pontoppidan

QUO VADIS?

H. Sienkiewicz

BARRABÁS

Pär Lagerkvist

O LÔBO DA ESTEPE

Herman Hesse

HENRIK PONTOPPIDAN (1857-1943), Prêmio Nobel juntamente com seu conterrâneo Gjellerup em 1917, foi, mais do que este, um romancista da sua terra, a Dinamarca. Havendo-se livrado da influência avassaladora de Zola, Brandès e Darwin, escapa do rígido determinismo da escola naturalista em estilo inconfundível, varonil e adulto, impiedoso e irônico, transmite ao leitor a sua indisfarçável angústia de homem atormentado pela crescente aceleração do progresso histórico. Sua fé resta na Natureza.

PRÊMIO NOBEL DE LITERATURA

A TERRA DA PROMISSÃO

Esta história, composta em três partes, **A Terra, A Terra Prometida e O Juízo Final**, vem a ser o mais famoso romance de Pontoppidan.

Na primeira parte, **A Terra** começa por ser apresentada ao jovem pastor recém-chegado da Cidade através dos olhos da filha do Deão e das idéias dêste sobre a gente do vicariato.

A gente boa da Terra, ao convívio com o veterinário beerrão, o próspero dono do armazém, o mestre-escola que trapaceava na roda de jôgo do Presidente da Câmara — prefere Emmanuel, na segunda parte, **A Terra Prometida** onde se entrega ao amor de Hansine e se associa às idéias revolucionárias do tecelão Hansen e da gente humilde da sua paróquia de Skiberup.

O amor, a vida familiar no campo e as novas idéias não lhe dão, no entanto, a paz de espírito, tão almejada. E a santidade de seus pensamentos e atos, na terceira parte, só fazem levá-lo ao Juízo Final, com que se encerra a famosa trilogia de H. Pontoppidan.

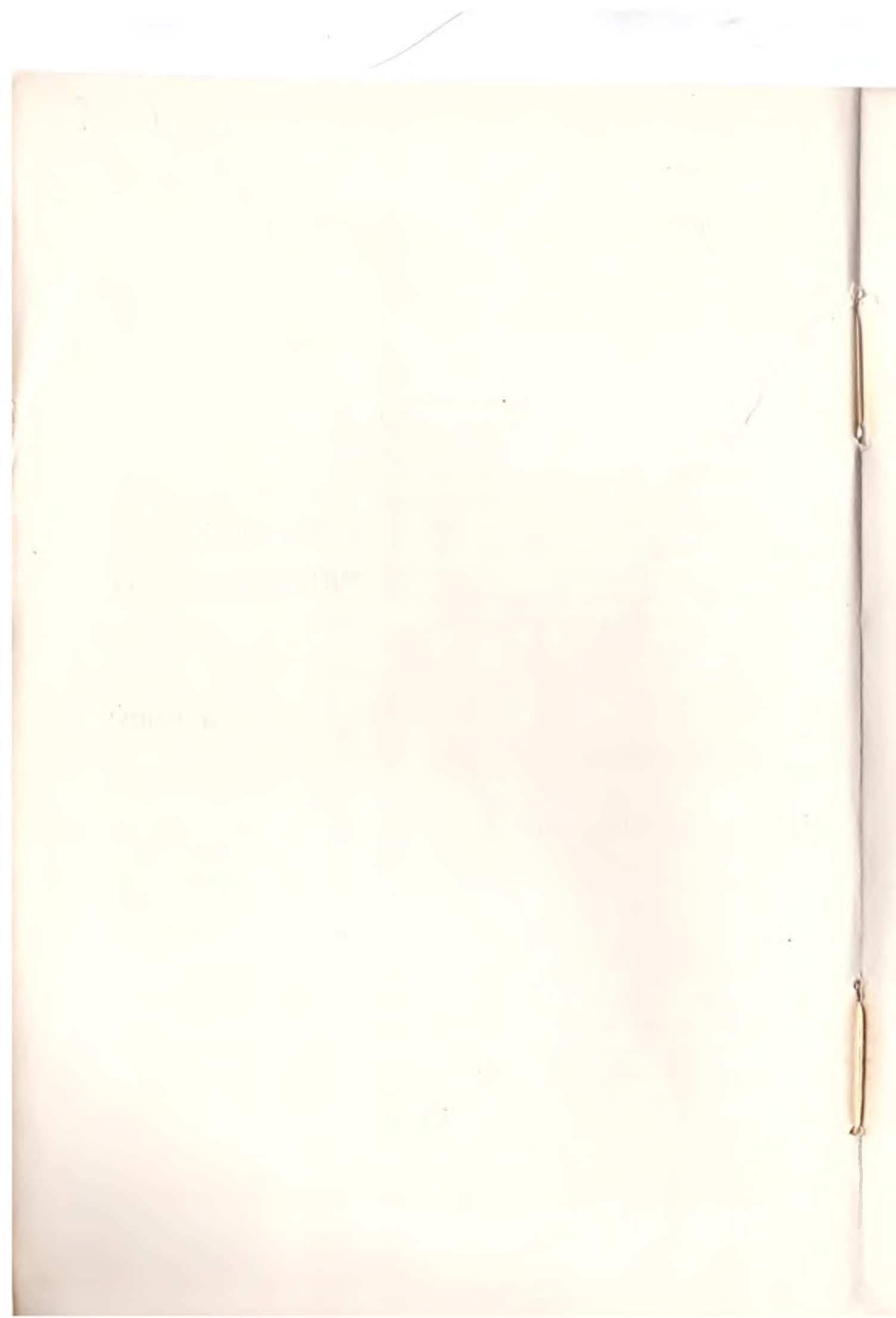
A
TERRA da
PROMISSÃO



70
A TERRA DA PROMISSÃO

PRIMEIRA PARTE

A TERRA



Durante vários dias, tremendo temporal varrera a região. Vinda do leste, nas asas laceradas de nuvens azul-chumbo, a tempestade açoitara o fiorde, atirando sôbre os prados, a distância, enormes bandeiras de espuma. Em muitos lugares, revolvera, por completo, as sementeiras de outono, formara enxurradas nos campos, desmanchara valados e aceiros. As águas, sem escoadouro, inundaram as terras de cultura e os caminhos. Por tôda parte, viam-se árvores tombadas, postes telegráficos partidos, medas de feno desfeitas e corpos de pássaros que o furacão atirara ao solo e matara.

Na aldeia de Vejlbj, plantada no alto de uma colina e, por isso, muito exposta e desprotegida, tôda uma fileira de velhos celeiros fôra derrubada pela fúria do vento, durante a noite. O barulho despertara os moradores da aldeia, fazendo-os sair à rua, apressadamente, muitos em trajes íntimos. Várias chaminés foram arrancadas dos telhados e, no jardim do presbitério, tôdas as caixas de estorninhos haviam caído das árvores. Nem mesmo o deão fôra poupado da ira celeste. Pela manhã, quando a tempestade estava no auge, ao ir à varanda de sua casa para olhar os estragos, o vento arrebatou-lhe o chapéu da alva cabeça, fazendo-o rodopiar pelo chão.

Não havia em Vejlbj memória de dias tão horríveis.

— Deus ajude a quem está no mar! — gritavam os homens uns aos outros, através do uivo do vento, quando, com o corpo curvado para a frente, ou correndo, acontecia encontrar-se nas ruas da aldeia, a lutar, passo a passo, contra a tempestade.

"Feliz de quem está no quentinho" — pensavam os que se mantinham em casa na semi-escuridão dos quartos, onde mesmo de dia não era possível ler o jornal, enquanto o vento sibilava, furiosamente, como se todos os maus espíritos andassem à solta, em tórno da aldeia. Nas cocheiras, os cavalos, de

orelhas em pé, tremiam de medo. As vacas mugiam, desesperadas; os gatos, aflitos, miavam dolorosamente e os cachorros farejavam, inquietos, pelos cantos.

Quando, afinal, a tempestade serenou um pouco, a neve começou a cair em brancos flocos, e, apesar de estar-se ainda em começo de dezembro, no início do inverno, ela já cobria o chão, acumulava-se nas valas, envolvia as árvores caídas ao longo dos caminhos, amontoava-se sobre as cercas tombadas e sobre as cobertas de palhas estraçalhadas pelo vento. Durante dois dias e duas noites, o céu e a terra se fundiam na branca imensidade.

Entre os simplórios camponeses de Vejlbj alguns começavam, no entanto, a analisar-se intimamente, acertando suas contas com Deus, na crença de que o juízo final deveria estar próximo. Mesmo quando, na noite do segundo dia, já se podia, finalmente, principiar a remover, com o auxílio de pás, a neve acumulada em frente aos portões e a varrer as espessas camadas das vidraças, êsses camponeses, contemplando de suas portas, à claridade do luar incipiente, o vasto deserto de um branco azulado em que se tinham transformado a terra e o fiorde, faziam conjecturas sobre o motivo daquele castigo, pensando que se trataria possivelmente de um aviso dos céus, anunciando algum acontecimento importante que, em futuro próximo, envolveria a vila ou a paróquia, ou talvez mesmo o país inteiro.

2

No gabinete de trabalho do deão encontrava-se, naquela noite, um estranho, chegado no dia anterior, justamente quando mais forte era a tempestade de neve. Homem ainda moço, alto e magro, vestia sobrecasaca preta, com plastrão branco, que formava pequeno laço na altura do pomo-de-adão muito saliente. Rosto, pálido e magro; os olhos de um azul-claro, infantil, fitavam as coisas com expressão cândida e sincera. Sobre a fronte alta e muito abaulada caíam-lhe os cabelos louros, ligeiramente encrespados nas extremidades. Na ponta do quei-

xo e na parte inferior das faces, crescia uma barba incipiente, fina e clara.

À sua frente, o deão Toennesen, sentado numa poltrona antiga. Era um homem de compleição atlética, cabelos bem brancos cortados rente, entre os quais aparecia o róseo couro cabeludo. Sob as longas sobranceiras, ainda inteiramente pretas, brilhavam-lhe os olhos ardentes que, juntamente com as formas cheias do nariz e dos lábios, davam-lhe ao rosto glabro um aspecto sulino. Também no modo de vestir não lembrava ele o tipo característico do cura de aldeia dinamarquês.

O lenço de cambráia, muito branco, que lhe envolvia, ajustado, o rubro pescoço de touro, o colête de sêda estampada e as botinas muito polidas revelavam um gosto pela aparência externa nada comum entre os de sua profissão. Também suas atitudes e a maneira pela qual, de vez em quando, durante o curso da conversa, levava à boca o cachimbo de canudo longo, com boquilha de âmbar, traíam o homem mundano, seguro de si mesmo.

À seu lado, a porta, que dava para a ampla sala de visitas, luxuosamente mobiliada, estava aberta. Ali, a filha da casa, moça de cabelos louro-avermelhado, costurava junto a uma lâmpada de pé com abajur de sêda verde. Tudo estava quieto em torno dela. Dir-se-ia que o mar de neve lá fora absorvera todos os ruídos. Além da voz do deão, ouvia-se apenas o crepitar do fogo na lareira e o monótono tagarelar de um papagaio, em sua gaiola.

O estranho moço era o nôvo capelão, ansiosamente esperado não só no presbitério, mas na paróquia tãda. Havia várias horas, desde que tinham deixado a mesa, após o almoço, que os dois sacerdotes, no gabinete de trabalho, discutiam diversos assuntos referentes aos seus encargos. Era quase exclusivamente o deão que falava. O capelão, cuja ordenação se realizara há poucos dias, era ainda muito jovem, — tinha apenas 26 anos, e ia apenas iniciar sua atividade de pastor de almas. Evidentemente, ainda se sentia um tanto constrangido em sua nova dignidade. Cada vez que o deão lhe dirigia a palavra usando o título de "Sr. Pastor" ele corava e contemplava, acanhado, o bico das botinas.

O deão Toennesen começara sua alocução, que já durava quatro horas, em tom comedido, pedagógico, demorando-se

desnecessariamente em cada palavra, como se gostasse de ouvir o timbre sonoro da própria voz e apreciasse a forma perfeita de suas proposições. Raramente lhe acontecia falar a ouvinte tão compreensivo, e não resistia, por isso, à tentação de dar largas à eloquência. Mas, à medida que passara a tratar mais detalhadamente da posição atual da Igreja e, principalmente, a aludir às várias correntes antagônicas, próprias da época, que dentro dela debatiam, seu modo de falar se tornara menos ponderado, e a linguagem menos disciplinada. A certa altura, curvou-se sobre o capelão e disse com ênfase:

— O que eu, sobretudo, desejava frisar a êsse respeito, Sr. Pastor Hansted, é, em poucas palavras, o seguinte: não só é o direito do sacerdote, mas até seu sagrado e inviolável dever perante o Senhor, a quem serve e por cujo reino é responsável aqui na Terra... Digo que é um dever, ao qual o padre não se pode furtar, manter a autoridade incondicional da Igreja, seja onde fôr. Aquela bela relação patriarcal, que existia outrora entre o pastor e sua comunidade, infelizmente se vai tornando uma lenda. E de quem é a culpa? Quem foi que, durante anos, solapou, sistematicamente, a autoridade da Igreja, destruindo o respeito tradicional do povo pelos seus mestres divinos? São os chamados livres-pensadores? Os que negam aberta e atrevidamente a existência de Deus? É o que geralmente se diz. Mas não creia que assim seja, de fato! Não, dentro da própria Igreja é que o germe da devassidão encontrou solo propício. São essas malfadadas correntes que, sob o nome de liberdade e igualdade, surgiram das profundezas da alma popular e acharam o caminho até o sagrado recinto da Igreja. E não foi somente graças à ação de alguns jovens entusiastas e acalorados que elas conseguiram infiltrar-se. Infelizmente, nos últimos tempos, foi até por intermédio dos mais altos dignitários da Igreja. Acho que não preciso explicar melhor. O senhor certamente já sabe aonde quero chegar... Mas como terminar isso? Não é o mesmo que tomar ao seu serviço o próprio anticristo, o velho espírito da discórdia, da rebelião? Que são, afinal, êsses adeptos de Grundtvig, com suas reuniões sociais e suas escolas superiores, que ultimamente são até subvencionadas pelo Governo? E o que vem a ser êsse abuso de oradores ambulantes que andam à solta, êsses sapateiros e alfaiares pregadores, gente sem cultura alguma que — ouça bem isso — é enviada pelos próprios padres, por aí afora com autorida-

de para falar em nome da Santa Igreja? Veja até que ponto chegamos nós! Vagabundos ocupando o púlpito; indigentes dos asilos falando perante o altar! Ajudantes de sapateiro e aprendizes como condutores espirituais do povo!... Qual será o fim disso? Eu lhe pergunto, Sr. Pastor Hansted, qual será o fim disso?

Sua paixão aumentara de violência, à medida que falava. O rosto se tornara cinzento. Ao proferir as últimas palavras, ergueu-se, imponente e ameaçador, como se quisesse, ali mesmo, desafiar para a luta.

De sua cadeira, o capelão o encarava com assombro. Lá na sala, o papagaio começou a gritar e a bater as asas.

Para acalmar-se, o deão pôs-se a andar de um lado para outro. Decorridos alguns minutos, voltou ao seu lugar e parou em frente ao capelão, encarando-o com um olhar que chamava sob os escuros supercílios como relâmpagos atrás de uma nuvem tempestuosa.

— Espero, Sr. Pastor Hansted, que o senhor compreenda inteiramente minhas apreensões... Não lhe quero ocultar que também aqui, comecei a perceber uma fermentação, uma tendência para desviar-se dos bons rumos. Certo Hansen, um tecelão, pessoa ignorante e atrevida, triste produto do chamado movimento acadêmico, tentou, nos últimos anos, organizar uma espécie de partido revolucionário, aqui, na paróquia, arrebanhando fanfarrões e gente branca, que se atreve a fazer-me oposição, abertamente, tentando, por todos os meios, criar o tumulto e o distúrbio na comunidade. Mas eu não o irei tolerar! Sinto ser de meu dever reprimir inexoravelmente êsse espírito de agitação, e espero, Sr. Pastor Hansted, contar futuramente com seu auxílio. Tenho esperança de que nos entenderemos bem, de modo que nosso trabalho em comum possa honrar a Deus e beneficiar a comunidade!

— Não tenho outro desejo — respondeu o jovem, comovido, olhando para o chão.

— Eu estava certo disso — continuou o deão, evidentemente satisfeito com a resposta. Mas assim mesmo me é agradável ouvi-lo do senhor. Não duvido de modo geral, de que nós, com boa vontade e compreensão mútuas, trabalharemos bem, juntos.

Após essa troca de palavras, o deão Toennesen se acalmou relativamente depressa, readquirindo o equilíbrio. Foi a um canto do aposento, onde tornou a encher o cachimbo; acendeu-o e tomou novamente seu lugar na poltrona, para continuar a exposição.

Passando para o que êle mesmo, em tom de brincadeira, chamava "um pequeno curso de teologia prática", começou a abordar as tarefas mais especializadas do serviço espiritual. Falou do modo de proceder na solenidade do batismo, na administração da hóstia, tanto na igreja como junto ao leito dos enfermos; em seguida, deu ao seu jovem discípulo orientações quanto à extensão das prédicas, às missas e ao serviço litúrgico, fazendo, por fim, várias sugestões práticas referentes à dignidade externa que, como êle dizia, "de modo algum deveria ser negligenciada".

— Temos, por exemplo — disse — o caso das mãos que, freqüentemente, causam embaraço aos novos pregadores. Como se sabe, alguns padres gostam de gesticular muito, ao passo que outros preferem ficar de mãos postas. Essa última atitude, inegavelmente, sugere mais ternura e é, por isso, aconselhável, sobretudo na celebração de casamentos quando, em geral, se deve procurar o contato com os sentimentos ternos, íntimos, e não despertar nos ouvintes a consciência de culpa. Acho, porém, em certas ocasiões, muito adequados alguns gestos. Ao proferir palavras como, por exemplo, "a maldição do Senhor", "as iras celestes", "as eternas torturas do Inferno", é bem natural que se acompanhem tais expressões com movimentos, que se ergam os braços, cerrem-se os punhos ou coisa semelhante, para lhes dar mais força. Finalmente, devo pedir-lhe que tenha uma coisa sempre em mente, caro amigo...

Neste momento, oito horas soaram na sonora pêndula do salão, e a filha do deão apareceu à porta, chamando-os para o chá.

— Então temos que obedecer! — atalhou o deão, vivamente, erguendo-se. Pondo a mão no ombro do capelão, acrescentou sorrindo:

— Como o senhor talvez já tenha notado, Sr. Hansted, é minha filha quem governa a casa, e, devo dizer, é um comandante severo! Bem, continuaremos nossa conversa na primeira oportunidade. Entre agora e venha tomar parte em uma simples ceia rural.

A sala de jantar era, como os demais aposentos do presbitério, ampla e elegante, com ornamentos de estuque e decorações paisagísticas sobre as portas. Embora o curato de Vejlbj o Skibberup estivesse longe de ser dos mais rendosos, a residência paroquial e as adjacências que lhe pertenciam ostentavam um estilo que mais lembrava a mansão senhorial de um grande proprietário do que a morada de um servo da igreja.

O predecessor do deão Toennesen era homem muito rico; seu primeiro serviço na paróquia foi demolir o velho edifício do presbitério e construir em seu lugar, por conta própria, o atual palacete, cuja suntuosidade, então, dera lugar a verdadeiras romarias de toda a região. Ainda circulavam as fabulosas histórias acerca da leviandade com que o homem esbanjara seu dinheiro. Se um camponês o procurava, queixando-se de algum desastre com o gado ou de incêndio na herdade, logo ele cancelava seu débito de dízimos e, às vezes, lhe metia mesmo nas mãos, quando se despedia, uma cédula de cinquenta escudos. Só exigia em troca que o deixassem em paz com seus livros e objetos de arte. Como os habitantes da região sempre tiveram menos interesse pelos tesouros da religião do que por bens mais concretos, reinara durante os quinze anos de permanência do "padre dos milhões" a mais perfeita harmonia entre a comunidade e seu chefe espiritual.

O deão Toennesen tinha, entretanto, bons motivos para queixar-se amargamente do seu predecessor que, com suas atitudes, perturbara completamente as idéias dos paroquianos. Estes se haviam acostumado a considerar as dízimas e as ofertas em dinheiro como algo que podiam dar ou deixar de dar, como muito bem entendessem. Quando Toennesen começou a pôr ordem nesse estado de coisas, exigindo, com rigor, pagamento pontual dos vários débitos, foi acusado de ganância, indigna de um eclesiástico, dando ensejo a um motim que se tornara o começo da tensão que desde então pensava existir entre o presbitério e certa parte da paróquia.

Mas se o deão tinha, realmente, motivo para, nesse sentido, estar aborrecido com seu predecessor, era-lhe, em compensação, duplamente grato pela residência principesca que o mes-

mo lhe legara. Esta correspondia exactamente ao que êle considerava a moradia ideal, que cabia ao representante de Nosso Senhor Jesus Cristo nas freguesias de Vejlbj e Skibbbberup. O confortável palacete não deixava de contribuir para sua permanência naquele cargo, bem medíocre e pobre tendo-se em vista sua avançada idade e antiguidade no sacerdócio. O que também, em parte, o mantinha naquele lugar afastado eram as ofensas de que julgava ter sido vítima por parte de instâncias superiores, que atribuía a rancôres pessoais do seu superior directo. Era êste o bispo a cuja nomeação aludira em sua palestra com o capelão, e que tão raramente se mostrava liberal nas questões da igreja e da política. Entre os defeitos do deão não se incluía o de julgar-se êle inferior a quem quer que fôsse. Como, repetidas vêzes, o deixaram de lado na distribuição de alguns dos cargos mais importantes do país, fôsse preterido, êle vira nisso uma injustiça propositada, deliberando não mais solicitar transferência ao bispo que actualmente lhe estava preposto. Sua vida particular modesta e as rendas de uma pequena fortuna lhe haviam permitido manter em pé essa resolução, sem maiores sacrifícios.

Um bálsamo para suas feridas foi quando, anos atrás, o nomearam deão — ou deão municipal, como teimosamente se fazia chamar por seus paroquianos. Nesse cargo suas reservas de capacidade encontravam campo de ação adequado, e seu amor próprio se desforrava de tôdas as ofensas recebidas. Desde então vivia e respirava só em velhos rescritos e parágrafos legais; emitia, com meticuloso cuidado, intermináveis exposições para a diocese e o conselho geral; enviava, sempre que podia, extensos questionários aos padres seus subordinados e era sobretudo o terror dos mestres do distrito decanal, perseguindo-os com um acabar de formulários para relatórios e esquemas de planos didáticos, que exigia fôsem executados com a mais rigorosa pontualidade.

Era sôbre tôdas essas medidas que êle falava ao capelão, à mesa do chá, dando a entender que, se, desde já procurara alguém para assisti-lo nos serviços religiosos da paróquia, era para poder dedicar-se mais intensivamente a essas tarefas administrativas.

O capelão Hansted continuava taciturno. Ouvia em silêncio o que dizia seu superior e, mergulhado nos próprios pensamentos, triturava o pão na toalha, sem provar qualquer coisa. Não causava, porém, a impressão de alguém que não es-

tá à vontade. Havia, pelo contrário, uma expressão peculiar de satisfação e reconhecimento em seus olhos claros e meigos como os de uma criança, que, às vezes, vagavam pelo aposento, observando de soslaio a filha da casa que preparava o chá no aquecedor automático.

A senhorita Ragnhild Toennesen tinha a mesma complexão robusta do pai e em tudo se parecia muito com ele. Tinha os mesmos grandes olhos expressivos, apenas um pouco mais claros, o mesmo nariz de formato sulino e a mesma boca voluptuosa. Mas sua figura era esbelta, quase magra, e não herdava também a tez sadia, corada, do deão; era pálida como uma moça de grande cidade e tinha dois pequenos sinaizinhos na face esquerda.

Ragnhild tinha vinte e um anos e era filha única. Causava, à primeira vista, a impressão de ser mais velha, em virtude de seus modos compassados, um pouco arrogantes, que adquirira durante o longo tempo em que tomava conta da casa do pai. Era ainda criança quando o deão Toennesen, então professor adjunto em um dos liceus do país, enviuvara e, acabrunhado com essa perda, resolvera interromper sua carreira pedagógica e mudar-se para um tranqüilo presbitério na zona rural, onde esperaria encontrar consólo e sossêgo para si e sua filha.

4

Iam justamente erguer-se da mesa quando a criada, velha e manca, enfiou a cabeça pela porta da cozinha e avisou que alguém, chegado num trenó, queria muito falar com o deão.

— A esta hora da noite! — exclamou êste frazindo o cenho.

— Que quererá êle, Lone?

— Como é que eu posso saber? — respondeu a criada, com azedume na voz. — Êle só disse que vinha buscar o deão para alguém que estava muito doente.

— Um doente! Com êste mau tempo! E de noite! Quem será, Lone?

— Eu sei lá... Não o conheço. Mas êle disse que é filho do Anders Joergen, de Skibberup.

— Ah, sim? Hum... Então é o velho Anders Joergen que se vai... Onde está o mensageiro?

— Eu o fiz entrar para o escritório.

O deão esvaziou sua xícara, enxugou o queixo com o guardanapo e ergueu-se.

Enquanto atravessava a sala tirou da algibeira um barrete preto, de sêda, com o qual costumava cobrir a cabeça antes de se apresentar aos paroquianos. Após se fazer anunciar tossindo fortemente, entrou no gabinete de estudos — o escritório, como dizia o povo da paróquia.

Ali, na penumbra, junto à porta, estava um pequeno vulto embrulhado num casaco grande demais, fora do qual só aparecia um tufo de cabelos louros, duas mãos azuladas pelo frio e um par de pés metidos em brancas meias de lã.

— Boa-noite! — disse o deão estendendo-lhe a mão. — Quer falar comigo?

A resposta foi primeiro um soluço e depois um "Sim" medrosamente sussurrado.

— Qual é seu nome, meu amigo? — continuou o deão, encorajando-o.

Durante alguns instantes só se ouviu o bater dos dentes do rapaz que, finalmente, conseguiu dizer, depressa e com voz rouca:

— Ole Kristian Julius Andersen.

— Você é filho do velho Anders Joergen, de Skibberup?

— Sim.

— Então foi você que no ano passado estêve comigo no catecismo, preparando-se para a primeira comunhão, não foi?

— Sim.

— E agora você quer que eu vá administrar os sacramentos ao seu velho pai... Creio mesmo ter ouvido que êle já há tempos andava adoentado...

A estas palavras o rapaz estremeceu e ficou batendo nervosamente com os socos no chão, enquanto girava entre as mãos o gorro de pele.

— É na verdade tarde da noite, e os caminhos estão ruins — continuou o deão, impassível —, mas, considerando a gravidade do caso, não me recusarei a ir... Que há? Tem alguma coisa mais a dizer? O caminho está transitável? A neve já foi removida do caminho da paróquia?

— Foi... Mas...

— Limparam também abaixo da lombada?

— Os trabalhadores estão lá, cavando a neve...

— Está bem. Então vá ver seus cavalos e esteja pronto. Eu já viroí.

Com estas palavras o deão acenou com a mão para o rapaz e voltou à sala de estar, sem dar atenção ao olhar de desconfiança indecisão com que o jovem o acompanhou.

Quando Toennesen entrou e viu o capelão, que justamente vinha da sala de jantar, acompanhado pela môça, seu rosto se iluminou súbitamente.

— Veio-me agora uma boa idéia — exclamou êle. — O senhor terá ouvido que me vieram chamar para administrar os sacramentos a um homem idoso, enfêrmo, na nossa segunda paróquia. Ora, não posso imaginar melhor ocasião para o senhor iniciar sua atividade aqui. Conheço bem o velho, homem honrado e trabalhador, para o qual algumas simples palavras de consôlo serão suficientes. Estou certo de que isso não oferecêrá a menor dificuldade.

A proposta do deão pôs o jovem sacerdote em visível embaraço. Suas faces mudaram de côr e êle começou a balbuciar desculpas, dizendo que o deão prometera assisti-lo nos primeiros tempos, até que tivesse adquirido alguma prática. Além disso, estava absolutamente desprevenido.

Mas o deão o interrompeu apressadamente:

— Ah, isto não faz mal algum. Pelo caminho poderá ir pensando nas poucas palavras que quererá dizer. É o que eu mesmo sempre faço e, como já disse, neste caso somente serão necessárias umas poucas palavras de consôlo. É só estar bem animado, meu caro, e tudo irá às mil maravilhas. É bastante ter o ritual claramente na cabeça e não se atrapalhar. Vá com Deus, caro amigo, e confie sempre em Sua infinda graça.

O capelão não fêz mais objeção. Retirou-se em silêncio e subiu ao seu aposento para vestir o hábito.

Um quarto de hora após a saída do capelão voltou a reinar no presbitério a habitual paz e tranqüilidade. Ragnhild andava pela casa, arrumando-a para a noite. Fechou o piano, sô-

bre o qual havia um busto de Beethoven ornado de louros, — guardou os cadernos de música, acariciou o papagaio que já dormitava e cobriu a gaiola com um pano preto. Depois, sentou-se com seu bordado no lugar costumeiro, sob o abajur verde do lampião.

O deão acendeu o cachimbo e começou a andar de um lado para outro, atravessando os dois aposentos. De vez em quando olhava de soslaio para a filha, enquanto soltava espêssas baforadas de fumaça.

A certa altura parou à sua frente e disse com vivacidade um pouco artificial:

— Então, Ragnhild! O que acha você de nosso nôvo hóspede?

O rosto da môça assumiu uma expressão ainda mais grave. A pergunta lhe era evidentemente desagradável.

— Bem... Parece ser um môço direito... — disse ela com indiferença.

— É, não é mesmo? Também acho que deve ser um rapaz sério e sincero. Há nêle algo de juvenil e espontâneo, o que nestes tempos é, realmente, coisa rara. Hoje em dia, os môços de vinte anos são como velhos, cansados da vida... Alegra-me, Ragnhild, que você também haja gostado de seus modos. Pois, de agora em diante, êle será nosso companheiro de todos os dias, fará parte da casa.

A môça franziu as sobrancelhas.

— O mais importante — disse ela sêcamente — é que êle tenha mesmo vocação para seu trabalho. E isso é o que vamos ver...

— Naturalmente, naturalmente — exclamou o deão continuando a passear. — Nisso concordo com você, naturalmente. Bem! — interrompeu-se e olhou as horas. — Vejo que é tarde. Está em tempo de voltar ao meu trabalho.

Beijou a filha na testa, dando-lhe as boas-noites, e foi para o quarto.

Mal o deão deixara o aposento e a porta da sala de jantar rangeu, aparecendo o rosto escuro de Lone, a velha criada aleijada. Vendo que a môça estava sòzinha, entrou e começou a mexer em tôrno da lareira, virando continuamente a cabeça para trás e olhando com insistência para Ragnhild, com

olhares sagazes e curiosos. Por fim, mancando, foi até à mesa, para junto da môça.

— Então, — cochichou ela, piscando maliciosamente os olhos, — a senhorita está pensando muito nêle?

— Em quem? — perguntou Ragnhild, erguendo a cabeça e fitando arrogantemente a velha empregada.

— Ora! nêle... no capelão, naturalmente!

Dos olhos pardo-azulados de Ragnhild partiu um raio, prenúncio de trovoada. Mas no mesmo momento deteve-se e, refletindo melhor, dominou sua raiva. Forçou um sorriso e respondeu, fingindo cordial alegria:

— Sim, obrigada, minha amiga. Êle me agrada muitíssimo. Já estou completamente apaixonada por êle. Amanhã ficaremos noivos, na quinta-feira pensamos celebrar o casamento. Se minha boa Lone quiser no próximo domingo dar-nos o prazer de vir ao batizado, ser madrinha do nosso primogênito, tanto meu marido como eu lhe ficaríamos muito gratos. Está satisfeita agora?

A velha criada, ofendida, saiu resmungando, com cara feia.

6

No entanto, o jovem capelão já ia longe pelo caminho de Skibberup. A sensação desagradável que o invadira no primeiro momento, após a inesperada proposta do deão, tinha, aos poucos, desaparecido; estava agora de bom humor. Recostou-se no largo assento do trenó e contemplou, deslumbrado, a vasta paisagem hiberna. O ar, em seguida ao pôr do sol, tornara-se absolutamente quieto. O céu azul-escuro estava todo semeado de estrêlas. Apenas ao longo do horizonte, no ocidente, havia ainda, lembrando a passada tempestade, um comprido banco de nuvens, sôbre o qual se curvava a foice dourada da lua.

A visão da paisagem noturna atuava sôbre o capelão como um sonho revelador. Filho da grande cidade, do in-

verno somente conhecia fumaça de carvão, névoas e lama. Fazia apenas um dia e meio que caminhava pela sujeira das ruas de Copenhague, — atordoado com o barulho das carruagens, o tilintar dos bondes e o pregão dos vendedores de ostras. E agora, embrulhado no grande capote de pele de urso, do deão, deslizava por um mundo fantástico, um reino de contos de fada, onde árvores e arbustos emergiam dos campos como corais brancos ou azulados, enquanto o trenó seguia em balanços silenciosos como se adejasse em longas asas macias.

Sentiu-se repentinamente muito emocionado. Viu em imaginação a figura de sua mãe, já falecida, e seus olhos se encheram de lágrimas. Ele sabia que fôra o maior desejo da mãe ver êste dia, e, neste momento, sentia mais fortemente do que nunca como fôra ela, depois de Deus, quem lhe dera ânimo de seguir a vocação de pregador da palavra divina... De nada valera seu querido pai sacudir a cabeça ante sua idéia louca. A sorte decidira. Seu irmão, o brejeiro tenente da guarda-nacional, podia agora andar pelas ruas sem temer encontrá-lo com um chapéu fora de moda, ou com um conhecido que não fazia parte da alta sociedade. E sua boa irmãzinha, a senhora Cônsul-Geral, não teria mais que chorar pela sua falta de elegância e seus modos relaxados. Ele partira, o seminarista se fôra, e tão cedo não voltaria.

Não, êle com certeza não voltaria. Olhou satisfeito ao redor, pelos extensos campos de neve brilhantes e azulados, e tinha a sensação de haver emergido de um profundo e escuro poço, para um país bem próximo ao céu. Pelos campos viam-se pequenas faixas avermelhadas, — as janelas iluminadas das cabanas que se refletiam na neve como estrélas caídas do firmamento. Pairava, sôbre a natureza, paz e tranqüilidade. Sob a vasta abóbada celeste não se ouvia outro som além do tilintar das campainhas enferrujadas dos cavalos, mas naquela quietude enorme o ruído se multiplicava mil vêzes, como se o ar estivesse cheio de sinos invisíveis.

Com as mãos postas, no colo, aprofundou-se em meditações. Aqui seria então seu lar, de agora em diante! Por êsses campos êle andaria, entraria nessas cabanas como o servo escolhido do Senhor... Tudo faria para tornar-se digno do grande cargo que lhe fôra confiado! Que Deus lhe concedesse a graça de poder espalhar bênçãos e trazer a paz divina ainda que fôsse a única choupana de pobre...

Tão mergulhado ia êle em seus pensamentos que nem percebia as tímidas tentativas que o rapaz fazia para lhe dirigir a palavra, virando-se repetidamente para êle, sempre porém ocultando-se de nôvo em seu grande capote, sem se atrever a falar. De repente, um alto brado de muitas vozes o arrancou de sua meditação. O trenó tinha ido parar em um corte de barranco, onde a neve se acumulara em tão grandes camadas, formando muros de mais de um metro de altura de ambos os lados, que só a custo, passo a passo, os cavalos conseguiram romper para a frente. O rapaz parou instantaneamente e, na claridade do último pedacinho da lua que ainda aparecia sôbre as nuvens, o capelão viu, a uns cinqüenta metros adiante, uma turma de cavadores de neve trabalhando febrilmente com as pás. Um pouco mais perto, a uns vinte passos, viu outro grupo de homens que se apoiavam em suas ferramentas; eram êstes que tinham parado o trenó, gritando:

"Têm que esperar um pouco... A neve avançou aqui... o caminho estará limpo num instante... Mas, quem são vocês?"

— Sou eu, o padre — respondeu o capelão, um pouco embaraçado, por ser esta a primeira vez que mencionava o próprio título em voz alta. — Vamos visitar um doente.

O som de sua voz fêz com que os homens erguessem os olhos. Depois uniram as cabeças, cochicharam e estenderam os pescoços.

Por fim um dêles saiu do grupo e se pôs à frente dos cavalos, começando a conversar baixinho com o cocheiro. Logo depois houve um movimento geral dos dois lados; hesitantes, os homens se aproximaram do trenó. Eram, na sua maioria, figuras pequenas mas musculosas, cujos olhos brilhavam como escamas de arenque nos rostos vermelhos. Alguns andavam pesadamente, com grandes botas marítimas, outros usavam socos e longas meias brancas de lã que passavam dos joelhos dentro das quais estavam enfiadas as calças. Traziam gorros de lã com faixas pendentes sôbre as orelhas. Só um entre êles usava capote.

O capelão Hansted sentiu-se constrangido, assim cercado por aquêles estranhos que o olhavam com curiosidade. Pensou em dirigir-lhes a palavra, pois eram sem dúvida paroquianos seus.

Destacou-se do grupo um homem alto, de grandes barbas — um verdadeiro gigante, comparado com os outros. Era evidentemente o que estava habituado a falar por todos êles. De

dentes brancos e fortes, ia puxando da mão direita uma grosseira luva, enquanto dizia com voz forte:

— Com licença... Nós somos moradores de Skibberup e soubemos que o senhor é nosso novo capelão... Permita-nos apresentar-lhe as boas vindas. Seja bem-vindo, Sr. pastor Hans-ted!

Os outros se aproximaram também e, antes que o capelão pudesse refazer-se de sua admiração, viu-se rodeado por uns dez grandes punhos vermelhos que lhe eram estendidos com simples e cordiais votos de boas-vindas.

Teria gostado de dizer alguma coisa, e percebeu que os homens o esperavam; mas ainda não conseguira vencer o constrangimento. Tudo se dera tão inesperadamente! Não lhe ocorria outra coisa senão repetir: — "Obrigado... obrigado..." — enquanto apertava cordialmente as mãos que lhe eram estendidas.

Ao mesmo tempo alguém lá do grupo de trabalhadores gritou que o caminho estava transitável. O cocheiro puxou as rédeas, e o trenó pôs-se em movimento.

No último instante antes de partir Hansted conseguiu afinal dizer:

— Passem bem, amigos... e muito obrigado pelos seus votos de boas-vindas! Considero-me feliz por haver encontrado tais homens para aplanarem o caminho para mim. Tenho esperanças que nos iremos entender bem daqui por diante...

— É o que nós também esperamos — responderam várias vozes ao mesmo tempo.

— E é do que precisamos muito! — gritou uma voz grave e ameaçadora, que foi seguida por um murmúrio de aprovação.

Essas palavras, e sobretudo o tom no qual tinham sido ditas, deixaram o capelão um tanto perplexo. O que significariam, afinal? — pensava êle, enquanto o trenó novamente voava por sobre a neve. Vieram-lhe à mente as palavras do deão sobre os agitadores da paróquia e sentiu certa melancolia. Então também aqui havia luta e discórdia!...

Pouco depois alcançaram Skibberup. À vista das primeiras casas teve um sobressalto. Pelo caminho tinha-se esquecido completamente do doente e nem pensara no que iria dizer-lhe. Mas logo acalmou-se outra vez. O encontro com os trabalhadores lhe deixara confiante quanto a isso. Não duvidava de que Deus lhe fizesse dizer, no momento decisivo, as palavras apropriadas.

Skibberup ficava em uma baixada rodeada por um círculo de altas colinas que somente ao leste se abria para o fiorde. O que logo lhe despertou a atenção foi a extraordinária quantidade de casas pequenas e quintais modestos que formavam a maior parte da cidade. Quase não havia herdade verdadeiramente grande. Em tórno de um extenso açude que, em meio à branca neve, refletindo as estrêlas em sua água negra, havia cêrca de cinqüenta choupanas, agrupadas pitorescamente ao pé das colinas — algumas mesmo meio enterradas nas encostas —, lembrando uma aldeia de pastôres a rodear um lago de montanha. Mas de modo geral a cidade estava meio oculta pelas enormes massas de neve que a tempestade trouxera do fiorde. De algumas cabanas apontavam apenas as cumeeiras ou as chaminés enfumaçadas. Em alguns lugares ainda brilhavam a luz através das janelas. Na soleira de uma porta um velho de muletas acenou vivamente com o gorro, quando o capelão passou.

O trenó parou em frente a um quintal que ficava um pouco isolado no ângulo sul da cidade. O portão pintado de piche encontrava-se aberto, e, sob o teto da entrada, um lampião ardia com chama mortiça, girando lentamente na ponta de um fio. Era preciso descer ali mesmo, pois o quintal estava tão cheio de neve que o trenó não podia entrar. Por uma estreita trilha cavada através dos montes de neve o capelão foi até à casa de moradia, onde reinava um silêncio de morte. Ouvia-se apenas, vindo dos lados da cocheira, um leve ruído como de uma peala de ferro, e em algum canto, atrás do muro, um gato miava. Entrando na sala da frente, o capelão ouviu o ranger de uma porta e uma voz de mulher que dizia nervosamente:

— Parece-me ouvir os cincerros. Com certeza é o deão que está chegando!

Hansted bateu à porta e um momento mais tarde achava-se em um aposento baixo e fundo, mobiliado à moda antiga, com janelas pequenas, teto de pranchas e chão de argila escura. Uma fina vela de sebo com pavio torto queimava na extremidade da pesada mesa de carvalho. Desta ergueu-se, à sua entrada, um homem de meia-idade, pequeno, com cabelos eriçados

meio grisalhos e um par de óculos de latão azinhavrado sôbre o largo nariz obtuso. O homem estivera lendo o jornal que, agora, visivelmente atrapalhado, se apressava em esconder por baixo da mesa. Ao mesmo tempo pensou nos óculos, arrancando-os com fisionomia embaraçada, como alguém apanhado em situação ridícula. Mas quando depois quis aproximar-se de quem supunha ser o deão, recuou de repente, assustado, encarando boquiaberto, com expressão um tanto estúpida, o estranho que ficara junto à porta e que, amavelmente, dava as boas-noites.

— Não tenha mêdo — disse o capelão, aproximando-se. — Sou o novo capelão, substituto do deão. Foi êle quem me mandou.

Nisto, a porta do quarto abriu-se, entrando uma mulher corpulenta, de meia-idade, cabelos cinzentos, olhos claros e salientes. Também ela logo ficou estatelada em muda surpresa, medindo com olhar não muito amistoso, durante algum tempo, o padre estranho. Mas, súbitamente, um claro sorriso iluminou-lhe a face. Sem acanhamento adiantou-se, estendendo ao capelão sua mão roliça, e disse com voz singular, macia e cordial:

— É o senhor o novo capelão? Desejo-lhe de todo o coração as boas-vindas! Não esperei que tal acontecesse! Então sempre veio até cá... Ah!, isso é mesmo um prazer... O senhor é mesmo nosso nôvo padre! Então é como estou vendo! Ah, que grande prazer!...

Ela se plantara a alguns passos dêle, com as mãos pousadas sôbre o ventre avantajado, continuando a repetir suas exclamações de satisfação, enquanto o contemplava, radiante, mirando-o da cabeça aos pés.

O capelão, que já se sentia confuso ante êsse exame minucioso, começou a perguntar pelo estado do doente.

Mas a mulher não conseguia refazer-se de sua alegre surpresa nem sair de sua contemplação. Sômente quando o homem, por trás, a puxara algumas vêzes pela saia, respondeu à pergunta do capelão.

— Ah, sim... obrigada — disse ela, em tom muito diferente, olhando para a porta do quarto, que deixara encostada. — Agora, graças a Deus, está um pouco melhor... Mas, pelo meio-dia, a coisa estêve bem ruim, e quando o tempo melhorou, pensamos que o mais acertado seria mandar um recado ao deão. Talvez, porém, não o devêssemos ter feito, pois parece que não

há mais perigo. E não terá sido lá muito divertido para o senhor padre sair assim, de noite, com êsses caminhos...

— Oh, não, não seja essa a dúvida — atalhou o capelão. — Por mim não precisa preocupar-se. Chamem-me quando entenderem, que estarei sempre às ordens. E, se já está tudo preparado junto ao doente, não acharia melhor...

A mulher abriu cuidadosamente a porta do quarto ao lado e, em silêncio, os três entraram num aposento comprido fracamente iluminado, que ficava um degrau mais baixo do que a sala. À cabeceira de uma cama larga que tomava toda a estreita parede, havia uma pequena mesa com uma lamparina, um vidro de remédio e um livro de salmos. Na cama, uma moinha de cabelos castanhos, pálpebras pesadamente fechadas e faces coradas pela febre.

O jovem sacerdote voltou-se, vexado:

— Mas... o que é isso?

— É nossa filha — respondeu a mulher, olhando-o, admirada.

— Mas como? O deão me disse que... (O capelão começou a gaguejar. Por timidez ficou de costas para a cama, pois a moça, conforme o hábito camponês, estava só com a roupa de baixo e, no ardor da febre, atirara ambos os braços nus sobre o cobertor) ... que o doente era um homem de idade! O deão disse que era... não se chamava Anders Joergen?

— Eu? — exclamou o homem, ao ouvir pronunciar seu nome — olhando-o, perturbado, com os pequenos olhos meio cegos. — Muito obrigado, é muita bondade sua, estou passando bem."

— Pois não... Mas então tudo deve ser um mal-entendido...

— Sim, é nossa filha Hansine — continuou calmamente a mulher, explicando como três dias antes a doença havia começado, com dores nas costas e nas cadeiras. A princípio não pensaram que fôsse qualquer coisa de grave. Mas as dores tinham subido até a nuca e, na noite passada, a menina de repente se sentira tão mal que fôra preciso chamar o doutor. O doutor meneara a cabeça, e ainda hoje ao meio-dia tinha dito que isso podia acabar sendo mesmo alguma coisa... Mas ainda assim acreditavam que o pior já havia passado.

Enquanto a mulher falava, o capelão teve tempo para recuperar a calma. Sentia mesmo certa vergonha por seu constrangimento inicial, e esforçando-se para reunir os pensamentos

em torno da cerimônia que o esperava, aproximou-se novamente da cama.

Neste momento, a doente acordou e abriu os olhos azuis que, no delírio da febre, se fixaram no estranho, rígidos e incompreensíveis. A mãe curvou-se sobre ela, dizendo-lhe quem era ele. A mocinha suspirou, parecendo aliviada, e fechou novamente os olhos, como se quisesse dar a entender que tinha esperado por isso e estava preparada.

A mãe arranjou cuidadosamente o cobertor em torno dela, tirou o livro de salmos da mesa e sentou-se em uma cadeira junto à cabeceira da cama, para ajudar a filha quando tivesse que beber do cálice sagrado. O velho pai pusera-se devotamente atrás da outra extremidade da cama e, no último momento, também o rapazinho de cabelos louros se enfiou pela porta adentro, ficando parado junto ao batente, com os lábios trêmulos pela emoção contida, enquanto olhava com curiosidade para o pão sagrado e o pequeno cálice de prata, que o capelão no meio tempo tirara do invólucro e pusera na mesa embaixo da lâmpada.

Tudo estava quieto. Apenas se ouvia a respiração ofegante da doente e, vindo de um canto, o som cadenciado de um relógio de parede que batia pesadamente.

O jovem padre chegou-se até a cama e postou as mãos para orar.

Mas, quer fôsse por causa da visão da jovem, quer pelo estado de emoção no qual o punha o serviço sagrado, quer ainda pela brusca passagem do fresco ar gelado lá de fora para o ar viciado do quarto abafado, o caso é que ele não conseguia formar uma sentença completa e razoável. Uma esquisita sensação de vertigem se apoderou dele, dominando-o cada vez mais; a língua não se queria mover; sentia suor frio a escorrer-lhe pela testa. Foi tomado de verdadeiro pânico...

Aí lembrou-se de um versinho, uma oração para a noite, que em criança sua mãe lhe ensinara. Fazia muitos anos que tinha esquecido do versinho. Agora lhe viera à memória, como um anjo de salvação, caído do céu. Tinha uma vaga sensação de que alguém se punha ao seu lado e o tomava pela mão. Como se ouvisse a voz de um estranho, ouviu a si mesmo dizer cálidas, sentidas palavras sobre a graça do Senhor, a infinda bondade de Deus, sobre a morte de Jesus para a redenção dos pecados humanos. Mesmo as frases conhecidas do ritual

tornaram-se novas e vivas em sua boca e quando, por último, pousou a mão na fronte da doente para dar-lhe a absolvição, sentiu com toda sua alma palpitante que, naquele momento, o espírito poderoso de Deus se manifestava através dêle.

8

Na mesma noite, no salão azul da casa do presidente do conselho, Jensen, quatro homens jogavam cartas. Além do anfitrião, ali estavam o veterinário do lugar, Aggerboelle, o velho mestre-escola, Mortensen, e o comerciante Villing, todos êles de Vejlbj.

Desde as dez horas da manhã ali estavam em tórno da mesma mesa. O jogo só fôra interrompido para as refeições. Agora eram três horas. Duas vêzes as velas nos castiçais tinham queimado até o fim, e quatro vêzes durante a noite fôra trazido nôvo grogue quente da cozinha. O forte conhaque, a densa fumaça da lareira em brasa e dos cachimbos — que os tornava quase invisíveis uns para os outros — tinham quebrado o ardor dos jogadores, mas ninguém pensava ainda em acabar.

Não se ouvia uma só palavra supérflua. Quase mecânicamente punham as cartas na mesa e recolhiam os pontos. Mesmo os olhinhos astutos do negociante Villing, que sempre estavam em movimento, correndo de um lado para outro para espiar as cartas dos adversários, saíam-lhe da cara gorda, rígidos injetados de sangue, como os olhos de uma sôlha morta, e se ainda continuavam a jogar, era por lhes faltar até a necessária energia para porem fim ao jogo.

O único que se mantinha firme era o já idoso professor Mortensen. Mas era homem "nascido sôbre a mesa de voltarete", como diziam. Após abrir as abas do paletó para tomar seu lugar, o honrado ancião não mudava a atitude rígida e o porte correto da cabeça prateada enquanto não lhe dissessem, sem rodeios, que o jogo tinha de parar, ocultando sob uma máscara severa e imóvel a febre que sempre o dominava à visita de cartas e dinheiro. De vez em quando passava um lenço de

sêda vermelha pela testa alta onde, em momentos críticos, o suor escorria. Quando, após ponderar conscienciosamente, arriscava uma "aposta" — o que raras vêzes acontecia —, fechava os olhos, como se acrescentasse em silêncio: "Vá lá, em nome de Deus!".

À sua direita estava sentado o dono da casa — o presidente do conselho municipal, Jensen —, que lutava desesperadamente contra o sono: um tipo de camponês robusto e gordo, com rosto afogueado, no qual um nariz vermelho-azulado pendia sobre a boca como um bico de peru. Era o "homem rico" da região, e tanto suas atitudes como seus trajes mostravam que se considerava alguma coisa mais do que um camponês comum. Seus companheiros de jogo o intitulavam também habitualmente "Fazendeiro Jensen" ou "Herr Jensen". Em sua satisfação por ser assim agraciado, e por ter aprendido o jogo da alta sociedade, o voltarete, deixava-se de boa vontade surripiar e sentia-se até lisonjeado pela avidez com que os amigos lhe tiravam os cobs, aos quais arremessava as coroas com fisionomia alegre, como se estivesse alimentando um bando de porcos.

Defronte ao professor estava o veterinário Aggerboelle, homem atlético, de ombros largos, com bastos cabelos e grandes barbas avermelhadas, pontilhadas aqui e ali de pequenos tufo grisalhos. Com uma mão na cabeça, estava êle entregue a sombrias reflexões. De vez em quando coçava a juba revôlta com um gesto de desespêro e batia na testa, murmurando amargas imprecacões. Os grogues lhe haviam subido à cabeça e êle estava sem sorte. Dos xelins de prata do presidente apenas pouquíssimos tinham ido parar no bôlso de seu colête. E para o veterinário o jogo de cartas não era, como para os outros, um agradável passatempo; era meio de vida, fazia parte da luta encarniçada pela existência.

Tôdas as manhãs êste homem atribulado saía de casa em uma pequena *charrette* suja de lama, jurando solenemente a si mesmo e à sua mulher que ia visitar seus clientes. Mas raramente êle chegava além da primeira casa, onde havia probabilidade de entrar em um joguinho de cartas e ganhar uns cobs. Tôda a sua vida era uma ininterrupta caça a uma ou duas cédulas de dez coroas das quais necessitava nas próximas vinte o quatro horas para pagar ao açougueiro, ao padeiro ou ao sapateiro. E como suas visitas aos doentes não eram pagas na

hora, êle nunca resistia à tentação de experimentar a sorte que talvez, de um golpe, o tirasse de seus apertos.

Subitamente as botinas do professor Mortensen começaram a ranger em baixo da mesa. Sob as pestanas côr de prata seu olhar sisudo procurou, inquieto, o pires em que estavam "casadas" as moedas de 25 oere.

Repetidas vêzes passou o lenço pelo rosto pálido; finalmente fechou os olhos e disse em voz baixa:

— Solo para a mesa!

Houve um sobressalto naqueles corpos vencidos pelo sono. O veterinário ergueu a cabeça pesada e encarou-o com profunda amargura.

— Qual é o naipe? — resmungou.

— Paus — pontificou o professor. Êle tinha pôsto suas cartas na mesa e as cobria com as mãos, com a mesma fisionomia que ostentava, aos domingos, no côro da igreja.

Compraram em silêncio. O veterinário perfilou-se, pronto para a luta, esvaziou o copo e passou a mão peluda pela barba. Seus olhos estavam vermelhos como os de um touro. Dispusera-se a arrostar mais uma vez a sorte adversa. Se êste solo fôsse ganho, o jogo terminaria automaticamente, e tôdas as esperanças dessa noite estariam perdidas.

Mortensen tinha três trunfos principais, além do rei, da dama e do três de copas, e duas pequenas espadas. Ainda por cima, a mão era sua. Como um general prudente, reteve seu rei de copas; após ter puxado a partida com um matador, mandou primeiro a dama ao campo de luta.

O veterinário só tinha baldas, mas não se deixava lograr facilmente.

— Com certeza um truque em falso! — resmungou êle, acompanhando com um trunfo.

Na testa do professor Mortensen já começavam a correr as primeiras gôtas de suor.

O veterinário jogou uma espada de pouco valor; o negociante provocou com o rei; Mortensen tinha que declarar.

Mas agora vieram outra vez copas de Villing; Mortensen declarou com seu rei; o veterinário puxou com trunfo e jogou a dama de espadas.

Mortensen, verificando estar Aggerboelle ainda com o rei, terceiro no trunfo, compreendeu que estava perdido. Suas botinas pararam de ranger, e o rosto se tornou branco como uma máscara de gesso.

Deixou então, sorrateiramente, cair no colo a pequena carta de espadas com a qual era obrigado a declarar; fê-la deslizar entre os joelhos, até o chão, onde a cobriu com o pé. Ao mesmo tempo retrucou à dama com um pequeno trunfo. Em seguida jogou seus dois matadores e seu três de copas, rapidamente, para, sem ser visto, substituir a carta que faltava, de seus pontos ganhos. Na confusão geral, ninguém notou que um seis de trunfo de sua primeira vaza aparecia de novo na última.

O professor Mortensen ganhou, para surpresa geral, seu solo, o que finalmente pôs termo ao jogo.

Sobre a cômoda o relógio dourado bateu quatro pequenas e amáveis badaladas. Com um sorriso beato Mortensen juntou suas moedas, meticulosamente empilhadas, pondo-as em uma antiga bolsa de pele que, em seguida, introduziu no fundo de sua interminável algibeira, a qual abotoou cuidadosamente.

Na porta para o quarto contíguo apareceu a mulherzinha definhada do anfitrião, que estivera dormitando junto à lareira, envolto em um grande xale de lã. Com voz quase imperceptível, que pretendia ser elegante, e um movimento desajeitado da mão seca, ela convidou os cavalheiros para uma "pequena merenda". Também o presidente do conselho se ergueu e repetiu, com seus modos espalhafatosos, o convite:

— Sim, por favor, meus senhores! Vamos comer alguma coisinha! Forrar o estômago com alguma coisa, depois dêsse esforço todo, só pode fazer bem!

A "pequena merenda", que os esperava no aposento contíguo, era uma ceia completa, com geléia de porco, fritada de presunto, salame, ovos estrelados, pasta de fígado, várias espécies de carne defumada e, como entrada, um bife quente com cebolas, tudo regado com aguardente e cerveja bávara em abundância. Embora os hóspedes tivessem, no decorrer do dia e da noite, feito quatro sólidas refeições, sentaram-se com prazer em torno da mesa posta e reduziram substancialmente o conteúdo tanto das garrafas como das baixelas. Em seguida, foi oferecido café e conhaque.

Em plena ceia o veterinário Aggerboelle soltou de repente uma tremenda imprecação e bateu na mesa com o cálice de aguardente que acabava de esvaziar, com tanta força que o pé se partiu. É que se lembrara súbitamente de uma vaca doente que tinha prometido ir ver em uma aldeia vizinha. Estivera a caminho para lá, pela manhã, quando por infelicidade viera parar casualmente na casa de Jensen. Êste logo propusera mandar um recado ao professor e ao negociante, para virem jogar uma partida. Como êle no momento necessitasse urgentemente de algumas coroas para pagar uma conta do padeiro, deixara-se facilmente convencer, na esperança de ganhar em algumas horas o dinheiro de que precisava. Durante o jogo esquecera a vaca doente e todo o resto do mundo.

Caiu então num estado de completa apatia. Sem o saber, começou a esvaziar um copo atrás do outro, caindo por fim, com a boca aberta, contra o espaldar da cadeira, e só acordou quando o negociante Villing lhe pousou a mão no ombro, dizendo:

— Vamos, Aggerboelle... São cinco horas!

9

Quando o professor Mortensen se achava deitado em sua cama, com acolchoado de penas, pôs as mãos sôbre o cobertor e rezou o padre-nosso. À seu lado, o corpo grande e pesado da mulher mexia-se no sono, fazendo a cama gemer.

Finalmente, sem acordar de todo, ela perguntou com voz arrastada:

— Ganhou alguma coisa, Mortensen?

Mortensen, impassível, rezou o padre-nosso até o fim, respondendo depois:

— Doze coroas, meu bem! Dito isso adormeceu pacificamente.

Nosso meio tempo também o negociante Villing chegara a sua casa que ficava no meio da vila, perto da reprêsa pública.

Pelo caminho, andara dormindo em pé. Mas assim que atravessou o armazém, o aroma costumeiro de sabão, passas, café e tabaco de mascar logo o pôs perfeitamente acordado. Parou um instante na escuridão, apurando o ouvido para escutar o calmo roncar do caixeirinho que dormia em um pequeno compartimento de tábuas atrás do depósito. Acendeu um tóco de vela que estava no balcão, contou o dinheiro trocado que havia na gaveta, examinou os rótulos colados nas gavetas de passas e ameixas secas, olhou para cima, pela abertura do sótão, e iluminou com a vela o interior da adega. Só quando, dessa maneira, se tinha certificado de que nada havia de anormal, entrou no quarto de dormir.

Sua jovem esposa ergueu-se na cama, esfregou os olhos e logo começou com um verdadeiro relatório de tudo o que se passara no armazém durante o dia: o moleiro ali estivera com aveia, Hans Jensen tinha vindo comprar um corote de aguardente, ela havia debitado o velho Soeren Skraeder em uma libra de açúcar-cande, e assim por diante. Era uma criatura pequena e rechonchuda, de rosto infantil, redondo e de faces coradas, emoldurado por uma grande coifa.

Villing despia-se rapidamente, expressando, de vez em quando, audivelmente, sua aprovação.

— Bem. Muito bem, Sine... Está certo, é isso mesmo, minha amiga... intercalava êle continuamente, enquanto pulava pelo assoalho, de ceroulas e meias curtas, como se estivesse caçando a própria sombra, que ora se encolhia como um sapo, em um cantinho, ora se espichava como um fantasma pelas paredes baixas do pequeno quarto.

Finalmente se enfiou na cama. Mas ainda muito depois de ter sido apagada a luz, marido e mulher continuaram a conversar, embaixo do cobertor, sobre preços de café, farinha de trigo e vendas a crédito. Eram duas criaturas ajuizadas que em momento algum podiam eliminar do pensamento sua loja e seus negócios. Êles como que se envolviam mutuamente com cálculos esperançosos de entradas e lucros; seu beijo era o fecho final de transações bem sucedidas e, quando finalmente adormeciam e suas cabeças redondas ali estavam ao lado uma da outra no travesseiro, com bôcas entreabertas como dois mealheiros, seus sonhos lhes traziam belas visões de longas colunas de algarimos, grandes depósitos de mercadorias e gordos livros-caixa, com saldos vantajosos.

O veterinário Aggerbolle era, dos três noctívagos, o que tinha o mais longo caminho para casa.

Morava em uma casa desleixada, a meia légua da cidade, no caminho da costa. Em tempos idos, quinze anos atrás, quando, casado de nôvo, se mudara para a região, êle escolhera de propósito aquêlê lugar afastado para, em romântica solidão, entregar-se à sua ventura amorosa. Das janelas de sua casa tinha-se ampla visão do fiorde e da praia. Nas quietas noites de primavera de então, ou ao luar de outonos passados, êle e sua jovem espôsa tinham perambulado por ali — entre as colinas mudas —, de braço dado, com as faces bem juntinhas, entregando-se à poesia e à quietude do lugar, ao seu amor e às suas esperanças, claras e risonhas como os dias de verão.

Hoje, muitas vêzes êle maldizia o longo caminho quando, nas noites escuras, atordoado pelo álcool e pelo jôgo, cambaleava para casa, a pé, pelo meio da lama e da neve. Sua *charrette* costumava ficar durante a noite lá onde por acaso fôr parar de dia, pois era a regra estar êle, pela hora de voltar para casa, em tal estado que seria arriscado deixá-lo guiar um cavalo. Desta vez também o presidente do conselho não quisera entregar-lhe sua viatura, apesar de, por causa da neve, a noite estar bem clara e o caminho limpo quase até sua casa. Mas Aggerboelle naturalmente não seguia direito pelo caminho. Em grandes círculos êle se desviava dos campos, e com a neve passando-lhe por cima das botas que iam até os joelhos, parava a cada instante com um lamento alto, dando sôcos na testa com o punho fechado, murmurando pragas e maldições contra si mesmo e contra todo o mundo. Parecia-lhe que o destino nunca fôra tão adverso como naquele dia. Achava que nunca tinha amado sua espôsa e seus filhos tão profundamente como naquela hora, que todos os portos lhe estavam fechados. Amanhã o padeiro viria, pela terceira vez, com sua conta. Já da última, êle tinha sido ameaçado com a Justiça. Onde acharia agora uma saída? Êle, que mal possuía uma corda para se enforcar! Ah, Sofia, Sofia — gemeu êle. Parou novamente em uma grande дума de neve, desabotoou o paletó e com os dedos grossos tirou do bolso do colête o pouco dinheiro miúdo, produto do jôgo da noite, e pôs as moedinhas na palma da mão. Cambaleando, contou o dinheiro meticulosamente. Em seguida soltou novamente algumas terríveis maldições, levantou os braços para o céu e continuou seu caminho.

Quando afinal chegou a casa e achou o portão na velha grade de ripas do jardim, o medo e a vergonha venceram por um instante a embriaguez e o tornaram sóbrio e sério. Na sala, tirou cuidadosamente as botas, entrando de meias no quarto. No aposento pequeno e baixo, cheio de camas de criança, uma lâmparina queimava, com chama baixa, numa cadeira junto à cabeceira da esposa.

Escapou-lhe um suspiro de alívio. Ela estava com os olhos fechados, a mão magra ligeiramente curvada sob a face pálida, e parecia dormir placidamente. Mal, porém, começou a se despir, ouviu-a mexer a cabeça no travesseiro, e, voltando-se, encontrou seus olhos grandes e escuros cujo brilho, mais claramente do que palavras, lhe revelava que também ela não havia dormido.

— Boa... Boa-noite, Sofiazinha! balbuciou êle, carinhosamente, apoiando-se na guarda da cama.

— Bom-dia! retrucou ela, calmamente.

— É... Isso é... — disse êle tentando esboçar um sorriso jovial. — É, ficou um pouco tarde... ou cedo, eh, eh... É êsse Mortensen! Você bem sabe... êle é um cachorro numa mesa de jogo... um verdadeiro cachorro!

Ela não respondeu e fechou os olhos pesadamente; mas depois, abrindo-os outra vez, disse:

— Estêve aqui, a cavalo, um mensageiro do Anders Jensen do sítio. Você tinha prometido ir lá, ver uma vaca doente.

— Eu? — exclamou êle, tornando-se muito vermelho, e tentando fitá-la bem nos olhos. — Não sei nada disso... deve ser engano!

Ela continuou, impassível:

— O mensageiro só veio para dizer que agora estava tudo resolvido, pois a vaca tinha morrido. Mas êle disse ainda que futuramente você não precisará mais dar-se ao incômodo de aparecer por lá.

O veterinário Aggerboelle emudeceu. Com lábios trêmulos e as veias da fronte salientes e azuis, ficou estatelado, encostado à guarda da cama, olhando, humilhado, para o chão. Mas subitamente endireitou o corpo, estremeceu e enterrou a mão em seu cabelo revôlto; depois, com passos firmes, aproximou-se da esposa, estendendo-lhe a mão direita.

— Dou-lhe minha palavra, Sofia, que esta noite foi a última vez que toquei num baralho. Desta vez pode confiar em mim. Juro que a partir de hoje me tornarei outro homem. Ouça, Sofia... Pode confiar em mim. Tem que confiar em mim desta vez... — continuou a repetir, enquanto o pranto começava a sufocá-lo. — Eu juro... tudo ficará bom... e eu saberei recompensá-la, Sofia... por todos os dias amargos... por tudo o que você sofreu por minha causa... pelas crianças... por... Oh, Deus, Deus...

A embriaguez o dominou de novo. Caiu de joelhos ao lado da cama e enterrou as mãos e a cabeça no cobertor, como uma criança, enquanto tremendos soluços sacudiam seu corpo pesado.

Ela permaneceu um momento bem quieta, com os olhos quase fechados. Depois ergueu do cobertor a mão cansada e a deixou deslizar pelos cabelos dele. Ela não podia deixar de fazê-lo, apesar de ter ouvido mais de cem vezes êsse mesmo pranto comovedor e as mesmas promessas, para sempre ser desapontada de novo. Por último, também seus olhos se encheram de lágrimas e, pondo-lhe ambas as mãos em torno da sua grande cabeça, alogou-a contra o peito franzino, murmurando baixinho:

— Meu pobre, pobre Bernard!

1

A igreja de Skibberup ficava quase a meia milha da cidade, isolada no tôpo de uma colina descampada que se prolongava um pouco pelo fiorde afora. Apenas um istmo baixo e estreito ligava o promontório da igreja com a terra, e, entre o cascalho e as pedras que o cobriam, vegetavam só uns capins amarelados, urzes e sarças rasteiras. A igreja era uma construção antiga, de grande seixos rolados. Achava-se meio em ruínas, com uma torre de tijolos construída mais tarde. Todo o lugar, êrmo e desolado, causava impressão de tristeza. Em tôrno, entre túmulos batidos pelos vendavais, estavam espalhados cacos de telhas caídas, calça e fragmentos de vidraças. Ao entrar-se na igreja, onde reinava sempre semi-escuridão, sentia-se uma gélida umidade vinda de suas paredes completamente nuas, que mesmo no verão estavam verdes de limo, e que durante o inverno conservavam frio tão intenso que a água às vêzes gelava na pia batismal, e o padre tinha que ficar no púlpito de sapatos de junco e grossas luvas de pele.

Durante a semana a igreja jazia ao abandono, nada lhe interrompendo a paz. Era visitada apenas pelo sineiro, homem comprido, todo pele e ossos: "A Morte", como o chamavam. Tôdas as manhãs e tôdas as noites êle caminhava da cidade até lá, pensativo, os longos braços ossudos cruzados nas costas, para repicar o sino enferrujado da torre. Algumas notas profundas adejavam então no êrmo, assustando as rapôsas que tinham suas tocas entre as sarças, sôbre as ovelhas do sacristão que pastavam, melancólicas, fora dos muros do cemitério e, lá uma vez ou outra, também sôbre algum pescador solitário que tinha deixado seu barquinho sob as íngremes rampas e deitava sondas.

Aos domingos, porém, e sobretudo nos dias santos importantes, havia vida e festas. Os caminhos até lá formigavam de gente em trajes festivos, a pé e em carros limpos e polidos. Ro-

deando o promontório, vinham as famílias dos pescadores em seus barcos, que ancoravam junto às grandes rochas da praia, de onde os homens carregavam suas mulheres nos braços para a terra firme. As mulheres usavam coifas pretas, de missa, e traziam nos braços coroas de musgo e cruces de flôres, que depositavam nos túmulos açoitados pelas tempestades, antes de irem, em fila, para a igreja. De um ângulo do muro do cemitério "A Morte" observava, como de um mirante. Imóvel, olhava para o caminho de Vejlbj, de onde deveria vir o carro do padre; e tão logo a cobertura abaulada da sege aparecia entre os outeiros, êle corria a largos passos, apressadamente, por entre os túmulos, para a sua torre. E enquanto também os homens, que se tinham reunido aos grupos lá fora, entravam vagarosamente na igreja e tomavam seus lugares, tossindo e fungando devotamente sob as abóbadas ressoantes, o sino lá em cima começava a repicar de modo retumbante, fazendo tremer os espessos muros da igreja.

Tudo isso, porém, era hoje em dia uma lenda já meio esquecida. Desde que o deão Toennesen viera à paróquia, a igreja, muitas vêzes, ficara deserta; também nos dias santos o sino enferrujado havia badalado sôbre caminhos desertos. Lá dentro, nas fileiras de bancos, tossiam apenas alguns pobres devotores de dízimas, que não se atreviam a expor-se às iras do deão. E no entanto tinha sido justamente por iniciativa de Toennesen que se instalara anos atrás uma lareira dentro da igreja e se forrara o chão com grossas esteiras, entre os bancos.

Mas era dentro de Skibberup que as cabeças mais revolucionárias da freguesia se haviam, de preferência, reunido, bem como era ali que o famigerado tecelão Hansen tinha seu quartel-general. Não era, pois, de admirar que essas fileiras vazias, cada domingo, pusessem o deão Toennesen em santa ira. Durante a prédica, êle podia falar até atingir as raías de uma paixão ardente. Certa vez agarrou o púlpito com tal força que até São Pedro, esculpido em madeira ao lado dos outros apóstolos, perdera "de santo" o nariz e a boca.

No entanto, após haver chegado à paróquia o capelão Hansled, as coisas tinham novamente mudado e, num domingo, pelos fins de março, no primeiro dia de primavera do ano, os salmos, novamente cantados por muitas vozes, soaram por sôbre o florde, misturando-se com o grito das gaivotas que adejavam pela costa.

Lá fora no caminho, defronte ao muro do cemitério, havia uma longa fila de carros, à espera do fim da missa. Alguns dos cocheiros estavam sentados nos bancos das seges e cochilavam, com a cabeça nas mãos. Outros estavam deitados na beira do caminho, matando o tempo a fumar tabaco e a conversar. No começo da fila de viaturas, bem em frente ao portão do cemitério estava a sege do deão, com boléia alta e oscilante, na qual se entronizava um velho cocheiro com cara de mulher velha, vestindo longa capa azul.

Entre os jovens camponeses que esperavam, era costume antigo divertirem-se à custa do cocheiro do deão, com o qual faziam toda espécie de troças. Apelidaram-no de Maren, nome de sua mulher falecida, à qual, em compensação, tinham dado seu próprio nome de batismo, Rasmus, o que não era de todo sem razão. Também hoje formara-se em torno dele uma roda de quatro ou cinco alegres rapazes, que se riam a valer, com as mãos nos bolsos.

— Escuta, Maren — dizia um deles — em que é que vai dar afinal o negócio com a senhorita e o tal capelão? Eu acho que já olharam bastante um para o outro e podem passar a coisa mais séria...

— Quer que eu lhe diga uma coisa? — atalhou outro que se achava encostado negligentemente no portal da igreja: — Entre gente graúda as coisas não vão assim tão depressa. Essas moças grã-finas são como as galinhas: sempre ficam requebrando o traseiro antes de se entregarem. É ou não é assim, hein, Maren?

A vítima de todas essas insinuações permanecia imóvel em sua boléia e olhava, teso, para as orelhas dos cavalos, sem responder. Achava indigno de sua posição espiritual conversar com tais blasfemadores, que faziam troça com o cocheiro do deão e profanavam o nome da senhorita Ragnhild. No mesmo instante terminou o salmo na igreja, e o povo começou a sair em massa.

Entre os homens que aos poucos se tinham aglomerado em frente à entrada, para esperar pelos avisos da igreja, havia um que atraía especial atenção. Era um homem de meia-idade, vestido como um camponês, alto, magro, um pouco curvado, com longos braços pendentes para a frente, cabeça anormalmente pequena, um pouco achatada, e uma curiosa cara de gato, inteligente e vigilante, com orlas vermelhas nos olhos e barba rala e avermelhada. Quase todos os homens se aproximaram

dêlo e lhe deram a mão, fitando-o ao mesmo tempo com olhares apreensivos e interrogadores, a que êle invàriavelmente respondia com puxar a bôca em uns sorriso enviesado.

Repentinamente a massa humana em frente à porta da igreja se dividiu e no portal apareceu a figura do capelão Hansted, em seus paramentos sacerdotais.

Apesar de já ter pregado diversas vêzes, tanto ali como em Vejlbj, estava pálido e nervoso, cumprimentando com visível constrangimento as pessoas então reunidas que, por sua vez, lontanamente e de má vontade se descobriram quando êle passava. O homem da cara de gato, no entanto, nem mesmo tocou no chapéu; ficou parado no mesmo lugar, de bôca retorcida, seguindo com seus olhos zombeteiros, semicerrados, a figura juvenil do padre que se dirigia diretamente ao seu carro, onde "A Morte" estava com o chapéu na mão, curvando-se no pó, como um verme.

Tão logo o velho cocheiro tocou os cavalos, o capelão deixou-se cair para trás, no ângulo da sege, passando a mão pela cabeça, com uma expressão de sofrimento. Jogou no banco traseiro o seu chapéu de feltro, mole, de abas largas, como se êste lhe queimasse a testa. E enquanto a sege rodava aos solavancos, rangendo e gemendo, pela estrada cheia de altos e baixos, êle ficou sentado no canto, com os olhos cerrados e a bôca firmemente fechada. Dir-se-ia que estava fazendo enormes esforços para não chorar.

2

Emanuel foi recebido no presbitério pelo deão Toennesen que voltava justamente do serviço sagrado de Vejlbj. Os ofícios tinham sido divididos, de maneira que aos domingos cada um pregava em outra igreja: um em Vejlbj, o outro em Skibberup. Essa divisão do serviço tinha sido idéia do deão; êste temia, não sem motivo, que os mal-intencionados moradores de Skibberup, os quais com tão obstinada constância evitavam seus sermões, iriam mostrar ainda mais sua inimizade, correndo à igreja ao saberem que era o capelão quem ia pregar. Êle ia mais

além, anunciando só no último momento em que igreja êle próprio desejava officiar. Em consequência de fato ambas as igrejas, durante algum tempo, estiveram cheias de gente que esperava poder ouvir o nôvo pastor.

Animado pela presença de seus fiéis adeptos de Vejlbj, o deão voltou bem humorado, e com bom apetite sentou-se à mesa para o primeiro almoço. Para isso contribuía ainda uma festa que devia realizar-se no presbitério, à noite, para a qual durante os últimos dias tinham sido febris os preparativos. Normalmente o deão e sua filha viviam muito retraídos, nunca tomando parte nas reuniões e na vida social dos camponeses, e muito raramente na das poucas e bem mediócras famílias de proprietários da região. Duas vêzes por ano, porém, o deão dava uma festa maior, semi-oficial, para a qual eram convidados os representantes das diversas classes da paróquia, mais ou menos como para um banquete principesco. Nessas ocasiões, o próprio deão Toennesen dirigia os preparativos para a festa: era sua paixão dirigir, coordenar, dar ordens. De fato, mal havia sentado à mesa para almoçar — com seu grande guardanapo embaixo do queixo — começou a dar à filha instruções detalhadas sôbre a temperatura dos vinhos, o preparo das saladas e demais arranjos.

O capelão estava, entretanto, mudo e absorto, triturando pão na toalha, sem provar a comida, como era seu costume. Seu aspecto mudara muito durante o inverno. As faces ainda mais escaveiradas e os olhos, antes tão claros e juvenis, estavam como que ofuscados por um véu que atraía alguma dor íntima a lhe roer o coração.

Do outro lado da mesa, Ragnhild o observava atentamente. Também o deão acabou por notar-lhe a distração e quando, dirigindo-se inopinadamente a êle, recebeu uma resposta confusa, franziu as sobrancelhas em atitude de censura. Não achava correto que seu capelão estivesse desatento quando êle falava, mesmo que fôsse a respeito de saladas e pastéis.

No geral, o deão Toennesen, que tanto esperara, no começo, de seu nôvo capelão, não estava lá muito satisfeito com êle. Sentia-se importunado e oprimido pela presença daquele homem cada dia mais esquisito e mais encerrado em si mesmo, que parecia viver perseguido por alguma idéia fixa. Não podia compreender o que o estaria atormentando, pois estava certo de que tanto êle quanto a filha faziam tudo o que podiam para

lhe tornar a estada em sua casa mais amena e confortável possível.

— Não consigo entender êsse homem! — exclamou êle quando, após o almoço, o capelão tinha subido ao seu quarto. — Não compreendo em que andaré matutando. Fica aqui sentado todos os dias, mudo e retraído como se lhe tivesse acontecido uma grande desgraça. Você entende isso, Ragnhild?

— Ora! — respondeu a filha, sêcamente. Ela ficara sentada à mesa, recostada na cadeira, olhando com indiferença pela janela. — Não seria de admirar que êle ainda se sinta um pouco estranho em sua nova atividade. É ainda muito môço... E, quem sabe, notou, talvez, que seus sermões não despertaram grande entusiasmo entre a população.

— Mas isso não seria motivo para recriminar-se — respondeu o deão com superioridade. — Nem é nada disso que o está preocupando; se fôsse, com certeza êle me teria procurado, me teria exposto suas apreensões. Não... O que acho é que êle anda por aí e nem sabe o que quer, anda sempre irresoluto. Creio que é meio maníaco, sofre de idéias fixas, inventa motivos de inquietação que não existem. Isso deve ser de família. Pelo que me contou o pastor Petersen, sua mãe foi uma mulher um tanto extravagante e exaltada, que terminou mesmo seus dias em um acesso de loucura.

Ragnhild virou o rosto para o pai, olhando-o com espanto.

— Quê? Sua mãe!

O deão deteve-se em suas passadas pelo aposento e tossiu, para disfarçar. Em seu arrebatamento acabara de tocar num assunto que, em consideração ao capelão e à comunidade, julgara mais acertado não divulgar.

— Bem... não quero dizer isso assim, ao pé da letra — respondeu êle, retomando as passadas com um sorriso conciliador e um gesto da mão.

— Êsse povo fala tanta coisa... Quero dizer apenas que o nosso caro Sr. Hansted talvez tenha exagerada tendência para aprofundar-se em si mesmo, uma falta de capacidade para se assimilar... Pois eu acho que fiz o que estava em minhas mãos para que êle se sentisse bem entre nós. E você também, eu sei. Já os vi, freqüentemente, passeando no jardim. Vocês têm, tanto quanto pude ver, interêsses de algum modo análogos; êle aprecia muito a sua música, conforme êle mesmo me contou. Não posso por isso compreender o que o torna tão retraído...

pois nem posso imaginar que você, Ragnhild, ... que você de um ou outro modo pudesse tê-lo contrariado.

O deão Toennesen parou de nôvo — desta vez em um canto do aposento, — de onde fitou a filha com um olhar perscrutador.

Ela fingiu não ouvir as palavras. Estava sentada, com os braços cruzados abaixo do peito e olhar rígido, ostentando a atitude inacessível com a qual sempre repelia, diante do pai, qualquer associação de seu nome com o do capelão.

O deão Toennesen ergueu as sobrancelhas emaranhadas. Hum! Seria assim mesmo possível?. Pôs-se imediatamente a falar em outras coisas e pouco depois deixou o quarto.

3

O capelão Hansted tinha subido ao seu aposento, um espaçoso quarto de sótão, sossegado e solitário, rodeado por uma grande área vazia, sob a cumeeira: um pequeno mundo à parte. Apesar da parede oblíqua formada pelo telhado e da escassa claridade vinda da única janela, o aposento era de aspecto agradável. Havia uma mesa, um sofá, uma escrivaninha antiga, de mogno, prateleiras cheias de livros, uma grande poltrona, pequenos tapêtes no chão, e uma cama atrás de um biombo. O ar lá dentro era fresco e balsâmico, pois o capelão não fumava, o que constituía raridade entre teólogos. Era, porém, zeloso jardineiro. Sua janela estava cheia de vasos com plantas, e pelo batente subia uma hera, com fôlhas verdes-claras.

Sôbre o sofá, entre dois grandes retratos de Luthero e de Melanchton, pendia pequena coleção de retratos de família. Via-se o pai do capelão, um senhor alto, magro, de aspecto imponente, em trajes diplomáticos, apoiando-se em um consôlo, com um chapéu de sêda na mão e uma larga insígnia honorífica na lapela. A seu lado, um pequeno retrato de sua mãe, em daguerreotipia, cercado por uma coroa de sempre-vivas. O retrato era da Sra. Hansted quando môça. Estava tão desbotado pelo sol que apenas se divisavam, como através de um véu nebuloso, uma cabeça juvenil com um penteado alto, es-

quisito, e grandes olhos claros, muito abertos. Havia, além disso, retratos do irmão do capelão, tenente da guarda-nacional, um jovem bem-parecido, de fisionomia ousada e alegre; da irmã, a senhora cônsul-geral, uma pequena criatura delicada, quase ainda uma criança, com olhos de quem piscava nervosamente e um sorriso doentio.

E ali estava agora Emanuel, o filho mais velho do conselheiro Hansted. Sentado em frente à mesa um roupão escuro, o rosto apoiado na mão, lia uma carta.

A carta era de seu pai. Recebera-a no dia anterior, mas adiarda a leitura para não interromper a composição de seu sermão. Ela continha detalhadas informações de ocorrências familiares sem importância, falava do irmão que estivera num baile na corte, do banquete de aniversário do cônsul-geral, da criança da irmã que tivera dentes, e assim por diante, e terminava: "Como pode imaginar, estamos todos satisfeitos em saber que você continua de boa saúde e se sente bem aí fora no seu deserto — como seu irmão chama sua nova moradia. Não deixa de ser uma bela e elevada profissão a que você abraçou, e embora eu não negue que teria preferido vê-lo escolher uma vida mais de acordo com as tradições de nossa família, e que, sobretudo, não o tivesse levado para tão longe de nós, é de todo o coração que eu e todos nós desejamos sorte e felicidade para seu elevado trabalho. É naturalmente um pouco difícil para nós, que sempre vivemos exclusivamente na companhia de gente de nossa própria classe de cultura, compreendermos a fundo a possibilidade de tão fecunda harmonia com pessoas de condição e educação diversa, harmonia que você vem defendendo em suas cartas, e que você, a julgar por suas afirmações, procura estabelecer entre si e a população no meio da qual quis viver, por sua livre escolha. Não posso negar que para mim é um enigma alguém achar satisfatório tal convívio, a não ser, naturalmente, no campo religioso. Mas talvez isso seja por causa do meu desconhecimento das condições e, só posso repetir, nossos melhores votos o acompanham em seu trabalho."

Emanuel leu o último trecho duas vezes, e durante a leitura uma sombra sempre mais densa lhe anuviou o rosto. A mão que segurava a carta caiu lentamente no colo e ele ficou imóvel, com os olhos fixos no chão.

Repentinamente, ergueu-se e começou a andar de um lado para outro no quarto, torcendo as mãos. Não, não... Não podia, não queria acreditar que o pai e os outros tivessem ra-

zão; que tudo quanto êle, nos mais felizes momentos, houvesse desejado e sonhado, não passasse de fantasias ôcas! E no entanto... Não era esta dúvida que agora o torturava? Sabia que tinha tentado sinceramente e com todo o ardor tornar-se apto para o cargo que escolhera. As muitas fôlhas de papel na gaveta de sua mesa de trabalho, escritas de canto a canto, revelavam o zêlo incansável, o consciencioso carinho com que durante semanas e semanas, dia a dia, se tinha preparado para suas prédicas, sempre na esperança de, um dia, sentir a ventura de arrebatat os ouvintes com o ardor de suas palavras, de sua profissão de fé. Mas tudo era em vão! Sempre quando, aos domingos, subia ao púlpito e via, lá em baixo, todos aquêles olhos estranhos voltados para êle, era como se lhe fugisse todo o ardor e todo o poder de convicção. Desesperado, ouvia suas próprias palavras soarem ôcas e vazias sob as ressonantes abóbadas, enquanto notava que uma apatia cada vez mais pesada envolvia tôda a multidão ali reunida. Era como se entre êle e a comunidade se abrisse uma brecha cada vez mais larga, que sua voz não conseguia atravessar, um abismo gelado no qual, uma por uma, tôdas as suas palavras que saíam em demanda das alturas tombavam como pássaros fulminados pelo frio...

Interrompeu sua marcha agitada e pôs-se em frente à janela, contemplando com lágrimas nos olhos a paisagem. Os dourados raios do sol caíam sôbre sua magra figura. Com o roupão frouxamente amarrado na cintura, o ombro apoiado na parede e a cabeça emoldurada pelos verdes sarmentos da hera, lembrava um jovem monge a contemplar, da cela solitária de um convento, o mundo lá fora, alvo de tôdas as suas saudades.

De sua janela podia divisar quase tôda a paróquia. Bem embaixo via um ângulo do jardim do presbitério, e além das herdades grandes de Vejlbj, com muros de cimento, e o tanque público, engastado em pedras. Via, também numa extensão de mais de meia milha, o largo caminho da freguesia, que serpeava pelos campos elevados, desaparecendo ao longe, na direção sul, entre três grandes onteiros descampados, atrás dos quais a cidade de Skibberup se ocultava, não deixando ver nem uma chaminé por sôbre os cumes das colinas. Na distância aparecia a torre da solitária igreja, e ao longo de todo o horizonte oriental descortinava-se a superfície azulada do fiorde e as arestas verdes e brancas da escarpada penedia na margem oposta.

Todos os dias êle tinha estado ali, contemplando o panorama, e já conhecia cada casa, cada árvore e cada elevação na paisagem. Absorto em suas meditações, seguira com os olhos a charrua do lavrador que, ora sob a chuva misturada com neve, ora ao sol, se movia pesadamente sôbre as encharcadas terras de cultura, ou vira os barcos dos pescadores no fiorde que, com velas brancas ou escuras, cruzavam entre uma margem e outra; observava as ligeiras viaturas dos moradores de Skibberup quando voltavam da cidade, rolando pela sinuosa estrada da freguesia onde, em cada curva, se tornavam menores até se sumirem, como minúsculos ratinhos, entre os três montículos de toupeira. À noite, quando o último facho de sol se apagava no sudoeste, vira as luzinhas se acenderem uma por uma, nas cabanas, como estrêlas no céu, e em sua solidão, êle se imaginara tomando parte na vida modesta e penosa dos habitantes pobres e sonhara viver com êle em fraternal convívio, como seu amigo e benfeitor.

Compreendia agora que se enganara. Seus olhos tinham sido abertos para a profunda e intransponível brecha que o separava dos habitantes das choupanas da terra, que viviam em suas tocas meio subterrâneas, cavando e labutando no negro solo — uma espécie de duendes, de povo fantástico, cujo gênio lhe era um enigma, cuja linguagem mal compreendia, cujos pensamentos, anseios, preocupações e esperanças ninguém conhecia. E isso alguma vez se tornaria diferente? Não era como se a humanidade tivesse esquecido por completo a palavra mágica que faria as montanhas se deslocarem em colunas de fogo, elevando essa gente da terra para o ar e a luz?

Súbitamente êle foi arancado de sua contemplação por um alegre trinado sôbre sua cabeça.

Olhou para cima. Um estorninho!

Ficou surpreso. Estivera todo o dia tão absorvido consigo mesmo e com seus pensamentos que nem notara como o sol havia surgido através das frias névoas que durante semanas tinham envolvido a terra. Olhou ao redor. Mais uma vez um estorninho assobiou perto dêle, depois outro e mais outro... todo o jardim estava cheio de sinais da primavera!

Sorriu tristemente. Pensou nas muitas vêzes em que durante o inverno sentira saudades da primavera, na crença de que com ela tudo ficaria bem, que o início da alegre estação nos campos e no fiorde, oprimidos pelo inverno, também faria jor-

rar a fonte de ternura que êle trazia guardada no fundo do coração... E agora...

Voltou-se para o interior do quarto, foi até à mesa de trabalho onde guardou cuidadosamente a carta do pai em uma das gavetas, passou ambas as mãos pela testa e pelos cabelos, para expulsar todos os pensamentos que o oprimiam, tomou o chapéu e um guarda-chuva de sêda que estava junto à porta, e saiu.

4

Desceu pela escada que rangia, atravessou a sala da frente e, por um pórtico lateral, saiu para o jardim, de lá se dirigindo para o campo. Quando passou pelo primeiro grande gramado, ouviu que alguém o chamava. Era a voz de Ragnhild. Ficou meio impaciente, pois teve que se voltar e cumprimentar, quando teria preferido estar só.

Ragnhild veio da varanda ao seu encontro. Seu vestido era de claro tecido estampado, macio e quente, com grandes ornatos fofos nos ombros e cintura baixa cortada em ponta. Quando ela descia os degraus da varanda, viam-se sob a orla do vestido os sapatos de verniz de bico estreito, com fivelas. Sobre as costas e a parte superior dos braços trazia um xale azul-claro. Seus crespos cabelos castanhos apareciam sob o enorme chapéu de palha, com a aba rebatida na nuca e prêsa com um grampo artístico.

— Posso dizer-lhe duas palavras pelo caminho, Sr. Hans-
ted? — perguntou ela com naturalidade — Alguma coisa o impede de acompanhar-me um instante, na alamêda de castanheiros? Vou até lá, procurar violetas.

Seguiram pelo jardim.

Êste era, como o presbitério, um dos legados do "padre dos milhões". Com extensos gramados, arbustos tratados, grandes vasos de pedra, longas aléias e sebes de ligustro artisticamente podadas mais lembrava o parque de um palácio senhorial, e o deão Toennesen fazia questão de conservá-lo, o mais possível, em sua antiga suntuosidade. Sobre uma vala profunda, que

atravessava o jardim, havia uma ponte de madeira em estilo chinês com cabeças de dragão e coberta de bambu. Por ela passaram Ragnhild e Emanuel.

— Então — disse este último, após alguns instantes de silêncio — posso saber o que tinha a me dizer, senhorita?

Ela riu-se. — O senhor é tão curioso!

— Não é justamente isso. Mas... para falar com franqueza, estou ocupado. Como pode ver, estou preparado para sair, para peregrinar... Estou a caminho da minha terra prometida!

— Sua terra prometida? O que quer dizer com isso?

— Pensando bem, nada... disse êle gravemente, olhando para o chão.

Andaram ainda alguns minutos em silêncio.

— Afinal de contas, o senhor é bem ingrato! — disse ela finalmente, tentando pôr na conversa uma nota mais alegre. — Eu, realmente, às vezes tenho vontade de lhe fazer um sermão. Não há mesmo nada no mundo que lhe possa arrancar um sorriso? Pois fique sabendo que estou mesmo em vias de me sentir um pouco ofendida. Tenho certeza, por exemplo, que o senhor nem notou como hoje enfeitei a mesa para o almoço. E o fiz somente por ter o senhor dito, dias atrás, que dava mais valor a um ramo de flores na mesa do que a um bom assado. Pois quanto a mim, prefiro decididamente o assado!

Êle sorriu, distraído.

— Eu sou um homem absolutamente indigno, sei muito bem disso... Repreenda-me à vontade, que certamente o mereço. É provavelmente uma espécie de doença infantil que estou em vias de eliminar do corpo. A senhora deve saber que, segundo pregam os mais novos profetas, nós todos arrastamos conosco a herança de um romantismo roído pelas traças. Provavelmente meu pai ou minha mãe possuíram uma dose maior do que a habitual.

— Sua mãe?

— Sim... mas falemos de outra coisa, senhorita! Não esqueça o que me queria dizer.

Tinham chegado à larga alamêda de castanheiros, que formava a divisa do jardim com os campos. Bandos festivos de estorninhos, com brilhos metálicos nas asas, voavam entre as copas das árvores, batidas pelos raios do sol, e lá de fora, dos prados, vinha uma brisa tépida, que trazia o aroma de terra e de plantas em crescimento.

Entre duas árvores havia um banco imitando troncos. Ali Ragnhild parou!

— Vamos sentar-nos um pouco? Aqui o sol está batendo tão agradavelmente!

Com as franjas do xale varreu do banco as folhas secas, tomando lugar a um canto. Emanuel ficou parado à sua frente apoiado no guarda-chuva, não fazendo menção de sentar-se.

Ragnhild ficou um momento com as mãos unidas no colo, curvado, contemplando em silêncio o bico de seus sapatos. Depois, sem erguer a cabeça:

— O senhor falou em sua mãe... Agora me lembro... Não sei se sonhei, ou se o senhor mesmo me contou certa vez que era ainda muito novo quando sua mãe faleceu?

— Eu? — disse êle, olhando-a de soslaio, com desconfiança. Bem, eu tinha uns quinze a dezesseis anos ... Por que pergunta?

— À toa, só por perguntar.

— Falou recentemente com alguém sobre minha mãe?

— Sim, meu pai e eu falamos hoje a respeito dela... Papai com certeza deve ter encontrado alguém que em seu tempo a conheceu.

O olhar do capelão turvou-se.

— Então seu pai provavelmente também lhe falou da... como morreu minha mãe?

— Sim.

As faces de Hansted se tingiram de profundo rubor. Após um instante de silêncio êle disse muito comovido, com voz abafada:

— Minha pobre mãe foi uma vítima de seu tempo, de seu sexo, da sociedade à qual também a senhora e eu pertencemos e que desde o nascimento nos põe a todos numa camisa de força, sufocando lentamente os que não têm ânimo ou forças para a romper.

Ela o encarou surpresa, dizendo:

— Mas o que é que o senhor pensa, então...?

— Minha opinião é de que, se formos realmente sinceros, seremos provavelmente obrigados a confessar que arrastamos todos uma carga mais ou menos pesada de cansaço da vida, tédio, sentimentos de solidão, ou como quisermos chamar à doença da atualidade que é o fruto amargo de nossa supercultura. Existem os que têm forças bastante para carregar seu fardo sem sucumbirem por completo; mas nem por isso são sempre os mais

fracos cujos corações se despedaçam sob a carga. Verá que por último talvez sucumbamos todos na luta... Sobretudo nós, pobres caricaturas humanas, forjadas na febre das grandes cidades, nascidos entre as chaminés da indústria, os fios telegráficos, os trens de ferro e os bondes... Durante quantas gerações acredita a senhora que ainda resistiremos? Ou não será verdade que devemos, de todo o coração, invejar o pobre campônio que, satisfeito e sem se lamentar, labuta a semana toda, como seu pão sêco e dorme tranqüilamente num monte de palha? Poderá ser encontrada mais perfeita arte de viver?... Mas que absurdo é querer eu, filho degenerado da cultura, ser um guia para os sãos, um exemplo para os não contaminados! Eu lhe asseguro, senhorita Ragnhild, que nunca transponho a soleira da mais humilde choupana de um pobre sem que o coração me bata no peito, em santa devoção. Tenho uma sensação de que deveria tirar os sapatos, de que estou penetrando em lugar sagrado, onde ao menos alguns dos sentimentos e impulsos humanos ainda se acham intactos em sua encantadora e nobre forma de origem, sua primitividade, tal como Deus na aurora dos tempos os depositou nos recessos do peito humano...

Tinha chegado à sua habitual glorificação da vida rural, em torno da qual Ragnhild e êle, no decorrer do inverno, haviam tido tantos acalorados debates. Ragnhild confessava abertamente detestar a vida do campo, não tentando ocultar que considerava os campônios como seres pertencentes a uma casta inferior, uma espécie de criaturas semi-humanas, às vezes rastejantes, às vezes atrevidas, sempre exalando mau cheiro, com as quais ela desejava o menos possível entrar em contato direto. Também agora ela combatia com ardor os pontos de vista de Emanuel. Se tantos dêses camponeses, afirmava ela, se sentiam tão bem em sua sujeira, na palha pobre e mofoada, nem desejando uma vida melhor, isso provava apenas quão pouco, na realidade, ainda diferiam dos irracionais, por exemplo, dos porcos, nos quais também com certeza todos os sentimentos do coração estavam ainda intactos não falsificados, conservados em legítima imundície.

— Mas naturalmente de nada adianta discutirmos sobre isso — terminou ela vivamente. — O senhor foi mesmo mordido por alguma môsca... e está irremediavelmente perdido. É um absurdo de minha parte tentar convencê-lo. A doce realidade o fará algum dia, pode ficar certo disso!

Ele riu-se. E quem quer que fôsse que a visse ali sentada, com seu vestido alegre, feito segundo a última moda, perfeitamente distinta em cada linha de seu esbelto corpo, desde a pontinha do sapato de verniz até o gigantesco chapéu à florentina, que projetava uma sombra pontilhada como um céu de crochê sobre o rosto pálido, estaria inclinado a duvidar que ela fôsse da mesma raça a que pertencia aquêlo povo moroso, desazado, coberto de grosseiros andrajos, que mourejava na negra terra da região onde ela vivia.

Emanuel, que se sentira magoado por suas palavras, fêz menção de se retirar. Antes, porém, ainda se voltou uma vez para ela:

— Eu ainda não sei o que a senhorita queria de mim... Não se esqueça que ainda não o disse.

Ragnhild corou um pouco. Não tivera outro motivo para retê-lo senão o desejo de conversar alguns minutos e passar o tempo.

Lembrou-se então de dizer:

— Sim, sabe, Sr. Hansted... Como o senhor talvez não ignore, teremos hoje uma pequena reunião festiva aqui em casa.

— De fato, parece-me ter ouvido um passarinho cantar a êsse respeito!

— Está bem... Caçoe à vontade! Essas coisas sempre serão um acontecimento lá fora, no campo, onde, durante o ano todo, nada de interessante se passa... o que, aliás, prova muito bem a exatidão do que eu há pouco disse sobre o assunto. Mas deixemos isso. Como o senhor já terá imaginado, eu serei a amável anfitriã de nossos hóspedes. Êstes são, que me conste, os senhores Peter Nielsen e Niels Petersen e Peter Nielsen Petersen e Niels Petersen Nilsen... E não precisa franzir as sobrancelhas e se escandalizar. Nada tenho contra essa boa gente. Absolutamente nada. Apenas não posso apreciar o fato de cuspirem em meus tapêtes o que, na última vez, um dêles fazia. Possivelmente isso é também uma expressão da nobre sinceridade de sentimentos, da qual o senhor falava tão bem ainda agora, mas assim mesmo prefiro passar sem ela. O que eu queria pedir era, então, que também o senhor se mostrasse amável para com nossos hóspedes esta noite. E se por um outro motivo eu não puder aparecer, se, por exemplo, eu fôr atacada pelas minhas terríveis dores de cabeça, o senhor fará a gentileza de ser meu galante substituto junto às senhoras...

— A senhorita, como sabe, pode dispor inteiramente de mim — respondeu êle, descobrindo-se com irônica cortesia, fazendo uma reverência. Há ainda alguma coisa em que poderei servir?

— Sim. — Eu ficaria muito grata se o senhor, pelo menos uma vez, fôsse pontual. Creio que desta meu pai ficaria de facto impaciente se tivéssemos que esperar pelo senhor. Por isso é melhor que venha meia hora antes; assim terá ainda a vantagem de me ajudar nos últimos preparativos.

— Farei o possível... Mas agora permita que me retire. Além disso, vejo o senhor seu pai que vem apressadamente para cá. Deve haver algo de muito sério com as saladas, pode crer! Tenho a honra de me despedir, senhorita!

Com efeito, na outra extremidade da alamêda o deão Toennesen acabava de aparecer. Êle vinha com as mãos nas costas, evidentemente decorando um discurso para a festa. Porém mal viu o jovem par junto ao banco, voltou-se e seguiu pelo jardim, tomando outro rumo.

5

Ragnhild ainda ficou sentada um pouquinho no banco, olhando em volta, pensativa. Em seguida, ergueu-se e caminhou lentamente para o presbitério, onde foi recebida pela velha criada tôda abafada pelas ocupações do dia, já desesperada com sua ausência, e com centenas de perguntas a fazer quanto ao preparo dos pratos e o arranjo das mesas. Ragnhild deu suas instruções em breves palavras de comando, entrando depois na sala de estar, onde se sentou em frente à janela com um livro, um romance inglês, tirado ao acaso da estante. Estava de mau humor.

Depois de achar-se sentada ali durante um quarto de hora sem saber o que estava lendo, olhou as horas no relógio sôbre a cantoneira. Eram três horas. Pôs o livro de lado, ergueu-se, mexeu aqui e ali pelo quarto, ficou um instante olhando o papagaio que adormecera na gaiola, e por último, sentou-se ao piano, onde começou a tocar um prelúdio de Chopin.

Depois olhou as horas outra vez.

Passavam dez minutos das três.

Tentou outra vez alguns acordes, mas interrompeu-se de repente; ergueu-se, tomou um jornal da pesada mesa redonda de mogno que ocupava o centro do aposento e sentou-se novamente à janela. Com o jornal aberto no colo, o queixo apoiado em sua pequena mão branca, ela se aprofundou cada vez mais em cismas, enquanto os olhos continuavam a deslizar de um lado para outro pelo grande quintal vazio e pelas monótonas cobertas de palha da cocheira. Finalmente o relógio deu três e meia. Levantou-se e foi para seu quarto, vestir-se.

Os hóspedes eram esperados às seis horas. E como hoje, devido à festa, não haveria o jantar de costume, sobrava muito tempo para uma cuidadosa *toilette*. Mesmo nos dias normais a cerimônia diária de se vestir era um dos acontecimentos principais para ela. Em seu dormitório que, para as condições de uma vila do interior, podia ser considerado luxuoso, sempre pairava um fino aroma de essência de violeta; ali ela passava regularmente as duas horas antes do jantar. Era-lhe um prazer ficar em frente ao alto espelho e contemplar seu corpo enquanto se despia e se vestia, deleitar-se à vista de sua nuca, seus ombros descobertos, seus basios e longos cabelos, ou experimentar um novo penteado e tentar uma nova combinação de cores em seus vestidos. Não o fazia para satisfazer sua vaidade, muito menos pelo desejo de brilhar, mesmo porque não saberia para quem deveria querer brilhar naquele deserto. Apenas procurava assim um consôlo, aliás bem fraco, por ter sido excluída da vida e do mundo, onde sonhara viver.

Além disso, que deveria ela fazer com o tempo? Todas as manhãs dedicava-se à música, e êsses eram os seus momentos mais felizes. Mas o médico a proibira de ficar mais do que três horas ao piano. Duas horas ela levava diariamente lendo, de preferência línguas estrangeiras, e conseguia ainda matar duas horas trafando da casa, apesar de ser sua ajuda pessoal absolutamente supérflua. Mas o dia tinha ainda oito longas horas vazias. Que fazer com elas? Passear? Ora, nos oito meses de inverno os campos e os caminhos ficavam transformados num lamaçal intransponível, ou a neve se amontoava como um muro em torno do presbitério. Mesmo no verão, a vista dos vastos e mudos campos cultivados e das monótonas fileiras de pedra, o fiorde invariavelmente azulado ou acinzentado, a punham de ânimo oprimido. O pior era passar pela cidade, onde de ante-

mão, sabia quais eram as pessoas que iria encontrar, onde era obrigada a responder aos cumprimentos confiados dos campônios e tomar parte nas monótonas conversas das camponesas mal vestidas, sobre o tempo, as probabilidades da colheita e a geada noturna. Por isso, geralmente limitava seus passeios a um atalho isolado que, do jardim do presbitério, ia até aos outeiros da praia. Quando o sol se punha, ela costumava passear por ali, para fazer um pouco de movimento, voltando porém para casa quando ouvia as vozes de trabalhadores dos campos, que regressavam, ou se uma corrente de ar, saturada do cheiro de terra adubada com estêrco de curral, vinha até onde estava. Tinha ela, realmente, um único amigo: era "Methusalem", o papagaio, que não era porém dos piores. Para ela, o tagarelar humano do animalzinho era mais interessante do que a fala dos camponeses, que lhe soava aos ouvidos como grunhidos animalescos. O pássaro, pelo menos, era galhofeiro, tinha temperamento, podia ser gaiato, triste, atrevido, raivoso, tudo no espaço de uma hora, com a emotividade de um ser inteligente.

Cinco anos ela já vivera na mesma solidão. Nascera numa cidade provinciana da Jutlândia, onde seu pai era então professor adjunto em um liceu, e desde a idade de treze anos, quando perdera a mãe, até sua primeira comunhão, residira com algumas tias em Copenhague. Somente quando completara dezesseis anos, mudara-se definitivamente para o presbitério.

Naquele tempo viera com o jovem coração transbordando de felizes esperanças. Aprendera, nos romances que lia e no teatro, que entre as filhas de pastores, nos presbitérios rurais, floresciam os expoentes de graça e beleza da mulher dinamarquesa, que eram o objeto dos mais ternos sonhos de todos os moços de sentimentos elevados e nobreza de alma. Lembrava-se ainda dos longos dias de verão que passara no jardim, tendo no peito uma rosa recém-colhida, sonhando à sombra duma árvore, ou das muitas vezes que caminhara pelas veredas ou vagueara pelos campos, sombreando os olhos com o braço e olhando por toda a paisagem cheia de sol, como se de fato um dia pudesse aparecer no horizonte o estudante pelo qual esperava. Ela imaginava vivamente qual seria o seu aspecto. Viriam dois moços, em jornada a pé, empoeirados e queimados de sol; olhariam, curiosos, pelo portão do jardim, e o pai nesse momento sairia à varanda e os convidaria para entrar, no comêço seriam acanhados, mas iriam aos poucos ficando mais comunica-

tivos e espontâneos, acabando por se tornarem alegres e cantarem canções de Bellman, no jardim, ao luar. Um dêles, não o engraçado e alegre, mas o que tinha o olhar profundo e pensativo, ao despedir-se lhe apertaria a mão, murmurando algumas palavras confusas, pedindo que não o esquecesse — e, no ano seguinte, voltaria bacharel e, com palavras comovidas, pediria ao pai a sua mão.

Mas nunca vinham turistas a êste recanto do país, poble de florestas; um verão passava atrás do outro, sem que aparecesse a menor probabilidade de aventuras.

Ragnhild Toennesen sorriu compassivamente ao pensar nesses sonhos românticos de seus dezesseis anos. Desde então, frequentemente fôra importunada por pretendentes. Eram filhos dos proprietários da região, obesos bebedores de cerveja, que de forma alguma podiam compreender que ela não aceitasse suas propostas de mão beijada. Mas, a não ser isso, os anos tinham passado tranquilos e monótonos, ao lado do pai, sem qualquer acontecimento ou aventura de importância. Quando olhava para trás, para a sua vida passada, mal podia compreender que de fato não tinha mais de vinte e um anos, que se achava, por conseguinte, em plena flor da idade. Quase nada mais a interessava, salvo a música. Mesmo a visita anual a Copenhague na primavera já não era um acontecimento animador. Tinha perdido o contato com a vida na capital, onde se sentia como uma estranha; havia perdido de vista suas amigas e conhecidas de então; suas tias não viviam mais... E além disso, voltando da grande cidade, a existência aqui lhe parecia tão mais vazia, a natureza ao redor, em sua muda, pétrea apatia, tão mais melancólica...

Por isso nem lhe fôra agradável a resolução do pai de tomar um capelão. Não desejava ser incomodada naquela existência de sonâmbula, na qual aos poucos se aprofundara e achara sossêgo. Quando ainda por cima notou que, mesmo antes da chegada do capelão, havia quem, sem mais nem menos, logo a ligava a êle, sua disposição de espírito para com êle, de antemão, não era das mais amistosas. Mas, à medida que notara no nôvo membro da casa o desejo de viver como ela mesma em retraimento, sem querer ser importunado, acabara aceitando sua presença. A despeito de suas muitas esquisitices, começou a interessar-se pelo capelão. Dava-lhe prazer conversar com êle, repreendê-lo, e, como Emanuel sentia uma necessidade cada vez maior de ter com quem falar, a quem con-

fiar suas preocupações, desenvolveu-se aos poucos entre ambos, quase sem que eles mesmos o sentissem a relação espontânea, a camaradagem que despertara a atenção e os cuidados do deão Toennesen.

Se, no entanto, o deão e com ele diversas outras pessoas, construíram planos para o futuro dos dois, estavam muito enganados. Certamente Ragnhild estava longe de ser tão fria e indiferente como se poderia crer pela sua aparência e maneiras; herdara, pelo contrário, a paixão e o sangue ardente de seu pai. Mas justamente por isso o capelão lhe era por demais etéreo. Sentia-se, além disso, muito acima dele e sempre se aborrecia quando, levada pelo tédio, como ainda há pouco, chegava a perder demais a dignidade diante dele. Quanto a Emanuel, seus anseios para o futuro estavam tão acima da arrogante moça, que ela nunca, nem por um momento, existia em seus sonhos.

6

Emanuel tinha saído por um portão no extremo do jardim, de onde se chegava diretamente ao campo aberto. Achava-se agora no ponto culminante da região, o chamado "outeiro do padre", de cujo cume se descortinava a terra, em milhas ao redor. Por toda a parte viam-se searas de centeio, verdes-claras, que brilhavam ao sol entre as escuras áreas de terra arada de novo. Por sobre as charnecas e os lagos ondulavam ligeiras névoas. As valas e as margueiras desprendiam vapores, e por sobre toda a terra havia um ar úmido, primaveril, estimulando o crescimento, e promissores trinados de pássaros, como se o verão fosse celebrar sua festiva entrada de um dia para outro.

Emanuel seguiu por um atalho que, do jardim, ia até o fiorde, passando pelos campos desertos (onde também Ragnhild costumava passear, à hora do pôr do sol. Mas nem lhe ocorrera essa idéia, e não era por isso que preferia esse caminho em seus passeios. Se o atalho merecera a preferência de ambos, era por ser deserto, havendo pouca probabilidade de serem importunados. Na solidão em que viviam procuravam instintiva-

mente os lugares mais ermos, e nesses campos afastados via-se apenas aqui e ali uma pequena choupana ou um solitário camponês que arava.

Todos os dias, durante o inverno, Emanuel andara por ali com seu longo casaco e seu habitual companheiro, o guarda-chuva de sêda que se tornara indispensável, como um fiel amigo. Vagara muitas vêzes, sem destino, durante meio dia entre as colinas e ao longo da praia deserta, buscando nesse convívio com a natureza compensação pela perda do convívio humano. Nunca antes lhe ocorrera que nuvens cinzentas de inverno, passando sôbre a terra pudessem ter algo de atraente, nem que fôsse tão grato ao ouvido o grito selvagem das gralhas quando, pelo pôr do sol, voavam aos bandos por sôbre os campos, para se recolher aos ninhos. E a primeira cotovia! Tornou-se para êle inesquecível. O momento em que, no grande silêncio dos prados desertos, lhe ouvira o trinado como o tilintar de um pequeno sino celeste, soando em notas estivais, sôbre sua cabeça, enquanto tudo ainda estava imerso no sono hiberna.

La diàriamente à praia, onde costumava deter-se por algum tempo para respirar o fresco ar marítimo e observar as gaivotas que, mudas e irrequietas, circulavam em tórno de um determinado ponto, como se estivessem ocultando, em silêncio, um grande segredo. Mas hoje a praia estava deserta. O calor tocara os bandos de aves para a desembocadura do fiorde. Êle continuou sua jornada ao longo da costa e deleitava-se à vista da vasta superfície do fiorde, na qual se refletiam, em verdadeiro esplendor, as aldeias dos pescadores da terra vizinha e as escarpadas penedias revestidas de vegetação arbustiva. Por último subiu a uma elevação que ficava muito ao sul, de onde se descortinava amplo panorama da região. Bem embaixo ficava Skibberup entre seus três outeiros de terra, descampados.

Sentia-se sempre estranhamente atraído por essa cidade com seus amontoados de pequenos casebres, seu lago com extensas ramificações, seus inúmeros pequenos cercados, ruazinhas estreitas e recantos sombrios. Ela lhe parecia muito mais amiga do que o conjunto de novas casas camponesas e chácaras bem organizadas de Vejlbj, que êle via todos os dias. Estava todo apaixonado por êsse lugarejo romântico que jazia como um oásis entre as colinas áridas.

Lamentava por tudo isso que o movimento adverso à Igreja houvesse escolhido justamente êsse lugar para sua sede principal. Sentia como que uma aguilhoda no coração cada vez

que seu olhar chegava a uma determinada casa no meio da vila, já velha, sôbre cuja cobertura de palha freqüentemente drapejava uma grande bandeira dinamarquesa. Sabia que ali era o "salão de reuniões", de onde o mal-afamado tecelão Hansen conduzia feroz campanha contra as prédicas do deão Toennesen e, ultimamente, também contra as suas.

Contemplava de preferência um pequeno sítio com celeiros e currais pintados de amarelo e jardim cercado por uma sebe de varas, na extremidade ocidental da vila. Era a pequena herdade para a qual fôra levado, de trenó, numa noite de inverno, a fim de administrar os sacramentos à filha enfêrma do proprietário. Desde então pensara muito naquela noite e na gente estranha entre a qual êle, de modo tão singular, viera a iniciar-se em sua prática sacerdotal. Muitas vêzes pensara em repetir sua visita, em perguntar pelo estado de saúde da môça. Não podia, porém, decidir-se a tentar qualquer aproximação pessoal com essa parte da população que demonstrara, quase imediatamente após sua primeira prédica, tão claramente sua má vontade, quase inimizade.

Mas hoje o sol e o ar primaveril pareciam inspirar-lhe nôvo ânimo. Dizia de si para si que não poderia continuar a viver dessa maneira. Era absolutamente necessário encontrar uma solução harmoniosa. Êle precisava tornar clara sua posição. Resolveu fazer a última tentativa séria para quebrar a resistência que lhe fôra oferecida e, com amor, conquistar a compreensão dessa gente, achando, assim, o caminho para os seus corações.

7

Era a primeira vez que Emanuel se mostrava em Skibberup sem os paramentos sacerdotais, e seu aparecimento despertou, por isso, grande atenção por tôda a parte. O tempo bonito e a folga domingueira tinham atraído os moradores para fora de suas casas. Mesmo velhos aleijados haviam deixado seus cantinhos junto ao fogão e estavam às portas, tomando sol, enquanto os operários do campo e suas mulheres, muito atarefados, cavavam os minúsculos quintaizinhos em frente às empenas.

Bem poucos, entre os homens ou mulheres, tinham um cumprimento amável para o jovem sacerdote, embora todos se erguessem de seu trabalho, seguindo-o com os olhos através da rua. Na porta de uma casa baixa estava um homem de camisa riscada de azul, com uma criança nos braços. Era o cavador de neve, atlético, de barba grande, que naquela noite de inverno tinha pronunciado o pequeno e cordial discurso de boas-vindas, quando Emanuel se achava a caminho para a casa da moça doente. O homem apenas levou ligeiramente a mão ao chapéu e, como a criança no mesmo momento começasse a chorar, êle disse rindo, em voz tão alta que Emanuel não podia deixar de ouvi-lo:

— Não precisa ter medo, minha filha! É só nosso jovem reverendo!

Emanuel em sua peregrinação pela cidade apressara cada vez mais o passo, só respirando livremente quando alcançou o quintal de Anders Joergen, por cujo portão entrou. Do vigamento pendia ainda o mesmo lampião, girando em seu fio.

Parou sob a cobertura junto ao portão e olhou em volta. Não havia ninguém por ali. Foi até à baixa casa de moradia, entrou na varanda e bateu à porta. Ninguém respondeu. Após hesitar um momento, êle mesmo abriu a porta e entrou na sala de estar, de fôrro baixo, cujo estranho mobiliário secular já naquela noite lhe havia despertado a atenção. O aposento estava vazio. Também dos quartos vizinhos não se ouvia ruído algum, além da pesada batida do relógio de parede, no quarto em que tinha estado a doente. Ficou indeciso. Bateu em diversas portas que conduziam ao interior da casa, sem que ninguém atendesse. A casa parecia abandonada.

Ficou um instante parado onde estava, correndo os olhos pela sala. Reconheceu a pesada mesa de carvalho e o banco embaixo das pequenas janelas de muitas vidraças, os papéis pintados, verdes, nas paredes, a estufa quadrada com as pernas finas e torcidas, o escuro chão de argila batida, coberto de areia, a roca de fiar e o cortinado de riscas azuis em um ângulo da sala. Em uma prateleira abaixo do teto havia uma fileira de pratos de estanho, polidos e brilhantes e na parede, sôbre uma velha poltrona junto à estufa, pendia como ornamento uma cruz de palha, um "ramalhete de maio" e dois quadros genealógicos emoldurados, datados de 1798. Em tudo se notava meticulosa ordem e asseio. Pairava naquele pequeno aposento rústico e ensolarado uma tranqüila ventura, uma quietude dominguei-

ra que o deixou encantado. Instintivamente comparou aquela doce simplicidade com o luxo curioso de seu lar, próprio das residências modernas, com suas decorações multicores, tapêtes orientais, reposteiros, móveis estofados de veludo, pinturas e enlhetuetas parisienses, e pensou consigo: "Como os homens irremediavelmente malbaratam a própria felicidade! Como se adaptam facilmente ao que é nefasto; e com que dificuldade conservam o nobre e o belo!".

No trenó havia, num quadro, uma coleção de retratos de homens ilustres, em simples xilogravuras. Ali estavam Tscherning, Grundtvig, Monrad e outros, que êle não conhecia. O centro era formado por um grupo maior, representando Frederico Sétimo, no momento em que, cercado por seus ministros, assinava a Constituição. Emanuel se lembrava de ter visto êsse retrato no quarto de sua mãe, e lhe causou uma estranha impressão encontrá-lo, após tantos anos, nesse lugar.

Subitamente, ouviram-se passos no quintal. De um portãozinho entre os currais vinha uma môça, tendo atravessada nos ombros uma vara com duas vasilhas de leite, seguida pelo rapaz de cabelos claros que, naquela noite de inverno, fôra seu cocheiro na viagem de trenó. A môça estava com seu vestido domingueiro, côr de cereja, com aplicações pretas entrelaçadas no peito e nas mangas. Ela prendera o vestido no cinto, e trazia um lenço claro na cabeça, amarrado firmemente embaixo do queixo, o que lhe dava ao rosto cheio um aspecto loução e alegre. Em volta de um dos baldes de leite, um gato de patas brancas fazia festas, dividindo sua atenção entre a môça e dois filhotes que o menino trazia nos braços. Mais ou menos no meio do quintal, o gato foi de um salto pôr-se ao lado de uma pedra escavada em frente à casinha do cachorro, onde evidentemente estava acostumado a receber sua ração de leite. Mas quando a môça continuou, pensativa, seu caminho, esquecendo-se do gato, aquêle voltou-se e pôs-se a arranhar-lhe com as patas a bainha do vestido. Ela então virou-se e despejou uma boa porção de leite fumegante na pedra escavada. Começou porém agora o verdadeiro martírio do gato. Em vez de entregar-lhe os filhotes, o menino os tomou nas mãos, rindo-se e erguendo-os bem alto, enquanto com o pé se defendia contra a mãe furiosa que, ora tentava subir-lhe pelas pernas, ora, desesperada, se voltava para a môça, como se ali estivesse acostumada a procurar proteção. Ela pediu ao irmão que soltasse os pobres ani-

mais, mas o menino desobedecendo continuou a correr pelo quintal, com o gato miando atrás.

Dentro da casa, atrás da janela da sala, Emanuel, quieto, observava a cena. Seus olhos demoravam-se principalmente na mocinha pensativa, na qual reconhecera instantaneamente a filha da casa. Ele a tinha imaginado um pouco mais alta e mais vistosa, mas admirava em compensação a profunda gravidade, quase tristeza, que caracterizava sua figura pequena e rija. "Ela lembra a própria Natureza daqui", pensou êle, enquanto podia furtar-se à sua contemplação.

Mas como o menino continuasse com a brincadeira, êle achou mais acertado não deixar por mais tempo de fazer notar sua presença. Retornou, pois, à entrada da casa, pela mesma porta por onde entrara.

Quando os irmãos o viram, deixaram escapar um pequeno grito de susto. Com as faces vermelhas, a mocinha logo desatou a ponta do vestido que prendera no cinto e arrancou o lenço da cabeça, enquanto o irmão mais que depressa soltou os gatinhos, fugindo pela saída mais próxima.

Emanuel desceu os dois degraus, foi até o quintal e cumprimentou.

— Não se incomode comigo — disse, desculpando-se. — Passei aqui por acaso e quis dar uma olhada, para saber como estava passando. Mas vejo que a senhora sarou bem, não é?

— Obrigada... sim... — murmurou ela olhando para trás, inquieta e preocupada, como se procurasse socorro.

No mesmo instante uma das portas da cocheira abriu-se e o velho Anderson Joergen entrou, pisando ruidosamente nos seus pesados socos engastados em chapas de zinco. Vestia camisa de lã riscada de branco e preto e trazia sobre os cabelos eriçados um gorro de lona com viseira de couro.

Emanuel estendeu-lhe a mão.

— Ia passando casualmente por aqui e quis ver como vão passando — repetiu. — Vejo que sua filha... não é Hansine seu nome?

— Sim, Reverendíssimo.

— Vejo que ela sarou bem... Espero que se tenha recuperado completamente.

— Muito obrigado... Acredito que agora, graças a Deus, ela está bem boa outra vez... Mas, por favor... o capelão não quer entrar? Minha mulher vem já... Foi só aqui por perto, na casa de uma vizinha.

Atravessaram o quintal e entraram na sala, onde o sol ainda brilhava nas vidraças e projetava muitos quadrados de luz dourada sobre a mesa e o chão, coberto de areia. Anders Joergen, que tirara os socos à entrada da sala, ofereceu a Emanuel o lugar de honra, a velha poltrona junto à lareira, enquanto se sentava no canto de um banco de madeira na outra extremidade da sala. Instintivamente uniu as mãos no colo, com as palmas voltadas para cima, tal como costumava fazê-lo aos domingos durante as prédicas, e ficou escutando, atenta e impacientemente, cada som que vinha do quintal, na esperança de que fôsse sua mulher.

Emanuel sentia-se cada vez mais à vontade no pequeno lar camponês. Encontrou logo um assunto de conversa no belo tempo de primavera que estava fazendo, e, com uma facilidade de que ele próprio se admirava, falou da alegria e da gratidão que sobretudo o lavrador devia sentir, vendo o Senhor espalhar dessa maneira suas bênçãos sobre seu trabalho. Nem notou a inquietista distração de Anders Joergen. Durante o curso da conversa olhava porém muitas vezes atentamente para Hansine que, trazendo nas mãos um trabalho, entrara na sala, sentando-se sob a janela que ficava mais longe de Emanuel. O sol caía sobre sua figura pequena e cheia e deitava um cálido brilho sobre suas tranças castanhas. Ela adornara o vestido com uma larga gola de crochê que caía em bicos sobre os ombros e alisava o cabelo com água, tendo-o amarrado em coque na nuca.

Curvava-se sobre o trabalho, quietinha, um pouco voltada para o lado, como desejando que os demais esquecessem sua presença, ao passo que a expressão do rosto e a cor das faces traíam nitidamente que, em seu canto, ela era toda ouvidos, apanhando com atenção cada uma das palavras do capelão.

Emanuel nem pensava que talvez olhasse com exagerada insistência para a moça. Estava por demais enlevado pela satisfação de finalmente ter encontrado ali um pequeno círculo amigo de ouvintes, e foi aos poucos perdendo todo o acanhamento.

Enquanto falava, ouviram-se passos no quintal. Anders Joergen mexeu-se na cadeira, com uma expressão de alívio, e junto à janela a moça atirou apressadamente o olhar pela vidraça, para prevenir a mãe. Mas de repente seu rosto mudou de cor. Com fisionomia quase assustada, olhou para o pai.

Um momento mais tarde ecoaram três pancadas calculadas na porta.

O recém-chegado era o homem alto, magro, um pouco curvado para a frente, com a curiosa cara de gato que, pela manhã após o serviço sagrado, tinha sido objeto de tanta atenção por parte dos fiéis. Ele ficou um momento parado à porta, olhando surpreso em volta de si, com a boca retorcida. Em seguida, com voz arrastada, deu bons-dias e correu lentamente a roda, dando a mão a todos.

O velho Anders Joergen, que se erguera, assustado, encarou o recém-vindo com um olhar alarmado e suplicante, ao qual este, no entanto, tentava furtar-se.

A Emanuel, que vagamente se lembrava de ter visto o rosto do estranho algumas vezes na igreja, sua presença causou uma impressão verdadeiramente desagradável. E essa sensação de constrangimento não cessou quando o desconhecido, dando-lhe a mão, o fixou com um olhar meio oculto pelas pálpebras vermelhas, intumescidas, apresentando-se e dizendo em tom inocente:

— Meu nome é Hansen, o tecelão.

Emanuel sentiu que corava, mas conservou a necessária presença de espírito para retribuir o cumprimento com a devida reserva. Sem aparentemente ter-se deixado perturbar, continuou a conversa com Anders Joergen, mas sua atitude e seu tom, involuntariamente influenciados pela presença do tecelão, tomaram uma dignidade sacerdotal, cada vez mais aristocrática, que lembrava o deão Toennesen.

Parecera, no entanto, que o tecelão nada tinha de agressivo. Sentou-se no banco próximo à extremidade da mesa e ali ficou, curvado para diante, com os cotovelos nos joelhos e o queixo apoiado nas grandes mãos vermelhas como se só tivesse entrado ali para ser um ouvinte, como os outros.

Mas não demorou que seu rosto começasse a se contrair em pequenos esgares, enquanto ele ora pigarreava e limpava a garganta, ora se esforçava por tossir, ao mesmo tempo olhando a sorrir, em torno da sala e para a janela, onde Hansine, com as faces cor de sangue e os seios arfantes, se aprofundava em sua costura, como se não se atrevesse a erguer os olhos.

O rosto de Emanuel, nesse meio tempo, perdera toda a cor, tornando-se pálido como um cadáver. No entanto, dominava

ainda sua raiva. Mas quando o tecelão começou a murmurar atrás das mãos e a fazer comentários a meia voz sobre o que ele dizia, perdeu o domínio sobre si mesmo. Com uma mescla de ardor juvenil e cólera sacerdotal voltou-se para o tecelão!

— Não sei se a intenção do tecelão Hansen é afastar-me aqui da sala. Neste caso quero dizer-lhe que não o conseguirei, pois, de maneira alguma estou disposto a me deixar importunar.

Anders Joergen ergueu-se alarmado, querendo apaziguar. Mas o sangue de Emanuel tinha chegado a ferver, e não seria fácil contê-lo.

— Eu o conheço muito bem de ouvir falar — continuou ele com lábios trêmulos. — O deão Toennesen já me contou várias coisas a seu respeito, e quero dizer-lhe que nem ele nem eu estamos dispostos a aturar por mais tempo suas tentativas de criar a cisão e a discórdia na comunidade. Principalmente no que diz respeito a mim, quero, da maneira mais encarecida, pedir-lhe que não me insulte em minha atividade. Eu sei que, na medida do possível, me esforcei por criar harmonia entre mim e a comunidade... Mas se a intenção aqui é criar guerra — bem! Eu a aceito. Restará ver, então, quem é o mais forte!

Após suas palavras um silêncio de morte caíra na sala. Mesmo o tecelão ficou um momento abaixando a cabeça, como quem recebe inesperadamente uma pancada na nuca. Mas logo o sorriso enviesado e incisivo voltou-lhe ao rosto contraído. Dir-se-ia que a impetuosidade do jovem sacerdote simplesmente o divertia.

Após algum tempo de silêncio disse lenta e impassivelmente:

— O senhor pastor está sendo muito injusto comigo. Diz que me conhece e sabe que homem mau e depravado eu sou... E que ouviu isso do próprio deão, de modo que deve ser verdade... Pois o Sr. deão já me fez tantas vezes assar e defumar no inverno, que devo crer que ele o afirma sinceramente. Mas veja, — isso o senhor deve saber, Sr. Pastor —, nem sempre tudo acontece exatamente como pregam os deãos... Pode ser que eu não seja assim tão feio como o deão gosta de me pintar. Mas não quero fazer segredo de ter entrado aqui para encontrar-me com o senhor e conversar um pouco, assim, entre a parede e a porta, como se costuma dizer... Pois já há muito ando com a idéia de ir até lá e fazer-lhe uma visita. Eu achava que nós poderíamos ter uma ou outra coisa para nos dizer.

E quando soube que o senhor tinha entrado aqui, na casa de Anders Joergen, pensei que não devia perder essa oportunidade.

— Com tôda a certeza nada temos a conversar — atalhou bruscamente Emanuel, com uma voz que ainda tremia de emoção.

— Sim, sim... pode ser — continuou o tecelão, pensativo, com voz alterada, ao passo que o eterno sorriso lhe desaparecia por um momento do rosto, e, com os olhos semicerrados observava incisivamente o capelão, como quem sonda o terreno. — Acredito ainda assim que o Sr. Pastor está errado no que diz respeito a nós, moradores de Skibberup. O que nós temos é o nosso próprio modo de encarar as coisas. Nós falamos de tudo, e de todos, na cara, não por detrás... E veja, por isso o Sr. Pastor se zangou comigo hoje. E no entanto eu lhe digo que nem de longe pensei em ofendê-lo.

— Então não posso realmente compreender sua atitude — respondeu Emanuel ainda no mesmo tom de repulsa, embora já começasse a se acalmar e a sentir-se envergonhado de sua afoção juvenil.

— Pois é justamente isso, Sr. Pastor! É disso que se trata. O senhor não nos compreende. É o que vimos observando, o tempo todo, e o que nos entristece tanto, posso garantir-lhe. É por isso também que há muito tempo pensamos que seria acertado têmos uma conversa com o senhor.

A súbita seriedade com que êle disse estas palavras e a segurança com que falava em nome de tôda a comunidade não deixaram de impressionar Emanuel, que olhando-o, com expressão irresoluta, disse:

— Se de fato o senhor tem o que falar comigo, estarei naturalmente às suas ordens... Só me parece que a ocasião não é oportuna.

— Então, não é o que estou dizendo? Nós de Skibberup sempre chegamos tão fora de propósito como um gato pela chaminé!... Mas assim mesmo, se me dá licença, quero dizer-lhe, Sr. Pastor, que não se admire dos nossos sentimentos, vivendo aqui, entre nós. Seria impossível deixarmos de pensar sempre na mulher que foi uma santa para nós, amigo da causa do povo aqui nesta região, e cuja lembrança sagrada ainda vive entre nós.

Emanuel o olhou sem compreender.

— Que quer dizer com isso?

— Que quero dizer? — repetiu o tecelão que continuou a encarar o pastor como se o pretendesse encantar com seus olhos de serpente, e hipnotizá-lo para que não se mexesse da cadeira.

— Em quem poderia eu pensar senão naquela que entre tôdas as pessoas também lhe estava mais perto, Sr. Pastor Hansted, e que agora já há muito está libertada de tôdas as dores e cuidados... a senhora sua mãe!

Emanuel teve um sobressalto. Teria êle ouvido direito?

— Minha... minha mãe? disse êle a meia voz, e instintivamente seus olhos procuraram a pequena coleção de retratos na parede, entre as janelas.

— Sim, é verdade, foi antes de se tornar mãe do capelão que ela o era já de todos nós, amigos do povo, e nunca a poderemos esquecer... E tivemos também provas de que ela não tirou sua mão protetora de nós, mesmo depois de casada com o senhor seu pai. Agora o senhor poderá compreender, Sr. Padre, o nosso orgulho e a nossa satisfação quando chegamos a saber que o filho da própria Sra. Hansted seria nosso capelão. Imaginamos que seria um padre exatamente como o desejamos. E precisávamos tanto justamente de um homem assim, aqui na paróquia... Sim, temos muita necessidade de um homem assim, Sr. Pastor Hansted!

Emanuel sentiu-se atordoado. Não podia recuperar-se da admiração de pela segunda vez em um dia ouvir mencionar sua mãe, e agora até como uma inesquecível protetora. A mãe, cuja memória estava como que apagada em sua própria casa, cujo nome ali era sussurrado a medo, nos cantos, para não despertar novamente a lembrança da vergonha que o seu fim tinha atirado sobre a respeitável família Hansted...

— Mas se o senhor me der licença... — continuou o tecelão, enquanto seus olhos vigilantes pousavam constantemente no jovem sacerdote — se o senhor me der licença, gostaria de dizer-lhe com tôda a franqueza, Sr. Pastor, que não encontramos exatamente no senhor o que tanto esperávamos... O senhor mesmo o terá notado, penso eu. Aí estão, por exemplo, suas prédicas. Sim, sim, não fique zangado, Sr. Padre — interrompeu-se com fingido temor, quando viu, ao dizer as últimas palavras, uma contração assomar ao rosto do capelão. — Peço licença para dizer que apesar de estarmos satisfeitos por não nós falar, como certos outros, como a um rebanho de animais irracionais, e apesar de sentirmos muito bem que os seus ser-

mões são bem pensados, bonitos, poéticos e corretos — são o que se costuma chamar bem falados —, assim mesmo não passam do que já ouvimos tantas vêzes... E o que é que os bons padres sabem contar para nós, camponeses? Que devemos ser obedientes e virtuosos, que não devemos furtar nem praguejar, mas nos voltarmos para Deus em nossas tristezas e confiarmos na graça do Senhor, e assim por diante. Ora, tudo isso já conhecemos de cor e salteado, e não nos vamos tornar homens melhores por recebermos todos os domingos o catecismo inteiro nos mais lindos versos! Não, Sr. Pastor Hansted, se um homem como o senhor nos quisesse falar sôbre si mesmo, e não sôbre nós; não nos quisesse ensinar o que sabemos muito melhor, desde o começo; quisesse falar de verdade, sôbre o senhor mesmo, e de que maneira, com suas leituras e sua educação, chegou a encarar o Cristianismo e a vida do povo... Veja, isso seria alguma coisa da qual o camponês teria o que aprender... É disso que precisamos para que possamos ver como é que outra gente, em outras condições, vive e pensa. Era nisso que tanto desejávamos que nosso padre nos ajudasse. Não sei, agora, se o Sr. Pastor está entendendo direito. Eu sou um homem sem instrução, não estudei para padre nem para sacristão, por isso não tenho jeito de dar fôrça às minhas palavras.

Emanuel deixou-o falar até ao fim, apesar de sentir como era humilhante para si ter que ouvir essa arenga, ainda mais na presença de outros. Mas não conseguira pronunciar uma só palavra para interrompê-la, e, bem no fundo do coração, sabia que o tecelão tinha razão, que aquêlê homem ali na sua frente soubera expressar em palavras os seus próprios pensamentos, o que êle mesmo ultimamente tinha sentido de um modo vago e obscuro.

Sòmente quando o tecelão parou de falar, notou como todos os olhares se voltavam para êle em expectativa, e reuniu suas fôrças. Em desesperada tentativa para manter de pé diante daquela gente, o último resto de dignidade eclesiástica, respondeu, gaguejando:

— Eu naturalmente aprecio muito a franqueza com que o senhor se expressou. Uma tal confiança mútua... é com certeza a condição primária para uma verdadeira compreensão de parte a parte... a qual ninguém pode desejar e esperar mais do que eu.

— Pois esta é precisamente a nossa opinião — disse o tecelão com súbito ardor. — Justamente por isso achamos que o

melhor seria talvez conversarmos um pouco com o senhor, diretamente, sem rodeios. Até agora nós o conhecemos só na igreja. Quero dizer ainda que várias vezes ficamos muito contentes pelo que ali ouvimos, mas sempre pensamos que bem podíamos ter um pouco mais de contato com o senhor. Nós, os homens do campo, sempre temos nossa própria curiosidade, queremos conhecer direito nosso pastor, para que possamos ir livremente a êle com as nossas dificuldades. Nós camponeses, que andamos um dia atrás do outro na mesma labuta, gostamos muito de ter um homem entre nós que nos possa dar orientação e explicação, também nas coisas que não se dizem do púlpito. Ora, isso nosso bom padre jamais conseguiu compreender direito, e é por isso que tantas vezes vão mal as coisas entre nós. Temos aqui em Skibberup uma casa de reuniões, como a chamamos... Sim, sim... posso imaginar que o capelão já ouviu falar nisso e sabe que é uma caverna de bandidos, como o deão mais de uma vez a chamou. Mas na verdade outra coisa não fazemos senão nos reunir amistosamente e conversar sobre tudo o que queremos, ou ler, em voz alta, de nossos livros seja um assunto divino, sejam leituras populares como as chamamos. Achamos que deve ser tão bom passatempo ouvir uma boa leitura como andar, nas longas noites de inverno, rolando pelos bancos sem fazer nada, ou ficar jogando baralho, ou metido em outras orgias, como era costume naqueles bons velhos tempos dos quais o deão sempre fala. Naturalmente aquilo que nós camponeses temos a contar um ao outro não pode ser lá grande coisa. Mas se tivéssemos um homem como o senhor, Sr. Pastor, para nos visitar e simplesmente falar conosco, nos contar coisas interessantes, isso sim, seria outra coisa, seria algo que nos deixaria contentes e que agradeceríamos muito. Porque achamos que o senhor é, apesar de tudo, um homem direito e simples com quem bem poderíamos fazer grande amizade. E além disso, o senhor se parece muito com sua mãe, em toda a expressão, apesar de só a ter visto uma vez há muitos anos atrás, em uma de nossas reuniões de amigos, lá do outro lado, em Sandinge. Por isso, garanto que haverá alegria no dia em que o capelão prometer visitar-nos em nossa casa de reuniões, pois assim teríamos finalmente encontrado o que há tanto tempo desejamos. Veja, eram só essas poucas palavras que eu, com sua licença, queria dizer, e o Sr. Pastor não deve zangar-se porque falei com tanta liberdade. Posso garantir que só o fiz na melhor das intenções.

Emanuel continuava em silêncio. As palavras do tecelão o tinham deixado singularmente atordoado. Ele não sabia mais no que deveria acreditar. Seria, de fato, um amigo, êsse homem, do qual ouvira tanta coisa ruim? E Anders Joergen e sua filha? Estariam de acôrdo com êsse homem? Quase lhe pareceu que sim. Casualmente notou a atitude cheia de ansiosa expectativa com que a môça o observava, de sua costura, como se quisesse, com seu olhar, furtar-lhe a resposta dos lábios.

Temendo perder completamente a compostura diante dessa gente estranha, que tão evidentemente esperava por uma palavra decisiva sua, êle se ergueu para despedir-se. Com uma desculpa confusa, de que o seu tempo não lhe permitia mais continuar a conversa, apanhou o chapéu e o guarda-chuva.

Enquanto todos permaneceram em profundo silêncio, êle deu a mão a cada um e saiu da sala, sem que alguém o acompanhasse.

9

Emanuel, desde que crescera, não ouvira muitas vêzes mencionar o nome de sua mãe, e sôbre ela pouco mais sabia além do que êle mesmo vira. Mas ainda enquanto ela vivia êle sentira que havia alguma coisa em sua mocidade que a família procurava cuidadosamente encobrir. O que seria, apenas podia imaginar vagamente. Os amigos e colegas do seu tempo de rapaz, após a desventurada morte de sua mãe, temiam fazer a mais leve alusão a ela em sua presença. Êle mesmo tivera um natural receio de falar nela, principalmente por guardarem o pai e demais membros da família o mais obstinado silêncio a respeito de tudo que se relacionava com a mãe e as circunstâncias em tórno de sua vida. Sòmente uma tia muito idosa, que vivia em um convento, tinha dito certa vez, em um momento de afobação, que êle não deveria esquecer "o quão profundamente sua mãe, em seu tempo, tinha pecado contra a sua classe".

As palavras do tecelão e as figuras na parede da casa do componês tornavam-se agora um índice mais seguro para a com-

preensão da vida estranha e monótona que ela levava em casa de seu pai. Via-a novamente com seu penteado alto e o vestido preto, simples, que, em menino, às vezes o fizera passar vergonha, por se parecer tão pouco com os vestidos elegantes das outras damas de seu círculo de relações, que de fato se sentiam visivelmente constrangidas na presença de sua mãe. Ele se lembrava de sua salinha particular que em nada se parecia com os demais aposentos da residência, e na qual ela às vezes se fechava durante dias inteiros, sem receber visitas. Em muitas ocasiões, quando criança, tinha estado na penumbra, em frente à porta, sem se atrever a bater. E quando, finalmente, criara coragem e entrara sorrateiramente, vira-a sentada, curvada no canto de um comprido sofá de mogno, com olhar imóvel e rígido, como se nem o tivesse ouvido entrar. Somente depois de ter permanecido algum tempo a seu lado, murmurando "Mãe", ela pousava-lhe a mão na cabeça, alisava-lhe, muda, os cabelos e subitamente apertava-o contra si com tão violenta ternura que ele quase ficava com medo, ou tomava-o ao colo e começava a contar-lhe lendas e contos de gigantes e filhos de reis que, sob a bandeira de Cristo, saíam pelo mundo para combater em defesa da Verdade e da Justiça. Essas histórias comoventes ainda muito depois faziam arder-lhe as faces e freqüentemente o mantinham acordado durante a noite, enquanto visões de guerreiros com elmos dourados alternavam com as de sombrios monges descalços. Lembrava-se também que seus dois irmãos raras vezes visitavam a mãe em seu quarto e facilmente adormeciam durante suas histórias. Eram mais novos e se divertiam melhor na bonita sala de leitura do pai, com os livros de figuras e o grande globo terrestre. Por isso a criadagem também lhe chamava "os patrãozinhos", ao passo que ele mesmo tinha a alcunha de "menino da patroa". Quantas vezes sentira, amargurado, que desde a morte da mãe vivera abandonado e incompreendido na casa de seu pai.

Demorou-se tanto pelo caminho de volta, ao longo da praia, aprofundando-se em recordações da infância, que se esqueceu completamente de tudo. Quando finalmente atingiu o presbitério, viu, surpreso, que os convidados já começavam a aparecer e, se não quisesse chegar tarde demais à mesa, teria que trocar de roupa às pressas.

Quando, um quarto de hora depois, entrou na sala onde todos já estavam reunidos, foi recebido com um olhar de profundo

desagrado pelo deão que, vestindo hábito preto e solidéu, gesticulava em colóquio com dois senhores que igualmente vestiam hábitos pretos. Encontravam-se ali umas vinte pessoas, entre outros os três proprietários da paróquia, o velho professor Mortensen, o veterinário Aggerboelle e o comerciante Villing, todos acompanhados por suas espôsas vestidas de sêda. Além disso, estavam presentes seis camponeses de Vejlbj com suas mulheres, e o jovem professor assistente, Johansen. Dos moradores de Skibberup não viera nenhum, faltando também representantes dos operários de Vejlbj. Os últimos fiéis entre os operários tinham sido recentemente atraídos ao salão de reuniões do tecelão Hansen, para grande indignação do deão.

Dois dos proprietários, figuras altas e robustas, eram tão parecidos um com o outro que poderiam ser tomados por irmãos. O terceiro era um homem pequeno e gordo, com aspecto chorão e rabugente, de rosto avermelhado, onde os olhos salientes, sem côr, pareciam dois ovos estrelados boiando em gordura. O largo maxilar inferior projetava-se meia polegada para a frente, parecendo uma manjedoura, em cujas bordas crescia um mato ralo de barbiças grisalhas, acima de um enorme cavanhaque que, como um ventre franzido, pendia sôbre o pescoço. Com os braços curtos às costas, andava resmungando baixinho, perto da porta da sala de jantar, olhando, a cada instante, as horas no seu relógio.

As seis camponesas, vestidas de modo absolutamente igual, com vestidos pretos de lã e boinas com largos galões dourados, formavam uma fila muda embaixo das janelas, as mãos escuras imóveis no colo, em cima de um lenço dobrado. Pelas paredes, perto delas, achavam-se os maridos com seus costumes de burel, de aspecto não menos grave. Apenas quando o deão de vez em quando chegava até êles, dirigindo gentilmente alguma observação jovial a um ou a outro, todos ao mesmo tempo retorciam as bôcas duras como pau, em algo que pretendia ser um sorriso.

O único que se portava livremente, sem acanhamento, era o presidente do conselho, Jensen, com seu bico de peru vermelho-azulado, erguendo a voz à vontade, como um homem acostumado a mover-se nas altas rodas.

No centro da sala, sentadas nas poltronas em tórno da mesa redonda, estavam as senhoras, espalhando as longas caudas

de sêda de seus vestidos sôbre o assoalho coberto de tapêtes. Aí as bôcas trabalhavam vivamente em típica conversa, na qual ninguém sabe o que está dizendo nem o que os outros respondem. A conversação era dominada por uma das espôsas de proprietário — uma dama alta como um oficial da guarda-nacional, de cetim verde com rendas brancas — que recentemente voltara de uma viagem a Copenhague e se mostrava incansável em contar tudo o que vira.

Únicamente a pequena senhora Aggerboelle se conservava muda e olhava para a frente com fisionomia distraída, como se seus pensamentos ainda não tivessem conseguido deixar a casa e as crianças. Estava com as mãos postas no colo e parecia prestes a sucumbir de fadiga, de noites em claro. Parecia ter escolhido a propósito seu lugar atrás da gorda espôsa do professor Mortensen, para que as luzes não pusessem demais em destaque seus traços envelhecidos prematuramente e seu desbotado vestido de sêda, cujo feitio fora de moda e cintura excessivamente larga contavam a triste história da perdida beleza e mocidade. De vez em quando olhava, preocupada, para o marido que se plantara em frente à lareira, de onde olhava ao redor com atitude desafiadora, como se quisesse negar qualquer relação com o cheiro de benzina que, de seu terno prêto, muito polido e brilhante, se espalhava pela parte da sala onde êle se achava. Tinha voltado, já dia claro, de uma festa de batizado, na casa de um camponês de uma das freguesias vizinhas, e na parte glabra do seu rosto havia ainda as reminiscências da canseira noturna, na forma de manchas vermelhas afogueadas, que indicavam não ter sido a criança batizada só com água pura.

Solitário, ao lado do piano, em pose estudada, estava o jovem professor adjunto, Johansen, com uma das grossas pernas atirada ligeiramente sôbre a outra, de modo que a ponta do sapato tocava o chão. Em uma das mãos calçava luva branca e tinha um lenço enfiado entre o colête e o peito da camisa de babados. O Sr. Johansen viera à paróquia mais ou menos na mesma ocasião que Emanuel, mas bem diverso dêsse, rapidamente se tornara o deão declarado de Vejlby. Seus bastos cabelos escuros que, em ocasiões solenes, sempre estavam totalmente crespos, seu rosto de artista, gordo, pálido e glabro, seus trajes da capital e seus modos "cultos" tinham-lhe, no decorrer do inverno, assegurado acesso mesmo às residências dos proprietá-

ria, e já não se considerava inteiramente improvável que uma das jovens senhoritas da região algum dia viesse a lhe conceder mais do que sua admiração.

Pouco depois da chegada de Emanuel foi aberta a meia porta para a sala de jantar e Ragnhild entrou, convidando os hóspedes para a mesa.

Sôbre um vestido de sêda preta com fôlhas de palmeira amarelas trazia uma espécie de túnica de rendas, transparente no decote e nas mangas. Uma fina corrente de ouro, unida na frente a um fecho de opala, cingia-lhe, em quatro voltas, o pescoço alto e esbelto. Na nuca, no caracol dos cabelos castanho-avermelhados, ostentava um grande pente de tartaruga.

— Os cavalheiros queiram fazer a fineza de acompanhar suas damas! exclamou o deão, oferecendo êle mesmo o braço à dama que tinha porte de oficial da guarda, espôsa de um dos proprietários.

Entre os senhores mais idosos houve uma corrida na direção da senhorita Ragnhild. O presidente do conselho, Jensen, que lhe estava mais próximo, foi o felizardo e a conduziu, com bico erguido, para a sala de jantar. Emanuel curvava-se para a senhora Aggerboelle, que ficou de sobra, após terem os outros senhores escolhido suas damas. Os camponeses tomaram as próprias espôsas pela mão, encerrando em mudo grupo a solene procissão.

10

No centro da mesa, sob o lampião, havia um grande adorno de flôres. Nas extremidades brilhavam dois candelabros de sete velas. Em cada prato o guardanapo estava arrumado em forma de mitra, sob o qual se ocultava um pequeno pão. O banquete compunha-se de uma série de viandas escolhidas. Havia peixe em geléias de várias côres, aves recheadas, diversas espécies de saladas em grandes saladeiras de vidro azul, lagostas e sardinhas em latas, além de muitas outras iguarias. Embora nada disso oferecesse, aliás, qualquer surpresa para os presen-

tes, sendo mais ou menos sempre a mesma coisa nessas ocasiões, o aspecto festivo da mesa e o serviço extraordinariamente bonito não deixaram de causar grande impressão aos hóspedes, e no começo o jantar decorreu em religioso silêncio. Somente o pequeno proprietário gordo logo se pôs à vontade, com os cotovelos para os lados, devorando com faca e garfo tudo o que lhe chegava ao alcance das mãos. Enquanto isso, o veterinário Aggerboelle lutava corajosamente contra suas nefastas tendências.

Longo tempo ficou com o mesmo copo de vinho tinto à sua frente, nunca enchendo mais que meio copo, razão pela qual também olhava continuamente para a esposa, cheio de orgulho e satisfação. É que pelo caminho para o presbitério ele jurara solenemente, erguendo mesmo a mão ao céu, que saberia controlar-se e beber pouco, para que ela, naquela noite, não precisasse envergonhar-se dele. No começo o deão Toennesen era, por assim dizer, o único que falava, revelando-se em tudo um anfitrião amável e divertido. Zelava para que as baixelas circulassem, pedia aos cavalheiros que enchessem seus copos, contava anedotas e traía em todos os seus modos o antigo homem de sociedade, a quem a vista de iluminação festiva, de flores e damas vestidas de sêda instintivamente arrebatava e punha em ânimo alegre.

Um quarto de hora após o início do jantar ele bateu em seu copo e fez um discurso. Partindo de uma máxima de Salomão, falou em linguagem cerimoniosa da força que emana o ver-se cercado por uma roda de amigos fiéis, em situações difíceis. Expressou a esperança de que o círculo de correligionários, que no momento via em torno de si, nunca fôsse destruído "para que a paróquia continue em paz", terminando por agradecer, em palavras cordiais, a presença de todos.

Logo depois um dos altos e corpulentos proprietários ergueu-se e, num retumbante discurso, se fez intérprete dos agradecimentos dos presentes pela abençoada atividade do deão Toennesen na paróquia. Ameaçou durante um momento ir parar em uma discussão mais direta e detalhada das graves questões às quais Toennesen apenas aludira, ao atirar uma observação sobre "a tendência destruidora da época", contra a qual graças a Deus, o deão ali presente era tão sólido baluarte. Mas a esta altura embatucou, como se a sua reserva de palavras se tivesse esgotado de um momento para outro, e terminou bruscamen-

te, propondo um brinde ao deão Toennesen e à senhorita Ragnhild.

Após terem-se todos erguido e batido os copos, os ânimos se tornaram mais serenos. E quando foi trazida a sobremesa, um possante pudim ainda chamejante, a satisfação logo se transformou em alegria geral.

Foi quando soou a má hora do veterinário Aggerboelle. Aquêlê pudim era um de seus petiscos favoritos, as garrafas com os vinhos quentes já tinham começado a circular, e ainda por cima fôra êle tão infeliz que teve seu lugar diretamente em frente ao pequeno proprietário gordo como um porco, que durante todo o jantar permanecera com a mesma fisionomia rabugenta e voraz, enchendo-se, como uma tênia, de tôdas as deliciosas iguarias, de modo que Aggerboelle precisava realmente tirar os olhos dêle, para não cair em tentação. Mas agora lhe era absolutamente impossível resistir por mais tempo. Lançando um olhar desesperado e suplicante para a esposa, cortou um pedaço de libra e meia do pudim, esvaziando logo em seguida dois copos cheios de sherry, para tornar-se logo de início surdo à voz da consciência.

Em tôrno da mesa retumbavam agora gargalhadas e conversas em voz alta. Só os camponeses permaneciam sempre na mesma mudez. Um dêles, um velhote baixinho, infantil, com gengivas sem dentes, que durante todo o tempo estivera espetando medrosamente o garfo nas enigmáticas iguarias como se fôsem ratos mortos e bebericando o vinho como se fôsse remédio, sussurrou para seu vizinho, observando desanimadamente um pedaço de pudim que continuava a queimar, em chamas, no seu prato:

— Quem me dera uma fatia de bôlo de maçã, daqueles que a velha faz! Êsse negócio aí, botando fumaça, não pode ser nada bom para um estômago de camponês...

Emanuel tinha arranjado lugar em um dos lados da mesa, mais ou menos no centro. Não falara muito durante o jantar, e sua dama, tôda ocupada em prestar atenção no marido, não o animava. Esta festa, vazia e artificial, aborrecia o capelão. Ainda lhe soava aos ouvidos a palestra com o tecelão, e através da névoa amarelada das luzes via constantemente o quadro do pequeno lar camponês cheio de sol, com seu conforto simples e ingênuo e sua atmosfera tranqüila e domingueira.

Da extremidade inferior da mesa, Ragnhild tentou várias vezes atrair-lhe a atenção, para beber com êle um copo de vinho. Mas êle se esquivava propositadamente, pois de todos os presentes era ela quem menos lhe agradava. Achava seu vestido escandaloso, imodesto, e com profunda vergonha notou como o jovem professor adjunto, Johansen, que estava sentado perto dela, devorava com os olhos seu pescoço e seus braços alvos que apareciam através das rendas, curvando-se sôbre a mesa para lhe dirigir galanteios. E ela não parecia indiferente às palavras dessa ridícula caricatura de um homem da capital. Recostara-se na cadeira, lôda animada. O calor, o vinho e o ruído de muitas vozes humanas tinham-lhe feito surgir manchas hécticas vermelhas nas faces e, quando sorria, ela fechava as pálpebras numa expressão de volúpia, quase como se estivesse ligeiramente embriagada.

Instintivamente, Emanuel pôs-se a comprá-la com a mocinha camponesa, grave, sadia, de faces coradas, que vira pouco antes, e que em seu pobre vestido vermelho lhe parecia cem vezes mais bonita do que qualquer uma dessas damas enfeitadas como papagaios, em sêda e gaze. Deixando o olhar vagar por tôda a companhia, das figuras saciadas e presunçosas do deão e dos proprietários até à muda fila de camponeses, êle pensava no enorme lôgro em que, afinal de contas, havia caído. Êle, que julgara ter fugido para sempre da vida abominável da chamada sociedade culta, não fizera senão cair nos braços da caricatura dessa sociedade. Não havia ali a mesma levandade, a mesma soberbia, a mesma hipocrisia?

Terminou o jantar, e os convivas se espalharam. As damas rumaram para a sala de estar, enquanto os cavalheiros se reuniam no gabinete de trabalho do deão, para fumar.

Na porta da sala de jantar Ragnhild e Emanuel se encontraram.

— Ora viva — exclamou ela alegremente e lhe estendeu a mão. — O senhor bem poderia ter agradecido pela festa. Ou não acha, talvez que meu jantar merece louvores? E por que foi tão pouco galante o tempo todo, a ponto de nem olhar para o meu lado? Eu gostaria de ter bebido um copo de vinho com o senhor!

— Ah... Eu a vi muito bem. Mas o Sr. Johansen estava tão ocupado com a senhora que não tive coragem de tirá-la dêle.

— O pobre Johansen! — exclamou ela, rindo. — O senhor sempre tem o que dizer contra êle. Eu admito que êle é ridículo... Mas, meu Deus, assim mesmo é gente, não fala sempre de gado e preços de semente. É de fato um homem de fino gosto. Notei hoje que êle usa um perfume que não é nada mau... E me falou em Wagner e Beethoven. Que mais se pode exigir?

— Com certeza, tem razão. Também, acho que a senhorita e o Sr. Johansen combinam muito bem...

O tom na resposta de Emanuel fêz a môça franzir o cenho. Ela o encarou cheia de dignidade e altivez, e disse:

— Parece-me que o senhor está se excedendo, Sr. Hans-ted... de modo geral, tenho a impressão de que o senhor ultimamente perdeu de maneira lamentável tôda a sua antiga amabilidade.

— Provavelmente também nisso a senhorita terá razão. Eu mesmo sinto que não sirvo para esta sociedade, e justamente por isso estava agora mesmo em vias de a deixar, quando encontrei a senhora. Se seu pai perguntar por mim, tenha a bondade de me desculpar.

Cumprimentou com uma rígida cortesia e deixou a sala.

Ragnhild ficou na soleira da porta, acompanhando-o com os olhos, estatelada e muda de surpresa.

Maio chegara. Era um domingo à tarde e a casa de reuniões de Skibberup fervilhava de gente. Nos rostos — que traíam ansiosa expectativa — podia-se ver que algo de extraordinário estava para acontecer. Tratava-se de fato, de um dia memorável na história do lugar, pois o orador que se esperava era nada menos de que o capelão do deão Toennesen, o padre Hansted.

Todos os lugares na extensa sala semi-escura — um antigo depósito — estavam ocupados, e nas janelas abertas amontoavam-se grupos de homens e rapazes que, com seus corpos, obstruíam a luz do dia. Ouvia-se em toda parte um vivo borborinho de vozes altas e alegres. Logo se notava que a reunião não era de camponeses de Vejlbj, pois embora a distância entre as duas vilas não passasse de meia milha bem medida, os habitantes de Vejlbj e Skibberup eram tão diferentes entre si como se não pertencesse à mesma região do país. Essa diferença não era simples casualidade; existia em virtude da localização diversa das duas vilas, e se acentuara no decorrer do tempo por causa dos hábitos de vida da população. Enquanto os pacíficos camponeses de Vejlbj, desde a mais remota antiguidade, tinham-se ocupado exclusivamente do amanho de suas extensas terras de cultura e da colheita de cereais, Skibberup era inicialmente, e em parte ainda hoje, uma comunidade de pescadores que tiravam do mar seus meios de subsistência. Ainda há algumas gerações os habitantes de Skibberup consideravam a cultura de suas terras como ocupação suplementar, secundária, deixada ao cuidado das mulheres, enquanto os homens se aventuravam pelos fiordes próximos ou longínquos, indo a terra ao longo do vasto litoral para vender o produto da pesca.

Numa das extremidades da sala erigira-se uma simples tribuna, atrás da qual a grosseira parede do velho celeiro, de argila crua, estava coberta pela bandeira dinamarquesa, disposta de maneira que a cruz branca ficara em posição vertical no pano vermelho. As fileiras de bancos na frente da tribuna estavam praticamente ocupadas só por mulheres, ao passo que os homens ficavam no fundo da sala e ao longo das paredes, em ambos os lados.

Na reunião, Else Anders Joergen e sua filha Hansine eram objeto de especial atenção. Tinham tomado lugar em uma das fileiras centrais. A figura cheia de Else Anders Joergen, com seus olhos claros, salientes, os cabelos côm de aço e a grande boina de tecido dourado, da qual duas largas faixas de sêda vermelha pendiam para um lado, teria atraído a atenção em qualquer parte; mas o principal motivo da sensação que ela causava era a circunstância que se tornara conhecimento geral, de ter sido em sua casa que o capelão e o tecelão Hansen haviam tido os seus encontros, preâmbulo do grande acontecimento do dia.

De certo modo julgava-se mesmo dever a Else a feliz conclusão do assunto. Não tendo ela estado presente por ocasião do primeiro encontro entre o capelão e o tecelão Hansen, em sua casa, e sabendo, ao voltar, do seu infeliz desfecho, resolveu procurar por conta própria o Sr. Hansted — por quem conservara, apesar de tudo, inabalada simpatia desde que se tinham encontrado, da primeira vez, junto à cama da filha doente. Logo no domingo seguinte abordara-o após o serviço sagrado, fora da igreja, e lhe pedira que renovasse, na primeira ocasião, sua visita, "para encontrar bons amigos que muito lhe desejavam falar". Hansted aceitara com satisfação seu convite e, como ela de antemão se assegurara da presença do tecelão Hansen e de alguns outros homens preeminentes da vila, pôde assim finalmente realizar-se uma séria troca de idéias entre o capelão e a comunidade.

As repetidas visitas do Sr. Hansted à casa de Anders Joergen davam ensejo a que as amigas de Hansine motejassem dela o do seu secreto amor pelo capelão, desde a primeira vez em que o vira, embora ela protestasse vivamente e até se zangasse com tal insinuação. Como se quisesse provar ainda mais sua inocência, vestira-se ela hoje, em contraste com a maioria das

môças na reunião, com excessiva simplicidade; seu vestido de mescla verde-escuro não tinha enfeite algum.

Mesmo assim Hansine tinha bom aspecto. Não era sem motivo que a contavam entre as môças bonitas do lugar, apesar da ligeira desproporção entre a parte superior do rosto com as escuras sobrancelhas que se tocavam, os olhos graves e profundos, e a forma ainda infantil da parte inferior. Seu porte erecto, quase forçado, dava agora à sua figura pequena e cheia uma expressão de segurança e vigor; não tomava parte nem escutava as conversas acaloradas e vivas das mulheres ao seu redor. Essa falta de interêsse era traço tão conhecido nela que não mais causava admiração. A expressão engraçada e grave com a qual, em criança, reagia a tôda tentativa de aproximação de estranhos, quer fôssem amáveis ou severos, já então divertira a todos. Mas seu retraimento se retornara sobretudo notável desde que, havia alguns anos, cursara uma escola superior popular, o que lhe possibilitara a participação numa "reunião de amigos" em Copenhague, onde, entre outros, o velho Grundtvig em pessoa tinha falado pela última vez. Desde êsse tempo era raro vê-la longe da casa e dos campos de seu pai, e ela mantinha-se, principalmente, afastada dos divertimentos, então ainda muito livres, em que a mocidade do lugar empregava as suas horas de folga aos domingos e nas claras noites de verão. No entanto, sempre costumava cantar quando trabalhava no curral e na cozinha, ou ia, com as latas de leite, pelo longo caminho através dos campos.

Entre os moradores da aldeia, essas peculiaridades eram às vêzes motivo de gracejos, mas não constituíam lá grande atração. Ela ainda era quase uma criança, tinha apenas dezenove anos, e, além disso, êsses modos esquisitos não constituíam novidade, já haviam sido observador em outras môças da região que tinham freqüentado tais escolas. Sabia-se que sempre demorava um pouco até que as mocinhas se adaptassem de nôvo à vida muito regulada, monótona, de todo o dia, na zona rural.

No entanto, já eram cinco horas, e o capelão ainda não aparecia. Na roda de homens chefiada pelo tecelão Hansen, que se formara junto à porta de entrada para o receber, começou a se manifestar certo receio. Sabia-se que nos últimos tempos existia uma situação muito tensa entre o deão Toennesen e o capelão, por haver chegado ao conhecimento daquele a aproximação dêste com Hansen e outros preeminentes moradores de

Skibberup. Temiam, pois, que Toennesen, apesar de tôdas as medidas de precaução, houvesse sabido com antecedência da reunião, tendo, no último momento, proibido o Sr. Hansted de comparecer.

2

Finalmente uma figura solitária surgiu nas colinas da praia. Era Emanuel. Trazia no braço um sobretudo claro, de verão, e descia a passos rápidos para a cidade. Quando divisou a multidão que esperava fora da casa de reuniões, apressou-se mais ainda, e alguns minutos mais tarde aparecia junto à porta de entrada. Suas faces estavam pálidas, apesar do calor e da marcha, com traços de nervosa inquietação. Cumprimentou distraidamente, com mudos apertos de mão, o tecelão Hansen e alguns dos homens que estavam por ali, entrando logo em seguida no salão.

A conversa cessou no momento de sua chegada. Em torno, ao longo das paredes, todos esticavam o pescoço para o ver. Com seus longos braços simiescos, o tecelão Hansen lhe abria caminho através da multidão, conduzindo-o à extremidade do salão, onde lhe ofereceu o lugar de honra, uma velha cadeira de vime com assento esburacado. Após a troca de algumas palavras entre êles, o tecelão subiu à tribuna e puxou do bolso um livro de hinos. Com o livro entre as mãos ficou alguns instantes mudo, correndo os olhos por toda a sala de reuniões, enquanto seu rosto se iluminava num sorriso astuto e triunfante, dedicado ao deão Toennesen, sorriso que foi respondido por compreensiva alegria pelos homens nas janelas e nos fundos do salão.

Por fim, disse num tom inocente:

— Então, meus amigos, seria bom começarmos com uma canção! O Sr. Pastor Hansted não tem desejos especiais neste sentido, de modo que poderemos escolher à vontade. O que vamos cantar?

Diversas canções foram sugeridas pelo povo ali reunido. Finalmente concordaram em cantar "Para a frente, camponês!"

— Sim, é isso mesmo que vamos cantar — disse o tecelão, com novo sorriso. — É uma canção que nos serve!

Ele mesmo deu o tom, com sua aguda voz de falsete, e logo as vozes ecoaram, ensurdecedoras, de todos os lados. Não era cantar; era um grito selvagem sem orientação, um embriagar-se na própria força dos pulmões que ameaçava partir os tímpanos.

Emanuel tomara lugar na cadeira de vime, curvado, de pernas cruzadas, passando freqüentemente a mão pelos cabelos. Não tomava parte na canção, e não se sentia muito à vontade. O salão sombrio, os olhares interrogativos que o procuravam de todos os lados quando ele erguia a cabeça, as prosaicas palavras de introdução do tecelão e a canção barulhenta, sem melodia, o deixaram durante algum tempo desorientado.

Além disso, torturava-o o fato de, por uma infeliz casualidade, não ter podido comunicar ao deão a sua resolução de ali usar da palavra. Por prudência, deixara de fazê-lo até o último momento e pedira a Hansen não tornasse pública a realização da reunião, para que esta adquirisse o menos possível o caráter de um desafio. Mas quando ele, pouco antes de deixar o presbitério, procurara o deão para lhe falar sobre o assunto, este por acaso havia saído meia hora antes, para visitar um dos pastores vizinhos. Achara então mais acertado pelo menos comunicar sua intenção à senhorita Ragnhild que, no entanto, mostrou muito menos admiração do que ele esperava. Ela ouvira da velha criada alguma coisa do que se contava pela paróquia a respeito do capelão, e além disso certas palavras deste, nos últimos tempos, a tinham feito imaginar o que se estava passando.

Mas se a admiração de Ragnhild não fôra grande, a de Emanuel foi tanto maior ante os modos rudes da moça que lhe dissera sem rodeios sua opinião:

— O senhor, com toda sua timidez, é incrivelmente leviano. Atira-se cegamente a algo que nem sabe o que é, só por não se sentir satisfeito com as condições atuais. É naturalmente tempo perdido tentar fazê-lo criar juízo. Mas assim mesmo não quero deixar de pedir-lhe. Sr. Hansted, que pense seriamente nas conseqüências que tal passo pode ter para o senhor... e para nós. Sabendo o senhor — e o sabe muito bem! — de que maneira esse tecelão Hansen e seus seguidores se portaram com papai, seria de crer, aliás, fôsse supérfluo lhe chamar a atenção para o quanto qualquer amizade com essa gente deve parecer — para me exprimir delicadamente — esquisita, sim, imprópria... e na realidade o é!

Sem dar-lhe tempo para responder, ela lhe virou as costas e deixou a sala.

Essas palavras, e sobretudo o tom no que foram proferidas, afastaram o último véu dos olhos de Emanuel. Ele não ignorava o que poderia resultar, no presbitério como em outros lugares, de seu aparecimento na sala de reuniões. Achava-se principalmente convencido de que seus dias como capelão do deão Toennesen estariam contados, após seu procedimento. Acreditava porém que se iriam, pelo menos, respeitar suas sinceras convicções e alimentava ainda a leve esperança de que a tempestade terminaria num acôrdo harmonioso. Mas agora ele compreendia que toda e qualquer tentativa para um entendimento seria infrutífera, e justamente por isso lhe era duplamente desagradável ter que silenciar perante o deão sôbre sua decisão, o que poderia ser interpretado como covardia. Sentia, porém, mais forte o desejo de quebrar sèriamente com seu passado e tornar-se livre. Mesmo naquele momento, em que o desconforto da sala escura e a pouca solenidade da reunião lhe haviam tirado a boa disposição de espírito, ardia de impaciência por chegar a uma decisão, após quebrar a ponte atrás de si, e empreender os passos que colocariam sua situação acima de qualquer dúvida.

Assim que a canção terminou, levantou-se e subiu à tribuna.

3

Propositadamente não preparara, de antemão, o discurso. Ia confiar no impulso do momento e dizer o que lhe ditasse o coração na hora de se dirigir ao público. Assim mesmo não estava desprevenido. Ocupara-se diàriamente com o assunto sôbre o qual falaria. Ia seguir a sugestão do tecelão Hansen por ocasião de seu primeiro encontro, isto é, ia falar de si mesmo. Tentaria, em largos traços, descrever a vida de um filho da grande cidade, durante a adolescência, e as impressões sob as quais o mesmo se desenvolve, para assim deixar transparecer as condições e as influências que tinham sido decisivas para

a sua própria vida e que por último o haviam levado à encruzilhada na qual agora se achava.

Começou contando uma pequena história. Era o conto da jovem princesa que, recebendo certo dia, de um pretendente, uma flor muito bonita, logo ficou encantada com ela e quis prendê-la ao peito. Mas descobrindo que a flor não era uma artística imitação da natureza, feita de sêda e penas coloridas, mas uma rosa verdadeira, viva, atirou-a longe, ofendida; mandando sua camareira varrer imediatamente aquela nojenta flor de camponês.

Esse conto — disse êle — lhe parecia, adaptando-o à época presente, conter uma profunda e triste verdade. É que em nossos dias não somente as jovens princesas mimadas assim rejeitavam zombeteiramente as vivas flôres da existência... Não, tôda a chamada cultura moderna, tal como florescia principalmente nas grandes cidades, era uma tendência propositada, consciente, de falsificar os bens terrenos de Deus, uma tentativa soberba de transformar ou, como se dizia, desenvolver e aperfeiçoar a obra do Criador aqui na terra, e criar uma ordem universal feita segundo a pobre razão do próprio homem. Era preciso pensar em como os homens nas grandes cidades do mundo se amontoavam às centenas de milhares e, com pó de carvão, com altos edifícios e chaminés ofuscavam a luz e o sol de Nosso Senhor... e logo se via como tôda essa sociedade era construída contra as leis da natureza.

— E assim mesmo — continuou êle — êsse é ainda o lado menos essencial, é o lado externo da vida. Se olharmos um pouco mais profundamente nas condições modernas, se procurarmos a vida íntima atrás da feia máscara, que veremos então? Veremos a humanidade dividida por um enorme abismo que separa não os bons dos maus, os filhos de Deus dos escravos do pecado, não, mas os ricos dos pobres; os que vivem na fartura, dos indigentes, dos sofredores. De um lado, encontramos a grande multidão na labuta e na penúria; do outro, um círculo privilegiado em ociosidade e abundância. Acolá reina o frio, a escuridão e a ignorância; aqui, a luz, a pompa e a saciedade espiritual. Assim é que a cultura de nossos dias pôs em execução a lei de Cristo sôbre a fraternidade entre os homens! Assim realizou a grande mensagem de amor ao próximo! E quanto mais alto se eleva a cultura numa sociedade, tanto mais se alarga a brecha, tanto mais terrivelmente brada a miséria de um lado, e do outro tanto mais ousadamente se porta a leviandade... até

que nós, nas grandes cidades de milhões de habitantes, veremos os chamados centros culturais, veremos toda a sociedade em atarantada dissolução moral e ouviremos as vozes dos dois lados — fundirem-se em um só grito uníssono: o grito do moribundo clamando por ar!

Rapidamente seu ardor atingiu o auge. Notou que estava mergulhando irrefletidamente em um ramo de idéias que antes deveria figurar como conclusão de seus argumentos. Mas sentia um ímpeto de logo tornar claro ante os ouvintes seu ponto de vista, um desejo ardente de proclamar em público, sem restrições, o seu modo de encarar a vida, a que chegara após a solidão e as reflexões dos últimos meses. Quando começou a falar em seu antigo ponto de controvérsias, era como se uma tempestade se apoderasse de seus pensamentos. As palavras lhe escapavam dos lábios com uma rapidez e um arrebatamento dos quais ele mesmo se admirava.

Sentia bem que era a seta envenenada nas palavras de Ragnhild que ainda lhe feria o coração, mantendo ativo seu ardor, o desafio aberto da moça que lhe arrancava essa ousada manifestação. Depois, havia ainda o solene silêncio em torno dele, as longas fileiras de cabeças que escutavam, tensas, estendendo-se até à escuridão do distante fundo da sala. Ali ele não sentia, como na igreja, uma barreira de frio entre si e o auditório. Pela primeira vez soube o que é ter os pensamentos de centenas de pessoas dominados pelo poder de sua palavra, centenas de olhares presos aos seus lábios.

Passou então para um tom mais ligeiro, descrevendo minuciosamente a vida de um lar em boa situação na Capital.

Tentou primeiro dar uma idéia da estafante agitação que, da rua, das casas comerciais, dos cafés, penetra até na intimidade dos lares. Mencionou a inquieta sucessão de visitas mútuas, a incansável caça a vantagens e delícias — todo o absorvente turbilhão da vida social.

— Nessa atmosfera febril — continuou ele — desenvolve-se a mocidade. Cercada por essa leviandade, esse orgulho e essas frivolidades, as crianças recebem as primeiras impressões profundas, que são de tão relevante importância para a vida futura. Já muito pequenos aprendem a hipocrisia da sociedade e cingem ao rosto a máscara da vida social, são apresentadas após os jantares como uma espécie de sobremesa, enfeitadas como anjos de confeitaria, com vestidos engomados e cachos artificiais. Trata-se de acostumar em tempo os jovens ao uniforme

e à disciplina. Há tanta coisa para reprimir, domar, cortar, polir, quebrar em pleno desenvolvimento, antes que uma criança saída da oficina de Deus se torne um apresentável homem de 'salão! Ainda antes de lhe terem ensinado a rezar o Padre-Nosso, ensinam-lhe conscienciosamente os costumes da sociedade como em um catecismo — e aqui a escola anda de mãos dadas com os lares. E a revista de modas que se tornou a bíblia dessa sociedade. A etiquêta é seu mais elevado código moral. Devemo-nos, então, admirar dos resultados? Vejam êsses moços, homens em vias de se formarem, êsses jovens destinados a ser, no futuro, os professores, os dirigentes e os juizes das grandes massas populares! Antes de atingirem a idade de vinte anos, abandonaram, na sua maioria, tôda e qualquer aspiração mais elevada e nobre, tiraram de si tôda a fé nas potências verdadeiras — esteios da vida. Só aprenderam que a sociedade dêdes exige um exterior impecável, um porte correto, um sorriso amável; que um peito de camisa engomado é o escudo que os torna invulneráveis na luta pela vida; que cabelos bem penteados, roupas elegantes e um bigode torcido são os meios dos quais se necessita, de preferência, para se assegurar um belo e brilhante futuro! Um "jovem prometedor" é como se denomina quem mais facilmente aprende a hipocrisia da sociedade, ao passo que "a vergonha da família" é o nome daquele cuja natureza se revolta contra essa ordem de sociedade, defendendo-se com unhas e dentes contra o veneno que o mundo ao redor dêle instila diariamente em seus olhos e seus ouvidos.

Interrompeu-se, notando que amargas recordações de seu próprio lar começavam a dominar-lhe os pensamentos; quis parar um instante para conter-se, obrigar-se a falar calmamente. Mas, puxando o relógio, verificou, surpreso, que o tempo fugira. Tinha falado durante quase hora e meia.

— Aqui terei que fazer ponto — disse êle, um pouco embaraçado. E, embora se protestasse de todos os lados, vivamente, pedindo-lhe que continuasse, decidiu terminar.

— Creio assim mesmo que é melhor parar... Não poderia dizer-vos tudo o que gostaria, mas se concordarem em nos reunirmos aqui num outro domingo, poderemos então continuar.

— Sim... sim... — gritaram de todos os lados.

Mandem-me chamar, que estarei sempre às ordens. Mas, hoje, antes de terminar devo acrescentar ainda algumas observações pessoais. Quem, como eu, saiu das condições que tentei descrever, sente imensa gratidão para com aquêles que na

juventude, vigilantes, a seu lado mostraram as luzes que amenizam a escuridão e indicaram o caminho que passa por cima de todos os abismos. Eu segui êsse caminho e vim assim parar em vosso meio. O que eu poderei levar a cabo entre vós só Deus sabe. Mas sinto grande desejo de vos dizer que, seja qual fôr minha posição futura aqui na paróquia — e o dia de hoje possivelmente trará modificações —, assim que nos conhecermos e nos compreendermos melhor, tenho a certeza de que nossa vida comum se tornará feliz e abençoada por Deus. Se a hora presente tiver contribuído para criar um mais perfeito contato entre nós, minha finalidade está alcançada.

Fêz uma ligeira reverência e desceu da tribuna.

4

Um sussurro prolongado de vestidos e de respiração contida passou pela sala quando Emanuel parara de falar. Estavam todos arrebatados de alegria e surpresa. Nem os mais arrojados tinham-se atrevido a esperar linguagem tão espontânea. Mas as alusões nas últimas palavras do capelão atiraram uma vaga sombra nos ânimos alegres. Apenas a muito poucos ocorrera que essa sessão talvez pudesse ter conseqüências de grande alcance.

Todos olharam para o tecelão Hansen que, de fato, ergueu sua longa figura desengonçada da extremidade de um banco na primeira fila e subiu lentamente para a tribuna. Com poucas e sêcas palavras interpretou os agradecimentos das pessoas ali reunidas pela "fala instrutiva", perguntando em seguida aos presentes, segundo o costume dessas reuniões, se alguém desejava fazer observações referentes ao discurso pronunciado, "... isto é, se o Sr. Pastor nada tem a opor..." — acrescentou, voltando-se sorridente para Emanuel, que meneou a cabeça em muda negativa.

— Bem, então o debate está aberto! — disse êle, com um movimento de mão que abrangia a sala tôda, e desceu da tribuna.

No mesmo momento alguém se lançou de um dos bancos do meio. Era uma mulher pequena, feia, pobremente vestida, cujo aparecimento logo despertou geral inquietação. Alguns começaram a impor silêncio e a gritar para que ela se sentasse. Mas a mulher estava evidentemente acostumada a aparecer em público e a encontrar oposição. Sem se incomodar absolutamente com os gritos, ela abriu suas terríveis gengivas, completamente desprovidas de dentes e com uma voz quase inaudível, que lembrava o miar de um gato dentro de um saco, e muitos gestos bruscos de suas garras, lançou longa série de perguntas ao capelão, que ela chamava obstinamente "o último respeitável orador".

Tudo o que o capelão disse hoje aqui, começou ela, estava muito bonito e muito certo. Porém ela gostaria de perguntar ao último respeitável orador o que êle achava da lei de impostos e da nova legislação escolar. Gostaria de perguntar, também, qual a posição do respeitável orador quanto ao direito de voto das mulheres, e se êle julgava justo que um homem, dono de quatorze vacas, negasse ao seu camarada o uso de um pedacinho de pasto numa vala de beira de estrada. Queria ainda saber a opinião do respeitável orador sobre a doutrina da danação, sobre a causa da paz e o amparo à velhice...

A agitação na sala aumentou. Todos os olhos se voltaram novamente para o tecelão que, no entanto, parecia todo absorto a contemplar alguma coisa interessante na sola de um de seus sapatos. Só quando os gritos de silêncio se tornaram de tal forma generalizados que sobrepujavam completamente a voz da mulher, êle ergueu os olhos, como que surpreso; sorriu, depois, largamente e se pôs de pé.

— Ouça, Maren Smeds, não é melhor guardarmos tudo isso para outra vez? Parece-me que não devíamos desfazer a boa impressão da fala do Sr. Pastor com tanta conversa logo em seguida.

— Apoiado, apoiado! — gritaram de todos os lados.

O tecelão, que talvez quisesse ter acrescentado mais alguma coisa, deteve-se súbitamente e sentou-se. Ao mesmo tempo Maren Smeds foi puxada pela saia por meia dúzia de mãos, de modo que caiu no banco com forte baque, como uma boneca de pau.

Emanuel, que se tinha levantado, contemplando sem compreender a mulher que falava e os que impunham silêncio, re-

cebeu de alguém a seu lado algumas palavras de explicação e tornou a sentar-se.

Nisso, houve agitação lá para os fundos da sala. Um homem no último banco ergueu-se de um salto e em voz alta pediu a palavra.

Era a grande figura de *viking* que Emanuel já algumas vezes encontrara em seu caminho, a primeira delas como chefe da turma dos removedores de neve — naquela noite durante a viagem de trenó.

Como uma voz que ressoava no salão qual uma trombeta, êle disse:

— Permitam-me também agradecer ao Sr. Pastor Hansted pelo que ouvimos dêle hoje... porém mais ainda por êle se achar aqui presente. Creio que todos podemos agora dizer que encontramos o homem que queríamos ter em nosso meio, e que não nos enganamos quando ficamos satisfeitos ao saber quem seria nosso capelão aqui na paróquia. Pode ser que antes não estivéssemos bem esclarecidos sôbre o caso, pelo que peço que o capelão nos desculpe: mas hoje tivemos os olhos abertos para quem êle é, e lhe somos muito agradecidos.

— Apoiado! Apoiado! — vinham as vozes dos moços nas janelas, cheias à cunha, e dos homens ao longo das paredes, enquanto as mulheres acenavam em sinal de aprovação.

— O que quero dizer ainda é que, se por motivo do dia de hoje o capelão tiver encrencas e aborrecimentos, lá em cima... Bem! Há lugar para um pastor aqui também, entre nós! Se o Sr. Hansted tiver embaraços, não é, amigos? — estamos todos aqui às ordens, com braços abertos, e o receberemos com um poderoso *hurrah!* Vamos dar a nossa palavra de honra de que assim há de ser?

Um só grito retumbante de aprovação partiu de todos os lados, das janelas e das paredes, até mesmo das mulheres. Era como se uma bomba tivesse estourado. Um estrondo ergueu-se do povo reunido, e em uma das janelas alguns rapazes juntaram suas vozes em "vivas" entusiastas ao capelão.

Emanuel pôs-se de pé ao lado da tribuna. Sua expressão mostrava que também nêle a trombeta guerreira do *viking* despertara grande emoção. Imediatamente fêz-se silêncio. A princípio parecia estar lutando consigo mesmo; depois, falou com voz baixa mas firme e clara:

— Eu vos agradeço por vossa solidariedade, amigos! Ela me dá satisfação e confiança. Ninguém sabe o que o futuro po-

derá trazer, mas eu nada mais temo. E elevando a voz acrescentou, enquanto suas faces coravam súbitamente: — Conheço agora meu caminho, e mesmo se eu encontrar resistência ou até luta, nada me deterá, podeis estar certos! E agradecendo a todos pelo dia de hoje, quero terminar pedindo que vos unais comigo numa prece. Vamos cantar nosso antigo e lindo salmo:

“Tudo está na paternal mão de Deus!”

O hino foi cantado, e ainda outro, e depois disso diversas pessoas queriam que se cantasse outro ainda, mas aí o tecelão Hansen se ergueu e declarou definitivamente encerrada a reunião. Passava muito das sete horas. Na sala a escuridão era quase completa, e o ar estava abafado. Tornou-se um pouco mais claro quando os rapazes saltaram das janelas, alguns para fora, outros para o interior. Na luz vermelha do sol poente a reunião se desfez e todos procuraram a porta de saída.

Ao retirar-se Emanuel foi cercado pela multidão; todos queriam apertar-lhe a mão e agradecer-lhe. Sentia-se arrebatado por aquelas demonstrações de gratidão. Havia um murmúrio de contentamento e admiração em torno dêle: “Que môço distinto!” — “Parece mesmo um santo homem!” — “É tão bom e piedoso!” — “Dizem que lembra muito a mãe!”

Perto da entrada, Else também se aproximou e tomou-lhe, comovida, as mãos, enquanto lágrimas de felicidade brilhavam-lhe nos olhos claros. Êle disse sorrindo: — Eu é que agradeço, Else! E olhou em torno, procurando Hansine.

Ela porém não estava por ali.

Êle não duvidava, no entanto, de que a môça estivesse por perto, e em meio a tôda aquela alegria sentiu-se um pouco desapontado por não poder, nessa hora significativa, apertar também sua mão.

No mesmo momento o *viking*, com um rude apêto de mão e um sorriso franco que lhe descobriu as fileiras de dentes alvos e brilhantes, se apresentou como Nielsen, o carpinteiro. Após Emanuel agradecer pelas suas palavras na reunião, assim falou:

— O Sr. Padre gostaria talvez de ir conosco até à praia? Ali, com tempo bom, costumamos reunir-mos após as sessões para cantar um pouco e conversar à vontade. E a noite está uma maravilha, uma dessas noites de verão que Deus Nosso Senhor nos manda, como dizemos aqui. Ficariamos todos muito contentes se o Sr. Pastor nos honrasse com sua presença.

Emanuel aceitou com prazer o convite. Não sentia vontade alguma de deixar seus novos amigos e voltar para casa, para o presbitério.

Logo se murmurou, de grupo em grupo, que o capelão queria acompanhá-los à praia. A notícia pôs em grande atividade os que tinham alguma coisa para cuidar em casa antes de poderem sair — crianças para amamentar ou forragem para o gado. Mesmo o velho Erik foi visto, capengando com sua muleta de domingo; lá do outro lado do grande açude, sôbre o qual ardia um céu de fogo, êle ia às pressas para casa, tratar de seu gato.

Um bando de môças e rapazes já estava a caminho do lugar de encontro na praia do norte, as môças na frente, de braço dado, cantarolando; os rapazes, aos magotes, atrás, com seus cachimbos e charutos acesos. Depois vinham os mais velhos, quase sempre aos pares, andando penosamente pelo íngreme atalho que conduzia por cima das altas colinas da praia.

Ao lado de Emanuel iam dois homens já idosos, pequenas figuras muito vivas, típicos habitantes de Skibberup, com longos braços pendentes para adiante e pernas curvas jogadas, ao andar, de maneira característica. Ambos eram pessoas preeminentes do lugar e procuravam com muitos rodeios cautelosos, tossindo e pigarreando, fazer Emanuel pronunciar-se mais claramente sôbre a atitude que seria de esperar por parte do deão em face de "tôda essa hstória encrencada", e como êle, Hansted, imaginava o futuro.

Emanuel procurava porém fugir ao assunto. Necessitava de descanso para serenar o espírito e queria, durante curto espaço de tempo, fruir sua aventura e a sensação de liberdade, sem ser importunado. A noite lhe parecia linda demais para se ocupar de planos belicosos. Era como se a própria natureza recomendasse uma trégua, um período de paz e harmonia. Parava muitas vêzes e olhava ao redor manifestando, numa exclamação entusiasta, a sua admiração pela verde paisagem primaveril. Todo o céu era uma harmonia de garridas côres; toda a terra, gerando a vida em seu seio profundo, revestia-se de púrpura e abandonava-se ao sonho... Não havia a mais leve brisa

nem se ouvia o menor ruído. Só bem no alto, sob o céu afogueado, uma cotovia invisível, despedindo-se do sol, cantava. Era o único som dentro da infinda quietude, uma única nota trêmula, ao mesmo tempo próximo e distante, lembrando o cintilar de uma estrela solitária...

Chegando ao topo da colina viram, a apenas algumas centenas de passos, a caravana dos moços que se detivera em um trecho de campo marchetado de flores, ao lado do caminho, mas que agora continuava a andar. Ouvia-se o canto dos que iam à frente.

Súbitamente Emanuel teve um ligeiro sobressalto. Entre os últimos do grupo, vira aquela que procurara o tempo todo: Hansine.

Ela ia de braço dado com uma moça ruiva, alta e robusta, na qual reconheceu Ane, filha adotiva do guarda-florestal e amiga de Hansine, que ele costumava ver na igreja em sua companhia. Ela dava o outro braço a uma menina pequena e franzina, com um vestido preto comprido demais e um modo de andar semelhante ao de um rapaz. Ane trazia sobre os cabelos ruivos um minúsculo chapéu de palha claro com fitas escocesas, que parecia feito para uma criança. Seu vestido era de droguete verde-escuro, semelhante ao de Hansine, e no pescoço tinha um lenço amarelo que pendia em triângulo sobre as costas. Hansine usava um chapéu de palha escuro, baixo, de abas largas, com fitas pretas que pendiam quase até à cintura, e não tinha lenço no pescoço. Seu cinto de couro polido era sinal característico das alunas das escolas superiores. A menina tinha um xale preto com franjas e chapéu de inverno com verdes cachos de uva.

Parecia que a filha do guarda-florestal havia detido as duas para lhes confiar uma novidade importante. A menina curvava o corpo para a frente de modo que formara quase um ângulo reto com as pernas, e olhava bem no rosto da amiga, como se lhe absorvesse avidamente as palavras. Hansine porém parecia não lhe dar grande atenção. Ia olhando para o chão, um pouco para o lado, como se quisesse ocultar das outras a sua distração. Quando, à beira do caminho via uma flor que podia alcançar sem soltar o braço da amiga, ela se curvava e a colhia.

Os pensamentos de Emanuel, embora não o confessasse nem a si mesmo, ocupavam-se continuamente com a moça que ele ainda mal conhecia. As poucas vezes em que lhe dirigira a palavra bastaram para que ela se tornasse retraída e taciturna,

mal respondendo às suas perguntas. Mas havia nessa atitude entre tímida e altiva algo que lhe despertava a fantasia e o fazia supor uma nobreza de alma, uma profundidade de sentimentos primitivos que a elevavam cada vez mais aos seus olhos sempre que a via de novo. A influência que ela exercia em sua vida já ia além do que êle mesmo ou outros imaginavam. Uma noite a encontrara por acaso na rua em companhia da mãe, e as acompanhara por um trecho do campo. Falaram sobre sua estada na escola superior, e êle escutara admirado o que elas diziam a respeito dessas instituições de ensino que nos últimos anos tinham conseguido tão vasta difusão pelo país e que êle tanto em Copenhague como no presbitério ouvira criticar acerbamente. A vivacidade audaz, quase desafiadora, e o entusiasmo de Hansine, habitualmente tão lacônica, lhe tinham causado profunda impressão e contribuído, tanto como os brandos esforços de persuasão da mãe e as astutas tramas do tecelão Hansen, para a grande decisão de ir falar na sala de reuniões.

Emanuel tentou apressar os passos de seus companheiros para alcançá-la, cumprimentá-la e possivelmente observar qual a impressão que seu discurso lhe causara. Mas não havia meio de tirar de seu andar vagaroso os dois velhos camponeses, aos quais se tinham juntado várias pessoas interessadas, antes que alcançassem as três mocinhas, estas desapareceram pela última rampa íngreme.

Alguns minutos depois, também Emanuel e os homens que o acompanhavam chegaram ao lugar de reunião.

Este era um semicírculo coberto de areia que, começando na beira da água, se alargava intercalando-se entre as altas escarpas dos rochedos. O recanto era conhecido entre o povo da região como "a igreja", pois afirmavam que era parecido com o côro. Um velho barco pintado de piche estava deitado na praia, e nêle as moças tinham tomado lugar, nos bancos de voga e ao longo da amurada, enquanto os rapazes ficaram estirados ao redor, na areia. Hansine e suas amigas se haviam sentado na proa que estava voltada para o fiorde, onde batiam ainda ondas um pouco agitadas, reminiscência da tempestade dos últimos dias. Em nítidos contornos suas silhuêtas se desenhavam na água inquietada, onde os últimos raios do sol punham tintas purpúreas, fazendo aparecer faixas sanguíneas entre as vagas azul-escuras.

Aos poucos vieram também os demais componentes da comitiva e tomaram lugar nos penedos. Por último, recebido com júbilo, apareceu o velho Erik, apoiado em sua muleta, capen-

gando pela rampa abaixo com um sorriso feliz, a perna torta, com o pé doente tão cheio de ataduras que parecia uma criança recém-nascida envolta em faixas.

O velho era o orgulho e o favorito da aldeia, mimado por todos, e sua história era, em linhas gerais, a história de toda a paróquia. Até aos sessenta e cinco anos o velho Erik tinha sido o mais famigerado brigão e pau-d'água das redondezas, andava sempre bêbedo, as mais das vezes terminava estirado na beira da estrada, vivendo quase só do que roubava pelos quintais. Mas desde que o tecelão Hansen soubera despertar os camponeses para uma nova vida intensiva e espiritual —, e possivelmente também por ter sido na mesma ocasião mutilado em uma briga, ficando inválido — ele de um momento para outro se tornou um homem diferente; vivia agora pacificamente na companhia de um gato amarelo e era recebido e venerado em todos os lugares como vivo testemunho do poder maravilhoso do novo rumo de idéias.

Emanuel se separara de seus companheiros e sentara-se numa saliência mais acima, na encosta. Queria estar um momento só com seus pensamentos.

De onde estava, ele via o resto da gente descer lentamente para a praia, de dois em dois, sempre mulher com mulher e homem com homem; via-os parar um momento ao pé do atalho íngreme, como que deslumbrados pelo brilho ofuscante que vinha do céu e do mar, procurando em seguida um lugarzinho nas escarpas para se sentarem. Naquele momento não lhe parecia nada absurdo o nome de "igreja", com que a população batizara o lugar. Ele mesmo tinha agora a impressão de estar contemplando um séquito de fiéis a caminho da igreja, e não se lembrava de ter visto procissão mais solene. Finalmente toda a paróquia ali estava reunida, em longas filas, ao redor das escarpas em forma de terraços. As mulheres vinham primeiro, mais embaixo, com as barras das saias unidas no colo, o lenço entre as mãos, algumas de grandes coifas de missa, outras com magníficas boinas douradas na cabeça, que à luz fugidia da tarde brilhavam como auréolas. Nas filas opostas estavam os homens, com os braços pesadamente apoiados nos joelhos. E bem ao alto, as crianças, deitadas em grupos, com o queixo nas mãos, olhando para baixo, parecendo anjos em repouso, entre nuvens —, como nos antigos quadros de altar.

A impressão de estar-se numa igreja aumentou ainda mais quando se fez silêncio em torno, nas escarpas. As mocinhas no

barco tinham começado a cantar. Entrelaçando-se nos ombros, as faces voltadas para o mar, cantavam uma antiga canção vespéral:

O camponês recolhe seus animais,
É a hora de voltar ao ninho amigo,
O canto das aves emudece na floresta,
A rapôsa deixa, quieta, a campina.

No poente, purpúreo castelo
Ergue-se entre as nuvens douradas;
Para lá fogem em busca de repouso
Nossos pensamentos cansados no dia.

Tu, alma erradia, que por bravios atalhos
Foges das trevas que se aproximam,
Por que deixas para trás a porta celestial,
Por que tremes, quando morre o dia?

O Deus que a cada ave da floresta
Deu abrigo, carinho e calor,
Terá por certo uma guarida amiga
Para as almas humanas transviadas.

Vai, pois, confiante, ao burgo celeste,
Os anjos virão abrir-te a porta,
Tirarão teu fardo, teu temor, tua tristeza
E te conduzirão aos braços paternais de Deus.

6

A canção ecoou docemente na quietude daquele anoitecer de primavera. Fora, as vozes não eram dissonantes como sob o teto baixo da sala de reuniões. Era como se o vasto espaço se ampliasse, como se o céu e a terra lhes dessem algo de suas cores. Depois cantaram alguns hinos pátrios, nos quais aos pou-

cos todos tomaram parte, e, quando terminaram, uma voz forte do homem gritou: "A morte do senhor Bure!".

— Sim! "A morte do senhor Bure!" — repetiram todos entusiasmaticamente, enquanto os rapazes, que se achavam deitados na areia, se erguiam de suas posições, ansiosos para cantar em conjunto a popular e querida canção.

Ane, a ruiva amiga de Hansine, foi escolhida pelas moças para cantar, em primeira voz, o solo. Sentada no extremo do barco como uma figura de galeão, ela começou a cantar com voz alta e vigorosa, cujo timbre claro lembrava a cor de seus cabelos. Todos os outros cantaram o estribilho, que era repetido pelas moças, em segunda voz:

Despontava radiante a manhã,
O sol surgia,
Herr Bure beijou a esposa amada.
Tão linda era a aurora!

Herr Bure arreou seu corcel,
Seu cavalo baio.
Frau Inger, do alpendre, viu-o partir.
Como era verde a mata!

Estendeu velas na longa verga,
Velas de sêda.
Herr Bure foi embalado pelas ondas azuis...
É amargo partir para sempre!

A cantiga tinha ao todo vinte e tantas estrofes. Quando a última foi cantada, as moças saltaram do barco, enquanto os homens aplaudiam, batendo palmas.

As mulheres abriram as cestas de comida que tinham trazido. As moças ofereceram pão com manteiga nas tampas das costas e em grandes folhas, enquanto outras faziam circular as garrafas de leite. Nielsen, o carpinteiro, distribuía cerveja de um canjirão e, de modo geral, fazia as vêzes de mestre de cerimônias, ao passo que o tecelão Hansen estava sentado numa elevação do terreno retraído, conversando com algumas mulheres velhas.

Aos poucos a atenção foi concentrada em torno de alguns rapazes na beira d'água que, muito animados, contemplavam uma grande nuvem. Afirmavam ver nela uma mulher gorda e

embriagada. A cabeça da mulher estava tingida de vermelho pelos últimos fracos raios do sol; tinha ela um olho azul-celeste bem no meio da testa; o corpo era enorme e cinzento, enquanto a parte de baixo apresentava uma coloração violeta e pendia como um saco até o horizonte oriental, onde, na cauda do vestido, trazia Virslev, Giminge, Brunkeby e outras paróquias vizinhas.

De repente ouviu-se uma gargalhada geral. A cabeça da mulher separa-se do corpo, seguindo alegremente seu próprio curso pelo céu. Ao mesmo tempo algo como um nariz comprido saía de um lado, fechando-lhe cada vez mais o olho azul, enquanto o resto do corpo caía lenta e desoladamente em direção à terra.

Acharam a brincadeira tão divertida que logo começaram a procurar figuras em outras nuvens crepusculares, no horizonte. Formaram-se pequenos grupos ao longo da praia, cada qual se esforçando para ver mais. Uns afirmavam ver, nos contornos das nuvens, palácios e igrejas com cúpulas rubras e torres douradas. Outros viam nitidamente formas animais, cavaleiros e caras de gente conhecida; houve até quem visse uma carruagem com quatro cavalos, dois lacaios na boléia e uma noiva dentro. Mas isso pôs fim à brincadeira e os grupos se dissolveram, às gargalhadas.

A animação continuava. Quatro moças deram-se as mãos e rodopiaram, as saias esvoaçando ao vento. Outras juntaram-se, formando uma grande roda que dançava ao som de cantigas. Os rapazes se aproximaram e queriam tomar parte. Contra isso todas protestaram, defendendo-se valentemente contra cada um que tentava quebrar a roda ou entrar nela por baixo dos braços estendidos. Um porém, pequeno e gordo como um texugo, tomou impulso correndo desde o extremo da praia e, antes que alguém o pudesse impedir, saltou por cima das mãos dadas de duas moças, bem para o meio da roda. Assim fez-se a paz, e a fortaleza se rendeu.

Era mais uma brincadeira do que uma dança. Formaram duas grandes rodas, os rapazes no meio, as moças ao redor, com os rostos voltados uns para os outros. Sempre cantando, os pares dançavam no mesmo lugar, batendo palmas, sapateando, ou fazendo outros movimentos, seguindo o compasso e o texto das cantigas.

A rapôsa correu sôbre o gêlo
A rapôsa correu sôbre o gêlo...
E nós agora cantaremos
A velha cantiga dos reis.
Aqui vemos os reis como andam,
Como se sentem e se perfilam,
Como rodam e como dançam.

Às últimas palavras, môças e rapazes se davam as mãos e rodopiavam. Em seguida repetia-se o mesmo verso, com a diferença que em vez da "cantiga dos reis" era a "cantiga das rainhas", sendo os modos de uma rainha os que então se imitavam. Seguiam-se, nos mesmos versos, o castelão, o padre, o advogado, o camponês, o ferreiro, o carpinteiro e outros.

Entre os moços não poucos tinham habilidade de imitar com muita graça e humorismo os gestos próprios de cada ofício. Despertou, sobretudo ruidosa alegria entre os espectadores nas escarpas o número final que foi "a cantiga dos alfaiates". Os rapazes se sentaram na areia de pernas cruzadas, pondo-se a costurar, com longos pontos, no ar.

Emanuel estava sentado, o rosto apoiado na mão, meio ab-sorto, com um sorriso comovido. As vozes alegres da mocidade levavam seus pensamentos para longe, para além das águas.

Pensava em sua própria infância, em sua adolescência sem felicidade, em tudo o que êle em sua solidão tinha ideado e sonhado. Seus olhos se embaciaram de lágrimas de gratidão. Sentia que ali estava a realização de seus sonhos. Essa era a festa da vida, era a alegria espontânea da juventude, que êle presentira sempre, como algo distante e obscuro, mas que deveria, por fôrça, existir. Estava aí a terra prometida, por cujo leite e mel êle ansiara tanto tempo!

Seus olhos procuraram Hansine, pois não conseguira ainda descobri-la entre os que dançavam. Só após algumas buscas, conseguiu vê-la junto ao barco, solitária, com o cotovêlo apoiado na amurada e a cabeça virada um pouco para o lado, o olhar imóvel voltado para um ponto longínquo no mar, como se também os seus pensamentos fôsem levados pelas cantigas para distantes lugares. As sombras já eram tão densas que, de onde estava, êle não podia distinguir os traços da môça. Mas via nitidamente os contornos de seu corpo, como uma silhueta contra o fundo uniforme, azul-negro, do mar. Súbitamente, uma estranha e indefinida inquietação dêle se apoderou. Não compre-

endia por que razão ela o teria evitado durante todo o dia, nem ao menos saudando-o ou lhe dando as boas vindas. Tella-ia desapontado com seu discurso? Pois fôra justamente com o pensamento nela que êle falara o tempo todo desejando que ela, mais que os outros o ouvisse e compreendesse!

Sua fisionomia tornou-se de repente agitada; os que estavam mais perto o notaram e disseram-no para os outros. Pensando logo que o capelão possivelmente desaprovasse os divertimentos dos moços, fizeram um sinal para que a dança parasse. Também a noite já avançava e era tempo de pensar-se no regresso. Vapores frios elevavam-se da terra, e no poente apontaram as primeiras estrêlas.

Alguns velhos se ergueram e começaram a despedir-se. Logo depois, outros lhes seguiram o exemplo.

Íntimamente todos estavam um pouquinho desapontados pois esperavam que Emanuel fôsse falar ainda uma vez, ou cantar uma história ou coisa semelhante. O velho Erik tomara lugar logo junto a êle, como um discípulo aos pés do mestre, e cada vez que se fizera um instante de silêncio na alegre companhia, se apoiara nos braços e o encarara, com a expressão radiante de uma criança que espera pelo início de um conto de fadas.

Assim mesmo todos se aproximaram mais uma vez de Emanuel e lhe estenderam a mão com um cordial "obrigado".

Só Hansine, quando todos começaram a se dispersar, tomou sua amiga ruiva pelo braço e distanciou-se com ela, ao longo da praia, para acompanhá-la até à solitária choupana na "floresta" onde Ane morava.

7

Alguns minutos mais tarde Emanuel estava parado no cume de uma colina, num atalho que, em direção norte, ia até Vejlby. Tinha tirado o chapéu de feltro de abas largas, e pousara a mão na fronte enquanto escutava o borborinho distante da longa caravana de gente que seguia, cantando, para Skibberup.

Os último sons morreram na distância. Êle estava só.

Em tórno dêle reinava o silêncio de um deserto. Sôbre sua cabeça erguia-se a fria cúpula azul-branca do céu, com estrêlas pálidas, de brilho apagado... Êle tinha a sensação de haver sido expulso de um paraíso. Voltou-se hesitante em direção a Vejlbj, onde via apontar ao longe as copas das altas árvores que, no parque do presbitério, destacavam como nuvem escura e ameaçadora na última fraca claridade do horizonte. Ali o esperavam, pois, o ajuste de contas, a luta, a proscricção.

Sentiu-se de repente cansado e acabrunhado. A depressão recalcada durante tôda a tarde e a noite, assaltou-o agora, que estava só, com fôrça esmagadora. Pôs-se a caminhar de nôvo, a passos lentos; mas logo parou outra vez e sentou-se em uma grande pedra ao lado do atalho. Com a cabeça apoiada nas mãos, respirou profundamente e mergulhou em cismas. Não se arrependia do passo; apenas sentia-se atrozmente abandonado e só. Imaginava como seria bom ter agora um lar próprio, onde pudesse encontrar paz e tranqüilidade, para poder arrostar a luta que se aproximava, ter ao seu lado uma espôsa fiel que partilhasse com ôle sua vitória ou sua derrota... Teria sido parte da própria vida lutar e sofrer pela causa da verdade. Mas assim era como lutar de mãos vazias numa planície nua. Nunca encontrar um descanso, nunca uma guarida onde pudesse repousar...

Ficou durante longo tempo olhando no vácuo — enquanto um nome se lhe escapava dos lábios... Hansine. Era estranho como a môça não lhe saía do pensamento, sempre que se sentia oprimido ou satisfeito. Com o coração batendo, perguntava a si mesmo se junto a ela encontraria a paz que lhe faltava. Mas vinha-lhe então à mente seu procedimento daquela noite, e baniu à fôrça tais pensamentos.

— Sonhos! — disse a meia-voz, levantando-se. — Eu sou moroso como um fugitivo aqui na terra, um estranho entre minha própria gente, um hóspede incômodo em outros lugares!

Repentinamente, de mãos postas, ergueu, extasiado, os olhos para o céu estrelado e clamou:

— Oh meu Pai nas alturas... Só Tu não me baniste! Tu és meu abrigo e meu consôlo, minha esperança e meu amor! Vê, nada temo! Deixa esbravejar a tempestade, aos teus pés encontrarei a paz! Deixa minha solitária vida terrena, minha luta, ser um hino de louvor à Tua glória: eis tudo o que Te peço! Dá-me a Tua graça, sacia minha alma faminta com tua bênção... Serei então feliz! Amém!

Curvou a cabeça, ficou algum tempo mudo e prosseguiu depois, lentamente, seu caminho.

Mas ainda seu coração palpitava. Não podia assim mesmo deixar de pensar em Hansine. Era como se tãda a sua inquietação no fim se resumisse nesta única pergunta: Por que será que ela me evita? Com o que a afugento? Cada vez mais lhe parecia que a resposta a essa pergunta continha um augúrio para tãda a sua vida futura. Sentia que não podia sinceramente aceitar a luta em nome da comunidade, antes de saber se aquela que êle mais que todos queria ter seu lado, era a seu favor ou não.

Emanuel parou.

Precisava esclarecer tudo, ainda naquela noite! Vira Hansine deixar o ponto de reunião e andar ao longo da praia com sua amiga, e imaginava que ela teria de voltar pela mesma trilha, pois não era provável que, já tão tarde, cortasse caminho pela charneca e pelas colinas.

Voltou então atrás e, alguns minutos depois, estava novamente na "igreja". Continuou a andar ao longo da água, mas não dera ainda muitos passos, quando parou bruscamente... Lá vinha ela em sua direção, a menos de cem metros de distância, como uma estranha visão na penumbra, uma sombra meio apagada dentro da névoa que envolvia o fiorde.

Ela andava bem na beiradinha da água. Caminhava devagar, como alguém que deseja demorar-se o mais possível na solidão, e cantarolava baixinho.

Subitamente ela o viu e parou assustada, levando, num gesto instintivo, ambas as mãos ao coração.

— Não se assuste... Sou apenas eu — disse êle, aproximando-se e tirando o chapéu. — Espero que não se aborreça.

As últimas palavras lhe escaparam espontâneamente, vendo o quanto se assustara. Ela ficou como que paralisada e nada respondeu. Em seu embaraço êle começou a justificar sua presença, explicando detalhadamente que a tinha visto acompanhar sua amiga e, como durante todo o tempo não tivesse conseguido falar-lhe viera ao seu encontro para ao menos dar-lhe um cumprimento.

Ela porém continuou muda e imóvel, fitando-o com um olhar entre ameaçador e suplicante, que lembrava o de um animal ferido de morte pelo caçador.

— Mas minha cara Hansine! — exclamou êle então: — A senhora não se zangará por eu tê-la abordado? Eu lhe asseguro que não precisa ter o menor receio. Eu apenas não quis voltar para

casa sem havê-la também cumprimentado... O dia de hoje foi de tão grande significação para mim, como bem pode imaginar, e...

Ela continuava em silêncio.

Emanuel sentiu que o sangue lhe subia às faces. Seria possível que ela realmente suspeitasse dêle? A idéia lhe parecia por demais absurda, e assim mesmo êle reconhecia que agira irrefletidamente, procurando-a àquela hora da noite naquele lugar êrmo. Esforçou-se então o mais que pôde para dar a tudo uma aparência de gracejo sem importância.

Assim mesmo sua voz tinha uma nota de amargura quando êle disse:

— Parece mesmo que sou importuno. Desculpe-me... Não era realmente minha intenção incomodá-la. Para falar com franqueza, nem me ocorreu que o lugar e a hora talvez fôsem um pouco inconvenientes. Bem, então boa-noite! Não terá coragem de dar-me a mão para a despedida?

Após um momento de hesitação, ela lhe deu a mão e murmurando baixinho um "boa-noite", virou-se e voltou lentamente pelo mesmo caminho por onde viera.

Emanuel ficou parado no mesmo lugar, completamente atordoado pela surpresa. Sentira como a mão de Hansine estava fria e trêmula.

— Hansine! — chamou, quando a môça já estava a certa distância.

Ela fez como se não o ouvisse, e continuou a andar.

— Hansine! — chamou, de nôvo, mais alto. Ela parou, como se lhe faltassem forças para prosseguir.

Êle aproximou-se e disse:

— Que tem a senhora, Hansine? E por que está tão contra mim?

O som de sua voz como que a despertou. Voltou o rosto e quis novamente continuar a andar. Mas aí êle a deteve, segurando-a pelo braço, exclamando com voz trêmula de emoção:

— Não, não... Assim não sairá daqui. Que é que a aborrece, Hansine? Magoei-a de algum modo? Ou outros, então? Não quer confiar em mim? Eu lhe asseguro que sou seu amigo!

Ela tentou livrar-se à força, mas êle a segurou firmemente.

— Não a solto antes de ter falado comigo. Por Deus, Hansine, que lhe fiz de mal?

— Deixe-me! — disse ela com voz rouca na qual havia espanto e súplica.

Ele amedrontou-se e não se atreveu a segurá-la por mais tempo. Ela porém não se evadiu; deu apenas alguns passos e parou, com os braços diante dos olhos, como se estivesse com vertigem.

Emanuel ficou desorientado. Estaria ela doente? Seu espírito se achava de tal modo tumultuado que ele mal conseguia dominar-se. Naquele instante estava seguro quanto aos seus sentimentos para com ela. Sabia-o agora: amava-a! Pela primeira vez em sua vida sentia a paixão incendiar-lhe o coração e perturbar-lhe o espírito e os sentimentos. Ele a amava... Via-o agora claramente, era ela que lhe surgira em seus sonhos juvenis, que ele, saudoso, procurara durante toda a vida!

— Hansine! disse, com uma voz que pretendia ser tranqüilizadora, mas que em vão tentava seu alvoroço e emoção. — Não tem nenhuma confiança em mim? Está zangada comigo? Diga-me alguma coisa. Durante todo o dia pensei tanto em você, e desejei tanto falar-lhe! — continuou, em seu arrebatamento, tomando-lhe novamente a mão apesar de ela voltar-lhe as costas. — Responda-me só... a esta pergunta! Escute, Hansine, não vá sem me ter respondido: está zangada comigo?

— Não!

Alguma coisa nessa curta resposta e no ritmo tempestuoso em que batia o coração de Hansine, que ele sentia até através de sua mão, lhe foi como uma luz nas trevas. Seria mesmo possível... Deveria ele acreditar que... Os pensamentos se sucediam em sua cabeça como um vendaval. Oh, Deus, poderia ser verdade?

Não querendo assustá-la, empregou toda sua força de vontade para acalmar-se. Tremendo, curvou-se sobre ela e balbuciou:

— Hansine, responda-me ainda a esta outra pergunta. Diga-me... Será certo o que eu sinto, foi Deus mesmo que nos reuniu aqui, esta noite? Não, não; não se vá embora ainda. Não deve ocultar-me nada. Gosta um pouco de mim? Diga-me... Gosta só um pouquinho de mim?

Ela arrancou a mão com força desesperada, para se livrar. Mas então ele pôs ambos os braços em torno dela, e a puxou para si com incontida paixão.

— Hansine... Querida Hansine...

Ela porém, não mais o ouvia. Caíra sem resistência nos seus braços. Um pranto desesperado, convulsivo, a sacudia. Parecia

que ela não desejava outra coisa senão que a terra se abrisse e a tragasse.

No mesmo momento ouviu-se um alegre assobiar que vinha de muito perto. Emanuel voltou-se e teve a desagradável surpresa de ver um homem que vinha vindo pela praia, brincando, com a bengala. Deixou Hansine e corou profundamente. Tinha reconhecido o jovem professor-adjunto, Johansen, que, como era seu costume, farejava entre as colinas, à procura de môças que andavam sòzinhas por ali.

— Venha, Hansine, vamos embora — disse apressadamente Emanuel.

Mas o professor, apesar da semi-escuridão, já o tinha descoberto e reconhecido. Parou, levou com estudada polidez a mão ao chapéu e fêz uma reverência, como se quisesse dizer: "Que surpresa! Meus parabéns!"

— Vamos embora — repetiu Emanuel.

Mas, ao voltar-se, Hansine tinha desaparecido.

8

Na manhã seguinte, uma ameaça de tempestade pairava sôbre o presbitério de Vejlbj. Quando Emanuel, um pouco mais tarde que de costume, veio para a mesa do chá, não encontrou nem o deão nem Ragnhild. A velha criada, vinda da cozinha, servia-lhe em silêncio o chá, empurrando-lhe a xícara cuidadosamente, do outro lado da mesa, com uma expressão na qual êle já podia ler sua sentença de morte.

No jardim, na longa alamêda de aveleiras, o deão Toennesen andava sem parar, agitadamente, de um lado para outro. Pesadas nuvens de fumaça do seu cachimbo que, receosas, fugiam entre os ramos das aveleiras, traíam bem claramente seu estado de espírito. O deão só fumava assim e quando estava no maior nervosismo. Na hora do chá Ragnhild lhe contara do aparecimento do capelão na casa de reuniões. Êle já tinha ouvido novidades sôbre o assunto por uma velha trapeira que bem cedo havia estado na cozinha com a criada e contara o que soubera na cidade acêrca da conferência do Sr. Hansted. O deão,

de seu dormitório, apanhara algumas palavras da história da mulher, de modo que a notícia que a filha lhe dava não era senão uma confirmação do que êle suspeitara.

No fim da aléia aproximou-se uma pessoa de paletó claro de verão e palhêta. Era o professor-adjunto, Johansen.

Quando o deão o viu, parou e gritou, impaciente, ao seu encontro:

— Que há agora de nôvo?

O Sr. Johansen tirou o chapéu, parou a uma distância de quatro passos, fêz uma cortesia e disse:

— Desculpa-me Vossa Reverendíssima, mas tenho um nascimento a comunicar, para o livro de registro.

— Nada mais? Para isso é preciso chegar assim, furtivamente, como quem vindo contar uma grande desgraça? Filho de quem?

— De Mette Andersen, solteira.

— Ah, é? Outra vez uma môça! Sempre a mesma coisa. É claro! Leviandade e devassidão em tôda a parte! Vida desenfreada... É o correr do tempo. É a palavra de ordem da atualidade!

O professor-adjunto olhou para o chão e depois para os lados, inquieto. Não estava bem certo contra quem essas palavras eram dirigidas, e êle mesmo tinha no momento a consciência sobrecarregada nesse ponto.

— Espero — continuou o deão com severidade — que o senhor, professor Johansen, eduque seriamente as crianças para o caminho do dever. Isso hoje em dia, quando até nas feiras se prega a licenciosidade como doutrina, é mais necessário do que nunca. Não se descuide um só momento! Os demônios do mal devem ser domados!

— Creio poder dizer a Vossa Reverendíssima que nesse sentido me tenho esforçado o mais possível. Tenho justamente procurado incutir meteticulosamente nas crianças o cumprimento do dever. Mas... hum. O mais importante aqui é o bom exemplo. O mau exemplo, infelizmente, é nesse ponto de um efeito catastrófico.

— Claro! Naturalmente — respondeu o deão, fitando o professor com alguma surpresa. — Mas em que pensa o senhor

ao me dizer isto? O senhor visa a determinada pessoa, que poderia servir de mau exemplo na comunidade?

— Deus me livre, Reverendíssima! Não tenho a intenção de acusar quem quer que seja... Eu só falava assim, em geral...

— Ora... Deixe-me de rodeios... Explique-se direito! Em quem pensa o senhor? Quem, a seu ver, são os elementos especialmente prejudiciais na paróquia? Fale, homem!

— Hum Vossa Reverendíssima de fato me compreendeu mal. Eu só falei de um modo geral e vago...

— Nada de rodeios, repito! Responda ao que estou perguntando!

— Eu asseguro a Vossa Reverendíssima que era apenas minha opinião... Bem, que um homem como, por exemplo, o Sr. Capelão, já por causa da comunidade faria bem em ter um pouco mais de cuidado no seu procedimento... Essa gente do campo entende mal tão facilmente...

— O capelão! — exclamou o deão, com o cenho franzido, medindo o professor-adjunto três vezes dos pés à cabeça. — Como é que o senhor se atreve a mencionar o Sr. pastor Hansted nessa conversa? Espero que não queira acusar o Sr. Hansted de cometer desatinos. Explique-se, fale claro, homem de Deus! — gritou, batendo o pé.

O Sr. Johansen torcia-se como um verme que está sendo pisado. Havia muito que andava com raiva do capelão que sempre lhe mostrara abertamente seu desprezo. Com a intenção de se vingar ao mesmo tempo conseguir as boas graças do deão, aproveitou-se da olhadela que dera por acaso, na noite passada, na vida íntima do capelão. Mas por enquanto queria apenas despertar no deão uma pequena suspeita, sem aparecer ainda como delator. Sem querer, porém, estava agora prêso no laço que êle próprio armara, e compreendeu que, para safar-se teria que entregar o capelão incondicionalmente. Aprumou o corpo, ergueu, altivo, o pescoço, com um movimento como se quisesse atirar de si os últimos escrúpulos:

— Sim, devo dizer... Acho mesmo que não serve de bom exemplo para a comunidade quando o Sr. Hansted é encontrado, alta noite, em lugares solitários, em íntimo contato com uma das moças da região.

O rosto do deão Toennesen tornou-se lívido. Mediu outra vez o professor dos pés à cabeça e disse por fim:

— Quem é que viu isso! Responda-me!

— Fui eu mesmo, Reverendíssimo!

— O senhor mesmo! E tarde da noite?

— Entre dez e onze horas...

— Onde?

— Lá fora, perto da angra... "A igreja", como a população chama o lugar.

— E o senhor está absolutamente certo de que não se engana? Em nada?

O Sr. Johansen curvou a cabeça e olhou medrosamente para os lados.

— De fato, não era possível enganar-me, Reverendíssimo.

Fêz-se um momento de silêncio. Depois o deão falou:

— O senhor poderia me dizer mais ou menos quando, quero dizer, em que noite, viu o Sr. Hansted na mencionada situação?

— Sem dúvida, facilmente: foi justamente ontem à noite.

— Ontem! Após a reunião! Então temos aí a explicação! — exclamou o deão, sem perceber que estava pensando em voz alta.

Depois olhou outra vez severamente para o professor-adjunto:

— O que o senhor acaba de me contar fica por enquanto entre nós, ouviu?

O Sr. Johansen curvou-se humildemente.

— Vou mandar examinar o caso e posso garantir que lhe irá sair caro se o senhor, faltou com a realidade num ponto sequer. A criança de que falou, vou registrá-la. Trouxe os papéis? Bem! Então era só isso por hoje.

Quando o deão Toennesen pouco depois atravessou a varanda e entrou na sala de jantar, vazia, abriu a porta da cozinha e gritou, de maneira que retumbou pela casa toda:

— Lone está aí?

— Sim... — ouviu-se a voz abafada da criada, vinda da adega.

— Vá ao quarto do capelão e diga-lhe que quero falar com êle. Estou no meu quarto. Mas diga-lhe que venha já! Estou esperando!

O deão Toennesen andava de um lado para outro no seu gabinete de trabalho, com as mãos nas costas, quando Emanuel bateu à porta e entrou.

— O deão deseja falar-me?

Toennesen não respondeu nem interrompeu as passadas; apenas convidou-o, com um brusco movimento da mão, a sentar-se.

Emanuel tomou lugar em uma cadeira. De cabeça erguida, cruzou as pernas e meteu a mão direita atrás da aba do paletó abotoado até em cima. No entanto, sua atitude desafiadora encobria muito mal uma violenta agitação interna. Em suas faces surgiam e desapareciam pequenas manchas vermelhas em rápida sucessão. Os olhos estavam embaciados como após uma noite passada em claro.

Como o deão continuasse mudo, Emanuel, por fim, tomado de nervosa impaciência:

— Posso imaginar que é a respeito da conferência de ontem que o deão deseja falar-me. Naturalmente, lamento que não tivesse tido tempo de o avisar de antemão. Era minha intenção fazê-lo, mas...

Silenciou ante o olhar furioso com que Toennesen, que finalmente parara no outro extremo do aposento, o fulminara.

— Disso falaremos depois. Que o senhor achasse acertado, — apesar da posição que ocupa junto a mim — dar espetáculos no circo do tecelão Hansen, eu já soube, e o senhor terá que me prestar contas mais tarde. Por enquanto é de outro assunto que lhe quero falar. É que me chegou aos ouvidos — continuou, aproximando-se lentamente, com as mãos nas costas e os olhos faiscantes, fixando rigidamente o capelão — chegou-me aos ouvidos, Sr. Hanstød, que num ponto no qual o senhor, mais do que qualquer outro, deveria ser um exemplo a ser imitado pela mocidade da região, teve um procedimento que causou verdadeiro escândalo na comunidade. Em poucas palavras: é verdade, Sr. Hanstød, que o senhor costuma ter encontros noturnos com certas môças do lugar?

Emanuel ergueu-se. As manchas febris, vermelhas, das faces se espalharam em um momento sôbre a testa e as fontes. Todo o seu rosto chamejava.

— Quem foi que disse tal coisa?

— Não importa quem o disse — gritou-lhe o deão diretamente na cara. — Que há nisso de verdade? Desejo uma resposta curta e clara, Sr. Capelão. Então? Sim ou não?

Emanuel mordeu os lábios. Tinha ímpetos de atirar uma tremenda ofensa ao rosto do deão, e só a muito custo se conteve.

Finalmente falou:

— Se com "certas môças" o senhor quer dizer a filha de Anders Joergen — e nem pode tratar-se de outro — é, até certo ponto, verdade!

— Ah, sim? Então o senhor o confessa!

— Sim. É que ela é minha noiva. Entretanto, isso não poderá, de forma alguma, ter causado escândalo muito grande na paróquia, pois ontem à noite foi a primeira vez que falei com ela a sós. E isso mesmo, pelo que agora compreendo, não foi sem testemunhas. O professor-adjunto Johansen passou por onde nós estávamos.

O deão Toennesen recuou primeiro um passo, depois outro. Suas mãos lhe caíram molemente das costas para os lados, e êle fitava seu capelão com um olhar que durante meio minuto passou por uma escala das mais contraditórias expressões, exprimindo por fim, uma mescla de espanto e compaixão.

Também não era justamente a felicidade de um noivo que Emanuel trazia estampada no rosto. O cansaço de uma noite sem sono e seus olhos com orlas vermelhas traíam nitidamente a luta que êle travara nas horas solitárias da noite contra a dúvida e os receios, por ter, em uma das ações mais importantes da vida, agido apressadamente, sem consultar, como devia, a Deus e à sua consciência.

Após algum tempo de silêncio, o deão chegou novamente para bem junto dêle e lhe pôs de leve a mão no ombro.

— Sr. Hansted! — disse êle comovido — tenho que falar muito sèriamente com o senhor, já não como seu superior, mas como um verdadeiro amigo, sincero e paternal. Talvez, no estado de espírito em que agora se encontra, difficilmente possa considerar-me como tal, mas assim mesmo eu lhe asseguro que o sou e que só lhe desejo o melhor. Não, não... não me interrompa agora. Deixe-me dizer tudo o que quero. Preciso falar, está ouvindo?

Ainda o senhor não sabe o que está fazendo. Está doente, embaído, que sei eu... Mas só lhe peço, com todo o poder que tenho sobre o senhor: Volte atrás antes que coisa pior aconteça. Está ouvindo? Deve fazê-lo, é necessário, indispensável que o faça! Bom Deus, como foi isso? Onde tinha o seu juízo? Já pensou no que dirá sua família, seus amigos, todo o seu círculo de relações? Volte à razão, Sr. Hansted... Reflita no que vai fazer, no que está pondo em jogo...

Emanuel recuou um passo para livrar o ombro da mão do deão:

— Não posso admitir que o senhor me fale assim. Minha situação aqui... minha alegria e minha felicidade... são coisas que o senhor nem de longe compreende, e não adianta nada falarmos mais uma palavra sobre isso.

O deão mordeu o lábio inferior e contemplou seu capelão com um olhar anuviado e irresoluto. Seu largo peito arfava, o rosto estava purpúreo, dir-se-ia que uma avalanche de palavras violentas lhe fervia na garganta.

De repente, virou-se num movimento brusco e foi lentamente até à janela, onde se deixou ficar mudo, olhando para fora.

Um silêncio de morte pairou durante mais de dois minutos no aposento.

Finalmente Emanuel falou:

— O Sr. deão tem mais alguma coisa a me dizer?

Toennesen voltou-se para ele.

— Sim, Sr. Hansted! — disse com calma forçada. — Sinto ser meu dever preveni-lo ainda uma vez da gravidade do passo fatal que está em vias de dar. Eu o abriguei em minha casa e não posso ficar presenciando tranqüilamente como o senhor está causando sua própria desgraça... e a de outros. Naturalmente não tenho a menor dúvida de que está agindo de absoluta boa-fé — continuou, aproximando-se a passos lentos. — Naturalmente acredita que isso possa trazer felicidade para o senhor e para a jovem camponesa. Mas o senhor é um sonhador, um romântico, Sr. Hansted. Isso notei eu há muito tempo! A exaltação, um infeliz legado materno, lhe está no sangue e o leva como um cego por caminhos tortuosos. Crie juízo, homem! Tire a venda dos olhos e recuará, apavorado, do abismo a que o atraíram. Como foi possível que com seus conhecimentos e sua inteligência, se deixasse cegar desta maneira? Que se deve imaginar, que se deve pensar do senhor?

— Sobre isso nada tenho a dizer. Só sei que não posso satisfazer seus desejos e arrepender-me de minhas ações — nem de uma nem de outra. Se ontem falei na casa de reuniões de Skibberup, foi após maduras reflexões, e não tenho o menor motivo para desejar que não o tivesse feito. Sinto que ontem, pela primeira vez, estive realmente em contato com a comunidade, e se o deão tivesse estado presente teria que admitir que a satisfação foi recíproca.

— Isso eu quero crer! exclamou Toennesen. — Quando se contam histórias a crianças e camponeses, e ao mesmo tempo se os adulam um pouquinho, ficam todos contentes. Se esta é a grande descoberta que fez, posso dizer que demorou em fazê-la! Essa sabedoria eu lhe poderia ter transmitido há muito tempo...

— O deão está muito enganado — respondeu Emanuel com dignidade, dominando-se. — Não foram histórias nem adulações que despertaram a atenção dos ouvintes, mas só e unicamente a circunstância de que falei como um homem entre homens, não como um juiz entre pecadores. Esta é minha grande descoberta, se o senhor está de fato interessado em conhecê-la: que como sacerdote se tem outra missão a cumprir, além de andar por aí, como o tesoureiro do céu, cobrando as dívidas de pecados humanos. Disso recebi ontem a mais plena confirmação!

— Ah! Quer dizer que o senhor já foi longe! Já está tão embrutecido e obstinado, que terei de ouvir de sua boca todas as frases ôcas do tecelão Hansen! Realmente, o senhor foi um discípulo aplicado. Sr. Hansted! Se já está neste ponto, então compreendo que posso poupar-me o trabalho de tentar trazê-lo à razão... Mas então o senhor também deve estar preparado — continuou, elevando a voz e chegando bem perto do capelão — deve contar com as providências que pretendo tomar depois disso tudo. Para encurtar a conversa, sr. capelão, o senhor terá que escolher: ou eu ou o tecelão Hansen!

— Se é assim... A escolha está feita!

— Ah, está? Muito bem! O senhor é bem atrevido... Mas compreende devidamente o que isso quer dizer? Entende que isso significa estarem contados os seus dias aqui no presbitério? Impreterivelmente contados, entende?

Imaginei isso. Mas tenho de agora em diante meu próprio cargo aqui na paróquia, que não depende de que eu seja ou não o seu capelão.

— Ora já se viu! Isso parece um ataque premeditado! É uma formal declaração de guerra! O senhor pretende então iniciar a luta aberta aqui na minha paróquia?

— Não, absolutamente. De minha parte apenas desejo que me deixem em paz para poder fazer todo o bem que puder, para mim mesmo e para outros. Com isso, dou-me por satisfeito.

— Mas eu não! Com tão pouco o senhor não me escapa; fique certo de que a brincadeira lhe sairá cara! Vamos medir as forças, minha boa gente! E não confiem demais no resultado! Sim, senhor, olhe bem para mim! Meça suas forças comigo, môço! Talvez isso ainda o faça criar um pouquinho de juízo! As árvores velhas não caem ao primeiro golpe de machado... mas as novas, muitas vêzes, sim! Isso o senhor ainda irá verificar! Ontem o senhor falou, Sr. Hansted! Hoje, quem fala sou eu!

10

Quando o deão Tonnesen um momento depois bateu a porta com estrépito e foi para a sala, Ragnhild vinha justamente entrando da sala de jantar, com uma jarra de porcelana cheia de flôres amarelas nas mãos. Vestia um leve capote matinal, amarrado na cintura por um grosso cordão com longas pontas e borlas. Trazia um chapéu de feltro cinzento, sem outro enfeite além de um véu branco que lhe pendia nas costas. Como de costume, estava pálida, mas refletia-se-lhe no rosto alguma coisa do brilho dourado das flôres como se ela trouxesse nas mãos uma baixela cheia de sol.

— Que aconteceu? — perguntou ela assim que viu o pai ainda exasperado, e parou, assustada, ao lado da grande mesa de mogno no centro da sala.

— Você pergunta o que aconteceu! Pois acabo crendo que êste mundo está ficando doido! Os homens estão como que enfeitizados, estão completamente loucos!

— Mas o que houve, afinal?

— Ah... Nada, não! Aconteceu nem mais nem menos que o nosso amigo Hansted resolveu ficar noivo!

Ragnhild afastou de si a jarra, colocando-a na mesa, com um movimento tão violento que a água respingou sobre alguns luxuosos volumes encadernados dispostos sobre a mesa. Suas faces tornaram-se róseas até às fontes.

— Quê? O Sr. Hansted!

— Sim, realmente! Mas você nem poderá adivinhar quem é a escolhida.

— É... é alguma dama aqui da região?

— Sim, da região ela é, não há dúvida! Mas dama não se pode dizer que seja... É a filha de Anders Joergen, de Skibberup. Que acha você disso?

— Ah! Quê! Não é possível!

— Você diz bem, não é mesmo possível! Nem sei mais o que pensar dêsse tempo doido em que vivemos. Por toda a parte essa lamentável adulação da plebe, êsse louco endeusamento do camponês, essa mania que, como a peste, parece estar no ar hoje em dia... E agora isso! É loucura completa! Você vai ver, não fica só nisso. É o primeiro sintoma da moléstia. Outros sinais seguirão! O Sr. Hansted já perdeu a tal ponto o bom senso e a serenidade que, como todas as pessoas de visão limitada, quando são atacadas por alguma coisa nova, pensa de si mesmo que tem uma missão a cumprir aqui. Ele quer ser o profeta da nova era entre nós, criar um partido, fazer tumulto, enfim... quer fazer tudo o que está na moda hoje em dia!

Com movimentos mecânicos, como uma sonâmbula, Ragnhild tirou o chapéu da cabeça e foi até à janela. Como dominada pela fadiga, sentou-se numa cadeira e pôs-se a contemplar os bandos de galinhas que andavam pelo quintal.

— Enfim... começou ela num tom indiferente, ao notar que o pai começava a observá-la. — Isso é de algum modo o que se devia esperar, pelo rumo que o Sr. Hansted ultimamente tem seguido. Já eu de muito notava que êle iria acabar assim mesmo.

— Sim, é justamente isso. Até certo ponto não posso deixar de censurar a mim mesmo, Ragnhild. Eu deveria, desde o começo, ter tido a mão mais firme. Quem sabe, talvez êle ainda pudesse ter sido salvo. Eu bem cedo tive minhas desconfianças... Mas afinal êle é um homem adulto, e é de fato difícil tratar um homem como um doente mental, antes de se terem

provas bem seguras de que a moléstia existe. Mas agora já não tenho dúvidas... O homem é doido mesmo, faltam-lhe alguns parafusos! Retrospectivamente posso até seguir o desenvolvimento da moléstia, passo a passo, desde o momento em que êle entrou em nossa casa. É a alienação mental da mãe que se está manifestando no filho. Ela, em sua mocidade, teve acesso muito semelhante em sua mania de igualdade do "quarenta e oito", e certa vez armou verdadeiro escândalo em uma reunião pública, com um discurso abertamente revolucionário. E, sim — não é curioso isso — em casa do pastor Petersen, de quem de modo geral tive algumas informações sobre ela, contaram outro dia que foi justamente aqui, perto de nós, que ela em seu tempo tentou pôr em prática suas idéias loucas. Consta que foi ela quem criou a origem daquela escola superior, lá do outro lado, em Sandinge, que também é a causa principal de toda a agitação que nos prejudica aqui na paróquia. Assim, pode-se dizer que na verdade o Sr. Hansted se tornou uma vítima das loucuras da mocidade de sua mãe!

Ragnhild não mais ouvia as palavras do pai; mal notou quando êle por fim parou de falar e deixou a sala. Não entendia como êsse noivado lhe podia causar tão profunda impressão, pois estava certa de não sentir desapontamento algum. Seu interesse pelo Sr. Hansted tinha diminuído muito nos últimos tempos, e o fato de êle se apaixonar por uma camponesa não era justamente indicado para o elevar em seu conceito. Mas assim mesmo era como se essa ocorrência apagasse mais uma luz em sua existência, como se mais um espaço vazio se acrescentasse ao vácuo de sua vida. Pois com o capelão ela perdia uma convivência que de certo modo era única; um companheiro de desventuras, compreensivo, na solidão e melancolia de seu deserto. Ou seria alguma coisa mais?...

Nesse meio tempo Emanuel se achava a caminho do Skibberup. O sol brilhava e êle andava depressa, com passos firmes e decididos. A tempestuosa entrevista com o deão, e depois disso a vista da ensolarada paisagem primaveril, puseram bruscamente um fim aos remorsos e acusações contra si mesmo com que se torturara na longa noite sem sono. Sentia-se orgulhoso e feliz na doce certeza de, com seu nôvo amor, ter vencido os últimos antigos preconceitos. Parecia-lhe que o sol e as flores agrestes do prado lhe sorriam, que até o gado nos campos lhe acenava com a cabeça, desejando felicidades!

Hansine também não pregara olho nessa noite. Num estado de grande agitação, chegara à casa, onde seus pais felizmente já se tinham recolhido, de modo que ela pôde entrar às escondidas em seu quarto e ir dormir sem que alguém a visse. Não lhe era estranha a idéia de que um jovem pastor ou pregador pudesse um dia, como um príncipe dos contos de fadas, cruzar seu caminho, apaixonar-se por ela, e, fazendo-a sua espôsa, livrá-la dos grilhões da vida campesina que a prendiam à terra, elevando-a às radiantes alturas da vida intelectual. Ela o sonhara muitas vêzes desde que estivera, quando mocinha, em uma das grandes reuniões em Sandinge, e embora fôsse verdade o que afirmavam suas amigas, que o jovem pastor de seus sonhos, durante o inverno, cada vez mais tinha tomado a forma do capelão, ela, em seu encontro com êle não acreditara um só instante que suas palavras pudessem ser outra coisa senão expressão de piedade, uma tentativa de, na sua qualidade de pastor, consolá-la e dar-lhe bons conselhos. Por isso ela agora desejava morrer. Passou a noite tôda tremendo sob as cobertas, com mêdo do clarear do dia; não se sentia com coragem de olhar de frente para outra pessoa, após ter traído de modo tão lamentável seu precioso segredo.

Assim mesmo, quando o dia raiava e ela ouvia o gorjeio ainda sonolento dos pássaros no quintal, embaixo da janela, seu ânimo serenou. Pôs-se a rememorar o que dissera o capelão e como tudo se passara. E quanto mais claramente ela reconstruía na imaginação o acontecimento da noite anterior, tanto mais tinha que se esforçar para afastar a idéia de que o capelão realmente a pedira em casamento. Lembrava-se da sua voz carinhosa quando perguntou se gostava dêle, e de como tomara sua mãos e a apertara ao peito... Era-lhe cada vez mais difícil duvidar que êle de fato queria casar com ela.

Logo ao levantar-se obteve a certeza: quando estava a pentear-se, a trapeira da região lhe deu uma carta, pela janela. Já pela caligrafia reconheceu de quem era; leu na sobrecarta: "Para a senhorita Hansine Andersdatter". O conteúdo era uma única linha:

"Virei pela manhã falar com seus pais. — Emanuel."

Essa carta a pôs de novo em grande inquietação. Ficou sentada na beira da cama, com a cabeça entre as mãos, sem saber em seu desespero o que deveria fazer. Antes nunca tivesse acompanhado Ane pela praia — pensava. Jamais isso teria acontecido!

Decidiu contar tudo a sua mãe e, após vestir-se e ter feito tudo para apagar os vestígios da luta noturna, foi para a cozinha.

Else, ocupada em acender o fogo, exclamou ao vê-la:

— Meu Deus do céu, minha filha! Que aconteceu?

À princípio, Hansine nada quis dizer e começou a tirar as vasilhas de leite da prateleira. Mas como a mãe continuasse o interrogatório, por fim quase zangada, tomando-a pelo braço para obrigá-la a falar, Hansine começou com seu habitual modo desenhado a contar como ela à noite encontrara o capelão na praia e que êle... que êle...

Não conseguiu continuar.

— Que êle o quê? Fala, menina! — disse a mãe.

— Êle... me pediu em casamento! — exclamou ela por fim, atirando-se sobre a cadeira de cozinha, em abafados soluços.

Em seu espanto, a mãe apertou entre as mãos a tenaz de apanhar brasa, e durante muito tempo não conseguiu proferir uma palavra.

— Não é verdade isso, não é, Hansine? — disse ela, finalmente, quase num sussurro, como se falasse da confissão de um crime.

Como a filha não respondesse e continuasse a soluçar ela acrescentou, cada vez mais pálida, em vias de irromper em pranto:

— Onde já se viu uma coisa dessas, Hansine! Como é que vou entender isso! Quem haveria de pensar que chegasse a isso! Que dirá o povo quando souber? Que coisa!

Neste momento Anders Joergen entrou a passos pesados com dois baldes de fôlha; vinha do quintal aonde fôra buscar o leite para os bezerros.

— Que se passa aqui, minha gente? — exclamou, em alegre ânimo matinal, estendendo os baldes com braços rijos.

Quando, a muito custo, em meio ao gaguejar de Else, compreendeu o que tinha acontecido, também êle fêz uma cara muito séria. Tinha por hábito adotar as expressões da mulher, mas no fundo não via claramente qual o motivo que havia para chorar. Sentia-se inclinado a considerar o acontecimento uma

felicidade enviada pelo céu, mas sempre tratava de não trair opiniões que Else não houvesse sancionado de antemão, pois em geral não tinha lá grande confiança em seu próprio critério.

Ficou, então, parado onde estava, olhando desenhado e irresoluto de mãe para filha e de filha para mãe, com suas estranhas pupilas mortas, brancas. E como ambas continuassem caladas, êle disse afinal:

— Mas Hansine! Meu Deus do céu, como é que foi isso?

— Eu nem sei — disse finalmente Hansine, em voz quase inaudível. Ela apoiava ainda a cabeça no braço, mas parara de chorar. Os lamentos unânimes dos pais começavam a magoá-la.

A mãe aproximou-se então e pôs-lhe cuidadosamente a mão no ombro.

— Agora me diga uma coisa, Hansine... Você gosta dêle?

Primeiro ela não respondeu. Mas como a mãe repetisse a pergunta, acariciando-lhe os cabelos num gesto carinhoso de perdão, ela murmurou:

— Pois decerto que gosto.

— Sabe, isso é afinal o que conta, minha filha, se vocês dois acreditam que é para a sua felicidade... Pois apesar de nós acharmos muito esquisita essa idéia... Se já é assim, só resta pedir a Nosso Senhor que os abençoe.

— Que os abençoe... — repetiu o pai rapidamente.

Um sorriso já começava a iluminar-lhe o rosto.

— Resta agora que o povo não estranhe demais. É disso que tenho medo — continuou Else. — As más línguas vão trabalhar, na certa. Não faltará quem diga que nós fizemos tôdas essas histórias com o capelão para o pegar, que tudo foi isca nossa. Paciência, o remédio é passarmos por cima disso.

— Ah, não creio que se terá tanto de que falar — tentou Anders Joergen com prudência. — O povo agora conhece bem o capelão.

Else não costumava importar-se muito com o que êle dizia, e agora também não lhe deu grande atenção, mas ficou olhando para a filha, que ainda não se mexia, preocupada e pensativa.

Depois de algum tempo disse, meio tímida:

— Então decerto êle... seu... quero dizer, o capelão, virá hoje aqui?

— Êle virá ainda pela manhã — murmurou Hansine.

— Então temos muito o que fazer. A casa precisa estar bem arrumada quando êle chegar. Êle deve sentir que é bem-vindo

aqui. Você, Anders, também deve arrumar-se um pouco quando acabar de dar comida aos animais.

— Eu? — fez o velho, admirado, fitando sua roupa remendada, de tecido grosseiro, na qual fôlhas de cárpea e feno picado pendiam nos ásperos fiapos de lã.

A manhã foi de grande azáfama. Como era segunda-feira, muito trabalho tinha ficado da véspera, dia de descanso. Era dia de fazer manteiga e a nata fôra posta a coalhar; uma tina de leiteiro tinha que ser transformada em queijo, e havia ainda meio porco para salgar. Além disso, o coradouro estava cheio de roupa lavada e no curral uma vaca doente tinha que ser ordenhada cada hora e meia.

Else sabia que não podia então contar muito com a ajuda de Hansine e, além disso, não tinha ânimo para intervir em seus pensamentos; mandou chamar a mulher de um camarada do campo para ajudá-la. Não se atreveu porém a contar-lhe a novidade, apesar de a mulher interrogá-la cheia de curiosidade, por último perguntando diretamente se esperavam visitas de fora.

— Sim, pode ser que venha gente — respondeu Else evasivamente e foi para a adega onde se fazia a salga.

Entretanto, Hansine procurara seu irmão Ole no curral e o mandara ir correndo à "floresta" chamar Ane, para que esta viesse sem perda de tempo, pois tinha que lhe falar ainda pela manhã. Ole, apesar de não entender patavina do que se passava, prometeu dar conta do recado, e um minuto mais tarde foi visto correndo pela colina.

Enquanto Hansine esperava, ansiosa, pela sua amiga, sentou-se junto à janela de seu quarto e ficou contemplando o pequeno jardim sombrio, onde manchas de sol rastejavam por sobre a grama e os caminhos, em sua peregrinação lenta do levante ao poente. Ela não podia compreender que o mundo continuasse sua marcha normal, como se nada tivesse acontecido. Lá passeavam as galinhas calmamente, ciscando o chão sob os arbustos de groselha, as pégas voavam, tagarelas, de uma copa à outra do arvoredado, tudo como fôra sempre. Além, do outro lado do muro de pedras, ela viu o velho cavalo alazão, imóvel, de cabeça baixa, com o sol brilhando-lhe em cheio no dorso, e não podia deixar de pensar como um animal dêsses levava de fato uma boa vida. Não tinha preocupações, nem temores, não conhecia a tremenda aflição que fazia o coração bater a ponto de magoar todo o corpo.

Finalmente sua amiga chegou. Entre muitos rodeios e embaraços e muita luta contra as lágrimas Hansine fê-la confidente do que tinha acontecido na noite passada, e de que seu futuro noivo deveria chegar a cada momento. A admiração de Ane fôra muito menor do que Hansine esperara. Abraçou a amiga num ímpeto tempestuoso, cheia de arrebatamento e orgulho, afirmando que tudo isso ela desde muito imaginara. Em geral, acrescentou ela, essas coisas não seriam de agora em diante tão raras, desde que a igualdade e a causa popular eram pregadas por tôda a parte, de maneira que por isso Hansine não se deveria preocupar.

Mas Hansine não se acalmava assim tão facilmente. Continuou absorta e assustava-se a cada ruído vindo do quintal. Estava-se aproximando a hora em que o capelão deveria chegar.

— Parece-me, de fato, que êsse capelão quase matou você de susto! exclamou Ane, rindo-se. Você está irreconhecível. Nem parece a mesma, você que nunca piscou um olho, mesmo quando a espetavam com um alfinêto!

— Para você é fácil falar! — disse Hansine, erguendo-se. Acho que devo ir para a sala, agora, e seria melhor se você viesse comigo! — acrescentou ela, tôda desacorçoada, quando chegou à porta.

As duas amigas ficaram por uma hora na sala, onde Hansine se tinha pôsto a costurar para disfarçar sua aflição, enquanto Ane, sentada na cadeira ao lado da lareira, as mãos em roda do joelho erguido, desenrolava uma série de quadros fantásticos da vida futura de sua amiga.

— Devemo-nos acostumar a chamá-la senhorita, de agora em diante — caçoou ela. — Srita. Hansine Andersen... Soa até muito bem!

— Fique quieta, por favor.

— Você fala assim porque vai ser espôsa de pastor. Mas o que será de mim, pobre coitada? Não virá outro capelão por aí para fazer camaradagem comigo. Acho que terei de ficar muito contente se ainda conseguir um velho sacristão ou um sapateiro corcunda...

Nisso ambas estremeceram. Tinham ouvido passos firmes lá fora, na escada de pedra.

Não agradou nada a Emanuel encontrar, logo ao entrar, a amiga ruiva ao lado de Hansine. Mas tratou de disfarçar seu desapontamento, e quando Ane lhe foi ao encontro e lhe desejou felicidades, tão rubra que as sardas do rosto brilhavam como manchas brancas, êle agradeceu com um sorriso de satisfação.

Depois aproximou-se de Hansine, que se levantara da cadeira, estendendo-lhe as duas mãos. Embora hesitante e voltada um pouco para o lado, ela lhe deu suas mãos, que êle apertou longa e acaloradamente, fitando-a com insistência. Ela percebeu bem que êle queria forçá-la a olhar-lhe no rosto, mas não podia tirar os olhos do chão. Quando finalmente êle lhe soltou as mãos, olhou de soslaio para a amiga e respirou aliviadamente. Ela temera que Emanuel a fôsse beijar.

No mesmo momento abriu-se a porta da cozinha, e a mãe entrou com um avental limpo e uma pequena boina preta na cabeça, visivelmente embaraçada; tentou em vão ocultar seu acanhamento, e todo o seu modo de cumprimentar e suas maneiras perante Emanuel causavam uma impressão de retraimento e suspeita.

Emanuel tomou-lhe a mão e disse que esperava já ser-lhe conhecida a razão de sua visita, e que nem ela nem seu marido deveriam ter receios em lhe confiar o futuro de sua filha. Só assim, acrescentou, êle se sentiria pela primeira vez na vida completamente feliz.

Em resposta, Else num gesto compassivo acariciou os cabelos e as faces de Hansine. E como não sabia guardar silêncio sobre aquilo que lhe fazia o coração transbordar, disse:

— Nunca poderíamos ter pensado numa coisa dessa... Confesso que para nós isso tudo é tão estranho! E de fato tudo veio tão de repente, foi tão grande surpresa! Crianças iguais brincam melhor, costumamos dizer, e Hansine só foi educada como uma môça camponesa, simples. Mas como as coisas estão, nada podemos dizer em contrário, e só podemos pedir a Nosso Senhor que os abençoe.

Seguiu-se um momento de silêncio.

Êste foi interrompido por Anders Joergen, que se apresentou com sua roupa escura dos dias santos e meias brancas e limpas.

Ficou um instante parado na porta, indeciso, olhando para a espôsa, como se esperasse por um sinal seu. Depois atravessou desajeitadamente a sala e cumprimentou, desejando felicidades. Emanuel apertou-lhe a mão em silêncio.

— Por favor, o capelão não quer sentar-se?... perguntou Else.

Enquanto também os outros tomaram lugar — Hansine e sua amiga no banco embaixo da janela — Emanuel sentou-se na poltrona junto à lareira. Estava de mau humor, quase aborrecido. Julgava-se com direito a uma recepção mais cordial.

Else começou a falar do tempo, da falta de chuva que começava a fazer-se sentir prejudicando as pastagens e as sementeiras de primavera, das muitas doenças que havia entre o povo, e do nôvo médico distrital que viera a Kyndloese. Emanuel respondia por monossílabos, e por último a conversa parou de todo.

— Escuta, Andres — disse então Else, voltando-se para o marido — quem sabe se o capelão não teria vontade de ver o gado?

Anders Joergen ergueu-se um pouquinho da cadeira, e suas pupilas mortas criaram vida.

— Sim... Terá o capelão vontade de ir ver os animais?

Emanuel respondeu que sim e levantou-se bruscamente abotoando o paletó. Quase desejou ir-se embora sem mais delongas.

Mas Else a esta altura começou a ficar receosa. Aproximou-se, tentando esboçar seu velho sorriso cativante, e disse:

— Hoje fica aqui, não fica? Terá que se contentar com o que pode oferecer uma casa de pobre. Se houvessemos sabido antes de sua vinda, teríamos providenciado coisa melhor! Mas não fique aborrecido por têmos logo no comêço achado tudo isso tão estranho. Nunca poderíamos ter pensado que nossa Hansine fôsse subir tanto e casar-se com um homem como o senhor. Mas no fundo estamos todos muito contentes e gratos pelo que aconteceu. Nem deve pensar outra coisa... Pois então, fica hoje conosco, não é?

— Cara Else — respondeu Emanuel, instantaneamente abrandado, tomando-a pela mão — o que eu mais desejo é, de hoje em diante, considerar esta casa como a minha. Ansiei tanto por poder fazê-lo... Posso quase dizer que, de certo modo, nem tenho outra...

— Pois aqui o senhor é bem-vindo, de todo o coração! — disse Else, recuperando inteiramente a antiga confiança, dando-lhe palmadas no braço. — Nós gostamos tanto do senhor, desde a primeira vez que o vimos, isso é a pura verdade. Mas vá agora com Anders, olhar um pouco os arredores. Não temos lá grande coisa para mostrar, pois o senhor veio parar em uma herdade de camponeses pobres. Mas isso já sabia antes, imagino.

— Eu sabia em todo caso que não procurava a espécie de riqueza da qual se diz aqui no campo o bonito rifão: "A traça a devora, a vergonha a chora" — respondeu Emanuel. Voltou-se depois para Hansine e acrescentou sorrindo: — Você também quer dar uma olhada pelo curral?

Ela não entendeu a sugestão, corou e respondeu, com os olhos na mãe, que teria decerto serviço para ela na cozinha.

— Está bem, está bem. Então até já! disse êle.

13

Anders Joergen e Emanuel foram primeiro à cocheira, uma construção nova diretamente em frente à velha casa de moradia. Nas baias estavam dois jumentos vermelhos e uma potranca de ano, com os focinhos na manjedoura, que logo começaram a sacudir os cabrestos, emitindo o ruído cavo e agradável com o qual os cavalos recebem as pessoas conhecidas.

Com uma vivacidade que causou a maior admiração a Emanuel, Anders Joergen começou a explicar detalhadamente a idade, o caráter e árvore genealógica de cada animal. Com especial orgulho contou que "a menina ali" — a potranca — era descendente direta do famoso "Staerkodder II", que conquistara, em três anos consecutivos, o primeiro prêmio na exposição de reprodutores de Roskilde, e que podia cobrir o peito com mais insígnias honoríficas e medalhas do que um rei.

Emanuel o ouvia com atenção e olhou com interesse as diversas instalações do estábulo e da eira anexa. Examinou a cortadeira e o desintegrador, indagou da finalidade de cada parafuso e cada engrenagem, e de modo geral, tratou de pene-

trar tanto quanto possível nos mistérios da maquinaria agrícola, que não vira de perto a não ser uma vez, em criança, quando visitara um tio, numa fazenda da Jutlândia.

No entanto, quando entraram no curral das vacas de leite, o que mais lhe despertou a atenção foi um ninho construído sob uma das vigas do telhado, envoltas em teias de aranha, e do qual um casal de andorinhas partia, em vôo ligeiro, naquele momento.

— Olhem, que bonito! — exclamou êle, encantado.

Anders Joergen não podia imaginar que outra coisa além de suas vacas pudesse motivar tal exclamação de entusiasmo; pousou a mão, com um sorriso de satisfação, na anca de uma vaca gorda e disse:

— Ora, se é bonito! Aqui o capelão vai ver um pedaço de bife!

As vacas eram os filhos prediletos e mimados de Anders Joergen. Como criador e especialista na alimentação do gado êle tinha até certa fama na região. Sabia de memória, com absoluta exatidão, quanto leite tinha dado e quanto tinha pesado cada uma de suas vacas durante todo o tempo que as possuía. Sabia de cor quantas libras de sêmea, farelo, feno e torta de colza tinham consumido, e qual tinha sido a proporção entre os preços da manteiga, da carne e o das forragens nos últimos vinte anos. Expôs tudo com verdadeira eloquência, dando uma explicação quase científica dos modernos métodos racionais de alimentar gado em confinamento com rações nutritivas balanceadas, das quais se revelou adepto entusiasta.

Emanuel o escutava com crescente admiração. Aquêle homem pequenino e meio cego, com seus modos desajeitados, no qual vira até agora algo como um anão simplório, aí estava cheio de ardor, defendendo pontos de vista autônomos, revelando profundos conhecimentos especializados, que o maravilharam. Viu uma vez confirmado que o desprezo e a injustiça de que os camponeses sempre tinham sido e ainda eram em parte vítimas, resultavam da falta de compreensão de sua vida. Viu bem claro que era absolutamente indispensável, mesmo para o pastor dessa gente, fazer causa comum com ela, tomar parte em toda a sua vida, para ganhar sua confiança e amizade.

Anders Joergen sentia-se lisonjeado pelo interêsse revelado por Emanuel e tornava-se cada vez mais palrador. Mostrou-lhe uma por uma todas as dependências! o silo de aveia, o pas-

to dos cavalos o curral de ovelhas a adega de beterrabas, e Emanuel o seguia sem objeção por toda a parte. Mas quando, por último, chegaram às pocilgas e Anders Joergen em seu entusiasmo quis que êle o acompanhasse para dentro do tapume, para apalpar o toucinho dos porcos, Emanuel achou que já era demais. Pôs a mão no ombro de Anders e disse:

— Obrigado, caro Anders Joergen, mas isso acho melhor deixarmos para outra vez!

No mesmo momento também apareceu Ole, o menino louro, para avisar que o almoço estava pronto. Emanuel cumprimentou em tom de franca camaradagem seu futuro cunhado, e pela primeira vez o contemplou melhor. Era um rapaz bonito, alegre, de uns quinze anos, pequeno como Hansine, e com fisionomia ainda infantil.

— Nós dois vamos ser amigos! — disse Emanuel, beliscando-o na face corada como uma maçã. O rapaz o mirou, embasbacado, e depois fitou o pai; e tão logo Emanuel o deixou, correu mais que depressa e, rodeando os galpões, foi ao puxado onde contou, sorridente, à ajudante o que o capelão tinha dito. Mas a mulher, que aos poucos fôra percebendo o que se passava, puxou a boca até as orelhas e disse:

— Você não passa mesmo de um fedelho, Ole! Será que de fato não desconfia o que há aqui?

Ole compreendeu então. Olhou corando para a mulher e em seguida, sem dizer palavras, saiu correndo. Quando a mãe pouco depois saiu no limiar da porta e o chamou para almoçar, êle não respondeu nem apareceu durante toda a hora do almoço.

Na sala a mesa estava posta com uma alva toalha e pratos de louça decorados com flôres. O lugar de honra na extremidade da mesa estava reservado a Emanuel. Tentou de início fazer Hansine sentar-se a seu lado, mas logo descobriu que estaria em contradição com os bons costumes camponeses, a filha da casa sentar-se à mesa, enquanto os hóspedes almoçavam. Teve que contentar-se com sorrir-lhe quando ela, pondo a comida na mesa, entrava e saía da cozinha.

A comida, para os hábitos de Emanuel, era bem pobre, e êle mal poderia imaginar que, casa de camponês, arroz e toucinho defumado com ovos mexidos é considerado comida dominiqueira. Assim mesmo nunca uma refeição lhe parecera tão festiva. O sol projetava seus discos dourados sobre a toalha, e êle sentia que só agora estava verdadeiramente no campo. Pelas portas abertas da varanda vinha um fresco aroma de feno e

curral e, com a leve corrente de ar, entrava às vezes uma borboleta branca, como um pequeno navio com velas enfunadas, às vezes um abelhão azafamado, roncando como uma máquina a vapor, enchendo durante alguns segundos todo o aposento com seu zumbido.

Por fim, apareceram também as galinhas, em bandos, atraídas pelo ruído das colheres e garfos. Acostumadas à casa, transpuseram, uma por uma, a soleira da porta, começando logo a debicar migalhas do chão de terra batida, embaixo da mesa e dos bancos. Só o galo, grande e vaidoso, ficou parado do lado de fora, na varanda, como um inspetor vigilante, ao mesmo tempo encorajando e advertindo com seu cacarejo gutural.

Depois de uma noite sem sono e das muitas emoções do dia, Hansine sentia-se tão cansada, que logo após o almoço teve que ir ao quarto para descansar um pouco.

Foi uma grande decepção para Emanuel, que desejara tanto finalmente poder falar com ela a sós. Durante uma hora teve que contentar-se com a companhia de Else, pois também Anders Joergen tinha aproveitado a ocasião para safar-se furtivamente e ir ao celeiro, fazer sua costumeira sesta, com um tamanco por travesseiro.

Segundo o hábito das camponesas, Else conduziu Emanuel a tôdas as dependências da casa. Mostrou-lhe a cozinha e o puxado onde lavavam a roupa. A mulher que viera ajudar estendeu-lhe, sorridente, a mão encharcada, desejando felicidades. De lá foram à adega onde se fazia a salga da carne e a manipulação do leite, e Else em sua honra fêz bater uma partida de manteiga fresca. Por último foram ao "salão", um amplo aposento de paredes azuis, que ficava isolado, do outro lado da sala da frente. Os únicos móveis nêle existentes eram um armário duplo e três grandes baús pintados de verde, nos quais estava guardado sortimento de linhos e toalhas da casa, além de velhas relíquias de família. Else abriu um por um os baús e Emanuel viu muitas coisas que lhe despertaram o mais vivo interesse. Lá estavam guardados seculares vestidos de noiva, plastrões e estofos tecidos à mão, artisticamente bordados, com nomes e datas, que representavam muitos anos de paciente trabalho; havia além disso antigas coifas de tecidos dourados e gorros cravejados de pérolas, que tinham pertencido aos vestuários nupciais dos antepassados, livros de salmos, fivelas de sapatos, colares e botões de prata.

A própria Else estava absorvida em mostrar sua riqueza em tecidos, burel e lã fiada, acumulada durante muitos anos, que constituía — o que Emanuel nunca teria imaginado nem compreendido — o principal dote de seus filhos, pois a herdade estava em mãos da família apenas por arrendamento durante três gerações, das quais Anders Joergen era a última.

— Pois é, isso é o que ajuntamos no decorrer do tempo — disse ela, enquanto tirava peça por peça de seus tesouros, alisando-as com a mão numa carícia amorosa. Pode ser que não seja muito, pois Anders e eu nos casamos tarde, e nos primeiros anos as coisas não iam lá muito bem e não podíamos pôr grande coisa de lado. Muitas vêzes não fomos felizes com o gado e as colheitas, de modo que devemos mesmo estar satisfeitos por têmos chegado até onde chegamos. Quando comecei a gostar de Anders, minha mãe só tinha más previsões, que iríamos parar no asilo de pobres, na miséria... Mas Nosso Senhor não o quis, e muito temos que agradecer a Ele.

O afã de resolver os muitos objetos guardados despertou nela um sem-número de recordações, e ela começou por si mesma a contar coisas de sua mocidade, como Anders e ela se tinham encontrado quando ambos serviam como trabalhadores numa paróquia vizinha. Cheio de admiração Emanuel ouviu-a contar, em tom alegre, sem denotar amargura, com ambos, durante quinze anos tinham sido obrigados a trabalhar para estranhos, sofrendo tôda espécie de contrariedades até economizarem juntos tanto que desse para terem uma casa. Neste momento êle sentiu nova satisfação ao pensar que, na velhice, êste casal trabalhador e fiel poderia ter nêle um consôlo e apoio.

Nesse meio tempo os rumores do noivado, partidos do presbitério, se tinham alastrado por tôda a região e, por volta do meio-dia, alcançaram Skibberup. No comêço, os moradores não queriam acreditar no boato; mesmo quando souberam que o capelão tinha ido à casa de Anders Joergen logo pela manhã e de lá não saíra, ainda assim ficaram indecisos. As caras mais diversas, de adultos e de crianças, apareceram na cêrca do jardim ou no portão, para espiar, procurando descobrir alguma novidade interessante. Enquanto Else e Emanuel estavam no "salão", algumas das mulheres da aldeia se atreveram a ir até à cozinha, onde começaram a cochichar com a ajudante.

Quando se verificou que a notícia era verdadeira, a surpresa foi grande em tôda a cidade. Ninguém se continha, todos acorriam à cêrca procurando dar uma olhada nos noivos, e

quando Else e Emanuel voltaram para a sala, já se encontravam alguns dos amigos mais íntimos da casa, que tinham ido levar seus votos de felicidade.

Êsses primeiros logo foram seguidos por outros; parecia em geral que os temores de Else quanto às más línguas e à inveja tinham sido infundados. Todos encaravam evidentemente o acontecimento como uma espécie de homenagem, de honrosa promoção concedida a toda a comunidade, a toda a classe camponesa, como um selo vivo no pacto firmado no dia anterior na casa de reuniões.

Os modos e o aspecto de Hansine, que tinha saído do quarto logo após a chegada das primeiras visitas, também não eram tais que pudessem dar ensejo a falatórios. Enquanto a amiga, sempre a seu lado e cingindo-lhe a cintura com o braço num gesto de proteção, os tentava uma fisionomia triunfante, ela mesma estava absorta, recebendo, silenciosa e tímida, os votos de felicidade.

Toda a sala regurgitava de gente, moradores de Skibberup, satisfeitos e orgulhosos. Tornou-se necessário abrir todas as portas e janelas para arejar o aposento, onde reinava um calor sufocante, e no caldeirão a água para o café não parava um instante de ferver. Mesmo o tecelão Hansen apresentou-se e cumprimentou o jovem casal com seu sorriso enviesado e ambíguo.

Emanuel começou a sentir-se um pouco constrangido ao receber os votos de toda essa gente, antes de ter falado seriamente com a própria Hansine, sim antes mesmo de ter ouvido de seus lábios o "Sim". Começou a sentir ciúmes daquela moça grande e ruiva que se plantara ao lado de Hansine como um vigia, acariciando sem cessar sua mão que lhe pousava no colo, quase como se fossem elas duas, os noivos.

Finalmente teve uma oportunidade de lhe propor, sem que os outros o ouvissem, um giro pelo jardim.

Ela logo se ergueu. Mas Ane acompanhou-a. Parecia que ela, sendo a melhor amiga de Hansine, sentia-se com direito a partilhar da intimidade dos dois.

Desta vez Emanuel apenas a custo controlara sua impaciência, e após terem passeado por alguns minutos no jardim, êle propôs voltarem à sala.

Mas no momento em que se dispunham a entrar, êle pôs a mão no braço de Hansine e disse em voz alta e determinada:

— Eu queria muito falar com você, particularmente, Hansine!

Notou que ela teve um estremecimento. Desta vez compreendera o que êle queria dizer. Após um momento de hesitação, ela tirou a mão do braço da amiga e lhe disse:

— Você não quer entrar e ajudar minha mãe com o café? Eu já venho!

A fisionomia de Ane tornou-se primeiro incompreensível, depois, ofendida. Sem dizer uma palavra, voltou-se e os deixou. Hansine e Emanuel retornaram lentamente pelo mesmo caminho por que tinham vindo. Nenhum dos dois falava. Mas quando alcançaram um caramanchão no outro extremo do jardim, onde ninguém os poderia ver, a não ser um pássaro que estava entre a folhagem, cantando, êle tomou ambas as mãos de Hansine e ficou longo tempo mudo, fitando-a. Ela estava pálida e o olhou várias vezes de relance, amedrontada, esperando que êle falasse. Mas como êle continuasse a fixá-la com seu olhar doloroso e interrogativo, ela por fim se aninhou voluntariamente ao seu peito e fechou os olhos. Então, pela primeira vez, êle a beijou na testa.

1

Quando o negociante Villing, no domingo seguinte ao da reunião em Skibberup, abriu a venda, viu em frente aos degraus de pedra o habitual ajuntamento de gente andrajosa e miserável, homens e mulheres com garrafas vazias escondidas sob os paletós e os aventais, que tinham esperado impacientemente pelo abrir da porta. Com um cumprimento tímido e mudo, um após o outro, atrás das costas do negociante, penetraram furtivamente no armazém, onde puseram com as mãos trêmulas suas azinhavradas moedas de cobre no balcão, enquanto o caixei-rinho enchia as garrafas junto à pipa de aguardente. Depois, cabisbaixos como tinham entrado, saíam apressadamente, cada um tomando seu rumo pelos campos.

Villing ficou parado na soleira da porta, de chinelas bordadas e com um barrete cinzento, de lona, apertado em sua grande cabeça. Com os polegares nas cavas do colête, martelava o peito com os dedos, enquanto seu olhar perscrutador e sagaz fazia a habitual ronda matinal pela cidade, metendo-se pelas casas e se insinuando nos cantos obscuros, como uma rapôsa à procura de presa. De sua porta podia ver quase toda a cidade, podia cheirar o que se cozinhava e fritava em todos os fogões, e podia determinar no mesmo instante se o café ou os temperos tinham sido comprados em seu armazém, ou não. Vejlbj se compunha de sete ou oito herdades e algumas casas pequenas. As casas das herdades eram todas novas, tinham sido desenhadas segundo o mesmo plano e construídas das mesma pedras de uma insípida cor amarela, sem vida, com longa e monótona fileira de janelas dando para a represa pública, alta base de cimento e telhado de ardósia. Na frente ou ao lado de cada casa havia uma nesga de jardim com árvores recém-plantadas, semelhantes a vassouras longas, que não davam abrigo nem sombra. Um incêndio, havia alguns anos, tinha reduzido,

em uma só noite, tôda a cidade a um montão de cinzas, poupando apenas a igreja, a casa do pastor e alguns casebres em posição um pouco mais elevada.

Apesar de não passar das sete horas, o sol já ardia. Não havia uma nuvem no céu, e ao menor sôpro de vento erguia-se um véu de poeira que envolvia a cidade e os campos adjacentes. A grama nos terraços dos jardins e a alta sebe de espinheiros do presbitério, que acompanhava o caminho, estavam tão empoeirados que pareciam pintados de branco. Na pequena represa, engastada em pedras, a superfície da água estava coberta com uma membrana semelhante a óleo, que aos raios do sol reverberava nas côres do arco-íris. Num dos portões um homem estava ocupado em limpar arreios; junto à empena de outra casa um rapaz escovava suas roupas domingueiras. Por tôda a parte notava-se azáfama festiva da manhã de domingo.

O negociante Villing fitava, preocupado, o prebitério, cujas telhas avermelhadas surgiam majestosas entre as copas das altas árvores do parque. Ah!, quem lhe dera saber o que estava para vir! Êle teria dado de boa vontade cem coroas aos pobres para poder olhar de relance, por meio segundo que fôsse, no "sombrio caos do futuro", tal como se expressava em seus pensamentos, pois tinha uma decidida queda por frases solenes e altissonantes. Que o deão Toennesen estava decidido a empregar todo o seu poder para refrear o espírito revolucionário na comunidade, não se podia duvidar, desde que êle divulgara por meio de aviso no portão do ferreiro; sua resolução de pregar nas duas igrejas, começando naquele domingo pela de Skibberup. Mas conseguiria êle dominar os recalcitrantes? O fanatismo não estaria já tão avançado que tôda a resistência seria em vão?

Fazia sete anos que o comerciante Villing se estabelecera na paróquia com seu "Comércio de artigos coloniais, especialidades, comestíveis finos e diversos", sempre com firme propósito, pelo bom andamento de seu negócio, de não se imiscuir nunca nas discórdias da população. Com uma modéstia que contentava os dois campos em luta, quando êstes procuram fazê-lo aderir ao seu partido, êle sempre declarara que "era um simples negociante" e reconhecia muito bem que a sua missão na paróquia era fornecer à população artigos tão bons e baratos quanto possível e, por meio de rápida expedição e condições de pagamento vantajosas, satisfazer aos fregueses que o honravam com sua preferência. Mas quando o tecelão Hansen, alguns

anos atrás, organizara uma cooperativa de consumo em Skibberup, tirando-lhe assim mais da metade da freguesia, êle compreendera imediatamente o quanto aquêlê esclarecimento do povo, nos últimos tempos, conduzia à perdição. Reconhecia que agora todos os burgueses ordeiros deviam tratar de se unirem solidários, para proteção do país contra as descabidas exigências da plebe. Em seus momentos de desânimo, êle via na imaginação como a obstinação e rebeldia criminosa dos habitantes de Skibberup acabaria por se espalhar pela região tôda, por todo o país; como cooperativas, de consumo e outras, brotariam da terra como cogumelos venenosos em tôdas as cidades, enquanto antigas casas de comércio, baseadas em competência profissional e conhecimentos especializados, eram esmagadas impiedosamente. Até onde já se chegara na vida pública? Os camponeses não se insinuavam por tôda a parte nas posições-chave, apoderando-se à força da direção? Em Kyndby, havia pouco, tinham pôsto para fora do conselho distrital dois fazendeiros, até mesmo um monteiro-mor, elegendo em seu lugar três homens que mal sabiam escrever o próprio nome! E no Parlamento? Deus nos livre! Camponês e mais campônios, e nada mais que campônios!

Quando a conversa no armazém de Villing ia parar nos moradores de Skibberup e no seu procedimento, e principalmente se entre os presentes havia alguns dos modestos residentes da pastagem pública do distrito, suspeitos de tendências favoráveis ao salão de reuniões do tecelão Hansen, êle logo entrava em cena como eloqüente agitador.

— Eu realmente não sou nenhum inimigo da liberdade — exclamava, encantado pelas próprias palavras cujo ardor fazia corar seu rosto pálido. — Eu só acho é que em tudo deve ser respeitado a competência profissional. Ante a competência, meus senhores, todos nós nos devemos inclinar, não é mesmo? Isso qualquer pessoa ajuizada deve admitir. Quando se quer comprar um par de óculos não se vai ao alfaiate, e quando se quer extrair um dente, procura-se um dentista e não um advogado ou um limpador de chaminés. Não tenho razão com êsses meus argumentos? — lançava êle seus ataques, ao mesmo tempo agarrando uma das suíças, enleando-a no dedo, enquanto seu olhar rolava, ameaçador, pelo auditório. Depois continuava: — Se hoje em dia cada trabalhador pretende entender de comércio, ou qualquer operário pensa que pode ser pai espiritual do próximo, não é o mesmo como se o comerciante de repente se

estabelecesse como tecelão ou um padre passasse a britar pedra na estrada? E alguém já viu uma coisa assim? Após um intervalo teatral e um olhar triunfante, sob cujo peso esmagador os homens do pasto público punham, convictos e envergonhados, os olhos do chão, continuava: — E o resultado disso qual é? Que mercadorias essas chamadas cooperativas de consumo podem opor aos seus fregueses? Só refugo, naturalmente... Coisas meio estragadas que nenhum atacadista se atreveria a oferecer a um negociante inteligente. Os senhores, por exemplo, queiram ter a bondade de dar uma olhada aqui nessa farinha de arroz, da qual há pouco recebi uma grande partida! Eu gostaria de ver a cooperativa que seria capaz de fornecer uma mercadoria assim! Mas não é mesmo? Podem examinar com cuidado cada grãozinho. Uma qualidade que não tem competidor. Pura gordura, puro valor nutritivo! Alguns dos senhores desejam, talvez, levar umas libras, para experimentar?

Assim, nos últimos anos, o negociante Villing, fôra dos mais convictos adeptos do deão Toennesen. Reconhecera que sua própria existência dependia do poder e da autoridade desse homem na paróquia; cairia com êle e se manteria de pé com êle. A notícia do noivado do capelão lhe fôra por isso um rude golpe. Sentiu absoluta falta de ar ao ouvi-la. Via claramente que os moradores de Skibberup com isso tinham na mão o ás de trunfo. Era verdade que o deão entregara ao Bispo uma queixa contra o capelão, solicitando a imediata transferência do Sr. Hansted. Mas era evidente que êles não deixariam êsse desafio sem reação. De fato, alguns afirmavam que o tecelão Hansen já teria dito, com sorriso triunfante, que agora não mais haveria paz na paróquia antes que o deão fôsse expulso do presbitério de Vejlbj; e o que o tecelão com seu eterno sorriso, prometia, costumava cumprir.

Com mal-humorados meneios de cabeça Villing entrou no armazém onde, como habitualmente fazia, descarregou seu aze-dume no caixearinho, um rapazinho de Copenhague, magro, pálido de tanto viver em adegas e depósitos, que recentemente fôra entregue aos seus cuidados "por determinação de Deus", como êle, com sua tendência para empregar frases solenes, se exprimia. Com essas palavras bonitas êle aludia a um anúncio no jornal de empregos.

— Assoe o nariz, menino! — gritou êle para o rapazinho que estava encolhido no cantinho mais escuro do armazém e

parecia esconder-se de medo, com uma tigela de café numa mão, e uma fatia de pão com banha na outra. — Não fique aí com uma vela de quatro tostões pendendo do bico! E sempre você está por aí cevando-se de uma maneira que dá nojo ver! É como eu já disse: Encher a barriga você sabe, podia bem ganhar a medalha de campeões em comer; mas pesar um quilo de açúcar como deve ser pesado, isso você nunca aprende!

Foi interrompido em sua facúndia pela entrada de um freguês.

Pouco depois apareceu outro, e durante as horas que ainda faltavam para a missa houve tal afluência que o armazém permaneceu cheio todo o tempo. Na maioria era gente que vinha para os bares com conversas, e nada comprava. O armazém era o ponto de reunião habitual dos homens; iam lá pelo menos uma vez por dia para saber as novidades da paróquia, buscar o correio e se informar dos últimos preços.

Hoje reinava uma depressão fora do comum entre os visitantes da venda. Tdavia não eram os novos distúrbios da paz por parte dos moradores de Skibberup como a sêda continuada da primavera, sobretudo ameaçadora e fatal para as lavouras situadas nas partes altas, que nesses dias motivava o desânimo dos camponeses de Vejlbj. Durante várias semanas não caíra uma só gota de chuva. Pelas terras que ficavam nos topos das colinas os grelos pouco antes germinados já estavam amarelos e o capim inteiramente murcho. No entanto nos profundos vales e depressões de terreno próximo à praia, onde os moradores de Skibberup tinham seus pedacinhos de terra, tudo ainda estava verde e viçoso. Parecia até que Nosso Senhor havia providenciado o tempo exatamente como convinha aos rebeldes.

Caso a falta de chuva ainda continuasse por muitos dias, devia-se temer um verdadeiro desastre nessa parte da paróquia, e nem todos os camponeses de Vejlbj estavam tão despreocupados e felizes em suas quintas como as novas casas de moradia e altos celeiros o poderiam fazer supor. Aquela terrível noite do incêndio tinha abalado o bem-estar de muitos e não deixara de contribuir para a depressão, os temores e o desânimo que até agora os tornara tão moles instrumentos, sem vontade própria, nas mãos do deão. Era como se constantemente carregassem consigo a lembrança daquele rubro mar de chamas que em algumas horas tinha transformado sua cidade e toda a sua propriedade móvel num monte de destroços fumegantes, do qual

apenas os muros de pedra e os troncos de árvore carbonizados dos jardins se tinham erguido como espectros. Era como se ainda vissem continuamente à sua frente o tremendo monturo de cadáveres carbonizados de cavalos, vacas e porcos, os montões de móveis destruídos e vigamentos enegrecidos, todo aquele resíduo de animais mortos, detritos e cinzas sobre o qual o sol nascente brilhara ao raiar da manhã que se seguira ao sinistro.

Atrás de seu balcão, Villing apurava o ouvido para não perder o que se dizia nas conversas à meia-voz entre os camponeses aglomerados na venda, e seus joelhos bambeavam cada vez que lhe parecia mencionarem o nome do tecelão Hansen. Assim mesmo, nem ele nem a mulher, que nesse ínterim aparecera com um vestido novo de chita côr-de-rosa, se descuidavam do negócio tirando vantagem da presença de toda aquela gente. Em meio ao rumor abafado e indefinido do pisar de pesadas botinas e tamancos e de vozes humanas escutava-se continuamente a voz de comando de Villing, gritando para o atordoado caixeirinho: "Ludvig! Olha o tabaco de mascar para Hans Olsen. Do melhor, de primeira, ouviu? E uma libra de açúcar-cande! Mas bem pesado, está ouvindo? Nada de miséria com Hans Olsen, me faça o favor!" Ou então soava a voz melíflua, convincente da mulher: "Não quer aproveitar e ver logo uma peça de algodão, Maren Hansen? Posso garantir que em lugar algum a senhora encontrará artigo igual, a não ser pelo dobro do preço. Mas isso é o nosso sistema de trabalhar: quando fazemos um bom negócio, nossos fregueses também têm que partilhar das vantagens..."

Na porta um homem gritou subitamente:

— Lá vem o deão!

Todos correram às janelas, e um momento depois Toennesen passou na sege, a caminho da primeira missa em Skibberup. Estava só no largo assento, ligeiramente recostado para trás, com a mão no canto da porta do carro, cheio de confiança em si mesmo. Villing, que subira numa gaveta para poder ver melhor, soltou instintivamente um pequeno grito. A figura atlética do deão passando à sua frente, nos solenes paramentos sacerdotais, iluminada pelo sol, despertou nêle tal impressão de força indomável e de majestade abençoada por Deus, que sentiu o coração dilatar-se, e novamente começou a criar esperanças na vitória da competência profissional e dos conhecimentos técnicos.

Em tórno da solitária igreja de Skibberup tinham-se reunido nesse meio tempo várias centenas de pessoas. Nunca as notas graves do velho sino haviam soado sôbre tão numerosa multidão; em todo caso, não sôbre multidão tão pouco solene. No cemitério deserto imperava agora o vozerio de uma feira. Por tôda a parte havia grupos sentados ou em pé, homens e mulheres, todos falando em altas vozes e com as cabeças afogueadas de emoção e ansiedade. Havia gente acomodada nas pedras tumulares, e as conversas, aos gritos, iam e vinham por sôbre as sepulturas, e por todos os lados havia clamores misturados, gente falando ao mesmo tempo, de modo que mal se ouviavam os sinos da igreja.

No meio de tôda essa agitação bélica o tecelão Hansen movia-se calmo e sorridente, como um gato num depósito de leite. Sentia-se outra vez senhor da situação. Durante os dias normais, os moradores de Skibberup podiam resmungar contra êle e criticar-lhe os modos e as táticas em que eram peculiares, às vêzes inteiramente incompreensíveis; mas em tempos agitados reuniam-se em tórno dêle com inabalável confiança, e ali estavam preparados para uma batalha decisiva.

No primeiro momento, após o aviso do deão Toennesen no portão da ferraria haver tornado claro que êle estava disposto a aceitar a luta com todo o seu poderio bélico, reinara em Skibberup alguma discórdia quanto ao modo pelo qual se deveria, mais acertadamente, enfrentá-lo. Alguns dos camponeses mais velhos tinham começado a ficar medrosos e mesmo Nielsen, o gigantesco carpinteiro, numa reunião do "Conselho da Paróquia", criado às pressas, tinha falado a favor de uma "atitude calma embora firme". Os mais moços achavam que se devia, como antigamente, ficar afastado da igreja e deixar o deão desencadear sua fúria sôbre os bancos vazios; podiam — então, ainda por cima, após o ofício sagrado, reunir-se à beira do caminho e talvez, quando o deão passasse em seu carro, recebê-lo com um concôrto de assobios. Mas por proposta do tecelão Hansen tinha-se alterado êsse plano de guerra e resolvido que, pelo contrário, deveriam comparecer em massa ao serviço sagrado para se ter o maior número possível de testemunhas contra

o deão, caso êle, o que seria de esperar, se excedesse em seu sermão, deixando escapar alguma ofensa. Iriam escutá-lo na maior calma. Mas se êle em sua prédica ultrapassasse certo limite de conveniência, tôda a paróquia, a um sinal do tecelão Hansen, se levantaria e deixaria a igreja, para em seguida enviar à diocese uma queixa assinada por todos os presentes.

Quando a sege apareceu entre as colinas, as mulheres começaram a entrar na igreja, ao passo que os homens se juntaram nos dois lados da porta para receber o deão em grupo, mas sem o cumprimentarem. Também isso tinha sido proposto pelo tecelão Hansen. Êle dissera: "Não está escrito em lugar algum que o povo seja obrigado a tirar o chapéu ante o seu pastor!"

Essa pequena escaramuça de introdução no entanto fracassou em parte, por faltar completamente no momento decisivo a coragem de algum, enquanto outros, impelidos pela fôrça poderosa do velho hábito, instintivamente, levaram quando o deão passou, a mão direita ao gorro, detendo-a a meio caminho.

Alguns minutos mais tarde, ainda antes de terem todos os homens entrado na igreja, o salmo começou sob a direção do professor adjunto, Johansen.

O cântico não soava mal, apesar de tôda a comunidade, tanto homens como mulheres, logo tomar parte com fôrça desafiadora. Por mais que se pudesse falar mal da velha e escura igreja de monges, cujo ar mofoado de adega e abóbadas esverdeadas pelo limo freqüentemente constituíam de crítica e pilhéria na sala de reuniões do tecelão Hansen, ela tinha em todo caso a boa qualidade de quebrar a fôrça das vozes e suavizá-las. As altas arcadas do teto recebiam e acumulavam o confuso vozerio em pacífica harmonia e o atiravam de volta, transformado em melodia. Sim, mesmo as incessantes tosses e o pigarrear, bem como o forte assoar-se do deão, em frente ao altar, ecoavam pelas abóbadas com uma solenidade que instintivamente predispunha à meditação.

Após terem sido cantados dois salmos, o professor-adjunto Johansen retirou-se para sua cadeira fechada. Com passos retumbantes Toennesen atravessou o assoalho e subiu pela escada do púlpito, cujos degraus rangiam sob o pêso de seu corpo.

Nesse momento ouviu-se o ruído de um carro que parava lá fora; e justamente quando o deão começou com a oração inicial, a porta da igreja foi aberta por um homem de certa idade,

trajado de preto, com um guarda-pó de linho pendurado no braço.

Essa figura despertou em toda a igreja um movimento que não poderia ter sido maior se o próprio Deus surgisse, de súbito, ante os paroquianos. Até o tecelão Hansen, que se pusera na fileira central para poder ser visto por todos na igreja, pareceu perder a calma durante um momento, tão grande foi sua surpresa; seu pequeno rosto felino, geralmente tão disciplinado, assumiu de repente uma expressão tãla como a de uma ovelha.

Na última fila de bancos, no lado dos homens, onde o estranho procurou entrar, todos se ergueram para dar lugar. Mas com um movimento de mão êle pediu que não se incomodassem, tomando calmamente seu lugar ao lado de um camponês gordo, num ângulo do banco já inteiramente ocupado.

O único em toda a igreja que não notara a presença do estranho nem a sensação causada pela sua chegada fôra o deão Toennesen. Quando êle terminou sua oração inicial, tomou o ritual e começou, erguendo a voz, a ler o texto do dia. O professor Johansen, porém, logo descobriu a estranha agitação na multidão, e quando êle, levantando a cabeça e olhando por cima de sua cadeira fechada, viu o estranho, seu cabelo crêspo ficou de pé como um punhado de cavacos. Olhou apavorado para o deão, como se quisesse dar-lhe um sinal. Mas Toennesen continuou impassível com sua leitura, e quando aquela terminou, assoou o nariz de modo que ecoou em todos os ângulos da igreja, e, firmando em seguida as mãos contra o púlpito principiou a falar.

3

Na mesma hora ia Emanuel cantarolando alegremente pelo atalho que conduzia das pastagens públicas de Vejlby para Skibberup. Substituíra seu guarda-chuva de sêda, outrora indispensável, por uma vara de carvalho e, em vez de seu antigo chapéu de feltro marrom, usava um simples chapéu de palha com abas muito largas. A atividade incessante ao ar livre, sob o ardente sol da primavera, deixara seu rosto queimado e cheio de

pequenas sardas escuras no nariz e sob os olhos, ao passo que sua loura barba, igual à de Cristo, tinha desbotado, destacando-se, quase branca, da pele corada.

Ainda tinha só uma idéia muito vaga a respeito da agitação que êle mesmo havia provocado na paróquia no decorrer da última semana. Sendo êle, no momento, o objeto da luta, os moradores de Skibberup, sempre por proposta de Hansen, não o haviam pôsto a par de seus planos; e como seus futuros sogros tinham, pela mesma razão, evitado qualquer intromissão na discórdia, êle soubera apenas que se pretendia, de um modo ou de outro, levantar objeções contra a sua exclusão de tóda a atividade eclesiástica. Originariamente tinha sido sua intenção cortar o último tênue laço que ainda o ligava ao presbitério, mudando-se de lá para a casa de uma família de Skibberup, que lhe oferecera alguns quartos. Ouvindo porém que, de fato, o deão entregara ao Bispo uma queixa contra êle, decidira ficar, para não parecer que temia assumir no lugar adequado a responsabilidade por suas ações.

Além disso, passava praticamente o dia inteiro na casa de seus futuros sogros —, o que excluía todo e qualquer encontro com Toennesen e Ragnhild —, e vivia tão absorvido por sua ventura e seu amor, por todo o mundo nôvo que se abria à sua frente, naquele lar camponês, no estábulo, nos campos e na lida com os animais, que apenas notava a metade das outras coisas que se passavam ao redor.

Finalmente, seus próprios planos para o futuro o mantinham ocupado, e com êles esquecia às vêzes tóda a luta do presente. Estava decidido a casar-se assim que as condições de um outro modo o permitissem. Com a herança materna, que perfazia algumas mil coroas, queria comprar uma pequena granja em qualquer lugar da paróquia e, futuramente, viver como lavrador. Para a atividade que possivelmente viria a desempenhar na freguesia como pastor ou professor não aceitaria remuneração alguma. Queria viver como homem livre e independente em sua propriedade e partilhar em tudo da vida e das condições de seus amigos. Estavam certo de que no decorrer de meio ano já teria aprendido tanto de agricultura que, com Hansine ao seu lado e com a assistência de alguns bons amigos, poderia sem risco administrar uma pequena propriedade de uns vinte hectares, com um cavalo, algumas vacas e ovelhas; para mais não dariam seus meios. Já começara a praticar com seu

sogro e em poucos dias, tinha feito como lhe parecia, grandes progressos. Já sabia lavrar a terra, lidava com os cavalos quase com perfeição, atrelava-o ao carro e à charrua e dava forragem ao gado.

A certa distância de Skibberup havia uma propriedade que no momento estava para ser vendida e na qual êle já pensara. Era um pequeno sítio com idílicos arredores, no fundo de um vale verdejante que margeava o fiorde. As construções eram um pouco pequenas e quase em ruínas; mas havia em compensação um jardim muito maior e mais bonito que os outros jardins do lugar, e pelos muros acima, em cada lado da porta de entrada, cresciam roseiras sarmentosas e madressilvas. Uma noite êle falara com Hansine a respeito do lugar. Por enquanto só a ela e a mais ninguém confiara seus planos; e como também ela gostara do sítio e em tudo estava de inteiro acôrdo com seus projetos, quase decidira definitivamente que lá seria o seu futuro lar.

Êle já sabia com exatidão como seria arranjada e mobiliada a casa, como seria sua vida doméstica e como dividiria o trabalho do dia. Em primeiro lugar todo o luxo, tôda a extravagância e todo o ócio seriam banidos de sua casa. Esta seria mobiliada com simples móveis de pinho vermelhos, e seu modo de vida seria tão modesto que mesmo o mais pobre não se sentisse pequeno demais para tomar lugar à sua mesa. Levantar-se-iam ao romper da aurora, com o canto das cotovias, e à noite, concluída a labuta do dia, reuniriam os amigos em sua sala, onde todos se dedicariam a cantos, palestras, leituras e orações. Já se via, na imaginação, em grosseiros trajes camponeses, percorrendo os campos, empunhando a charrua; via-se remando pelo fiorde, nas tranqüilas tardes de verão, para deitar espinhéis e covos, enquanto Hansine, em casa, se dedicava aos afazeres domésticos, de vez em quando saindo à porta da frente para olhar o mar e ver o que o marido estava fazendo. Chegava a ver-lhe nitidamente a figura pequena e firme sob o telhado saliente da casa, uma mão na cintura e a outra sombreando os olhos, com seu sorriso meigo que herdara da mãe e que de repente podia brilhar entre as linhas graves do rosto, como um raio de sol entre os troncos de uma espessa floresta de pinheiros. Seus sonhos de ventura o levavam ainda mais além, ao futuro. Via seus filhos correndo e brincando na praia como um bando de alegres pássaros... Não seriam pálidos e atrofiados, filhos da chamada civilização, com blusas de veludo e vestígios

de precocidade; seriam filhos do ar livre, com rosas agrestes nas faces e claros olhos azuis!

No entanto êle havia chegado ao tôpo da colina que rodeava Skibberup e olhou para a cidade quase deserta, com seus inúmeros pequenos pomares qual se viam restos meio murchos da florada. Ao descer pela rampa abaixo, parou súbitamente. Tinha visto Hansine, acorada no pequeno cercado atrás da casa de seus pais, dando leite da mamadeira a uma ovelha órfã. Encantado com o quadro que tinha diante de si, ficou durante longo tempo parado, um sorriso feliz nos lábios. Ela estava com o mesmo vestido domingueiro, côr de cereja, que usava na primeira vez em que a vira de perto, e com o qual, por isso, a achava mais bonita. Trazia um avental branco e, ocultando-lhe a cabeça, um grande capuz branco contra o sol.

Num repentino acesso de jocosidade, esquecendo que ainda era hora de missa, pôs as mãos em funil na bôca e chamou: "Huh-huh!" ela ergueu os olhos imediatamente, e quando o descobriu, sorriu para êle, mas não deixou a ovelha. Só quando êle se aproximou, Hansine se levantou e deu-lhe a mão. Êle a enlaçou com os braços e a beijou na face. Aos poucos ela se familiarizava com a intimidade entre êles, mas ainda corava cada vez que êle a beijava. Para disfarçar seu acanhamento, começou, com grande vivacidade, a contar tudo o que tinha acontecido em casa desde que se haviam despedido, na noite anterior; falou de uma porca que tivera filhotes, de uma vaca que durante a noite se soltara no curral, e da nata que, ao ser batida, não dera manteiga. O entusiasmo de Emanuel pela vida rural, pela lavoura e criação, despertara de nôvo na môça o interêsse por essas coisas de todos os dias, elevando-as e enobrecendo-as, dando à sua vida de camponesa novos encantos.

Êle pôs a mão sob o seu braço, e a passos lentos e comédidos os dois caminharam para casa. Ali Else estava meio vestida atrás da janela aberta do quarto de dormir, penteando seu pesado cabelo cinzento. Longe de se assustar com a vinda de Emanuel, ela sorriu para êle, apenas puxando mais para a frente a toalha que tinha sôbre os ombros.

— Bom-dia, mamãe! — saudou-a Emanuel alegremente. — Como vão as coisas, hoje?

— Obrigada, vai-se indo... A leitoa grande deu cria esta noite.

— Sim, eu já soube disso! Quantos leitõezinhos são?

— Doze, creio !

— Ah!, honra lhe seja feita... Depois olhou em torno e perguntou: — Onde está Anders Joergen? Está na igreja?

Else atirou-lhe um olhar perscrutador e depois fitou Hansine. Você revelou alguma coisa? Perguntaram seus olhos

Tanto Else como Hansine sabiam muito bem, desde o dia anterior, o que se estava tramando naquele momento na igreja, mas tinham resolvido nada contar a Emanuel, pois imaginaram que êle não iria gostar muito do procedimento do tecelão Hansen, e não queriam, por outro lado, que o capelão interviesse e estragasse tudo.

— Anders foi ao campo, ver os bezerros — disse Else então, tranqüilizada pela fisionomia de Emanuel.

— Ah!, sim? Acho que deveríamos começar agora a dar forragem.

Êle deve voltar logo. Mas você já está tão a par de tudo que pode ir dar a forragem sozinho, se quiser.

Emanuel sorriu.

— Posso experimentar — disse e foi ao quarto de Ole, ao lado do estábulo, para mudar de roupa.

Hansine, que devia ir tratar do almoço, subiu lentamente pelos degraus de pedra da cozinha. No último ficou parada um instante e, enquanto soltava a fita do capuz de sol embaixo do queixo, atirou um olhar inquieto por entre os galpões, para o caminho da igreja.

— Ainda não se vê ninguém — disse ela para a mãe, enquanto o único sentimento amargo que ainda lhe ficara, o ódio obstinado dos habitantes de Skibberup contra o deão Toennesen, lhe brilhava nos olhos azuis-escuros.

Emanuel entrou no curral, vestindo uma longa blusa de grosseiro tecido de cânhamo, com cinto, e um par de tamancos com alças de couro. Era a primeira vez que êle fazia a distribuição da forragem sem a presença do sogro, e não estava de todo livre de embarços. Seus movimentos desajeitados e a exagerada exatidão com que pesava as diversas rações segundo as prescrições científicas traíam o novato sem prática. Com uma meticulosidade como se tratasse da produção de um medicamento importante, êle dissolveu algumas tortas de colza num balde de água e adicionou à massa assim obtida uma mistura de sêneas, farelo e cenouras raspadas. Dividiu depois a ração misturada em partes iguais entre as vacas de leite. Deu às duas

vacas maninhas sua produção de rábanos, e por último cada vaca recebeu ainda uma ração de colmo de cevada, que êle com certa dificuldade trouxe do depósito.

Com o trabalho, depressa começou a sentir calor, e após a feliz conclusão da tarefa sentiu-se satisfeito consigo mesmo e experimentou o bem-estar que o esforço físico sempre dá ao trabalhador não acostumado. Já após êsses poucos dias julgava sentir como seus músculos cresciam, como o sangue lhe circulava mais fresco e mais quente pelo corpo. Lamentava frequentemente não ter já há muito compreendido bem a profunda significação do antigo dito da "Bênção do trabalho". Pensava constantemente em seus colegas da cidade que durante o verão empregava o campo para "nêle se deitarem" e que, em sua cegueira, julgavam lhes ser possível encontrar remédio para suas almas doentias e seus corpos débeis passando os dias a jogar argolas na grama ou, estendidos nas rédes, lendo romances. Êsses coitados o faziam lembrar homens que corriam irrefletidamente de um lugar para outro, procurando alguma coisa que êles mesmos traziam na mão. Entre sofrimentos e queixumes arrastavam-se de balneário em balneário, enchiam-se de remédios, empreendiam uma caçada louca por novos medicamentos, novas curas, novos médicos; e no entanto o remédio estava à mão de todos, o único verdadeiro remédio, e remédio da terra para a humanidade enfêrma. Quanto tempo continuaria o homem a lograr-se a si mesmo na verdadeira felicidade da vida? Que delícia, que alegria não floresceria na terra no dia em que a sagrada fonte da saúde, o trabalho manual, físico, fôsse novamente encontrado por tôda a humanidade! Que paraíso não surgiria quando tôdas as mãos se unissem para fecundar a terra! Os desertos seriam cultivados, os pântanos mortíferos seriam drenados, cereais e frutas transbordariam do solo...

Tomou a pá e o forcado e começou a limpar o estêrco embaixo das vacas. O suor lhe corria sôbre os olhos, enquanto, num carrinho de mão, baldeava o estrume fresco para a esterqueira. Em seguida, varreu o chão do estábulo, deixando-o limpo como o assoalho de uma sala, e deitou palha fresca nas baias. Não satisfeito ainda, tirou as almofadas do prego e começou a limpar a sujeira ressecada aglomerada nas coxas das vacas. Sentia constantemente uma tendência para convencer-se de que se tinha agora livrado por completo de todos os preconceitos e pôsto um têrmo no falso orgulho que põe tão malfadadas linhas divisoras entre os homens.

Enquanto estava assim ocupado, veio a pensar em seu pai e no restante da família, e uma negra sombra lhe anuviou o semblante. Pobre de sua gente, que ainda vivia na cegueira! Tivesse êle a ventura de também livrá-la de Sodoma! Justamente naqueles dias recebera cartas de seu pai e seus irmãos, referentes ao noivado; isto é, recebera uma curta confirmação de que sua "surpreendente comunicação" lhes tinha chegado às mãos. Nada mais. O nome de Hansine nem fôra mencionado, assim como não se lia uma única pergunta a seu respeito.

Embora não esperasse qualquer sinal de contentamento, e ainda menos uma compreensão mais profunda de seu ato, aquela frieza, sobretudo por parte de seu pai, o surpreendera e entristecera. Tão grande era, pois, a separação entre êles! Compreendeu bem que com êsse silêncio tinham querido indicar que o consideravam, de agora em diante, irremediavelmente perdido, e que não desejavam de maneira alguma fazer de suas novas relações de família. Compreendeu que julgavam seu compromisso como uma espécie de suicídio, não menos humilhante para a preeminente família Hansted do que fôra, em seu tempo, o suicídio da mãe, e êle não duvidava que também seu nome de agora em diante estaria como apagado da memória de seus parentes.

4

Quando Emanuel pouco depois saiu para o quintal, a fim de lavar as mãos junto à bomba, viu um homem grande, de aspecto sacerdotal, apoiado numa bengala, em vias de subir os degraus de pedra que conduziam à sala de frente. Quando o homem ouviu as pisadas de seus tamancos, voltou-se e lhe estendeu os braços com uma estrepitosa exclamação.

Vestia paletó prêto de abas longas, calças pretas que pendiam como sacos sôbre as largas botinas. Sob a aba do chapéu de palha de côr amarela suja, os escuros e brilhantes cabelos da nuca desciam em longos cachos pela gola do paletó e, do rosto gordo, bendita profusão de barba salpicada de pontos grisalhos caía sôbre um colête escuro com duas carreiras de bo-

tões córneos, que estava fechado até o pescoço, de modo que não ficava visível nem um vestígio da camisa.

Emanuel, que absolutamente não conhecia o homem, ficou parado junto à porta do estábulo, admirado; o estranho desceu com dificuldade pelos degraus e aproximou-se, mancando, sobre o calçamento irregular do quintal; parecia que cada passo lhe causava dores; mas assim mesmo seu rosto irradiava alegria quando exclamou, ainda de certa distância, com uma voz aguda e penetrante:

— Quando Maomé não quer vir à montanha, a montanha vem a Maomé, está escrito! Pois, que você é Emanuel nem preciso perguntar. Você não poderá facilmente negar sua mãe, caro amigo! Felicidades! Felicidades!

Com essas palavras pôs a bengala embaixo do braço esquerdo e saudou Emanuel, tomando-lhe ambas as mãos que sacudiu com vigor.

Emanuel estava todo confuso. Quem seria êsse homem?

— É bem verdade, meu caro — continuou o outro em voz alta — que nós há muito esperamos, e com muita saudade. Quase tôdas as manhãs, nos últimos tempos, Jette me tem dito: sabe Deus se Emanuel não virá hoje! Oh! ela já está tôda apaixonada por você, a boa Jette! Quando soubemos da bela reunião aqui e de como você falou, meu caro... Nem posso dizer como todos ficamos contentes! E que você agora se livrou por completo de tudo e tomou uma noiva do povo! Sim, isso é que é o verdadeiro! Isso, sim! Mas você pode crer, nós ficamos surpresos. Jette no comêço nem o queria acreditar, mas depois ficou tão emocionada que de fato começou a chorar. Eu tive que correr imediatamente à escola e contar às meninas a novidade. Ah!, eu queria que você visse! Elas ficaram doidas, as malandrinhas! Decerto pensavam que agora haveria um pastor às ordens para cada uma delas! Ah!, ah! E nós cantamos "O Amor de Deus" e outras de nossas lindas canções... que depois de começarem não queriam mais acabar. Naquela noite não fomos para a cama antes das onze e tanto. E a lua brilhava diretamente dentro da sala de aulas...

Neste momento Emanuel teve uma súbita idéia. Embora não compreendesse como isso seria possível, não duvidava mais que tinha em sua frente o diretor da escola superior de Sandingo. Reconheceu também o rosto que já vira numa litografia, muito difundida entre a população do lugar, que também Hannino tinha em cima de sua cômoda.

Tentou dizer alguma coisa, mas o estranho continuou a falar e a apertar-lhe as mãos entre exclamações de entusiasmo.

— Pois é, é assim que deve ser. Nós precisamos é justamente de fôrças novas para a nossa causa! Nós velhos já precisamos de sucessores, de quem nos renda em nossos postos. Olhe para mim, por exemplo... Nada mais sou do que uma triste ruína! O tempo me consumiu, meu amigo! Bem, nós velhos nos devemos consolar pensando que não nos poupamos, enquanto ainda tínhamos a fôrça da mocidade. E, Deus seja louvado, temos a satisfação de ver que nosso trabalho não foi em vão. Por crer, é uma grande coisa para nós, os velhos, sermos testemunhas de como a causa do povo aos poucos vai ganhando terreno em tôdas as regiões e comunidades do país. E agora também aqui! Mas é isso mesmo. Assim é que deve ser! — continuou êle a repetir, e sua voz aguda soava como as fanfarras de uma trombeta. — Eu também não pude mais ter sossêgo lá em casa, e disse esta manhã a Jette: "Escuta, agora quero mesmo atravessar para Skibberup, para ver como as coisas vão por lá. Assim posso, na volta, passar por Kyndby, onde também temos uma pequena sociedade de amigos, que há muito tempo espera por minha visita". Ah!, é um punhado de homens extraordinários, bons, pode crer... Estive lá no último outono e tomei parte numa formidável reunião, na floresta, com Povl e Ernst, de Vallekilde. Povl e Ernst contaram fatos históricos, e eu contei histórias. Foi realmente tão agradável...

— Mas... Vamos entrar? — conseguiu Emanuel finalmente dizer. A expansiva camaradagem do outro o deixou embaraçado, e além disso êle se sentia um pouco constrangido, por estar com roupa de trabalho, trajes em que ainda nenhum estranho o vira.

— Não, meu caro... não agora! Não agora! Mas voltarei logo. Eu só estava passando e quis dar uma olhada, para avisar da minha vinda. Encontrei lá embaixo, na praia, o Jens Iver, como vocês o chamam. Êle veio com seu barco de Strynoe, da curandeira Grethe. Sua velha mãe está tão doente, coitada... Prometi ir lá e conversar um pouco com ela; nós somos amigos velhos. Bem... Diga a Else que ela pode esperar-me para o almoço; talvez eu traga alguns dos amigos, e nós poderemos prosear à vontade. Até lá adeus, meu caro! Ah!, como estou contente por tê-lo visto! Agora sim, posso dar lembranças suas a Jette, pode crer... Ela vai ficar entusiasmada. Tive vontade de trazê-la comigo hoje, porém ela tinha que ficar em casa, na es-

cola, e ocupar-se um pouco com as meninas! Sim, estivemos outro dia na capital... Você sabe, para a reunião de primavera da "Nova Sociedade Dinamarquesa". Ficamos em casa de Adolf Edvaldsen e passamos muito bem o tempo todo. Uma das noites fomos à casa de Lene Gylling, que, como você poderá imaginar, estava cheio de gente; quase todos os participantes da reunião ali se encontravam. Foi de fato muito agradável. Tyge Jakobsen também estava, e fez um magnífico discurso acerca do batismo. Dias formidáveis foram aqueles, pode crer!

— Mas vamos para a sala... repetiu Emanuel, desta vez com mais firmeza.

— Não não... Ponha-me agora no olho da rua, caro amigo, senão fico aqui conversando até perder o fôlego. Então, até à vista, meu caro! Adeus! Adeus! Dê lembranças minhas lá dentro à família

Mal o velho tinha saído do quintal, apareceu Hansine à porta da cozinha, com mangas arregaçadas e uma lata cheia de resíduos de cozinha nas mãos, exatamente em tempo de ver ainda as largas costas do estranho que atravessava o portão.

— Que! — exclamou ela, pondo a lata no piso de pedra e correndo em direção ao quintal, para junto de Emanuel. — Acho que... era nosso diretor da escola superior. Como é possível? Fazia muito tempo que vocês dois conversavam? Mamãe e eu estávamos lá na adega, não os ouvimos falar... Mas era ele, não era?

— Sim, deve ter sido ele.

Sua resposta a fez erguer de relance os olhos. Pelo tom de sua voz parecia desapontado.

— Não gostou dele? — perguntou.

Naquele momento, voltando-se para ele quase com ansiedade, com seus ares tímidos e as mangas arregaçadas, ela estava tão adorável que Emanuel, conhecendo sua ardente dedicação ao velho, não quis contradizê-la; apenas sorriu e acariciou-lhe as faces. Na realidade ele não estava tão desapontado como admirado, atordoado, confuso, por aquela ininterrupta torrente de palavras, das quais nem compreendera a metade.

Não houve, porém, ocasião para longas explicações.

Ole entrou correndo pelo pequeno portão entre os galpões, com o rosto afogueado e banhado de suor. Apesar da proibição da mãe, não se pudera manter afastado do serviço sagrado, e acabava de correr da igreja até ali, sem parar.

— O Bispo chegou! — gritou êle, assim que entrou no quintal.

— Quê? O Bispo! — exclamaram Emanuel e Hansine ao mesmo tempo.

— Sim, chegou, sim... Eu mesmo o vi. Êle entrou na igreja no momento em que o deão ia subir ao púlpito. Foi agora com o deão para casa, para o presbitério.

O rosto de Emanuel tingiu-se de vermelho.

— Então preciso ir lá! — disse êle, dirigindo-se imediatamente ao quarto de Ole para mudar de roupa. Quando voltou, também Else viera ao quintal e junto com Hansine ouvia o relatório atropelado de Ole.

— Que poderá querer o Bispo? — perguntou ela, voltando-se com ar preocupado para Emanuel.

— Isso é meio difícil de saber. Veremos... — respondeu êle de modo quase brusco. Despediu-se rapidamente e saiu.

Hansine o acompanhou, mas nenhum dos dois falava. Ela estava um pouco pálida e um tanto ansiosa. Inquietava-se facilmente desde que ficara noiva. Era como se êsse acontecimento tivesse abalado alguma coisa no seu caráter, antes tão firme. A cada ocorrência inesperada, por insignificante que fôsse, mudava de côr, como se vivesse num ambiente de insegurança.

Quando chegaram ao alto da colina, ela despediu-se e disse:

— Esperamos você hoje à noite, para nos contar o que houve. Comovido por ver o quanto ela se esforçava por ocultar seus cuidados, êle a beijou na testa:

— Não tenha mêdo, minha amiga! Que mal se poderia fazer a nós dois?

5

Junto ao portão do presbitério estava parado um pequeno carro de aspecto bem modesto, que poderia ser irmão gêmeo da charrete do veterinário Aggerboelle, a tal ponto eram semelhantes. Era nessa famosa viatura, conhecida quase no país inteiro, que o Bispo percorria as estradas de sua diocese: no verão de capa branca de brim; no inverno, metido num capote

prêto de pele de ovelha, acompanhado só por um rapaz, ajudante de estrebaria que usava um boné com botão polido. Sem poupar as próprias fôrças ou as de seu cavalo esparavanado, com sol e com chuva, êle devorava léguas e léguas de chão, surpreendendo os seus padres quando aquêles menos nêle pensavam, em absoluto contraste com seus reverendíssimos colegas, que sempre avisavam solenemente a sua chegada com quinze dias de antecedência, para que tudo, tanto na igreja como na cozinha, estivesse pronto para uma digna recepção.

Quando Emanuel chegou ao presbitério, na hora do almoço, todos já haviam tomado lugar à mesa que, contra os hábitos da casa, tinha sido posta ao ar livre, à sombra dos castanheiros em flor. Isso fôra feito por sugestão do Bispo, que tinha declarado achar uma refeição entre árvores uma delícia digna de reis; Ragnhild satisfizera, assim, seus desejos, embora não de muito boa vontade.

Já antes do meio-dia o calor tornara-se bem incômodo, e o ânimo em tórno da mesa parecia altamente influenciado pelo mormaço. Apesar de o Bispo mostrar-se muito amável e evidentemente esforçar-se por dissipar a desconfiança despertada com sua vinda inesperada, tanto o deão como Ragnhild mantinham fria e muda reserva. Entre o Bispo e Toennesen haviam sido trocadas apenas palavras triviais. Pelo caminho da igreja para casa o Bispo gabara o cântico da igreja e falara do tempo e das probabilidades de colheita. Mais tarde, quando estava sendo posta a mesa para o almoço, êle percorrera o jardim, olhando tudo, aparentemente com grande interêsse, conversando como autoridade no assunto sôbre flôres e fruticultura; falara sôbre uma nova espécie de grama inglêsa que, segundo diziam, resistia ao inverno melhor do que tôdas as espécies até agora conhecidas, e sôbre adubos compostos. Dir-se-ia que êle só lhes tinha vindo fazer uma visita de caráter particular.

O deão permanecia contudo vigilante e pronto para a luta. No momento em que encontrara o Bispo na igreja, após o ofício divino tinha-se convencido de que êsse homem viera para fazer causa comum com seus inimigos. Mesmo essa chegada sem prévio aviso nessa época, segundo sua opinião, só podia ser interpretada como uma tentativa de humilhá-lo perante a população. Estava, pois, firmemente decidido a repelir enérgicamente essa ofensa.

Nem de longe lhe ocorria que criara para si mesmo uma situação bem pouco favorável perante seu superior, quando se

deixou levar pelo arrebatamento durante sua última prédica, ao ponto de ter lançado acusações tão violentas contra seus ouvintes que apenas a presença do Bispo evitara o abandono em massa da igreja, como fôra preconizado pelo tecelão Hansen. De modo geral nem passava pela cabeça do deão Toennesen que êle não pudesse, em todo os sentidos e principalmente em relação ao cargo que lhe fôra confiado por Deus e pelo rei, resistir a qualquer julgamento, por mais rigoroso que fôsse.

O Bispo era um homem de estatura baixa, espadaúdo, com sobranceiras oblíquias e cabelos bastos, salpicados de pontos grisalhos. Fôra outrora ministro do partido nacional-liberal, tendo sido um dos conselheiros preferidos do falecido rei. De fato, não faltava dignidade em seus modos; seu rosto largo, completamente glabro, podia às vêzes assumir uns traços severos, de gravidade bíblica. Mas essa dignidade era, de um modo todo particular, misturada com ligeiros lampejos de negligência caprichosa nas maneiras, restos da ousadia estudantil do "quarenta e oito", que fôra estimulada na côrte popular de Frederico Sétimo, e que desde então continuava a caracterizar diversos dos homens preeminentes dos nossos primeiros anos de liberdade.

Essa simplicidade jovial contribuía sobretudo para que êle atraísse para si o mais profundo desagrado da Senhorita Ragnhild. Criara-se nela, uma vez por tôda, um horror invencível a tôda e qualquer espécie de familiaridade popular, e nem lhe causava qualquer impressão o fato de ser, neste caso, um Bispo e ex-ministro o homem sem-cerimônias que se recostava confortavelmente na cadeira, como se estivesse em sua própria casa, enterrando as mãos nos bolsos para fazer tinir suas chaves; que passava a faca entre os dedos, dizia coisas como "sair fora" e, dirigindo-se a ela, a chamava de "menina". Além disso, ela partilhava inteiramente os pontos de vista de seu pai quanto ao modo pelo qual o Bispo desempenhava o seu cargo. Achava completamente indigno de um homem em tal posição andar vagando pelas estradas como um açougueiro ambulante, e considerava suas freqüentes visitas de surpresa às igrejas e escolas uma espionagem indecorosa que fatalmente abalaria o prestígio dos professores e pastôres entre a população.

O que despertava principalmente a animosidade do deão contra o Bispo era, contudo, a posição dêste último na vida pública, sobretudo na política, onde sua atitude inegavelmente revelava que êle, apesar de sua idade avançada, ainda vivia in-

teiramente dominado pela ambição. Tinha, durante vários anos, oscilado constantemente entre os dois partidos políticos que se combatiam acirradamente, para no momento decisivo, tomar a direção como o mediador, o apaziguador. Mas depois, à medida, que as probabilidades de uma solução harmoniosa do conflito se iam reduzindo cada vez mais, êle se passara aos poucos para o campo dos democráticos, onde também não se pouparam adulações para o atrair e o levar a abrilhantar as fileiras avançadas do povo com o seu nome histórico. Êle ainda se havia recusado decididamente a proclamar sua adesão ao partido; era porém um segrêdo público, pois nem êle mesmo procurava ocultar que não seria contrário a deixar-se eleger com votos democráticos para o Parlamento, onde novamente poderia firmar o pé dentro dos círculos governamentais.

Com grande sinceridade êle próprio falava de sua fraqueza pela política e pelo poder. Assim, mal haviam sentado à mesa, puxou a conversa para os rumores de sua candidatura ao Parlamento, que, nos últimos dias, voltaram a aparecer em todos os jornais do país.

— Que hei de fazer? — disse êle sorrindo. — Penso que com os políticos se dá o mesmo que com velhos cocheiros de gente graúda. Quando se estêve uma vez no alto da boléia, com as rédeas na mão, talvez usando o chicote em horas de apêrto, não se acha mais jeito de voltar à cocheira e cortar feno. Lembrome, fato da minha infância — de um cocheiro de diligência que, durante mais de trinta anos, fêz tôdas as noites o trajeto da cidade em que nasci para uma das cidades vizinhas. Contava-se que, quando êle ficou velho e imprestável, inventaram, cada vez que estava em vias de morrer, de lhe dar nas mãos os cordões das cortinas da cama, para que êle pensasse que ainda estava em função; com isso logo lhe voltava a fôrça vital. Eu também já disse à minha espôsa que, se um dia ficar doente, ela não se esqueça de me trazer um chapéu de três pontas para me iludir, fazendo-me pensar que fui eleito presidente do conselho; creio que logo me sentirei bem outra vez!

O Bispo riu-se e Toennesen continuou mudo, projetando o lábio inferior para a frente, em sinal de desaprovação, dando a entender que não via o mínimo motivo de partilhar da alegria do outro.

Foi quando Emanuel apareceu na varanda, aproximou-se e cumprimentou.

O Bispo o recebeu exatamente como compete a um Bispo receber um nôvo sacerdote, cujo procedimento motivou uma queixa com detalhada exposição de agravantes, por parte de seu superior direto. Mas aquêlê cumprimento severo parecia ser estudado, ensaiado de antemão, e não serviu para abrandar o deão Toennesen. Enquanto Emanuel tomava lugar à mesa, o Bispo continuou sua alocução, dissertando com certa vaidade parlamentar sôbre a situação política; expressou, nessa ocasião, sem reservas, sua adesão ao partido popular em muitos de seus esforços para modificar a vida pública e a administração. Toennesen, diante disso, não podia mais manter sua atitude passiva; sobretudo não queria que o capelão interpretasse seu silêncio como temor de contradizer o Bispo.

— Quer-me parecer contudo —, disse êle, enxugando a boca com o guardanapo e tentando com arrogância sobrepujar a superioridade do Bispo — quer-me parecer que nós, no momento, temos menos falta de novos movimentos e novas correntes, tal como Vossa Reverendíssima parece julgar, do que justamente de sossêgo e clareza, para que as diversas instituições do país, que tantos abalos sofreram desde a promulgação da constituição possam recuperar a estabilidade de que tanto necessitam.

— Ah!, eu não tenho mêdo de um pouco de arejamento! — exclamou o Bispo com vivacidade jovial. — Uma limpeza geral de vem em quando beneficia qualquer casa; e não há mal algum que venha gente de esfregões em punho... Não é assim que chamam a essa espécie de escôvas, menina? Ragnhild a quem êle se dirigira, respondeu com um "Pode ser" incrivelmente curto.

— Não falei de maneira alguma a favor de se conservar qualquer espécie de sujeira — disse o deão com inabalável seriedade, num tom de desagrado — aliás, existe a êsse respeito um antigo adágio, segundo o qual se deve estar vigilante para não jogar fora a criança junto com a água do banho... Talvez em nossos dias não houvesse mal em gravá-lo na memória. Confesso que sou francamente conservador, que o fui a vida inteira, e que absolutamente não consigo adotar os modernos princípios de limpeza geral. Quando a cultura, a instrução e os conhecimentos gerais não mais são considerados indispensáveis ao desempenho dos cargos públicos, mas quase são tidos como um mal; quando se exige que qualquer aprendiz ou empregado doméstico tenha tanta influência na direção do reino como um homem que empregou tôda a sua vida em desenvolver suas capacidades intelectuais e ampliar sua experiência, sobrevirá

a decadência, tanto espiritual como material, dum povo. Disso a história está cheia de exemplos.

O Bispo, que tinha acabado de comer, recostou-se na cadeira com as pontas dos dedos de ambas as mãos enfiadas nos bolsos, sobre sua pequena barriga roliça. Nessa posição, atento e pensativo, fitou o deão, enquanto aquêle falava. Depois cruzou os braços sobre o peito, virou a cabeça para o lado e, com um pequeno sorriso irônico:

— O que o senhor diz, deão Toennesen, me faz imaginar um homem que apenas quer usar no trabalho o braço direito que, seja por natureza ou seja por causa do uso mais intensivo, é mais vigoroso do que o esquerdo, que êle traz sempre numa firme amarra para que não o estorve em seus movimentos: êste braço atrofia-se mais e mais, terminando por definhar de uma vez, perdendo a capacidade de se mover. Tal procedimento todos nós consideraríamos, na melhor das hipóteses, muito esquisito, absolutamente injustificável. Por que não deve então o corpo do Estado usar o seu lado direito bem como o esquerdo, mesmo se o primeiro, quer seja por determinação da natureza, quer por outro qualquer motivo, é, no momento, o mais bem desenvolvido? Não seria mais acertado procedermos, na vida pública, como um homem ajuizado que tem um fardo pesado a carregar por um longo caminho e, ao andar, muda freqüentemente o fardo de uma mão para a outra? Com isso se evitará o esgotamento pela fadiga e se conseguirá um desenvolvimento harmonioso das diversas partes do organismo. Não o nego: também na política professo a velha boa proposição: "Um, dois — à direita, à esquerda — à direita, à esquerda —, alemães e suecos!" (4) — disse êle, rindo.

— Ah!, não creio que haja no momento motivo para temer uma paralisação do membro esquerdo do corpo do Estado — observou Toennesen. — Parece-me, pelo contrário, que existe, atualmente, algo muito canhoto em tôda a nossa vida pública!

Êle mesmo gostou dessa sua réplica e atirou um olhar a Emanuel.

— Ah!, sim... Naturalmente. Admito que têm aparecido fenômenos no nosso horizonte político que são muito lamentáveis; mas tal é inevitável nos dias tempestuosos em que vivemos. Trata-se é de saber com inteligência e critério desviar os relâmpagos... Essa é a tarefa mais importante dos atuais políticos dirigentes. Mas não deve ser esquecido que nós, sobretudo perante a classe camponesa, temos muitas injustiças antigas a re-

parar; assim, se talvez no momento a tendência é deixar ao camponês decisiva influência em nossa evolução, isso é apenas um simples gesto de justiça que há muito tempo devíamos ter tido, não só em consideração ao camponês, mas também para o bem-estar e o progresso do país. Dificilmente se poderá negar que se tem verificado nos últimos tempos lamentável paralisação no desenvolvimento de nossa vida pública, uma falta de elementos novos — que deve ser sanada. Necessitamos sem dúvida alguma cultivar novas camadas da população para incentivar nossa vida intelectual, descobrir e trazer para a luz do dia — se é que me posso exprimir assim — terras novas e férteis, das quais poderá nascer e desenvolver-se um futuro vigoroso, com forças vitais. Como é conhecido, nenhum jardineiro inteligente deixa de revirar profundamente seu jardim com alguns anos de intervalo, trazendo a terra de baixo para cima... Ele o faz sem temer a avalanche de ervas daninhas que sempre, no começo, surgirá de uma tal terra inculta e nova; fá-lo sabendo que suas culturas, com novo vigor, dominarão as ervas daninhas, terminando por sufocá-las. Não alimento o menor receio pelo arroteamento profundo de nossa lavoura intelectual que nosso tempo está em vias de pôr em prática. O futuro nos mostrará que ele é capaz de produzir bons e sadios frutos quando, aos poucos, um caldeamento suficientemente perfeito das camadas novas e das antigas tiver sido alcançado. Cada um que contribua para essa realização me parece, por conseguinte, estar efetuando uma boa obra, tanto para com nossa pátria como para sua própria evolução intelectual e moral.

O rosto do deão Toennesen tomou de repente a cor cinzenta que geralmente adquiria quando o seu sangue chegava a ferver. Essas palavras do Bispo, ditas na presença de Hansted, nesse caso especial só poderiam ser interpretadas como plena aprovação; sim, até como um tributo aos atos do capelão e de seus cúmplices.

— Pois, quanto a mim, não tenho a menor confiança nessa chamada nova camada de terra —, disse ele com voz que vibrava de indignação contida. — Parece-me pelo contrário, que é só areia estéril ou partículas ainda piores, que a glorificação, da plebe, em nossos dias, com o auxílio do tão elogiado direito universal de voto, vai buscar abaixo da superfície. Se essa loucura continuar, estou preparado para ver, um belo dia, o nosso país governado por um magote de seminaristas reprovados, refugados... por vaqueiros!

— Ora... Isso são só maneiras de dizer! Se de fato um dia se mostrar que a massa do povo nos decepçiona em nossas expectativas, ou, mais exatamente, que nós ainda não encontramos o verdadeiro meio para despertar-lhe as faculdades, o talento adormecido, isso ainda não quer dizer que aconteceu algum mal irremediável. Sempre teríamos feito uma experiência absolutamente cabível, aconselhada tanto pelo espírito de justiça como pelo bom senso!

— Pois acho que já experimentamos suficientemente sob nossa nova constituição. Tivemos que pagar bem caro nossa desastrosa experiência com o espírito público casual, do momento, em 64.

Essa alusão descarada à última e infeliz guerra, pela qual em geral se responsabilizava, em grande parte, justamente o ministério do Bispo, foi como uma rajada de vento gelado que passasse pela mesa. O Bispo empalideceu e atirou ao deão alguns olhares rápidos e sem firmeza, como se estivesse deliberando de que maneira retrucaria melhor a êsse atrevimento. Repentinamente cingiu ao rosto a máscara de gravidade bíblica e disse com voz absolutamente comedida:

— Parece, deão Toennesen, que o senhor, em sua estranha falta de confiança no nosso povo de hoje, esquece a verdade de que muito daquilo que é revelado aos simples está oculto dos sábios e ajuizados!

O deão quis fazer objeções, mas o Bispo não se deixou mais interromper e continuou com fôrça crescente:

— Justamente nesse particular vale a pena nos lembrarmos que Cristo, quando andava pela terra, não procurou auxílio para sua obra de redenção entre os sábios, mas na classe trabalhadora, já naquele tempo desprezada, quer dizer, entre os camponeses, pescadores e pequenos artesãos, de cuja vida e de cujas condições Ele partilhou em todos os aspectos durante Sua estada na terra. Não deveria ser isso um exemplo para todos os cristãos? Será que ainda não está em tempo de reconhecermos que nosso Redentor não foi só o divino amenizador do caminho às celestes moradas, mas que criou, além disso, principalmente ao golpear a arrogância espiritual pagã, as bases para um reino de justiça aqui na terra, uma sagrada soberania popular ainda reservada ao fundo, segundo Seu mandamento "Ama teu próximo como a ti mesmo!" O lema "Liberdade, Igualdade, Fraternidade", do qual determinado partido de recente formação se apoderou infelizmente em sentido todo especial, é em poucas

palavras toda a doutrina social de Cristo, que todos nós faríamos bem em gravar profundamente em nossos corações.

Na outra extremidade da mesa, Emanuel, curvado sobre seu prato, seguia o tempo todo com viva atenção esse colóquio. Seu coração rejubilou quando ouviu as últimas palavras do Bispo que tão claramente expressavam seus próprios pensamentos mais íntimos, e que de novo o reforçavam na consoladora certeza de que agora também ele caminhava pelo rumo certo, nas pegadas de Jesus, e tomava parte na edificação do mundo de venturas que a sociedade fraternal dos cristãos um dia expandiria por sobre toda a terra.

O deão Toennesen guardou silêncio após as últimas palavras do Bispo. Com a alusão ao infeliz passado político deste, ele desabafara; não queria rebaixar-se a ponto de discutir com um homem, ainda por cima um Bispo, que, quando se via em situação difícil, não recuava nem ante explorar o Redentor do Universo para a sua política partidária, que simplesmente fazia Dêle até um socialista!

Ao mesmo tempo o vento trouxe até eles as baladas do sino da igreja de Vejlbj, que vinham lembrar estar-se aproximando a hora para a última missa.

O deão Toennesen levantou-se e disse, não sem malícia:

— Vossa Reverendíssima deve desculpar-me; minhas atividades eclesiásticas me chamam. Espero ter a satisfação de ver ainda Vossa Reverendíssima quando eu voltar. Dito isso, sem esperar qualquer resposta, empurrou bruscamente sua cadeira para junto da mesa, afastando-se com passos majestosos.

Um momento depois também os outros se ergueram. Com fisionomia grave o Bispo deu a mão a Ragnhild e a Emanuel, dizendo a este, num tom de voz que absolutamente não parecia influenciado por qualquer lembrança duma queixa com detalhada exposição de motivos:

— Eu gostaria muito de dar uma olhada pelos arredores, até que o deão Toennesen regresse. O senhor não queria acompanhar-me num passeio por aí?

Emanuel ficou vermelho e inclinou-se.

Ragnhild, parada junto à mesa, observou os dois com olhos que brilhavam de desprêzo. Quando, pouco depois o Bispo se dirigiu a ela para despedir-se, seu rosto tomou o habitual ar in-

diferente; e quando os dois homens ergueram seus chapéus de feltro — Emanuel tinha trocado o chapéu de palha — ela curvou a cabeça exatamente tanto quanto o exigia a mais formal polidez.

6

O Bispo e Emanuel atravessaram o jardim e saíram pelo pequeno portão que dava para o campo. O Bispo, que acendera um charuto e desabotoara o colête, lançava ao ar baforadas de fumaça como um homem muito absorvido em meditações. De vez em quando fazia uma observação qualquer sôbre um ou outro objeto que via pelo caminho.

Emanuel ia mudo a seu lado. Compreendera logo que o Bispo tinha sugerido êsse passeio de propósito, e estava firmemente decidido a aproveitar a oportunidade para lhe prestar contas de modo completo e claro de suas relações com a comunidade.

Quando alcançaram o cume do "Outeiro do Padre", o Bispo parou e começou a contemplar o panorama com ar distraído, perguntando os nomes de algumas das muitas igrejas cujas alvas tôrres brilhavam como fachos acesos na radiante luz do sol. Disse algumas palavras acêrca do poder das belezas naturais sôbre os sentidos humanos, pondo-se por fim a falar da sêca e das más perspectivas de colheita.

— Ouço de vários lados — disse êle pensativo — que se começa a ter sérias preocupações. Seria realmente triste se os receios fôssem fundados.

— Provavelmente não há motivo para cuidados, pelo menos por enquanto, observou Emanuel, a quem o assunto tornava loquaz. — É verdade que as sementeiras de primavera sofreram um bocado. Sobretudo a cevada de seis carreiras e as pastagens nos pontos mais elevados foram em parte destruídas; mas o centeio ainda está regular na maioria dos lugares, onde não foi muito prejudicado pelas geadas da primavera.

O Bispo voltou-se para êle. Parecia despertar de sua divagação.

— Muito bem — disse com um sorriso. — Vejo que já é um perfeito lavrador, Sr. capelão!

Emanuel corou de novo, e seu coração começou a bater. — É agora! — pensou êle.

Mas o Bispo continuou a andar, descendo a colina, e pôs-se de novo a falar da paisagem e da influência das belezas naturais sobre o espírito humano.

De repente, interrompeu-se, e falando como se por acaso lembrasse de algo:

— Diga-me ... O senhor é filho do conselheiro ministerial Hansted, não é?

— Sim, senhor.

— Foi o que pensei — acrescentou o Bispo, daí por diante parando completamente de falar.

Durante vários minutos os dois homens seguiram em completo silêncio pelo estreito atalho que cortava os campos e ia até à praia. Um bando de gralhas espantadas pelo ruído de seus passos ergueu o vôo, dos sulcos de um aral abandonado, e evolucionou em círculos sobre suas cabeças. Na frente, na trilha, a menos de trezentos metros de distância, uma rapôsa saiu rastejando; parava de vez em quando e olhava calmamente para trás.

— Diga, Sr. Hansted — o Bispo, finalmente, tomou a palavra — já se sentiu alguma vez, em seu tempo de estudante, ou possivelmente antes, atraído por determinadas correntes espirituais dentro do mundo acadêmico, ou talvez fora dêle?

— Eu? Não — respondeu Emanuel, erguendo os olhos com surpresa. — Durante minha adolescência e sobretudo no meu tempo de estudos vivi um tanto isolado e retraído. Por assim dizer nunca tomei parte na habitual vida de estudantes.

— Mas, entre seus colegas, deve ter tido amigos que exerceram influência sobre o senhor. Nunca fêz parte de associações religiosas, literárias ou talvez políticas?

— Não. Nunca... O que em geral se costuma chamar um amigo, provavelmente nunca o tive. Desde que cresci fui levado a contentar-me quase que exclusivamente comigo mesmo, e minha companhia foram os livros. Sobretudo sempre me mantive alheio à vida política.

— Ah!, bem... — disse o Bispo e pigarreou. Notou-se na sua voz um ligeiro desapontamento.

— Mas como foi isso, então? — acrescentou pouco depois, parando e fitando Emanuel com um sorriso estudado e satis-

feito. — Como chegou o senhor a formar suas opiniões, seus pontos de vista, para falar com franqueza, um tanto extremistas em vários sentidos? O modo de encarar a vida não é coisa que se adquira por meio de leituras. Admito que os livros podem contribuir para tornar a mente acessível às influências pessoais ou podem auxiliar a estabilizar os resultados de tais influências. Mas naturalmente... — interrompeu-se de novo, continuando a andar. — Eu compreendo... Sua casa, sua falecida mãe não deixaram naturalmente de influenciar o seu desenvolvimento. Lembro-me agora de que o senhor disse qualquer coisa nesse sentido quando nos falamos por ocasião de sua ordenação. Sim, sua mãe foi uma mulher singular, cheia de entusiasmo e fé. Como decerto já lhe disse naquela ocasião, eu a conheci muito bem na minha mocidade. Pertencíamos, se assim me posso exprimir, ao mesmo círculo. Também senti muito a sua morte. Era uma pessoa delicada demais para este mundo. Até certo ponto ela sucumbiu na luta justamente por não possuir, num momento decisivo, a necessária resistência, a energia, cuja falta as pessoas de natureza nobre e abnegada tantas vezes têm a lamentar. Falo tão francamente por saber que nada disso lhe é desconhecido; lembro-me de que o senhor mesmo mencionou a desarmonia em seu lar como uma das causas que o levaram a decidir-se por um cargo eclesiástico numa região solitária e afastada. Com certeza não lhe estou traindo nenhum segredo quando digo que sua mãe, provavelmente num momento de depressão, de fraqueza feminina, somente agiu premida pelos esforços de persuasão e pelos argumentos de sua família, ao ceder na questão de um casamento que em muitos pontos deveria contrariar sua natureza; e terá sido sobretudo a sensação de se ter deixado arrastar à traição de seus ideais, que projetou sombras cada vez mais negras sobre sua vida posterior e por último apagou completamente a luz de seu espírito. O senhor poderá, pois, compreender, caro amigo, que impressão me causou saber que o filho dela tinha agora atado o elo que ela teve de largar; tinha começado a seguir, na vida, os ideais que para ela eram os mais elevados.

Emanuel permaneceu mudo e com os olhos baixos, fitando o chão. Constantemente, nos últimos tempos, quando lhe falavam de sua mãe, ficava tão comovido que tinha de esforçar-se para não irromper em pranto.

O Bispo continuou: — Mas, deixe-me agora como velho amigo de sua mãe — pois acho que me posso considerar assim —

dar-lhe um bom conselho, Sr. Hansted. Ou... Conte-me primeiro em que está pensando e como o senhor encara de todo a questão de sua posição futura neste lugar. Que tem uma noiva aqui, eu já soube por informação particular, e sei também que as suas opiniões e suas relações com uma determinada, limitada parte dos paroquianos, despertaram em alto grau a indignação do deão Toennesen. Estamos, pois, em face dum conflito muito grave. De que maneira imagina o senhor que o mesmo poderá ser solucionado?

Emanuel confiou abertamente ao Bispo seus planos, contou-lhe da pequena propriedade, perto da praia, que pretendia adquirir, de sua intenção de viver como lavrador, livre e independente, de início só atuando como sacerdote e professor entre seus amigos. O Bispo ouviu-lhe suas palavras com atenção, olhando-o algumas vêzes surpreso enquanto êle falava. Quando Emanuel terminou, êle andou ainda um pouquinho em silêncio, parecendo ponderar minuciosamente. De súbito, ergueu a cabeça e disse:

— O que o senhor acaba de me expor pode ter sido muito bem ideado e pode, de certo modo, ser o verdadeiro caminho a seguir, mas assim mesmo só posso desaconselhar vivamente um tal passo. Digo-lhe, com franqueza, que o considero uma levianidade da qual o senhor mais cedo ou mais tarde irá arrepender-se. Se quiser ouvir meu conselho, não abandone o caminho reto. A Igreja hoje em dia precisa de todos os elementos novos e vigorosos; o que devemos fazer, em defesa contra o inimigo comum, é unir nossas forças, e, não, dispersá-las. Prometa-me, pois, que tirará essas idéias da cabeça.

— Mas, Reverendíssimo... isso não posso fazer! Sinto que é aqui, neste lugar, que tenho meu cargo na vida, e já estou ligado à região e à população com tão fortes laços que não mais posso rompê-los.

— Mas... Quem fala em romper tais laços?

Emanuel ergueu os olhos, admirado.

— Mas eu julguei... Pensei que o Bispo sabia que o deão Toennesen desejava minha transferência. Não resta, pois, para mim outro caminho.

Pois é justamente a respeito disso que eu gostaria de falar com o senhor... Mas vamos voltar; o sol está forte demais a esta hora... Então, de que falávamos nós? Sim, era isso que eu lhe queria dizer, ou melhor, que eu queria confiar-lhe, pois se trata de um segredo administrativo, do qual o senhor absolu-

tamente não deve falar a outros. Enfim: o deão Toennesen pedirá, muito provavelmente, dentro em breve, a sua demissão deste cargo.

— O deão Toennesen! — exclamou Emanuel, parando boquiaberto no lugar onde se encontrava, tal a sua surpresa.

— Sim. Conforme eu disse, é provável — continuou o Bispo, fingindo não notar a surpresa do outro. — Foi-lhe oferecido... Será provavelmente oferecido ao deão Toennesen um cargo fora da atividade sacerdotal propriamente dita, um cargo que servirá justamente para suas capacidades especiais; não duvido que ele o aceite, tanto mais que sua posição aqui na paróquia evidentemente não o satisfaz, sim, talvez se tenha tornado positivamente insustentável. Já por isso eu gostaria muito que o senhor por enquanto ficasse aqui. Pois agora haverá uma vaga, para a qual o senhor será interinamente nomeado; é provável que essa interinidade se estenda por longo período, pois se pretende aproveitar a oportunidade para instituir uma modificação da qual já há muito tempo se cogita. Como o senhor sabe, os moradores da ponta norte da paróquia já se queixam durante muitos anos do longo caminho entre a igreja e a escola; existem agora todos os motivos para finalmente atender seus desejos, transferindo-os para a paróquia vizinha, tanto mais que, segundo eles mesmos sempre afirmaram e como foi confirmado agora por exame mais detalhado da questão, de fato pertencem a ela. São sempre necessários muitos preparativos para tornar efetiva tal modificação; talvez se passem alguns anos até à conclusão definitiva. E quais serão as suas perspectivas, então nas novas condições, que também influirão nas rendas do cargo, não quero mencionar; deixarei inteiramente ao senhor tais considerações. Em geral, não me aprofundarei mais no assunto, não vejo necessidade de o fazer, talvez nem tenha esse direito; apenas confiei tanto assim no senhor por que quis evitar que tomasse alguma decisão precipitada. Devo acrescentar ainda que, também segundo minha opinião, é precisamente aqui, sobretudo por enquanto, que terá seu setor de atividade; mas espero que agora terá reconhecido que justamente na posição atual se abre um grande e importante campo, em todo caso para uma série de anos. Como eu disse antes, hoje em dia podemos precisar de todas as forças novas e intactas da igreja... E isso talvez não valha apenas para esta região, que durante muito tempo teve a fama de ser um pouco atrasada. Sim, até os políticos chamam

isto aqui um de seus "pontos mortos" — acrescentou êle sorrindo, como se fôsse algo que lhe tivesse ocorrido no momento.

Assim conversando tinham chegado de volta ao portãozinho, na extremidade do parque do presbitério. O Bispo parou e estendeu a mão a Emanuel.

— Pense agora bem no que eu disse e deixe, em todo caso, de tomar qualquer resolução antes de uma semana, mais ou menos. Se até lá desejar falar comigo, sabe onde pode encontrar-me.

Apertou rapidamente a mão de Emanuel e afastou-se através do jardim.

Arrebatado pelas palavras do Bispo, Emanuel, vendo-o distanciar-se, ficou parado onde estava, com uma expressão quase atordoada, como fazem os homens quando, de repente, vêem todos os seus planos de futuro transtornados por uma grande e inesperada ventura, não sabendo no primeiro momento se devem rir ou chorar.

Alguns dias mais tarde, à noitinha, um barco de pesca, a remo, atravessou o fiorde na direção de Skibberup. Na pôpa ia Emanuel, envolto, até à cabeça, numa lona. A chuva ansiosamente esperada tinha afinal começado. O céu inclinava-se negro e pesado sobre a água, e grossos pingos batiam com forte ruído contra o banco de voga. Emanuel vinha de Sandinge, para onde, um dia após a visita do Bispo, tinha viajado com o carpinteiro Nielsen, que o acompanhara como uma espécie de ajudante. Ele tinha querido escapar das muitas perguntas referentes ao Bispo, com que os moradores de Skibberup logo o haviam assaltado e às quais, por enquanto, não lhe era permitido responder. Sentira também necessidade de afastar-se um pouco para refletir com calma sobre a proposta do Bispo, e além disso o encontro com o velho diretor da escola superior tinha aumentado sua impaciência de finalmente vir a conhecer a extraordinária escola que era o lar espiritual de Hansine e de toda a mocidade de Skibberup. Não ficara desapontado. Compreendia, agora, por que os olhos de toda a gente moça brilhavam cada vez que se mencionava a escola de Sandinge. O grandioso conjunto de edifícios lembrando um antigo palácio senhorial, com paredes vermelhas revestidas de hera e madressilvas; a enorme sala de conferências construída como um saguão nórdico, com teto de madeira lavrada e cabeças de vigas esculpidas; mas, sobretudo, as oitenta jovens camponesas, as alunas dêste ano, e o singular modo de instrução, os cantos, conferências, leituras e reuniões bíblicas para as quais a população da região comparecia todas as noites após o trabalho quotidiano; os lavradores vestindo camisas de lã, os artesãos em suas blusas de trabalho — tudo o tinha arrebatado e entusiasmado desde o primeiro dia. Agora, que tinha visto o diretor em seu elemento, no colégio, a percorrer, mancando, com sua bengala as dependências

da escola — um verdadeiro pai dos alunos e professores —, a todos distribuindo palavras de encorajamento e estímulo, carícias e meigas censuras, não mais se admirava da dedicação do povo pelo velho. Sobretudo compreendeu a extraordinária ascendência desse homem sobre o espírito dos jovens, quando êle o viu a primeira vez numa tribuna, tão cheio de entusiasmo juvenil, tão acalorado em sua fé e transportado por seus sentimentos, que as lágrimas lhe apontavam nos olhos castanhos enquanto falava com braços estendidos, como se em seu amor ao próximo quisesse apertar ao coração toda a humanidade.

No dia seguinte ao da chegada de Emanuel realizou-se na escola uma grande reunião popular, tendo sido êle principal orador. Abordando um tema religioso, frisou que só pode considerar-se filho de Deus quem sinceramente tentar seguir a doutrina de Cristo. Nos dias subseqüentes êle, em companhia do diretor, visitara vários círculos de amigos na vizinhança, e por toda parte fôra recebido com entusiasmo, adquirindo muitos novos amigos, de modo que toda a viagem aos poucos assumira o caráter de verdadeira passeata triunfal.

A visita teve muita influência, principalmente nas suas decisões quanto ao futuro. Reconhecia agora que o Bispo tinha razão, e que a pequena granja no campo, que êle queria comprar, era muito inadequada para a execução de uma idéia como a que fôra posta em prática na escola superior de Sandinge. Seriam necessários locais maiores, muitos aposentos, espaço para cavalos e carros dos que vinham de longe, e muitas coisas mais. Em outras palavras: o presbitério de Vejlbj parecia feito de propósito para ser um amplo lar da comunidade, aberto para todos, como êle desejava estabelecer.

Decidiu por isso seguir o conselho do Bispo e deixar-se investir no cargo quando o deão fôsse transferido. Estava ansioso por falar com Hansine sobre o assunto, achando que para ela teria o direito de quebrar a promessa de silêncio feita ao Bispo. Seu coração estava tão cheio de ventura, sua cabeça tão cheia de planos, que êle necessitava expandir-se.

Quando o barco alcançou a terra, tinha escurecido de uma vez. Só com muita dificuldade êle e o carpinteiro Nielsen acharam o sulco feito pelos carros que, do pequeno porto de Skibberup onde ancoravam os barcos, seguia entre as colinas até à cidade. Ali Emanuel se despediu de seu companheiro e foi às pressas para a casa de seus futuros sogros. Na janela da sala

de estar havia luz, e um momento mais tarde já se achava na sala, Hansine o abraçava e êle contava...

Alguns dias depois a "Fôlha do Povo" local trazia a seguinte notícia: "Segundo informações de fonte autorizada o Sr. deão Toennesen, pastor de Vejlbj e Skibberup, foi escolhido para preencher o cargo de diretor do recém-inaugurado Seminário do Estado, em Soeborg, perto de Copenhague. A nomeação oficial é esperada por êste dias".

2

Embora a transferência do deão Toennesen na realidade devesse ser considerada uma promoção, e embora êle mesmo estivesse longe de procurar dar-lhe outro sentido, os moradores de Skibberup logo a interpretaram como uma vitória de seu próprio partido. O tecelão Hansen tinha cumprido a palavra; dentro de poucas semanas o deão estaria fora do presbitério de Vejlbj. Na verdade o Bispo teve que empregar tôda a sua astúcia diplomática para conseguir o que queria sem maiores complicações com o deão obstinado que, na afobação do primeiro momento, recusara terminantemente aquela oferta de fariseu. Aos poucos porém Toennesen se fôra convencendo de que êle, tanto por si mesmo como para o bem de sua filha, deveria aproveitar essa oportunidade para, de um modo aparentemente glorioso, ser libertado de uma condição que sucessivamente se tinha tornado um sofrimento diário para ambos; e além disso o lisonjeara que se houvesse lembrado de seu passado de pedagogo e reconhecessem sua capacidade administrativa.

Skibberup tratou de malhar o ferro enquanto estava quente. Foi logo enviada uma delegação ao Bispo com uma petição na qual se expressava a esperança de que "na reocupação do cargo se tomariam em consideração os desejos da maioria da população nesse sentido". O nome de Emanuel não fôra mencionado na petição, mas a redação desta não deixava dúvidas quanto à verdadeira intenção. O Bispo recebeu a delegação, e principalmente seu chefe, o tecelão Hansen, com a melhor boa vontade; aludiu à próxima modificação do cargo que por enquan-

to tornaria necessária uma vaga mais longa, e afirmou que atenderia com prazer aos justos desejos das comunidades. A delegação foi convidada a almoçar, e depois do almoço tomou-se café com Sua Reverendíssima, no jardim.

Poucos dias depois o jornal da cidade informava que para as próximas eleições à Câmara dos Deputados o Bispo resolvera finalmente deixar-se proclamar candidato do partido democrático pelo décimo distrito do departamento, ao qual pertenciam justamente as paróquias de Vejlbj e Skibberup.

No entanto, Ragnhild aguardava ansiosamente o dia em que pudesse deixar para sempre o presbitério de Vejlbj. Embora se sentisse velha demais para poder esperar alguma coisa do futuro, desejava ardentemente sair daquele lugar onde tinha desperdiçado sua mocidade e onde não havia um canto, nem uma pessoa, que lhe causasse pena deixar. Sobretudo o inevitável convívio com o capelão lhe tinha sido nos últimos tempos simplesmente uma tortura. Seus permanentes esforços de adquirir maneiras expansivas, "populares", lhe pareciam ridículos. Achava que êle se tornara relaxado no seu aspecto exterior, que seus cabelos e suas roupas cheiravam a cocheira e suor a ponto de ela o sentir de uma extremidade à outra da mesa quando êle, o que agora raras vêzes acontecia, almoçava no presbitério; ela estava também de acôrdo com seu pai de que ocorrera simultâneamente uma mudança em seu caráter.

— Isso é característico de nosso povo, aqui da terra, quando alguém se quer tornar profeta. Sempre tomam nossos semineiristas como modelo — disse o deão. — Enquanto em outros lugares se procura a sabedoria mística em velhas escrituras, aqui se vai buscar a inspiração com vaqueiros e limpadores de cocheira. Antes que seja decorrido um ano, o Sr. Hansted, também intelectualmente, andarà de tamancos; todo o curso de seus pensamentos já é grosseiro como o de um campônio.

3

Em meados de julho os Toennesen puderam finalmente arrumar as malas e viajar. Alguns dos camponeses de Vejlbj e os três proprietários da paróquia tinham pretendido homenagear o

deão na despedida com um jantar festivo, oferecendo-lhe também um bule de prata, o que êle, porém, recusou de modo amável, mas enérgico. Apenas com as formalidades necessárias, e aparentemente sem qualquer amargura, o deão despediu-se de sua paróquia. Só perante Emanuel êle traiu uma vez seu verdadeiro estado de ânimo, ao apertar-lhe friamente a mão, dizendo que seria supérfluo desejar felicidades a quem era tão feliz por ter "os ventos da época" em suas velas.

Assim que o deão partiu, Emanuel deixou seu quarto de sótão e instalou-se com seus poucos móveis no gabinete de estudo e num dos dormitórios. Todo o resto do prédio ficou vazio, a não ser o quarto da empregada, onde a velha e manca Lone por enquanto ficou morando, como criada, embora ninguém lhe pedisse. Ela parecia como se pertencesse ao inventário fixo da casa, e Emanuel concordou benèvolamente com seu modo de encarar a questão. "Maren", o cocheiro, porém, tinha seguido o deão, juntamente com os cavalos e a sege. Não havia motivo algum para ajustar um nôvo camarada, pois as terras do presbitério, para grande tristeza de Emanuel, se encontravam arrendadas a um dos camponeses de Vejlbj e não estariam livres antes de um ano.

Como anteriormente a maior parte do tempo que lhe permitia sua atividade sacerdotal, êle a passava em Skibberup na casa dos futuros sogros, onde diariamente tomava parte em todos os trabalhos do campo. Arava o chão, mondava os canteiros de beterraba e transportava com o carrinho o estrume para as áreas vazias. À noitinha sentava-se com Hansine no cercado de pedras do jardim, contemplava o pôr do sol e falava do futuro. Ela apoiava, confiante, a cabeça no seu ombro e, enquanto as nebulosidades azuladas do crepúsculo se espalhavam por lavouras e prados, êle a estreitava, transbordante de felicidade, contra seu coração palpitante.

Quando chegou o tempo da colheita, com sua alegre azáfama, seus trigais dourados, o faiscar das ceifas e a música cristalina das segadeiras, êle atirou o paletó a um canto e saiu para os campos, de alfanjes às costas, na ponta da turma de Anders Joergen. Quando concluiu seu primeiro eito, para inteira satisfação do sogro, sentiu-se orgulhoso do que quando, em seu tempo, tirara o diploma com distinção.

Assim o tempo ia passando, cheio de felicidades, e o outono anunciou-se com dias curtos, tempestuosos e noites longas e obscuras...

À medida que a estação avançava, tornava-se cada vez mais doloroso para Emanuel o momento de se despedir de Hansine e deixar a sala quente e confortável de seus pais para iniciar a longa caminhada pelos atalhos encharcados, ao presbitério, com seus grandes aposentos vazios, onde êle freqüentemente ficava longas horas acordado, ouvindo os muitos ruídos misteriosos e inexplicáveis que sempre, durante a noite, assombram as casas desabitadas. Uma noite, pouco depois de ter adormecido, foi acordado por um longo gemido com a origem do qual não podia atinar. Mas de repente lembrou de que era o apitar da sereia de incêndios. Pulou da cama e mal tinha vestido, às pressas, alguma coisa, ouviu bulha na casa; a porta se abriu e Lone apareceu, com saia de baixo, de tecido grosseiro, e uma vela acesa entre as mãos que tremiam convulsivamente.

— Sr. Pastor! É fogo! — gritou ela, com as faces azuladas. Como todos que tinham visto de perto o grande incêndio de Vejlbj, ela nunca mais podia ouvir o apitar da sereia sem ficar apavorada.

De tôdas as casas os moradores saíram das camas e vieram à rua com lanternas. Logo se verificou porém que o incêndio era numa choupana, na paróquia vizinha; o esguicho foi pôsto rapidamente a caminho, com os necessários homens, e a cidade voltou a mergulhar no sono.

Mas a intranquilidade causada e a vista do pânico dos outros haviam aumentado em Emanuel a sensação de desconforto e solidão. Nessa mesma noite decidiu casar-se o mais depressa possível. Logo no dia seguinte falou com Hansine sôbre o assunto. No primeiro momento ela ficou um tanto assustada. Esperara que Emanuel, pelo menos no primeiro ano, não falasse em casamento. Quanto mais se compenetrara ela de suas novas condições, sobretudo após ter surgido a possibilidade de vir o grande presbitério de Vejlbj a ser seu nôvo lar, tanto mais receosa ela ficava, temendo que jamais conseguiria preencher bem o lugar aonde o casamento iria colocá-la. Mas vendo o quanto Emanuel estava feliz e esperançoso, e o quanto significava para êle apressar o casamento, não o quis mais contrariar, nem inquietá-lo com suas preocupações. Após terem consultado também os pais, foi estabelecido, num conselho de família, que a cerimônia se realizaria no dia seis de outubro, aniversário do falecido "rei do povo".

Surgiu porém um pequeno desentendimento por cujo desfecho a gente da aldeia ficou esperando ansiosamente. Enquanto Hansine desejava que o casamento fôsse celebrado intimamente, sem festa alguma, era opinião da mãe que, tanto em consideração a ela mesma, Hansine, como a Emanuel, deviam comemorar o dia com a máxima solenidade que seus modestos meios permitiam, no que encontrou apoio de onde menos o esperava.

Numa tarde de domingo o negociante Villing e senhora, em solene visita, vieram desejar felicidades aos noivos. Tinham sido publicados os proclamas na igreja, com o que se oficializara o enlace. A senhora Villing veio de vestido de sêda e xale de crepe e trazia um sorriso beato no rosto meigo como o de uma freira. Villing usava cartola preta, paletó elegante, com ombreiras, e colête branco com botões redondos, de vidro. Desde o estabelecimento da cooperativa, os Villings não tinham pôsto os pés em Skibberup; mas os acontecimentos dos últimos tempos haviam, de modo surpreendente, abrandado seus corações. Tinham finalmente chegado à conclusão de que sua condenação aos moradores de Skibberup fôra precipitada e injusta e, como diziam os dois ao mesmo tempo, era absolutamente contra sua natureza viver em inimizade com qualquer pessoa. Tinham, pois, tomado a liberdade de aproveitar esta ocasião para afastar todos os mal-entendidos e harmonizar tudo.

Só Else e Anders Joergen estavam em casa por ocasião da visita, e a conversa, no começo, girava em tórno de coisas frívolas. Súbitamente, porém, o negociante fêz uma pergunta quanto ao próximo casamento, e como Else, com sua habitual franqueza, aludisse à pequena discórdia acêrca das festividades do ato, êle se ergueu, como num susto, e começou a ficar eloqüente.

Tinha de confessar — dizia — que não compreendia o ponto de vista de Hansine no assunto. Parecia-lhe que uma ocorrência tão importante teria de ser sem dúvida festejada de maneira digna; sim, que era simplesmente uma obrigação honrosa para com a casa de Anders Joergen transformar o dia numa festa de júbilo para todos os amigos da causa popular. Sabia, acrescentou, que entre todos os habitantes da região reinava forte disposição de expor públicamente, nessa oportunidade, os sentimentos de amizade para com os noivos, e êle estava convencido de que a participação de todos os moradores daria à solenidade o caráter de verdadeira festa popular.

Quando Villing notou que suas palavras causavam boa impressão, continuou a falar. Verificaram então que êle trazia na cabeça todo o arranjo completo para a festa.

Recomendava êle que se erguesse uma grande barraca no cercado atrás da casa, na qual se poderia comer; propunha, além disso, que obtivessem permissão para usar a sala de reuniões, que deveria ser decorada festivamente e usada como salão de baile; e, finalmente, que não recuassem ante as despesas; se quisessem dar-lhe a honra de pôr em suas mãos a direção e encarregá-lo das diversas compras, prometia que os gastos não excederiam de algumas centenas de coroas. Bem sabia que, nos últimos anos, os moradores de Skibberup lhe tinham retirado sua confiança, mas desejava aproveitar esta oportunidade para mostrar que se haviam enganado, que tanto êle como sua espôsa eram seus verdadeiros e desinteressados amigos. Essa afirmação foi apoiada pela senhora Villing que, num gesto brando, acariciou o braço de Else, contemplando-a com um olhar cheio de ternura e devoção.

No dia seguinte Else falou ainda uma vez com a filha sobre o caso e esta concordou, deixando à mãe a decisão final e a orientação de tudo.

Villing teve de fato, razão. Havia em tôda a paróquia crescente desejo de aproveitar a ocasião para homenagear Emanuel que, com seu caráter meigo, sua simplicidade, boa vontade para com todos, aos poucos conquistara mesmo a simpatia dos camponeses de Vejlby que agora, todos os domingos, enchiam a igreja até o último lugar. O próprio presidente do Conselho, Jensen, começava a fazer honrosas tentativas de aproximação, e o veterinário Aggerboelle havia muito o declarara um magnífico môço e "um pregador bom como o diabo".

Contudo, havia ainda uma pessoa que não se deixara abrandar. Era Maren Smeds, a mulherzinha feia que aparecera na sala de reuniões por ocasião da primeira conferência de Emanuel. A história de sua vida era, em resumo, a seguinte:

Em sua mocidade tinha ela servido como cozinheira numa quinta senhorial e, depois disso, fôra encarregada de cozinhar em tôdas as festas da região. Certa vez, porém, numa grande festa de batizado, na qual estavam reunidas umas cem pessoas, homens e mulheres, ela deixou, por infelicidade, queimar o mingau, passando por tremenda vergonha. Embora seu espôso de então, que na mesma festa servia como despenseiro, lhe desse regular tapa na cara à vista de tôda a companhia, o povo não se

abrandara mas passara a mandar vir da cidade suas cozinheiras para as festas.

Originava-se daí o ódio à sociedade que fizera dessa pobre mulher o pavor da região. Após aquela reunião memorável, sua amargura se desencadeara sobretudo contra Emanuel. Mas Hansine, que nesses dias tinha um estranho desejo de conciliação e que, em sua tímida ventura, queria afastar cada nuvem que pudesse vir a sombrear seu futuro, certa tarde procurou Maren, em seu casebre em ruínas, num campo distante, para pedir-lhe que viesse cozinhar no seu casamento. A pobre mulher ficou quase prostrada de emoção. Em pranto ela se curvou e, para grande espanto de Hansine, ajoelhou-se e lhe beijou as mãos.

4

O dia do casamento amanheceu calmo, com céu azul e calor quase estival. Durante oito dias e, no último, até tarde da noite, tinha-se assado e cozido na casa da noiva. As despesas estavam entulhadas de grandes assados e enormes presuntos, de conservas e pernas de carneiro defumadas, de vasilhas repletas de linguiças, cestas cheias de ovos cozidos, açúcar quebrado em pedacinhos, línguas de boi e arenques fritos, pilhas de biscoitos de manteiga e bolo de ameixa do tamanho de mós, que os amigos mais íntimos, segundo o velho hábito, tinham mandado como presente de núpcias.

No pequeno gramado atrás do quintal, o carpinteiro Nielsen e alguns auxiliares estavam dando a última ajuda no levantamento do grande barracão onde se iria comer, e na casa de reuniões uma dezena de moças estavam atarefadas enfeitando as paredes com guirlandas de ciprestes e brasões pintados. Por toda a parte na cidade viam-se bandeiras e, na frente do portão da casa da noiva, tinham sido içadas duas, em mastros enleados de verdes folhagens, entre os quais estava estendida uma faixa de lona com as palavras: "Seja Bem-vindo".

A cerimônia se realizaria ao meio-dia, mas já às dez horas os primeiros hóspedes começaram a aparecer. Pouco depois che-

gou Emanuel que, após longas deliberações, decidira casar-se com hábito sacerdotal. As mesas estavam postas no "salão" azul, onde o negociante Villing em pessoa fazia às vêzes de despenheiro e nesse cargo recebia a todos os homens com aguardente e cerveja.

Por desejo expresso de Emanuel os antigos costumes nupciais da região foram mantidos em todos os detalhes. Contudo ele mesmo recusou a aguardente e contentou-se em tomar a cerveja nupcial.

No decorrer de uma hora os aposentos da casa e o jardim ficaram cheios de gente e continuamente entravam novas visitas. Por toda a parte a conversa girava em torno da grande questão de quem celebraria o casamento. Emanuel estivera havia pouco tempo com o Bispo para falar sobre esse ponto e este último admitira a possibilidade de que viria em pessoa, tendo dito que, como velho amigo da senhora Hansted, deveria de certo modo estar presente. Ansiava-se agora por saber se tão grande honra seria de fato concedida à comunidade.

Às onze e meia vieram as viaturas dos camponeses, ao todo trinta e tantas, buscar os convidados. Os carros para os noivos e os membros da família pararam no quintal; os outros formaram, no caminho, uma fila que se estendia da casa da noiva até à extremidade oposta da cidade. Nesse meio tempo Hansine estava em seu quarto, pois nenhum hóspede devia ver a noiva antes de estarem nos carros. Quando todos haviam tomado seus lugares, ela apareceu nos degraus de pedra, ao lado de Emanuel num, vestido de lã preta, com estreitas orlas de renda em torno do pescoço e nos punhos. Sob o véu e a coroa de murtas via-se uma touca marchetada de pérolas e bordada com fios dourados que já sua avó usara no casamento e que Hansine ostentava por desejo de Emanuel.

No caminho para a igreja ouviam-se alegres conversas na maioria dos carros. O almoço já deixara animados os homens mais idosos. Somente quando se ouviam os sinos da igreja o vozerio emudeceu e Else começou a chorar. Hansine, porém, conservou todo o tempo o ar sério, quase sombrio, que era sua expressão habitual quando sentia fortes emoções.

A igreja, o promontório, a superfície azul do fiorde e as escarpas da terra fronteira, tudo estava imerso na luz dourada do sol. Sob o céu esvoaçavam bandos de estorninhos e, lá fora, por sobre a água, gritavam as gaivotas, brancas como espuma. Fora do muro do cemitério divisaram a *charrette* do Bispo e,

quando a comitiva havia alcançado a ponta do promontório, o viram parado em frente à porta da igreja, com seus paramentos de sêda e trazendo insígnias no peito. Foi um momento solene e inesquecível para todos quando o grande homem, descobrindo sua alva cabeça, saiu respeitosamente ao encontro dos noivos, tomando em seguida a frente da comitiva que o seguiu para dentro da igreja.

A fala aos noivos foi curta e mais se parecia a um brinde comum. O Bispo era um dos pregadores modernos que usavam um leve tom de conversação e pronunciava palavras como "Cristo e "Espírito Santo" com a mesma simplicidade espontânea com que se fala de seus amigos. Ele comparou Emanuel a uma planta que procurara para si uma terra nova, mais fértil, e a comunidade a uma grande árvore, em cuja sombra e abrigo a planta teria de crescer, e concluiu pedindo a bênção do Senhor para a nova união que ali se celebrava. Quando terminou a solenidade, todos se reuniram fora no cemitério, onde o Bispo saudou diversas pessoas da comitiva, mostrando também desta vez especial consideração ao tecelão Hansen. Else agradeceu, comovida, ao Bispo pela honra que êle concedia à sua filha e ao seu genro e convidou-o para tomar parte na festa do casamento. O Bispo porém desculpou-se dizendo que deveria estar em casa antes do anoitecer; na sacristia trocou o hábito pela capa de viagem e, após apertar ainda uma vez as mãos dos noivos e de outros dos presentes, sentou-se em sua *charrete* e partiu.

Pouco depois todos tomaram lugar nos carros e, entre muitos estalos dos chicotes, o cortejo nupcial voltou para casa. Ao entrarem na cidade ecoaram festivos tiros de espingardas de todos os lados, das quintas e dos jardins; os cavalos se empinaram e as mulheres nos carros deram gritinhos de medo e alegria. Em frente à casa dos noivos, quatro músicas com violinos e clarinetas tocavam cada vez que um novo carro parava junto ao portão e os hóspedes desciam. Ali estavam anciãos de membros rijos, e mulheres gordas e pesadas, que precisavam da ajuda de três homens para descer do carro, enquanto mocinhas com fitas vermelhas nos cabelos saltavam sorridentes ao encontro do primeiro rapaz que aparecia. Todos os amigos, tanto de Skiberup como dos arredores, tinham sido convidados; a maior parte dos jovens, porém, só para o baile. Até o velho Erik foi visto, capengando com sua muleta dos domingos, a aspirar com volúpia o aroma de assados que enchia a casa. O diretor da escola superior de Sandinge, embora atrasado por ter sido detido no

fiorde pela falta de vento, apareceu também, acompanhado por sua Jette, mulher alta e ossuda, de rosto vermelho e óculos. Apoiado em sua bengala êle corria por entre os hóspedes, dava palmadas nos ombros dos homens, tomava as mãos das mulheres com exclamações de entusiasmo, e beliscava maliciosamente as faces das mocinhas. O tecelão Hansen, porém, andava por ali, calado, com as mãos nas costas, e mudava seu sorriso ambíguo de um lado do rosto para o outro.

Quando todos os convivas estavam reunidos, o negociante Villing apareceu nos degraus da sala de frente, com luvas brancas, chamando a companhia para a mesa. Com os quatro músicos e os noivos na frente, todos entraram no barracão enfeitado de bandeiras, onde a grande mesa estava posta, com vasilhas fumegantes de mingau, grandes canecões de cerveja e copos com vinho tinto. No centro da mesa erguia-se uma torta-monstro, de um metro de altura, e na extremidade superior, onde o casal tomou lugar, estendia-se um bôlo do tamanho de uma mó, com os nomes dos recém-casados em geléia de framboesas.

Após Villing, da extremidade inferior da mesa, ter apresentado as boas-vindas e feito breve oração, as colheres entraram em movimento e logo todos eram unânimes em afirmar que Maren Smeds desta vez se tinha desincumbido de seu encargo com muita honra. Os que ainda estavam escarmentados, pensando no famoso mingau de batizado, hoje não tinham de que se queixar; as dez mulheres ajudantes, que serviam, iam de um lado para outro, com tigelas cheias nas mãos, para que não passassem pelo vexame de ouvir algum conviva bater com a colher num prato vazio.

Com a vinda dos assados à mesa, começaram os discursos. Primeiro o diretor da escola superior pronunciou o verdadeiro discurso de casamento, um comovido brado de júbilo, que arrancou lágrimas em tôda a volta da mesa. Depois, já sem o hábito sacerdotal, Emanuel falou, agradecendo aos amigos pela confiança com que o tinham recebido em seu meio, a êle, um estranho, dirigindo principalmente êsses agradecimentos aos seus sogros, em cuja casa encontrara um novo lar. Em seguida, Anders Joergen ergueu-se com expressão aturdida, murmurou com voz inaudível algumas palavras e sentou-se novamente. Foi esclarecido que se tratava de um brinde à pátria, e os vivas seguiram-se, estrondosos, em tórno da mesa. Mais tarde o tecelão disse algumas palavras secas sôbre o "novo espírito", e o negociante Viling, que como orador festivo gostava de enveredar pe-

las coisas comoventes, apelou com voz sufocada pelo pranto, para que se "lembrassem dos extintos", com o que êle visava especialmente à mãe de Emanuel. Entre um orador e outro cantaram-se canções, sob a direção do baixo retumbante do carpinteiro Nielsen.

Enquanto isso, escurecera quase por completo e, na sala de reuniões, festivamente iluminada, a mocidade começou a ficar impaciente. Todos ansiavam por comemorar, com danças, a despedida da noiva da vida de solteira. Mas ainda uma vez Villing se levantou da cadeira e, com palavras entusiásticas, ergueu um viva "à causa do povo", expressando a esperança de que esta logo se expandisse, vitoriosa, por todo o mundo. Quando Emanuel, para terminar, rezou uma oração, todos se levantaram da mesa e foram para a casa de reuniões.

Ali cantaram e dançaram alegremente até raiar a manhã.

Emanuel e Hansine deixaram a festa pela meia-noite e foram para sua nova casa, num carro enfeitado com flôres e folhagens. Ao partirem, todos os convivas se reuniram, despedindo-se num retumbante "Hurrah!". Pouco antes, porém, tinha sido enviado às pressas um mensageiro para Vejlby, onde os jovens tinham organizado secretamente uma recepção festiva ao casal. Pela manhã, assim que Emanuel deixou o presbitério, foi erigido um arco de triunfo na frente da entrada onde, por ocasião da chegada dos noivos, seriam acesas lanternas e lampiões coloridos. Além disso, tinham plantado ao longo do caminho uma fileira de archotes de breu, que agora, na noite silenciosa e sob o céu coberto de nuvens escuras, oferecia um espetáculo fantástico.

Do caminho da freguesia Emanuel viu o brilho rubro das luzes. Quando se refez do susto que tivera no primeiro momento, apertou a mão de Hansine. Aos seus olhos era como se a pesada e negra massa do "Outeiro do Padre", que ficava nos fundos, se tivesse erguido no espaço em chamejantes colunas de fogo. Ante essa visão êle se lembrou de que certa vez sonhara encontrar a palavra mágica que pudesse fazer com que as montanhas da terra se abrissem a sua frente...

Hoje êle ia, com sua noiva camponesa, para o interior da montanha...

A TERRA DA PROMISSÃO

SEGUNDA PARTE

A TERRA PROMETIDA

Nos campos elevados ao norte de Vejlbj, um homem arava a terra. Era alto e magro e vestia uma blusa de tecido ordinário com manguitos vermelhos nos punhos e grosseiras botas de cujos canos as correias sobressaíam para cada lado do bôlo formado nos joelhos pelas calças. Na cabeça trazia um chapéu de feltro desbotado, de abas largas, e sôbre a nuca desciam os cabelos longos, descorados pelo vento e pelo sol; sôbre o peito ondulava uma grande barba clara, que o vento às vêzes jogava por cima do ombro. Seu rosto era magro; a testa estreita e profundamente escaveirada nas fronte; os olhos, grandes, claros e meigos.

Uns dez metros acima de sua cabeça adejava um bando de gralhas; de vez em quando descia um casal que pousava no sulco fresco, que o arado ia rasgando, e seguia durante algum tempo quase nos calcanhares do arador, dando apenas um pulinho cauteloso para o lado sempre que o homem fazia rápido movimento ao puxar as rédeas para apressar o passo lento de seus dois magros cavalos que arrastavam penosamente o arado.

Êsse homem era o vigário das paróquias de Vejlbj e Skibberup, entre seus paroquianos conhecido simplesmente por "Emanuel", o "apóstolo moderno", como o costumavam chamar maliciosamente alguns colegas nas paróquias vizinhas, que não o viam com bons olhos. Apesar de sua roupa simples, do cabelo e da barba sem trato, facilmente se notava que não era um camponês comum. Para isso sua figura era por demais desengonçada, os ombros estreitos e baixos, as mãos, embora vermelho-azuladas e grossas, não tinham aquêlê tamanho desproporcionado que têm as de gente acostumada desde a infância a lidar com fardos pesados. O rosto também não tinha a verdadeira cor uniforme, escura, semelhante a couro, mas era manchado, coberto de pequenos pontinhos brancos.

Áspera e fria era aquela manhã do começo de março. Rajadas de vento impeliam por sobre o campo nuvens dilaceradas de neblina. Às vezes toda a região ficava envolta em névoa semelhante a lã cinzenta, tão densa que não se enxergava de um aral ao outro; no instante seguinte uma única rajada de vento podia dispersar os vapores, deixando apenas um tênue véu branco ao longo dos sulcos, enquanto um sol pálido se infiltrava lentamente entre as nuvens pesadas e negras do firmamento. Do campo elevado pertencente ao presbitério descortinava-se em tais momentos toda a paróquia, até a solitária igreja junto ao fiorde, que se divisava ao longe em seu promontório abrupto, ao sul, como um espectro feito de névoas. Um pouco mais perto, mais ao ocidente, erguiam-se as três colinas de terras de Skibberup, e acima destas um pequeno ponto luminoso assinalava o lugar onde a cumeeira de telhas vermelhas da nova e grande casa de reuniões espiava, iluminado de sol, por cima da crista da colina.

Emanuel estava por demais ocupado com seus próprios pensamentos para dar muita atenção à inquieta e contínua mudança no aspecto da paisagem. Mesmo quando parava, de tempos a tempos, para deixar que os cavalos tomassem fôlego, seu olhar passava pela paisagem sem vê-la. Só por volta do meio-dia chamou-lhe a atenção o barulho duma pequena caravana de gente que do lado das casas, se aproximava através do campo.

Na frente vinha uma robusta menina de quatro a cinco anos que, com um pedaço de corda apoiada sobre um dos ombros, puxava velho carrinho de vime, no qual estava deitada uma criança de colo. Com os esforços para puxar o carrinho dentro da lama do caminho sua touca deslizara para trás sobre o cabelo castanho amarelado, batido de vento, e a cada instante ela soltava a corda com uma mão para puxar as meias vermelhas que continuamente lhe caíam sobre os socos. O carrinho era empurrado por outra criança, um menino com boné de tricô na cabeça e a face coberta por grande pedaço de algodão, enfiado por baixo da faixa que cobria a orelha. Uma camponesa jovem e erecta fechava o cortejo. Ela caminhava a certa distância dos outros, ao lado do caminho, com a cabeça envolta num pano de tecido estampado, cujas pontas drapejavam ao vento. Ia cantarolando, sem tirar os olhos do tricô que tinha nas mãos; às vezes erguia a voz, distraída, e cantava alto um ou outro trecho.

Era Hansine e seus três filhos — a família de Emanuel.

A caravana chegou ao fim da área lavrada, e as crianças, largando o carrinho, sentaram-se numa pedra ao lado do atalho, de onde se puseram a contemplar o pai, que lhes vinha ao encontro da outra extremidade da terra arada. Ambas tinham a pele azulada de frio e os narizes escorrendo. Ali sentados, com os socos gastos e roupas remendadas, pareciam-se em tudo com as demais crianças que corriam pelas ruas da aldeia. Ninguém teria imaginado que pertenciam ao presbitério palaciano, cujos telhados vermelhos e altos choupos do parque se erguiam além, acima das casas dos camponeses, cobertas de ardósia.

Emanuel os saudava de longe, agitando alegremente seu grande chapéu, e quando alcançou a orla da terra arada, a uns vinte metros do caminho, parou seus cavalos de cujo pêlo se desprendiam vapores e perguntou:

— Há alguma coisa de novo, Hansine?

Ela havia ficado no caminho, imprimindo um brando movimento de vaivém ao carrinho para sossegar a criança que se impacientara quando pararam. Contou as malhas numa agulha de tricô e respondeu depois, com sua legítima pronúncia camponesa:

— Não... Não que eu sabia... Ah!, sim, é verdade, o telão estêve aqui. Disse que queria falar com você.

— Ah!, sim? — disse Emanuel distraidamente, contemplando o campo e medindo com os olhos o trecho que acabara de arar.

— Que queria êle de mim?

— Isso êle não disse, não. Só queria saber se você podia ir a uma reunião hoje às três da tarde, na casa do presidente.

— Deve ser sobre a caixa beneficente. Ou talvez o conselho paroquial. Êle não disse de que se tratava?

— Não, não disse nada. Ficou olhando um pouquinho pela sala, depois foi-se embora.

— Está bem — disse Emanuel, rindo-se. Êle tem lá suas esquisitices. Olhe, Hansine! — interrompeu-se, mudando de tom — você se lembra do que eu falei sobre o novo método de adubação, de que há tempos li no jornal agrícola? Quanto mais eu penso nisso, tanto melhor me parece que deve ser êsse método. É na verdade muito mais lógico levar o estrume diretamente da cocheira ao campo e logo o enterrar com o arado, em vez de ajuntá-lo nas esterqueiras onde tanto de sua melhor fôrça se perde, tendo ainda o inconveniente de empestar os arredores de nossas casas com o mau cheiro. Você se lembra do que o jornal

dizia, que o país perde pelo menos seis milhões com nossas esterqueiras? Imagine, Hansine, seis milhões! Uma boa quantia para se recuperar que viria a calhar muito bem para o futuro, quando certamente teremos que pagar por muitos erros do passado, aqui em nosso país. Só uma coisa não pude bem compreender até agora: é que não se tivesse descoberto muito tempo antes uma coisa tão simples... Pois, bem pensando, isto salta aos olhos, não é mesmo? Mas sabe o que pensei hoje, ou melhor, sabe do que estou quase certo? Êsses monturos foram acumulados pelos camponeses de outros tempos por simples necessidade, imposta pela corveia, entende? Como tinham sempre suas jeiras de serviço a dar ao senhorio, antes de poderem pensar em seus próprios interesses, foram obrigados, dia a dia, a acumular tudo em sua casa, antes de poderem roubar um dia livre para tratar dos seus próprios serviços... Ora, essa origem de nossos monturos passou aos poucos para o esquecimento, e naturalmente imaginou-se que deveria existir alguma razão especial, muito profunda, para a sua conservação, não se tendo por isso coragem de abolir o costume... Enfim, essas medas de estêrco repugnantes nada mais são do que um legado dos dias da escravidão, como tanta velha podridão que atualmente estamos em vias de eliminar da comunidade. Interessante, não? Em geral, êste é um tempo bendito para se viver! Poder presenciar, como o espírito esclarecido de nossa época, seu desejo irresistível de verdade e justiça, rompe aos poucos, nas grandes como nas pequenas coisas, o jugo da servidão e cria para a humanidade um futuro mais claro e mais feliz!

Hansine mudou uma agulha e esboçou ligeiro sorriso incrédulo. Ela sabia o quanto seu marido se entusiasmava facilmente pelas idéias novas do tempo e estava acostumada a ser o mudo ouvinte das suas preleções sôbre os grandiosos resultados que êle sempre delas esperava.

— Bem... Acho que já é tempo de desarrear, tornou a falar Emanuel, após haver olhado as horas em seu grande relógio de prata que, segundo o costume camponês, encostou ao ouvido. E jogando as rédeas sôbre os cavalos que esperavam, de cabeça baixa: — Olha, meu filho! Podes vir dar uma mão a teu pai?

Essas palavras foram dirigidas ao menino que ficara sentado na grande pedra ao lado de sua irmã. Êle se aprofundara tanto em seus pensamentos, olhando para o bando de galhas que pousara não longe dali, na terra arada, que não ouviu o

pai chamar. Ficou imóvel, a mão sob a orelha envolta em algodão, com o olhar rígido e o ar grave que têm as crianças quando recordam sofrimentos recentes.

Ele era pequeno para sua idade, um pouco pálido e mais delicado que a irmã um ano mais nova e de formas vigorosas, tinha nas faces e nos olhos as cores vivas das crianças do campo. No todo o menino era o retrato vivo de Emanuel; tinha a mesma testa abaulada, era sisudo e contemplativo, com a mesma meiguice extasiada no olhar. herdara também os cabelos ruivos e sedosos do pai, suas profundas cavidades temporais e os grandes olhos claros, que ao sol pareciam quase incolores.

— Não ouviu, meu filho? Papai chamou — disse Hansine.

Ao som da voz da mãe ele arrancou, como perplexo, a mão da orelha e voltou o rosto para ela, sorrindo com ar inocente.

— O ouvido ainda dói, meu bem? — perguntou ela.

— Não, não dói nada — assegurou ele vivamente. — Não sinto mais nada.

— Você vem, menino? — gritou outra vez Emanuel, do arado.

O garoto levantou-se no mesmo instante e correu pela terra arada até perto dos cavalos, onde começou a soltar o balanço e a desatar os tirantes, com os modos ajuizados e conscienciosos dum carroceiro prático.

O menino era o favorito de Emanuel. Tinha o nome do velho pai de Hansine, Anders Joergen; mas tanto em casa como nas redondezas era chamado só pelo apelido de "Gut", que Emanuel lhe pusera quando nasceu e cujo sabor agreste tinha agradado tanto a todos que seu nome de batismo quase caíra no esquecimento.

Vendo o algodão no ouvido do filho, Emanuel exclamou:

— Que há, meu amigo? O ouvido esteve mal outra vez?

— Sim... Um pouquinho... respondeu o menino em voz baixa, quase envergonhado.

— Está mesmo bem ruim êsse ouvido. Mas não há de ser nada, não é.

— Agora já está bom. Não sinto mais nada.

— Isso mesmo, meu filho! Mostre que você é um rapaz valente e não se entrega por tão pouco. Você sabe, os mofinos nunca chegam a nada neste mundo, não é mesmo?

— Sim...

— E você sabe que hoje temos de ir ao moinho depois do almoço. Nós dois não temos mesmo tempo para doenças, hein?

No caminho, Hansine movia agora as agulhas com mais ligeireza. Quando os outros se calaram, ela disse:

— Eu acho que seria melhor o menino ficar em casa hoje, Emanuel. Ele não passou nada bem tôda a manhã.

— Mas... querida! Você acaba de ouvir que agora já passou. Ele mesmo diz que não sente mais nada. E você sabe que o ar fresco só poderá fazer bem. O ar fresco é o remédio que Deus nos dá, diz um velho refrão! O rapaz esteve outra vez demais enfiado dentro de casa, por isso é que está sem côr nos últimos tempos.

— Acho assim mesmo que seria melhor tomarmos um pouco de cuidado com êle, Emanuel. E melhor ainda seria que nos resolvêssemos sèriamente a falar com o médico sôbre isso. Agora já faz quase dois anos que êle tem essa dor de ouvido, e isso afinal não pode ser uma coisa assim à toa...

Emanuel não respondeu logo. Sôbre êsse assunto já tinham debatido muito sem que chegassem a um acôrdo.

— Sim, Hansine, naturalmente, se você de fato acha melhor... Mas você sabe que eu não tenho lá grande confiança em todo êsse negócio de médicos. E principalmente êsse doutor Hassing... Bem, você conhece minha opinião sôbre êle. Uma coisinha assim no ouvido é tão comum nas crianças e passa por si; é só a natureza ter calma e tempo para sua ação saneadora. Sua mãe diz o mesmo, e eia tem muitos anos de experiência, não acha? Olha, toma essa rédea, meu filho! Depois não posso acreditar que Nosso Senhor tenha criado o homem tão imperfeito que a cada pequeno desarranjo sejam necessários mãos de doutôres para o pôr novamente nos eixos. Penso muitas vêzes no que aconteceu a dois de meus colegas de escola. Ambos tiveram os olhos atacados, acho que em consequência de sarampo. Um dêles foi tratado por um doutor, ainda por cima professor, que em nome da santa ciência torturou o coitado do rapaz com pinçeladas e injeções e não sei mais o quê, até que êle cegou de uma vez! No outro, pelo contrário, a natureza agiu sôzinha e dentro de pouco tempo êle tinha um par de olhos de causar inveja a quem quer que fôsse. Esta história devia servir-nos de lição, creio eu. Depois... não temos mais do óleo que Maren Nilen ganhou da velha Grete de Strynoe? Fêz tão bem ao menino, da última vez. Mas faça como achar melhor... Então, venha cá, moleque!

Com as últimas palavras, tomou o menino e o colocou nas costas do cavalo mais próximo.

Hansine calou-se. Nessas pequenas escaramuças referentes às crianças, Emanuel sempre levava a melhor. Na troca de palavras êle lhe era superior, argumentava com tanta facilidade e podia dar tantas razões para a exatidão de seus pontos de vista, que ela, mesmo quando não estava convencida, emudecia em face de sua eloquência.

A névoa veio outra vez rolando do ocidente, como uma massa pardacenta, enquanto a pequena caravana da família voltava para casa. Na frente ia o menino montado num cavalo e puxando o outro. Depois vinha Emanuel com o carrinho que ia impelindo à sua frente com uma mão, enquanto trazia ao ombro a filha, Sigrid, a "Gorducha", como a chamavam. Ela havia tirado o chapéu da cabeça do pai e agitava-o no ar aos gritos de júbilo, fazendo toda espécie de graças para divertir a criança no carrinho, que também gritava em alvoroçada alegria.

Um pouco atrás dos outros seguia Hansine com seu tricô. Seu pequeno corpo era ainda tão firme como em seus anos de solteira, e ela se movia com os mesmos passos seguros e comedidos. A fisionomia porém, que sempre fôra sombria, tinha mudado, tornara-se ainda mais contemplativa e nem pouco deprimida. Como era natural, os sete anos de vida conjugal e o nascimento consecutivo de três filhos não tinham deixado intacto seu aspecto tão juvenil. As faces haviam-se tornado magras, e os olhos graves, mais profundos. Contudo, ela ainda passava por uma mulher extraordinariamente bonita e, para uma camponesa, fazia muita honra aos seus vinte e seis anos, não sendo de admirar que em Skibberup sempre se orgulhassem dela. Naturalmente havia muita gente, e de ano para ano havia mais, que não podia bem se conformar com seu retraimento e gostava de o interpretar como vaidade; alguns lamentavam mesmo em silêncio que Emanuel naquele tempo tivesse pôsto os olhos justamente nela, ao resolver procurar uma noiva entre as môças da comunidade.

Quando Emanuel e as crianças entraram pelo portão abobadado do presbitério, o empregado Niels estava sentado na beirada do grande tanque de pedra, embaixo da bomba, bem no meio do quintal, aparentemente muito ocupado em estudar a "Fôlha do Povo" que êle tinha espalhado sôbre os joelhos. Era um rapaz de cabelos prêtos, de uns vinte anos, de estatura mé-

dia, espadaúdo e largo, com um nariz arrebitado e faces grossas e vermelhas nas quais apontava uma barba incipiente. No grande quintal onde, em dias passados, no tempo do deão Toennesen, sempre reinara a mais perfeita ordem e um silêncio que lembrava ser o lugar relacionado com a igreja, tudo tinha agora o aspecto dum quintal de um camponês qualquer. Ferramentas e utensílios agrícolas atirados a êsmo por ali, montes de feno espalhados, portas de estábulos aberta e uma contínua gritaria de gado à espera de sua ração denotavam o muito trabalho do dia. Aqui e ali, no pavimento irregular, viam-se espalhados resíduos da salmoura usada na conservação de arenques, que era empregada para sufocar ervas daninhas. E em volta da cozinha as galinhas andavam ciscando restos de comida.

— No que está você tão aprofundado, Niels? Há alguma coisa de nôvo na fôlha, hoje? — perguntou Emanuel depois de pôr Sigrid no chão e tirar o menino das costas do cavalo.

O rapaz ergueu os olhos do jornal e respondeu puxando a boca num largo sorriso.

— Ah!, seu filósofo! Estêve outra vez no campo de batalha? Contra quem você voltou sua lança hoje, Niels? Deixe-me ver! — acrescentou Emanuel, quando acabara de tirar os arreios dos cavalos.

O rapaz lhe deu o jornal, e Emanuel começou a ler enquanto o menino levava os cavalos do tanque para a cocheira.

— Onde está? Ah!, aqui! "Sôbre as Escolas Superiores e as Pretensões Morais". Veja só! É, o comêço não está mau... Muito bem... É isso mesmo, você tem tôda razão, Niels! Você de fato tem coragem...

O rapaz observava, atento, a fisionomia de seu patrão enquanto êste lia, e cada vez que Emanuel, com um meneio de cabeça ou uma pequena exclamação, manifestava sua aprovação, os pequenos olhos castanhos-escuros do jovem, meio ocultos pelas faces salientes, brilhavam de satisfação.

— Êste artigo realmente o honra — disse Emanuel, devolvendo-lhe, a sorrir, o jornal. — Você está-se fazendo jornalista, Niels! Muito bem... Muito bem... Mas tome cuidado, não vá acabar se afogando no tinteiro, meu caro! A tinta negra pode tornar-se um perigoso veneno para quem brinca com ela...

Foi interrompido por Hansine que, tendo entrado pelo jardim, apareceu nos altos degraus da casa de moradia e chamou para o almoço.

— Então temos que guardar depressa os arreios, meu filho. Voltou-se para o menino, que nesse instante regressava da cocheira. — Olha, Niels... Dá um pulo lá fora e chama o velho Sceren, que está no cercado tratando dos canteiros de be-terraba!

2

Por volta das três horas da tarde, um homem alto e magro estava sentado em silêncio junto a uma das janelas da famosa sala de luxo na casa do presidente do conselho, Jensen. Vestia roupa escura do mais grosseiro tecido de burel, feito em casa, com paletó de gola alta e mangas estreitas. Inclina-se para a frente com os braços apoiados nas pernas e as mãos postas entre os joelhos. O cabelo curto pardo-avermelhado cortava quase em linha reta o rosto pálido cheio de sardas, que era emoldurado por uma barba rala caindo sobre um lenço amarrado ao pescoço e um peitilho bordado, já então quase completamente fora de moda. Em torno dos pulsos fechavam-se punhos rijos de oleado preto que pareciam ter comprimido todo o sangue do corpo para dentro das grandes mãos vermelho-azuladas. Era o tecelão Hansen.

As pessoas que ele havia convocado para se reunirem ali eram os chamados "homens de confiança", seis homens escolhidos que tinham principalmente a incumbência de zelar pelos interesses políticos da comunidade, de organizar comícios eleitorais, chamar oradores políticos e dirigir os entendimentos com as demais comissões eleitorais democráticas do departamento. A fraca luz do dia que se coava através das vidraças cobertas com cortinas, o profundo silêncio do meio-dia no qual toda a casa ainda estava mergulhada, e finalmente sua própria completa imobilidade e o olhar sem brilho com que fitava o vácuo sob as pálpebras semicerradas — tudo contribuía para cercá-lo duma atmosfera de desconforto. Com a cabeça chata e cabelos pardo-avermelhados, a boca retorcida e inflamadas as orlas dos olhos, lembrava um lince, de tocaia, que, oculto na mata, espreita a vasta estepe.

O salão azul do presidente do conselho, Jensen, teatro de tantas alegres noites no passado, tinha nos últimos anos mudado completamente de caráter. É verdade que os móveis de mogno polido ainda ali estavam, ao longo das paredes, com seu brilho avermelhado, e na cômoda batia o aristocrático relógio dourado entre duas pastoras de gesso pouco vestidas; mas o lugar da mesa de jogo junto ao vão entre as janelas, onde em tempos idos o veterinário Aggerboelle, o negociante Villing e o velho professor Mortensen, já falecido, tinham passado em companhia do dono da casa tantas noites animadas com o baralho e os altos copos de grogue, estava agora ocupado por uma escrivaninha coberta de papéis; na outra parede havia uma prateleira cheia de livros de contabilidade, de protocolos e imensas pilhas de jornais, o que dava ao aposento o aspecto grave dum escritório. De fato, era coisa parecida, e uma transformação correspondente se tinha operado também com o próprio presidente do conselho.

A elevação do nível político que o trabalho de esclarecimento do povo aos poucos tinha causado no seio da população rural, por todo o país, acabara por despertar também a consciência profundamente adormecida dêsse homem e o tinha chamado à luta pela libertação de sua classe. Sendo êle incontestavelmente o camponês mais rico da região, famoso também pela sua prodigalidade em questões de dinheiro, qualidade esta muito rara entre camponeses, e possuindo ainda uma vocação inata para aparecer em público e uma eloquência nada comum, logo galgara a posição de chefe político da região; era constantemente mencionado nos jornais do país como o "conhecido chefe camponês, Hans Jensen de Vejlbj". Essa posição dominante no entanto não conseguira alcançar sem passar por cima do homem que era verdadeiramente o instigador e estimulador de todo o movimento popular na comunidade: o tecelão Hansen. No início, muitos observavam por isso, com apreensão a crescente influência do presidente do conselho, pois havia motivos para supor que o tecelão, briguento e mordaz, não suportaria a humilhação de ser pôsto de lado. Mas para surpresa geral o tecelão revelou-se pacífico e cordato de modo fora do comum. Sim, soube-se aos poucos que êle próprio desde o início estimulara o presidente do conselho e tomar parte na vida pública, convencendo-o com argumentos muito sérios de que, em sua posição independente, êle tinha simplesmente a obri-

gação, perante a comunidade, de colocar o seu tempo e sua capacidade de orador a serviço da causa popular.

A impressão geral era de que o tecelão, passados os perigos e a tensão da luta, deixava desinteressadamente aos outros as honras e os prêmios de seu longo e paciente trabalho. De ano para ano êle se encerrava mais em si mesmo como o caracol em sua concha, sem contudo de qualquer maneira tornar-se indiferente à causa à qual devotara sua vida. Muito pelo contrário. Ao mesmo tempo que recusava qualquer pôsto de honra, por mais modesto que fôsse, que pròdigamente lhe era oferecido como recompensa por seus méritos, êle encarregou-se, por iniciativa própria, da obscura atividade dum inválido no exército do progresso. Fazia voluntariamente uma espécie de serviço de mensageiro, auxiliava as diversas diretorias em sua contabilidade e correspondência, continuava com a mesma fidelidade ou, segundo parecia, até com maior vigilância, a executar seu antigo serviço de espionagem e policiamento no seio da comunidade. Com seu sorriso enviesado, ainda aparecia por tôda a parte, onde menos era esperado, e sentava-se nas primeiras filas de cadeiras, com as mãos vermelhas em frente à bôca, para durante a conversa olhar de soslaio o título dum jornal que alguém tivesse na mão, ou o nome do comerciante no saco de papel que a dona de casa estava em vias de colocar no guarda-comida.

Apesar de a reunião — a que êle, com sua habitual pontualidade, tinha comparecido —, estar marcada para as três horas, e não obstante a provável gravidade e importância do assunto em virtude da tensa situação política, o relógio na cômoda bateu quatro horas antes de estarem presentes tôdas as pessoas convocadas.

Como presidente da comissão, o próprio dono da casa ocupou a extremidade superior da mesa oval, onde se realizava a reunião. Com seus membros pesados, cabelos crespos e grande queixo liso, tinha aspecto imponente metido no colête de veludo verde e brancas mangas de camisa. Só o nariz ainda era o mesmo bico de peru azulado no rosto corado, como uma reminiscência indestrutível de seu passado menos brilhante; mas, em compensação, seu porte, e tôdas as suas atitudes tinham aquela larga superioridade e espontânea amabilidade que se adquire com a participação diária, ativa, na vida pública. À sua direita estava Emanuel —, que tinha trocado a camisa de trabalho por um paletó de baetilha cinzenta —, ao la-

do de um pequeno camponês obeso, de Vejlbj, com sobrancelhas espessas e faces juvenis e coradas. À sua esquerda, dois camponeses louros e jovens de Skibberup, e o carpinteiro Nielsen, cuja escura barba de *viking* se tornara no correr dos anos ainda algumas polegadas mais longa e quase chegava até à cintura. O lugar na extremidade inferior da mesa era ocupado pelo tecelão Hansen, que não quisera deixar-se eleger no próprio conselho, oferecendo-se porém para estar presente em todas as reuniões, como secretário.

— Quer dizer que estamos todos reunidos — começou o presidente com sua voz ruidosa, deixando o olhar correr pela mesa. — Temos hoje uma comunicação muito importante a fazer, amigos! Jens Hansen, faça o favor de começar!

As últimas palavras foram dirigidas ao tecelão, que tirou do bolso interno do paletó uma grande folha de papel, desdobrando-a com cuidado à sua frente, sobre a mesa. Devagar e com voz monótona leu o seguinte:

"Confidencial!

E muitos de destaque entre nossos correligionários no Parlamento prestaram ao Diretório Central de todas as associações eleitorais democráticas do departamento uma série de informações quantos aos inquietantes boatos que nos últimos tempos apareceram em vários jornais do País. Considerando a gravidade do momento e a significação do assunto, resolveu-se fazer com que os esclarecimentos recebidos chegassem sem demora ao conhecimento dos conselhos administrativos distritais.

Segundo essas informações, considera-se perfeitamente admissível a existência de negociações entre o Governo e o partido reacionário, cujos planos seriam de molde a despertar profunda indignação e pesar em todo homem liberal. Segundo tudo indica, não parece fora de cogitação que o governo planeje realmente oferecer oposição à vontade universal do povo e combater, mais do que já o faz, a influência do homem do povo na administração pública por meio duma suspensão arbitrária do direito universal do voto. Cada homem amigo da liberdade saberá em todo o país condenar tal procedimento. Apelamos pois para os honrados conselhos administrativos distritais, no sentido de que cada um em seu círculo reúna os partidários na sua comunidade e, em apoio dos homens por nós eleitos no Parlamento, promova forte manifestação da vontade inabalável da po-

pulação de combater até ao máximo essa atuação dos detentores do poder.

Uma exortação semelhante está sendo expedida a todos os diretórios distritais, e temos esperança que um tal protesto feito em tempo, uma tal advertência de milhares de vozes, bradada aos nossos oponentes, em cada paróquia de todo o país, ainda lhes fará voltar a razão, levando-os a desistir de seu criminoso intento.

Vivam a liberdade e a justiça! Viva a memória do inesquecível rei do povo, que tão prematuramente nos foi tirado, o criador da nossa constituição, o rei Frederico, o Popular!

Em nome do Diretório Central.

H. Johansen,
Secretário"

Antes do término da leitura do ofício, Emanuel exclamou, pálido e trêmulo de emoção:

— Mas isso é um flagrante delito contra as leis! E não passa de alta traição!

— Apoiado! — ouviu-se, como um eco soturno, no recasso do verdadeiro matagal que era a barba do carpinteiro.

— Sim, nisso você tem toda razão... Nenhum homem leal e honrado o pode qualificar de outro modo — secundou o presidente, que durante a leitura passara, em torno da mesa, uma caixa de charutos. E com um gesto como quem fala de tribuna, continuou :— Mas isso nos mostra, amigos, que estávamos absolutamente certos quando nos unimos em sólida frente contra tal partido, cujo único propósito é o de manter-se no poder, embora pondo em jogo o bem-estar e o futuro da nação. Homens assim não são mais nossos compatriotas... São inimigos da Dinamarca!

— E inimigos de Deus! Ousados assassinos do espírito! — continuou Emanuel inteiramente fora de si. Mas não se podia esperar outra coisa dessa sociedade egoísta! É sua última, criminosa defesa antes da sua extinção total. Proponho que ainda esta noite convoquemos todos os correligionários e revelemos o que está em jogo. Também nós nos queremos preparar para a luta! Perante os canhões da ilegalidade colocamos os trovões de Deus...

— Devagar, Emanuel, devagar... — disse o presidente pondo-lhe a mão no braço, em atitude tranqüilizadora, enquanto o tecelão na outra ponta da mesa se voltou de modo expressivo e apertou o nariz entre os dedos. — Antes de tudo não devemos ser precipitados! Em primeiro lugar, não nos esqueçamos de que ainda nada sabemos de positivo... E não se deve levar a espingarda à face antes de ver o urso, diz um velho adágio. Quanto a mim, desconfio que tudo não passa de boatos espalhados pelos próprios amigos do Governo para assustar nossos homens na Câmara; também pode ser um pequeno balão de ensaio que mandaram ao ar para sondar o ânimo que vai pelo país.

— Mas se não forem só boatos infundados... Se de fato querem passar das ameaças à ação e pôr a Fôrça no lugar do Direito... Que faremos então?

O presidente do conselho olhou um momento de modo desaprovador para Emanuel. Depois disse, lentamente e com exagerada dignidade, deixando a mão pousar pesadamente na mesa:

— Se tal coisa acontecer — o que Deus não permita! — erguer-se-ão por todo o país trezentos mil homens do campo e dirão: Agora chega! Agora chega! Não tenho razão?

Ao proferir as últimas palavras, êle se voltou para os três moradores de Skibberup que responderam, todos com um enérgico "Apoiado", enquanto o pequeno camponês gordo de Vejlbj, do outro lado, o secundou, solícito, com meneios de cabeça.

— Proponho agora — continuou o presidente — que convoquemos uma sessão para a noite de domingo próximo na casa de reuniões. Lá, de boa vontade, descreverei a situação tal como ela é hoje em dia, após o que adotaremos a resolução proposta. Além disso, sou da opinião de que será melhor, por enquanto, conservar as informações recebidas como comunicações confidenciais, para não alarmar demais os ânimos, talvez sem necessidade alguma. Assim também terá pensado o honrado diretório central. Não duvido que nossos bons adversários perderão a vontade de se meter em novas aventuras ao saberem, graças aos nossos comícios, o que vai pelo país! Não acham também, amigos?

Os quatro membros do conselho expressaram novamente seu pleno acôrdo, e essa inabalável lealdade influenciou por fim Emanuel, deixando-o mais sossegado. Aliás, êle não estava

acostumado a tomar a palavra durante os debates políticos. Seu senso para a significação do lado político da causa popular fôra despertado tardia e dificilmente; e só por causa de seus grandes méritos em outros campos de atividade a comunidade o tinha honrado com elegê-lo para seu conselho político. Ainda lhe custava tomar interêsse pelos debates diários no Parlamento e nos jornais, ou pela "tática", à qual o presidente do conselho e os outros davam tanto valor. Êle jamais duvidara de que a razão, tal como está no salmo, "acabaria ganhando sua vitória quando aprouvesse a Deus", e não tinha grande confiança em que mesmo as mais astutas invenções e interpretações pudessem apressá-la ou atrasá-la.

Por proposta dum dos camponeses de Skibberup foi resolvido, em seguida, que, para dar-se maior importância à reunião, se convidassem alguns oradores de fora. Pensaram um instante em dirigir-se ao deputado eleito pelo distrito, o velho Bispo. Mas apesar de êste, durante os tumultuosos debates do Parlamento, nos últimos tempos, haver demonstrado, diversas vêzes, que, sob o hábito de veludo e a casaca de diplomata, ainda trazia, nada desbotada, a camisa vermelha de Garibaldi, de sua mocidade, não fôra até agora possível induzi-lo a abandonar o que chamava sorrindo seu ponto de vista "de Arquimedes", fora dos partidos; e por isso concordaram logo em desistir do plano, por ser infrutífero. Julgava-se porém possível contar com o comparecimento de alguns outros preeminentes deputados democráticos, e logo foi mandada ao diretório central uma consulta a êsse respeito. O presidente ofereceu-se, espontâneamente, para ir buscar os convidados na estação com seu carro e hospedá-los — boa vontade que foi compensada com um murmúrio de reconhecimento.

Após ter-se finalmente fixado a hora da reunião e haver o tecelão Hansen lavrado uma ata da sessão, foi esta suspensa pelo presidente.

— Por favor, meus senhores — disse êle com vivacidade, arguendo-se, — agora bem podemos precisar dum mastigo qualquer, não acham?

Com essas palavras êle queria indicar a "pequena merenda", sem a qual não se passava em sua casa e que naquele meio tempo havia sido posta no aposento contíguo. A porta para lá foi aberta por uma camponesa corpulenta com boina de tecido dourado, nariz aquilino e queixo de três andares — a empregada doméstica do presidente do conselho. Embaixo

do lampião pendente, já aceso, a mesa estava fartamente sortida de substanciais carnes e toucinhos defumados, com os quais os presentes logo iniciaram violenta luta, entre a luz muito amarela do lampião e o brilho rubro do sol poente. Na profusa e colorida iluminação as iguarias pareciam duplamente apetitosas, e os convivas sentaram-se em frente aos pratos com um apetite aguçado pela longa duração da reunião.

Mesmo Emanuel foi aos poucos adquirindo ânimo mais sereno. Olhou em torno de si para aquêle grupo de homens espaduados que, a despeito de tudo que pudesse ameaçar seu futuro, ali estavam sentados absolutamente tranqüilos e confiantes, calmos em sua fé na justiça da causa e na proteção do destino; encheu-se de admiração por êsse absoluto equilíbrio mental, êsse másculo domínio de si mesmo, com que essa gente constantemente suportava os golpes do destino e que êle próprio tinha tanta dificuldade em adquirir. Os pratos eram constantemente esvaziados e novos eram trazidos pela "grande Sidse" que dirigia a casa do presidente desde que êle, havia alguns anos, enviuvara. Essa avantajada matrona era observada em silêncio pelo tecelão Hansen, que durante tôda a refeição quase não disse palavra. Quando o homem a seu lado, tomando a garrafa de aguardente, quis servi-lo, êle com um sorriso amável e felino pôs a larga mão sôbre o copo; Hansen tornara-se ultimamente abstêmio radical, e, apesar dos alegres trotes do presidente, não foi possível levá-lo a fazer exceção à regra em comemoração ao dia. Terminada a refeição, quando foi servido o café e o presidente novamente fêz circular charutos, o tecelão se levantou. Com a desculpa de ter uma visita a fazer antes da noite, despediu-se, dando conscienciosamente a mão a cada um dos presentes. Saindo pela cozinha, ficou um momento parado no chão de tijolos, fixando a criada com um olhar que súbitamente fêz aquela massa de gordura empalidecer e tremer.

— Meu Deus do céu, Jens Hansen... Por que você me olha dêsse jeito? — disse ela, erguendo em seu espanto um pano de cozinha, num gesto instintivo de defesa.

Sem responder, êle pôs o chapéu na cabeça e afastou-se com as mãos nas costas.

Lá fora a escuridão já era completa. O vento parara de soprar e reinava profunda calma. Dum céu imóvel, cheio de nuvens, tombavam, silenciosas, grandes plumas brancas de neve, que derretiam em contato com a lama do chão. Sob um ne-

vooiro cada vez mais denso, que aos poucos se transformou em fino chuvisqueiro, o tecelão caminhava para casa, pelo atalho deserto que, passando sobre as colinas, conduzia a Skibberup. Seu rosto se contraía em súbitos sorrisos e os olhos vermelhos tinham a expressão austera que sempre ostentavam quando êle, solitário, traçava seus planos de guerra.

3

A noite estava escura e a chuva caía torrencialmente quando Emanuel chegou ao presbitério e, em companhia de outro homem, subiu os altos degraus ladrilhados da casa principal. Dentro, no vestibulo onde outrora o porta-chapéu de mogno era adornado pelo grande casaco de pele de urso do deão Toennsen e pelos chapéus com véu da senhorita Ragnhild, e graciosas passadeiras de fibra de coqueiro cobriam o mármore branco e preto em frente às portas, hoje apenas ardia uma lanterna de terreiro e pendia uma imensa coleção de simples gorros de homem, e nos ladrilhos do chão enfileirava-se toda uma frota de lamancos e socos sujos de lama, de todas as formas e tamanhos, desde enormes e grosseiras barcas com aros de ferro e cheio de palha, dos camaradas de campo, até pequenos tamanquinhos de mulher, em parte laqueados, com bicos decorados e forro de flanela vermelha.

Os habituais hóspedes noturnos da casa que, algumas vezes por semana, se reuniam após o trabalho para, em conjunto, se entregarem a palestras, leituras e cantos, já estavam presentes, sentados ao longo das paredes na grande sala que era ao mesmo tempo varanda e sala de jantar, fracamente iluminada por um único lampião de querosene. Nada nesse grande compartimento a não ser o trabalho de estuque abaixo do teto enegrecido pela fumaça, e as decorações paisagísticas sobre as portas, lembrava o salão onde Ragnhild tinha ostentado suas extravagantes toilettes entre macios tapetes, cortinas de damasco e móveis estofados. Ao longo das quatro paredes nuas da sala se enfileiravam toscos bancos de madeira, acima dos quais a pintura azul da parede estava raspada até à altura dos

ombros de um homem. A porta do jardim, que ficava aferrolhada durante o inverno, e as quatro altas janelas, dois caixilhos em cada lado, se achavam cobertas em cima por estreitas sa-nefas de chita vermelha. Sob um dos pares de caixilhos havia longa mesa de carvalho polida e branqueada. Além disso, algumas cadeiras de vime e, como na casa paterna de Hansine, uma poltrona antiga ao lado da lareira, um armário de cantoneira pintado de verde ao lado da porta da cozinha, e um candelabro de fôlha, de seis braços, pendurado do meio do teto.

Esta sala, a "sala grande" ou "saguão", como a chamavam os moradores da paróquia, por lembrar em sua severa simplicidade as antigas moradas nórdicas, era verdadeiramente a sala de estar da família. As demais dependências da casa, com exceção da antiga sala de estar, que agora servia de dormitório, permaneciam completamente vazias quando não eram usadas como depósito de sementes, lã, forragens e outras coisas semelhantes. Emanuel tinha adaptado ao seu próprio uso o quarto que nos dias do deão era conhecido e temido como o "escritório de estudos"; mas todo o mobiliário consistia em algumas prateleiras empoeiradas e um sofá de pano oleado, e era muito raro êle permanecer ali mais do que justamente uma meia hora, quando fazia curta sesta após o almoço. Seus sermões e conferências êle os redigia sempre atrás do arado ou durante suas peregrinações pela paróquia, em visita aos pobres e enfermos, pois, como costumava dizer, após ter-se convencido que dos pássaros sob o céu e mesmo das vacas em seu estábulo se podia aprender maior ciência da vida do que dos mais doutos livros de todo o mundo, virara as costas para suas estantes.

Naquela noite estavam reunidas cêrca de cinqüenta pessoas de ambos os sexos; e apesar da fraca iluminação do saguão reinava ali o ânimo mais festivo e alegre que se poderia imaginar. As mocinhas tinham tomado lugar ao longo de uma das paredes estreitas do fundo, sentadas como uma extensa fileira de flôres, as cabeças escuras e loiras curvadas sôbre algum fino trabalho de crochê que tinham dificuldade em segurar entre seus dedos rijos e vermelhos. As mulheres, porém, tinham seu lugar fixo no banco mais próximo à lareira, onde se curvavam contemplativas sôbre grandes trabalhos de tricô, enquanto na rotineira voz chorosa que as camponesas sempre usam em suas conversas, falavam com suas vizinhas sôbre arranjos domésticos e o preparo de laticínios. Ali também se achava Hansine que, no lugar costumeiro e na cadeira de braço, fiava na roca. Tra-

java exatamente o mesmo que as outras camponesas: um modesto vestido de tecido grosseiro e um surrado avental de algodão, tendo na cabeça uma pequena touca preta, abaixo da qual seu cabelo castanho-escuro formava na frente, segundo o hábito da região, duas línguas pequenas meticulosamente alisadas sobre as fontes. Não tomava parte muito ativa nas conversas das outras e muitas vezes parecia completamente absorta ao erguer os olhos do fio que tecia, quando a porta se abria para dar entrada a algum velho camponês em mangas de camisa, ou a um par de moças de faces arredondadas, que saudavam com um moneio de cabeça e um largo "boa-noite". Em tórno da mesa de carvalho comprida sob a janela os moços tinham-se reunido, completamente iluminados pelo lampião colocado no meio deles, ao lado dum pote de água com tampa de madeira. A conversa ia animada, e a fumaça azulada dos cachimbos acumulava-se como uma nuvem cada vez mais densa sobre suas cabeças de longos cabelos.

No canto mais escuro da sala estavam enfiados dois indivíduos cujos aspectos e atitude traíam nitidamente que não costumavam comparecer as reuniões. Ao entrar, Emanuel dirigiu também a essas pessoas o seu cumprimento, e até com especial cordialidade, apertando-lhe as mãos ao dar as boas-vindas. Eram dois vultos miseráveis, maltrapilhos e tão encharcados pela chuva que em tórno de seus socos se tinham formado pequenas poças de água. Um deles era alto e magro como uma vara de feijão; o outro, pequeno e corpulento, calvo na frente, com um nó do tamanho dum punho sobre um olho. Ambos fiavam o chão, acanhados, com as mãos nos joelhos, e às vezes, quando pensavam que ninguém os estava observando, olhavam de soslaio um para o outro, disfarçando um sorriso.

Eram dois personagens bem conhecidos na região: Svend Cerveja e Per Cachaça. Pertenciam à escória da paróquia, à farândola que cada manhã se ajuntava ao redor da porta do negociante Villing, onde, com a garrafa escondida sob a roupa, esperavam com impaciência que se abrisse a venda. Juntamente com outros indigentes da região morava num amontoado de casebres de barro, as chamadas casas do brejo, junto à distante divisa ocidental da freguesia. Um deles era sapateiro especializado na confecção de socos de madeira, o outro fazia telhados; mas, segundo a opinião geral, o principal meio de vida dos dois era furtar batatas nos silos dos camponeses, nas noites sem lua, cortar a lã de carneiros extraviados, e outros feitos

semelhantes. Havia mesmo quem suspeitasse que tivessem na consciência atividades ainda muito mais obscuras. Emanuel não o ignorava. Não fazia muito tempo que êle estava na região quando tivera os olhos abertos para o fato de que também no campo a pobreza originava baixeza e decadência moral; e desde cedo não poupava esforços no sentido de, com o auxílio da comunidade, fazer êsses míseros extraviados, êsses párias, voltarem à sociedade dos homens de bem. Por isso teve agora dupla satisfação ao ver os homens das choupanas do brejo. É que no momento êle não se lembrava de ter, como presidente da "Caixa Livre de Beneficência" da paróquia, reinstituído um subsídio para êsses dois homens, não suspeitando, por isso, que a sua presença ali deveria ser interpretada como uma espécie de quitação pelo auxílio usufruído.

Ainda outro hóspede raro estava presente naquela noite: o veterinário Aggerboelle. Êste, sentado no banco embaixo das janelas, tinha os braços cruzados sôbre o peito largo, sem notar que justamente nessa posição deixava aparecer nitidamente um extenso rasgão no paletó, sob a cava. Seus cabelos e barba tinham-se tornado completamente brancos e apontavam, crescidos e mal tratados, para todos os lados; os olhos pálidos, fixos, saíam-lhe das órbitas como duas bolinhas de vidro, e tôda a parte glabra do rosto estava semeada de pequenas excrescências pustulosas. De modo geral não era fácil determinar quem causava impressão mais lastimável: se o homem com o qual o destino brincara de modo tão brutal, ou os dois ladrões das casas do brejo. É verdade que o veterinário usava sapatos de verniz e elástico, punhos e colarinhos; sim, trazia até um pince-nez prêso à gola do paletó abotoado até em cima; mas mesmo o mísero estado de sua vestimenta e seus esforços para manter de pé uma atitude digna de sua posição eram de molde a despertar até a compaixão dum pobre.

Não era por vontade própria que ali estava. Se naquele momento sentava entre os "trombas caídas" — como chamava em seu ódio e desprêzo os camponeses da época com sua mania espiritual e virtuosa —, isso era devido a uma daquelas "infelizes constelações de circunstâncias", como êle costumava dizer, com que seu destino implacável continuava a persegui-lo pela vida a fora. Com o pretexto de ir ver um paciente, beijara comovido os filhos e se despedira emocionado da espôsa doente, sem o que nunca a deixava, ainda que fôsse só por uma hora, e havia-se pôsto a caminho para ir ter com seu velho amigo e secreto

companheiro de desventuras, Villing, a fim de junto a êste procurar consôlo em sua miséria, tentando achar possivelmente o que gostava de chamar "um pouco de esquecimento". Mas tivera a infelicidade de, logo em frente ao portão do presbitério, encontrar Emanuel, o que imediatamente, em alegre surpresa, abraçou exclamando:

— Ora viva, meu amigo! Você finalmente nos visita outra vez! Seja muito bem-vindo!

Agora êle aí estava, sentado no banco, entre "vaqueiros e limpadores de coqueira mal cheirosos", como dizia lá consigo, numa ira íntima que lhes tornava azuis as pústulas do rosto. Ao longo das paredes, a conversa fôra diminuindo, parando, finalmente, por completo. Estavam todos esperando que Emanuel ou algum outro fizesse algo para distrair a companhia: lesse um conto, uma história ou coisa semelhante. No entanto, Emanuel nem notava o silêncio. Após haver cumprimentado os presentes, cada um por sua vez, e ter dado a mão a todos, tomara lugar na extremidade superior da mesa, onde aos poucos mergulhou em profunda abstração. Era a reunião na casa do presidente do conselho que não lhe saía da cabeça, fazendo seus pensamentos vagarem para o futuro em ansiosa expectativa.

— Então, não vamos fazer alguma coisa esta noite? — perguntou finalmente uma voz ousada vinda do banco das môças.

A observação em tom de impaciência e a curta risada que provocou despertaram Emanuel que, levantando-se, disse:

— Você tem razão, Abelone! Vamos ver se fazemos alguma coisa... Você nada tem a nos contar hoje, Anton? Dirigiu-se a um homenzinho de barbas castanhas e aspecto sacerdotal, com plastrão branco e solidéu, que estava recostado numa velha poltrona de vime na outra extremidade da mesa, as mãos em tórno da grande cabeça dum cachimbo de madeira. O homenzinho era o novo mestre-escola da paróquia, o conhecido Anton Antonsen, antigo "professor de escola livre" que, por proposta do conselho distrital, fôra nomeado sucessor do velho Mortensen. Em resposta à pergunta de Emanuel êle virou maliciosamente a cabeça para um lado e disse lentamente, com forte acento provincial:

— Não. Hoje acho que vou dizer, como reza o bom velho rifão: "Quem cala, consente"...

A alegria que de todos os lados se seguiu a êsse jôgo de palavras, quase antes de o homem ter acabado de falar, caracterizava bem sua popularidade. Seu pequeno tamanho, sua figu-

ra engraçada e um certo bom humor popular tinham feito dêle o elemento animador da comunidade, e suas anedotas, charadas e leituras humorísticas aos poucos se tinham tornado um desfecho quase indispensável nas festas e reuniões da região.

— Mas escuta, Anton! — disse um rapaz que ainda não parara de rir — você podia bem ler alguma coisa para nós hoje. Já faz muito tempo que não ouvimos nada. Não se esqueça de que nos deve aquela da Stine que entrou na escola superior.

— Mas não vamos cantar alguma coisa primeiro? — ouviu-se de novo a voz atrevida de uma das môças.

Quem falava era a bela Abelone, criada do presbitério, uma môça robusta de vinte anos, com fitas pretas no claro cabelo louro, uma rosa grande no peito e com o sinal característico das alunas da escola superior — o cinto de couro polido, firmemente apertado na cintura.

— Sim, vamos cantar! apoiou Emanuel. — Vamos cantar um hino pátrio! É do que precisamos nos tempos que correm!

Depois de cantado o hino, reinou silêncio na sala. Os rapazes tomaram posição com os braços sôbre a mesa, e as môças puseram de lado seu crochê ou o guardaram definitivamente no bôlso do vestido, sob o avental, para melhor poderem observar Anton e acompanhar sua mímica enquanto êle lia. Como leitor e contador de histórias o professor, aos olhos dessa gente, era único, podendo em todo caso ser comparado só mesmo com o velho diretor da escola superior de Sandinge. Porém ao passo que êste, quando contava suas histórias e antigas lendas nórdicas, com seu arrebatamento mantinha suspensos os ouvintes e com sua singular voz, que lembrava o cantar dum galo, fazia surgir tão nitidamente, ante os olhos de todos, os heróis, duendes e valquírias da saga que se julgava vê-los passar em cavalgada infernal desferindo relâmpagos apocalípticos, a fôrça do professor Antonsen era o conto simples, moralizador, de todos os dias, que nos últimos tempos constituía moda na literatura. Sobreretudo, êle sabia imitar os diversos modos de falar dos personagens cômicos e seus movimentos, fazendo êle mesmo os vários papéis para dar vida à narração duma maneira tão perfeita como jamais se vira no lugar.

Com isso êle contribuía muito para que essa poesia de todos os dias cada vez mais usurpasse a velha poesia romântica, por cuja grandeza sobretudo Emanuel tinha sempre tentado despertar o interêsse, sem lograr porém, os aplausos dos ouvintes; ela antes os deixava constrangidos em virtude da liberdade com que

os antigos poetas freqüentemente cantavam as graças do corpo feminino e as delícias sensuais. Porém nas obras poéticas dos tempos modernos, nesses quadros reais, ora sentimentais, ora humorísticos, sempre sóbrios, freqüentemente da autoria de professores de escola e outros homens saídos do povo, eles reviviam suas próprias lutas e emoções quotidianas. Aqui encontravam também a gravidade moral, a maneira fundamental de encarar a vida, a ânsia pela verdade e o desejo de justiça que fazia vibrar em seus peitos as mais profundas cordas.

4

Na mesma noite o negociante Villing e a esposa estavam em sua pequena sala aquecida, ao lado do armazém. Um lampião de pé alto ardia no centro da mesa, sob um abajur vermelho de papel; à sua confortável claridade a mulher, sentada no sofá, fazia tricô, enquanto Villing ocupava o lugar na poltrona de braços no outro lado da mesa, lendo o jornal em voz alta.

Lá fora, o armazém estava deserto e silencioso. Um lampião com a chama reduzida pendia do teto e fumegava, entre almofaças e molhos de barbante, e na profunda sombra atrás de um barril de aguardente, sentado o espectral caixeirinho, que sistematicamente cada dois ou três anos era substituído por outro, trazido da capital, mas que, entretanto, sempre, era o mesmo, magro, arredio e pálido, o mesmo sêr que o povo durante vinte anos via mover-se atordoado atrás do balcão. Nesse momento ele estava dormindo, com a cabeça contra a parede e a boca muito aberta, e as duas mãos enfiadas tão profundamente nos bolsos como se o tivesse feito com a firme intenção de nunca mais as tirar. Nas últimas horas, de fato ninguém o incomodara. A venda de Villing, que em dias passados sempre estivera cheia de fregueses, ficava agora a maior parte do dia completamente vazia. A adesão do negociante à causa popular viera tarde demais. Do movimento comercial da região, a grande cooperativa de consumo de Skibberup aos poucos só lhe tinha deixado o comércio de tostões com a gente pobre do lugar, uns poucos

fornecimentos de carvão e a venda de aguardente e cerveja bávara.

Por mais duros, porém, que êsses anos de provação tivessem pesado sobre Villing e sua esposa, não haviam modificado muito o seu aspecto; êle mesmo, com sua larga cabeça e as curtas suíças louras estava até mais gordo e corado; ela já precisava usar óculos ao fazer trabalhos manuais, mas seu rosto, meigo como o de uma freira, conservava ainda a expressão juvenil e mostrava claramente que também nela a fé na vitória daquilo que seu marido chamava de "superioridade profissional" difundia a necessária serenidade de espírito. É verdade que haviam também procurado compensação pela diminuição dos negócios, emprestando secretamente dinheiro com garantias seguras e elevados juros. Diversas pessoas da região, quando se encontravam num apêrto, tinham recebido o que Villing chamava "um pequeno auxílio amigo". Em virtude dos tempos magros, e por se deixarem os camponeses absorver cada vez mais por questões espirituais e intelectuais que os faziam esquecer em parte a terra e os animais, êle tinha nos últimos anos feito boas transações com seu pequeno capital.

O jornal do qual Villing lia trechos em voz alta, era uma fôlha reacionária da capital, conhecida especialmente por suas detalhadas informações sobre pessoas de destaque dos círculos sociais mais elevados da cidade residencial. Essa fôlha sempre fôra a preferida do casal e era praticamente sua única leitura; a despeito de não ser, nesses tempos agitados, inteiramente livre de perigo ter em casa um jornal governista tão mal afamado, e apesar do extenso sistema de espionagem constantemente mantido pelo tecelão Hansen, achavam impossível passar sem êle. Não tinham tomado assinatura em seu próprio nome; faziam vir o jornal secretamente, por meio dum amigo de negócios, que o enviava como papel de embrulho em suas remessas de mercadoria.

Nessa noite lhes estava reservado um prazer todo particular. O jornal trazia uma descrição, de muitas colunas, duma brilhante festividade na côrte; Villing, durante suas leituras, nunca deixava a elevação de voz sacerdotal com que gente inculta frequentemente enfeita sua fala, mal entra em contacto com a palavra impressa, e tomou essa oportunidade para desdobrar todo o seu talento declamatório. Agarrando firmemente uma das suíças, o que sempre fazia quando estava emocionado, leu o seguinte:

"Com uma pontualidade que certo autor espirituoso chamou a virtude dos príncipes, suas graciosas Majestades compareceram precisamente às nove horas, seguidos de um cortejo majestoso, no verdadeiro sentido da palavra. O salão nobre, feèricamente iluminado, oferecia nesse momento o mais brilhante espetáculo. Os uniformes dos cavalheiros de garridas côres e os peitos cobertos de estrêlas, porém, mais que tudo, as *toilettes* magníficas das damas, reverberando de diamantes, rubis e safiras, eram de efeito imponente..." — Sim, deve ter sido extraordinário, não? — disse êle, interrompendo a leitura e atirando um olhar cheio de superioridade à esposa.

— Isso creio eu! Mas continue, meu amigo!

— "Sua Majestade o Rei, cujo aspecto juvenil apesar da idade despertou admiração e satisfação geral, vestia o uniforme de general da guarda-nacional, adornado com a fita azul da ordem do elefante (7). Sua Majestade a Rainha, que parecia extraordinariamente animada e mais jovem do que nunca, trazia um vestido branco de rendas e um abrigo de brocado lilás claro com cinco metros de cauda; tinha adornos de opala no pescoço e nos braços e um diadema de plumas lilás claro nos cabelos." — Imagine, Sine! Brocado lilás claro com cinco metros de cauda! Se calcularmos 12 metros da largura comum a, digamos, 50 ou mesmo apenas 45 coroas, temos 540 coroas só do tecido!

A Sra. Villing, que tinha apoiado a face numa das agulhas de tricô, e nessa posição meditava, erguera os olhos por sôbre o canto dos óculos e para o teto, acrescentou:

— E quinze metros de renda a 25 são 375 coroas...

— Juntos, por conseguinte, 915 coroas!

— Pelo menos!

Só para o tecido! É o que podemos chamar uma maravilha, não? Mas vamos adiante! "Sua Alteza a Princesa Real..."

— Agora sim, vamos ouvir! — exclamou a mulher e se pôs em posição com seu tricô na mão.

— "Sua Alteza a Princesa Real", repetiu Villing elevando a voz "tinha um vestido decotado de atlas azul celeste, o casaco entretecido de lírios de prata..." — Atlas azul celeste com lírios de prata, imagine você! — "Nos cabelos um diadema de brilhantes; além disso, uma verdadeira profusão de pedras cintilantes no pescoço, no peito e nos braços e também nas dobras do vestido. Especial admiração foi despertada por um par de brincos de brilhantes do tamanho de ovos de pardal..." — Você

já viu coisa assim, Sine? Brilhantes do tamanho de ovos de pardal! Isso quer dizer o mesmo que ter tãda uma fazenda senhorial pendendo de cada orelha. Deve ser uma sensação extraordinária!

Interrompeu-se de novo e ergueu a cabeça, pondo o ouvido à escuta. Do outro lado do tanque público soaram as vozes alegres dum grupo de môças saindo da cidade, a cantar.

— Decerto já está no fim, por hoje, a reunião de falatório dêsse pesoal — disse êle olhando para o relógio no pedestal. Também já são nove horas. Bem... onde tínhamos chegado? Está aqui: "Entre as *toilettes* dos aristocráticos hóspedes notamos especialmente as seguintes: Sua Excelência a senhora do Presidente do Conselho..."—

Nesse momento ouviu-se o som estridente da sinêta colocada sôbre a porta do armazém. Villing fechou às pressas o jornal, pronto para ocultá-lo na gaveta da mesa. Do armazém ouviram-se vozes que murmuravam e ruídos de garrafas. Depois disso a sinêta soou de novo e a porta foi fechada.

— Elias! — gritou Villing com voz trovejante.

A cara de sono do caixeirinho apareceu na porta entreaberta.

— Quem foi?

— Svend Cerveja e Per Cachaça... Vieram buscar uma garrafa.

— Bem. Pode fechar e ir dormir. Mas não deixe sua vela queimar demais, menino! Boa-noite!

Após certificar-se de que a porta estava fechada e de que o rapaz se retirara, Villing tomou novamente o jornal, para continuar a leitura. Mas foi de nôvo interrompido pelo som da sinêta do armazém. Desta vez a porta foi apressadamente aberta e com forte ruído. Ouviu-se descerrar a portinhola corrediça e os passos dum homem que entrava. Villing mal tinha conseguido enfiar o jornal dentro da gaveta da mesa, quando a porta da sala se abriu.

— Ah!, é o senhor! — disse êle com uma exclamação de alívio, quando viu a larga figura do veterinário Aggerboelle, pingando de chuva, aparecer no limiar. — De onde vem a esta hora da noite?

— Eu? Hum!... Eu venho de um cliente — murmurou Aggerboelle com voz abafada, e olhou em tórno, à procura dum lugar onde pudesse colocar o chapéu e a bengala. — Que tempo

miserável! Está um lamaçal isso aí fora! Anda-se tão enlameado que mal se pode entrar numa sala de gente decente!

— É muita amabilidade de sua parte, vir visitar-nos — disse a Sra. Villing gentilmente, atirando um olhar de advertência ao marido que não se esforçava muito por ocultar o aborrecimento que a visita lhe causava. — Nós estamos sempre muito sós e nos alegramos em receber nossos amigos... Então, como vão as coisas lá para os seus lados, com toda essa chuva e neve que tivemos nos últimos tempos?

Aggerboelle fez como se não ouvisse sua pergunta. Tomou lugar numa cadeira junto à mesa, onde, com ar sombrio, pôs-se a praguejar a meia voz contra os homens e a ordem de coisas reinante. Assim costumava portar-se quando vinha pedir dinheiro emprestado ou tentar um prolongamento de seu crédito, cujo prazo já se esgotara, e Villing por isso se mantinha calado, o mesmo fazendo sua mulher. Recentemente, tinha-se ido como penhor o derradeiro resto das mobílias do veterinário e sabiam que nada mais podiam esperar d'ele.

Subitamente ele se recostou na cadeira, num acesso de amarga ironia, e disse:

— O senhor tem aí alguma coisa quente que se beba, Villing? Eu acho necessário um fortificante nesse tempo miserável...

O negociante e sua esposa trocaram olhares interrogativos, e fez-se um momento de silêncio. Em seguida a mulher ergueu-se e foi até à cozinha.

— Então, como vão os negócios? perguntou Villing, com uma compaixão que tão facilmente se concede a uma vítima surripiada, dando-lhe palmadas amistosas no joelho.

— Mal, naturalmente... Como queria que fôssem?

— Isso, infelizmente, nós comerciantes também podemos dizer. Por toda a parte há depressão no movimento e baixa nos preços! Onde isso irá parar? Ainda outro dia eu disse a minha mulher. "Como é desagradável, que não se possa oferecer condições mais vantajosas aos fregueses"! Isso para não falar na satisfação que se poderia ter em ajudar velhos amigos e bons fregueses numa hora de aperto! Nesses tempos de crise já é tão difícil cuidar cada um de si! Eu, por exemplo, nem sei, no momento, de onde tirar os meios para me remediar no próximo fim de mês. Isso é duro, creia, na minha idade, quando se pode olhar para trás, para vinte anos de esforços sinceros e hones-

tos... No momento, estou completamente desprevenido; estou sem vintém...

O veterinário, que tinha ouvido antes essa conversa e sabia perfeitamente o que ela significava, murmurou alguma palavra incompreensível dentro da barba, atirando olhares impacientes para a porta da cozinha. Ele aparecera na esperança de conseguir um empréstimo de algumas coroas, mas no momento o que lhe enchia a cabeça, sobrepujando todo o resto, era a esperada probabilidade de atordoar os sentidos com alguma bebida forte.

Finalmente a mulher apareceu com uma bandeja. Aggerboelle pegou logo um copo, pôs uma quantidade de água justamente necessária para cobrir o fundo, enchendo o resto com conhaque, e sem esperar por um bater de copos ou um convite, levou-o com mão trêmula aos lábios, esvaziando-o até a metade.

— Então — exclamou ele pouco depois, um tanto loquaz pela ação do álcool, pondo-se na sua posição preferida, com os braços cruzados sobre o peito. — Vamos ver, não há nada de nôvo?

— De nôvo? Deixe-me ver... disse Villing, mexendo meticulosamente o conteúdo de seu copo. — Sim. De nôvo há que houve reuniões hoje na casa do Presidente do Conselho.

— Isso o senhor chama novidade! Diabo! Parece-me que lá fazem reuniões todos os dias! Essas bêstas dêsses campônios, com efeito não têm mais o que fazer hoje em dia! Mandam o seu leite para a cooperativa de laticínios e os seus porcos para os matadouros coletivos!... Assim é fácil, podem depois ir para casa, deitar importância! Ah!, as coisas eram outras antigamente, minha gente!

— Foram os homens de confiança que se reuniram.

— Homens de confiança? — disse Aggerboelle com agitação. — Será que vamos ter barulho na polícia outra vêz? Não faz mais oito dias que tivemos uma reunião aqui! Mas é isso mesmo, é o que estou dizendo! Pode-se ficar com o fígado doente só de pensar o que êsses trombas-caídas arrumaram aqui dentro! Como êles assassinaram... assassinaram, sim senhor! — repetiu ele erguendo o punho fechado — assassinaram e enterraram o último resto do bom velho espírito pitorescos dinamarquês, com tôda essa sua gritaria, seus malditos balidos de ovelhas tontas! Se o velho Didrik Jakobsen soubesse disso! Lembra-se do velho Didrik Jakobsen, Villing? Aquêlé é que era um homem de pêso! Suas grandes festas de Natal, hein? Com assados de presuntos enormes e repôlho-vermelho, e aguardente e ve-

lha cerveja e um bom ponche de café que consolava a gente pelas decepções e tristezas da vida! E a semana de carnaval, Villing, quando ficávamos sem dormir cinco noites seguidas! Aquê-
le, sim, era tempo para gente viver!

Villing e a esposa trocavam olhares dolorosos. Também nê-
les as palavras do veterinário despertavam recordações saudo-
sas. É que muitas das boas coisas mencionadas tinham sido ad-
quiridas em seu armazém, e os momentos mais felizes de sua vi-
da em comum eram quando, de noite, após tais festejos em que
às vêzes mais de cem pessoas tomavam parte, comendo e beben-
do até não poderem mais, ambos se sentavam no sofá curvados
sôbre o grande livro-caixa, e com uma pena de aço nova regis-
travam as extensas contas e somavam intermináveis colunas de
algarismos.

— E Soeren Himmelhund? — continuou Aggerboelle, mais
e mais arrebatado por suas recordações —, Lembra-se, Villing,
quando êle matou um boi gordo para seu festim! O que é que se
vê hoje em dia? Nem um assado decente para um casamento! O
que se ganha é uma xícara de café ralo com uma rôscã... E
além disso só cantilenas e discurseiras ôcas e palavras amigas
e apertos de mãos suadas! Isso é progresso, é o povo do futuro!
A isso é que chamam a juventude do país! Abaixo com essa sú-
cia! Abaixo com êsses canalhas, digo eu!

A lembrança das horas humilhantes que êle havia pouco
tivera que agüentar no presbitério, o pusera fora de si. Villing o
olhou atarantado, e por fim o próprio Aggerboelle pareceu tor-
nar-se apreensivo ante a ousadia das palavras que pronunciara.
Calou-se de repente. Durante um momento reinou profundo si-
lêncio no quarto; dir-se-ia que a sombra invisível do tecelão
Hansen pairava um instante no aposento.

— Como está passando sua família, meu caro Aggerboelle?
— perguntou a Sra. Villing, para dar outro rumo à conversa.

O veterinário fez um gesto suplicante com a mão e voltou a
cabeça, contraindo a face num ricto doloroso, como sempre acon-
tecia quando alguém se lhe referia à esposa.

— Não falemos nisso, Sra. Villing, que me despedaça o co-
ração! Meu consôlo é que, se hoje sofro por causa dos tempos
ruins — e, confesso, por causa de minha própria fraqueza —,
é tudo pela minha pobre mulher e meus inocentes filhinhos. Se
não fôsse por êles, eu já há muito teria me revoltado, como homem
e cuspidor meu desprêzo na cara dêsses canalhas, palavra de
honra! Mas prometi a mim mesmo que por minha infeliz mulher

e meus pobres filhinhos quero fazer êsse sacrifício... Por êles quero esvaziar até o fim a taça da amargura! Não, realmente, minha cara Sra. Villing, nisso a senhora se engana. Não sou um carrasco tão cruel, tão sem coração que, para satisfazer meu orgulho, levasse minha pobre Sofia a sofrer mais do que ela já sofre...

Mas caro Sr. Aggerboelle, eu nada disse... tentou objectar a Sra. Villing, timidamente.

— Não, não! A senhora não conhece minha Sofia... Aí é que está! A senhora não a amou, como eu, durante vinte anos de amargos cuidados e penúrias. Assim se aprende a agradecer a Deus por uma boa e fiel companheira... E isso eu tive na minha Sofia! Um modelo de esposa e mãe, posso dizer... Nobre, abnegada, um anjo de paciência e tão bela, tão graciosa em sua dor...

O conhaque tinha começado a causar nêle o efeito habitual. Colocou as lunetas e sem pestanejar fazia circunvagiar os olhos para ocultar as lágrimas em vias de brotarem. Sua voz se tornara velada de emoção; suas palavras e a expressão traíam toda a violência da paixão com que ainda adorava a esposa e cujo ardor podia causar tremendo impacto nos que conheciam o pequeno resto de vida humana, prestes a se consumir, que era a Sra. Aggerboelle.

— Minha pobre mulher, justamente agora, está acabada! — continuou êle desistindo de lutar por mais tempo contra a emoção. — A senhora sabe, ela sofre dessas visões horríveis, de alucinações, sempre que está só. Pode crer, é terrível para mim pensar nisso! Uma noite dessas, quando voltei duma visita a um doente... já era um pouco tarde, creio... notei de longe luz acesa no quarto. Percebi logo que alguma coisa não estava em ordem, e quando entrei — nunca poderei esquecer o que vi! — encontrei minha mulherzinha sentada na cama, branca como um lençol e tremendo como se estivesse nas convulsões da morte. Atirei-me a ela e a tomei nos braços, mas no comêço ela nem podia falar. "Sofia querida", — gritei, — "que aconteceu? Que houve?" Finalmente ela ganhou forças para me contar que ouvira alguém mexendo em volta da casa e que vira terríveis caras através das vidraças, que tinham gritado para ela, que queriam entrar e matar as crianças... Fantasias, naturalmente, febre, mas assim mesmo horríveis, terríveis de ver...

Não conseguiu mais conter-se. As lágrimas lhe correram dos olhos, e êle curvou-se e pousou a cabeça nas mãos.

— Mas caro Sr. Aggerboelle! — exclamaram a um tempo o Sr. e a Sra. Villing, com sincera compaixão. Villing, batendo-lhe no joelho, continuou: — Não fique assim desconsolado, caro amigo! Vai ver, o calor do verão trará melhora a sua espôsa. Quando vem a primavera, sempre esquecemos as penúrias do inverno!

Mas êle não mais o ouvia. Tinha mergulhado no sombrio desespero que nêle constituía uma das fases da bebedeira. Finalmente ergueu a pesada cabeça.

— Sabe o que eu acho? — disse com voz rouca, estranha, levantando a mão — existe alguma coisa assombrada na atmosfera aqui do campo... Alguma arte do diabo, oculta em algum lugar...

— Mas Sr. Aggerboelle, por favor! — atalhou a Sra. Villing — o senhor já o disse outro dia. Isso nos dá uma tal sensação de insegurança...

— Deixe-me, cara Sra. Villing... A senhora não me entende! Não creio em assombrações nem em espíritos, nem em fantasmas com a cabeça embaixo do braço... Essa espécie de histórias malucas deixo aos trombas-caídas! Mas eu digo que aqui há outra espécie de magia... Alguma coisa que nos rouba a força de viver, Sra. Villing... que tira a alma e o sangue e a medula do corpo daqueles que não tiveram seu berço aqui fora, sob êste céu...

— Ouça-me agora, Aggerboelle — Villing o interrompeu. — Pelo amor de Deus, não se deixe arrastar assim ao desespero, meu amigo! Misture outro copo e veja se pensa em coisas menos tristes. Acho bom que nos alegremos um pouco hoje. Todos nós estamos precisando dum pouco de animação nesses tempos difíceis.

Como se despertasse dum sonho, Aggerboelle aprumou o corpo e passou as mãos pelo cabelo, em seus habituais tremores contínuos. Olhou de soslaio para o relógio no pedestal e murmurou:

— Acho que tenho de ir... Acho que prometi a minha mulher...

— Olhe, caro amigo — quer saber de uma coisa? Neste estado de ânimo em que se encontra, não o deixo ir para casa; o senhor só iria contagiar sua espôsa com essa melancolia. Lembre-se também de que outro dia ganhei do senhor treze mil coroas. Deve tirar sua desforra! Sine, quer dar-me o baralho e preparar ainda um meio copo para o Sr. Aggerboelle, sim?

Só à vista do baralho a resistência de Aggerboelle se desvaneceu por completo.

Mas também para o casal Villing essas pequenas partidas de cartas não eram um sacrifício tão grande como queriam fazer parecer. Devido à falência total de Aggerboelle, tinham que desistir de jogar a dinheiro; mas o interesse d'ele pelo jogo fôra despertado novamente, após a feliz idéia de se apostarem somas vertiginosas e de tomar nota das partidas ganhas, o que punha sua fantasia em movimento e satisfazia-lhe a paixão por número e adição.

Dentro em pouco estavam em roda da mesa arrumada e davam cartas para um chamado "joguinho de fantasia".

— Eu dou saída — disse logo Aggerboelle, que tinha a mão.

— Eu acompanho — cantarolou a Sra. Villing.

— Ah!... Acho que me arrisco a deixar passar uma vez... — entoou Villing, estendendo a mão para apanhar as duas cartas que estavam para comprar, na mesa.

Mas Aggerboelle cortou-lhe o caminho. Varreu com a mão intumescida as cartas para o lado e declarou que jogava com o que tinha.

— Olha o leme, capitão, nós estamos sacolejando! — exclamou Villing às gargalhadas. — Hoje está no lado da sorte, veterinário!

Aggerboelle colocou as lunetas — que havia alguns anos tinha arranjado para com elas pôr em destaque sua superioridade intelectual e cultural sobre os "trombas caídas". Seu semblante que, quando entrara, era dum pálido azulado, tornou-se aos poucos vermelho como brasa e fumegava de álcool. Quando ganhou o jogo e fêz até mesmo seus adversários "passarem por debaixo da mesa", plantou as duas mãos nos lados, olhou sorridente de um para outro e disse:

— Como é, minha gente! A coisa está boa, não acham?

Após alguns dias de tempo alternadamente bom e chuvoso, levantou-se no domingo, à hora do pôr do sol, uma violenta tempestade vinda do norte. Ao anoitecer Hansine estava sòzinha em casa com as crianças, que já dormiam. Emanuel e os empregados e criadas bem como os habituais hóspedes noturnos da casa tinham ido ao grande comício de protesto na casa de reuniões de Skibberup, para onde, no decorrer do dia, afluíra gente de todo o distrito. Desde a manhã os carros rolaram pela cidade conduzindo correligionários de outras paróquias, e muitos dêsses, ao passarem em frente ao presbitério, aproveitaram a oportunidade para cumprimentar Emanuel e tomar parte no ofício sagrado na igreja de Vejlbj. Além disso, os dois oradores do Parlamento, camponeses da Jutlândia Ocidental, tinham estado ali em demorada entrevista, e pela tarde chegara um grupo de alunos do outro lado, da escola superior de Sandinge, com mensagens e saudações do velho diretor que agora passava a maior parte do tempo acamado, doente. Tôda essa gente teria que tomar café ou comer alguma coisa, de modo que da manhã à tarde houvera afluência e movimento como numa hospedaria em dia de feira.

Durante o dia longo e agitado Hansine esperara ansiosamente por aquelas tranqüilas horas da noite. Raramente passava momentos tão calmos, e não partilhava absolutamente o enlêvo de Emanuel ao ver a casa sempre cheia de estranhos; pelo contrário, desejava, muitas vêzes, que êle não abrisse tanto as portas para aquela infinidade de amigos que aos poucos se tinham acostumado a entrar e sair do presbitério como em sua própria casa. Quando finalmente, após ter pôsto as crianças na cama, se viu só, ela acendeu o lampião e sentou-se junto à comprida mesa da sala, com um trabalho manual. Teve porém uma sensação desagradável ao ver-se assim inteiramente sòzinha e

abandonada na grande casa vazia e silenciosa com seus amplos aposentos, a cuja atmosfera tinha dificuldade de se habituar. Apesar de fazer quase sete anos que aí morava, não podia livrar-se da impressão de ser uma estranha, um hóspede indesejável naquelas grandes salas. Custava-lhe muitas vezes compreender como era possível que Emanuel se sentisse tão bem ali e pudesse, de modo geral, estar tão satisfeito, não obstante sua vida ter-se tornado, no decorrer dos anos, tão diferente do que ambos, outrora, tinham imaginado. Frequentemente, sobretudo após um dia movimentado como aquêle, os pensamentos tristes de Hansine procuravam, saudosos, a casinha revestida de roseiras silvestres, oculta entre as verdes colinas da costa, que tinham pensado em comprar quando eram noivos. Enquanto sua fantasia lhe mostrava a vida tranqüila e feliz que poderiam ter tido lá fora, na paz íntima de seu ninho, como único vizinho a alva praia, longe do bulício dos inúmeros visitantes que entravam e saíam sem parar, o grande vácuo do presbitério pesava duplamente sobre ela, oprimindo-a.

Havia ainda o crescente barulho da tempestade que rugia por sobre a casa trazendo consigo toda a espécie de ruídos esquisitos vindos dos galpões. No celeiro um alçapão aberto batia e, pelo contínuo e forte sacudir da porta da sala, ela notava que Niels novamente se esquecera de fechar as meias-portas de fora. Do estábulo, ouvia-se de quando em quando o mugido soturno das vacas, e todos êsses ruídos despertavam suas preocupações de mãe de família. Ficava pensando que Abelone talvez se tivesse esquecido de ordenhar a novilha de primeira cria antes de sair, ou se tinha tido o cuidado de examinar bem a cinza do fogão antes de atirá-la ao monturo, à tarde. Abelone andava, ultimamente, com a cabeça nas nuvens e tinha sempre muita pressa em olhar pela janela da cozinha quando Niels passava pelo quintal. Tomara que todos aquêles elogios que faziam a Niels desde que êle começara a escrever nos jornais não lhe subissem demais à cabeça! Êle já se tornara muito negligente no serviço.

Foi interrompida em suas cismas por um gemido que vinha do quarto de dormir cuja porta estava encostada. Era o menino que gemia no sono. O pai o havia levado a Skibberup pela manhã, para que, durante o serviço sagrado, êle brincasse na praia com os filhos dos pescadores. Mas depois de ter chegado a casa, êle desaparecera de repente, não tendo sido possível encontrá-lo durante toda a tarde. Sòmente ao crepúsculo, quan-

do Emanuel se fôra, ela o achara no último degrau da escada do sótão, com as mãos no ouvido doente, e o rosto inchado de tanto chorar. Ela o pusera logo na cama e deitara-lhe no ouvido algumas gotas do "óleo para as orelhas", da velha curandeira Grete, após o que, rapidamente, êle adormecera. Mesmo dormindo porém, êle continuava a lamentar-se de vez em quando, e êsses novos acessos da antiga moléstia do rapaz contribuíam para a depressão de ânimo em que ela se achava.

Nunca lhe agradara muito que Emanuel levasse consigo as crianças com qualquer tempo e para todos os lugares onde ia; ainda menos compreendia como êle as deixava, sem a menor preocupação, brincar à vontade em meio a tôdas as crianças da rua, onde afinal de contas estavam continuamente expostas a tanta coisa ruim. Lembrava-se de sua própria infância, das muitas coisas feias que havia justamente entre as crianças pobres, e cada vez que via o menino e Sigrid correndo entre elas, exatamente como ela mesma outrora fizera, com tamancos e roupas remendadas, sufocava a custo o sentimento de amargura e tristeza, notando claramente o quanto a sua vida e a de Emanuel se tornaram diferentes daquilo que ela imaginara, de uma existência no mundo intelectual, tal como a ideara em sua mocidade, nos bancos da escola superior. Resolvia sempre falar de novo seriamente com Emanuel a respeito das crianças; mas ainda não se animara a fazê-lo com franqueza. Assim que o via entrar na sala, sempre satisfeito e otimista, imbuído de sua grande missão, ela perdia a segurança. Perante a sua inabalável confiança em si mesmo e a alegre abnegação com que êle se entregava à sua vocação, ela nunca achava as palavras acertadas para exprimir o que lhe ia na alma, sentindo-se envergonhada de suas pequenas preocupações quotidianas.

Do quarto vieram súbitamente sucessivos pequenos gritos. Ela pôs depressa o trabalho de lado e levantou-se. Mas quando chegou à cama do rapaz, encontrou-o em sono aparentemente tranqüilo. Julgando ter-se enganado, queria voltar para a sala, quando êle se virou bruscamente e ficou deitado de costas, rilhando os dentes e dando outra vez gritos de pavor.

— Meu filho! Que é que você tem? gritou ela e o suspendeu na cama para acordá-lo.

O rapazinho esfregou os olhos com as duas mãos, olhou depois em volta, admirado, e respondeu:

— Estou-me sentindo bem...

— Mas por que grita você assim? Foi um sonho ruim? Ou dói alguma coisa?

Ele não parecia ouvi-la. Seus olhos se dilataram de maneira estranha e fitavam o espaço com uma expressão de viva preocupação e alarme.

— Mãe!

— Sim, meu filho. Que é? Você me assusta...

— Entrou uma môsca na minha cabeça.

— Não diga bobagens, meu filho! Isso você sonhou. Deite-se quietinho e durma, que isso vai passar.

— Não, é de verdade. Eu sinto isso o tempo todo. A môsca decerto não pode mais sair, mãe!

A estas últimas palavras seu rosto se contraiu e, após curta luta com o orgulho, ele se atirou apavorado ao colo da mãe e pôs-se a chorar. Ela o acariciou e o acalmou até vê-lo, com a habitual boa vontade, enxugar as lágrimas e se enfiar de novo embaixo do cobertor. Com um suspiro pôs ambas as mãos sob o queixo e um momento depois adormeceu.

Mas Hansine ficou parada junto à cama. As palavras do menino e seu anormal comportamento a tinham deixado muito apreensiva; mal sabia o que deveria pensar de tudo aquilo. Ficou contemplando-o na claridade da lamparina, e prometeu a si mesma que não suportaria a situação por mais tempo; iria conseguir que se esclarecesse o estado do menino. Ainda naquela mesma noite falaria seriamente com Emanuel sobre o caso, e dessa vez não se daria por vencida, não cederia antes de ser consultado o doutor e ouvida a sua opinião.

2

Eram quase dez horas e Hansine estava de novo na sala grande, remendando as meias das crianças, quando Emanuel entrou.

— A paz de Deus esteja aqui! — disse ele ao entrar, segundo uma antiga saudação que aprendera dos velhos camponeses, e ficou um instante parado na penumbra, junto à porta. Trazia uma lanterna apagada numa mão e um cajado de carvalho

no outra; a barba clara ondeava sôbre sua escura capa de burel semelhante a uma batina, cujo capus êle pusera na cabeça. — Niels já voltou?

— Não, eu não o ouvi chegar.

— Nem Abelone?

— Não.

— Pobre menina! Ela terá muito que lutar pelo caminho contra a ventania. Isso já é quase um furacão... É tal a escuridão que não se enxerga a mão em frente aos olhos. Lá adiante na colina minha lanterna se apagou; quase não pude encontrar o caminho... Enfim, nada como estar em casa...

Pôs a lanterna sôbre o banco junto à porta, tirou o capuz e deixou o cajado.

— Olhe, tenho uma grande novidade para você — continuou êle, sempre de bom humor, aproximando-se e assoprando os dedos azulados de frio. Só quando chegou bem perto de Hansine e lhe queria pôr as mãos na cabeça para a beijar na testa, notou sua fisionomia inquieta.

— Mas o que há, minha amiga? Aconteceu alguma coisa?

Ela procurou outra meia no monte que tinha à sua frente sôbre a mesa e disse, num tom em que se percebia contida acusação:

— É o menino, outra vez, Emanuel!

— O menino? Que há com êle? Não veio para casa? Lembro-me que não o vi a tarde tôda...

— Não, não isso. Eu o encontrei na escada do sótão, depois que você saiu. Seu ouvido estava novamente muito mal. Tive que o pôr na cama. Não sei o que êle tem, nunca o vi tão esquisito como hoje...

— Quê? Deixe-me vê-lo!

Êle quis apanhar a lâmpada da mesa, porém ela lhe deteve a mão.

— Não é preciso. A luz forte poderá acordá-lo... A lamparina está queimando lá dentro.

Ela se ergueu e o seguiu para o quarto. O menino ainda dormia; parecia tranqüilo, com as duas mãos embaixo da face e joelhos encolhidos, fracamente iluminado pelo brilho mortífero da pequena chama que boiava numa escura camada de óleo, dentro de um copo, atrás da cabeceira da cama. Nem uma linha de seu rosto mostrava outra coisa senão o mais são e plácido descanso.

— Mas êle dorme como uma pedra! — disse Emanuel. — Não pode haver nada de grave com êle. Você deve ter-se assustado sem motivo, Hansine!

— Não entendo... Ainda há pouco êle falava todo confuso, e gritava horrivelmente. Isso lhe vem como acessos.

— Ah!, é o ar da primavera, pode crer! Sempre torna tão agitado o sono das crianças. Você vai ver; amanhã, com a ajuda de Deus, êle estará bom outra vez!

— Mas eu acho, assim mesmo, Emanuel, que devíamos agora...

— Acho-o com tão bom aspecto! — continuou êle sorrindo, satisfeito. Como a maioria das pessoas que gostam de ouvir a própria voz, êle em geral nem escutava o que os outros diziam. Pôs o braço em tórno da cintura de Hansine e ficou contemplando, cheio de ventura paternal, a pequena cabeça coberta de cachos vermelhos que se aprofundava nos alvos travesseiros. — Está bonito como um anjo no colo de Deus! Que lindo para se ver! Pode você entender, Hansine, que pessoas que têm filhos possam ser atéias? Para mim, há um tão nítido reflexo da luz celeste, uma doce manifestação de paz e de júbilo divino nos traços de uma criança adormecida... Bem! — interrompeu-se êle e largou Hansine. — Como vão as duas pequerruchas? Espero que com elas nada tenha acontecido. Daqui se ouve a gorducha roncar que faz gosto!

Enquanto falava, êle se movia pelo quarto e se curvava sobre as camas, sobre suas três toneladas de ouro, como muitas vêzes, gracejando, chamava os filhos. Tirou três rôscas do bolso e colocou uma em cada cama, meio escondida sob o travesseiro, de modo que as crianças logo as encontrassem ao acordar pela manhã.

— Eu dei um pulo ao padeiro. Não queria voltar para casa com as mãos vazias num dia como êste. Muito bem! Agora é melhor que deixemos as crianças dormir. Tenho tanto para contar hoje, vamos para dentro!

Voltaram à sala, onde êle logo se pôs a andar de um lado para outro sobre o amplo assoalho e a relatar detalhadamente tudo o que se passara na casa de reuniões de Skibberup. Mas Hansine o ouvia distraidamente. Não desistira de sua resolução e estava ainda firmemente decidida a aproveitar a primeira ocasião para falar sobre o menino.

— Mas você sabe o que se tornou o ponto culminante de toda a reunião? — exclamou Emanuel, parando no meio da sala,

com as mãos nos lados e o corpo curvado para a frente. — Adivinhe, se fôr capaz!

— Não posso adivinhar... Diga logo o que foi.

— Seu pai!

Hansine ergueu os olhos das meias que estava remendando.

— Meu pai?

— Sim. Seu bom velho pai cego, Hansine, ninguém menos...

— Mas meu pai sabe falar? perguntou Hansine com crescente admiração. — Sim, não foi tanto pelas palavras, mas o seu modo e sua grande emoção... Imagine você, o presidente do conselho tinha justamente feito um discurso — um pouco longo e fastidioso, como infelizmente é seu costume; ia passar à leitura da resolução tomada, quando seu pai, que estava sentado bem embaixo da tribuna, se ergueu para ouvir melhor. Na sala, seu gesto foi mal interpretado; todos julgavam que êle queria falar e lhe gritaram de todos os lados que subisse à tribuna. Enfim, antes que seu pai soubesse ao certo o que se passava, para lá foi conduzido por dois homens; também não ofereceu grande resistência. Ora, você conhece sua timidez e pode muito bem avaliar o que aquilo significava para êle e para todos nós. Em tôda minha vida eu não esquecerei aquêle momento!

— Mas... mas o que disse êle, afinal?

— Sim, como eu ia dizendo, não foi tanto pelas palavras... Era a visão do homem velho, cego, com a cabeça branca, surgindo como um testemunho ainda vivo dos dias da escravidão, que êle de fato quase chegou ainda a ver. Era como ouvir-se uma voz de além-túmulo, quando êle ergueu a mão e com a voz trêmula da velhice bradou: "Vamos ter outra vez o cavalo de pau? Será essa a intenção? Que nós, camponeses, sejamos outra vez a alimária dos senhores feudais?". — Muito mais êle não disse, mas eu queria que você tivesse ouvido a verdadeira tempestade de aplausos que se levantou na sala. "Não! Nunca! Isso nunca mais acontecerá!" ecoou de canto a canto. Eu só desejei que os inimigos da liberdade do povo tivessem podido estar presente para ouvir o timbre de vontade férrea que havia naquele grito; teriam reconhecido que qualquer resistência é inútil, que não há esperança alguma para êles. Disso estou absolutamente certo. O tempo da desumanidade passou irrevogavelmente. O reino milenar chegará com sua magnificência e suas delícias. Paz sôbre a terra e entre os homens! Soará por to-

dos os cantos do mundo... Ah!, que homem feliz eu sou, afinal! — exclamou Emanuel, aproximando-se a Hansine e pondo-lhe as mãos na cabeça. — Nunca poderei agradecer suficientemente ao Criador por me permitir viver para vê-lo! Em que boa hora Ele me mostrou o caminho para fora de Sodoma, onde a vida agora é uma rápida luta contra a morte e a podridão. Como é delicioso respirar aqui, onde tudo está surgindo, se formando, onde tudo é primavera, alegria matinal e canto de cotovias! Imagine só que você e eu e todos nós podemos, na medida de nossas forças, contribuir para a edificação do reino eterno da paz, da verdade e da justiça! Quando penso em mim mesmo, nos dias passados, parece que me tornei outro homem, agora que me livrei dum mau encanto, dum feio e velho despôjo. E tôda essa felicidade devo a Deus e a você, minha querida... Sim, sim. Agora você baixa os olhos e fica corada. Mas assim mesmo é verdade que você foi a princesa sem a qual eu nunca teria conquistado a metade do reino!

3

Só na manhã seguinte Hansine munuiu-se da necessária franqueza e energia para fazer prevalecer sua exigência de chamar o médico. Emanuel, no primeiro momento, quase se zangou. Censurou-a, como tantas vêzes antes, por seus cuidados e pela fraqueza de sua fé na Providência Divina e sua tendência de procurar consôlo nos inventos humanos em lugar de deixar tudo, confiante, nas mãos de Deus. Falou-lhe com insistência, tão cheio de ardor e fé, e com voz tão triste que ela acabou por se sentir culpada, começando a chorar.

À vista de suas lágrimas, êle logo se abrandou. Foi beijá-la na fronte, com o que não fêz senão agravar a situação, pois ela se voltou, sacudida por soluços. Êle ficou surpreso. Não estava acostumado a vê-la deixar-se assim dominar pelos sentimentos. Não a vira chorar desde aquêlê momento na noite de sua declaração, quando ela involuntariamente lhe revelara seu amor, e a lembrança daquela hora feliz o comoveu tanto que

êle mesmo teve lágrimas nos olhos e se curvou, arrependido, acariciando-lhe os cabelos e as faces úmidas.

— Mas, minha querida amiga! Se eu soubesse que minhas palavras lhe podiam ferir tanto, não teria falado assim. Eu não lhe quis magoar... É claro que não me irei opor sèriamente se você de fato acha que a opinião do Doutor Hassing pode tranquilizá-la! Já vou chamar Niels e mandar atrelar os animais ao carro. Assim o doutor poderá estar aqui ainda esta manhã.

Quando Hansine, um quarto de hora mais tarde, ouviu o carro saindo pelo portão, respirou aliviada e começou a arrumar os quartos, para que a casa estivesse em ordem quando o médico chegasse. Era a primeira vez que esperava visita de um estranho que poderia observar seu lar com olhares críticos, e ela mesma sentia que tanta coisa podia e devia ser diferente. Pôs roupa limpa em tôdas as camas e chamou Sigrid e a pequena Dagny do quintal para as enfeitar um pouco. Teria preferido vesti-las com suas roupas domingueiras; mas sentindo que Emanuel não o apreciaria, contentou-se em lavar-lhes o rosto com sabonete e lhes dar aventais limpos. O menino teve de ficar como estava. Estivera bem calmo na última parte da noite e dormia ainda tão profundamente que ela não se atreveu a acordá-lo.

A decidida má vontade de Emanuel em ver o médico do distrito em sua casa tinha um duplo motivo. Em primeiro lugar sentia profunda aversão pelos médicos em geral. Sua opinião era que na sociedade moderna se exagerava a importância dessa entidade; sim, êle atribuíra aos médicos boa parte da culpa pela moleza, pelos abusos e pela devassidão que solapava as classes cultas hoje em dia. Estava convencido de que a confiança cega, com que o povo se entregava aos médicos e farmacêuticos, encerrava sério perigo para o sã desenvolvimento físico e moral da vida humana, havendo muitos que acreditavam no absurdo de poder remediar falhas físicas e mentais com o auxílio de pílulas, misturas e eletricidade, desprezando os únicos remédios verdadeiros e eficientes, a moderação, a frugalidade e o trabalho corporal.

Além disso, êle evitava o Doutor Hassing por uma razão especial. Êsse homem era, por assim dizer, fora do círculo de seus amigos, o único com quem, nos últimos anos, mantinha uma forma de relação, por se encontrarem, às vêzes, junto ao leito de enfermos e moribundos. Êsses encontros com o médico, sempre muito elegante e bem tratado, com modos inacessíveis e fala ce-

rimoniosa, tinham sido para êle um desagradável contato com os hábitos sociais que desprezava e dos quais tinha fugido. Ademais — era fato notório —, o médico, como a maioria de seus colegas, era livre-pensador, e várias vezes se expressara zombeteiramente acêrca da fé cristã na ajuda da Providência e nas promessas da palavra divina. Finalmente, segundo opinião corrente na região, o Doutor Hassing era um médico medíocre cujos interesses consistiam em colecionar valiosos *bibelôs*, cercar-se de luxo, remodelar sua vila, dar jantares sociais e empreender todos os anos uma viagem ao exterior — em suma, por meio de sua considerável fortuna particular, tornar a vida o mais agradável possível.

Foi por isso um verdadeiro sacrifício que êle fêz por Hansine, concordando em chamar êsse homem para seu querido menino, de cuja natureza vigorosa êle mesmo estava tão firmemente convencido, que quase lhe parecia ingratidão para com o Criador mostrar-se duvidoso. Por isso, quando foi ao estábulo em companhia do velho vaqueiro Soeren para tratar dos animais e buscar farelo de cevada do paiol, não ia como de costume, com alegre ânimo matinal. No estábulo viu que a tempestade da noite havia derrubado um grande pedaço do revestimento da parede, partindo as vidraças de uma das janelas da cocheira que tinham esquecido de fechar, na véspera. Já notara alguns dias atrás que a parede se fendia; mas nos últimos tempos tinha havido tanto para consertar nos telhados e muros que não fôra possível fazer tudo. De modo geral, não se podia negar que os edifícios do presbitério, outrora tão bem cuidados e imponentes, começavam a causar impressão de abandono e desleixo. Emanuel ali chegara numa época particularmente desfavorável para a lavoura, com queda dos preços dos produtos da terra, e ao mesmo tempo com maiores exigências quanto à sua qualidade. Além disso, êle foi inicialmente perseguido por uma série de desastres com o gado, tendo sofrido também sérios golpes em várias experiências com novas forragens e fertilizantes sôbre os quais havia lido no jornal agrícola e que, visando ao bem geral, quisera introduzir na região. Também sua vida doméstica, apesar da rigorosa simplicidade que a caracterizava, fôra mais dispendiosa do que esperava, e a herança materna, na qual se baseava no comêço, havia muito tinha sido inteiramente consumida.

Fiel à sua velha resolução, recusava-se obstinadamente a receber qualquer remuneração pela sua atividade sacerdotal

além do aproveitamento dos bens do presbitério. Para partilhar de modo completo a vida e as condições materiais de seus amigos, sustentava-se exclusivamente com o amanho da terra, e logo ao assumir o cargo exortara os camponeses da paróquia a depositarem os seus dízimos e oferendas na chamada "Caixa Beneficente Livre", que custeava as despesas da grande obra benemérita da paróquia. Em geral, era seu desejo não ser considerado em primeiro lugar como pastor, mas como lavrador a quem, à semelhança dos conselheiros distritais e os bombeiros voluntários, fôra confiado pela comunidade um posto de honra. Ele mesmo costumava chamar-se "o servo do templo" da comunidade, e êsse título o satisfazia muito, pois, como êle dizia, eliminara tão perfeitamente o "Reverendíssimo".

4

Eram dez horas quando Niels voltou com o doutor, que vinha envolto num capote de merito e com luvas, sentado atrás, tendo colocado no carro o banco de seu próprio trole. Quando o carro parou em frente à escada principal, abriu-se a porta da cocheira e Emanuel apareceu com sua habitual roupa de trabalho e grandes botas de campo. O médico desceu, os dois homens se cumprimentaram com um mudo apêto de mão muito reservado e frio de parte a parte e, sempre calados, subiram pela escada.

Na entrada, o médico tirou o casaco de pele; trajava paletó de casemira de corte elegante e grande gravata de atlas com um alfinêto de diamante. Era homem vistoso, de uns quarenta anos, com rosto de traços muito acentuados e pequenas costeletas escuras. Desde o início êle claramente se esforçara por não deixar transparecer com um só olhar a menor admiração e, menos ainda, qualquer desagrado quanto ao modo de vestir de Emanuel. Entrara no saguão, e também aí êle fêz como se nem reparasse no singular aspecto e no mobiliário da sala. Em sua determinação de não revelar a menor curiosidade, tirou mesmo a luneta dourada do nariz muito saliente, voltou-se para

Emanuel e disse, numa feliz tentativa de mostrar-se absolutamente à vontade.

— Acho que o melhor é ir logo ver o camarada!

— Foi minha esposa quem desejou ouvir sua opinião — respondeu Emanuel que logo se melindrou com aquela maneira do doutor referir-se a seu filho. — Não creio que seja coisa grave... Provavelmente é apenas um resfriado, comum agora no começo da primavera.

— Isso é o que vamos ver.

No quarto, Hansine levantou-se da cadeira ao lado da cama do menino quando o médico apareceu. Desta vez ele não conseguiu ocultar tão bem o que pensava. Ficou um instante parado no limiar da porta, contemplando-o com visível surpresa. Era evidente que os rumores correntes, aliados à sua própria fantasia, o tinham feito esperar um quadro muito diverso da muito falada esposa do pastor de Vejlbj.

— Seu filho está doente... — disse ele com súbita compaixão, após ter-se aproximado e haver-lhe apertado a mão. — Espero que não seja nada de grave. Seu marido acha que é um resfriado comum.

Ele mesmo apanhou uma cadeira e sentou-se ao lado da cama. O menino ainda dormia e não acordou, nem mesmo quando o doutor, após haver tirado uns punhos enormes, começou com suas bem tratadas mãos, compridas e brancas, a apalpar-lhe a cabeça e a contar as pulsações. Quando tocou no algodão que cobria o ouvido doente, o menino abriu os olhos. Ficou algum tempo imóvel, olhando para o homem estranho. Somente quando viu a mãe, do outro lado da cama, acordou de uma vez. Olhou novamente para o enigmático desconhecido, fitou-lhe o paletó preto, o alfinete de diamante e os grandes dentes brancos, enquanto o medo começava a se refletir em seus olhos baços, branco-azulados.

Hansine o ergueu cuidadosamente na cama, passou-lhe a mão pela testa e disse para encorajá-lo:

— Não tenha medo, meu filho! É o doutor que quer ver seu ouvido. É muito ruim com tanta dor de ouvido, não é? O doutor é um homem bom, ele só quer tirar a dor!

O menino pareceu nesse momento compreender tudo. A boca se contraiu e as lágrimas começaram a apontar-lhe nos olhos. Mas no mesmo instante, descobrindo o pai que se plantara ao pé da cama, sufocou rapidamente o pranto. Era como se tivesse entendido intuitivamente que causaria especial satis-

fação ao pai mostrando-se, justamente diante daquele homem estranho, como um menino disposto e corajoso.

O médico começou a examinar o ouvido doente. Quando tirou o algodão, escorreu do conduto auditivo, como de costume, um líquido de mau cheiro.

A fisionomia do médico tornou-se apreensiva.

— Há quanto tempo êle já anda com isso?

— Nós o notamos, de vez em quando, há uns dois anos — respondeu Hansine.

O médico ergueu os olhos, como se não pudesse acreditar no que ouvia.

— Dois anos?

— Sim.

Lançou um olhar para Emanuel que, todavia, não o entendeu e confirmou, com um sinal afirmativo, as palavras da esposa.

Hansine começou então a contar como a doença tinha começado, como se manifestava em acessos periódicos e falou do sono agitado da noite anterior. O médico a ouviu atentamente, e a expressão de seu rosto tornou-se cada vez mais preocupada. Quando ela terminou o relato, êle pediu uma vela, acendeu-a e agitou repetidas vêzes a chama, de um lado para outro, em frente aos olhos do menino. Depois manteve durante algum tempo ambas as mãos na sua nuca, e por fim começou a examinar meticulosamente a parte traseira da orelha, onde viu que a pele estava esticada por um comêço de intumescência.

Até então Emanuel permanecera calmo, com as mãos nas costas, observando. Estava resolvido, desta vez, a fazer até o fim a vontade de Hansine, e apesar de ter pena do menino que tinha os olhos cheios de lágrimas, lutando para manter sua firmeza, não quis interferir no exame. Mas quando viu o médico apanhar a bolsa e tirar diversos instrumentos aguçados e cortantes, não conseguiu mais dominar-se.

— Isso de fato é necessário? — perguntou em tom um tanto agressivo.

O doutor ergueu os olhos, estupefato.

— Sim — disse bruscamente, e pediu água quente, uma toalha e diversos outros objetos que indicavam uma operação.

Emanuel ficou indeciso. Deveria êle permitir que êsse ateu maltratasse seu filho? Mal se atrevia a olhar para o menino que, à vista dos instrumentos, se tornara pálido como um cadáver e,

com os olhos, suplicava que êle lhe acudisse. Porém, quase mais o torturava ver o ardor servil com que Hansine auxiliava o médico, o sangue-frio com que ela entregava seu filho às mãos daquele charlatão.

Quando o doutor se aproximou com o primeiro instrumento, uma agulha de prata aguda como uma soveia, desvaneceu-se o último resto de coragem do menino. Em pavor mortal atirou-se contra a mãe e lhe enlaçou convulsivamente o pescoço com os braços.

Nesse momento Emanuel saiu do quarto. Não queria presenciar aquela tortura pela qual responsabilizaria só e unicamente Hansine. Foi para a sala, e quando de lá ouviu o primeiro grito lancinante do menino, refugiou-se em seu próprio quarto, onde se pôs a andar de um lado para outro, para sufocar com seus passos os sons que vinham do dormitório. Sua mente estava agitadíssima. Não entendia Hansine. Sentia-se como apalhado numa emboscada dentro de sua própria casa, vergonhosamente traído pela pessoa em quem mais deveria confiar.

Após uns dez minutos êle ouviu vozes na sala, e quando entrou, o médico estava com o chapéu na mão e dava a Hansine suas últimas instruções. Logo depois êle se despediu.

— Eu creio que o senhor considera por demais insignificante a moléstia de seu filho — continuou o médico na sala de frente, para onde Emanuel em completo silêncio o tinha acompanhado. — Eu não me quis exprimir mais claramente enquanto sua esposa estava presente, mas acho que é minha obrigação não ocultar ao senhor que seu estado inspira cuidados. Êle sofre duma antiga inflamação endurecida e, como parece, maligna, que infelizmente teve tempo de se alastrar e sucessivamente atingiu todo o ouvido interno. Qual será o andamento da moléstia, naturalmente, no momento não posso dizer; mas pelo rumo que ela ultimamente se me afigura haver tomado, devemos estar preparados para uma crise próxima. Por enquanto tentei dar livre curso à supuração, perfurando a membrana timpanal; aconselhei compressa de vinagre nos pés ou gelo na cabeça... Mais não posso fazer por hoje. Por enquanto deve-se dar à criança o máximo sossêgo, até vermos que rumo a infecção tomará. Se entretanto se manifestarem os mais leves sinais de enrijecimento do corpo durante o sono, para não falar de verdadeiras convulsões, devem chamar-me imediatamente. Essa calamidade e a febre conseqüente devemos por todos os meios evitar.

O tom firme do médico, de uma aparente clareza absoluta, sobre o estado do menino não deixou de causar profunda impressão em Emanuel que, mal o carro partiu, voltou apressadamente para o quarto. Ali encontrou o filho estendido na cama, de costas, com ataduras na cabeça, como que abismado.

Ao ver o pai, a criança sorriu, e quando Emanuel se sentou ao lado da cama e perguntou como êle estava passando, o menino se ergueu e, satisfeito, sentindo-se até um pouco importante, começou a contar tudo o que o doutor fizera com êle.

— Mas que quer então dizer tudo isso? — exclamou Emanuel, voltando-se para Hansine que vinha da cozinha com Sigrid e a pequena Dagny, que tinham ficado aos cuidados de Abelone durante a visita do médico. — A criança está tão animada! Que conversa é essa de febre e convulsões e não sei mais o quê?

— Ah!, então o médico disse alguma coisa nesse sentido? — perguntou Hansine, espantada e imóvel.

— Ele disse uma porção de coisas. Isso porém são maneiras dêsses médicos. Mas quem vem aí?

Da sala ouviam-se passos pesados e o bater de um cajado no chão. Mas depois apareceu na porta aberta uma mulher idosa e corpulenta.

— Vovó! — gritaram Emanuel e as crianças ao mesmo tempo, estendendo-lhe os braços.

— Sim, sou eu — disse a velha e acenou com a cabeça para todos. — Como vão as coisas por aqui? Soubemos que vocês foram chamar o médico de Kyndloese, e como eu tinha ocasião de aproveitar o carro de Kristen Hansen que ia para o moinho, não perdi tempo. Queria saber o que se estava passando.

— Esperamos em Deus que não seja nada — respondeu Emanuel. — É o rapaz que teve uma pequena lembrança de seu velho mal; Hansine se assustou e quis a todo custo chamar o doutor.

— Deus seja louvado! Então não é nada de grave! Papai e eu ficamos um pouco assustados, como vocês podem imaginar. Aqui não costuma entrar médico...

Ela desprendeu a grande fivela de prata de seu capote grosseiro de tecido verde, tirou o capuz e alisou com dois dedos úmidos o cabelo côm de aço em frente à touca. No correr dos anos ela se tornara ainda mais obesa, e a hidropisia fizera intumescer pés e mãos, dificultando-lhe tanto o andar que, fora de casa, ela tinha de se apoiar num cajado.

— Então é êste môço que está tão mal que por fôrça se tinha de chamar o doutor — disse ela, depois de cair pesadamente na cadeira ao lado da pequena cama de ferro e contemplar durante algum tempo o menino, a quem a alegria pela chegada da avó, mas principalmente à vista duma bôlsa de tricô que ela levava consigo para junto da cama, tornava animado, fazendo suas faces corar de prazer. — Ele não parece tão triste, acho eu. Você é mesmo uma doidinha, Hansine! Imagine, fazer essa história e se assustar dêsse jeito! Isso até parece gente da capital, que logo vai correndo ao médico e à farmácia por qualquer dor de dente. Se não fôsse todo êsse negócio aí na cabeça, a gente dizia que êste moleque tem vida até demais...

Hansine, sentada junto à larga cama de cortinados, dava o peito à filha mais nova.

— Mas o doutor achou que o menino não está tão bem assim, e que o deveríamos ter chamado muito antes. — Disse ela, tentando defender-se, embora o aspecto alegre do filho e a despreocupação dos outros já comesçassem a torná-la vacilante.

— Sim, o doutor! — disse a vovó com um sorriso acariciando Sigrid que fazia festas para ela como um gato e devorava com os olhos a bôlsa de tricô. — Se as coisas sempre fôsem como pregam os senhores doutôres, nós todos já estaríamos há muito tempo no fundo da cova. Vejam o que aconteceu no outro dia, quando a filhinha de Per Persen engoliu uma agulha de costura. O doutor a empanturrou de batatas e pão amassado e outros enchimentos, quase sufocando a pobre criança... Depois acharam a agulha muito sossegada na almofada de costura da avó. Acharam, sim senhora...

— Isso o doutor não podia saber — objetou Hansine.

— Vá lá... Pode ser que não. Mas eu me lembro ainda do que aconteceu com Soeren, o barqueiro. Foi no tempo do velho médico do distrito, Velloev, de quem se dizia que ainda era mais competente do que êsse tal de Hassing. Velloev advertiu que Soeren não teria mais três dias de vida, botando tô-

da a família atarefada com os arranjos, como pôr a papelada em ordem, pintar a sala grande para o entêrro, creio, até, que encomendaram o caixão... E três dias depois lá ia o Soeren outra vez para a labuta de todos os dias, com o cachimbo na boca... Vai ver, êle ainda anda por aí hoje em dia, e está com seus noventa nas costas. Que diz você a isso? Não, não. Seria melhor que os bons doutôres fôssem menos sabichões e deixassem Deus Nosso Senhor regular a vida e a morte; acho que se teria muito menos tristeza neste mundo...

— Isso mesmo! Foi o que eu já disse! — concordou Emanuel, que ia de um lado para outro no quarto, com as mãos nas costas.

— E se tivermos algum desarranjo, para mim não há outra coisa como nossas velhas boas mezinhas. Valem muito mais do que essa novidade de doutôres com seus remédios de botica e todos êsses venenos que estragam a saúde de tanta gente boa... Por isso eu já trouxe comigo, na afobação, um chá calmante; não podia saber o que tinha acontecido. Passei também na Maren Nilen e apanhei um pouco de gordura de cobra... Isso é tão bom contra tonturas...

Enquanto falava, ela foi abrindo com as mãos inchadas a bolsa que trazia ao colo, dela tirando diversos pequenos pacotes que espalhavam forte cheiro de ervas medicinais, e, por último, três porquinhos de açúcar vermelho que, com carícias e pequenos conselhos, dividiu entre as crianças. O rapaz tomou o seu, sorrindo tímidamente, como sempre quando queria mostrar sua gratidão, ao passo que Sigrid quase arrancou o porquinho da mão da avó, disparando em seguida com êle para o outro quarto.

— Então, como vão as coisas lá em casa, Else? — perguntou Emanuel, para dar outro rumo à conversa. — Nosso bom vovô deve estar todo orgulhoso pela felicidade que causou com sua fala ontem à noite. Foi de fato um momento solene para todos nós!

— Sim, sim... Êle está mesmo tão alegre como uma criança. Pois nunca esperou tornar-se orador. Mas está grato por Deus o haver utilizado como instrumento e lhe ter dado sua bênção para dizer a verdadeira palavra numa hora importante.

A conversa foi interrompida por Abelone, que surgiu na porta e, com sua voz vigorosa, anunciou que o almoço estava ser-

vido. No mesmo momento a avó se levantou para ir-se embora. Emanuel tentou persuadi-la a ficar e almoçar com eles. Ela porém tinha prometido a Kristen Hansen estar na estrada do moinho quando êle voltasse, e já era tempo de ir andando.

— Também tenho de ir para casa acalmar o meu velho. Ele anda cismando que aconteceu uma grande desgraça.

Vestiu novamente o capote e pôs a coifa. Na porta ela ainda se virou, meneou a cabeça, sorriu para o menino e disse:

— Venha visitar-nos no domingo, meu filho, comer coalhada de leite cru se a novilha vermelha tiver o bezerro. E, voltando-se para Emanuel, acrescentou: — Papai vendeu a vaca preta, braba. Mas os preços êste ano andam frouxos.

6

A extremidade superior da mesa comprida, na sala grande, estava coberta com um pano oleado escuro. Nela, duas vasilhas de barro fumegantes, com sopa de couve, meio pão de centeio, um prato com sal grosso e o habitual pote d'água com tampa de madeira. Emanuel tomou seu lugar à cabeceira. À sua esquerda, sob a janela, estavam Niels e o velho Soeren, o vaqueiro da quinta, um latagão de três varas de altura, verdadeira máquina de trabalhar todo êle ossos e grandes juntas terminando numa pequena cabeça pendente que não se compunha de muito mais do que dois possantes maxilares. Tôda a parte inferior do rosto e anterior do longo pescoço até ao pomo de Adão, muito saliente, estava preta de barba crescida; nariz vermelho, testa baixa dum amarelo côr de osso, cabelo de uma tonalidade assim, como se lhe tivessem jogado cinza na cabeça. No outro lado da mesa estava Hansine com as duas crianças e Abelone, e ainda uma velhinha com viseira verde protegendo os olhos, e algumas crianças da rua. Segundo o costume entre os pobres do lugar, êsses últimos tinham aparecido na hora do almôço e faziam de conta que estavam em suas próprias casas. O menino havia ficado na cama. Logo após a avó ter saído, êle se deitara outra vez e adormecera, com seu porquinho de açúcar na mão.

Todos curvaram a cabeça e ficaram de mãos fortes quando Emanuel em voz alta, rezou a oração própria do momento:

Em nome de Jesus vamos para a mesa,
Comer, beber por Sua vontade,
Honrando a Deus, e para nosso bem
Vamos comer em nome de Jesus!

A princípio todos comiam em silêncio. Só se ouvia o tocar das colheres de chifres nos pratos de argila e o ruído de muitas bocas que sugavam a sopa. O vaqueiro Soeren era o que mais se fazia notar. Na mão esquerda êle segurava um pedaço de toucinho quente que mergulhava na vasilha de sal, chupando-o depois de cada colherada de sopa.

— Algum de vocês ouviu, hoje, qualquer coisa de nôvo do Parlamento? — perguntou Emanuel, quando o pior da fome havia passado. — Você, Soeren? Você costuma estar sempre tão bem informado sôbre o que vai pela política!

— Ah!, sim... Sempre se ouve uma outra coisa... respondeu Soeren com sua enorme goela cheia de comida, erguendo as sobrançelhas, numa tentativa de dar-se ares misteriosos. Tio dum deputado, nessa qualidade era tido como um oráculo nas coisa da política. — Eu por mim acho que daqui a pouco estaremos todos a caminho da cidade...

— Você quer dizer que vai haver dissolução do Parlamento... Novas eleições, eh? Será que o Govêrno vai de fato tentar êsse meio outra vez? Mas de que adiantaria isso?

— Ah!, não... Mas já não é sem tempo que o homem da rua tenha a dizer uma palavra aqui na terra...

— Nisso você tem razão! Há muito tempo o devia ter tido, e quanta amargura se teria evitado... Bem, então vamos dar graças a Deus pela comida — acrescentou, quando viu que todos haviam acabado de comer. Soeren foi o último a largar a colher, depois de a ter lambido e com o polegar havê-la enxugado.

Novamente se rezou curta cração, após a qual cada um foi para seu lado.

Emanuel, como de costume, procurou o sofá de oleado em seu quarto para "mergulhar um pouco no reino dos sonhos", como êle costumava dizer, segundo um adágio da escola superior. Soeren, com os passos pesados de quem comeu até fartar-se, atravessou o quintal e desapareceu no paiol, onde, no verão e

no inverno, fazia a sesta num feixe de feno. Niels foi para seu quarto, um pequeno compartimento caiado ao lado da cocheira, onde êle se instalara como um estudante, com uma mesa de passar roupa transformada em escrivaninha, sob a janela, numa pequena estante cheia de livros bem encardernados, um pedaço de tapête embaixo da mesa e uma longa fileira de cachimbos cuidadosamente arrumados no sentido do comprimento, numa tábua na parede. Sôbre a cama pendia uma fotografia emoldurada da escola superior de Sandinge. A vista era do portal da escola todo revestido de hera, semelhante ao de um convento, em frente ao qual posava um grupo de professores e alunos. No centro do grupo via-se a figura rotunda do velho diretor da escola com seu chapéu do tamanho de uma mó e os longos cabelos crespos na nuca. Embaixo estavam impressas em letras douradas as palavras com que êle sistematicamente se despedia de seus discípulos:

"Sempre vigilante, nunca vacilante!"

Quando Niels acabou de encher o mais comprido de seus cachimbos, sentou-se em frente à pequena mesa e esticou as pernas numa sensação de conforto. Depois tirou do bôlso um número da "Fôlha do Povo" da semana anterior, que abriu com carinhoso cuidado sôbre a mesa, e pôs-se, pela vigésima vez, a ler o seguinte artigo:

"SÔBRE O DESCANSO DOMINGUEIRO NAS ZONAS RURAIS" Apêlo aos Moços.

Hoje quero falar sôbre o descanso aos domingos, na lavoura. Que triste não é o quadro, tantas vêzes visto por aí fora, de rapazes até mesmo môças, que deveriam afinal ter melhores pensamentos, passarem as horas livres nas tardes de domingo e em outros dias quando pára o trabalho envolvidos numa infinidade de coisas mundanas e fúteis, como jôgo de boliche, na rua, a dinheiro, ou com bebida, acontecendo muitas vêzes que os rapazes se embriagam, gritam e esbravejam como animais, do que por sua vez, resultam muitos outros males da pior espécie. Tais aspectos devem ferir a vista de cada homem espiritualmente livre, pois seria de crer que a todos cumpriria pensar em algo mais elevado, ter ambições, sobretudo na época atual, onde o facho da liberdade está aceso pelo país inteiro, para reunir todos na luta pela liberdade do povo e pela justiça. Aqui, na nossa região, graças aos nossos bons professores e guias,

não mais se vêem coisas assim indignas de um povo livre. Mas em muitas outras paróquias elas ainda são comuns, e é por isso que envio êste apêlo à mocidade, para que também nesse ponto nos unamos na luta pela vitória do espírito sôbre as trevas da escravidão, a fim de que possamos cantar com o poeta:

"Que todos sejam conduzidos, em ventura,
Para a região da luz e da magnificência!"

Presbitério de Vejlbj, em março de 1885.

Respeitosamente,
N. Nielsen Damgaard".

7

Quando Emanuel, à noite, voltou de Skibberup, aonde tinha ido mais uma vez tomar parte numa reunião da diretoria, o menino, que não acordara a tarde inteira, ainda continuava a dormir.

— Está vendo? — disse Emanuel — êle é tão inteligente que vai dormir até ficar livre de tudo. Amanhã você o terá fora da cama outra vez!

Hansine não respondeu, embora estivesse longe de partilhar seu otimismo quanto ao estado de saúde do filho. Aquêlê sono de quase vinte e quatro horas não lhe parecia nada natural; lembrava-lhe o que se dera com outra criança, um irmão de sua amiga Ane, que morrera de moléstia cerebral e que ela, quando mocinha, tinha ajudado a tratar. Algumas vêzes, no decorrer da tarde, ela tentara acordar o menino para ao menos fazê-lo comer alguma coisa. Mas êle apenas abrira um pouco os olhos e a fitara dum modo estranho, absorto, sem querer tocar na comida. Algumas vêzes bebera àvidamente, logo porém tornando a deitar-se para continuar a dormir.

Por volta da meia-noite ela e Emanuel foram acordados por um ruído estranho que durante muito tempo não souberam explicar. Era como se alguém estivesse batendo com o cutelo da

cozinha na tábua de picar. De repente acudiu a Hansine que podia ser a pequena cama de ferro do menino que estava sacudida, num contínuo movimento de vaivém.

— Acenda a lamparina — disse ela. — É o menino!

Emanuel riscou um fósforo, e já na claridade da chama Hansine viu a criança agitando os braços. Dum pulo ela estava a seu lado. Tirou-lhe apressadamente o travesseiro de baixo da cabeça e segurou-lhe os braços ao longo do corpo que tremia da cabeça aos pés.

Emanuel, que nesse meio tempo acendera a lamparina na mesa, não podia compreender o que passava. Pensou, no primeiro momento que o menino tinha acordado e estava brincando. Quando êle viu Hansine tirar um grampo do cabelo e introduzir à força a extremidade curva na boca da criança, gritou:

— Mas em nome de Deus, Hansine! Que está fazendo? Que tem o menino?

A pequenina chama da lamparina aumentou nesse momento, e no brilho mais claro êle pôde ver que o rosto do menino estava completamente escuro, os dentes cerrados, os lábios cobertos de espuma. Vieram-lhe à mente as palavras do médico, pela manhã, e sentiu uma vertigem.

— Isso não é... não é convulsão, Hansine? — gaguejou êle.

Ela meneou a cabeça afirmativamente.

— Você deve ir buscar o médico já e já — disse pouco depois, vendo que Emanuel não se mexia. — Vá depressa... O menino está muito doente!

— Sim... sim... fez êle como se acordasse dum estado letárgico. Vestiu-se às pressas e tateou o caminho através da escuridão que reinava na sala, para sair e acordar o pessoal. Vendo luz na janela do quartinho do camarada, começou já da escada:

— Niels! Niels!

Na quietude da noite o chamado soava como um grito de socorro; o rapaz apareceu assustado na porta, de camisa, com um livro aberto na mão e um longo cachimbo que ia até o chão pendendo da boca.

— Você tem que atrelar o carro, Niels, e ir buscar o médico. O menino está muito doente.

— Buscar o doutor? — perguntou Niels, fitando o rosto pálido e agitado de Emanuel. — Mas nem se pode pensar em encontrar caminho hoje, a noite está muito escura. Não acho que...

— Não quero saber... Chame Soeren, êle pode ir junto com uma lanterna. Os cavalos conhecem o caminho.

, — Mas... Niels quis fazer novas objeções. Emanuel, porém, cortou-lhe a palavra.

— Cumpra o que estou dizendo e não perca tempo com conversas — retrucou êle num tom de comando que lhe era absolutamente estranho, e fêz o camarada calar-se. — Você está ouvindo que o menino se acha muito mal; o caso é urgente. Acorde imediatamente Soeren e diga-lhe que tem de ir já!

Quando voltou ao quarto, Hansine ainda estava curvada sobre a cama e segurava os braços do menino.

— Você não acha que devíamos logo mandar chamar sua mãe? Isso não seria um conforto para você?

— Não, não adiantaria nada. Vá chamar Abelone e diga-lhe que faça fogo e aqueça água na grande panela nova.

— Sim, sim...

— Na cozinha encontrou Abelone que acordara com o barulho na casa. Ela estava de saia de baixo, trazia uma vela em uma das mãos e segurando com a outra a jaqueta de dormir sobre seu peito saliente.

— Será que o menino ficou doente? — perguntou, tremendo de medo e de frio.

— Sim. Você tem que acender o fogo e esquentar água na panela grande... Mas depressa!

— Êle está muito doente?

— Sim... Acho que sim! Mas ande depressa. Abelone... Depressa! É muito urgente!

Voltou ao quarto, onde o menino havia serenado, e parecia outra vez dormir tranqüilamente. Hansine, que afinal achara tempo de se vestir, estava sentada numa cadeira ao lado da cabeceira da cama, com o queixo nas mãos e o cotovêlo apoiado no joelho, fitando-o com a expressão distante, quase fria, que seu rosto sempre tomava nas emoções violentas.

Emanuel aproximou-se cuidadosamente e sentou-se, mudo, numa cadeira no outro lado da cama.

— Você pode compreender isso, Hansine? Você pode imaginar como isso aconteceu? Ao meio-dia eu o deixei bom e animado... E agora! Que acha você que pode ser?

— Não sei — disse ela. E como se êle, com sua pergunta, tivesse despertado um pensamento em que ela não tinha ânimo de deter-se, acrescentou depressa: — Você conseguiu acordar Niels?

— Sim... Ele deve estar quase pronto para sair.

Nesse momento recommçaram as convulsões; o menino agitou os braços e os ombros, as pequenas mãos se crispavam, as pálpebras se descerravam mostrando as pupilas descomunalmente grandes e imóveis. Eram os sinais da aproximação duma nova crise. Emanuel não podia suportar aquêlo quadro. Vagou novamente pela sala escura, saindo na escada e, de lá vendo Niels e Soeren que ainda andavam às voltas com o carro, à luz duma lanterna, gritou com desesperada impaciência:

— Mas meu Deus do céu, vocês ainda estão aí? Quanto tempo vai demorar isso? Você tem de dizer ao doutor que venha imediatamente, Niels. A criança está com terríveis convulsões.

No decorrer das horas o estado do menino piorou. Mesmo após repetidas imersões em água quente os acessos tornavam-se mais violentos e mais prolongados. Seu rosto foi aos poucos ficando quase prêto; apesar de todos os cuidados êle mordera a língua durante um dos acessos e o sangue corria dos cantos da boca. Emanuel tinha de empregar tôda a sua energia para não cair prostrado ante o enigma que o estado do menino era para êle. Não perdia a esperança de que logo tudo pasasse, desaparecesse tão súbitamente como viera. Tentou consolar a si mesmo e a Hansine, afirmando que algumas crianças tinham uma particular tendência para convulsões, mesmo com simples resfriados. Ficou todo o tempo ao lado da esposa para auxiliá-la nos cuidados com a criança. Mas à medida que as horas iam passando sem que se manifestasse o menor sinal de alívio, não acreditava mais nas próprias palavras de consôlo, depositando tôdas as suas esperanças na ajuda do médico. Pôs-se de pé na escada e escutou, com respiração contida; mas não lhe chegou aos ouvidos o menor ruído... Circundou a casa e, tateando na escuridão, através do grande jardim coberto de vegetação daninha, chegou a uma pequena elevação do terreno de onde, de dia, se podia ver o caminho de Kyndloese até à charneca ao ocidente. Com o coração batendo, procurava devassar as trevas na esperança de divisar a luz duma lanterna que se aproximasse... Mas a terra e o céu se fundiam ante seus olhos, sem que aparecesse um único ponto luminoso...

Ali, em meio à escuridão negra como o túmulo, aquela terra impiedosa, que apagara tôdas as estrêlas e absorvera todos os caminhos pelos quais a ajuda poderia vir para seu filho sofredor, era-lhe, de repente, como se pudesse ver até às profun-

dezas do espaço infindo, até aos mais longínquos limites, só encontrando a medonha escuridão, o frio e o vácuo. Como um homem aturdido diante dum abismo que se abre a seus pés, cobriu o rosto com as mãos e exclamou a meia voz, em selvagem desespero:

— Deus... Meu Deus! Onde estás?

Só pela manhã veio o médico. O atraso fôra motivado por um acidente: Niels e Soeren já na ida tinham encalhado com o carro numa vala tão profunda que havia sido necessário chamar gente das redondezas para ajudar a tirá-lo.

Mas o médico pôs os olhos no menino, deu-lhe sem mais demora um pó de almíscar, que o fêz sossegar quase imediatamente. Os membros rijos foram-se aos poucos relaxando, as pálpebras fecharam-se pesadamente e o sono começou. Emanuel, Hansine e o médico ficaram durante vários minutos mudos em torno da pequena cama, observando como voltava lentamente ao rosto contraído da criança a habitual expressão resignada. O lampião na mesa estava quase se apagando e com sua luz mortíça uma singular atmosfera de câmara mortuária foi invadindo o quarto. A chama frouxa, em vias de se extinguir, espalhava um brilho lívido sobre a cama, sobre os lençóis brancos e sobre os três rostos em torno dela. Lá fora começavam a se manifestar sinais do dia que se aproximava, e a pálida claridade fazia aparecer nas cortinas cinzentas as silhuêtas das esquadrilas e travessas das janelas como duas grandes cruzes negras.

Emanuel, que por último estivera fora de si à vista dos sofrimentos da criança, estava sentado com a mão de Hansine na sua, em busca de conforto e ânimo para fazer ao médico a pergunta que não lhe queria passar pelos lábios. Finalmente encheu-se de coragem e perguntou o que o doutor achava do estado de seu filho.

O doutor Hassing atirou de soslaio um olhar ao casal. Parecia estar em dúvida até onde podia atrever-se a lhes dizer a verdade.

— É... não o posso negar... — disse lentamente. — Seu filho está mesmo muito mal. Não lhes devo ocultar que...

— Mas o menino tem uma natureza extraordinariamente robusta — interrompeu-o Emanuel, para deter uma afirmativa desesperadora. — A não ser essas dores de ouvido, êle nunca teve nada, nem deu o menor motivo para cuidados. Além disso, tan-

to minha esposa como eu somos sãos e fortes... Qualquer herança doentia não pode, pois, entrar em consideração.

Atrás das lunetas douradas do médico surgiu um curto lampejo agudo. Parecia que êle, apesar de toda a compaixão, só a custo refreava sua indignação.

— Sim, sim — disse êle, abaixando os olhos ante o olhar fixo com que Emanuel parecia querer obrigá-lo a acreditar na força vital do filho. — De uma natureza forte tudo se pode esperar, naturalmente!

Como o doutor tinha previsto, nos dias que se seguiram, não se verificou qualquer alteração especial no estado do menino. A maior parte do tempo êle estava quieto, numa profunda letargia motivada pelo almíscar, sem se alimentar ou se mostrar susceptível às menores impressões externas. Só quando mexiam na atadura do ouvido doente, parecia pairar nos seus lábios sem sangue uma leve sombra do pequeno sorriso dissimulado com que costumava afirmar estar-se sentindo bem. A não ser isso, o rosto perdera toda e qualquer expressão, e atrás das pálpebras semicerradas os olhos pálidos pareciam já ter-se apagado.

Hansine tratava-o dia e noite com sua habitual serenidade e autodisciplina. Ela, que desde o primeiro movimento convulsivo da criança estivera prevenida quanto ao perigo que a ameaçava, acomodara-se completamente à idéia de perder o filho. Emanuel, porém, conservou a esperança até o fim. Mesmo quando o médico, numa nova visita, o preparou, com palavras cuidadosas, para o desenlace próximo, não perdeu a fé na capacidade de resistência do menino e no poder das próprias orações.

A cada lampejo de vida, que retornava ao rosto da criança, êle via um sinal de que os céus tinham ouvido suas preces. Somente quando se manifestaram indícios certos da morte, suas esperanças se desvaneceram. Prostrou-se, então, em angustiada renúncia. Horas e horas seguidas deixava-se ficar ao lado da cama, soluçava, a ponto de Hansine inquietar-se quanto à sua sanidade mental.

Todo o trabalho, na quinta e nos estábulos, foi reduzido ao mínimo. Qualquer ruído, vindo de fora, parecia aumentar-lhe o sofrimento. Exigia que todas as portas e portões ficassem fechados; nem os amigos mais íntimos, que vinham saber do estado do menino, eram admitidos ao interior da casa. Emanuel já não suportava mais a presença de estranhos.

Quando se aproximou o momento fatal, e sentiu o frio sepulcral envolver o corpo da criança, o horror pelo seu desaparecimento irremediável despertou-o mais uma vez para a última e desesperada luta pela salvação do filho. Tomou o menino nos braços e o apertou ao peito, como a protegê-lo contra o abraço da morte. Hansine implorava-lhe que se acalmasse e pusesse a criança novamente na cama, mas Emanuel não a ouvia. E enquanto as lágrimas lhe corriam pelas faces, andou de um lado para outro no quarto, com a criança estreitada ao colo, ora tentando fazê-la dormir, ora rezando e cantando, como se quisesse obter, pela dor e pelo desespero, a compaixão de Deus. Até que, por fim, sentiu o pequeno corpo enrijecer em seus braços e a cabeça cair contra seu peito com um longo suspiro, que anunciava ter-se desvanecido a derradeira esperança...

Então, curvou-se humildemente à vontade do Todo-Poderoso. Suas lágrimas pararam. Depositou, mudo, o pequeno cadáver na cama, pôs-lhe a mão trêmula na fronte e disse:

— O Senhor deu, o Senhor tirou, louvado seja o nome do Senhor!

8

Uma semana mais tarde devia realizar-se o sepultamento, acompanhado pelo habitual badalar de sinos durante muitas horas, e precedido do lauto almoço no qual tomaria parte todo o cortejo fúnebre. Triste e abatido como estava, Emanuel teria preferido que tudo se fizesse no maior silêncio. Mas ele mesmo fôra sempre o primeiro a defender com ardor a conservação dos tradicionais costumes camponeses; ser-lhe-ia, pois, muito difícil desrespeitá-los agora. Além disso, já causara desagrado na paróquia o fato de ter tão decididamente evitado os amigos que queriam partilhar de seus sofrimentos, nos últimos dias de vida do menino.

No presbitério reinou durante dias seguidos intensa azáfama; fêz-se grande limpeza na casa, e na cozinha não se tinham mãos a medir. Tudo fazia imaginar preparativos para um ca-

samento ou batizado. Emanuel estava, de certo modo, grato a Hansine por se manter calma, dirigindo tudo e tomando, abnegadamente, tôdas as responsabilidades sôbre os ombros. Mas ao mesmo tempo não deixava de admirar-se em ver como podia ela, em sua tristeza, pensar nessas coisas de todos os dias. Sentia-se quase magoado por não ter ela derramado uma lágrima sequer quando o cadáver foi lavado e envôlto nos lençóis mortuários. Ele mesmo ficava a maior parte do tempo no jardim, andando de um lado para outro, nas aléias mais afastadas, onde o cheiro dos assados da cozinha e a conversa das mulheres ajudantes que faziam a limpeza não o podiam alcançar. Frequentemente, ficava horas inteiras sentado num banco, com a cabeça entre as mãos, acabrunhado, acusando-se a si mesmo. Em seu desespero via na doença do menino uma prova à qual Deus quisera submetê-lo e na sua morte um castigo por lhe ter faltado a fé, numa hora angustiosa, e por ter, em sua fraqueza, procurado a ajuda dos homens, contrariando, assim, a vontade inexorável da providência. Cada vez que lhe vinha à lembrança a noite em que, da elevação de terreno, devassara com os olhos a escuridão para ver se descobria a luz do carro do médico e chegando, mesmo em seu desolado desespero, a negar o poder divino, ocultava envergonhado o rosto perante Deus. Arrependido, confiara sua mágoa a Hansine; ela porém não o compreendera, nem parecia compartilhar de sua angústia; sentia-se, assim, mais só e abandonado em sua tristeza. Ela escutara, muda, sua confissão; dissera, apenas, que Deus, por certo, não interpretaria mal os seus cuidados com o filho, e continuara com seus trabalhos, na cozinha.

No dia do entêrro as bandeiras estavam hasteadas a meio pau em tôda a paróquia. Em Vejlbj a rua estava coberta de ramos de cipreste. Até as crianças tinham vindo com roupas festivas e, como se fôra uma festa popular, corriam pela rua com grandes doces nas mãos. No presbitério não havia lugar para tôda a gente enlutada que, à hora do almoço, acorrera de tôda a região. O caixão, em cima de dois banquinhos prêtos, no quarto de Emanuel, desapareceu coberto por coroas de flôres de pano, cruces de pérolas e papelões prensados de ouro e prata, com inscrições impressas. Em tôrno, formou-se uma aglomeração cada vez mais compacta de devotos, principalmente mulheres, que, com mãos postas, admiravam aquela extraordinária profusão de flôres. Na sala grande estavam preparadas as longas mesas, e na entrada Emanuel e Hansine recebiam o apêrto de mão dos hós-

pedes. A avó Else presidia o almoço, enquanto Abelone e algumas mulheres da aldeia serviam. Através de vozes abafadas, em conversa, ouvia-se Else convidando insistentemente os hóspedes a se sentarem à mesa:

— Façam o favor, amigos, tomem lugar! Por favor, estejam à vontade!

Reinava geral depressão. Mas essa melancolia era motivada menos pela morte do filho de Emanuel do que pelos boatos, cada vez mais alarmantes, que chegavam dos círculos parlamentares da capital. Sabia-se que no dia anterior houvera a decisão final da longa campanha, mas as notícias a êsse respeito ainda não haviam chegado até ali. No jardim, o Presidente do Conselho, com as mãos nas costas, estava rodeado por um grupo de homens que queriam saber sua opinião sobre a situação. Suas feições estavam pálidas e sua voz, em geral tão retumbante, abafada. Às muitas perguntas preocupadas que continuamente lhe eram dirigidas, respondia sistematicamente, numa tentativa de aparentar uma calma encorajadora:

— Vamos dar tempo ao tempo, meus amigos! Eu não posso acreditar seriamente que irão se arriscar a pôr a fôrça no lugar do direito... *Vox populi, vox Dei*, diz um velho provérbio latino, o que quer dizer que ninguém oferece impunemente resistência à vontade soberana do povo. Estejam certos disso!

Por toda parte ouvia-se perguntar pelo tecelão Hansen. Sabiam que êle tinha ido à cidade, pela manhã, para receber os telegramas de Copenhague, e haviam calculado que poderia estar de regresso por volta do meio-dia. Mas ninguém ainda o vira. Os sinos da igreja começaram a badalar, todos subiram nos carros, e nada de o tecelão aparecer.

Era um dia claro, com muito sol, céu azul e brilhante; os campos verdejavam e, em plena festa primaveril, o longo cortejo fúnebre que se movia em direção sul, passo a passo ao longo do ondulante caminho da paróquia, causava uma impressão duplamente triste. Por desejo de Emanuel o menino iria descansar na sepultura de família do avô, lá fora do promontório, no campo santo de Skibberup. Ficara-lhe, de tempos passados, uma predileção por aquêle lugar êrmo e solitário, com sua solene quietude interrompida, apenas, pelos gritos selvagens das gaivotas que sobrevoavam a praia.

Após uma hora de caminho, o cortejo chegou à igreja. O caixão foi tirado do carro por seis jovens camponeses, três de

Vejlby, três de Skibberup, e levado ao cemitério. À frente ia um grupo de mocinhas, espalhando galhos de ciprestes e musgos, e atrás, a entoar um salmo, os demais acompanhantes.

Como fogo em campo sêco, correu naquele momento a notícia da volta do tecelão Hansen. Perguntas e respostas sussurradas passaram de boca em boca, e mesmo antes de o caixão ter sido baixado à cova, todos sabiam que "o impossível" tinha acontecido: fôra dado o golpe de estado com a conseqüente dissolução do Parlamento, passando o Govêrno, arbitrariamente, a legislar e a cobrar os impostos.

Não se prestou muita atenção ao pequeno discurso com que Emanuel, lutando contra o pranto, se despediu do filho e lhe agradeceu pelos seis anos durante os quais tinham "juntos vivido em feliz camaradagem". Mal os três punhados de terra foram jogados sôbre o caixão e a "oração silenciosa" terminou, o cortejo se dispersou; todos alardeavam, em altas vozes, sua indignação. Fora do cemitério, o povo aglomerava-se em pequenos grupos e, em confusão, buscavam êstes o presidente do Conselho. Soube-se, porém, que êle, enquanto ainda se jogava terra à cova, havia tomado o carro, retornando à sua casa. Também o tecelão se tinha afastado, segundo alguns, em companhia de Maren Smeds. De todos os "homens de confiança", só se encontrou o pequeno camponês obeso de Vejlbj, o das faces rosadas e juvenis. Mas êsse homem só fôra eleito para o conselho político da paróquia em virtude de seus dotes como emérito fabricante de laticínios; e tão aturdido ficou, ao ver-se de repente rodeado por um bando de moços e atacado com perguntas que não sabia nem podia responder, que, a pretexto de ter que atender a um hábito incoercível, da igreja rumou apressadamente para os fundos, desaparecendo em seguida, sem ser visto.

Hansen, de fato, tinha-se retirado em companhia de Maren Smeds. A mulherzinha indigente e feia, surgindo em tôda espécie de reuniões e provocando por tôda parte discórdia e barulho, fôra, aos poucos, se convencendo de que era profetisa, tentando melhorar o mundo, e fiel, também, à moeda mais recente da época, travestia-se de santa. Em seu cochicholo, no campo deserto, celebrava, juntamente com outros três ou quatro desgostosos da vida, "reuniões sagradas", nas quais faziam preces, liam trechos da Bíblia, uivavam seus salmos e, em nome de Jesus, caluniavam todos os que não queriam ver em Maren Smeds uma nova luz do Cristianismo.

Causara surpresa e preocupação o fato de ter Hansen, nos últimos tempos, tomado abertamente Maren Smeds sob sua proteção. Os que tinham visto os dois saírem juntos da igreja julgavam, no entanto, haver notado, no rosto do tecelão, um sorriso triunfal, que no momento lhes parecia fora de propósito e certamente nada significava de bom.

Pairava inquietação no ar. Que traria o futuro?

1

Numa tarde, em meados de julho, Emanuel e Hansine voltavam da igreja de Skibberup pelo caminho do fiorde. Tinham ido depositar uma nova coroa na sepultura do filho. Andavam em silêncio, cada um na sua trilha, Emanuel de paletó de baetilha cinzenta, de abas longas, Hansine de coifa de igreja e um xale preto que segurava na frente com suas mãos escuras, um pouco ossudas. Era um dia quente de sol. No alto céu não havia uma só nuvem, e no terreno acumulava-se espessa camada de poeira branca, que aos passos de ambos se erguia em pequenos redemoinhos.

Quando alcançaram o alto da colina, Emanuel parou diante de uma cabana solitária que projetava sombra na estrada. Segurando o chapéu e o cajado nas costas, ficou longo tempo imóvel, contemplando absorto a paisagem estival. Por todos os lados via searas maduras ou no ponto de amadurecer. Estendia-se por toda a região interminável mar de trigais, sobre cujas ondas verdes e amarelas bailavam os raios do sol.

— Não é uma vista maravilhosa? — disse êle finalmente, com voz serena, quase como se, ao falar, temesse quebrar o encanto. — É como se pudéssemos sentir a força da terra através do espaço! Escuta as cotovias, ali, no campo de centeio de Niels Jensen! Curioso, mas sempre me vêm sentimentos incomuns quando a colheita se aproxima. É tão comovente ver-se amadurecer dessa maneira o fruto de um longo ano repleto de lutas e canseiras. É, como se pode dizer, assim... De uma hora para outra! Ante nossos olhos! E mais extraordinário ainda é pensar-se na força prodigiosa e indomável da natureza que aqui se revela! Quer o inverno tenha sido rude ou brando, o verão sêco ou chuvoso, ano por ano os cereais amadurecem na mesma época! Sim, qua-

se exatamente no mesmo dia! E cada espécie de cereal tem seu próprio dia de maturação! Você se lembra, Hansine, como na primavera todos nos queixávamos do frio das noites, por temermos que matasse os grelos ao germinarem? E mais tarde, quando lamentávamos a falta de chuvas, e depois as chuvas em excesso? E agora, aí estão as searas em todo o seu esplendor, zombando de toda a nossa sabedoria e de todas as nossas preocupações...

Calou-se durante um instante e continuou:

— Tudo isso encerra, de fato, uma sábia lição para os homens!

E após mais algum tempo de silêncio:

— Acho que vou aproveitar o tema para o meu sermão de domingo. Esse aspecto da sábia lei da natureza revela uma eterna verdade que nós, sobretudo na época atual, faríamos bem em seguir.

Continuou sua jornada, parando, daí por diante, em frente a cada campo cultivado, com exclamações de admiração à vista das fartas messes. Tornara a pôr o chapéu de palha de abas largas e o apertara na testa para proteger os olhos que, ultimamente, não suportavam bem a luz do sol.

Do outro lado do caminho, Hansine o seguia pacientemente, apesar de suas constantes paradas, e ouvia, com expressão atenta, pouco perscrutadora aliás, e sempre calada, até que Emanuel, mudando de tom, começou, em considerações melancólicas, a comparar seus próprios campos, um tanto pobres, com a exuberância dos que ele tinha diante de si.

— Sua mãe é que tem razão — disse êle. Nós temos que trabalhar com afinco daqui para a frente!

— Mas a situação não está tão ruim assim — disse Hansine num tom encorajador o qual, no entanto, tinha algo de estranho e não parecia ser inteiramente espontâneo. — Pode-se dizer que nosso centeio está quase bom; depois, você teve tantas outras coisas em que pensar, nos últimos anos, Emanuel... A política e tudo o mais tomaram o seu tempo. Creio que todos nós teremos um pouco mais de sossego de agora em diante. O que não nos fará mal algum, aliás...

Como tantas vêzes, êle só ouviu a metade do que ela dizia e continuou:

— Talvez fôsse bom experimentar uma alteração nos trabalhos para o próximo ano...

Interrompeu-se e pôs-se novamente a andar, mudo, mergulhado em cismas, olhando para o chão.

Após haverem caminhado entre dois muros de colmos de centeio da altura de um homem, sobre os quais borboletas multicores dançavam ao sol como amôres-perfeitos vivos, alcançaram o pé da colina de onde um atalho conduzia através do prado para Skibberup. Hansine parou e disse:

— Eu quero dar um pulo à casa dos velhos para os ver. Você não vem também? Acho que eles nos esperam.

— Não, agora não... Tenho coisas a resolver... Mas dê lembranças aos velhos, e diga-lhes que os visitarei no decorrer da semana, com toda certeza. E sim, escute! — gritou êle, quando havia andado um trecho pelo caminho de Vejlbj. — Se você se lembrar, diga ao seu pai que não me esqueci do centeio para semente, que êle me emprestou na primavera. Êle o receberá assim que tivermos colhido o primeiro eito.

Hansine encontrou o pai sozinho em casa. Sem paletó, camisa de lã branca e preta e um gorro de lã enfiado na juba rebelde, o velho cochilava na poltrona, rodeado por grande enxame de môscas as quais, à entrada da filha, se dispersaram pela casa, zumbindo.

— É você, Hansine? — fêz êle, erguendo as sobrancelhas brancas sobre os olhos cegos. — Quê? Você vem só? Onde está Emanuel?

— Trago lembranças dêle para vocês. Êle vai passar aqui no correr da semana.

— Ah!, bem! Mamãe já vem. Ela só deu um pulo aqui ao lado, na casa de Soeren, para apanhar o jornal. Hoje deve sair publicado um grande discurso de Baerre. Emanuel não lhe falou sobre isso?

— Não. Não creio que tivesse lido jornal hoje.

— Baerre os esculhamba direitinho... Mas é isso mesmo. Ainda é pouco... Êsses ladrões... Ladrões, é o que são... Bandidos, súcia de salafrários, não são outra coisa! Mas o que foi que eu disse daquela vez? Você se lembra, Hansine? — Será o cavalo de pau que vamos ter outra vez? — Será que nós, camponeses, iremos ser, novamente, a alimária dos grandes senhores?...

Ergueu-se com dificuldade e, com o auxílio de um cajado, se moveu pela sala, arrastando suas grandes chinelas. Hansine tirou o xale, sentou-se junto à janela e, enquanto o velho, amargurado, continuou a falar, ela ficou muda, contemplando

o pequeno jardim imerso em sombras, onde as manchas ovais da luz solar se arrastavam sobre a grama e os caminhos, e as galinhas ciscavam sob os arbustos de groselha, exatamente como naqueles tempos em que ela, mocinha, ainda junto à mesma janela e nas horas solitárias se entregava a sonhos dourados, e fazia castelos no ar e imaginava um futuro risonho.

Seu pensamento fugia para a quadra feliz do seu noivado e do primeiro ano de casamento, quando Emanuel e ela viviam um para o outro, e em que cada dia de sua vida comum era uma nova revelação e uma rica e desconhecida ventura para ela. Pensava nas noites tranqüilas do primeiro inverno, quando juntos, em frente ao lampião, Emanuel lia em voz alta para ela ou falava das solitárias lutas íntimas de sua juventude. Logo após a morte do filho, julgou perceber que também êle sentia saudades da paz e da felicidade daqueles primeiros tempos. Porém, agora, cada dia mais claramente, que os pensamentos de Emanuel começavam a buscar seus próprios rumos. Para onde vagavam, ela não sabia; era como se nos últimos tempos não reinasse mais entre ambos aquela confiança íntima. Sentindo sua impotência ante a melancolia em que êle mergulhava cada vez mais, inquietava-se a idéia de que êle lhe ocultava qualquer coisa, meditava sobre algo que começava a lhe faltar, sobre uma perda que êle não tinha ânimo de confessar, e da qual talvez nem tivesse plena consciência: a saudade da vida e da gente que êle, em parte por causa dela, tinha abandonado e que aos poucos começava a torturá-lo.

Na porta entreaberta da cozinha apareceu a cabeça de Else.

— Ah!, é você, Hansine? Estávamos mesmo esperando vocês. Onde está Emanuel?

— Êle não teve tempo de vir hoje, mas dará um pulo aqui no correr da semana. Mandou muitas lembranças.

O rosto de Else adquiriu uma expressão tensa ao desaparecer da porta. Após alguns instantes ela disse, da cozinha onde estava às voltas com as panelas:

— É incrível como Emanuel anda tão ocupado agora! Não sobra nunca mais um tempinho para visitar os velhos, me parece. Isso até dá o que pensar...

Hansine não respondeu. Sabia que ultimamente surgira uma pequena tensão entre sua mãe e Emanuel, o qual, segundo a opinião da velha, passara até a relaxar os trabalhos do pres-

bitério, deixando-lhe a direção aos colegas, que se sentiam demasiadamente entregues a si mesmos.

— Mas o jornal... O jornal, mamãe! — gritou Anders Joergen; que novamente se arrastara até sua poltrona.

— Já chego aí. Vou só aprontar o leite para os bezerros.

Pouco depois ela entrou, amarrando um avental em volta da vasta cintura.

— Agora vamos escutar! — exclamou o velho, radiante quando ouviu o estalar do papel. — Espero que ele não tenha tido papas na língua. Baerre é um homem! Ele diz o mesmo que eu, você se lembra? Será o cavalo de pau...

— Está bem, papai, mas sossegue agora — interrompeu-o Else; pondo no nariz os velhos óculos redondos de latão oxidado do marido, ela começou, com voz ligeiramente fanhosa, a leitura dum artigo de umas seis colunas, intitulado "O Discurso de nosso Chefe em Vemmeloev".

2

Nesse ínterim, Emanuel prosseguira em direção a Vejlbj. Não fôra, no entanto, diretamente para casa, procurando, numa volta em torno do presbitério, os grandes campos de fora, ao norte da cidade, onde outrora, em seu tempo de capelão, tantas vêzes se refugiava, e cuja quietude novamente o atraía. Na solidão do campo tentou coordenar seus tumultuosos pensamentos, agitados pelas graves ocorrências dos últimos dias. Andou durante horas inteiras de um lado para outro, pelo mesmo trecho do caminho, perdendo-se em divagações. Sobretudo não compreendia a extraordinária calma, a quase indiferença com que seus amigos do lugar e os correligionários de todo o país se tinham conformado com a degradação para uma condição de tutelados, vendo diariamente as leis mais sagradas do homem lançadas atrevidamente ao chão e pisoteadas. Até mesmo o grande carpinteiro Nielsen, de quem, mais do que de qualquer outro, ele esperara tremenda reação, receando mesmo que sua

revolta atingisse violência incontida ao ver ultrajados seus sentimentos de justiça e orgulho, continuava a sorrir como dantes, satisfeito consigo mesmo, e só falando em seguir no futuro táticas diferentes. Mesma coisa dizia o tecelão Hansen, que recentemente, tarde da noite, lhe fizera uma visita, lhe afirmara, com seus habituais modos misteriosos e rodeios, que o presidente do Conselho Distrital não mais estava à altura de sua posição preeminente e lhe insinuara, disfarçadamente, que também na vida particular do presidente talvez existissem condições que não eram adequadas a um homem de sua projeção, chefe político de um grande círculo esclarecido e respeitador das normas cristãs. Emanuel não entendera as insinuações, nem fizera questão de as ter mais minuciosamente explicadas. Estava firmemente decidido a não mais se imiscuir na política local, pela qual nunca sentira grande interesse, e de cuja futilidade obtivera agora uma confirmação e que viera muito a propósito. Afinal não se poderia de modo algum paralisar a evolução do reino de Deus. A sagrada soberania do povo no mundo floresceria e acabaria por se firmar, a despeito de todas as legislações e todas as ilegalidades, — exatamente como os grãos atirados à terra que, no dia da colheita, apresentam pródigoamente ao homem suas espigas douradas, apesar de todo o frio do inverno e toda a seca do verão.

Era só uma questão de tempo. A hora ainda não havia soado; os filhos de Deus ainda não estavam maduros para receber todo o amor paternal. Talvez ele mesmo não vivesse para presenciar o nascimento da grandiosa era da bem-aventurança. Mas isso não o deveria entristecer nem desesperar. A certeza de estar tomando parte na amenização do caminho a ser percorrido pela jornada triunfal da verdade e da justiça através da terra já era motivo para sentir-se feliz. Havia glória e alegria mesmo na anunciação da vinda do reino de paz.

Em sua própria vida houvera momentos em que julgava perceber que Deus tinha uma intenção determinada com ele. Desde os dias de sua infância, quando, sentado no colo da mãe, a ouvir falar sobre os antigos profetas judeus por cuja boca Deus falara, não se apagara de todo o sonho de vir a ser, um dia, um dos escolhidos. Também não lhe saía da mente a idéia de que Deus, com a doença e a morte de seu filho, tinha querido submeter sua fé a uma prova final... E ele, desgraçadamente, fraquejara de modo lamentável!

Caminhava mergulhado nessas meditações, quando viu, surpresa, um grupo de cinco ou seis pessoas em torno de uma toalha branca estendida na relva, a certa distância.

Uma moça de vestido branco meio comprido, com faixa azul na cintura estava na iminência de fazer um discurso. Numa das mãos segurava um copo de vinho, na outra um chapéu cinzento de homem que, em reverências solenes, punha e tirava da cabeça, enquanto o resto da companhia — duas damas e dois cavalheiros — aplaudia rindo e batendo palmas. Na relva, atrás das senhoras, estava jogado um guarda-sol aberto, com o cabo voltado para cima; ao lado dos cavalheiros, uma bengala enfiada no chão, tendo na ponta um chapéu azul-claro de senhora. Um pouco adiante na sombra de um salgueiro podado, jazia um pequeno trole com dois cavalos ruanos, e nêle se encostava um cocheiro de calças de veludo e polainas cinzentas.

Emanuel sentia-se sempre constrangido quando, por acaso, em seus campos encontrava estranhos vestidos à moda da Capital. Também dessa vez voltou a cabeça e fez como se não tivesse visto o grupo. Ouviu a moça dizer:

— Peço, pois, permissão ao respeitável público aqui reunido para beber à saúde de nosso muito estimado, muito gentil anfitrião...

Calou-se de repente, e as risadas em volta emudeceram.

Emanuel percebeu que fôra visto; pôs as mãos com o cajado nas costas e esforçou-se por não apressar nem moderar os passos.

A certa altura julgou ouvir que alguém o chamava pelo nome.

Não se voltou. Estava certo de ter-se enganado. Em todo caso, não tinha nada a ver com aquela gente.

Mas pouco depois ouviu chamar de nôvo, e desta vez distintamente. A voz lhe parecia particularmente conhecida.

— Sr. Pastor! Sr. Pastor Hansted!

Voltou-se de um golpe, em atitude meio desafiadora, e viu alguém que vinha em sua direção a saudá-lo jovialmente com acenos de mão. Emanuel, que recebia os raios do sol poente diretamente nos olhos, distinguia apenas os contornos da figura que se aproximava. Era um homem alto, um tanto gordo, com suíças, andar compassado e altivo porte. Só quando o estranho

chegou bem perto e, com amabilidade um pouco forçada, lhe estendeu a mão, êle reconheceu o Doutor Hassing.

— Eu só venho como mensageiro — continuou Hassing, o qual, após terem sido trocados os primeiros cumprimentos, mostrou, num sorriso, seus grandes dentes brancos. Estamos ali adiante num pequeno círculo familiar, e as damas queriam tanto ter o prazer de cumprimentá-lo... Quer dar-nos a honra de tomar conosco um copo de vinho, Sr. Pastor? O senhor vai encontrar velhos conhecidos.

Emanuel sentia a maior vontade de responder violentamente que não. Sobretudo não o atraía a perspectiva de encontrar velhos conhecidos naquela sociedade. Mas como não possuía motivo plausível para uma recusa, nem tampouco desejava magoar o médico que, por ocasião da enfermidade e da morte do menino, mostrara tanta compreensão para com êle e Hansine, não teve outra saída senão ir e cumprimentar o grupo.

As pessoas que rodeavam a toalha tinham observado com atenção o encontro entre os dois homens, e as damas, quando os viram aproximar-se, tomaram os seus guarda-sóis e se levantaram. Também o cavalheiro que ficara —, um môço em trajes estivais côr de melão — ergueu-se por fim, arrumou os punhos de um quarto de metro de comprimento e, apoiado em sua bengala espiral, pôs-se numa atitude desafiadora, atrás da môça, como que para oferecer-lhe, caso fôsse necessário, sua cavalleiresca proteção.

— Se me fizer rir, Alfred, você apanha! — cochichou ela para seu companheiro, quando o doutor e Emanuel não estavam a mais de dez passos de distância.

— Mas meu Deus do céu... Isso é um perfeito animal antediluviano. — Sussurrou o môço, alisando com a mão o bigodinho louro. — Você vai ver... uma voz divina do seminário!

— Fique quieto, por favor!

— Psiu!

Nesse momento os dois homens alcançaram o grupo.

Uma das damas, pequena e morena, vestida de sêda, formas e traços suaves, extremamente femininos, um tanto infantis talvez, ergueu-se e deu a mão a Emanuel.

— Minha espôsa — apresentou o doutor.

— Muito prazer em conhecê-lo! — disse ela, com voz tão doce que quase parecia afetação. — Já somos vizinhos há vários anos e sempre me admirei de nunca tê-lo encontrado. No campo, em geral, a gente se vê a cada instante.

Emanuel, grave e mudo, elevou o chapéu uma polegada acima da cabeça. O Doutor Hassing, com voz jovial, continuou a apresentação.

— Permita-me ainda apresentar-lhe, primeiro a mais nova de nosso pequeno círculo, a gentil prima de minha espôsa, Senhorita Gerda Zoff, cuja magnífica oração o senhor há pouco interrompeu. E aqui, o primo da citada prima, meu próprio e esperançoso sobrinho, Sr. Alfred Hassing, quase bacharel em ciências jurídicas. Se o Sr. Pastor é assinante de algum jornal esportivo, já viu certamente muitas vêzes nas colunas seu nome —, de projeção quase mundial!

Valha-nos Deus — pensou Emanuel compadecidamente à vista do môço com suas exageradas roupas côr de melão, sapatos bicudos e enormes botões de punho —, então é essa a última moda dos heróis!

— E finalmente temos aqui — continuou o doutor, voltando-se para uma môça alta modernamente vestida, que durante tôda a apresentação se tinha conservado atrás de Emanuel, como se até o último instante quisesse evitar fôsse notada — Bem... aqui acho que não preciso apresentar...

Emanuel voltou-se... e ficou como petrificado.

O doutor tinha razão, qualquer apresentação seria, de fato, supérflua. Sorridente, com sua sombrinha côr de papoula, através da qual se coavam raios de um sol prestes a atingir o horizonte, tão disciplinada e correta desde a expressão segura de seus magníficos olhos pardos-azulados até a orla plissada de seu vestido, e ao mesmo tempo tão provocadora, tão ousada no estilo perfeito de sua toalete de grandes flôres estampadas, a senhora elegante que ali estava era ainda a mesma dos anos passados; mudara tão pouco que Emanuel imediatamente reconheceu a Senhorita Ragnhild Toennesen.

— Naturalmente não pode compreender por que golpe de magia estou surgindo de repente por aqui! — disse ela sorrindo e estendendo-lhe, solícita, sua fina mão enluvada. — O senhor seria até capaz de ver em mim algo como uma espiã... Por isso é melhor eu explicar tudo de uma vez. Na primavera passada, tive o prazer de reatar relações com o Doutor Hassing e sua espôsa, e como êles foram muito gentis em me convidar, não pude resistir à tentação. Só estou aqui há dois dias e posso assegurar-lhe que não houve a menor indiscrição em meus pensamentos... Está satisfeito?

Seu tom zombeteiro e a evidente intenção de causar efeito, que havia em toda a sua atitude, imediatamente impressionaram mal a Emanuel que rapidamente refazendo-se da surpresa inicial respondeu:

— Não entendo de que espécie de espionagem eu lhe poderia suspeitar, Srta. Toennesen. Se teve desejo de rever seu antigo lugar de moradia é coisa tão natural, que dispensa qualquer explicação!

Suas palavras soaram rudes, mais bruscamente e em um tom de repulsa que não desejara. Quando notou o efeito desagradável que elas causaram, quis acrescentar algumas palavras mais amáveis. Vendo, porém, no mesmo instante, o jovem desportista tocar sua prima com o cotovêlo e lhe cochichar alguma coisa que fez a moça morder convulsivamente a pontinha do lenço para não rir alto, o sangue subiu-lhe à cabeça e ele calou-se.

— Então, não vamos sentar no tapête verde? — O doutor tomou de novo a palavra, num incansável esforço de passar para um tom mais ligeiro. — O senhor vai tomar um copo de vinho conosco, Sr. Pastor. Voltou-se para o cocheiro: — Oh Johan, traga mais um copo e...

— Obrigado, eu não bebo vinho. — Interrompeu-o Emanuel bruscamente.

— Bem, então...

Passaram-se alguns instantes em silêncio opressivo. Ninguém parecia saber para que lado olhar. O doutor, de cara fechada, puxava uma das suíças e lançava um olhar cômicamente perplexo para a Senhorita Toennesen, como querendo exprimir: "Foi uma bobagem que fizemos. — Mas eu bem o disse!" , Emanuel ficou imóvel, olhando para a frente, sem notar a indecisão dos outros. Sua raiva logo se voltara contra si mesmo. Por que tinha ido até ali? — pensava. Que queria dessa gente, com a qual não tinha um único sentimento ou modo de pensar comum? E cuja própria linguagem lhe era, agora, tão estranha que quase lhe soava como idioma estrangeiro?

Foi Ragnhild, com a presença de espírito que sempre a caracterizara, que encontrou uma saída para a desagradável situação.

— Ouçam — disse ela, adiantando-se um passo. — Eu acho que as palavras do pastor Hansted vieram muito a propósito... Todos nós decerto já tomamos bastante vinho. Proponho que

aproveitemos essa linda tarde para passear um pouco. Podemos mandar o carro na frente, ou mesmo até a casa, e convencermos o pastor Hansted a nos acompanhar num trecho do caminho. Isso o senhor fará, não é mesmo? Iremos em todo caso e a princípio na mesma direção, se é que bem me recordo!

Suas palavras logo receberam o apoio de todos. O doutor atirou novamente um olhar à Senhorita Ragnhild e desta vez de gratidão.

Também para Emanuel a proposta foi um alívio. Ele dizia a si mesmo que se acompanhasse o grupo até o ponto onde a estrada de Kyndloese atravessava o limite de sua paróquia, teria atendido às exigências da cortesia e poderia chegar suficientemente cedo a casa para dar ao gado a ração da noite, e ainda a tempo de jantar.

O cocheiro foi chamado, recebeu as ordens, e todos se puseram a caminho. O jovem desportista tomou o braço da tia — a Senhora Hassing — e saiu com ela na frente dos outros, para poder desabafar à vontade.

— Mas em nome dos céus, que ovelha de presépio é essa! É a isso que vocês chamam um homem interessante e original! Ele se parece, direitinho, com uma caricatura ambulante!

— Você é sempre tão impetuoso em suas expressões, Alfred, — respondeu a branda Senhora Hassing, censurando-o suavemente. — Pode ser que ele não seja muito talentoso e tenha lá as suas esquisitices. Isso não sei. Mas deve-se em todo caso reconhecer e admirar a maneira pela qual ele se sacrificou à sua convicção e se entregou ao cargo que lhe foi confiado. Isso você deve admitir...

— Parece-me que titia tem uma queda por ele, palavra de honra! Uma pequena paixãozinha, hein, titia? Você, ainda por cima, é capaz até de convidá-lo para jantar!

— Seremos obrigados a isso, já que ele nos acompanha. Mas não está dito de maneira alguma que ele aceite o convite. Aliás, quanto a mim, nada teria em contrário. Eu bem gostaria de ouvir o pastor Hansted falar a respeito de várias coisas.

— Então! É como eu digo, já está caidinha. Você tem mesmo um coração mole e conciliante, minha tia! Mas você se esquece por completo do tio Joachim?

— O tio Joachim! — repetiu a Sra. Hassing, com ar um pouco preocupado. — Você tem razão. Nem tinha pensado nele.

Não demorou que Ragnhild e Emanuel andassem juntos, um pouco distanciados dos demais. O doutor, que no início tinha acompanhado e conversado com Emanuel sobre as boas probabilidades da colheita e o tempo bonito que fazia, fôra chamado pela alegre mocinha que todo o tempo andou afastada do resto do grupo, a gritar insistentemente, ora para um, ora para outro, para que se aproximassem a fim de admirar as coisas maravilhosas que ela ia encontrando: uma joaninha multicolor que viera voando e lhe pousara na mão, ou um verdadeiro palácio de formigas construído sobre um dique de pedras. Sua figurinha vestida de branco, sob o guarda-sol de sêda azul-claro, que se abobadava sobre ela como um pequeno céu particular, ponteava pelo campo, nos lugares mais diferentes.

— O senhor é, afinal, bem esquisito, pastor Hansted! — exclamou Ragnhild, quando o doutor os havia deixado, e eles caminhavam ao lado um do outro. — Andei eu, durante sete anos, alegrando-me de antemão com a idéia de poder, um dia, surpreendê-lo cá fora... E me recebe como se não fizesse mais de três dias que nós nos vimos pela última vez. Francamente, o senhor me pôs mesmo em situação embaraçosa ainda há pouco. Eu naturalmente tinha preparado os outros para um emocionante espetáculo, qual seja o de nos vermos novamente. Bem! Admito que foi tolice minha — prosseguiu ela, vendo que Emanuel continuava calado. — Deveria estar lembrada dos tempos antigos; que o senhor em muitos pontos não é como outras pessoas; que ainda hoje não se pode contar com o senhor. Nisso não mudou, nem um pouquinho.

Emanuel não se apercebia do esforço que tinha ela de fazer para falar novamente no tom de camaradagem, que em outros tempos reinara entre ambos. Estava por demais perturbado pela sensação desagradável que lhe causava andar a seu lado e, após tantos anos, ouvir novamente essa voz ao mesmo tempo provocadora e insinuante, com seu singular timbre metálico.

E, sem se deixar influenciar pela sua linguagem franca, exclamou:

— Parece que tivemos a mesma impressão um do outro, Srta. Toennesen. Ainda há pouco, quando a vi e agora, ouvindo-a falar, chego a pensar que também a senhorita provavelmente ainda é a mesma de sete ou oito anos atrás.

— Lá isso sou — respondeu ela dando de ombros. — Afinal por que deveria ter mudado? Sou Ragnhild Toennesen agora, como era naquele tempo. E o romance de minha vida nos anos que passaram caberia perfeitamente nas costas dum cartão de visitas. Assim é a vida para nós, mulheres solteiras... Mas com o senhor dá-se coisa diferente. Não sou tão alheia às suas aventuras, como o senhor talvez possa imaginar. Tive há um ano o prazer de travar conhecimento com sua irmã, a senhora Cônsul-Geral Torm, com seu irmão, o *Kammerjunker*. Sua irmã e eu, desde então, nos tornamos boas amigas. Ela é encantadora, não é mesmo? Como poderá imaginar, também falamos às vezes no senhor. Aliás, ela se queixa de que quase nunca recebe notícias suas...

Emanuel ficou atento. Será que, não obstante as afirmativas de Ragnhild, se ocultaria um pouco de espionagem atrás dessa visita? pensou êle.

— Assim, já ouvi, antes de chegar aqui, que o senhor se tornou um homem influente, realizando grande transformação em toda região, desde a partida de Papai e sei o quanto é idolatrado pelos seus paroquianos. Para êles, segundo me contaram, o senhor é simplesmente um apóstolo.

Emanuel teve um pequeno sobressalto. Sentiu bem o motejo oculto em suas palavras. Após breve momento de silêncio, disse:

— Tem razão. De fato, só tenho motivos para me sentir muito grato. Mas... E a senhorita? Não teve também seus sonhos realizados? Sentia-se tão feliz em deixar esta região, que tanto detestava e ir para a Capital, para o centro da cultura dinamarquesa, para a sociedade, suas modas e seus teatros. A senhorita teve até nosso Tivoli, de fama universal, como vizinho...

— Sim... — interrompeu-o ela, com movimento de cabeça levemente impaciente. — Comigo, conforme já disse, o caso é diferente. Aliás, não me queixo, e por isso não consigo compreender bem aonde quer o senhor chegar. Sinto-me, em tais circunstâncias, até muito bem. Devo lembrar que com os anos me tornei filósofa, estóica, creio ao que se diz. Isso significa que aos poucos me acostumei a ser o motivo de escândalo de nossa querida época atual... Sinto-me até um pouco orgulhosa por per-

tencer aos que anunciam a próxima queda da grande Babilônia...

Emanuel queria dizer alguma coisa. Mas seus pensamentos se tinham desacostumado a mover aos saltos, e antes mesmo, de ter elaborado, mentalmente, uma frase, Ragnhild tomou novamente a palavra.

— Mas não falemos de mim. É um assunto horrivelmente desinteressante, posso garantir-lhe. O senhor é que me deve contar alguma coisa a seu respeito. De fato, estêve durante oito longos anos aqui, sem nunca sentir a falta dos bens da Civilização, hoje em dia tão mal afamados, de um pouco de boa música, por exemplo... Não se lembra, nem ao menos, do meu pequeno estudo da "Cotovia" de Schubert, do qual o senhor naquele tempo gostava tanto?

Enquanto falava, ela o fitava por sôbre o cabo branco, de marfim, de sua sombrinha, e novamente pôs no olhar e no sorriso toda e sua amabilidade. Emanuel manteve sua reserva e respondeu gravemente:

— Não compreendo como poderia sentir falta daquilo que possuo em profusão. Se quisesse dar-se ao incômodo de apurar os ouvidos, Srta. Toennesen, perceberia neste momento justamente as cotovias entoando, acima de nossas cabeças, um canto tão delicioso, que o maior virtuoso do mundo em qualquer estudo não seria capaz de imitá-lo. Apenas preciso sair à porta para ver diante de mim um quadro que zomba de toda a arte humana, e durante todo o verão tenho, de manhã à noite, uma orquestra tocando perto de minhas janelas: os estorninhos nas copas das árvores, os melros nos arbustos, os melharucos...

— Sim, e as gralhas! Não as esqueça! E os galos! Ah!, meu Deus, os galos! — exclamou ela, e pôs, em cômico desespero, as mãos nos ouvidos. — Justamente agora há uma praga dessas que todas as manhãs, quando estou em meu melhor sono, se põe perto de minha janela e uiva e cacareja e grita... Oh!, isso é como estar deitado numa grelha em brasas!

Dessa vez Emanuel não pôde deixar de esboçar um sorriso. Parou um instante e disse, sacudindo a cabeça, pela primeira vez olhando em cheio para a moça:

— Realmente! Não se modificou, Srta. Toennesen. Mesmo contra o nosso maravilhoso anunciador da manhã conservou seu rancor...

— Sim, confesso que nesse sentido continuo a ser a mesma hereje de antes. Por mim, podem ficar com o canto das aves e

o verdor das matas e a chamada frescura da praia — com o horrível cheiro de algas! — e os campos marchetados de flores, e tudo o mais, se me é permitido viver entre quatro paredes, onde posso cercar-me das coisas que me agradem, feitas para o meu gosto e meu temperamento particular. Falta-me, em todos os sentidos, o gosto pelo que é "natural". Para mim, uma sala artisticamente mobiliada, caracterizada pelas tendências próprias de alguém, é cem vezes mais atraente, para não dizer mais interessante do que a mais encantadora paisagem. E é muito mais estimuladora da imaginação, do ânimo... O senhor decerto me julga terrível, não?

Emanuel quis responder, mas ainda dessa vez ela lhe tomou a dianteira.

— Poderia, certamente, alarmá-lo ainda muito mais, se quisesse. E por que não o deveria fazer? Quero, pois, dizer que, na minha opinião, tudo isso de beleza e de magnificência da natureza e assim tudo diante, não é senão uma fábula na qual poetas baldos de imaginação nos levaram a acreditar, e a respeito da qual a maioria das pessoas é tremendamente hipócrita. Quanto a mim, não posso sair das ruas de Copenhague e deparar com os campos pelados, os caminhos monótonos e a incrível massa de céu muito vazio, sem pensar no frio compartimento de calandrar roupa onde, em criança, me davam banho. Por mais que o sol brilhe, e por mais verdes que sejam os campos, tudo me parece tão estéril, tão vazio e triste, que me faz ter calafrios. E quando então penso no inverno que dura uma eternidade, nas tardes e noites escuríssimas, nas tempestades, nas chuvas e os caminhos sem fundo — e dessas coisas posso falar de cadeira! — tudo isso me parece tão desumano, tão degradante e vil... Admito que também as cidades possam ser abjectas, podem estar empoeiradas e sujas e enegrecidas de fumaça, carvão e muitas coisas mais. Porém não se está assim mesmo a tal ponto em poder da soberania brutal das abomináveis forças elementares. Não se é assim mesmo um completo escravo, dependendo dos caprichos do Sr. Sol ou da Sra. Lua, de sua vontade de brilhar ou não. Nas cidades ao menos se tem uma vaga idéia do que é ser gente, ser o amo e senhor da criação, como o quer, afinal de contas a evolução.

Chegaram justamente ao topo de uma colina de onde se descortinavam um dos extensos panoramas de que a região era tão rica. Já desde muito tinham passado além do limite da paróquia e, ao pé de onde se achavam, estendia-se a paisagem pla-

na, risonha e variada das paróquias de Kyndloese-Vesterby. Um ribeirão abria caminho por entre campos verdejantes e pequenas florestas. Ao ocidente, via-se a própria cidade de Kyndloese com sua alta igreja construída de seixos rolados e cujo cata-vento dourado brilhava contra o fundo do céu crepuscular, como estrêla recém-surgida. Bem mais longe, para o norte e noroeste divisavam-se, como um banco de nuvens azuladas, as grandes faixas de mata da paróquia de Vesterby, atrás das quais o sol acabara de desaparecer, transformando todo o céu num mar de chamas.

— E isso a senhora tem coragem de dizer justamente aqui! — assim falou Emanuel quase dolorosamente, indicando com um largo gesto a ardente paisagem do pôr do sol, no momento em que as névoas da noite começaram a apontar por sobre os prados, distenderem-se como enormes teias de aranha pelas veias sanguíneas do ribeirão. — A senhora realmente não encontra o menor atrativo num panorama assim? Esse quadro, de fato, não lhe desperta outro pensamento ou outro sentimento que não a desagradável lembrança do porão de lavar roupa, de sua infância?

Ragnhild ficou contemplando a paisagem durante algum tempo, e disse depois com um ligeiro sorriso arrogante, como sempre quando queria provocar alguém:

— Em todo caso, não posso compreender porque se faz tanto alarde disso como se fôsse coisa tão fascinante que se seja obrigada, do berço até o túmulo, a cair em êxtases diante de cada paisagem que se via. A mim mesma, aliás, não agrada nem um pouquinho. A própria combinação de cores incomoda-me os olhos. Esse céu azul, esse horizonte de um vermelho ber-rante, todos êsses cereais muito amarelos, e aquêlê campo verde como espinafre, lá embaixo... Azul, vermelho, verde e amarelo! São essas, justamente, as cores que se usam nos chamados lenços dos hotentotes... O senhor sabe, êsses lenços coloridos que os inglêses enviam para a África, a fim de presentear os selvagens, e que deixam nossos irmãos prêtos num verdadeiro delírio! Não acredita mesmo, pastor Hansted, que a finalidade única de fenômenos naturais, como o pôr do sol, é servir de divertimento para criaturas semi-humanas, tanto pretas como brancas, ou talvez também para os animais? Um céu assim em chamas corresponde certamente às idéias que tais seres fazem de esplendor... Ele, de fato, desperta seus sentimentos de doçura; os rouxinóis começam a cantar, os sapos a coaxar. . .

— Provavelmente tem toda a razão, Srta. Toennesen! — interrompeu-a Emanuel, com uma rápida e irônica reverência. Achou que não valia mesmo a pena tomá-la a sério por mais tempo. — Só é lamentável Deus não tivesse oportunidade de consultar-se com a senhorita quando criou este mundo imperfeito que só serve para cabilas e hotentotes. Lembro-me, porém, de uma coisa: Quando a encontrei agora há pouco, a senhorita se tinha rebaixado a ponto de sentar-se num gramado simplesmente infame... E, segundo tudo indicava, tanto a senhorita como as demais damas e os cavalheiros se achavam até num estado de ânimo bem alegre. Parece, pois, que o contato com a Natureza pode assim mesmo exercer efeito bem vivificante.

— Que fazer? — respondeu ela, dando de ombros, enquanto se punham novamente a caminho. — Provavelmente é por sempre ficar um pouco de animal dentro de nós que às vezes sentimos ímpetos de tomar sol num campo, ou de pular pelo mato. Mas o que prova isso? Por exemplo, sei também que gente apaixonada adora passear ao luar. Para mim, que não estou apaixonada, uma noite de luar é a coisa mais detestável que se possa imaginar. Sempre me faz pensar num velório. Provavelmente a vista da natureza desperta no homem os sentimentos menos nobres...

Parou subitamente, irrompeu numa pequena gargalhada e disse:

— Mas isso é por demais absurdo! Aqui estamos nós exatamente no mesmo debate que há oito anos reiniciávamos todos os dias... E exatamente com o mesmo feliz resultado. O senhor se lembra como também então podíamos discutir até ficarmos ambos de cabeça quente... Não deveríamos agora fazer as pazes? Hoje, cada um de nós tem o que queria! o senhor, o seu campo; eu, a minha cidade. — Pensando bem, não temos mais pelo que brigar!

— É o que também acho — disse sêcamente Emanuel.

— Muito bem! Apareceu finalmente uma coisa sobre a qual estamos de acordo! Mas eu estou tagarelando demais... Isso é hábito das velhas solteironas, sabe? Agora é sua vez de falar um pouco, Sr. Pastor!

Nesse momento foram interrompidos pelo doutor e a esposa, que haviam parado no caminho à espera.

— Agora não nos escapa mais, Sr. Pastor — disse o doutor com seu sorriso indefinível. — Estamos a poucos passos de nos-

na porta, e o senhor já não poderia mais chegar a sua casa em tempo para o chá!

— É, agora não pode recusar — secundou a mulher, com uma voz doce, cheia de cordialidade. — Se achar que sua esposa ficará com cuidados pela sua demora, podemos mandar-lhe um recado por um mensageiro a cavalo.

Emanuel ficou um momento indeciso. Fazia agora dez anos que ele se mantinha exclusivamente dentro de seu próprio círculo de amigos; mas a fala zombeteira de Ragnhild o tinha espicado. Além disso, nos últimos tempos assaltara-lhe uma dúvida: seria de fato acertado separar-se assim completamente do mundo que o circundava? Sobretudo nos últimos dias, após ter o Governo com suas ações violentas tentado pôr termo ao desenvolvimento do partido popular, ele começara a sentir a obrigação de aceitar a luta contra os inimigos triunfantes do reino de Deus, também fora de seu costumeiro âmbito de ação. A vaga e secreta esperança de que Deus um dia pusesse à prova sua resistência, sua fé e seu zêlo não deixou de o influenciar. Desafiado à luta, viu nesse encontro casual uma espécie de estímulo do alto, uma palavra de ordem divina, e disse sim ao convite.

4

Uma hora mais tarde sentava-se a uma mesa luxuosamente posta, na sala de jantar do Doutor Hassing, mobiliada em estilo pompeiano.

Ainda não dominara de todo o sentimento de opressão e o profundo desgosto que dêle se tinham apoderado, ao entrar na casa instalada com luxo exagerado, que tanto lhe lembrava a casa paterna, e o seu tempo de infância. Após haver tomado, em silêncio, seu lugar à mesa, curvou a cabeça e pôs as mãos no colo. Sem se deixar perturbar pela estupefação que causava aos outros, rezou para si mesmo sua oração habitual, e acrescentou: "Oh! meu Pai e Redentor nas alturas! Dai-me Vossa graça para levar o testemunho de Vossa palavra ao in-

terior desta casa, e para acender a luz divina nas trevas da ignorância!"

Em uma das extremidades da mesa, Ragnhild e o doutor discutiam sobre música moderna; diante deles, os dois jovens primos, quase sempre com as cabeças unidas, em misteriosos cochichos, olhares ora doces, ora faiscantes, que se lançavam mutuamente, parecendo indicar seu parentesco estava em vias de passar para relações muito mais íntimas.

Bem em frente de Emanuel e da Sra. Hassing estava sentada uma mulher de pequena estatura, muda vestida de preto, e a seu lado um senhor já idoso, de aspecto fora do comum. Devia ter uns setenta anos; era de compleição robusta, grande, pesado e inteiramente calvo, com a testa tão branca e polida, que todas as luzes da sala nela se refletiam. O rosto era da cor do vinho tinto, e a larga boca dividia-o em sentido transversal, abrindo-se a cada instante e deixando ver a língua grande e grossa que o impedia de falar com clareza; os olhos eram pequenos, o nariz em compensação, avantajado e vermelho como uma garra de lagosta; partindo do queixo pendia sobre o pescoço uma pele azul-avermelhada, semelhante ao saco que o pelicano tem por baixo da mandíbula inferior. Adornava-lhe o rosto uma minúscula barba pontiaguda e um par de suíças pequenas em forma de meia-lua que, de acordo com a velha moda na corte, se estendia da parte inferior da orelha até o meio do queixo; a essa barba aristocrática correspondiam uma gravata rija de tecido preto, um alfinete com brilhante oval de onde pendia um pedaço de corrente de ouro com uma pequena presilha, no peito da camisa, e um grande lenço de seda colorido, com o qual ele constantemente, e sem motivo plausível, enxugava a grossa nuca. O restante de sua indumentária era, porém, muito simples; vestia paletó cinzento, e nem sua camisa nem suas mãos revelavam um senso de asseio muito desenvolvido.

Esse homem era o "tio Joachim" tão receosamente mencionado pela Sra. Hassing e seu sobrinho. Fora proprietário de uma quinta senhorial, tinha o título de Monteiro-mor, e recentemente, em virtude de uma fraqueza aristocrática demais por cavalos de luxo, carruagens dispendiosas, criadagem numerosa, vinhos finos e ligações amorosas ilegítimas, se vira obrigado a vender a propriedade, passando a viver principalmente da caridade da família. Juntamente com sua irmã, a pequena dama vestida de preto, estava atualmente em casa do Dr. Hassing, fazendo uma "visita" que já se prolongava por vários meses.

Em absoluta concordância com suas outras tendências, o tio Joachim sempre se orgulhara de pertencer aos "poucos" que ainda cultivavam, em tudo, as idéias mais extremamente reacionárias. Chamava a si mesmo, batendo acaloradamente no largo peito, "um representante das idéias anteriores ao ano fatal de 48"; o fato de ter sido justamente um camponês rico que, por ocasião do leilão judicial, conseguira arrematar sua propriedade, não tinha abrandado sua disposição para com a democracia que avançava por toda a parte. Na casa do Dr. Hassing, em geral tão quieta e onde, sobretudo, nunca se falava em política, havia nos últimos tempos ecoado, de manhã à noite, tremendas imprecações contra os camponeses, o Parlamento, as escolas superiores e o próprio Governo. O Monteiro-mor era partidário do Governo e fiel ao Rei; mas achava que os "revolucionários" eram tratados com muita moleza e timidez; não entendia porque não se restaurava logo de uma vez a monarquia absoluta, com poderes ilimitados. Propunha sempre que todos os democratas, ou pelo menos todos os parlamentares democráticos, fossem despachados em navios de guerra, para Kristiansøe, onde deviam quebrar pedras nas pedreiras até se emendarem. Todas as outras normas, na sua opinião, eram meas medidas, golpes desferidos no vácuo, e não dariam qualquer resultado prático.

Tinha, pois, havido motivo de sobra que êle receasse um encontro com Emanuel e, como logo no início se viu, as preocupações se justificavam plenamente. Assim que o Monteiro-mor ouviu o nome de Emanuel, seu rosto se tornou purpúreo e, sem estender sequer a mão ao pastor ou responder ao seu cumprimento, dirigiu-se à Sra. Hassing que, na sala de jantar, estava observando o arranjo da mesa:

— Que é isso? — exclamou êle com a voz a um tempo grossa e sibilante, cuja força por causa da surdez êle nunca sabia refrear. — Não é aquêle anarquista doido que desencaminha o povo de Vejlby? Vocês se dão com gente dessa laia? Obrigam-me a falar com pessoas assim? Que quer dizer isso, Ludovica?

— Escute, titio! — respondeu a Sra. Hassing com uma firmeza que, por ser diferente de seus modos habituais, impressionou tanto mais o velho: — Você sabe que nem Hassing nem eu nos ocupamos com política. Mas o pastor Hansted é um homem extraordinariamente oculto e interessante, cuja conversação, além de ser um prazer, é instrutiva; mas isso não quer

dizer que se aprovelem seus pontos de vista. Por favor, não ofenda pois o pastor Hamsted, e não esqueça que êle hoje é nosso hóspede!

Até o início do jantar notava-se no velho o efeito dessa recomendação. Estava rijo como um poste, deixando passar, com ares ofendidos, quase tôdas as iguarias sem as tocar. Notando, porém, que sua resistência passiva não era percebida, além de exigir uma renúncia de que não era capaz, foi, aos poucos, mudando de tática; começou a comer com avidez de tudo o que estava na mesa; fazia, sem cerimônia, o maior ruído possível com a faca e com o garfo e interrompia a cada instante a conversa dos outros, pedindo em alta voz o pão, a manteiga, "um pouco mais de pâté de figado, Ludovica", para assim mostrar que, para êle, o anarquista não existia.

A conversa à volta da mesa tinha aos poucos se animado. Também as palavras de Emanuel, imaginadas com dificuldade e proferidas em voz morosa, eram ouvidas cada vez mais nítidamente entre a conversação ligeira dos outros. Êle sentia, em grau crescente, a responsabilidade que assumira ao sentar-se ali, no meio daquela gente desgraçadamente transviada. Respondia cortêsmente às diversas perguntas que a Sra. Hassing, muito interessada, fazia a respeito da situação de sua paróquia, mas estava sempre atento, não se descuidando em nenhum ponto e não perdia, um só momento, o ar grave, quase sombrio, que era por enquanto sua muda objeção a tudo que via em torno de si.

O colóquio entre êle e a Senhora Hassing foi, aos poucos deslizando para um terreno perigoso, acabando por fixar-se na grande campanha de esclarecimento do povo, sobretudo da classe camponesa, que então era feita. Emanuel expressava sem reservas seus pontos de vista e, de propósito, frisava muito especialmente a significação que atribuía à atividade das escolas superiores, nesse particular.

A Sra. Hassing era tôda atenção. Pertencia à espécie de mulheres facilmente persuasíveis, que imediatamente se empolgam por tudo quanto cause entusiasmo a outros. Em seu bonito rosto de madona, de linhas regulares, porém não muito expressivo, assumia sempre um ar de profunda meditação quando alguém lhe falava. Dir-se-ia que as palavras de seu interlocutor a fazia ver claramente tudo aquilo sôbre o qual, durante muito tempo, ela mesma tinha em vão pensado. E, agora, deixou-se ficar à escuta, com os cotovelos na mesa e um dedo na face, e se às vêzes exprimia, em voz cantada, o que chamava

"suas dúvidas", era na realidade menos para contradizê-lo do que para dar-lhe novo ensejo de desenvolver seus pontos de vista.

Mas também os outros tinham começado a ficar atentos. A seriedade inabalável de Emanuel, sua figura grosseiramente vestida e sua grande barba produziam nesse ambiente singular impressão de primitivismo e força apostólica. O modo de falar, em tom declamatório, ao qual se acostumara por ter de dirigir-se, constantemente, aos camponeses, tornava-o ainda mais interessante aos olhos daquela gente. Além disso, o assunto da conversa era tão estranho, suas afirmações tão novas e surpreendentes, que ele sem querer impunha respeito.

Mesmo o rapaz e a mocinha interrompiam a cada momento seus cochichos para escutá-lo, e o desportista piscou uma vez para a Sra. Hassing como se quisesse dizer:

— Você tinha mesmo razão, titia! Este homem, de fato, tem qualquer coisa...

Ragnhild, no entanto, evidentemente mal-humorada, estava recostada em sua cadeira, e seus longos dedos pontudos mexiam cada vez mais nervosamente com as migalhas de pão.

Emanuel acabou sendo influenciado pela crescente atenção que suas palavras despertava. Num momento de distração, esquecido de sua recusa anterior, no campo, bebêra um copo de vinho, e seu tom tornava-se cada vez mais espontâneo. Formava as frases com uma facilidade da qual ele mesmo se admirava, e em geral se expressava com uma autoridade que não lhe era nada costumeira.

De repente, surgiu certa inquietação em torno da mesa. Partindo da exaltação ao trabalho das escolas superiores e do espírito que elas haviam difundido entre a população rural, Emanuel passou, inopinadamente, a falar na grande luta do momento entre o Governo e o povo.

Todos olharam receosos para o tio Joachim, cujo rosto novamente se tornara purpúreo e inchado como um balão cheio de fumaça.

— Com licença, ilustríssimo! — explodiu ele por último, pondo segundo o hábito dos surdos, a mão atrás da orelha, uma manopla nada aristocrática, com longos tufo de pêlo vermelho em todos as falanges dos dedos. — Estou vendo que é um caloroso admirador dessa chamada liberdade do povo, meu senhor, e do chamado direito universal do voto... Faça-me o favor! Talvez me permita, ilustríssimo, citar um exemplo que pro-

vàvelmente o fará mudar de opinião. Só preciso mencionar um único caso para demonstrar, claramente, como êsse chamado direito universal do voto é abjeto, sim, e é até desastroso para o futuro e o bem-estar de uma nação.

A Sra. Hassing lançou um olhar suplicante a seu marido para que êle fizesse o tio Joachim calar-se. Mas atrás da aparência correta e respeitável do Dr. Hassing ocultava-se um môço brincalhão e malicioso; fêz como se não houvesse entendido a muda súplica da espôsa, pois achava iria ser bem divertido presenciar o combate entre os dois belicosos antagonistas.

— Peço licença para lhe demonstrar, em poucas palavras, o seguinte — disse o velho: — Tive certa vez a meu serviço, já há algum tempo... hum... um vaqueiro, um tratador de gado, entende o senhor? Em geral, como todos, um sujeito sóbrio e direito, mas absolutamente bronco, um ignorante, inteiramente destituído dos conhecimentos mais elementares. Se alguém lhe perguntasse, por exemplo, quanto são três vêzes seis, êle decerto responderia, nove, ou doze, ou quatorze. Imagine o senhor! Ou ainda, se alguém lhe indagasse qual a capital da Alemanha, êle diria, sem dúvida, Skelskoer... Essa era a única cidade que êle conhecia, além de Copenhague e Roskilde. Quanto ao conhecimento das leis, sabia exatamente tão bem o que está escrito na nossa chamada constituição como o que está na constituição turca ou chinesa! Peço agora licença — continuou êle com crescente convencimento ao notar, pelo silêncio que se generalizara em tôrno da mesa que começavam a lhe dar ouvidos — para perguntar se é de fato sua opinião, prezado senhor, que uma tal pessoa possa ter influência da direção dos negócios internos e externos de uma nação, como um homem que... como por exemplo o nosso honrado anfitrião, o Sr. Dr. Hassing? Ora, faça-me o favor!

Com um gesto de quem desafia a falar, recostou-se ostensivamente em sua cadeira, cruzou os braços e, nessa posição, esperou a réplica de Emanuel, seguro de seu triunfo.

Emanuel tinha a maior vontade de não responder ao Monteiro-mor, pois todo o seu modo não lhe parecia o de um homem com o qual se pudesse encetar uma séria troca de opiniões. Mas quando notou a ansiosa expectativa com que também os outros o fitavam, para ouvir-lhe a resposta, falou:

— Julgo que o tal vaqueiro, apesar de tôda a presumível ignorância, deveria ter tido não só os mesmos direitos que o Dr.

Hassing como até muito mais, se fôsse tratado com a devida justiça!

A resposta veio com tal convicção e segurança, e soava ao mesmo tempo tão paradoxal, que as objeções foram impulsivas e gerais.

— Mas essa não pode ser sua opinião! — exclamou a Sra. Hassing, enquanto o tio Joachim se curvou para sua irmã e com uma voz que para êle evidentemente era baixa e sussurrante, lhe gritou ao ouvido:

— Que diz êle? Que é que êle está dizendo?

— Poi eu acho que o caso é muito simples e claro — continuou Emanuel, a quem a atenção despertada por suas palavras tornava mais eloqüente — Por que motivo as condições nas quais um homem nasceu devem ser decisiva em sua relação com a sociedade? O fato de ter um homem nascido na pobreza pode tornar-se uma desgraça para êle e deveria, por isso, constituir motivo para proporcionar-lhe certa compensação, e não justamente para o contrário. E quanto à tão propalada ignorância, ou mais acertadamente, falta de conhecimentos, dos que se adquirem por meio de livros, ela significa apenas que a sociedade não cuidou suficientemente de sua instrução... Mas isso não deveria ser razão para se tratá-lo sempre como um ser inferior. Muito pelo contrário !

— Sim. Pode ser, mas o senhor deve admitir assim mesmo...

— começou o Dr. Hassing.

Mas Emanuel já estava no ponto em que só ouvia suas próprias palavras, e continuou:

— São sempre os pequenos, os pobres, que vêm a sofrer mais sob a ação dos maus tempos. Por isso, afinal de contas, não seria mais do que justo deixar a êles as decisões. Se de fato, quiséssemos falar em justiça, não são nem os que sabem mais, nem os que têm mais posses, que deviam ter a maior influência na direção dos destinos de uma nação... São, pelo contrário, os que ficam mais expostos às vicissitudes. Esta é, pelo menos, minha opinião no assunto.

— Mas, então, o senhor é quase... O senhor, é, então, socialista! adiantou a Sra. Hassing. Ela estava com os dedos embaixo do queixo e olhava, pensativa para o teto.

— Isso não posso definir assim exatamente — respondeu Emanuel, que, absorvido pelos seus pensamentos, tinha esvaziado mais um copo de vinho. — Se os pontos de vista que aqui

expressei são socialistas, bem, então, sou socialista. Essa denominação não me assusta!

— Que diz êle? Não disse socialista? — gaguejou o Monteiro-mor, outra vez se curvando para a irmã, cuja principal ocupação parecia ser a de ficar pendendo de seus ouvidos, como uma espécie de tubo acústico vivo.

— Mas o senhor deve assim mesmo reconhecer, Sr. Pastor — o doutor tomou então a palavra — que o povo, falando de modo geral, em muitos casos não é capaz abruptamente de formar um claro julgamento a respeito do que é o melhor para êle. Tal critério exige quase sempre conhecimentos vastos, experiências etc., que faltam por completo a um trabalhador do campo. Naturalmente se encontram muitas exceções notáveis, isso nunca irei negar, Deus me livre. Mas assim, em geral, pode-se provavelmente dizer que o povo, a plebe — por exemplo, nossa grande população rural — deva atualmente ser considerada como uma criança grande, inexperiente, talvez no momento até um pouco indócil, difícil de governar, que só se atiraria em tôda a espécie de desgraças, se fôsse deixado inteiramente livre, entregue a si mesmo. O senhor não acha que tenho razão?

— Não sei de onde vem essa pouca confiança na capacidade do camponês — respondeu Emanuel. — Nossa História não a justifica absolutamente. Até pelo contrário, ela nos ensina o quanto uma tal descrença é infundada. Não se poderá apontar um único caso em que por se ter atendido aos desejos das clases inferiores ou seguido os seus conselhos, se haja exposto a sociedade a qualquer perigo. Pode-se porém citar exemplo sobre exemplo de como, contrariando-se as advertências do povo, nossa pátria foi atirada a uma série de desgraças. Mas não é só isso! Ouso afirmar que tudo o que nosso país possuiu e atualmente possui de sólido, empreendedor, criador e duradouro deve-se em primeiro lugar ao camponês. A História prova irrefutavelmente que, tanto no passado como no presente, mal se encontra uma grande capacidade, uma personalidade que, por meio de valor intelectual ou de ações meritórias, se tenha projetado acima de seus contemporâneos, sem que, retrocedendo-se apenas algumas gerações apareça sua origem camponesa. E dificilmente se encontrará um só vulto de destaque que tenha suas raízes nas chamadas elites. É a capacidade para o trabalho, a simplicidade e a rija fibra de nosso camponês que todos os nossos grandes homens herdaram... Assim foi no passado e

assim é ainda hoje em dia. Todos os anos os campos mandam para a cidade forças novas, jovens, cheias de vigor e sedentas de ação... E todos os anos as cidades, em compensação, espalham pelos campos uma farândola de pobres coitados, doentios, arruinados física e moralmente, que buscam, como lenitivo, a vida e os ares do campo. Dá-se exatamente o mesmo que com o nosso bom e paciente solo dinamarquês, que todos os anos envia seus nutritivos cereais para o mar de telhados vermelhos... e recebe de volta os resíduos!

Ele falara com crescente vigor e arrebatamento. Sem dúvida seu entusiasmo tinha-se tornado aos poucos um tanto propositado; mas com seus cabelos louros arruivados e a barba clara êle tinha alguma coisa de imponente, enlevado pelo seu discurso, aquecido pelo vinho e por sua ardente convicção. Seu rosto parecia transfigurado, parecia ostentar a glória dos profetas, e a forte luz da sala acendera pequenas estrêlas douradas e brilhantes em seus olhos azuis.

Quando acabou de falar, seguiu-se um momento de silêncio. Interrompeu-o o doutor, dirigindo-se a Ragnhild:

— Então, Srta. Toennesen? Não quer dar sua contribuição ao debate?

Ela parecia fazer um pequeno esforço para deixar sua posição, recostada na cadeira, e disse:

— Estou com o pastor Hansted.

— Quê? Também a senhora! — fizeram todos, enquanto o tio Joachim, após a irmã lhe ter repetido as palavras da môça, bateu as mãos sobre a cabeça em sinal de desespero exclamando:

— Safa! Vê-se cada uma...

— Sim, digo-o com franqueza. Sou também de opinião que num país como o nosso, com seus invernos longos e sombrios e suas condições de vida em geral muito rigorosas... Que êsse caro país em que nasceu — bem como todos os países nórdicos — nunca deveria ter sido civilizado, deveria ter permanecido uma espécie de grande Groenlândia, para onde se poderia ir, no verão, caçar e pescar... Mas o que era afinal que eu estava dizendo?

Ela olhou em redor de si com um sorriso dissimulado.

— Sim, já me lembro. Era que num país como êste, como muito acertadamente diz o Sr. Hansted, naturalmente os ombros possantes e as testas largas é que são vitais. Como também observou com muita justeza o Sr. Hansted, a História, de fato

nos ensina, que aqui na Dinamarca morre congelado ou é aniquilado pelo vento, em pouco tempo, tudo o que não mede quarenta polegadas transversais no peito e vinte entre uma orelha e a outra. Estou inteiramente de acôrdo com o pastor Hansted: nós, pobres coitados, dependemos afinal das boas graças do camponês para viver... Eu mesma sempre o senti vivamente...

Após essas palavras fêz-se outra vez um momento de silêncio. Não estavam bem certos sôbre o que deveria ser interpretado como coisa séria e o que não passava de ironia. Só o doutor notou os indícios de tempestade no ar e achou mais aconselhável pôr fim aos debates, enquanto era tempo.

Todos se ergueram e trocaram os cumprimentos do costume. Também Emanuel e Ragnhild deram-se as mãos.

— Meus sinceros cumprimentos, Sr. Pastor! — disse ela com alegria forçada. — Devo confessar que o senhor de fato se tornou um orador extraordinariamente hábil!

5

Na sala de estar — um verdadeiro salão — os velados lampiões dispostos sôbre mesinhas e consolos mergulhavam o aposento numa agradável penumbra, que convidava a descansar tranqüilamente nas grandes poltronas estofadas, de veludo. Meia porta estava aberta, dando para uma varanda envidraçada onde ficava o jardim de inverno, com palmeiras e plantas de compridos caules. Através da varanda, via-se o jardim que ficava em nível mais baixo, o gramado com um vaso de pedra, algumas roseiras e álamos de alto porte, tudo envolto nas pálidas nebulosidades da noite enluarada de verão.

— Agora a Srta. Toennesen nos dará o prazer de tocar alguma coisa, não é? — disse o doutor. — Acho que estamos todos de acôrdo em ser embalados por uma melodia, para serenar os ânimos.

— Com o máximo prazer — respondeu Ragnhild. — Se eu pudesse lembrar-me de alguma música! — acrescentou, quando já estava ao piano, onde à maneira de virtuose, uniu as mãos fazendo movimentos para desembaraçar os dedos.

Emanuel sentara-se numa poltrona em frente à porta da varanda; a lembrança da música não lhe causava grande satisfação. Absorvido ainda pela palestra à mesa, teria preferido continuá-la, agora que estava disposto a falar.

Entretanto, também os outros se tinham instalado comodamente nas amplas poltronas. Só o tio Joachim ficara na sala de jantar, sentado à mesa com uma garrafa de vinho, e de lá se ouviam seus desabaços com a irmã, que duraram até Ragnhild tocar os primeiros acordes e a Sra. Hassing, abrindo a porta com um "pssiu", o fez silenciar.

Ragnhild começou correndo vigorosamente os dedos pelo teclado, como para purificar a atmosfera na sala. Depois ficou um momento imóvel com as mãos no colo, e no silêncio que então se fez, julgava-se ouvir a música soando ao longe.

A jovem Gerda se tinha aninhado no canto mais escuro da sala.

No decorrer da noite operara-se nela, em geral tão alegre, singular transformação. Tornara-se estranhamente quieta, quase sombria. Durante o jantar se tinha mostrado cada vez mais indiferente aos galanteios do primo, ao mesmo tempo que ouvira e observara Emanuel com crescente atenção.

Também agora ela o fitava ininterruptamente, com grandes olhos cheios de admiração. Estava curvada para a frente, os cotovelos apoiados nos joelhos. O brilho vermelho da lâmpada mais próxima iluminava-lhe o rosto e as mãos postas, nas quais apoiava o queixo; o resto de sua figura imergia na semi-escurecimento. Em cada um de seus traços notava-se nitidamente seu parentesco com a Sra. Hassing. Tinha o mesmo semblante oval de madona; as linhas suaves da boca e do queixo revelavam a mesma tendência para o sonho e a dedicação afetuosa. Só o nariz era mais vigoroso, a curva das faces mais firme, e nos olhos castanhos aveludados, sobre os quais as escuras sobrançelas se arqueavam como um par de asas, prestes a erguer o vôo, percebia-se o brilho ardente das paixões que despertavam.

Terminado o primeiro trecho de música, enquanto Ragnhild e o doutor trocavam algumas impressões sobre o compositor, Gerda se ergueu da cadeira, e deslizando furtivamente ao longo da parede, foi para junto da Sra. Hassing, na outra extremidade da sala.

— Tia — sussurrou-lhe ao ouvido — é verdade mesmo que ele é casado com uma camponesa?

— Sim, minha filha.

— Com uma verdadeira camponesa?

— Sim, minha filha — repetiu a Sra. Hassing, acariciando-lhe o rosto.

Gerda ficou parada um instante, com a mão apoiada no espaldar da cadeira da tia. Depois, quando Ragnhild iniciou nova música, ela voltou discretamente pelo mesmo caminho, para o seu lugar, de onde continuou a fitar Emanuel.

O primo estava sentado a pouca distância dela e, por meio de sinais, esforçava-se o tempo todo para atrair-lhe a atenção. Ela porém fazia de conta que não o estava notando, e quando êle, impaciente, tentou alcançá-la com um espanador de cabo comprido que achara por acaso ali perto, atirou-lhe um olhar tão enfurecido, que êle quase caiu da cadeira, de espanto.

No comêço Emanuel não prestava muita atenção à música. O primeiro trecho fôra uma composição moderna, difícil de compreender, que aos seus ouvidos soava exatamente como um concêrto de gatos. Tinha-se recostado na cadeira, entregue às suas meditações. Seu olhar vagou pela sala, pelos quadros nas paredes e por algumas estatuetas brancas nas cantoneiras, enquanto pesada sonolência dêle se apoderava. Já passava muito da hora em que êle estava habituado a ir para a cama; a penumbra do ambiente, as muitas impressões novas do dia e o relaxamento após a grande tensão de espírito, juntamente com o efeito do vinho tomado ao jantar, o punham num estado de fadiga e languidez.

Mas aos poucos começou a escutar. Sons conhecidos chegaram-lhe aos ouvidos, vibrantes e solenes harmonias que pareciam vir de longe. Durante muito tempo não sabia bem de onde partiam nem compreendia a forte emoção que lhe causavam. Sentia-se sob a ação de um encantamento. Olhou pela porta da varanda, e lá fora a estival paisagem noturna, pálida e grave, com o grande vaso de pedra e os negros choupos, esguios como ciprestes, lhe parecia no momento um quadro vivo da música executada por Ragnhild. Reconheceu a marcha fúnebre de Chopin, a música preferida de sua irmã, que êle em sua mocidade tantas vêzes ouvira tocar à hora do crepúsculo... Nesse instante era como se tudo mudasse em tôrno dêle. Não era mais a sala do Dr. Hassing; era o lar de sua infância em que êle se achava; era sua irmã Betty que ali estava sentada no tamborete, entre as duas velas acesas do piano e, com suaves movimentos, corria as brancas mãos pelas teclas. Como um homem fascinado pelos duendes da montanha e que ouve os distantes si-

nos de sua aldeia natal, êle ficou, com a consciência meio adormecida, deixando os olhos pousar naquelas mãos brancas, lindas e vaporosas, e quando, numa pausa, elas desapareceram do teclado, seu olhar passou discretamente, num impulso instintivo, pelos braços delgados de Ragnhild, para embevecido se lhe fixar na nuca, da qual os cabelos castanhos avermelhados fugiam para formar um caracol no alto da cabeça. Ficou algum tempo a contemplar, cheio de admiração, o cabelo e a nuca; seguia, extasiado, as linhas do pescoço até à orelha esquerda, cuja fina cartilagem transparente tinha um brilho coralino à luz da vela sôbre o piano. Repentinamente despertou para a realidade... Confuso e envergonhado, passou a mão pelos cabelos, e logo que a peça musical terminou, êle se ergueu. Sentia-se mal. Queria ir para casa.

Despediu-se um tanto apressadamente, e poucos minutos mais tarde estava na estrada.

Mas nem cá fora desapareceu o encanto, embora andasse a passos largos e apressados, como tocado pelo bater inquieto do coração. Os sons da música continuavam a persegui-lo ao longo do caminho tortuoso... Não se refez antes de alcançar o limite da paróquia e ver as silhuêtas escuras e macias das colinas familiares que se destacavam na claridade mortiça do horizonte.

Entretanto, na sala do doutor, Emanuel era objeto dos mais vivos debates. Permitira-se ao tio Joachim, então presente à sala, falar à vontade, do que se aproveitava largamente. A Sra. Hassing elogiava Emanuel, e mesmo o doutor tinha de admitir que êle de fato era "extraordinário e estava longe de ser um homem sem talento".

A Srta. Gerda continuava imóvel em seu canto, calada e absorta, perdida em sonhos.

Também Ragnhild falava pouco. Não tinha de fato motivos para estar muito satisfeita com as ocorrências da noite. Era até certo ponto verdade o que dissera a Emanuel, que nos últimos anos tinha desejado muitas vêzes encontrá-lo novamente; fôra até a probabilidade de ver realizado êsse desejo que, principalmente, a levava a aceitar o convite da Sra. Hassing, e durante sua estada ali soubera astutamente guiar tôdas as excursões em direção à praia de Vejlby, na esperança de encontrá-lo, em um feliz acaso.

Não agira sob o impulso de mera curiosidade feminina. Tinha sentido, logo após se haverem separado, quando ela par-

tira para a Capital, que seu interesse pelo capelão Hansted não era apenas simples amizade, como supunha, mas que, de fato, durante o convívio com êle, uma aragem de amor lhe passara pela alma. Frequentemente recordara êsse sentimento como algo indigno, degradante. A humilhação de ter sido rejeitada, ainda por cima por um homem que se casara com uma camponesa, torturara a orgulhosa filha do deão, quase como a lembrança de um mau passo. Durante sete longos anos guardara profundo rancor contra Emanuel, e a recordação da sua ignominiosa partida do presbitério de Vejlbj, que afligira seu pai mais do que se imaginava e que se tornara a verdadeira causa da morte do velho, não contribuíra para apaziguar-lhe o ódio. Também os muitos outros triunfos que os camponeses, nos últimos anos, tinham obtido em todos os setores da vida pública, não a tinham abrandado. Detestava, agora mais do que nunca, os camponeses e tudo o que cheirava a terra. Quanto à nova literatura, esta a irritava só por conter descrições da natureza e a glorificação da plebe, e ela nunca mais visitaria a exposição de Charlottenborg, por lhe parecer que todos os artistas se tinham apaixonado por motivos inspirados na cocheira e no monturo. Nem no teatro podia ficar tranqüila, pois ali via os deputados em suas poltronas gratuitas na platéia, a cuspir no chão.

Mas nada a indignara tanto como a celeuma surgida em toda parte, nos últimos anos, a respeito de uma iminente troca de ministros. Falara-se seriamente em ser agora tempo de os camponeses subirem ao poder. Tinha-se, efetivamente, apontado um antigo professor de aldeia como futuro Presidente do Conselho de Ministros. Mesmo pessoas que não se podiam absolutamente conformar com aquêl estado de coisas, disseram, sacudindo a cabeça, que "agora quase não havia mais outro remédio!". Ela não o podia compreender. Qual não foi, pois, o seu júbilo ao ver finalmente se erguerem homens viris e enérgicos com coragem para fazer prevalecer o direito soberano do homem sobre a terra e conjurar êsses camponeses endiabrados, fazendo-os voltar aos monturos de onde nunca deveriam ter saído!

Com o coração transbordante de alegria pelo rumo que os acontecimentos estavam tomando, tinha esperado ansiosamente rever o antigo capelão de seu pai. Agora que terminara a era da loucura, ardia de impaciência por triunfar sobre aquêl que lhe havia impôsto humilhação, como também, a seu pai, e livrar-se do sentimento de vergonha que a lembrança daquele

convívio tinha mantido aceso durante todos êsses longos anos. Mas nesse sentido o encontro com Emanuel não lhe dera nem de longe a esperada satisfação.

Contrariada, deu as boas-noites antes de todos os outros, desculpando-se de sua retirada com uma súbita dor de cabeça, e contra seus hábitos, não pediu à Sra. Hassing que a acompanhasse ao quarto, para conversarem um pouco, a sós. Ficou durante muito tempo diante do espelho, em seu penteador branco, com as mãos no colo, esquecendo-se de soltar o cabelo. Recostada no espaldar da cadeira, olhava para o chão com uma severa expressão de ira. Repentinamente sentiu um calafrio, e um estranho temor a invadiu... Que poder êsse homem exercia, afinal, sôbre ela?

6

Cansado e aturdido pelos acontecimentos do dia, Emanuel chegou ao presbitério de Vejlbj, onde, aliás, sua ausência não tinha causado grande admiração. Hansine nem ao menos lhe perguntou onde havia estado. Já se acostumara ao seu hábito de deixar-se prender indefinidamente na casa dos amigos que por acaso encontrava, esquecendo-se por completo, no decurso da conversa, do tempo e do lugar.

Só na manhã seguinte Emanuel lhe contou onde estivera e quem encontrara, com o que teria preferido relegar todo o assunto ao esquecimento. Despertara com uma sensação de culpa, e quanto mais repassava na memória os acontecimentos da véspera, tanto mais sentia-se aborrecido consigo mesmo. Após a oração matinal foi para o gabinete, fechou a porta e sentou-se diante da escrivaninha empoeirada, que estava num dos cantos perto da janela. Com a cabeça apoiada nas mãos, êle disse, irado, mas confiante como uma criança:

— Pai! Estais zangado comigo? Bem sei de que maneira vã e deplorável levei a cabo a missão que me confiastes. Mas, rogo-vos indulgência. Não me abandoneis... Ponde-me à prova, sempre de nôvo, eu Vos imploro, meu pai! Até eu não errar mais!

A visita à casa do Dr. Hassing teve inicialmente o efeito de o tirar do estado de apatia em que vivera por tanto tempo; deu-lhe impulso espiritual para finalmente sair do ponto morto no qual estivera desde o dia em que seu filho fôra sepultado. No domingo, pregou de novo com vivo ardor, arrebatando, com o vigor de suas palavras, os ouvintes presentes, aliás não muito numerosos. Após o serviço sagrado todos se reuniram à porta da igreja para apertar-lhe as mãos e agradecer-lhe. O texto do dia fôra aquêle em que o evangelista Marco relata como Cristo deu de comer ao povo no deserto com cinco pães e alguns peixes pequenos. Como era seu hábito, Emanuel descreveu primeiro o acontecimento, pintar em vivas côres o silêncio tumular do deserto, sob o céu sempre azul, e a paisagem de rochas escarpadas, sôbre as quais o sol dardejava raios ardentes. Em seguida, expôs e explicava o texto, falou dos momentos em que nos dominam a dúvida e a fraqueza, terminando com as seguintes palavras:

— Meus queridos irmãos e irmãs, atentai na serpente aninhada em vossos corações! Não creais que ela morreu por se ter despojado da pele! Ela vive e vos espreita! Ela é a fraqueza que se oculta em vossas maiores esperanças; é a justiça farisaica escondida nas vossas mais humildes preces; ela nos faz cair justamente quando mais firmes nos julgamos. Mas nós lhe esmagaremos a cabeça com o férreo calcanhar da fé! De mãos postas vamos dizer, com a boca e com o coração: Pai nosso que estais no Céu, santificado seja o Vosso nome, venha a nós o Vosso reino...!"

Emanuel havia sentido como o espírito o invadira enquanto êle falava. Chegando a casa, beijou Hansine na testa, tomou a pequena Dagny no braço e, cantando, carregou-a para o quarto. Havia muito tempo que êle não se sentia tão confiante e alegre.

À tarde propôs que fôsem à casa dos avós, que êle não tinha visitado durante a semana e que agora desejava ver. O grande carro de molas foi aprontado e, por desejo expresso de Emanuel, Hansine e as crianças vestiram as melhores roupas, "para mostrarmos uma vez que nós também temos roupas bonitas", como êle dizia; quando viu Hansine com seu avental de sêda preta e a pequena boina marchetada de pérolas, tomou-o com ambas as mãos pela cintura e exclamou:

— Aposto dez contra um que, em todo o reino da Dinamarca, não há pastor que tenha uma mulher tão bonita!

Às quatro horas êle mesmo foi à cocheira para arrear os animais. Quando estava justamente com uma cabeçada na mão, Sigrid veio correndo, ofegante, tão afobada que quase não podia falar.

— Pai! — gritou ela — vieram duas... duas pessoas, duas senhoras... Elas entraram logo na sala.

Emanuel corou. Percebeu logo que deveriam ser a Srta. Toenesen e outra das senhoras da casa do Dr. Hassing.

— Mamãe está na sala? — perguntou.

— Sim.

— Então, está bem.

Demorou-se de propósito com o trabalho de arrear os cavalos, mas seu coração batia agitadamente. Pensava em Hansine. Que diria ela dessa visita? E como a teria recebido?

Nisso também Abelone veio correndo pelo quintal, de tamancos, e curvou o corpo sobre o portão da cocheira, exclamando:

— Emanuel está aqui? Escute, venha já! Chegaram duas senhoras...

— Oh! meu Deus! Quantas vêzes ainda terei de ouvir isso! — interrompeu-a Emanuel, com impaciência. — Sigrid já me contou...

Ela o olhou, estupefacta.

— E eu podia saber isso? Depois, quem me mandou vir aqui correndo foi Hansine.

Virou-se ofendida, e voltou às pressas, batendo os tamancos pelo quintal.

Entretanto, no "saguão" Ragnhild tinha tomado lugar numa das cadeiras de palhinha junto à mesa e estava-se esforçando para manter conversação com Hansine, que se sentara na poltrona junto à lareira e, com sua habitual indelicadeza para com os estranhos, pouco fazia para ocultar sua admiração pela inesperada visita.

No banco, sob a janela, estava o vaqueiro Soeren, encolhendo-se todo em suas roupas domingueiras que não eram lá muito elegantes: um velho paletó azul de burel com orlas brancas e um lenço amarelo berrante no pescoço. Com os olhos muito abertos e boca escancarada ele olhava alternadamente para Ragnhild e sua companhia, a jovem Gerda.

Ragnhild vestia uma manta preta entretecida de pérolas sobre um vestido de passeio de sêda cinzenta axadrezada; trazia um chapéu "capota" com largas fitas terminando em ponta. Gerda tinha o mesmo vestido branco e o mesmo chapéu azul-claro que usara por ocasião da visita de Emanuel à casa do Dr. Hassing.

A mocinha estava com as mãos no colo, no cantinho da cadeira, e sua posição, suas faces coradas e a expressão com que olhava em torno de si pela sala, de vez em quando fitando Hansine e suas vestes camponesas, traía forte constrangimento; dominava-a uma desagradável sensação de desconforto naquele aposento grande, sem móveis, que lhe lembrava uma loja vazia, e a figura de Soeren em seu paletó de burel a fazia sentir uma espécie de comichão pelo corpo. Só deixou Ragnhild em paz quando esta concordou em trazê-la consigo, e durante o caminho de Kyndloese mantivera-se em febril e ansiosa expectativa.

Mas quando a porta se abriu e Emanuel entrou, sentiu uma decepção que se refletiu claramente no rosto. Ouvira o Dr. Hassing falar acerca do estranho traje camponês que o pastor Hansted usava em casa, e via-o agora com o mesmo paletó de baetilha cinzenta, de abas longas, e o colête abotoado até em cima, com que já o tinha visto antes.

— Pois aqui me tem de nôvo, Sr. Pastor! — exclamou Ragnhild, erguendo-se. — Estou invadindo sua casa assim sem mais nem menos. Mas sua espôsa foi muito amável em me dizer que aqui já estão acostumados a isso. Espero, pois, que não tenhamos vindo incomodar... Deve estar lembrado aqui de minha amiguinha. Sr. Pastor —, acrescentou ela voltando-se para Gerda. Emanuel cumprimentou-as, calado, convidando-as com um gesto comedido a se sentarem novamente.

— As senhoritas tiveram que andar muito — disse ele pouco depois.

— Não tanto como está pensando —, disse Ragnhild, rindo-se. — Andar a pé de Kyndloese até aqui teria de fato sido demais para mim. Mas não foi preciso andar o caminho todo. O Dr. Hassing foi visitar um doente aqui por perto, e aí eu não

pude resistir à tentação de fazer-lhe — aqui ela se inclinou ligeiramente para Hansine e Emanuel — uma visita e rever meu antigo lar. Viemos com o doutor até um lugar que, se não me engano, chamam o "Pico", e lá iremos encontrá-lo de novo, na volta. A pé fica pelo menos a meia hora daqui, e estou satisfeítissima por haver andado tanto com êsse calor !

Pôs-se a falar, um tanto excitada, da região e das coisas novas que vira pelo caminho. Parecia-lhe que tudo mudara muito desde sua ida para a Capital; sobretudo o aspecto da cidade a surpreendera, achara-a com ares mais alegres. Emanuel, sentado no banco atrás da extremidade superior da mesa, explicou que isso era motivado pelo fato de que os pomares, destruídos pelo incêndio de então, tinham crescido novamente, no decorrer dos anos estando outra vez cheios de árvores.

Hansine não tomava parte na conversa, nem Emanuel se esforçava muito para conseguir que ela o fizesse. Êle mesmo não compreendia bem por que razão aquela visita o embaraçava, nem de onde lhe vinha a impressão de estar Hansine querendo sondar alguma coisa, lançando olhares perscrutadores para êle e Ragnhild. De fato, não tinha por que sentir remorsos, pois não lhe ocultara coisa alguma. Na manhã em que êle tirara um pêso da consciência, falando com Deus, contara abertamente a Hansine tudo o que se passara na noite anterior.

Gerda estava sentada na beira de sua cadeira e atirava olhares ardentes para Emanuel, enquanto era observada pela pequena Sigrid que estava ao lado da mãe, vestida de algodão vermelho-claro com uma fita preta nos cabelos castanhos-amarelados. A criança deitara a cabeça e os braços no colo da mãe, e quando percebia que Gerda a estava olhando, escondia o rosto. Mas logo depois seus olhos grandes, azuis-escuros, espiavam de novo por cima do braço queimado do sol, e cada vez que ela julgava não estar sendo observada, erguia-se na ponta dos pés e cochichava alguma coisa para a mãe.

Hansine respondia distraídamente com sinais afirmativos, ao mesmo tempo que lhe alisava carinhosamente os cabelos, num gesto de ternura nada comum.

A conversa estava ameaçada a cada instante de completa paralisação. Emanuel não conseguia concentrar seus pensamentos. O absoluto silêncio de Hansine o tornava cada vez mais nervoso. Além disso, a presença de Soeren o constrangia um pouco. Êste sempre tivera maus hábitos, que porém não eram levados em conta em virtude das suas muito boas qualidades;

mas parecia a Emanuel que êle jamais cuspira e pigarreara tanto, ou dera tantos arrotos ruidosos.

— Não seria melhor irmos para o jardim? — perguntou, afinal. — Naturalmente não podemos apresentar um parque modelo como o que nos foi legado por seu pai... Mas um pouco de frescura sempre encontraremos lá fora...

— Ótima idéia! — disse Ragnhild.

Todos se levantaram. Hansine, porém, só se ergueu da cadeira quando Emanuel lhe perguntou diretamente se ela não queria ir também. Soeren ficou sentado onde estava, até o último momento engolindo com olhos gulosos as duas senhoras esbranhas.

Abelone enfiou a cabeça pela porta da cozinha, atrás da qual estivera de tocaia, espiando.

— Já foram?

Soeren respondeu com um mudo sinal afirmativo, e Abelone entrou então na sala, correndo logo à janela para espreitar.

— Sei lá porque Emanuel se mete com essas grã-finas que andam saracoteando por aí — disse ela escandalizada. — Parecem direitinho duas sirigaitas...

8

À primeira vista, o jardim do presbitério de Vejlbj não causou a mesma impressão a todos. Emanuel tinha razão, bem como restava a do parque senhorial deixado pelo deão Toennesen. As sebes vivas, outrora muito bem tratadas e podadas, estavam cheias de rebentos bravios que cresciam para todos os lados, a grama tinha-se expandido por sôbre os caminhos, e ervas daninhas de toda espécie invadiam os relvados. Os galhos que cresciam à vontade fechavam as longas aléias e, sob as grandes árvores, o chão estava coberto por ramos secos derrubados pelo vento, e caixas de estorninhos meio apodrecidas.

Ragnhild e Emanuel, pouco depois, afastaram-se de seus companheiros, penetrando nos recantos mais cerrados e abandonados do jardim. Êle tentava em vão voltar para junto dos outros, ou, pelo menos, ficar na larga aléia de castanheiros que

formava a divisa do jardim com os campos. Mas Ragnhild parecia preferir justamente os caminhos mais secretos e sombrios. Ia alguns passos na frente d'ele, e com a mão esquerda erguia um pouco a barra do vestido, de modo que se via justamente a orla rendada da saia de baixo engomada e os saltos dos elegantes sapatos de verniz.

Emanuel sentiu-se inquieto a sós com Ragnhild nesses atalhos obscuros e silenciosos, onde pareciam pairar tantas recordações, já meio esquecidas, dos dias de sua mocidade. Sentiu-se perturbado ao ouvir, após tantos anos, o misterioso sussurro do vestido de Ragnhild, e sentir o perfume de violeta que naqueles tempos sempre a envolvia. Ela, no entanto, olhava em torno de si com a máxima naturalidade e desembaraço, parecendo estar alegre e bem-humorada. Todavia, a visita ao seu antigo lar custara-lhe não pequeno esforço. Mas não sossegaria antes de tentar ainda uma vez mais humilhar o antigo capelão de seu pai; quanto a isso, o estado de decadência em que se achava o presbitério e a curta cena na sala já lhe tinham causado grande satisfação. Mas sua sede de vingança ainda não estava saciada, e ela se esforçava continuamente por manter a conversa num terreno que lhe permitisse consolidar seu triunfo.

Hansine e a jovem Gerda ficaram num gramado batido de sol, na parte fronteira do jardim; com o olhar meio aflito, a moça acompanhou Ragnhild e o pastor, ao vê-los desaparecer. Procurando uma compensação pela perda da companhia de Emanuel, fêz amizade com Sigrid, que a essa altura perdera o medo e, atraída por seu vestido bonito, que acariciava com as mãos, lhe fazia festas de maneira insinuante. Hansine tentara iniciar uma conversação com a moça, mas após haverem trocado algumas palavras sem absolutamente se compreenderem, Gerda em seu desespero pôs-se a brincar com a menina, enquanto Hansine se sentava num banco, à sombra duma sebe.

Pouco depois ela despertou de suas cismas pelo som de vozes que se aproximavam. Eram Ragnhild e Emanuel que voltavam pela aléia fechada de aveleiras, atrás do gramado.

— ... nós nos vemos mais ou menos cada quinze dias — ouviu Ragnhild dizer e geralmente tocamos a quatro mãos. Mas naturalmente ficamos também às vezes conversando —, de vez em quando até sobre o senhor, conforme já disse. Sempre pude notar que sua irmã lhe tem uma rara dedicação. Ela já me falou muitas vezes sobre o quanto sente a sua falta e quanto gostaria de vê-lo outra vez.

— Então Betty de fato falou a meu respeito?

— Sim. Isso, aliás, é natural! Ela não o viu uma vez sequer em todos êstes anos. O senhor bem podia ir à Capital. Betty necessita de alguém que a encoraje. A coitada sente-se tão só desde que perdeu o filho... Foi um rude golpe para ela que ainda é môça e precisa de alguém ou de alguma coisa que lhe possa encher a existência... E não se pode negar que o cônsul-geral nesse sentido tem lá as suas fraquezas. Além disso, êle agora é quase um velho e, de certo modo, meio decrepito...

As vozes se tornaram inaudíveis para Hansine. Ela voltou a contemplar a môça e a criança que se tinham sentado na relva, uma em frente à outra.

Pouco depois, Sigrid veio correndo para junto dela, com olhos que brilhavam de entusiasmo.

— Mãe! — gritou — sabe o que ela disse? Ela disse que tem uma boneca grande que dorme como gente de verdade, e um quarto de bonecas com cadeiras, mesas e cozinha. E depois, sabe o que ela disse? A casa tem também um tanque, com patos e um barquinho. Será mesmo verdade, mãe?

— Você vem, Sigrid? — chamou Gerda, do gramado.

Sem esperar pela resposta da mãe, a menina correu de volta e se atirou, travêssa, no colo da môça.

No mesmo instante notaram-se outra vez as vozes, aproximando-se pela aléia de aveleiras. Agora eram as palavras de Emanuel que Hansine ouviu primeiro, percebendo pelo tom que êle se tornara veemente:

— ...admitido que nesse modo de vida, por si só, nada haja de mal, deve concordar que só a consideração para com os que se encontram em pior situação financeira é motivo suficiente para não se viver como, por exemplo, meu cunhado, ostentando um luxo pomposo. O conhecimento de tal requinte torna o fardo da pobreza duplamente pesado para os que devem labutar o ano inteiro a fim de conseguirem um pedaço de pão sêco. Isso cria amargura e inveja e desperta os maus instintos...

— Não, absolutamente não acredito no que está dizendo. Tal me lembra uma cena que presenciei há pouco numa grande área em construção, onde muitos operários estavam carregando, sob o sol quente, pesados carros de cascalho, pedras e outros materiais. Justamente quando eu ia passando, duas mocinhas elegantemente vestidas, provavelmente as filhas do patrão, atravessavam, rindo e conversando, a área em que se trabalhava.

Eram o que se podia chamar dois seres inúteis, como por exemplo nossa pequena Gerda. Aquêles operários sujos ergueram a cabeça e olharam para elas, mas afianço-lhe que em nenhum rosto pude descobrir o menor indício de amargura. Pelo contrário, era bem claro que a presença das duas criaturas alegres, livres como pássaros, os animava em seu penoso trabalho. Continuaram a fitá-las com o olhar quase terno com que todos nós acompanhamos um par de andorinhas que passa alegremente por nós no meio da estrada. Gente assim sente muito bem que é feita de outro barro que não o das filhas môças de seus patrões, e quando não são propositadamente instigados para isso, pensam tão pouco em se queixarem, como qualquer pessoa normal pensaria sèriamente em nutrir amargura ou rancor contra as andorinhas, por tê-las Deus criado com um par de asas leves, e a nós com pernas pesadas. Não acha que tenho razão?

Emanuel retrucou com vivacidade, mas ambos se tinham outra vez afastado tanto, que Hansine não lhes pôde entender as palavras.

Pouco depois apareceram do outro lado do gramado, e, quando a viram, se aproximaram pela relva. Gerda pôs-se imediatamente de pé.

— Então, aí está a senhora! — exclamou Ragnhild. — Seu marido e eu estivemos empenhados numa tremenda discussão. O pastor Hansted e eu nunca estamos de acôrdo... Mas acho que é tempo de nos irmos embora. Gerda! Vamo-nos despedir?

Emanuel ofereceu-se para acompanhá-las, a fim de mostrar um atalho através do campo que lhes pouparia a metade do caminho. Hansine ficou no jardim.

— Estou muito satisfeita de os ter visitado — disse Ragnhild, quando se tinham afastado um pouco do presbitério. — Agora posso contar à sua irmã como o senhor está bem aqui, como vive feliz, que sua vida vai de vento em pôpa... Ou será que me engano?

Emanuel não estava disposto a discutir com ela sôbre isso. Mas, despertado nêle o espírito belicoso, não pôde deixar de dizer:

— Pelo tom de sua voz, percebo que estranhou muito!

— Já que o senhor mesmo o diz, sim! Não quero negar que foram um pouco abalados os meus pontos de vista quanto ao matrimônio e à felicidade da família, os quais, com certeza, são um tanto antiquados.

Sempre sem notar a ironia nas palavras de Ragnhild, êle respondeu: — Em todo caso seus pontos de vista devem ter sido extremamente originais.

— De maneira alguma. Sabe que em todos os sentidos sou conservadora. Simplesmente estava acostumada a crer que a chamada felicidade conjugal depende daquilo que nossos avós, com uma expressão um pouco grosseira, chamavam a harmonia dos corações, e que nós, em nossos dias, poderíamos chamar mais acertadamente a simpatia dos nervos.

— Simpatia dos nervos! Esta é com certeza uma excelente expressão moderna. Só gostaria de saber ao certo o que significa! Não poderia dar-me uma pequena explicação?

— Posso, sim... Mas acho que já lhe disse que me tornei filósofa. Por isso, se me exprimo talvez de forma menos clara, deve desculpar-me; é por causa da profundidade dos pensamentos! O que quero dizer...

Ela parou, apoiou o queixo no branco cabo de seu guarda-sol e olhou um momento para o alto, com ar malicioso e ao mesmo tempo meditativo.

— Isso! — exclamou depois e continuou a andar. — Quero dizer... Simpatia dos nervos entre duas pessoas significa que tudo o que essas duas pessoas vêem, vivem, ouvem, lêem, e assim por diante, causa em ambos a mesma impressão. Uma paisagem, por exemplo, ou um trecho de música devem causar-lhe a mesma disposição de espírito; não devem ter efeito animador em uma delas, e deixar a outra melancólica. Não me estou expressando claramente? Os múltiplos acontecimentos da vida, desde os mais insignificantes, como — digamos — quebrar um prato, até os maiores, fatais, tristes ou alegres, devem agir uniformemente sobre os sentimentos de ambas, devem pôr-lhes os nervos no mesmo grau e na mesma espécie de emoção. Em outras palavras: a condição para que entre duas pessoas possa formar-se o que os antigos chamavam a harmonia dos corações é, segundo meu antiquado modo de ver, que seus nervos tenham a mesma suscetibilidade, sejam igualmente sensíveis a certas impressões e refratários a outras. Não acha admirável minha lógica? Mas a espécie e o grau de nossos nervos — continuou ela, uma vez que Emanuel nada respondia — são o resultado de nossa educação, de nosso convívio, nossas ocupações, nossas leituras... E não só nossas, mas de nossos pais, nossos avós,

de todos os nossos antepassados em muitas gerações, não acha? O senhor agora vai compreender...

— Excelente! — Emanuel a interrompeu, erguendo a cabeça com um largo sorriso. — Compreendo agora que a condição básica para que uma pessoa se torne inteiramente feliz com outra é que a outra lhe seja igual em todos os pontos, quer dizer, que tenham tido a mesma educação, o mesmo convívio, e além disso preferivelmente o mesmo pai, a mesma mãe, os mesmos irmãos, os mesmos antepassados, em muitas gerações... Enfim, que a outra pessoa seja ela mesma! Sim, nisso tem razão, Srta. Toennesen! O amor próprio, o egoísmo, é sem dúvida —, segundo o modo moderno, "conservador", de encarar a vida —, o único amor duradouro e no qual se poderá confiar. Nisso também eu creio!

A Srta. Ragnhild encolheu zangada as sobrancelhas e calou-se.

— Mas, permita-me também filosofar um pouco — continuou Emanuel, com crescente vivacidade. — A senhorita de certo admitirá que a tarefa mais elevada do homem e, ao mesmo tempo, o seu maior prazer e mais profunda felicidade consistem em aperfeiçoar-se a si mesmo. Não tenho razão?

— Muito bem!

— Mas de que amizade — para não empregar uma palavra tão antiquada como amor — de que intimidade poderá esperar colhêr o mais rico proveito para seu desenvolvimento espiritual? Será da amizade de alguém que vê, sente, pensa e age exatamente como ele próprio? Não será justamente daquela cujos pontos de vista possam abrir novos horizontes, dos quais antes nem suspeitara? Que com uma vida íntima de pensamentos e sentimentos, com uma educação diametralmente oposta à sua, possa enriquecer seu saber, ampliar os limites para todos os lados e duplicar o mundo para si? Pois acho que sim, ou melhor, estou certo disso. Nisso tenho valiosa experiência!

— Mas o senhor está virando todo o assunto de cabeça para baixo — disse ela, num tom que, de súbito, se tornou indiferente. As últimas palavras de Emanuel a tinham feito empalidecer, e ela mudou o rumo da conversa.

Ao voltar para o interior da casa, Hansine seguiu-o com os olhos, vendo por cima da cerca como ele se afastava em

companhia das visitas, pelo atalho entre as altas searas. Viu-o andar ao lado de Ragnhild a falar com gestos vivos.

— Mãe! — disse Sigrid, que a segurava pela mão. — Mãe! — repetiu porque Hansine não a ouvira logo — por que papai foi embora? Nós não íamos de carro para a casa de vovó?

— Isso papai esqueceu, minha filha. Ficaremos em casa, hoje.

A colheita de centeio começara com chuva, e com chuva parecia querer terminar. Tôdas as manhãs o sol se erguia num céu claro, mas sua promessa de um dia lindo era falsa. Mal os camponeses saíam aos campos com suas carroças de colheita — e lá vinham pesadas nuvens, subindo volumosas do horizonte. Por todo o dia caíam tremendas bátegas de chuva e granizo do tamanho de ervilhas, enquanto se ouvia, quase ininterruptamente, o rolar do trovão ao longe.

Uma tarde Niels, o empregado do presbitério, estava deitado na cama, de costas, com a cabeça comodamente apoiada na mão. Já passara assim algumas horas fumando cachimbo e, como de costume, enchendo o quarto com densas nuvens de fumaça. Embora a hora da sesta já tivesse passado desde muito, êle nem pensava em deixar os lençóis. Estava inteiramente absorvido pela sua ocupação favorita: fazer castelos no ar, traçar planos fantásticos para o futuro. Via-se numa grande sala de altas paredes inteiramente forrada de prateleiras repletas de livros magníficos, como os que vira na sala de estudos do erudito pastor de Kyndloese, onde estivera certa vez para apanhar seu certificado de batismo. No centro da sala sua fantasia punha uma grande mesa quadrada, coberta com toalha verde e cheia de grossos volumes *in-folio*. As cortinas das janelas estavam descidas, uma lâmpada ardia sôbre a mesa, e à cabeceira estava êle mesmo, o "Deão Damgaard", sentado numa grande poltrona, vestindo um chambre e bonitas chinelas bordadas. Apoiava o rosto na mão e lia um livro grego muito antigo. Numa das estantes achavam-se suas próprias obras em encadernação de luxo: livros edificantes e coleções de prédicas, com bordas douradas, escritos eruditos juntamente com vigorosos e revolucionários dramas sociais, cheios de grandes visões proféticas e pensamentos arrojados.

Foi arrancado dessas deliciosas divagações por um bater de tamancos lá fora no quintal, seguido por um som alternadamente sibilante e baixo. Era Abelone que viera buscar água na bomba.

Niels ficou bem quieto e sorriu. Sentia-se tranqüilo na feliz convicção de, finalmente, haver-se livrado da tentação na qual a beleza madura de Abelone o fizera cair. Não lhe fôra nada fácil renunciar, vencer a cobiça, embora se tratasse de uma môça pobre que não possuía nada de seu. Mas, claramente reconhecera que, se cedesse à sua fraqueza, provavelmente nunca passaria de sua desprezível posição subalterna, seria sempre o "camarada Niels". Teria que ser livre e independente, ou arranjar melhor partido se é que queria mesmo atingir um dia sua grande meta: tornar o nome de Niels Damgaard famoso em todo o país. Mesmo assim encontrava obstáculos até demais. Se, por exemplo, êle não se chamasse Niels, mas Fritjof, ou Arne ou Bjoernstjerne, ou coisa semelhante, seu nome se gravaria bem melhor na memória do povo. Mas um nome como Niels...

De repente, teve um sobressalto. Novamente soaram passos lá fora, mas dessa vez eram passos firmes de alguém que andava de socos. Os passos de Emanuel...

Correu à janela e, espreitando através das cortinas brancas, viu seu patrão que vinha da portinhola de uma das empenas da casa de moradia. Sentiu as orelhas quentes. No meio do quintal, os arreios jogados provavam não ter êle ainda saído para o campo que devia arar. E Emanuel nos últimos tempos andava intratável, irritava-se à toa, tinha idéias esquisitas e enfurecia-se por qualquer coisa.

Sorriu, aliviado, pois, sem olhar para os lados, Emanuel desapareceu pela escada de frente. Com um bocejo que durou minutos, Niels esticou preguiçosamente seu corpo mole, passou com dificuldade as pernas por sôbre a beira da cama e ficou algum tempo sentado com a cabeça entre as mãos, extremamente satisfeito consigo mesmo. Esboçou um sorriso malicioso. Julgava perceber o motivo secreto dos modos mudados de seu patrão: estava despeitado; tinha ciúmes do seu sucesso, obtido com os últimos artigos na "Fôlha do Povo". O azedume do Pastor não era outra coisa. Mas Emanuel iria ver. Ele, em breve, teria outras novidades!

Quando Emanuel algum tempo depois entrou na sala, Hansine estava sentada na poltrona junto à lareira, com uma vasilha de barro no colo, debulhando ervilhas.

— Você vai sair? — perguntou ela, atirando um olhar descontente para sua roupa. Ele havia trocado os trajes de trabalho por seu paletó cinzento e amarrava ao pescoço o grande lenço que, fora de casa, usava em vez do plastrão.

— Sim, sou obrigado. Tenho de ir às casas do Brejo. Reina outra vez discórdia por lá. Os moradores recusam-se a vir trabalhar. E justamente agora no tempo da colheita isso não pode ficar assim!

Dispunha-se a sair pela porta, quando Hansine:

— Ah!, sim, é verdade... Rasmus Joergen veio aqui, pela manhã, quando você estava no campo. Disse que necessita, com urgência, receber de volta o carro de forragem de cevada que nos emprestou no último inverno. Não pode esperar mais.

Emanuel estava com a mão no fecho da porta, e seu rosto foi-se tornando cada vez mais vermelho.

— Um carro de forragem de cevada?

— Sim. Você havia prometido devolver a cevada na primavera — continuou ela. — Mas agora ele precisa recebê-la de volta, senão será obrigado a comprar fora.

— Mas palha de cevada nesta época do ano... Onde vou buscar cevada agora? Você não disse isso a ele?

— Eu disse que daria o recado.

— Você quer saber duma coisa, Hansine? — Rasmus Joergen, como o nosso Niels, tornou-se um hóspede muito assíduo nas reuniões de Maren Smeds, e quer-me parecer que ali se prepara em silêncio uma espécie de conspiração contra mim. Não sei bem porquê. Mas o espírito da discórdia penetrou na paróquia ultimamente. O tecelão também está entre os amigos de Maren Smeds. Ele tem-se afastado completamente de nós de uns tempos para cá. Tenho um mau pressentimento. Isso não vai acabar bem. Creio que vamos ter inquietação na comunidade. Que Deus nos proteja!

Muito tempo depois de Emanuel haver saído reinava ainda completo silêncio na sala. Ao lado de Hansine dormia a

pequena Dagny, em seu berço de madeira pintado de flôres, e embaixo da janela Sigrid, sentada num tamborete, ocupava-se em costurar pontos coloridos num pedaço de pano. Na verdade estava no canto, de castigo, por mais uma vez ter vindo com a roupa suja do tanque público, aonde fôra brincar, e, quando repreendida, respondera com um nome feio, que afirmava ter aprendido dos meninos do carpinteiro. Fôra o próprio Emanuel que mandara pô-la de castigo, prendê-la em casa tôda a tarde. Dissera ainda a Hansine que seria bom futuramente andar de olho na menina, vigiando-a para saber com quem andava brincando.

A criança pôs de repente a costura no colo, inclinou a cabeça e ficou a olhar para o teto em profunda meditação. Depois de algum tempo ergueu-se e foi para junto da mãe.

— Mãe — disse ela baixinho —, você se lembra daquela senhora fina que estêve aqui aquêle dia... Aquela que brincou comigo no jardim?

— Lembro-me sim, minha filha. Você também fala tantas vêzes nela...

— Mas se lembra, mãe? ela disse que se eu fôsse para Cop'ague, ganharia a grande boneca... Ela disse. Eu podia ficar sempre com ela. E também com o quarto de bonecas.

— Isso ela com certeza não disse. Acho que você está contando outra vez alguma coisa que não é verdade. Sigrid — fêz Hansine, olhando-a severamente.

A criança corou e pôs os olhos no chão.

— Mas pensando bem... Pode ser que não seja nada mal você ficar um pouco longe daqui... — Só assim você não aprenderá tanta coisa feia e se acostumará a cuidar mais de sua roupa.

A essas palavras da mãe, que lhe recordaram seu castigo, Sigrid ficou ainda mais vermelha e voltou, envergonhada, para o tamborete.

Voltou o silêncio à sala. Ouvia-se o zumbir das môscas que batiam contra as vidraças, e o ruído da vassoura de Abellone, na cozinha.

— Mãe — começou de novo, Sigrid, baixinho —, se eu nunca mais sujar meu vestido, e nunca mais disser nomes feios, posso ir para Cop'ague?

Hansine não pôde deixar de sorrir.

— Então você gostaria tanto assim de ir morar com a senhora em Copenhague?

— Ah!, sim, gostaria muito. Ela é tão bonita! Não acha, mãe?

— Acho, sim...

— Mãe... se eu nunca mais sujar meu vestido, também posso ser uma senhora assim bonita, quando eu fôr grande? Hein, mãe?

Hansine não respondeu logo.

— Sim, sim... Pode, por que não? — disse ela finalmente, pensativa.

3

No anseio de solidão que ultimamente cada vez mais o invadia, Emanuel, para chegar às casas do Brejo, trocara o caminho da paróquia por um atalho, ao longo das divisas entre os campos. Esse lugar afastado, onde moravam os indigentes da região, era um ninho de desordens e uma fonte de contínuas inquietações, cuidados e aborrecimentos. A despeito de tudo o que fizera, em parte pessoalmente, em parte com o auxílio da comunidade, para remediar a miséria ali reinante e elevar o nível moral e material dos moradores, tudo tinha ficado na mesma. Após sete anos de incansáveis esforços e sacrifícios, nenhum daqueles infelizes habitantes dos casebres de barro em ruínas revelara o menor sinal de dignidade humana. Pelo contrário, parecia haver agora ainda mais queixas do que antes contra as rapinagens noturnas da população do brejo, contra seus assaltos aos silos de batatas e aos coradouros; em geral, nem palavras amáveis nem dinheiro podiam induzi-los a trabalhar.

Devagar e tão mergulhado em seus pensamentos ia Emanuel que quase teve um sobressalto ao ver um homem aparecer no atalho, à sua frente. Sua inquietação não diminuiu quando na figura curvada e de pernas muito compridas reconheceu o tecelão Hansen.

Sempre suspeitara do tecelão, cujos modos desconfiados, arredios e taciturnos eram tão diversos dos seus, de seu caráter sincero e franco. Principalmente nos últimos tempos sentia-se inseguro em sua presença. Desconfiava, de um modo vago, que êsse homem o queria eliminar, mas não podia compreender bem qual era sua intenção.

Cumprimentaram-se mudos com um apêrto de mão, e ficaram parados.

— Então, que há de nôvo? — perguntou Emanuel, para finalmente dizer alguma coisa.

— Ah uma ou outra coisa sempre acontece! — respondeu o tecelão, com as grandes mãos vermelhas enfiadas entre as mangas do paletó, enquanto olhava os campos. — Mas infelizmente nem sempre acontecem coisas boas!

Pelo tom de sua voz Emanuel percebeu que trazia más notícias.

— Eu posso muito bem fazer-lhe companhia por um pedaço do caminho, se você quiser — continuou o tecelão. — Hoje não tenho muita pressa.

Andaram um pouco em silêncio.

— Não esperava encontrá-lo tão longe de sua casa, Emanuel. Vi outro dia o carro do doutor de Kyndloese em direção a Vejlbj... Não sei de nenhum doente por lá... Hum...

Emanuel não respondeu. Não era a primeira vez que ouvia debiques dos amigos por causa de sua visita ao Dr. Hassing.

— Êsse tal de Hassing deve ser, de um jeito ou de outro, um homem bem ativo, e um homem capaz, pelo que se vê... — continuou o tecelão no tom mais inocente de que era capaz.

— É, sim — respondeu distraidamente.

— Pois é. Não se pode compreender que êle seja tão intransigente em suas idéias políticas, não é mesmo? Isso afinal de contas é bem estranho...

— Não creio que o Dr. Hassing se mêta em política.

— Não. Isso é também minha opinião, era o que eu queria dizer. O povo diz que êle só vive para gozar os prazeres do mundo. Já ouvi falar como são as coisas lá na casa dêle. Dizem por aí que é só luxo e divertimentos, mas coisas picantes

mesmo, sabe como é... Dizem também que por lá se usa uma linguagem muito sôlta, leviana...

Emanuel não lhe deu mais atenção. Seus pensamentos voltavam à irremediável penúria das casas do Brejo, que esquecera por um momento. Ia pensando no homem a seu lado, que tinha efetivamente saído do lódo, da mais degradante miséria. O tecelão nascera nas casas do Brejo. Seu pai fôra tratador de porcos na quinta senhorial de Tryggerloese, na paróquia de Vesterby, e êle mesmo, em criança, tomara conta das ovelhas da quinta. Era verdade que emudecia quando por acaso aludiam à sua mocidade; contudo, afirmava-se com absoluta certeza que uma vez, quando ainda menino, presenciara uma tremenda surra de pau que o senhor da quinta dera em seu pai, e que êsse acontecimento de sua infância lhe ficara gravado profundamente na memória, marcando-o, por assim dizer, para tôda a vida.

Ocorreu súbitamente a Emanuel a lembrança dolorosa de que afinal fôra um ato de violência, e não uma boa ação, de amor ao próximo, que dera a êsse filho da miséria a força para elevar-se moralmente.

Foi arrancado dessas reflexões pelo tecelão, que parou e disse:

— É verdade... Você decerto já sabe que êle finalmente confessou?

— Confessou o quê? E de quem você está falando? — perguntou Emanuel, aturdido.

— Do presidente do conselho, naturalmente. Pois em quem mais estava você pensando?

— Que confessou êle? Não estou entendendo nada.

— Confessou a vida obscena que tem levado, em mancebia. Nós já há muito o desconfiávamos. Mas era difícil acreditar que um homem como êle, na posição de chefe político de uma comunidade cristã, pudesse esquecer-se assim do que diz a escritura sôbre os fornicadores e os impuros. Alguns dos nossos foram ontem à sua casa, para persuadi-lo a pôr um termo nos boatos que andavam por aí a seu respeito. Êle confessou então que desde a morte da espôsa tem vivido maritalmente com a grande Sidse.

— Não é possível o que você está dizendo! — exclamou empalidecendo e apoiando-se no cajado. Sentiu como se a terra lhe faltasse aos pés.

— Você diz bem, não é mesmo possível! É uma ocorrência que nos dá muito o que pensar. Eu acho que o melhor seria reunir o conselho distrital imediatamente, para discutirmos o caso. Justamente hoje à noite eu pensava em dar um pulo à sua casa, para falarmos sobre isso. Devemos é não perder tempo e tratar de lavar essa mancha de nossa comunidade o quanto antes!

Emanuel, que julgava perceber na voz do tecelão uma oculta satisfação diabólica ante a perspectiva da queda do presidente, não pôde deixar de comentar:

— Admira-me que justamente você, Jeos Hansen, esteja tão empenhado nisso; pois antes de tudo é a você, aos seus esforços, que Hans Jensen deve a sua posição aqui no distrito. Você sabe muito bem que naquele tempo muitos de nós tínhamos lá as nossas dúvidas nessa história... O passado do presidente estava longe de ser impecável. Quem sempre insistia para que não nos incomodássemos com isso, era você, dizendo que Jensen era o verdadeiro homem para o cargo, era o homem de que precisávamos. Nós acabamos concordando. Se houve erro, pode-se quase dizer que o maior culpado é você mesmo!

— Está certo, não o nego, eu estimei Hans Jensen — respondeu o tecelão, com um largo sorriso. — E ainda hoje sou de opinião que para a política que devíamos seguir naquele tempo era ele de fato a pessoa indicada. Para atolar com a carroça no fundo da vala, todos os carroceiros servem... Mas agora me parece que está em tempo de vermos como é que saímos da vala e pegamos a boa estrada.

— Olhe, quer saber de uma coisa? Nesse assunto faça o que achar mais acertado — disse Emanuel, parando e dando-lhe a mão para se despedir. Queria ver-se livre daquele homem. Sentia necessidade de estar só, de refletir, para libertar-se da impressão aniquiladora que a revelação de Hansen lhe causara. Seu pressentimento de uma tempestade próxima estava pois sendo confirmada. Os tempos ruins batiam à porta! Restava agora ver se a obra que ele, glorificando a Deus, edificara na comunidade, resistiria à prova —, ou ruiria como um monte de escombros...

Mas não! Não queria alimentar dúvidas. Quando o Senhor fazia rugir a borrasca, não era para destruir, era para purificar.

Deus ama aquêle a quem castiga!

A notícia do tecelão o abalara de tal maneira e lhe dera tanto em que meditar, que naquele dia teve de desistir da visita às casas do Brejo. Sòmente no dia seguinte chegou a ir até lá.

Mas foi com o espírito perturbado e o coração oprimido que caminhou pelos campos. O boato da confissão do presidente do conselho tinha-se alastrado depressa por tãda a paróquia e causara extraordinária agitação. Aquêles que desde o início estavam a par de tudo portavam-se como os mais escandalizados, mormente os moradores de Skibberup. O tecelão tinha trabalhado bem, preparando os ânimos, antes de deixar explodir a mina. A campanha política havia unido durante algum tempo Skibberup e Vejlbj; mas seu infeliz desfecho ateara de nôvo, e até com mais violência, a velha inimizade. Os briguentos habitantes de Skibberup tinham começado novamente com a discórdia, afirmando que o povo de Vejlbj se tinha arrogado direitos em demasia e adquirido assim influência excessiva na comunidade. Os de Skibberup queriam aproveitar o ensejo para usurpar ao presidente sua poderosa posição. O conselho distrital ia reunir-se no dia seguinte, e o tecelão já prometera, para a reunião, "novas revelações".

Quando Emanuel chegou às chamadas "Colinas da Rapôsa" — uma aglomeração de outeiros semelhantes a verrugas, de onde o terreno caía, em declives, para o pântano —, ficou parado, com as mãos e o cajado nas costas, e aprofundou-se em cismas. Contemplava, além do brejo, o panorama da freguesia de Kyndby com seus prados verdes cortados por um largo ribeirão que brilhava ao sol como um espelho, com muitos moinhos e choupanas disseminados pelo campo. Teve um momento de tranqüilidade e afugentou os pensamentos atribulados ao contemplar a paisagem amiga, que, mesmo sob o céu escuro da tarde, nublado e pejado de chuva, oferecia-lhe aos olhos um doce quadro de paz e serena felicidade. Via Kyndloese e o caminho serpeante pelo qual naquela noite memorável andara ao lado de Ragnhild, e sentia o coração bater ao descobrir também o telhado da vila do Dr. Hassing, que jazia aristocraticamente cercada pelo grande jardim.

Admirava-se de não haver mais encontrado, uma única vez sequer, a Srta. Toennesen, que certamente ainda deveria estar

por ali. Sabia que fôra vista no carro do médico quando aquêlê fazia visitas aos doentes, e de maneira a'guma procurara evitá-la. Embora não tivesse plena consciência disso, o que contribuíra em parte para suas idas às casas do Brejo, tanto naquele dia como no anterior, era a circunstância de ter de passar pela estrada de Kyndloese, ao descrever uma curva pelas "Colinas da Rapôsa".

Ao longe, por sôbre a indistinta e escura orla da mata, o céu se tornava claro e azul. Montanhas de nuvens brancas batidas de sol elevavam-se aqui e ali acima do horizonte e tornavam a se desmoronar lentamente. No anseio de livrar-se de tudo o que o oprimia, êle deixou-se arrebatado pela visão do maravilhoso cenário, e ficou durante longo tempo perdido em sonhos indefinidos. Era como se à sua frente um reino aéreo de belezas sem par se alteasse, ofuscante, das trevas, para logo em seguida se desvanecer. Via as fantásticas formações a lhe acenar e novamente desaparecer... Ouvia, como em sonho, vozes longínquas que o chamavam e depois morriam lentamente. Por que preocupar-se, por que viver triste? — pareciam murmurar as vozes. — Por que arrastar, fatigado, os fardos de outrem? Atirai para longe o bastão de peregrino e vinde para cá onde, acima das nuvens, mora a alegria, e os lamentos se refugiam nos recessos dos vales sombrios. Vinde para cá onde a vida é festiva ventura, é a melodia das fontes marulhantes, é um alegre bailar nos prados sempre verdes...

Despertou num sobressalto. Tão passageiros tinham sido seus sonhos que se desvaneceram no momento em que acordava para a realidade. Apenas lhe ficara uma vaga sensação de que o pêso que o oprimia tinha aumentado. Desceu a passos lentos em direção às casas do Brejo.

Jaziam lá embaixo, nos dois lados dum córrego meio sêco, um amontoado de míseros casebres de barro que, meio caídos, se apoiavam uns nos outros e, assim unidos, pareciam matutar sôbre o seu triste fado. O terreno à sua frente era um vasto monturo de palha podre e cacos de louça de barro: não havia uma choupana com vidraças inteiras ou sem grandes buracos nos telhados de palha.

Emanuel dirigiu-se a uma das primeiras casas, um cochicho abaulado, semelhante a um forno primitivo, com duas minúsculas janelas que, sob as goteiras do telhado pendente, o fixavam como dois olhos maus, diante da porta de entrada viu

um ancião alto e curvado que, com um machado, picava gravetos secos catados na mata.

Quando se aproximou, um cachorrinho roliço como uma linguiça saiu ao seu encontro, irritado, tomando-lhe sempre a dianteira e mostrando os dentes com um latido rouco e enervante. Emanuel, que nunca batia num animal, ficou muito tempo sem poder sair do lugar.

Embora o velho junto ao cepo de cortar lenha o tivesse visto e fôsse impossível ter deixado de notar o cachorrinho, não o chamou nem se deixou de maneira alguma importunar em seu trabalho.

— Esse cachorro é seu, Ole Soeren? — gritou por fim Emanuel, um tanto nervoso.

— Não... — resmungou o velho impassivelmente, sem erguer os olhos do que estava fazendo. — Eu mesmo já sou um cachorro...

Uma mulher em avançado estado de gravidez apareceu na porta do casebre. Mas, assim que o viu, apressou-se em sumir para o interior da casa. De repente, houve rebuliço lá dentro; ouviam-se cochichos abafados e o ruído de utensílios domésticos. Ao mesmo tempo, viam-se figuras atarantadas nas portas das outras cabanas, e cabeças despenteadas espiavam por detrás das frestas.

Conseguindo finalmente livrar-se do animal furioso, espantando-o com o cajado, entrou na cabana.

Já no quartinho da frente, onde tinha que se curvar todo para não bater com a cabeça no teto coberto de teias de aranha, sentiu forte cheiro de bebidas alcoólicas, misturado com o mau odor da palha mofada nas camas, de suor e emanações humanas. Bateu à porta e entrou num quarto semi-escuro, onde havia uma mesa de dobrar, um banco feito de caixotes velhos e algumas cadeiras côm de zarcão.

A casa em que entrara era de Svend Cerveja e Per Cachaça.

Apesar de o primeiro ser casado e ter muitos filhos, e o outro, solteiro, os dois inseparáveis amigos viviam ali há muitos anos, no mesmo quarto e à mesma mesa; sim — segundo uma versão corrente —, a sociedade entre os dois ia muito além e tinham deixado marcas nítidas em alguns dos filhos do casal...

A figura pequena de Svend Cerveja, calvo, com os membros grossos e um carço do tamanho dum punho sôbre um ôlho, ergueu-se do banco com dificuldade, quando êle entrou. Com

a cabeça inclinada para um lado, e com o braço direito comprimido rijamente contra o peito, foi capengando ao seu encontro e deu-lhe as boas-vindas. Ao mesmo tempo a mulher, esgueirando-se por trás de Emanuel, saiu, escondendo um bule de café sob o avental.

— Que bendita surpresa — disse Svend e estendeu a mão esquerda. — Não esperávamos que o Sr. Pastor viesse visitar-nos hoje. Mas vem a calhar. Precisamos todos de umas boas palavras de consôlo, nesses tempos em que Deus Nosso Senhor nos castiga com doenças de tôda a espécie...

Foi interrompido por Emanuel que, atordoado pelo mau cheiro do quarto, se sentara numa das cadeiras vermelhas.

— Precisamos ter uma conversa muito séria! Que negócio é êsse, com você e Per? Dizem que vocês se recusaram a aceitar trabalho!

Svend Cerveja retomou seu lugar no banco e fêz uma cara de pedir misericórdia.

— Tão certo como estou aqui sentado, mísero pecador perante Deus, não há ninguém no mundo com mais vontade de labutar, de se matar no trabalho! — fungou êle, enquanto com a mão esquerda acariciava, cheio de cuidado, o antebraço direito, que sempre apertava ao corpo como se o tivesse numa tipóia invisível. — Mas o que pode fazer um pobre inválido, quando o reumatismo o pega... Passei a noite gritando e gemendo. O senhor... você, quero dizer, você pode crer, é uma desgraça para um pobre homem que tem mulher e filhos para dar de comer...

— Qual o quê; tão mal assim você não pode estar, Svend! — interrompeu Emanuel, olhando-o com firmeza. — Outro dia, numa briga no botequim de Vejlbj, você estava bem valente... Contam-me sempre tudo, não se incomode... Per também se meteu na briga. Onde está êle?

O olhar indiferente de Svend deslizou para a cama na alcova junto a uma parede. Ali estava Per Cachaça dormindo, deitado de costas na palha. Não se via outra coisa além de seu cabelo todo grudado e o rosto pálido, no qual o nariz azul-escuro, brilhante e gretado, parecia uma ameixa a ponto de cair de madura.

— Que é isso? — perguntou Emanuel, a quem a sujeira, o mau cheiro e a penumbra do quarto se tornavam cada vez mais insuportáveis. — Será que Per também está doente?

— Sim. Está passando mal da cabeça. E com a friagem, coitado! Quando menos espera, lá vem a tremedeira. Está muito bom, sossegado, mas de repente os dentes começam a bater; treme então e sacoleja toda a carcaça... É duro de se ver!

Mas Emanuel não se deixava mais lograr assim facilmente. Nos últimos tempos sua cautela era tal que beirava a desconfiança, e viu logo que não era um doente de febre, mas um homem completamente bêbado que ali estava entre as cobertas, tentando em vão vencer o sono e descerrar as pálpebras.

Ergueu-se agitadíssimo e disse com voz trêmula de indignação:

— Querem saber o que mais? Tomem cuidado, vocês dois! Também nossa paciência tem um limite, e se vocês continuarem a abusar de nossa boa vontade, como têm feito ultimamente, estará tudo acabado. A beneficência pública que tome conta de vocês! Está entendendo, Svend?

A expressão indolente no rosto dêsse desapareceu de repente; o grande carço da testa abaixou-se mais sobre o olho, e a sua boca grossa alargou-se num sorriso cheio de perversidade:

— Vocês não vão fazer nada... — disse, atrevido, continuando pela força do hábito a esfregar o braço. — Vocês sabem muito bem que precisam de nós, dos pobres, ah!, ah!

— Que quer você dizer com isso? Que conversa é essa?

— Que eu quero dizer? Ora, não sou nenhum idiota que não saiba o que acontece com a gente que vai parar na beneficência pública. Perdem seu direito de voto, ouvi dizer... Eu sei que é isso mesmo...

— E então? Que significa tudo isso?

— Eu sei é que nosso voto serve muito bem para vocês... Para votar somos bons! Então, se não fôsse isso, ficavam fazendo tanta festa com a gente? Ora! Vocês sabem que, em dia de eleição, tanto vale o pobre como o barão! Aí vocês calcularam direitinho!

Emanuel ficou estarrecido, perplexo.

Assim era, pois, que essa gente interpretava a grande obra beneficente da comunidade! Com gente assim desperdiçara sua caridade; para êsses monstros sacrificara seu próprio bem-estar, chegando mesmo quase a passar necessidade!

Tornara-se pálido como um cadáver. Teve ímpetos de fugir, de ir para longe daquele lugar abjeto. Não quis ver mais nada

e, incapaz de dominar-se por mais tempo, apanhou o chapéu e saiu.

Mas não tinha ainda chegado longe da casa quando se deteve. Com um profundo suspiro passou a mão na fronte que ardia e martelava.

— Não julgueis, para não serdes julgados! — murmurou. Nunca deveria ter esquecido essas palavras do Senhor, pensou, censurando-se a si mesmo. Novamente não agira como competia a alguém que pretendia trilhar humildemente pela senda de Jesus! Em que estado de alma vivia ultimamente!

Assustou-se ao ver no caminho, vindo em sua direção, um carro puxado por dois cavalos ruanos, guiados por um cocheiro de libré. Era o trole do Dr. Hassing. O sangue lhe subiu às faces. Pareceu-lhe ver a cabeça loura de Ragnhild atrás das costas do cocheiro.

Quando o carro se aproximou, viu que se enganara. No largo banco não havia ninguém além do doutor, que estava envolto na capa de borracha e fumava charuto.

— Bom-dia, Sr. Pastor! — disse Hassing, quando o carro parou, estendendo-lhe a mão enluvada. — Como vai? O senhor deve estar enfiado até às orelhas na colheita de centeio, posso imaginar. Espero que saiba nadar... Têm-se mesmo os pés úmidos nesta época!

— É... A colheita está difícil — respondeu Emanuel distraidamente. — O doutor vem de algum doente?

— Venho, sim. Lá na sua vizinhança houve uma perna quebrada, mas não é nada de grave. E, sim, antes que me esqueça: tenho lembranças a lhe dar, Sr. Pastor, da Srta. Toennesen. Ela viajou há uma semana.

— Então a Srta. Toennesen já foi! — perguntar com extrema vivacidade.

— De fato, ela tinha prometido ficar aqui mais tempo. Mas acho que sentiu saudades dos ares da cidade. Pelo menos teve, de repente, muita pressa em voltar. O senhor sabe, isso de campo não é com ela. E, a propósito, sabe que ganhou um pro-sélito lá em casa? A sobrinha de minha espôsa; ainda deve estar lembrado dela. Voltou entusiasmada com a visita que lhe fez. O senhor talvez a tenha visto numa de suas igrejas, nos últimos domingos.

— Sim... isso é que é estranho... disse Emanuel, sem prestar atenção às suas palavras, só para dizer alguma coisa.

— Bem, vou indo... Passe bem, Sr. Pastor! E felicidades na colheita!

O doutor fez um sinal ao cocheiro, e o carro partiu.

Quando Hassing chegou a casa, contou à mulher que tinha encontrado Emanuel, e que a notícia da partida de Ragnhild parecia ter-lhe causado certa impressão.

— Tomara que não tenhamos cometido uma leviandade ao fazer êsses dois se encontrarem de novo — disse a Sra. Hassing. — Isso já me deu muito que pensar. Ragnhild andava tão esquisita nos últimos tempos, tão excitada... Depois, essa partida repentina...

Quis dizer mais alguma coisa, mas nesse momento Gerda atravessou a sala, para ir ao jardim. A mocinha estava vestida de preto, uma grande cruz de antracite no peito, e na mão um livro de capa preta.

— Espero não tenhamos de nos arrepender por causa dela — disse o Dr. Hassing com ar preocupado, quando Gerda saiu da sala. — Ela herdou essa predisposição para excentricidade. Sabe que incumbiu o carroceiro Soeren de lhe arranjar um retrato de Emanuel?

— Ah!, isso passa logo — opinou a Sra. Hassing. — Nessa idade um dia se quer ser freira e no outro, artista de circo... Eu também era assim!

— Você também é sua tia, Ludovica!

Emanuel seguia vagarosamente em direção a casa. As nuvens acima de sua cabeça tinham-se concentrado, e começava a chover.

Quando, da sala da frente, ouviu, vindas do quarto, as vozes de Hansine e das crianças, ficou um momento indeciso, parado em frente à porta. Depois virou-se e foi ao seu quarto meio vazio, do outro lado do corredor.

Ali ficou longo tempo, olhando para o jardim já envolto nas sombras do crepúsculo.

Não podia mais enganar-se com relação ao próprio estado de alma. A sensação de um grande vácuo que a notícia da partida de Ragnhild havia deixado mostrava-lhe bem claramente o quanto a presença dela lhe tinha ocupado o pensamento. Não queria admitir que ela, como mulher, tivesse qualquer poder sobre ele. Nesse sentido não alimentava quaisquer preocupações. Era a atmosfera que a cercava, o círculo mágico, para o qual ela o traía, que o deixara aturdido. Bom Deus, como seria possível semelhante fraqueza?

Não sabia quanto tempo assim estivera, olhando fixamente para a escuridão cada vez mais densa do jardim, quando Mansine abriu a porta do corredor:

— Aí está você... disse, após havê-lo contemplado em silêncio durante um instante.

Ele teve um estremecimento nervoso. Nem a ouvira chegar.

— Hein? o que... Ah! é você! — fez todo confuso.

Ela ficou ainda um instante sem responder.

— Soeren me disse que você tinha voltado. Nós o procuramos por toda parte. Por que não vem jantar?

Emanuel tentou vê-la através da semi-escuridão do quarto. Percebera que a voz dela, em geral tão firme, falhava e tremia.

— Eu já vou... murmurou. — Estava pensando...

Ela ficou parada, a mão no trinco da porta, parecendo esperar que ele dissesse mais alguma coisa. Depois foi saindo do quarto, a passos lentos.

Já no corredor, disse sem se voltar:

— Encontrou com o doutor? Parece que ele esteve aqui na cidade hoje à tarde.

— O doutor? Vi, sim... Mas quem foi que o disse a você?

— Ninguém, eu é que o imaginei — disse ela, fechando devagar a porta atrás de si.

Emanuel ficou parado junto à janela, olhando para a porta fechada. Depois sacudiu a cabeça, e seus lábios começaram a tremer. Pobre Hansine! Bem que julgara notar nos últimos tempos uma transformação em seus modos. Ela procurara obter suas confidências e ao mesmo tempo evitara suas tentativas de aproximação. Agora compreendia tudo!

Seu coração sangrava pensando no quanto ela em silêncio deveria ter sofrido, ultimamente. Boa Hansine! Muda e paciente, acompanhara a luta íntima em que ele, nas últimas semanas, estivera empenhado. Era a luta derradeira, decisiva, contra a maldita herança que lhe estava no sangue, era a prova final antes de sua completa libertação!

Mas haveria de vencer!

Na manhã seguinte, um morador de Skibberup, regressando de Sanding, trouxe a alarmante notícia de que o velho diretor da escola superior, há bastante tempo enfêrmo, achava-se em estado grave e não poderia viver muito. De fato, poucas horas mais tarde veio um mensageiro comunicar sua morte.

Com êsse homem desaparecera um dos paladinos da luta pela libertação espiritual da classe camponesa da Dinamarca, o verdadeiro fundador do movimento popular naquela parte do país. Durante mais de trinta anos, as pessoas esclarecidas da região olharam para êsse homem como para um pai. Embora muitas vêzes não concordasse com a tendência da nova geração, de se dedicar mais à política do que àquilo que para êle era o mais importante na vida — "o esclarecimento e a glorificação do espírito" — isso nunca chegara a projetar a mínima sombra nas relações entre si e os muitos amigos. Quanto mais envelhecia, quanto mais a longa barba e os cachos da nuca iam-lhe ficando prateados, tanto mais inviolável, honrado e respeitado se tornava. Os moços o escutavam atentos, como se ouvissem uma lenda antiga, quando êle falava dos primeiros dias amargos da causa popular, em que os seus defensores eram considerados agitadores que pervertiam a mocidade, que mereciam a fogueira inquisitorial. Para os jovens soava como a história de um sacro martírio o que o velho, com seus modos meio brejeiros, contava do tempo em que peregrinava como um apóstolo de cidade a cidade, tendo que fazer suas conferências em depósitos de turfa e quartos de operários, perseguido como um ladrão pelos padres e professores, apupado e insultado pelos próprios camponeses, que muitas vêzes tinham atirado seus cachorros atrás dêle, para o tocarem da cidade.

A consternação causada pela notícia de seu falecimento não foi por isso a mesma que se sente quando morre um amigo qual-

quer. Era a grande e solene tristeza que se apodera de todo um povo ante uma desgraça comum. A própria exaltação dos moradores de Skibberup por causa do presidente do conselho distrital abrandou-se por alguns dias, e a anunciada reunião foi transferida para depois do entêrro. Todos sentiam que haviam perdido seu chefe e guia. Por tôda parte, só se falava no velho diretor. Seu retrato era tirado das cômodas para se contemplarem os seus traços queridos. Lendas que êle contara eram repetidas; suas antigas cartas, pedacinhos de papel rabiscados às pressas, cheios de exclamações de entusiasmo e cálidos protestos de amizade, eram lidas novamente; à noite, na soleira das portas, cantavam-se suas canções preferidas.

Também no presbitério de Vejlbj a notícia causara profunda impressão, não deixando que Emanuel encontrasse a desejada oportunidade para as palavras de justificativa e consôlo que pretendia dizer a Hansine, tanto mais que outra ocorrência viera justamente aumentar a inquietação reinante! Numa manhã indo para a cocheira uma hora mais tarde do que de costume, encontrara Niels ainda na cama. Dando livre curso à sua raiva, há tanto tempo contida, descarregou-a no empregado com uma severa reprimenda. Resultou daí uma discussão entre ambos durante a qual, num momento de irritação, ordenou ao empregado que apanhasse suas coisas e deixasse imediatamente o presbitério. Niels o tomou logo ao pé da letra. Já no dia seguinte, quando quis contratar nôvo empregado, notou Emanuel que a ocorrência despertara na população profunda animosidade contra si. Algumas histórias malévolas, que Niels espalhara acêrca de sua demissão, foram acreditadas sem mais nem menos. Os moradores de Skibberup diziam uns aos outros que haviam até imaginado não ser o pastor tão perfeito como gostava de fazer crer. Debalde procurou obter auxílio junto a vários trabalhadores desocupados pelo menos durante a colheita. Alguns lhe diziam sem rodeios que não; outros faziam alusões bem pouco disfarçadas à sua negligência como pagador, chegando, mesmo, a exigir pagamento adiantado. Seus vizinhos e mais alguns dos moradores da região se ofereceram para lhe dar uma mão de longe em longe, mas, na geral azáfama da colheita, na maioria dos casos mandavam uma desculpa em vez da esperada ajuda.

Indignado com tudo isso, Emanuel acabou cometendo a leviandade de se dirigir ao presidente do conselho distrital, já mar-

cado pelos habitantes; êste, com sua habitual liberdade, logo pôs todos os seus homens à sua disposição, e ainda no mesmo dia o centeio do presbitério, que começava a germinar, foi cortado e recolhido.

Mas com isso a guerra estava definitivamente declarada.

2

Acompanhado por um cortejo como nunca se vira no lugar, de mais de duas mil pessoas entre as quais meia centena de sacerdotes com seus hábitos, o velho diretor da escola superior foi levado à última morada, no pitoresco cemitério de Sandinge. Em tôdas as aldeias, em muitas milhas ao redor, as bandeiras estavam hasteadas a meio pau, e desde a manhã o fiorde fôra cruzado por barcos de vela e a remo cheios de pessoas enlutadas que traziam coroas de flôres.

Era um dia nublado que instintivamente predispunha à tristeza. Apesar dos muitos discursos solenes que se pronunciaram — onze ao todo —, primeiro na sala de conferências da escola, tôda enfeitada, onde o corpo fôra exposto, depois na igreja, e por último junto à sepultura, os ânimos continuavam oprimidos. Ainda cantavam com entusiasmo as antigas canções, cheias de alegria e esperança, mas não era difícil perceber nas vozes o efeito da adversidade que nos últimos tempos atingira a sociedade de amigos.

Após a inumação, todos almoçaram, em torno das cestas de comida que haviam levado e, como o edifício escolar não podia conter tanta gente, a multidão, apesar do contínuo chuvisqueiro, dispersara-se pelo jardim e cercados adjacentes, procurando abrigar-se sob as árvores e os guarda-chuvas abertos. Ali, viam-se reunidos amigos do povo de tôdas as categorias, desde algumas figuras preeminentes do liberalismo de Copenhague — um advogado, de óculos dourados, e um atacadista de açúcar de lunetas —, até humildes camaradas do campo, que tinham feito jornadas de muitas milhas, interrompendo a colheita e sacrificando o salário do dia para seguirem seu fiel ami-

go e protetor à última morada. Viam-se professores das escolas, seminaristas e diretores de escolas superiores, tanto os velhos veteranos da causa, com longas barbas e grandes chapéus de peregrinos, como os da nova geração, modernos, com ares mundanos e trajes elegantes. Também um jovem pastor que andava de braço dado com a noiva, sob o mesmo guarda-chuva, olhando com ternura um para o outro. Mais adiante alguns composeses do Parlamento reunidos embaixo duma árvore conversavam à meia voz, como faziam na Câmara, nos nichos das janelas. De tôdas as partes do país tinham vindo emissários, trazendo coroas e lembranças de amigos longínquos. Até um famoso poeta popular norueguês, propugnador da causa camponesa, que na ocasião fazia uma "tournée" de conferências pela Dinamarca, compareceu, para alegria geral, causando a maior sensação com sua personalidade imponente e voz vigorosa. Por tôda parte onde aparecia, formava-se em tórno uma roda de ouvintes atentos; sobretudo Niels e outros rapazes o seguiam com insistência, disputando cada um o privilégio de ser o escolhido em cujo ombro êle poria a mão quando falasse.

Emanuel só apareceu tarde. Pela manhã, quando êle e Hansine se dispunham a atravessar o fiorde, um mensageiro mandado às pressas por Aggerboelle viera pedir-lhe administrasse os sacramentos à sua mulher, que estava à morte. Hansine tivera então de ir sòzinha, e as exéquias já haviam terminado, quando Emanuel chegou tendo, como as demais pessoas, se refugiado da chuva sob os largos alpendres do edifício escolar. Foi, então, abordado por um jovem estudante com típica pronúncia da Jutlândia — carregando nos erres —, que se apresentou como Soeren Soerensen e disse:

— Se não me engano, o senhor é Emanuel Hansted, não é? Ótimo! Nós o procuramos por tôda parte, pois sabíamos que devia estar por aqui. Venha ver Lene Gylling! Ela perguntou o tempo todo pelo senhor; gostaria tanto de conhecê-lo!

Meio contra a vontade, deixou-se levar pela escada acima. Não sentia disposição alguma para falar com estranhos, muito menos com gente de Copenhague. Mas o acalorado estudante não dava ouvido às suas objeções, carregando-o em triunfo para a sala de conferências, repleta, onde reinava um forte cheiro de cipreste aliado a um profuso burburinho de vozes humanas.

A Sra. Gylling, viúva, rica, mantinha na capital uma espécie de côrte popular. Êle já ouvira em muitas ocasiões men-

cionar seu nome como um dos esteios do movimento popular, mas era a primeira vez que a via. Quando entrou, encontrou-a sentada numa poltrona de vime, em colóquio com um pastor pequeno e rotundo, de hábito e solidéu de veludo, cercada por outros, que a escutavam atentamente.

Vendo Emanuel, ergueu-se sorridente da poltrona e o cumprimentou com um misto de timidez e calor materno. Ficando com a mão dêle na sua, disse quase com ternura:

— Até que enfim o vejo! Esperei tanto e com tanta impaciência por êste dia... Como pode imaginar, já ouvi falar muito a seu respeito. Todos nós o acompanhamos com a maior satisfação em seu fértil trabalho esclarecedor e construtivo... Mas por que nunca nos dá o prazer de sua companhia? Parece mesmo absolutamente impossível fazê-lo vir à Capital! Também lá precisamos de forças novas e ativas, pode crer! Tive há pouco o prazer de cumprimentar sua espôsa e recebi dela uma meia promessa de o persuadir a vir, uma vez, falar em nossa sociedade. Agora só espero que tenha tanto poder sôbre o senhor que de fato o consiga! É tão encantadora, é um prazer falar com ela!

A nova da chegada de Emanuel espalhou-se rapidamente pela sala. De todos os lados vinha gente para ver o homem extraordinário a respeito de cuja vida ideal já se formara um verdadeiro mito nas sociedades de amigos. O jovem pastor gordo e roliço, mal lhe ouvira o nome abraçou-o e, erguendo-se na ponta dos pés, lhe deu, com a boca úmida, um ruidoso beijo, em cada face.

— Então, êste é Emanuel Hansted! — soou de todos os lados. Durante vários minutos só se ouvia dizer o seu nome.

Mas o único desejo de Emanuel era ver-se livre daquele meio. Não estava acostumado a elogios e não se sentia bem com os discursos melífluos da Sra. Gylling; aquela exaltação e entusiasmo por parte de todos, aquelas palavras de louvor partindo de gente que não conhecia o verdadeiro estado de coisas em sua paróquia, o oprimiam e humilhavam. Como o poeta norueguês nesse momento voltasse de um giro pelo jardim, logo atraindo para si a atenção com uma de suas ruidosas exclamações, aproveitou a ocasião para se afastar, e saiu novamente à procura de Hansine.

Encontrou-a, afinal, nos fundos do jardim, sentada num muro de pedra, sob um sabugueiro, em companhia de uma camponesa corpulenta que êle não conhecia. Já de longe admirou-se ao vê-la segurar carinhosamente a mão de Hansine no colo. Ao se aproximar, notou que ambas tentavam disfarçar uma forte emoção, e que a camponesa tinha os olhos vermelhos, como se tivesse chorado. No mesmo instante reconheceu a amiga de infância de Hansine, a ruiva Ane, que havia seis anos tivera a desgraça de casar-se com um *skalling*.

Os *skallings* eram um povo de pescadores que viviam num promontório no mar aberto. Como, outrora, os antigos habitantes de Skibberup, êles cruzavam os fiordes mais longínquos, indo à terra percorrendo o litoral para vender seu pescado. Conhecidos desde tempos remotos por sua vida selvagem, pertinácia e obstinação, ainda hoje em dia mostravam-se rebeldes à penetração das novas idéias, da atividade esclarecedora que se processava no meio do povo. Por essa razão eram evitados e desprezados por todos os outros habitantes da costa. Pouco depois do casamento de Hansine, Ane encontrara na cidade um jovem *skalling*, belo rapaz de cabelos prêtos, e para seu próprio espanto apaixonara-se por êle. Lutara durante muito tempo contra o sentimento que, envergonhada, nem ao menos a Hansine tinha confiado. Mas por último não mais pudera resistir ao assédio do jovem pescador. Um belo dia, durante furiosa tempestade que soprava do leste, êle viera em seu barco a vela e na mesma noite a levara consigo para sua choupana coberta de algas. Pouco tempo depois os velhos pais de criação de Ane seguiram para lá. O acontecimento tinha então despertado dolorosa sensação entre o povo do lugar. Não tinham podido acreditar que Ane se deixasse a tal ponto arrastar pela sua paixão, e todos a lamentavam profundamente, imaginando a vida que levaria no futuro, entre aquela gente rude e selvagem. No comêço, ela e Hansine tinham-se correspondido, mas as cartas de Ane foram-se tornando raras e mais curtas, até pararem de uma vez. Hansine havia compreendido que ela se envergonhava de assegurar continuamente que era feliz. Frequentemente nos últimos anos, quando Hansine se sentia deprimida e o futuro lhe pare-

ela mais sombrio, pensara em sua velha amiga como a única junto a quem, na hora da angústia, encontraria guarida e compreensão.

Causou estranha impressão a Emanuel ver outra vez, após tantos anos, a ruiva Ane ao lado da esposa. Pela emoção de ambas logo percebeu que haviam reatado a velha amizade íntima e que deviam estar a trocar confidências. Seu tom benevolente traía certa compaixão ao perguntar a Ane como ia passando e como vivia lá fora na terra dos *skallings*. Com uma sinceridade que o chocou um pouco, ela respondeu que estava passando muito bem, que tinha cinco filhos sadios e três ovelhas, e que, com seu Mathias no último verão tinham feito uma casa nova. Fôra o próprio marido que se oferecera para trazê-la em seu veleiro, a fim de assistir ao sepultamento do velho diretor da escola, enquanto ele visitava suas rêdes de arenque deitadas, do espera, ali por perto.

Enquanto falava, sentou-se novamente ao lado de Hansine e tomou-lhe a mão com seus habituais ares de protetora. Embora não o dissesse, percebia-se nitidamente que o velho círculo de amigos da escola a tinha decepcionado, e que ansiava por rever sua casinha, sua praia, os carneiros, os filhos e o Mathias.

Emanuel sentia-se cada vez mais ferido por seu tom e por sua atitude para com Hansine. Ele se desacostumara tanto de vê-la em confidências íntimas com outras pessoas, que a mão dela carinhosamente apoiada no colo da amiga, era para ele quase como uma espécie de acusação. Hansine estava bem quieta e olhava fixamente para o solo; dir-se-ia que queria evitar seu olhar. Nesse momento, ele sentiu a extensão do vácuo que se tinha formado aos poucos, distanciando-os um do outro. Prometeu a si mesmo que, a partir daquele dia, não mais deveria haver qualquer dúvida entre eles, que lhe falaria com toda a franqueza. Agora que todos os outros laços pareciam prestes a se romper, certamente iriam viver muito solitários, deveriam unir-se outra vez e, na compreensão mútua, na intimidade de seu convívio, procurar compensação por tudo o que tinham perdido.

Hansine estivera muito emocionada durante toda a cerimônia fúnebre. Havia muito tempo, começara a pressentir que seu contato com a escola superior de Sandinge lhe iria um dia sair caro, mas nunca alimentara sentimentos amargos contra o velho diretor. Agora, que ele tinha ido para sempre, recordava com gratidão o muito que dêle aprendera. Sobretudo pensava no con-

selho, sempre repetido pelo velho em seus discursos à mocidade, de amar a verdade e sacrificar-se pelo próximo. Sob a impressão de sua morte, e porque antes, o silêncio de Emanuel lhe tivesse tornado cada vez mais claro qual era a meta que o atraía irresistivelmente, nascera dentro dela um plano que agora, junto ao túmulo de seu velho professor e durante o reencontro com a amiga de infância, tinha-se transformado em irrevogável resolução. Dizia a si mesma que era inútil continuar a lutar contra o inevitável, e que por isso seria melhor, para eles e principalmente para o futuro das crianças, modificar por completo suas relações e toda a sua vida. Decidiu-se a falar francamente com Emanuel sobre isso. Com calma e cuidado, lhe exporia o que viera a considerar a única solução para que tivessem uma vida mais feliz.

4

O tempo clareou, e as nuvens se espalharam. Emanuel viu pequenos grupos de homens e mulheres indo do jardim para um pequeno outeiro funerário situado num campo, a certa distância da escola, onde o velho diretor costumava discursar nas grandes datas nacionais. Propôs irem os três até lá.

A massa humana que aos poucos se aglomerara em torno da pedra erguida no alto do outeiro, compunha-se principalmente de gente de Vejlbj e Skibberup. Os visitantes de Copenhague e o poeta norueguês já tinham ido à estação para alcançar o trem, e também os que moravam em aldeias mais distantes.

Quando Emanuel, Hansine e Ane atingiram a elevação, um homem já havia subido à pedra e falava ao povo ali reunido. — Um ancião de barbas brancas que, segundo o hábito dos oradores populares, tinha descoberto a cabeça calva e usava as palavras mais solenes que era possível. Parecia inteiramente arrebatado, mas sua voz era tão fraca, que até os que estavam mais perto tinham desistido de querer entender o que dizia. Foi por isso um grande alívio quando finalmente, após ter falado meia hora, deu o discurso por encerrado e com a maior emoção desceu da pedra. Um momento depois, porém, surgiu de novo na

tribuna. Um tanto desenhado, apalpando-se atrás e na frente, exclamou, por fim, agora com uma voz que se ouvia perfeitamente:

— Alguém entre os senhores achou por acaso um lenço vermelho? Se alguém o encontrar, peço que o guarde para mim na escola!

Entre risos abafados da multidão, tornou a descer.

O orador seguinte foi Anton Antonsen, o novo professor de Vejlbj, pequeno e de aspecto sacerdotal. Apresentou-se com chapéu de feltro na cabeça e cachimbo na boca. Mas também esse não foi muito feliz. Seu cômico aspecto de homúnculo, apesar do plastrão branco e de toda a sua indumentária meio eclesiástica, não estava bem de acordo com a solenidade do dia. A inquietação dos últimos tempos não lhe havia favorecido a popularidade. Sobretudo os moradores de Skibberup não davam mais ouvidos às suas histórias sóbrias, moralizadoras sobre temas cotidianos; estavam em ânimo belicoso; queriam ouvir trombetas, gritos guerreiros e prenúncios de vitória.

Entretanto, a chegada de Emanuel tinha sido notada por diversos dos presentes, e a expressão tensa com que muitos se voltaram para ele quando Anton terminou, indicava que esperavam ouvi-lo falar. Sentiu-se de súbito impelido a exprimir publicamente os graves pensamentos que os últimos tempos o tinham preocupado. Imaginava que o espírito daquela gente, num dia como aquele, deveria ser mais acessível à amarga confissão que, mais cedo ou mais tarde, se veria obrigado a fazer perante seus amigos, fossem quais fossem as consequências.

Acompanhado por um fraco murmúrio da multidão, subiu ao lugar dos oradores.

Começou falando com gratidão do amigo em torno de cujo féretro hoje se tinham reunido, e de quem realmente se podia dizer que o Senhor tinha abençoado e que se tornara uma bênção para todos. Mas — perguntou ele depois — não teria assim mesmo o querido morto, sobretudo nos últimos tempos, se decepcionado em suas grandes esperanças? Nunca o tinha dito; mas havia razões para o crer. Pois de que adiantaria querer negá-lo? Os amigos do reino de Deus viviam justamente um período de provas e angústias. Tinham atrás de si uma grande batalha perdida, uma grande esperança despedaçada. E como todas as derrotas, também essa tinha semeado suspeitas e discórdia entre as hostes destroçadas. Porém melhor do que vãs tentativas de ocultar a verdade, do que se lançarem em rosto

mútuaamente acusações de cumplicidade no transe desastroso, seria cada um analisar rigorosamente a si mesmo, e procurar saber que lei transgredira e onde havia falhado. — Em vez de resmungar contra Deus — exclamou êle com crescente vigor — por não ter Êle dessa vez satisfeito nossos desejos, devíamos humildemente consultar nosso íntimo e perguntar-nos se, de fato, já estávamos maduros para receber de Suas mãos o mando!

Surgiu certa inquietação entre os ouvintes. Após essas últimas palavras, foi interrompido por gritos um tanto injuriosos, vindos de um lado.

Contudo, não se deixou importunar, e continuou:

— Não creiam que esteja aqui como um fariseu que só quer acusar. Não; eu o reconheço, e sinto-me impellido a dizê-lo a todos: eu mesmo sou fraco e não mereci a confiança de Deus. Vocês têm direito de o saber: conheço a dúvida e a tentação; diariamente tenho de lutar comigo mesmo, para que o mundo com suas vaidades não me domine o espírito!

— Doutor Hassing! — gritou uma voz ruidosa, vinda do mesmo lado, onde antes a grande cabeça de Niels desapareceu atrás de alguns camaradas de Skibberup, que desataram a rir às gargalhadas.

Emanuel atirou um olhar rápido para aquêle lado. Empalideceu, mas dominou-se e continuou logo depois o discurso.

— A verdade deve ser dita, por mais desagradável que seja! Nós, que audaciosamente nos chamamos os amigos da verdade e da justiça, merecemos o duro golpe que agora nos atingiu. Admitamos em alta voz: não estávamos maduros! Víamos continuamente o cavaco no olho de nosso irmão, mas não a trave no nosso! Digam-me, é a má consciência que agora se manifesta em vocês? — gritou através do vozerio com que agora de todos os lados procuravam dominar suas palavras e obrigá-lo a silenciar. — De fato, não sabiam isso antes? Então vou dizê-lo: a soberbia, a discórdia, o impudor e a calúnia, a mentira e a dissimulação florescem entre nós, exatamente como na sociedade que, chamando o auxílio dos céus, queríamos derrubar! Esta é a verdade! Mas não se zomba impunemente de Deus! Êle nos atirou ao pó, para que viéssemos a conhecer-nos e dissessemos: vejam, quão baixo nós caímos!

Por último não conseguia mais falar, tantos eram os gritos provocadores que o interrompiam. Do mar de rostos voltados para cima, que o cercava, subiu um só clamor de conjuração. Alguns sem dúvida expressavam vergonha pela cena indigna.

Mas nenhuma voz se ergueu para pôr um paradeiro ao rebuliço.

Não lhe sendo mais possível fazer-se ouvir, Emanuel terminou repentinamente seu discurso, expressando o desejo de que os amigos da justiça e da verdade, com a derrota sofrida, aprendessem que não é por meio de justiça farisaica, mas pelo exame da própria consciência, não pelo orgulho, mas pelo humilde reconhecimento dos próprios erros que o caminho do futuro seria virtuoso!

Ao descer, mudo e contrafeito, a multidão irrompeu em frenéticos aplausos. O tecelão Hansen havia subido gravemente à tribuna.

A presença do velho batalhador, que havia muitos anos não falava em nenhuma reunião, teve o efeito de uma trombeta que os chamasse para a luta. Com uma das mãos vermelhas no queixo e a outra nas costas, deixou o olhar vagar de um lado para outro por sobre a multidão, que em tensa expectativa se comprimia ao seu redor. Quando finalmente se fez silêncio, disse sorrindo, com voz branda:

— Vejam, meus amigos, que estranho discurso ouvimos aqui! Eu estava lá embaixo, apurando o ouvido, sempre pensando que devia estar enganado. Por fim, disse a mim mesmo: Você está dormindo, Jesus! E está sonhando que ouve o nosso velho deão Toennesen falar!

— Apoiado! Ele tem razão! — gritavam em júbilo os moradores de Skibberup.

— E assim é que não posso deixar de pensar num outro discurso que Emanuel, já há muitos anos, fez para nós... Mas então era a primeira vez que nos falava, na nossa velha casa de reuniões, lá na cidade. Naquele tempo havia outros trinados na sua flauta... Naquele tempo nós os camponeses, éramos a coisa melhor de que sabia falar. Ah!, nós éramos magníficos, e tudo era melhor do que a encomenda. Acho que muitos de vocês aqui presentes ainda se lembram daquele discurso que fez tão grande sensação, que muitos acharam mesmo um discurso excelente! Quanto a mim, devo dizer que não estava assim tão encantado com suas palavras, e por isso a fala de Emanuel, hoje, não é tão grande surpresa para mim. É isso que acontece com quem enche demais a boca: tem depois de cuspir alguma coisa! Vejamos agora essa conversa de que nós homens do campo temos andado demais encasquetados de nosso próprio valor e que por isso as coisas têm sido encençadas para o nosso lado,

de uns tempos para cá. Acho que queria dizer que deveríamos aprender com essa gente bonita da cidade; e então Deus nos haveria de dar o que pedimos. Pois é disso que não estou assim tão certo! Creio, pelo contrário, que temos sido dóceis até demais e temo-nos deixado levar pelo cabresto por toda essa gente de Copenhague, que nos últimos anos tem arribado por aqui, dizendo-se amigos do povo e arvorando-se assim, sem mais nem menos, em nossos guias... Sou de opinião que justamente por isso é que as coisas andaram tão mal para nós. A nova moda pegou na cidade: é fazer-se de repente muito popular, muito amigo do povo, e nós camponeses decerto ficamos um pouco convencidos ao ver tanta gente graúda e preparada querendo meter-se com a nossa vida. Estávamos a ponto de perder as estribeiras, só para cairmos nas suas graças! Sentíamos uma deliciosa sensação quando um advogado de óculos dourados ou uma senhora elegante nos vinham bater nos ombros e nos chamavam "bom amigo". E quando ainda por cima vinham para cá e ficavam morando entre nós, como se fôssem gente nossa, e até se casavam com nossas camponesas... Ah!, então nos sentíamos tão lisonjeados, que não sabíamos mais onde parar. Mas isso era uma espécie de doença; sempre achei que era só uma questão de tempo, ela haveria de sair do corpo outra vez. E vejam, uma coisa venho notando nos últimos tempos: é que finalmente estamos chegando ao fim, ao último ato de uma comédia de bobos, na qual nós, homens do campo, fomos tão idiotas e tão pacientes que nos deixamos pegar, até dentro de casa, em nossa comunidade. Não acham que é assim, amigos?

— Isso mesmo! Isso mesmo! Apoiado! Apoiado!

Num canto estava Emanuel, escutando. Por mais sinceramente que lutasse contra si mesmo, por mais que seguisse humildemente o severo mandamento do Senhor: "Se alguém te bater na face direita...", sentia o sangue ferver e seu orgulho sofria. Por último, perdeu o controle e quis atirar-se à tribuna. Mas Hansine o tomou pelo braço e disse:

— Vamo-nos embora daqui!

— Sim... Vamo-nos daqui!

Afastou-se rapidamente, de cabeça baixa, enquanto os insultos do tecelão e os aplausos de todos os seguiam como estalos de chicote em torno dos ouvidos.

Pelo caminho para a praia caiu em violentas convulsões de pranto, tendo que sentar-se na beira da vala, enquanto Hansine lhe enxugava o suor frio da testa. Ane os tinha seguido e ficara

parada a certa distância, meio embasbacada. Quando o acesso passou, Hansine se aproximou e disse, dando-lhe a mão:

— Então, estamos combinadas, não é? Quando ouvir de mim, já sabe...

— Mas é mesmo sua intenção, Sine? Eu até agora não o podia acreditar.

— Sim, agora está decidido. Se você me quiser mesmo...

— Se quero, bobinha! Isso você já sabe! Mas, que dirá Emanuel?

— Isso não sei, você receberá notícias minhas. Até lá, adeus!

Emanuel, sentado na beira do caminho, ergueu a cabeça. Através das lágrimas viu a escura massa humana no alto da elevação e o vulto curvado do tecelão Hansen, destacando-se contra o horizonte claro. Recordou o tempo em que para ali viera sob o livre céu do Senhor, na crença de que encontraria o coração humano ainda intacto em sua original pureza e ingenuidade. E lá em cima estava agora um astuto mestre de intrigas e calúnias e triunfava sobre ele! Pensava em como tinha saído para pregar o evangelho da paz e do amor entre os filhos da terra... e lá estava agora o apóstolo do ódio, o carrasco da caridade, estendendo as mãos tintas de sangue para o céu!

5

Só na manhã seguinte sossegou o bastante para que Hansine pudesse falar com ele.

— Que pensa você em fazer agora? — perguntou ela quando, após a oração matinal, ficaram a sós na sala.

— Não sei. Mas temos que sair daqui... Não há outra solução. Um modesto cargo em qualquer lugar nas charnecas da Jutlândia ou nas colinas de areia não creio que me seja negado. Necessito de solidão para meditar e chegar a saber com clareza o que quero.

— Você não devia pensar nisso, Emanuel!

— Não entendo o que quer dizer.

— Você diz que não sabe com segurança o que quer. Como pode então pensar em ser guia de outro! Se conseguisse outro

cargo, aconteceria o mesmo... a insatisfação logo o dominaria impedindo-o de sentir-se bem como os outros e estaria de novo ansiando ir para outro lugar.

— Mas, então, que quer você que eu faça?

— Veja... De nada vale que o estejamos ocultando por mais tempo um do outro; é melhor falarmos francamente... O que você precisa é voltar, por algum tempo, para a sua família e seu meio onde se sente à vontade. Só lá poderá encontrar paz e compreensão. Por isso acho que não devia ficar indeciso por mais tempo; isso de nada adiantará. Justamente pensei que você encontraria um cargo qualquer numa escola em Copenhague ou noutro lugar, onde de novo possa ter contato com suas antigas relações. É natural que isso lhe faça falta, eu o compreendo muito bem.

Emanuel olhou-a surpreendido.

— Mas você quer isso, Hansine?

— Eu? — disse ela, curvando-se ainda mais sobre o vestido que, durante o colóquio estivera alisando com a mão. — Eu quero aquilo que me parece melhor para todos nós...

Já no dia seguinte foi Emanuel à diocese para expor o caso e pedir sua destituição ao Bispo. No comêço êste lhe falou com severidade que aos poucos foi-se abrandando, ao notar-lhe a profunda depressão. Disse-lhe que evidentemente se encontrava num "período de efervescência moral" e que talvez o mais aconselhável fôsse afastar-se por algum tempo das atividades públicas. Com palavras cautelosas, mas convincentes, recomendou-lhe que combatesse a melancolia, a tendência mórbida, herdada de sua mãe, de encerrar-se em si mesmo, e por último prometeu tratar de seu caso, desejando-lhe, ao despedir-se, a ajuda da Providência para sair revigorado e purificado de sua crise espiritual.

Hansine passou a tarde inteira indo e voltando pelas longas aléias do jardim, aguardando sua volta. Os acontecimentos das últimas semanas tinham deixado marcas indeléveis que lhe realçavam a gravidade do rosto, o qual exprimia então uma resolução sombria. Andava com os braços envoltos num pequeno xale de lã, como se sentisse frio. A cada instante subia à pequena elevação do terreno de onde podia avistar o leste da região.

Finalmente, pouco antes do pôr do sol, Emanuel voltou; minutos mais tarde estavam ambos na longa aléia de castanheiros no extremo do jardim, aonde tinham ido para conversar sem que fôssem importunados. Hansine sentou-se num dos antigos

bancos encostado a um tronco de árvore, e êle inquieto, andando de um lado para outro, contava-lhe o que tinha havido.

— Temos, pois, nossa liberdade — finalizou, parando à sua frente. — Podemos partir assim que chegar a permissão.

Ela estava curvada, com os braços nos joelhos, os olhos fixos no bico dos sapatos que riscavam a terra úmida.

— Olhe, . . . Era isso que eu queria dizer — começou como se as palavras lhe saíssem com grande dificuldade. — Não posso ir com você a Copenhague.

— Que é que está dizendo? Que significa isso?

— Quero dizer. . . Não agora — corrigiu-se, ao notar que Emanuel nem de longe suspeitava da sua intenção. — Eu lá seria uma estranha e um fardo para você até ficar tudo normalizado com relação à sua posição e a casa. . . Não poderia ajudar em nada. Além disso, sinto necessidade de calma, de ficar um pouco só. Tem sido tudo tão agitado nos últimos tempos. . .

— É. . . Essa idéia pode ter alguma coisa de razoável — disse Emanuel tornando a passear de um lado para outro em frente ao banco. — Mas o que quero dizer é que dificilmente você poderá sentir-se bem aqui de agora em diante. Pude notar quando atravessei Skibberup, hoje, que não moramos mais entre amigos, mas no meio de inimigos que nos odeiam.

— Nisso eu também já pensei. Por isso pretendia ir para a casa de Ane e ficar lá por algum tempo. Já falamos sobre isso no outro dia. Ela tem alguns quartos vazios na sua nova casa, e os colocou à minha disposição.

— Em casa de Ane? Lá fora na terra dos *Skallings*! Você tem cada idéia, Hansine! Entre aquela gente dissoluta!

— Não creio que aquela gente seja tão ruim como dizem. Exageram-lhe os abusos. Ane o disse, e ela mesma não parecia estar vivendo tão mal lá!

— Mas assim mesmo não é possível. Não é possível por causa das crianças, Hansine. É desejo seu e meu que elas sejam afastadas um pouco das influências a que até agora estiveram expostas. Sobretudo não é sem tempo que Sigrid saia daqui. . . A menina é meiga e boa, mas tenho notado que está um tanto indócil.

— Isso já falei há muito tempo, Emanuel. Por isso pensei que. . . as crianças. . . que você as devia levar para Copenhague. Você de qualquer maneira vai ter que instalar uma espécie de casa de moradia lá. Acho que justamente para as crian-

ças seria bom que eu ficasse afastada durante algum tempo. Eu não as poderia ajudar em nada, talvez até lhes fôsse um obstáculo. Comigo lhes seria mais difícil adaptarem-se aos novos amigos e receberem a educação que ambos achamos melhor para elas. Por isso pensei que sua irmã lá na cidade... que ela poderá ajudá-lo um pouco a educá-las. Ela perdeu seu filho único, de modo que poderá ser uma boa mãe adotiva para elas, pensei...

Hansine, cada vez mais pálida, falava sempre com a mesma calma e domínio de si mesma, tendo os olhos fitos no chão.

— Como é que você pode pensar em semelhante coisa... Tire isso da cabeça, minha amiga! — exclamou Emanuel, quase alarmado. Notando sua emoção, foi até junto dela e lhe pôs carinhosamente as mãos na cabeça. — Não vamos agora procurar novos motivos para tristeza. Vamos justamente unir mais ainda, vamos lutar juntos pelo nosso lar e nossa ventura. Talvez não seja tudo tão fácil daqui por diante; mas enquanto tivermos um ao outro, tudo irá bem, com a ajuda de Deus!

Ela não teve mais forças para contradizê-lo nem conseguiu evitar que, após as últimas palavras, se curvasse sobre ela e a beijasse.

Nos dias que se seguiram, ambos em silêncio, começaram a se preparar para a partida. O assunto não foi mais mencionado, embora continuasse a preocupá-los. Emanuel reconhecia muito bem que seria difícil para Hansine dirigir uma casa em condições que lhe eram absolutamente estranhas, e que sobretudo não se tornaria o apoio de que as filhas, principalmente no começo, tanto iriam necessitar. Pressentia também que ela, com seu gênio esquisito, incompreensível e desagradável para estranhos, criaria muitas dificuldades para si mesma. Finalmente, preocupava-o cada vez mais seriamente o problema de encontrar os meios necessários para viver. Mesmo vendendo tudo o que tinham, mal conseguiriam mais do que pagar tôdas as dívidas. Quando Hansine, certo dia, falou de novo no assunto, não a interrompeu, mas, talvez pela primeira vez em sua vida de casado, ouviu até o fim os argumentos da esposa. Ela lhe disse que provavelmente seria melhor nem se instalarem de novo enquanto seu futuro fôsse tão incerto. Imaginara pois, que seria melhor êle ir morar com as crianças em casa de seu velho pai que vivia completamente só no grande casarão. Consolou o marido, dizendo que a separação não seria longa. Continuou in-

sistindo, até que êle prometeu escrever a seu pai e a seus irmãos, ainda no mesmo dia.

— Mas escreva de forma que êles de fato compreendam que eu não vou com você! — terminou ela.

Esperaram impacientemente pela resposta, durante vários dias.

Aos poucos a permanência no presbitério de Vejlbj se tornou muito desagradável para êles. A reunião do conselho distrital, prevista com bastante antecedência realizara-se sem que Emanuel tivesse sido avisado; faziam-no sentir em tudo e por todos os modos que desejavam ficar livres dêle. À hora dos serviços sagrados, a igreja do promontório permanecia completamente vazia, exatamente como nos dias do deão Toennesen, ao passo que à tarde o povo afluía em massa à casa de reunião, onde Maren Smeds e o cabeçudo Niels, pela primeira vez, tinham obtido permissão para realizar uma grande reunião com orações. Niels já havia dado o primeiro passo à frente para atingir a grande meta de seus sonhos; tornara-se pregador missionário ambulante, deixara crescer uma barba cheia, e fora de seus penates aparecia de óculos, com a cabeça inclinada para o lado.

Contudo, Emanuel às vêzes recebia também provas de reconhecimento e da indignação dos camponeses ante o modo pelo qual se tinham portado para com êle e, quando se tornou público o seu pedido de demissão, alguns corajosos moradores de Vejlbj, como haviam feito por ocasião da partida do deão Toennesen, organizaram uma coleta para a compra de um bule de prata e uma poltrona, a serem oferecidas ao pastor na hora de sua despedida.

No presbitério estava-se em grande arrumação. Emanuel, que aos poucos ia perdendo todo o apêgo aos seus campos, só ansiava por livrar-se definitivamente de tôda a trabalheira da lavoura e do estábulo; vendeu o resto de sua colheita a um vizinho que, por uma parte do produto da venda, comprometeu-se a zelar pelas terras até à nomeação de um sucessor no cargo; vendeu também vacas, cavalos e utensílios para poder pagar as muitas pequenas dívidas que no decorrer dos últimos anos, tinha levianamente contraído com muitos de seus amigos de então. Nem suspeitava o quanto essas dívidas haviam contribuído para abalar sua posição na comunidade.

Doida de alegria por ir a Copenhague, Sigrid corria pela casa sacudindo seus cachos castanho-dourados, contagiando com seu júbilo a pequena Dagny que durante o verão tinha crescido

e agora brincava sòzinha pelo chão. Enquanto isso, Hansine, quieta em sua poltrona, costurava as roupas domingueiras das crianças e lhes fazia meias novas. Emanuel não podia compreender que ela continuasse triste e pálida, agora que surgia a esperança dum futuro mais risonho para todos êles. Alguns vêzes já a surpreendera mesmo em pranto, e tendo procurado saber o que a afligia, não quisera responder. Admirava-se também do temor instintivo com que parecia fugir às suas aproximações; assim que se sentava a seu lado e queria tomar-lhe a mão, levantava-se e ia fazer alguma coisa na cozinha. Pensando que fôsse devido à tristeza pela próxima partida e a longa separação iminente, tentou por todos os modos consolá-la e alegrá-la. Mas percebia que sua compaixão a magoava, e por fim achou mais acertado deixá-la em paz.

Finalmente chegou a resposta do pai, tão ansiosamente esperada.

Era uma de suas habituais cartas muito longas e detalhadas, enchendo uma fôlha inteira, junto com um bilhete da irmã Betty. Dizia o pai que se sentia velho, que poucos passos o separavam da sepultura, e que não poderia ter imaginado maior alegria do que a perspectiva de rever o filho mais velho, cuja falta sentira tão profundamente e por tanto tempo. Sem a menor tentativa de humilhá-lo ou censurá-lo por sua presunção, dava-lhe as mais cordiais boas-vindas ao lar paterno.

— Os dois quartos que foram seus serão preparados para você — escrevia —, e decerto nem preciso acrescentar que também suas filhas serão hóspedes queridas. Terão acomodação adequada junto ao seu quarto, e todos nós faremos o que estiver ao nosso alcance, para que as crianças se sintam bem aqui. Como você talvez saiba, temos agora o grande quintal que pertence à casa e que estava alugado ao conselheiro Tageman, agora falecido (você deve lembrar-se dêle, morava embaixo de nós, no primeiro andar). Suas filhas terão assim lugar para brincar à vontade; vou também mandar o carpinteiro Joergensen instalar um balanço, e o que fôr necessário para as crianças se divertirem. Não lhes faltarão companheiros para brincar; o jovem casal Lobner que mora no terceiro andar, e os Winthers, novos inquilinos, têm filhos bem educados. Espero, pois, que suas meninas não venham a sentir tanto a falta da vida livre do campo. Entendo perfeitamente a decisão de sua espôsa de ficar ainda morando aí por algum tempo; não poderia sentir-se à vontade na vida agitada da grande cidade, em condições ab-

solutamente estranhas. Peço dar-lhe as minhas cordiais lembranças.

Por hoje é só. Seu irmão Carl manda um abraço e me pede lhe diga que nem todos os camaristas são tão "maus" como você decerto pensa — êle mesmo insistiu em que eu empregasse essa expressão — e que terá prazer em convidá-lo um dia ao corpo da guarda da Amalienborg, para convencê-lo disso.

Receba pois, meu querido filho, as lembranças de seu afetuosso Pai!

— Então, Hansine, que acha você disso? — perguntou, profundamente comovido ao terminar a leitura.

Curvada sobre sua costura, meneou a cabeça. Seu peito arfava, e seus olhos, fecharam-se como alguém que trava desesperada luta consigo mesmo.

Emanuel com a carta no colo, ficou alguns instantes pensativo, fitando o espaço. Via na imaginação seus dois quartos confortáveis, atapetados, com vistas para o canal, a Bolsa e o Castelo de Kristiansberg. Era como se pudesse sentir de novo em torno de si a profunda paz dos seus dias de estudante e bacharel, quando ficava pela noite adentro lendo, à luz do lampião, ou andava durante horas inteiras de um lado para outro, arrebatado pelo que tinha lido. Então, de fato, lhe seria dado voltar, sentar-se de novo entre os antigos livros, passear pelo mesmo quarto, retomar as mesmas indagações para procurar novas, mais verdadeiras soluções do grande enigma da vida...

O começo da carta de Betty traía a profunda depressão de espírito em que a pusera a perda de seu único filho:

"Você nem imagina como tudo aqui está vazio e triste desde que Deus tirou meu pequeno Kai. Ansiosamente aguardo pela vinda de suas filhas, para ouvir de novo vozes e risadas de criança em torno de mim. Diga a sua esposa que não se preocupe quanto às meninas — conheço bem os temores de mãe! Cuidaremos delas o melhor possível enquanto ela estiver longe. Porém mais que tudo tenho saudades de você, meu irmão, que não vejo há tantos anos! Vai ser bom falar-lhe outra vez! Só peço que seja compreensivo e bom para comigo, Emanuel. Preciso muito de seu consôlo, pousar a cabeça em seu ombro e lhe falar com toda a intimidade. Sim, Deus nos submete a duras provas. Tenhamos forças para suportar nosso fardo!

Não creio que precise preocupar-se quanto ao futuro. Papai e meu marido são também dessa opinião. Ontem, quando acabava de nos mandar sua carta que tinha recebido pela manhã,

íamos a um almoço em casa do presidente Munk. À mesa, estava a meu lado o deão diocesano, que frequenta nossa casa; contente como estava com sua carta, não pude deixar de contar-lhe que você ia mudar-se para a cidade. Bastante curioso é que êle já sabia alguma coisa a êsse respeito (meu marido diz que deve ser lá do ministério) e parecia também que isso muito lhe agradava. Por último, perguntei se julgava que você poderia obter um dos cargos menores numa das igrejas aqui da cidade, e isso não lhe pareceu nada impossível. "Seu irmão é um laudabilista (é assim que se escreve?) particularmente bom" — disse — "e também aqui precisamos de fôrças novas e experimentadas". Frisou, especialmente, "experimentadas". Em geral falou muito amavelmente a seu respeito, pois já o conhece de antes, de papai, e por isso não creio que você vá ser prejudicado pelas opiniões adquiridas ultimamente das quais agora se livrou".

Êsse final não agradou a Emanuel, causando-lhe uma inquietação que não sabia explicar.

— Que idéias são essas? — exclamou. — Quer dizer que ela não me compreendeu.

— Você está assim tão certo disso? — indagou Hansine.

Êle não respondeu. Aprofundou-se de nôvo em divagações.

4

No comêço de setembro chegou afinal a hora da partida.

Foi um dia de grande azáfama. Logo pela manhã Emanuel estêve no cemitério de Skibberup para despedir-se da sepultura do filho. De lá foi visitar os sogros e seu cunhado Ole, que agora dirigia a propriedade dos velhos. A despedida de Else foi um tanto fria. Influenciada pela atmosfera reinante em Skibberup, não conseguia ocultar um lampejo de suspeita nos olhos cada vez que se mencionava a visita a Ane, embora, por desejo de Hansine, não houvesse sido revelado a ela ou a qualquer outra pessoa, que sua permanência na terra dos *Skallings* se estenderia além de alguns dias.

Antes do meio-dia a já mencionada deputação veio ao presbitério, com um bule folheado e uma poltrona para escrivanhina

e, pela tarde, finalmente, chegou um carro que Emanuel mandara vir da cidade, para não ser obrigado a pedir mais favores aos vizinhos. Era um *landau* com ornamentos de prata e cocheiro de libré.

Às voltas com malas e caixas, em grande atividade causada pela viagem iminente, trajava um nôvo sobretudo prêto. Cortara o cabelo e barba, Sigrid o seguia nos calcanhares, não o perdendo de vista um só momento; parecia temer que partissem sem a levar. A criança não pregara olho a noite tôda e a cada instante perguntava à mãe se já estava na hora. Desde a manhã guardara cuidadosamente seus tesouros particulares: um pequeno balde de fôlha, uma cabeça de boneca partida e duas caixas de fósforos com pedras coloridas, não os largando por um instante sequer.

Abelone, persuadida por Hansine, a acompanhar as crianças e ficar com elas durante algum tempo, chorava de emoção, e lá fora, na cocheira vazia, Soeren o tratador de animais, sentado a um canto de uma manjedoura matutava nas estranhas reviravoltas da vida.

Hansine manteve-se tranqüila o dia inteiro e procurava ser útil onde podia. Ninguém deveria ler em seu rosto o quanto ela estava convicta de que via hoje o marido e os filhos pela última vez. Sabia muito bem que na cidade, entre as muitas pessoas estranhas e as novas impressões que lhes absorveriam o espírito e os pensamentos, as crianças logo a esqueceriam. Quando estivessem mais velhas e completamente adaptadas ao nôvo ambiente, a mãe, que usava a coifa das camponesas e falava o dialeto do campo, lhes seria uma vergonha e um obstáculo. Mas prometera a si mesma que as meninas nunca viriam a sofrer pelos erros de outros. Elas, sim, teriam inteiro seu quinhão de ventura, teriam os lados claros e alegres da vida, teriam tudo o que ela em vão sonhara alcançar para si.

E Emanuel? Também para êle dentro em breve ela não passaria de pesado grilhão, do qual só mesmo por falta da necessária coragem não se livraria para sempre. Ultimamente, centenas de indícios lhe haviam mostrado o quanto êle, nos pensamentos, já vivia uma vida para ela remota, da qual nunca haveria de compartilhar; não seria necessário muito tempo no seu antigo ambiente e nas rodas de velhos amigos para que viesse a sentir a extensão da barreira que os separava. Receberia então como um alívio, como uma libertação, a notícia que um dia

lhe chegaria às mãos, de que ela não mais voltaria, que êle estava livre, e que seria inútil tentar fazê-la mudar sua decisão.

Não o censurava. Acusava só a si mesma por ter acreditado que lhe cabia um lugar no banquete da vida. Para ser inteiramente franca, nem lhe era grande surpresa o que tinha acontecido muito antes. Tõda sua vida, nesses últimos sete anos, lhe parecia às vêzes tão irreal... Vinha-lhe então a sensação de ser ainda mocinha, na casa de seus pais, era-lhe como se o seu casamento e os anos no presbitério não passassem de um longo e agitado sonho do qual acordaria logo com o cantar dos galos...

Quando chegou o momento da partida, beijou as meninas e disse adeus a Emanuel de um modo tão calmo, como se também ela pensasse que a separação apenas fôsse para pouco tempo. Acompanhou-o até ao carro, agasalhou bem as crianças e pediu a Abelone que não se esquecesse de lhes pôr os aventais limpos antes de entrarem em Copenhague.

Dominado por forte emoção êle continuava a afagar-lhe os cabelos e a beijá-la. Para animá-lo, ela disse que não deveria se preocupar que tudo acabaria bem.

Cuide bem das crianças, Emanuel — disse ainda. E como se com essas palavras tivessem esgotado a força de sua alma, voltou-se imediatamente e subiu pela escada, antes de o carro ter começado a rodar.

— Suba ao outeiro do jardim, vamos acenar para você! — gritou atrás dela.

Sem se voltar, ela entrou na casa.

O cocheiro estalou o chicote e os cavalos se puseram em movimento. Quando o carro atravessou o portão em arco, Sigrid deu vivas de alegria.

Pelo caminho através de Vejlbj alguns amigos lhes gritaram um "Boa viagem" bem intencionado e sincero. Tomados de instintivo respeito à visão do *landau* e do cocheiro de libré, até alguns dos inimigos de Emanuel se descobriram ao vê-lo passar.

Quando o carro alcançou a estrada de rodagem, êle dirigiu-se às crianças:

— Tomem agora seus lenços, minhas filhas.

Viram a figura de Hansine na pequena elevação do terreno, no ângulo do jardim, começaram a acenar.

Emanuel admirou-se de não receber resposta.

— Agitem os lenços... Acenem! — disse, enquanto os olhos se lhe enchiam de lágrimas.

Mas o vulto no alto da colina não se mexia. Nenhuma resposta veio até eles aos seus gritos de "Até à volta"...

Imóvel como uma estátua, Hansine ficou olhando-os até que o carro desapareceu ao longe. Desceu então lentamente o outeiro, sentindo como a aproximação duma vertigem. Sentou-se pesadamente num dos pequenos degraus de madeira que levavam ao topo da colina.

Ali ficou sentada uma hora inteira, imóvel, a cabeça apoiada nas mãos, enquanto os ventos do outono passavam por cima dela e gemiam nas copas das árvores.

O sol já se punha quando se ergueu e caminhou para a casa. Ia pernoitar na casa de seus pais, em seu antigo quarto, onde dormia quando mocinha. No dia seguinte o marido de Ane viria com o barco, para levá-la à sua futura moradia.

Apanhou um pequeno embrulho de roupas no quarto vazio. Depois foi até ao estábulo e disse adeus a Soeren, agora senhor único do lugar. Deixou para sempre o presbitério.

A TERRA DA PROMISSÃO

TERCEIRA PARTE

O JUÍZO FINAL



Sob uma chuva torrencial a caleça vinha subindo pela nova estrada que conduzia à estação de Sandinge. Embora fôsse começo de julho, o céu estava prêto e baixo como em novembro. A chuva caía sem parar em verdadeiras trombas d'água. Na depressão da capota abaulada do carro formara-se uma lagoa que, com os solavancos, era jogada de um lado para outro. A água corria em torrentes por tôda a velha carruagem, pelas malas amarradas na parte traseira e pelo grande guarda-chuva sob o qual uma mulher se encolhia tôda, na boléia, ao lado do cocheiro. Era um quadro de causar dó.

Se ao menos a viatura tivesse corrido um pouco! Mas nada disso, arrastava-se com dificuldade puxada por dois cavaleiros magros, as rodas girando lentamente na lama do caminho. Parecia seu propósito oferecer aos viajantes, da maneira mais impressionante possível, o espetáculo desolador da região que, sob a cortina de chuva, se estendia a perder de vista, com seus monótonos marcos divisórios dos campos, com seus outeiros pelados. Sob a capota um hipocondríaco lívido, com olhos fundos, contemplava a chuva com estúpida indiferença, sem energia para apressar o cocheiro, mas também sem qualquer impaciência para chegar ao destino.

Súbitamente, apareceu atrás da cortina de couro um rosto infantil sorridente, de faces coradas. Logo depois outro surgiu ao seu lado, ao mesmo tempo que uma mãozinha gorda, com os dedos estendidos, procurava apanhar as gotas de chuva que caíam. Era como ver de repente cabeças de anjo surgirem num caixão funerário. Os olhos azuis-claros brilhavam, e cada vez que passavam por uma casa ou por carneiros que pastavam na beira da estrada, as duas crianças irrompiam em exclamações de grande alegria.

De repente a maior das duas virou-se e gritou, entusiasmada:

— Pai! Titia! Olhem!

O caminho descrevia uma curva, em declive desdobrando-se à vista um imenso prado, plano como um lago, que se estendia entre as encostas de colinas áridas. Bem no meio da planície muito verde, distinguia-se através do véu de chuva, a cidade de Sandinge com grandes quintas, casas caiadas de amarelo e uma velha igreja de pedras do mar. Não longe dali, erguiam-se os muros vermelhos da famosa escola superior. O amplo conjunto de edifícios era de fato imponente, lembrando alguma grande instituição estadual ou governamental, no que de fato a escola de certo modo se tinha transformado.

Era meio-dia. Das chaminés, uma fumaça escura de turfa, caía pesadamente sobre os telhados de palha, nos quintais, os galos chamando as galinhas, para as portas das cozinhas. O carro rolou desajeitadamente através das ruas, onde não se via viva alma; toda a cidade parecia morta. Todavia, da escola popular livre partiam as vozes dos alunos que cantavam a plenos pulmões sob a direção do voluptuoso baixo trêmulo do professor.

Quando o carro passou, o professor da escola livre, Povelsen, com sua avantajada figura assomou à porta da frente, ocupando-a quase inteiramente. Com o livro de salmos aberto na mão, e sem interromper a direção do canto, ficou olhando até o carro sumir, envolto pela chuva.

— Que gente era essa, Joergen Hansen? — perguntou dirigindo-se a um pequeno camponês obeso, que nesse ínterim aparecera na porta dum celeiro, do outro lado da rua.

Joergen Hansen demorou-se um bocado a limpar o cachimbo antes de responder. Depois disse pausadamente, com ternura e convicção, como se confiasse a alguém o mais íntimo segredo de seu coração.

— Veja só, Povelsen, isso eu não sei dizer... Com efeito, não sei. Mas os cavalos são os de Ole Olsen, lá de baixo.

— Pois é o que me parecia. E era o nôvo carro do homem da hospedaria. Mas quem ia dentro?

— Pois veja, isso eu de fato não sei dizer, Povelsen. Não sei, não! Quem sabe lá se não são alguns desses tais de banhistas, que estão sendo esperados lá embaixo.

— É, deve ser isso mesmo. Já no outro dia chegaram alguns. Pois é isso!... pelas chagas de Jesus Cristo!

O professor entoou de nôvo o canto dos alunos e voltou à sala de aulas.

Entretanto, a velha carruagem continuava a rolar em direção norte, pela estrada muito plana, seguindo em sinuosa curva o curso de um pequeno ribeirão que atravessava a paisagem campestre. Por toda a parte viam-se filas de vacas malhadas e vermelhas que, imóveis de cabeça baixa e olhos semicerrados, suportavam indiferentes, a chuva. Aos poucos, porém, foram aparecendo terras mais fracas, onde o gado novo, de pêlo erigado, pastava entre uma profusão de flores campestres de vivos coloridos. As gaivotas que gritando cruzavam o espaço eram indício da proximidade do mar. Não demorou e de fato a alva praia apareceu. Viam-se enfileiradas pequenas choupanas de pescadores, umas poucas casas de camponeses e uma hospedaria coberta de telhas: a aldeia de Sandinge.

O local nos últimos tempos, adquirira certo prestígio pelo menos nos jornais. Após haver a estrada de ferro proporcionado à região acesso relativamente fácil, comunicação com o resto do país e, sobretudo, com a Capital, o dono da hospedaria fôra tomado da ambição de tornar famoso o lugar como praia de banhos. Na primavera sugestivos anúncios nos jornais chamavam a atenção, do respeitável público banhista para aquêle "balneário de primeira ordem" e suas "redondezas selvagens e românticas". De fato, nos últimos anos tinha conseguido atrair para ali meia vintena de veranistas sonhadores de Copenhague, que passeavam pela praia e sistematicamente, todas as tardes, se punham à beira-mar, em contemplação ao pôr do sol.

Mas não era para a hospedaria já então batizada de "Hotel Kattegat", que o velho carro se dirigia. À entrada da aldeia tomou rumo oeste, em direção a uma grande quinta muito bem cuidada, que ficava um pouco fora da cidade propriamente dita. Uma bandeira hasteada anunciava que os hóspedes eram ali esperados.

2

Na mesma hora daquele dia chuvoso, na "Casa de Sandinge", — pitoresca vila construída em estilo nórdico —, tinha lugar uma animada reunião no verão, a conhecida e rica viúva Lene

Gylling gostava de transferir para lá sua cõrte popular da Capital, a fim de estar perto do campo de atividade, favorecido mais que qualquer outro por sua proteção.

Na espaçosa varanda, com uma porta aberta para fora estavam reunidas umas cinqüenta pessoas. Era em parte gente adventícia, da que constantemente se via ali, como hóspedes da escola superior: pastôres muito vivos, com suas espôsas em típicos trajes populares; professôres de aldeia, grave e de grandes barbas, e estudantes rurais, espadaúdos, de faces pálidas e olhos vermelhos. Viam-se também alguns dos professôres da própria escola superior e prósperos camponeses da região com suas espôsas. Houvera como de costume, uma conferência matinal na escola após a qual, conforme o hábito, a Sra. Gylling reuniu todos na casa de Sandinge para passearem à hora do meio-dia em amistosa palestra.

Via de regra, porém, a "palestra entre amigos" terminava num acalorado debate em tórno das diversas questões sociais políticas e religiosas do momento. Discutir, trocar idéias e opiniões sôbre a vida e perder-se proféticamente em previsões do futuro tornara-se uma simples necessidade vital para essa gente. Sobretudo os assuntos religiosos haviam novamente voltado à ordem do dia, após ficarem esquecidos durante vários anos devido à política que tudo absorvia. Por tãda a parte os amigos cristãos da causa do povo, desapontados em suas esperanças quanto ao próximo advento de um reino de paz e justiça terrena, tinham voltado com reforçado ardor seus pensamentos e preocupações para o além.

O tema que naquele dia agitava os ânimos se desenvolvia exclusivamente em tórno das profundas divergências religiosas da época. Todos se ocupavam sobretudo do plano para uma grande reunião que se pretendia realizar na escola superior local, logo após o outono. Congregariam os adeptos da igreja popular de todo o país no sentido do reerguimento e fortalecimento da fé.

Entre os estranhos, um homem de elevada estatura, sem barba, de uns quarenta anos de idade, ao redor de quem se foi agrupando aos poucos a maioria das pessoas presentes. Era o pastor da comunidade livre, Vilhelm Pram, no qual sobretudo os moços, tinham começado a ver um guia e reformador. A fama dêsse homem provinha inicialmente da circunstância de, numa grande reunião eclesiástica e na presença de Bispos e Deãos, ter saído arrojadamente em campo com a declaração de

que, após o aparecimento da mais recente, incontestável exegese, não mais se podia falar da direta revelação divina como de verdade estabelecida, devendo-se procurar notícias de Cristo e da Cristandade exclusivamente no testemunho da comunidade viva; que os pensamentos e a razão não deviam ser dominado pela autoridade da sagrada escritura, devendo-se encarar a Bíblia como qualquer outro livro construtivo cujos conceitos poderiam ser rejeitados ou adotados, conforme as necessidades pessoais de cada um. Essas declarações atuaram no primeiro momento de modo escarmentador mesmo sobre aqueles que mais ardentemente haviam clamado por uma evolução correspondente nas opiniões eclesiásticas da associação cívica. Mas o caso tomou outro rumo, quando as autoridades da Igreja, a pretexto das suas declarações, demitiram Vilhelm Pram do cargo que exercia na igreja oficial. Esse ato fez dêle um mártir e bem depressa o tornou popular juntamente com sua doutrina. Um círculo de camponeses esclarecidos de abastada região leiteira de Laaland o escolheu para seu pastor particular, que, em acalorados discursos e panfletos, continuou a bater-se pelas suas idéias e por fazer-se ouvir, erguendo suas opiniões como o novo facho de luz que finalmente e de modo decisivo viria romper o jugo férreo da fé das letras mortas, e ao mesmo tempo pôr termo ao crescente abandono da eterna verdade do cristianismo por parte das classes esclarecidas.

Essa ocorrência e o feliz desfecho que tivera para Vilhelm Pram haviam contribuído para encorajar também outros homens progressistas do partido a se libertarem da opressora fé dos dogmas. Começou uma verdadeira competição para expor novas verdades vitalizantes. Assim, certo pastor Magensen, também presente à reunião — homem pequeno de olhos de um azul-celeste e louros cachos de anjo —, havia recentemente publicado um panfleto sob o título "Abaixo os Castigos do Inferno", no qual, com profunda sabedoria e cordial ardor, demonstrara que a crença num demônio personificado e uma condenação eterna estavam em contradição com a idéia da ilimitada bondade de Deus e com os mais recentes resultados dialéticos dos tradutores da Bíblia.

Tôdas essas momentosas questões estavam sendo discutidas na varanda da Sra. Gylling, enquanto lá fora a chuva jorrava copiosamente, como se o céu, desconsolado, se desfizesse em pranto. Os debates tinha-se tornado cada vez mais vivos, e sobretudo Vilhelm Pram causava grande impressão, mesmo por-

que a maior parte da companhia era muito a propósito constituída de adeptos seus. Até a Sra. Gylling, a anfitriã, passara-se recentemente, após diversas hesitações, para o partido ávido de reformas, o que viera reforçar extraordinariamente a posição dês-te dentro da organização da associação cívica. Lene Gylling era uma mulher ainda bonita, com pequenos cachos de fino cabelo caídos na testa; sentada numa poltrona de vime contemplava, muda, as pessoas ali reunidas, com seu olhar sempre perdido em doces sonhos —, o olhar afável que lhe dera a fama de ser a mulher mais espirituosa em tôda a Dinamarca.

Todos se sentiam confiantes e possuídos do mais ousado ânimo. Comentava-se abertamente que os países nórdicos viviam agora a fase derradeira, decisiva, de uma purificação da Igreja que tinha começado com Lutero e fôra continuada por Grundtvig. Após dezenove séculos, o Cristianismo ia por fim libertar-se de tôda a loucura medieval e reerguer-se qual inviolável e gloriosa luz. Ia retomar a única forma em que teria o poder de conquistar o mundo e todos os povos, como era sua missão.

3

Entre os presentes um pelo menos não tomava parte na aprovação geral. Sentado junto a uma das janelas, um homem de meia-idade, cavanhaque aparado, contemplava absorto o jardim. Assim estivera durante todo o debate, retraído, sem ser notado pelos outros, mastigando nervosamente o bigode. De quando em vez olhava furtivamente do jardim para Vilhelm Pram, alto e elegante no meio do atento círculo de admiradores que o escutavam devotamente; com o paletó aberto, os dedos da mão esquerda enfiados no bolso do colête e o braço direito dramaticamente estendido aquêle discorria com abundância de palavras sôbre a questão dos milagres que, na sua opinião, deveria ser o assunto principal dos trabalhos na reunião prevista, e que condensara na frase: "O que o homem de hoje deve pedir à religião?".

O solitário era o novo diretor da escola superior de Sandinge, o Sr. Sejling, que assumira a direção da escola após a morte do velho presidente. Era uma personalidade grandemente venerada dentro da associação cívica, o que fôra levado em conta ao lhe ser confiada a direção da escola superior, a maior e talvez mais conceituada do país. Admiravam-lhe a capacidade fora do comum como conferencista, apreciavam-lhe a linguagem bonita, cheia de espírito, e antes de tudo a serena gravidade que emanava de toda a sua pessoa. Contudo, havia nêlo algo de esquisito e incalculável, como que caprichoso. A atitude geral refletia uma espécie de medo, pois ninguém sabia a quantas andava, e nunca era possível fazê-lo dar uma explicação clara de seu ponto de vista, em face duma questão qualquer. Era essa uma fraqueza em seu caráter em geral tão varonil, que tentavam explicar interpretando-o como homem impetuoso, fácil de comover-se, agindo sob o impulso do momento, mas ao mesmo tempo um espírito sombrio e melancólico, em efervescência moral, desnor-teado pelas idéias tumultuosas da época.

Quando Vilhelm Pram parou de falar, Sejling se ergueu como que levado por uma súbita resolução, abotoou o paletó com firmeza e a passos lentos dirigiu-se para o círculo, com ambas as mãos nas costas e a fisionomia absolutamente calma.

— "Desejo fazer uma observação" — disse em voz alta, interrompendo sem mais nem menos a discussão que se seguira imediatamente ao discurso.

Ao som de sua voz produziu-se certa agitação no auditório. Começou dizendo que, como de costume, tinha ouvido com grande satisfação a preleção de seu amigo Vilhelm Pram, que revelava um espírito esclarecido e ardente inteiramente absorvido pelo magno e vital problema da humanidade. Se ainda assim êle, professor, se sentia com direito a fazer objeções, era por julgar ou, melhor, por estar absolutamente convencido, após analisar-se muito sèriamente de que em muitas das tendências ali manifestadas, vislumbrava um perigo que nem todos examinavam com suficiente cautela. O cristianismo, dizia êle, só tinha na realidade uma espécie de inimigo entre os homens: os não-cristãos. Para êle, cada vez mais, a grande missão religiosa da época não era a de aumentar as barreiras entre cristãos bem intencionados mas, pelo contrário, eliminá-las, edificar pontes sobre elas, tornar possível a volta da feliz congregação como único meio capaz de restituir à comunidade cristã o poder autori-

tário da conversão, que o mesmo que fizera os cegos ver e os surdos ouvir.

Essas palavras, ditas com a mais profunda convicção, não deixaram de impressionar, sobretudo as camadas paroquianas da reunião. Somente Vilhelm Pram — tão arrebatado pelo seu papel de reformador que interpretava qualquer objeção como ofensa pessoal — refutou com ardor os argumentos expostos.

O pequeno pastor Magensen tomou então a palavra e afirmou concordar plenamente com as declarações de Vilhelm Pram. Achava, apenas, que devia fazer pequeno reparo ao que fôra dito, pois nenhum cristão verdadeiro podia viver em irmandade espiritual com gente que acreditava num diabo personificado ou em eternos castigos no inferno.

— Contra tal doutrina desumana e insuportável deve-se fazer guerra aberta... E uma guerra de aniquilamento! — continuou êle a exclamar na emoção histérica com que, em ocasiões oportunas e inoportunas, anunciava sua doutrina de conjuração. Constava que o pontífice dos pietistas, não destituído de senso humorístico, havia dito a seu respeito: "o diabo o levou... de corpo e alma".

O diretor da escola superior, lançando um olhar não muito respeitoso ao pigmeu antagonista, interrompeu-o para fazer-lhe esta observação ambígua: "também eu há muito estou mais do que farto dêsses eternos castigos infernais".

A agitação aumentou de intensidade. As divergências de opiniões, que ultimamente surgiam no seio da associação cívica, provocaram uma cena considerada mau presságio para o resultado da reunião. Nesse momento, porém, quando a desavença entre Vilhelm Pram e o diretor da escola superior ameaçava transformar-se em desagradável e renhida disputa, sobreveio uma interrupção. Um homem alto e pálido, que até então se mantivera o mais afastado possível do círculo de ouvintes, ergueu-se e atraindo para si as atenções de todos, pediu, com voz fraca, permissão para falar.

Era o bacharel Boserup — estimado por todos, mas ao mesmo tempo profundamente lastimado — teólogo e antigo professor de escola superior que, aprofundando-se demais em livros filosóficos e críticos, sofrera a desgraça de perder a fé nas verdades do Cristianismo. O quanto essa perda lhe tinha sido pesada, o quanto se sentia solitário e infeliz em sua dúvida, todo êle, todo o seu aspecto o atestava tão vivamente que aquela

gente, sobretudo as mulheres, tomada de compaixão, porfiou em mostrar-lhe sua solidariedade.

Ele mesmo frequentemente dizia que era como se sua alma estivesse morta. Apesar de sua apostasia, procurava, sem cessar, os lugares onde se pregasse a palavra da Fé. Por isso, muitos conservavam ainda a esperança de vê-lo voltar purificado à sociedade cristã; nesse sentido, dava-se especial significação à circunstância de que era justamente pelas prédicas da associação cívica que ele se sentia atraído. Via-se nisso nova confirmação de ser na luz espiritual, emanada dessa comunidade, que não somente eles, mas tôdas as almas extraviadas e descrentes, acabariam encontrando o caminho que haviam perdido, e que era o caminho que conduzia ao céu.

Quando Boserup se ergueu, fêz-se um silêncio tumular, todos os olhares postos, em ansiosa expectativa, em seus lábios.

Então, lançando furtivo e doloroso sorriso ao pálido rosto de Cristo, amarrotou o lenço entre as mãos descarnadas, e começou.

Não fôra com pouco escrúpulo, disse êle, em voz quase inaudível, que tomara a liberdade de atrair a atenção naquele círculo; refletia maduramente antes de fazê-lo. Pois, de certo modo, nem tinha mais direito a falar em tal reunião. Mas um impulso irresistível o impelia a expressar sua satisfação sobre o que tinha ouvido. Era-lhe maravilhoso presenciar como do velho caminho da igreja, outrora também para êle tão querido, estava sendo afastada mais uma das pedras sobre as quais tantos tropeçavam.

Queria apontar, sobretudo, a crença nos milagres, obstáculo que para êle mesmo havia sido tão fatal. Por isso todos compreenderiam a gratidão com que ouvira especialmente as palavras de Vilhelm Pram sobre êsse ponto. Era com grande esperança, acrescentou, que via a obra saneadora ora iniciada. Certamente um dia se converteria em ventura e paz para todos.

A essas palavras, os adeptos de Vilhelm Pram novamente vibraram e rodearam o orador para lhe apertar a mão. Mas o diretor da escola superior, não se deixando intimidar por tão pouco, pediu novamente a palavra. Durante a discussão que recrudesceu em vozes cada vez mais alta, revelou-se que êle, apesar de tudo, não tinha tão poucos correligionários. Sobretudo entre os professores de aldeia, que até então haviam estado um tanto mudos; mas, estimulados pela ousada atitude dos antagonistas, mormente dos jovens estudantes camponeses, se acaloravam e começavam a tomar a palavra. Durante um momento, parecia

que o modesto aparte do bacharel Boserup se transformaria no sinal para um combate sério. Um fato, entretanto, veio dar rumo nôvo ao pensamento de todos.

Sentindo-se constrangida sempre que as vozes se elevavam, a Sra. Gylling procurara um pretexto para desviar a tempestade. Olhando, por acaso, pela janela, viu o carro coberto que se arrastava pelo caminho, sob a chuva e envolto em névoas.

— Olhem aqui um instante! — exclamou.

Ao som de sua voz, a discussão logo cessou.

— Alguém é capaz de adivinhar quem vai naquele carro?

Todos olharam pela janela, seguindo a direção que ela apontava.

— É Emanuel Hansted.

— Emanuel Hansted?! — fizeram todos em côro.

— Ouvi dizer, esta manhã, que êle alugou uma moradia de verão em casa de Ole Olsen, na aldeia. Provavelmente passará lá algum tempo com a família... Isso é, com as filhas e a irmã, a senhora cônsul-geral Torm.

A notícia era de natureza a despertar surprêsa geral e levou, de fato, os antagonistas a esquecerem, momentâneamente, suas divergências. Emanuel Hansted tinha-se tornado a mágoa da associação cívica. Êle, que transformara em realidade o próprio ideal evangélico! Causara profunda decepção, nos diversos círculos populares da redondeza, ao interromper, havia ano e meio, e de um dia para o outro, tôdas as suas atividades. Retirara-se, deixando a paróquia em completa confusão, que, às cegas, se atirou nos braços dos pietistas.

O desapontamento tivera, ainda, uma nota particular de amargura, quando circulou a notícia confidencial de que essa sua partida repentina estava ligada ao reatamento de relações com certa dama, filha de seu superior e antecessor no cargo, do qual fôra capelão — o ultra-reacionário e muito eclesiástico deão Toennesen, diretor de seminário.

Certo era, em todo caso, que sua espôsa não o acompanhara. Viera só com as filhas para a casa de seu pai, na Capital; contava-se que ela, durante algum tempo, residira na casa de uma amiga de infância e que mais tarde havia voltado para junto dos pais, a fim de tratar de sua mãe enfêrma. O atual estado das relações entre o pastor e a espôsa, nem mesmo a Sra. Gylling conseguira descobrir, e igualmente obscuras eram as demais condições e planos de Emanuel Hansted. Só se sabia, ao certo, que nesse ano e meio tinha vivido em completo retrai-

mento na casa do pai, em Copenhague. Imediatamente após sua volta ao lar paterno, haviam corrido rumores de que nos altos círculos da Igreja se estava tentando reconquistá-lo; pensava-se mesmo conseguir para o filho do conceituado chefe ministerial novo e rendoso cargo eclesiástico; mas êsses rumores foram aos poucos cessando. O último que se tinha ouvido era que, a despeito dos insistentes pedidos da família e dos amigos, êle se recusara categoricamente a entrar de novo para o serviço da igreja oficial. Citava-se como motivo, embora em tom de brincadeira, uma visão mística que teria tido certa noite; contava-se que andava com idéias de promover nada menos do que uma revolução total na sociedade cristã.

Não era de estranhar por isso, que sua presença desse ensejo a uma série de indagações entre as pessoas reunidas na "Casa de Sandinge", sobretudo, após haver a Sra. Gylling informado que também a mencionada Sra. Toennesen tinha chegado, hospedara-se há alguns dias, lá embaixo, no hotel. Fizera-se, durante algum tempo, toda espécie de conjeturas. Vilhelm Pram, que não podia ver alguém se ocupar demasiado com outros, pôs termo a tudo observando que, provavelmente, nem o bom Emanuel Hansted sabia ao certo o que queria.

Voltaram a debater, com renovadas forças, a fé nos milagres e a relação entre os cristãos e os resultados inabaláveis da exegese bíblica.

4

Amanhecera com sol. O caprichoso céu de julho já desde a manhã se desdobrava festivamente azul. Parecia querer dar uma compensação pelo mal que fizera na véspera com suas loucuras do outono. De fato, estava-se agora no auge do verão.

No pequeno e pitoresco jardim da quinta para onde se dirigira no dia anterior o velho trole, a jovem Sra. Torm encontrava-se sentada num banco de madeira à sombra de uma grande macieira de vasta galharia. Pequena e pálida vestia luto. Pela segunda vez, no decorrer dos últimos dois anos, a morte batera à sua porta, clamando entrada. Nem bem se refizera da per-

da do filho, e seu marido fôra acometido de congestão após um lauto banquete, morrendo poucos dias após em seus braços.

Não eram, contudo, essas lembranças tristes que a levavam a ficar ali sentada com seu crochê no colo, olhando, completamente absorta, para as manchas de sol no gramado. Era a preocupação por seu irmão Emanuel que hoje, como tantas vêzes antes, a fazia esquecer seus próprios cuidados.

As relações entre os dois irmãos, separados durante tantos anos, tornaram-se ultimamente muito cordiais. Na forte emoção em que a tinham deixado os repetidos contatos com a morte, encontrara em Emanuel o apoio e consôlo religioso que nem o pai nem o irmão mais moço —, o alegre oficial da guarda —, tinham sido capazes de lhe dar. Aos poucos o irmão se tornara seu confessor, e ela se afeiçoara sinceramente a êle. Assim mesmo a mútua compreensão entre ambos não era perfeita. Sentia-se magoada, quase ofendida, pela obstinada recusa de Emanuel em harmonizar-se novamente com a vida e a sociedade a que êle pertencia, tanto por seus sentimentos como pela sua educação. Desejava segui-lo em seus estranhos caminhos, mas apesar de tãda a sua boa vontade e de seu amor fraternal, não o conseguia.

Junto à cêrca do jardim, estava a filha mais velha de Emanuel Sigrid, agora com seis anos. Seu cabelo cacheado estava coberto por um chapéu tipo Helgoland, e trazia o avental cheio de flôres campestres. A menina, em geral tão barulhenta, mostrava-se quieta e pensativa; não se mexia do lugar e de vez em quando, com um olhar astuto, mirava de soslaio a tia.

Estava assim, grave e triste, desde o meio-dia da véspera, quando atravessavam de carro a rua da aldeia. Durante o longo crepúsculo, ficara junto à janela do seu quarto, olhando em silêncio para a chuva, sem querer comer nem brincar com a pequena Dagny. Quando a criada lhe perguntara se não se sentia bem, fizera como se nada houvesse, começando a dançar com a irmã no meio da sala, simulando um acesso de irresistível alegria.

Agora, na cêrca do jardim, fingia brincar e atirava sem parar olhares furtivos à tia. De repente, ergueu-se, jogou fora as flôres do avental e, atravessando o gramado, foi, com as mãos nas costas, até junto do banco de madeira. Ajoelhou-se em frente à tia e pôs os braços no seu colo.

— Titia — disse ela baixinho, começando a mexer com o pequeno novêlo de linha de crochê.

— Que é meu bem? — fêz Betty, ainda meio absorta.

— Titia, onde é que está minha mãe?

Betty sentiu verdadeiro sobressalto. Fazia muito tempo que ouvira pela última vez essa pergunta, que em tempos passados a tinha pôsto no mais penoso embaraço.

— Por que você quer saber isso, assim de repente, minha filha?

— É... Ah!... bem! — começou Sigrid, fitando-a agora com olhar franco. — É porque sonhei tanto com mamãe esta noite... E com o velho Fiel. Eu vi mamãe direitinho, tia! Até aquela pequena verruga que ela tinha na face, você se lembra? E sonhei também com vovó. Ela me deu uma rósca... Você acha, tia, que mamãe vai voltar logo da viagem?

Betty tornou-se inquieta. Contemplou aquêles inocentes e interrogativos olhos infantis, sem saber o que deveria responder.

— Diga-me, Sigrid, — falou finalmente, acariciando os rebeldes cachos castanhos-dourados, caídos na face corada da criança. — Você sonha muitas vezes com sua mãe?

Sigrid começou de novo, meio embaraçada, a brincar com o novêlo de linha no colo da tia.

— Nem sei bem... — respondeu num tom com o qual pretendia demonstrar indiferença. Mas era fácil perceber que não dizia a verdade.

Betty lutou durante alguns instantes, sem saber o que dizer. Depois, com umas palmadas na face da menina:

— Se a pequena Sigrid fôr boazinha, sua mãe vai voltar mais depressa.

— Logo? — perguntou ela, abrindo muito os olhos.

— Sim... Acho que sim. Mas vá agora buscar Dagny. Creio que a estou ouvindo no quintal.

— Dagny está lá fora? — exclamou a criança com seu habitual entusiasmo, como se tôda a lembrança da mãe tivesse desaparecido num momento.

E como um pé-de-vento saiu correndo do jardim.

Betty olhou-a admirada. Depois sacudiu a cabeça. Não entendia a menina. Não estava longe de se arrepender do que havia dito, pois nem tinha autoridade para dizê-lo. Mas afinal... As crianças teriam que ser preparadas para êsse encontro, de cuja realização ela não duvidava mais. Emanuel não o dissera claramente mas era fácil compreender em tudo que estava firmemente decidido a voltar para a companhia da esposa e a tra-

tar sèriamente de uma reconciliação com seus antigos amigos. Entre outras coisas, falara-lhe recentemente de uma grande reunião que se realizaria ali durante o verão, e ela presumia que sua intenção fôsse anunciar nessa ocasião, pela primeira vez, o nôvo aspecto do cristianismo que pretendia ter encontrado.

Do quintal ouvia-se agora a voz de comando de Sigrid; um momento mais tarde a menina voltou com a pequena Dagny, que justamente nesse dia completava três anos. A pequena gorducha trazia o braço cheio de novos brinquedos e puxava um cavalo de pau com rodinhas. Mas, apesar dos bonitos presentes, a criança parecia desenhada e nada satisfeita. Quando chegou junto à tia, começou a puxá-la pela manga, pedindo enèrgicamente para ver o pai.

Betty tentou acalmá-la.

— Você sabe que seu pai não gosta de ser incomodado de manhã. Êle está lendo, Dagny. Fiquem ali sentadas ao sol, seu pai deve vir já.

Sigrid logo foi arrastando a obstinada aniversariante. Sentaram-se no gramado e começaram a brincar. Mas Dagny impaciente, continuava a resmungar pedindo com sua curiosa voz grave para ver o pai.

Aliás, Betty também já começava a se admirar da ausência de Emanuel. Sabia que êle se levantara havia muito tempo. Bem cedo pela manhã ouvira-o andar de um lado para outro no quarto, como era seu costume quando estava muito preocupado ou absorvido por um assunto importante. Passos de homem soaram na varanda. Um instante depois, com um chapéu de abas largas na cabeça e um cajado de carvalho na mão, apareceu Emanuel na porta aberta.

Parecia o mesmo dos dias passados; vestia com simplicidade, quase pobremente, mas estava tão magro que as faces formavam grandes cavidades acima da barba. Os olhos azuis-claros estavam brilhantes e as profundas sombras ao redor dêles os tornavam ainda mais luminosos. Na nuca, os cabelos tão longos que quase tocavam a gola do paletó, e a grande barba avermelhada pendia, ondulante, por sôbre seu terno escuro.

— Que! — exclamou êle e olhou em tórno, surpreso. — Será verdade que o sol está brilhando hoje?

— Só agora vê, meu caro? — disse a irmã, observando-o por cima do crochê com olhar preocupado. — Quer dizer que esteve outra vez mergulhado nalgum livro, esquecendo-se do mun-

do... Lembre-se de que o médico recomendou não ficar tanto tempo metido dentro de casa!

Ele sorriu e aproximou-se vagarosamente pelo gramado.

— Bom-dia, minhas filhas — disse pondo-lhes as mãos na cabeça, num gesto de bênção às crianças que logo vieram correndo ao seu encontro. — Então? Dormiram bem na casa estranha? Mas sim, com certeza... Olhe, Betty, Angélica me deu um copo de leite e um pedaço de pão, de modo que você não precisa preocupar-se quanto a almoço para mim. Quero dar uma volta por aí, pela região. Estive mesmo, como disse, ocupado com um livro. Um livrinho bem interessante! E, coincidência bem singular!...

— Mas você com certeza se esquece... — interrompeu-o a irmã, com um olhar significativo para a menina que fazia anos; a criança ficara ao seu lado, em pé no gramado, confusa, com o dedo na boca e as lágrimas começando a apontar em seus grandes olhos azuis-claros.

— Ah!, Dagny minha pequerrucha!

Tomou a criança nos braços e beijou-a, comovido, em ambas as faces.

— Deus te abençoe, minha filha! Não penses que me esqueci de teu dia. De fato não me esqueci. Achaste, com certeza, um presentinho na tua cama esta manhã... Sim, ali está! E parece que titia pensou bem em ti. Sim, sim, agradece agora ao bom Deus por tudo, minha filha! Mas ali, parece, vem Angélica para buscá-las.

Ele a pôs no chão, e as duas meninas saíram correndo para a criada que tinha aparecido na porta do jardim, a fim chamar as crianças para o almoço.

Emanuel sentou-se no banco ao lado da irmã, e após alguns momentos de silêncio meditativo retomou o fio do que tinha começado a contar:

— Eu estava falando do livro, Betty. Imagine, é um dos velhos livros de mamãe! Não posso compreender como veio parar aqui pois nunca o vi antes, nem o conhecia. Não é esquisito isso? É quase como se o Destino quisesse que eu lesse êsse livro, não acha?

— Mas não teria vindo simplesmente por acaso no meio dos outros livros que trouxe de casa? Decerto havia diversos livros de mamãe no meio dos nossos.

— Sim, é possível, naturalmente. Mas você pode imaginar como me senti comovido ao ver assim, inesperadamente, a cali-

grafia e a assinatura de mamãe na primeira fôlha. Havia até página marcada... provavelmente a que ela leu pela última vez. Comecei dali em diante. Sabe, é tão estranho isso com mamãe. Muitas vêzes aconteceu que quando tudo me parecia sombrio em volta, todos os caminhos fechados, ou quando estava precisando muito de um reavivamento de minha fé e minhas esperanças, mamãe de um ou de outro modo me fêz um sinal, me estendeu de além-tumulo sua mão consoladora. Ora, esta noite, quando estava deitado sem poder dormir...

— Então passou outra vez a noite em claro, Emanuel? — perguntou a irmã, fitando-o novamente com um olhar preocupado e perscrutador.

— Ah!, isso não tem importância alguma. Acho que foi efeito da viagem, ou talvez do nôvo ambiente. Mas, como ia dizendo... Enquanto escutava a chuva, o vento e o cacarejar dos galos à meia-noite, — rumores êsses de que tanto gosto e que não mais ouvi desde que deixei o presbitério de Vejlbj e Hansine, — despertaram em mim tantos sentimentos do passado... tantas recordações queridas me agitavam a mente e os pensamentos... Eu revivia na imaginação tôda a minha vida, não aos pedaços e de modo incompleto, mas como um todo grande e claro. Como do cimo de uma alta tôrre podia ver todo o caminho que vim trilhando. Entendi, com muito mais nitidez do que até então, porque a mão de Deus me tocou, me ordenou que ficasse parado e olhasse para trás. Olhar para o íntimo de meu ser! Sim, Deus tem sido bondoso para comigo! Lá ia eu, tão confiante em mim mesmo, tão absolutamente tranqüilo na certeza de estar pisando nas pegadas de Jesus... E nem percebi que as seguia na direção errada, rumo à vida temporal com tôdas as suas ambições, preocupações e exigências nunca satisfeitas, em vez de segui-las para dentro, na direção do pórtico pequeno, baixo e estreito do coração, que Cristo abriu para nós com a palavra: "Meu reino não é êste mundo!"

Ergueu-se e olhou por cima da cêrca do jardim para o campo raso ao sul, onde ao longe aparecia uma nesga apagada dos muros vermelhos da escola superior de Sandinge. Muito tempo assim ficou, de pé, a cabeça erguida, enquanto Betty se curvava em silêncio sôbre o trabalho. Contra sua vontade, sentiu-se comovida com as palavras do irmão. Era sempre depois, quando êle se havia retirado, que o verdadeiro sentido de suas palavras lhe aparecia claramente e a assustava por sua intransigência.

— Mas você se esqueceu do que queria contar sobre o livro de mamãe.

— Sobre quê? Ah! sim, o livro... — disse ele distraído, pondo-se a andar à sua frente, de um lado para outro, com as mãos e o cajado nas costas. — Sim, veja você, era só uma pequena coleção de contos religiosos, nada mais. O conto que mamãe marcou tratava de um homem da terra dos judeus, de quem se contava que sempre fôra objeto de zombaria de seus amigos e vizinhos por causa de sua absoluta devoção ao Senhor. Apesar de seu amor filial para com Deus sempre sofrera desgraças quanto ao bem-estar material; os filhos e a esposa morreram, o gado foi atacado de moléstias, ele mesmo foi contagiado por lepra. Por último —, assim conta a história —, uma tempestade destruiu-lhe os vinhedos e um raio arrasou-lhe a casa. Aí termina o conto com essas magníficas palavras: "Ele foi então ao templo, ajoelhou-se e agradeceu a Deus, para escândalo dos filhos do mundo". Estas palavras estavam sublinhadas por mamãe e merecem bem que as adotemos como lema, não acha? Quando as palavras mundanas mal-intencionadas nos põe indecisos, quando começamos a temer por nossa própria fé e dizemos a nós mesmos: "os outros não terão talvez razão" — não é isso loucura, não é isso desvario? Devemos então lembrar a história desse devoto homem da Judéia, que tinha, tão profunda compreensão do amor divino! — Mas quem vem aí? — interrompeu-se ele ao ver duas pessoas que se aproximavam pelo caminho, vindos da aldeia de pescadores: uma senhora de vestido branco com sombrinha branca e um senhor vestido de preto, com chapéu de palha de abas largas.

— Onde? — perguntou Betty, erguendo os olhos. — Ah!, é Ragnhild Toennesen!

— Sim, já estou reconhecendo — disse Emanuel, enquanto ao mesmo tempo leve inquietação lhe passava pelo rosto. — Mas quem vem com ela?

— Não sei... deixe ver — sim, me parece que é... Não é o pastor Petersen?

— O pastor Petersen? Ele também está aqui?

— Acho que sim. É até bem provável. Já deu na vista como ele e Ragnhild têm estado juntos nos últimos tempos; eu também já o percebi.

— Ah!, sim — disse Emanuel, cuja voz se tornara um pouco insegura. — Sim, conta que o pastor Petersen é um homem que gosta de mulheres... Você acha que eles vêm para cá?

— Acho que sim.

Emanuel ficou um instante indeciso. Preferia ter deixado Betty receber sòzinha a visita. Mas os estranhos já o haviam reconhecido. A dama pôs-se a saudar com sua sombrinha, e o cavalleiro acenava com o chapéu de palha amarelo.

5

Betty ergueu-se do banco para receber os dois no portão do jardim. Esperava a visita de Ragnhild Toennesen, mas ficara surpresa, quase assustada, ao ver seu companheiro aparecer por aquêles campos.

O pastor Petersen era um homem de compleição atlética, de uns 50 anos de idade, com rosto cheio, liso, expressivo e móvel; o que se chama uma cara de artista. Não fôsse o casaco preto de abas e o plastrão branco, podia-se muito bem tomá-lo por um ator encarregado de papéis cômicos de velho, numa companhia teatral, sobretudo porque tôda a sua pessoa, antes de tudo a côr muito vermelha do rosto, traíam nêle o fiel amigo dos prazeres da mesa. Era, por isso, mais conhecido pela alcunha de "Peter Ruedesheimer" ⁽⁹⁾. Nas conversas mais íntimas, êle próprio com grande sinceridade muitas vêzes contava, que num dos restaurantes mais luxuosos de Copenhague lhe disseram certa ocasião que era êle o melhor freguês. Não era padre na própria Copenhague, mas tinha um rendoso cargo nas adjacências da cidade; viúvo e sem filhos, era visto praticamente todos os dias na Capital, onde o consideravam importante figura da sociedade mundana. Nos últimos anos tinha figurado entre os amigos do cônsul-geral Torm. Como tal fôra também de vez em quando convidado para a casa do conselheiro Hansted, entre cujos hóspedes nem sempre era igualmente bem visto! Sabia-se que êle, em sentido religioso, era rigorosamente ortodoxo e que na sua paróquia mantinha luta sem tréguas contra todos os dissidentes.

As senhoras sentaram-se no banco de madeira embaixo da macieira, enquanto o pastor Petersen tomou lugar numa poltrona de alto espaldar, a sua frente. Emanuel ficou de pé ocultan-

do-se atrás de intransponível mudez, como era agora seu hábito preferido na presença de estranhos como aquêles.

O padre Rudesheimer fêz como se não percebesse que a recepção não era de todo cordial. Com inabalável calma, tirou o chapéu e enxugou a testa com o lenço.

Após a troca dos primeiros cumprimentos e feitas as perguntas usuais sobre a viagem e como estavam passando, Betty voltou-se para o recém-chegado:

— É de fato uma surpresa encontrar o Sr. Pastor por êstes lados. Está aqui há muito tempo?

— Até demais, ou ainda muito pouco, como a senhora quiser. Quando bater uma hora, fará precisamente três dias.

— Três dias... Então chegou juntamente com a Sra. Toennesen?

— No mesmo dia, sim. Mas me diga... Eu poderia ter feito outra coisa? Devo confessar que pensei muito no caso. Não era minha obrigação, não era um dever ao qual não me podia furtar?

— Como assim? Seu dever, Sr. Pastor?

— Que quer dizer com isso? Posso pedir, também uma explicação? — interveio Ragnhild.

— Estou absolutamente certo de que a senhora concordará inteiramente com meu modo de ver — continuou o pastor, que se recostara ligeiramente ao espaldar da cadeira, com o chapéu de palha no colo e as mãos no peito, unindo as pontas dos dedos curtos e grossos, cobertos de anéis. — Eu, de fato, não podia assumir tamanha responsabilidade. Deixar uma dama com tantos atrativos como a Srta. Toennesen viajar completamente sem proteção para êste "balneário de primeira ordem", que bem merece ser chamado a Ostende do Norte! Se considerarmos ao mesmo tempo a impressão deslumbrante dêstes "arredores com cenários naturais selvagens e românticos" que todos aqui temos diante dos olhos, certamente se compreenderá que senti ser meu dever oferecer à inocência a proteção que, como espero, minha qualidade de pastor — apontou seu plastrão branco — e meus cabelos grisalhos lhe possam proporcionar nesta moderna Sodoma.

— Não, Sr. Pastor, essa explicação não serve! — insistiu Betty. — Seja-me permitido exigir outra, melhor...

— Ora, você dando ouvido a essas bobagens! — interrompeu-a Ragnhild num tom ligeiramente irritado, pondo a mão no braço de sua amiga. — O pastor tomou chá frio esta manhã e

é por isso que desde cedo está dum mau humor insuportável e disposto a maçar todo o mundo.

O pastor fingiu não ter ouvido essa observação.

Aliás, até certo ponto, êle tinha razão. Ragnhild estava mesmo sedutora em seu claro vestido de verão, de enormes mangas fôlas e com o grande chapéu à pastora, cujo feltro branco ia extraordinariamente bem com seus cabelos crespos castanhos-avermelhados. Devia-se concordar que conservara excelentemente os traços juvenis. Seu porte era o mesmo de antes, erecto e altivo, os magníficos olhos azuis-pardos nada tinham perdido de seu brilho; com os anos, tornara-se cheia de corpo, com faces coradas, e um pouco coquete; em suma, parecia estar na fase de beleza e rejuvenescimento tardios a que chegam certas mulheres ao se aproximarem dos trinta anos, quando êsse tempo lhes acontece algo de decisivo.

— Bem, se essa explicação não a satisfaz, minha senhora — continuou o pastor, dirigindo-se a D. Betty — devo tentar outra. A verdade é que também eu, como o fêz nossa amiga, a Srta. Toennesen, consegui de uma sumidade médica da Capital um atestado, segundo o qual meus nervos necessitam de longo período de descanso e tratamento. E onde poderia encontrar isso melhor do que aqui no Hotel Kattegat que, em sua adorável simplicidade, sem artifício algum, me parece ser um verdadeiro modelo de casa de repouso para convalescentes, para... hum!... nervosos. Aliás, já ouvi que devemos agradecer à senhora pelo descobrimento dêste recanto pacífico.

— Não, não é a mim. Foi meu irmão que teve essa idéia.

— Dai a César o que é de César — disse Ragnhild, com uma reverência para Emanuel — pode crer, Sr. Pastor Hansted, que já o abençoei diversas vezes... sobretudo na primeira noite, quando encontrei um camundongo na minha cama. Creio que deve ter sentido nos ouvidos uma zoadá igual à dos sinos de alarme, naquela noite !

Emanuel estremeceu ligeiramente, quando a môça lhe dirigiu a palavra. Olhou atento do pastor para Ragnhild, e desta para o pastor, enquanto os dois se empenharam na pequena escaramuça amistosa. Mas acalmou-se logo e enfrentou com olhar firme o lampejo brejeiro da môça.

— Parece esquecer-se completamente, Srta. Toennesen — disse, já senhor de si, — de que quando escolhi êste lugar para nosso veraneio não havia a menor razão de tomar também em consideração as suas preferências e hábitos. Eu não sabia e nem

de longe poderia suspeitar que a senhora pensava sèriamente em vir fazer companhia a minha irmã. Talvez se lembre também de que eu, quando a senhorita me contou que tinha tido essa idéia de "bater um pouco as asas", como se expressou, a desaconselhei decididamente...

— Eu sei, o senhor desaconselha sempre! — interrompeu ela com mal disfarçada impaciência, e voltou-se para os outros. — Não é mesmo, pastor Petersen? Se a organização do mundo dependesse do Sr. Hansted, todos nós estaríamos ainda com os dentes de leite, não acha?

O pastor ameaçou-a com o dedo erguido.

— Quanta malícia! — disse, sacudindo a cabeça e retomando sua anterior posição, com as mãos unidas na frente do peito, como os homens santos nos afrescos antigos. Mas sôbre seu traje prêto, sacerdotal, formigavam alegremente manchas douradas de sol; e em tórno de sua grande cabeça grisalha a sombra dos ramos da macieira punha como uma coroa de fôlhas de parreira, que de modo caprichoso destacavam sua semelhança com um sátiro zombeteiro, envelhecido a serviço de Baco.

— Devo preveni-lo contra a Srta. Toennesen — disse dirigindo-se a Emanuel. — Ela vive falando mal do senhor. Tenho antegozado a sua vinda, entre outros motivos para podermos jogar uma partida de boliche de vez em quando, pois um campo de boliche é o único centro de diversões que até agora consegui descobrir aqui nesta Ostende. Mas durante todo o caminho para cá a Srta. Toennesen veio tentando convencer-me de que o senhor não joga boliche, que até é absolutamente contrário à prática de tão nobre esporte.

— Dessa vez ela, de fato, teve razão — respondeu Emanuel sêcamente. — Devo, pois, pedir-lhe que não conte comigo.

— Oh! meu Deus! Então é mesmo verdade! O senhor não joga cartas, não toma vinho, não fuma, e agora nem ao menos quer jogar boliche! Então é um verdadeiro santo!

— Ainda não sabia disso, meu caro? — disse Ragnhild, zombeteira.

Emanuel empalideceu e mordeu os lábios, mas nada respondeu.

— Então continuou mesmo incondicionalmente entregue à misericórdia de meu companheiro de pensão, o Sr. Mikkelsen, fabricante de escôvas... — suspirou o pastor. — Bem!... Ele, de fato, bate umas bolas muito bem; tem uma fôrça na canhota que só posso admirar, lá isso tem...

— Mas existem tantos outros divertimentos por aqui, Sr. Pastor — apressou-se em dizer Betty, já nervosa por causa da atitude de Emanuel, e procurando dar outro rumo à conversa. — Os arredores são realmente bem pitorescos. E o senhor um grande admirador da natureza; é mesmo um apaixonado caçador, ouvi dizer.

— Sou-lhe muito grato pela boa opinião que tem de mim. Mas infelizmente sou um homem muito prosaico... Não nego que tenho certo fraco por estender meu corpo preguiçoso ao sol, num campo de trevos; acho também muito agradável, num dia de verão bem quente, fazer a sesta, à sombra do arvoredor, à margem dum regato murmurante, de água fria — sobretudo quando não é muito longe dum lugar onde também se possa obter da outra água, fabricada. Mas para os chamados encantos mais elevados da natureza falta-me infelizmente tãda a compreensão. Tenho vergonha de o confessar, mas... acha a senhora que, por exemplo, consegui sentir qualquer entusiasmo digno de nota pela chuva de ontem, sem dúvida altamente poética? Só vi que chovia a cântaros quando me levantei, que caía uma tromba d'água quando estávamos almoçando e que havia um dilúvio quando jantávamos, a ponto de a água cair aos baldes pela chaminé dentro da panela —, a julgar pelo gosto da sopa...

— Exatamente como eu! — secundou Ragnhild com vivacidade forçada. — De modo geral, o pastor Petersen e eu estamos surpreendentemente de acôrdo em tudo. Se estivesse um pouquinho mais perto, Sr. Pastor, lhe estenderia a mão!

Um sorriso brejeiro espalhou-se na face do pastor que se erguem, aproximou-se da môça e lhe beijou galantemente a pontinha da mão enluvada.

— Que gentil! — disse ela corando.

Emanuel começou a correr, de nôvo, os olhos sôbre os dois. Betty, um pouco embaraçada, voltou a ocupar-se do seu crochê.

— Como estava dizendo, minha senhora —, continuou o pastor depois de sentar-se novamente —, não passo de um pobre homem prosaico que precisa da indulgência de nossa época com suas líricas agitações. Meu pobre espírito medíocre é por demais pesado para atingir as regiões em que meus honrados contemporâneos desdobram tão admiráveis realizações nas mais elevadas acrobacias aéreas, jamais vistas cá embaixo. Devo contentar-me em ser um espectador sincero, com tãda a modéstia... Por falar nisso, lembro-me do que dizem os jornais de hoje: que logo haverá uma extraordinária reunião lá na célebre

encola superior. Que diz afinal o senhor, pastor Hansted, de seus antigos correligionários? Acho em todo caso uma idéia bem inteligente, esta de celebrar assim, com alguns anos de intervalo, um pequeno Dia de Juízo particular, proferir julgamento sobre o céu, o inferno e o próprio Deus, não é mesmo?

Emanuel tinha uma vez por tôdas tomado a firme resolução de não falar com êsse homem sobre assuntos sérios, e por isso limitou-se a murmurar uma evasiva.

— Contanto que acertem e julguem com justiça... É o que me causa mais apreensão! — continuou o pastor, impassível. — Com efeito! Nos dias que correm aprendemos em amarga experiência o que pode resultar da mínima leviandade em assuntos dessa natureza. Creio que o senhor também leu o trabalho do pastor Magensen, que marcou época, a respeito do inferno e dos castigos infernais. Veja o senhor, aí andamos nós cristãos durante dezenove séculos carregando conosco o temor da expulsão eterna da presença de Deus. Como um pesadelo opressivo o horror da condenação pendeu sobre o homem... E lá vem o ilustre pastor Magensen, ou um professor alemão, ou seja lá quem fôr que primeiro teve a idéia, e nos prova que, tão certo como dois e dois são quatro, tudo está baseado num mal-entendido, numa interpretação errada de certa palavra nas escrituras sagradas, num lamentável lapso de tradução que só hoje foi verificado. Que idéia horrível, quase revolucionária! Lá estêve o velho e devoto eremita a traduzir o trabalho com o suor de seu rosto, estudando com meticulosa exatidão cada sílaba até chegar à palavra fatal. Aí êle se descuidou e fêz bobagem. Talvez tenha sido estorvado, talvez um amigo haja entrado naquele momento para perguntar como ia passando, ou uma môsca se tenha sentado no seu nariz... e pronto! A malfadada palavra se lhe escapou e foi para o papel! E Deus, que pouco antes nos tinha enviado Seu filho unigênito cá para baixo, fazendo-o sofrer e ser crucificado para acender a luz da verdade para os homens, Deus lá do céu assistiu tranqüilamente como nós, por causa dêsse pequeno descuido de tradução, fomos atirados de novo às trevas da ignorância, onde ficamos por dois mil anos. Realmente, o velho adágio diz a verdade: "um minúsculo cravo pode perder um grande cavaleiro". Mas, meu caro! Vejo que está com o cajado na mão — interrompeu-se, vendo que Emanuel continuava sem nada responder. — Espero que não o esteja detendo. Estaria o senhor em vias de sair?

— Não nego — respondeu Emanuel. — Estava pensando em ir passear um pouco...

— Muito bem! Então vou tomar a liberdade de acompanhá-lo por um trecho do caminho. Um pouco de movimento antes do banho só me poderá fazer bem. E decerto não poderei contar mais com sua companhia hoje pela manhã, não é Srta. Toennesen?

— Não, eu fico aqui fazendo companhia à Sra. Torm. Aliás antes de o senhor ir-se embora, pastor Hansted, queria pedir-lhe um favor. Tenho atualmente verdadeira paixão por flôres de urze, por essa erva daninha, obscura, sem perfume, o símbolo da modéstia, etc. Ora, não faça logo esta cara de Jeremias! Eu só ia pedir-lhe que fizesse a gentileza de colhêr um pequeno buquê para mim, durante o seu passeio. Naturalmente só se isso não lhe perturbar as meditações sobre uma nova e mais perfeita ordem universal. Deus me livre de vir a ser aquela môsca atrevida de que o pastor Petersen ainda há pouco falou — a causa da dissipação dos próximos dois mil anos de ventura para a Humanidade. Por isso, se conseqüências tão desastrosas devem ser temidas, faça de conta que não lhe pedi nada!

Emanuel sentiu novamente o sangue fugir-lhe das faces e dos lábios, enquanto as sombras sob os seus olhos se tornaram inquietadoramente pretas. Mais uma vez, porém, lembrou-se das palavras de seu Senhor e Mestre: "Se alguém te esbofetear na face direita...", e guardou silêncio. Com força de alma sobre-humana ficou imóvel e a olhou com uma expressão em que a compaixão e a mágoa se fundiam dolorosamente.

Mas seu silêncio e seu olhar incitaram ainda mais a môça zombeteira; era como se sentisse um ímpeto irresistível de feri-lo o mais que pudesse. A situação estava para se tornar desagradável, quando o pastor interveio e, com repentina e surpreendente seriedade e não sem autoridade, disse:

— Está-se excedendo, Srta. Toennesen! E além disso, o que pede não é razoável. Esquece-se de que o Sr. Hansted acaba de chegar aqui e por isso terá mais motivo do que suficiente para fazer. Por que não me encarrega de colhêr as flôres que deseja? Sabe muito bem que o farei com todo o prazer.

— É, realmente é melhor mesmo. Para o senhor tudo é sempre tão fácil. O senhor é tão agradavelmente terrestre... Muito obrigada, Sr. Pastor. E até a vista!

Depois que os homens se foram, as duas amigas ainda ficaram sentadas sob a macieira. Durante muito tempo nenhuma das duas falou. Ragnhild, que se excitara em seu ardor, abanava-se conservando a sombrinha fechada, ao passo que Betty, seriamente aborrecida, curvara-se sobre seu trabalho.

— É incrível que vocês dois sempre tenham de brigar! — disse Betty, afinal, com seu jeito tranqüilo, sem erguer os olhos.

— Quem? Seu irmão e eu? É apenas um hábito que nos ficou de outros tempos. Espero que você não se aborreça por isso, cara Betty. Esse é, desde muito, nosso modo de conversar. Aliás, entre nós existe, creio eu, tanta discordância quanto é possível haver entre duas pessoas.

— É, pode ser...

— Você quase fala como se isso fôsse coisa de admirar, Betty!

— E é mesmo, de certo modo.

— Não entendo... Você mesma já se tem queixado em muitas ocasiões do quanto sempre foi difícil, impossível até para você e sua família, compreender seu irmão.

— Isso é coisa muito diferente, Ragnhild. Papai nunca o pôde compreender de todo, e eu mesma, naturalmente, tenho muitas vezes dificuldade em concordar com seus pontos de vista e na maneira de viver. De meu irmão Carl nem quero falar. Mas ainda que não se compartilhe das opiniões de alguém, pode-se muito bem respeitá-las!

— O que acho é que você está começando a ser influenciada por seu irmão, minha cara Betty! Tenho notado isso nos últimos tempos!

— Que bobagens diz você, Ragnhild!

— Está bem, não falemos mais no assunto. Aliás, seu irmão não teve sempre certa tendência para ser diferente dos outros? Parece-me que você mesma já disse certa vez qualquer coisa assim.

— Emanuel puxou à mãe. E mamãe também não era como a maioria das pessoas.

Betty disse essas palavras corando ao máximo. Pela primeira vez sua mãe era mencionada entre ambas. Mas sentira que devia pelo menos naquele momento, defender sèriamente o irmão diante das zombarias frívolas da amiga.

— Quanto a papai — continuou ela — nunca pôde reconciliar-se com a idéia de Emanuel se tornar teólogo. Papai infelizmente não é tão religioso como seria de desejar. Êle queria por fôrça que o filho estudasse Direito. Mas Emanuel tinha prometido a mamãe fazer-se padre, e datam daí, originariamente, as relações tensas entre êles... Pelo menos era o que dizia Torm. Você conhece a exagerada firmeza de princípios de papai. E Emanuel, quando se trata de sua fé, também não cede um passo.

— Nisso você tem tôda razão. Aliás, como você mesma tocou neste assunto o pastor Petersen e eu falávamos justamente de seu irmão no caminho para cá. Diz o pastor que seu irmão deve ter, provavelmente, um motivo certo para permanecer aqui.

— Um motivo certo? Como assim? — perguntou Betty, erguendo os olhos.

— Quero dizer que seu irmão talvez pretenda tentar outra vez uma aproximação com os seus velhos amigos daqui e... provavelmente de lá do outro lado do fiorde. De modo geral, êle mal terá encontrado em Copenhague a acolhida que esperava.

— Que acolhida quer você dizer?

— Mas minha querida, não tome tudo tanto a sério! Eu sei, por experiência própria, como é fácil nos sentirmos, no começo, desapontados em nossas esperanças quando chegamos do campo, onde fomos, em tudo, tão importantes... Fácilmente nos sentimos desprezados e postos de lado...

A voz de Betty tremia ligeiramente ao responder:

— Se meu irmão ficou em Copenhague durante ano e meio, foi só porque o achou necessário para o seu aperfeiçoamento. Pode-se imaginar a êsse respeito o que se quiser, mas ninguém tem direito de lhe atribuir qualquer finalidade interesseira.

— Cara Betty, realmente não é êsse o meu pensamento. Mas você com certeza não poderá achar estranho que as relações de seu irmão, por exemplo, com seus parentes próximos causem alguma admiração.

— Que quer dizer com isso?

— Perdão... Ver-me-ei obrigada a ser indiscreta. Você me põe mesmo a pergunta na ponta da língua: que terá dito afinal a espôsa dessa longa separação?

— Claro que ela a aprovou inteiramente; foi até ela mesma quem assim o quis por causa de Emanuel.

Betty corou novamente. Também pela primeira vez a espôsa do irmão era mencionada entre elas. Como diversas outras pessoas, alimentara esperanças quanto a uma ligação entre a amiga e Emanuel, e achava que a culpa pela frustração dessas esperanças cabia sobretudo a Ragnhild.

— Então sôbre tudo isso é que você e o pastor Petersen andaram conversando... — disse, após alguns momentos de silêncio. — Foi uma surpresa, e não pequena, ver o pastor aparecer por aqui. Ele deve ter resolvido viajar de uma hora para outra.

— Provavelmente, sim.

— Que poderá afinal tê-lo trazido para cá? Será que está apaixonado por você, Ragnhild?

— Isso não sei. Não lhe perguntei!

— No entanto, você está bem contente por tê-lo aqui. Ele é divertido, não?

— Sim, distraio-me muito com seu alegre jeito de palhaço. Afinal não podemos todos andar por aí como triste reformadores do mundo, não acha?

— Acho bom você ter um pouco de cuidado, Ragnhild. O pastor Petersen, apesar de sua idade, não deixa de ser perigoso. dizem que gosta muito de mulheres.

Ragnhild deu uma pequena gargalhada.

— Quer saber duma coisa, Betty? Acho que se pode dizer isso da grande maioria dos homens. Que aprendeu você com a própria experiência?

Betty não respondeu. Sentiu-se chocada com aquela linguagem livre e com o tom em que a amiga falava. Estava começando a sentir perante ela o mesmo constrangimento que Ragnhild, com seu gosto provinciano por vestidos muitos espalhafatosos, a tinha feito sentir nos primeiros tempos de seu conhecimento. E no íntimo chegava à conclusão de que o melhor era mesmo não se ter tornado realidade a ligação entre Ragnhild e Emanuel.

Lá fora, Emanuel e o pastor Petersen perambulavam pela estrada batida de sol. Iam subindo vagarosamente pelo caminho sinuoso que passava por cima dum grupo de colinas descampadas, as chamadas *Hammerbakker*, onde terminavam, no poente, os vastos e desertos campos cobertos de urzes. No seu ponto culminante, que aparecia ao longe na paisagem êrma, um marco marítimo em forma de cruz destacava-se como escura silhuêta contra o céu claro.

Era sempre o pastor Patersen que falava. Emanuel ainda não se acalmara completamente após o pequeno incidente com Ragnhild. Estava pálido e voltava o rosto para o lado, contemplando, inquieto e distraído, o espelho azulado da enseada.

Era novamente a "Sociedade de Amigos" e suas tendências reformadoras que o zombeteiro pastor havia pôsto em discussão.

— Devo confessar — dizia —, que também eu, infelizmente, travo conhecimento com os muitos panfletos, circulares e demais processos com que os honrados contemporâneos querem assaltar o Céu. Não acha também, Sr. Hansted, que os Srs. Pram, pastor Magensen e todo o seu séquito poderiam agir com um pouco menos de violência? Para mim, essa boa gente causa a impressão de um bando de escravos fugidos, que a sensação de liberdade transformou em canibais. Já não lhes chega haverem conseguido arrancar tôda a divindade ao próprio Cristo, e feito do Redentor um mero filho obstinado de carpinteiro, um socialista com alucinações e outras taras perfeitamente humanas. Vi no outro dia um dos "esclarecidos" do Sr. Pram cometer um verdadeiro crime contra as idéias sobrenaturais do Cristianismo; contra tôdas, sem exceção. Mesmo os inocentes anjinhos de Deus eram massacrados sem dó nem piedade e lançados com enorme estardalhaço na grande vala comum dos produtos da fantasia. Estão fazendo como Satanás, quando disse: "Neste mundo tudo é ciência" e apagou as luzes do altar com o traseiro! Eu só não entendo é que prazer êsses doutos senhores podem ter com seus sangrentos sacrifícios a essa nova espécie de deuses. Que os ateus confessos, os verdadeiro livres-pensadores se deleitem em ver o cristianismo reduzido assim a um sêco esqueleto hitórico, uma epécie de fantasma religioso que curiosamente, ainda se

mantém até os nossos dias esclarecidos, ainda posso compreender, acho até muito certo. Mas quando se quer tomar parte no jogo e arriscar alguma coisa, uma entrada, na grande loteria celeste, realmente não entendo como se pode estar tão empenhado em encontrar o maior número possível de bilhetes brancos. Quanto a mim, confesso que prefiro a série de números que me promete o ganho mais tentador. E, como todos os jogadores inveterados e incorrigíveis, não duvido um só momento de que tenho a pedra de sorte na mão.

Emanuel começou a prestar atenção; o pastor estava aludindo a questões que o preocupavam íntima e profundamente. A despeito de sua decisão de não falar seriamente com esse homem, não pôde deixar de dizer:

— Eu mesmo, graças a Deus, já tenho os olhos abertos para o grave erro de querer medir com escala terrena as coisas que apenas são reais para os olhos abertos da alma. Por isso, não compreendo absolutamente todas essas divergências em torno de merecerem ou não crédito os contos da Bíblia. Quanto ao relato dos sofrimentos e da morte de Jesus não é a autenticidade do assunto que para nós tem importância decisiva. Mas, não o contexto; parece-me igualmente errado querer interpretar nossa missão com o pai celeste como uma espécie de negócio duvidoso, um arriscado jogo de azar, pois a fé, a devoção, — a "entrada", como o senhor se expressou — traz em si mesma o prêmio. Nunca o temor por futuros castigos na eternidade, nem a esperança de um paraíso no além poderão ser determinantes para a união do verdadeiro cristão ao seu pai celeste: esta depende apenas da certeza de fazer, humildemente, a Sua vontade. Por que falar sempre como se a "outra vida" só começasse com a morte? A sensação de já em vida fazer a jornada sob as vistas do Senhor, é a alegria, é a bem-aventurança que aqui na terra é concedida aos filhos de Deus, e esta nem qualquer crítica bíblica nem outra descoberta científica poderão abalar ou tirar de nós!

— Bem!... hum!... — pigarreou seu companheiro.

— Aliás, é provavelmente infrutífero continuarmos esta conversa — terminou Emanuel que depressa se arrependera de sua confidência. — Nós temos, com certeza, opiniões tão diversas que uma compreensão...

— Ah! Que! Vamos conversar para desopilar! — exclamou o pastor cheio de vivacidade. — Por enquanto andamos ambos especulando aqui na terra, falamos a linguagem dos homens e

somos submetidos às mesmas condições humanas... O que, aliás, me lembra que tenho um recado para o senhor, ou melhor, uma pergunta, como quiser. Há poucos dias encontrei meu primo, o deão da diocese, que também o senhor conhece pessoalmente, da casa de seu pai. Entre outras coisas, viemos a falar do senhor e de sua resolução de não procurar novo cargo na igreja do estado, que ele lamentou profundamente. Isso continua a ser o seu ponto de vista, não é mesmo?

— Sim.

— Nem pode imaginar a possibilidade de deixar-se persuadir a tentar outro cargo, novo e bom, hein?

— Não!

— E por que não, afinal?

— Por que não o poderia fazer sem mentir a Deus ou aos homens.

— O senhor vê então, na doutrina da Igreja atual, uma doutrina heterodoxa?

— Sim, nela encontrei mais das exterioridades do paganismo do que dos sentimentos íntimos do cristianismo...

— Escute, pastor Hansted! falou, parando em frente a Emanuel, com as mãos na cintura. — Eu tenho vinte anos mais do que o senhor; permitir-me-á, pois, que lhe fale com toda a franqueza. Em primeiro lugar, quero dizer-lhe — embora lhe seja talvez difícil compreendê-lo — que também eu nos dias de minha mocidade me aprofundei, suado e tonto, em Mestre Eckardt, Johan Tauler, Soeren Kierkegaard e todos esses acrobatas canonizadores com seus saltos mortais, que em tempos antigos e recentes deixaram atordoado um público nervoso. Baseio-me, pois, na experiência quando lhe digo: tome cuidado, não vá lá quebrar o pescoço! Se quiser escutar meu conselho arranje, sem escrúpulos, um novo e produtivo cargo eclesiástico, com sólidas rendas — isso nos ajuda tanto a reatar boas relações razoáveis com a existência! O mesmo disse seu pai, quando lhe falei a última vez, antes de ele viajar para Karlsbad. Nem posso imaginar que o senhor não esteja, no íntimo, sentindo a necessidade de firmar-se novamente na vida, de tornar-se independente e autônomo, pois — peço perdão, mas o senhor deve ter sentido melhor ainda do que outros — seu pai não viu lá com bons olhos o seu sistema de vida nos últimos tempos. Podia, agora causar grande satisfação ao velho, seguindo meu conselho de amigo. Afinal de contas, seu pai mal pode ter ainda muito tempo de vida! Sabe como está fraco e acabado; depende agora de

o senhor tornar seus últimos dias, na medida do possível, serenos e despreocupados !

Emanuel pôs os olhos no chão e nada respondeu. Compreendeu logo que era sua família que estava atrás dessa nova tentativa de desviar seus pensamentos de Deus, e sentiu o coração oprimido.

O pastor, porém, interpretou mal seu silêncio e prosseguiu com afinho nas suas tentativas de persuasão. Com largo gesto da mão apontou o alegre panorama campestre, estival, que, do lugar elevado em que se achavam, se divisava até o outro lado da cidade de Sandinge, e disse:

— Olhe à sua volta, Sr. Hansted! Não se deixe por mais tempo cegar pelos muitos caluniadores da vida terrena! Veja as vacas lá embaixo, como estão à vontade, acariciando-se preguiçosamente com a cauda! Ouça os pássaros nos arbustos a se alegrar com seus ovos e seus filhotes! Ou veja aquela grande abêlha, atordoada de gozo, metendo de uma vez toda a cabeça avulhada dentro da corola da campânula azul, como um alemão sedento enfia a cara num canecão de cerveja. Então, só a nós, seres humanos, faltaria a capacidade de nos arranjarmos decentemente, cá na terra? Tire essas idéias doidas da cabeça, meu caro amigo! Um dia ainda se irá arrepender de não aceitar agora o amável convite da vida! A propósito, quero dizer-lhe também que meu primo, o deão da diocese, me falou de uma vaga que para o senhor seria ideal. É numa região magnífica, com florestas e lagos, e excelente presbitério em estilo antigo, idílico, comparável àquele lá embaixo, em Sandinge, com um ótimo jardim para seus filhos brincar. Não fica a mais de um quarto de milha da paróquia filiada, e a população é extremamente pacífica. Não é coisa de se desprezar! Que tal? Isso, efetivamente, não o tenta?

Emanuel continuava mudo, olhando para o chão. As palavras e os gestos do pastor, o lugar deserto em que se achavam, o grande silêncio em torno deles e o extenso panorama da planície fértil, tudo isso lhe fazia lembrar aquele momento na vida terrena de seu Senhor e Mestre, quando o tentador se chegou a Ele e dissera: "Atira-se a meus pés, e eu te darei todas as delícias deste mundo!". Nesse instante tudo se lhe revelou. Compreendeu que Deus, por meio desse homem estranho, novamente quisera por à prova o poder de sua crença, experimentar sua coragem de seguir no atalho vertiginoso da fé..., "para escândalo dos filhos deste mundo...".

Ergueu a cabeça. Havia como que um brilho transfigurado em seus traços ao se manifestar dêste jeito:

— Suas intenções para comigo são, sem dúvida, as melhores, Sr. Pastor. Mas, como já lhe disse antes, nós não nos compreendemos. Nossos caminhos não são os mesmos e, dia a dia se afastarão mais um do outro. Peço-lhe que transmita, aos que o enviaram para falar comigo, a minha opinião. E, acrescente que experimento profunda mágoa por ter de lhes causar essa tristeza. Mas, no entanto, sinto-me consolado. Diga-lhes, mais, que suplico todos os dias em minhas orações, para uma vez nos encontrarmos ante os olhos do Senhor. Vá com Deus, Sr. Pastor!

8

Enlevado e fortalecido por êsse encontro, Emanuel continuou sua jornada pelo urzal. Pouco depois, seus pensamentos volveram lentamente a coisas mais reais. Pensou qual seria, afinal de contas, a razão do interêsse do pastor Petersen e que tão claramente lhe tinha sido demonstrado. Dava até a impressão de que era questão vital para o pastor afastá-lo, dali, vê-lo longe, e bem colocado.

Existiria, mesmo, um comêço de relações mais íntimas entre o pastor e Ragnhild? — conjecturava, aprofundando-se logo de nôvo no labirinto emaranhado dos pensamentos que o perseguiram dia e noite, enchendo-o de medo e inquietação.

Sim, Ragnhild! Também nela êle pensara naquela noite, enquanto estava acordado e olhava para a trilha sinuosa pela qual Deus o conduzira até junto de Si. Seus pensamentos se haviam detido na recordação daqueles dias de ignomínia, logo após sua volta a Copenhague. Indeciso e desesperado, desorientado pelos argumentos dissuasivos dos que o rodeavam, estava duvidando de tudo, chegando a procurar esquecimento para suas esperanças frustradas na agitação da vida e quase a vender a alma para os ídolos do dinheiro. Como numa visão revivera aquela noite de inverno, após a festa de aniversário de seu falecido cunhado. Animado pelas iguarias e vinhos, confuso pelas luzes e o brilho festivo, hipnotizado pela alvura dos ombros de

Ragnhild, êle a seguira até sua casa, pelas ruas escuras e, em frente à sua porta, lhe tomara as mãos; estivera a ponto de lhe fazer uma declaração. Ela o repelira, êle se havia retirado com o sangue em ebulição, cheio de amargura. Já no quarto, ao riscar um fósforo para acender o lampião, dera subitamente com os olhos na grande cabeça de Cristo com a coroa de espinhos, acima de sua escrivaninha, e estremecera. Na luz bruxuleante, o rosto parecia viver. As pesadas pálpebras tinham-se erguido, os olhos profundos o haviam encarado com expressão de extrema tristeza, que pareciam dizer: "Como me estás traindo!"

Começara naquela noite a desesperada luta que desde então não mais o deixara sossegado. Como Jacó na história bíblica, lutara com Deus e gritara em sua aflição: "Não Te largo antes que me abençoes!"

Julgara às vêzes que a luta houvesse cessado, a vitória tivesse sido alcançada e que estava liberto do jugo do pecado. Muitas vêzes acreditara poder escrever a Hansine que já havia soado a hora de júbilo em que poderiam outra vez unir-se em puro amor e renovar seu pacto de eterna fidelidade. Assim fôra naquela noite. Enquanto êle estava sem poder dormir, escutando o monótono ruído da chuva, sentira-se transportado acima de todas as misérias e dores terrenas para a feliz união com Deus. Seu coração batia calmo e pacífico; nenhuma descrença terrena, nenhuma preocupação lhe obscurecia a mente. Sentia a própria alma como extenso e manso lago, imerso na luz celeste.

No entanto, o encontro com Ragnhild despertara de nôvo os demônios da carne... Sentira o coração bater com violência ao vê-la surgir ao lado do desconhecido. Mas êle não se devia queixar, desesperar, e antes de tudo pedir contas a Deus. Êle, que tinha caído tanto, compreendia muito bem que só tardiamente e através de duras provações poderia esperar a redenção. Não entendera, porém, porque Deus teria feito justamente uma mulher leviana a causa que ainda o mantinha prêso na armadilha da morte; êle que nunca tivera um só pensamento impudico e nunca pecara contra o sexto mandamento!

La caminhando entregue a essas reflexões quando teve a atenção despertada por uma pequena cabana de urzes que se erguia próximo à beira do caminho. Fora, uma mulher maltrapilha picava gravetos secos e, junto à empena batia de sol, um velho inválido, grisalho, estava sentado num feixe de palha e choramingava como uma criança.

Emanuel parou instintivamente. Fazia tanto tempo que não se via face a face com a miséria humana não dissimulada, que aquêle quadro o fêz estremecer. Lembrou-se das casas do brejo, em sua antiga paróquia, aquela aglomeração de miseráveis casebres de barro, cuja indigência e penúria, em seu tempo, com sacrifícios próprios e de outrem, em vão tentara abrandar, e ficou pensativo. Ah!, como compreendera mal, então, o que era o melhor para a Humanidade!

Quando a mulher finalmente o viu, aproximou-se e desejou-lhe a "paz do Senhor".

Em vez de responder, porém, a mulher resmungou uma praga e deu a entender, bem claramente, que não estava disposta a conversar.

— Por que maldizes minha saudação? — perguntou Emanuel com brandura. — Não trago nenhum mal, e nada de mal quero levar, como dizem as escrituras. Eu sou teu amigo. E, por isso, desejo de nôvo: "A paz de Deus esteja contigo!"

A mulher finalmente ergueu os olhos, mas com uma expressão tão má e cheia de ódio que quase o amedrontou. Ele só então a observou direito. Seu aspecto era asqueroso, em seus trapos encardidos, estatura alta como a de um homem, obesa e inchada por moléstias e bebida.

Do interior da cabana ouviram-se passos arrastados. Uma velha completamente recurvada, de cabeça grande e disforme, apareceu na porta e ali ficou parada, uma das mãos esqueléticas apoiada num cajado, a outra no batente, enquanto, com fisionomia ávida, esfomeada, movia a bôca, como se mastigasse a própria língua com as gengivas sem dentes.

Emanuel foi iluminado por súbita idéia. Ocorreu-lhe que já na escola superior de Sandinge ouvira falar de uma mulher que era o terror da região, conhecida por "Sorte Trine", e cuja disposição odiosa e rebelde nem gestos amigos nem dádivas bondosas conseguiam abrandar. Lembrou-se, também, que o marido dessa mulher, durante o trabalho na nova estrada de ferro, fôra aleijado por uma avalanche de terra. Não duvidou mais, pois, de quem tinha diante de si.

Após alguns instantes de silêncio, disse, sempre meigo e pacífico:

— Por que não te mostras satisfeita? Eu estava justamente pensando o quanto deverias sentir-te feliz e grata... Tu que

fazes parte do rebanho escolhido, agraciado por Deus com o sinal de batismo de seu carinho. Pois, como vejo, tu és pobre, não? Provavelmente não tens mais do que a palha em que recostar a cabeça. És desprezada pelo mundo, repudiada, banida da sociedade dos homens... És uma estranha, uma exilada aqui na terra; por que, então, não estás contente?

A mulher deixou cair o machado e o olho, admirada. Não era êsse o tom em que estava acostumada a ouvir falar em sua miséria.

— Não me entendes? — continuou Emanuel. — Então não é verdade que os pobres já receberam de antemão, como dádiva de Deus, aquilo por que nós outros temos de suspirar tanto? Nós que ainda somos escravizados sob o lamentável jugo mundano, que ainda sob o pavor da morte nos agarramos à poeira, como o gatuno ao seu adorado tesouro... Vós sois felizes... Não conheceis outra ambição senão manter justamente a vida... Apenas estais acorrentados a êste mundo miserável pelo tênue fio do instinto de conservação, que a morte cortará sem nenhuma dor... E assim mesmo não estás alegre, Trine?

A mulher o fitava, boquiaberta, e com olhos arregalados. Era menos sua fala, da qual ela bem pouco compreendia, do que a circunstância de ouvir o próprio nome mencionado por êsse homem absolutamente estranho, que lhe causava uma impressão tão forte. Então êle a conhecia!

Ela passou o braço pela testa suada e suja e murmurou:

— Quem é o senhor, se me dá licença?

— Um homem que te inveja... Um dos escravos do mundo, que luta em vão para arrancar de si os grilhões da servidão. Sou um pobre extraviado que aqui faz penitência por ter uma vez dado ouvidos à maléfica fala dos homens, pensando fazer bem a gente como tu, tirando-lhe a única coisa que possuía, a pobreza, que é a liberdade da alma, o reflexo da eternidade aqui na terra, como está nas escrituras. Se me compreendes, terás compaixão de mim. E assim desejo pela terceira vez: a paz de Deus! Entra em tua casa, Trine, e louva o Senhor! Mas não te esqueças de rezar também pelos menos venturosos que não obtiveram seu lugar junto à soleira do pórtico dos céus! Ora por mim!

Êle lhe estendeu a mão.

Um sorriso malicioso brincava em tórno dos lábios intumescidos da mulher.

"O homem é doido", pensou ela.

No entanto, em seus modos, no seu olhar meigo, na mão estendida, suplicante, havia alguma coisa a que ela não pôde resistir por muito tempo.

— Não me quer dar a mão? — perguntou êle.

Muda, meio a contragosto, ela lhe deu finalmente sua grosseira manzorra.

9

O caminho pelo qual Emanuel seguia tinha aos poucos se reduzido a dois profundos sulcos feitos pelos carros, duas faixas branco-amareladas de areia, que cortavam sinuosas o escuro urzal. Por fim, até essas faixas terminaram. Apenas um estreito atalho pisado ainda atravessava o campo vazio e silencioso. Ouvia-se uma cotovia solitária que cantava com fôrça desesperada, como se cantasse seu pavor à solidão do lugar.

Alcançou finalmente a meta de sua jornada, o grande marco marítimo que se erguia onde a terra terminava, no ponto culminante da região. Um alcantil íngreme e cheio de arestas bravias caía ali para o mar e para a entrada do fiorde, engastado em rochedos.

Por sôbre o mar sempre se vê muito longe. Mas também da larga barra do fiorde tinha-se um vasto panorama da terra do outro lado. Uma terra de lavoura, pelada, ondeante, cortada por sinuosos diques de pedra que se estendiam pelas colinas acima como costelas reforçadas. Lá do outro lado, no ponto mais alto, via-se Vejlbj com as altas árvores do jardim do presbitério, e mais ao sul, como uma ilha no fiorde, o promontório de Skibberup e sua igreja solitária.

Emanuel ficou imóvel ao pé do marco. Com lábios trêmulos e olhos cheios de lágrimas contemplava seu lar, o recanto da terra em tórno do qual seus pensamentos tinham esvoaçado dia e noite, como pássaro ao redor do ninho. Seus olhos logo acharam o caminho lá do outro lado, entre os longos diques de pedra. Reconheceu cada casa, cada arbusto, cada colina, e seu coração transbordava. Lá, ao longo da alta sebe de salgueiros, serpeava

o atalho por onde êle e Hansine tantas vêzes tinham andado no primeiro ano de casamento, quando à noitinha iam passear pela praia. E adiante — oh! Deus! — lá estava a igreja onde o menino dormia, sob a relva, o longo sono. Seu filho tão vivo e inteligente! A maior alegria de sua vida! Mais ao longe, atrás das três colinas escuras, ocultava-se Skibberup. Ali morava Hansine... Talvez justamente naquele momento ela andasse pensando nêle, talvez estivesse agora junto ao leito de enfôrma da querida velha Else, com os pensamentos voltados para êle. Via nitidamente em sua frente a casinha caiada de amarelo, com o portão baixo, o madeiramento pichado, a sala antiquada com o escuro chão de argila e as janelas de muitas vidraças, através das quais o sol penetrava com um brilho dourado, festivo e dominiqueiro... Quantas vêzes, em seus sonhos, estivera alta noite a bater à porta da cabana, como viandante cansado de longa jornada, peregrino extenuado que chegava ao término de longa viagem de penitência, com os pés descalços e sangrentos... Lentamente Hansine se ergue da cadeira ao lado do leito da mãe, abre a janela um pouquinho e pergunta quem é. Ao reconhecê-lo, sai, quieta, e lhe estende a mão, dizendo "Seja bem-vindo! Eu esperei tanto tempo!" Cheio de júbilo êle a aperta ao peito. Para não acordar a doente, saem ao jardim e sentam-se no pedacinho de muro de onde a vista se abre para os campos e onde, quando ainda noivos, tantas vêzes tinham estado juntos nas tranqüilas noites de verão, falando do futuro. Agora lá estão outra vez, de mãos dadas, sob o céu cheio de estrêlas, falando dos dias que virão... e também dos que passaram, daqueles duros anos de separação, durante os quais tinham compreendido o quanto um representava para o outro, encontrando-se verdadeiramente os seus corações. Hansine lhe diz: "Não se zangue por causa de meu silêncio e minhas cartas breves. Não pense que duvidei de sua volta. Aqui estive esperando todos os dias, e em cada noite sem sono fiquei à escuta, esperando ouvir seus passos. Eu estava certa de que você haveria de voltar, quando sua luta chegasse ao fim..."

Quando Emanuel, algumas horas mais tarde, chegou a casa, foi logo para o quarto, um aposento de casal rural, com teto baixo e paredes caiadas, e sentou-se à mesa para escrever a Hansine. Quase diariamente nesses anos êle lhe mandara longas cartas íntimas, nas quais a mantinha informada de tudo o que

se passava com êle e as crianças, confessando sinceramente tôdas as suas dúvidas.

Mal, porém, êle tinha mergulhado a pena na tinta, do jardim lhe chegou aos ouvidos o som de alegres risadas.

Teve um sobressalto. Ragnhild!

Olhou num relance pela janela. Ali estava ela, junto ao portão do jardim, com Betty e o pastor Petersen que, para grande divertimento das damas, enxotava as môscas com uma grande toalha de banho. Para não ser visto, Emanuel recuou mais para o interior do quarto. De lá, do escuro, êle pôde ver como o pastor, galantemente, oferecia o braço a Ragnhild, retirando-se pouco depois com ela.

Seguiu-o com o olhar velado até desaparecerem. Então caiu súbitamente de joelhos e, apavorado, torceu as mãos acima da cabeça, gemendo:

— Senhor! Senhor!... Eu não te largo... Eu não te largo antes que me abençoes!

Seguiram-se dias estivais, com céu alto, trinado de pássaros e o aroma de feno recém-cortado nos campos.

Todos os dias, à noitinha, densa névoa parda estendia-se pelos lados do poente velando o sol, que já bem antes de se pôr ficava pendendo do céu como uma lua vermelho-escura. Tôdas as manhãs vapôres tão densos subiam dos campos e envolviam durante algumas horas o vale de Sandinge. O nevoeiro era tão espesso que na cidade não se podia enxergar de um quintal para outro. Em compensação, porém, ouviam-se do vale, nitidamente, as vacas mugindo lá fora no úmido banho, e cada bater de tamancos num terreiro, cada choro de criança que não queria ser lavada, era percebido por toda a cidade.

Durante essas horas tinha-se a sensação de se haver mergulhado num mundo submarino; de se procurar caminho no fundo de um mar trêmulo e pardacento no qual estranhas e gigantescas sombras subitamente se erguiam em torno das gentes, desaparecendo tão depressa como tinham surgido. Até os objetos que estavam muito próximos eram divisados apenas em contornos vagos e ondulantes, de tamanhos e formas fabulosos. Mas por sobre a névoa as cotovias com seu trinado anunciavam que lá por cima havia um mundo, onde o céu era azul e o sol brilhava.

Na escola superior acabara de ecoar o canto matinal; o coro de cento e cinquenta fortes e alegres vozes femininas era dirigido por alguns baixos. Agora as alunas estavam ocupadas em arrumar seus pequenos quartos de sótão, pintados de branco, que ficavam em longa fila dupla defronte à grande sala de conferências, como celas num corredor de convento. Mas até durante êsse trabalho rotineiro ouviam-se alegres cantigas num ambiente de cordial bom humor. Acabado o serviço, as moças montavam-se na beira das camas, enlaçando-se com os braços,

para trocarem idéias e confidências. Algumas se isolavam, ficando nas pequenas janelas, a face apoiada nas mãos, escutando pensativas o mugir das vacas, o bater metálico das vasilhas de fôlha e os muitos ruídos que lhes vinham de fora, do mundo atarefado e oculto aos seus olhos pelos nevoeiros do campo, e que, em geral, lhes parecia estranhamente distante e irreal.

Nesse meio tempo, correram rumores de que havia "fale-tório" na grande sala do ângulo, chamada "Brejdablik". Era Nathalie que, como de costume, pusera os ânimos em polvorosa. A moça alta, de cabelos crespos, ia de um lado para outro da sala, com o rosto afoqueado, lendo o mais recente grande discurso de Vilhelm Pram, publicado no último número do jornal universitário. As ouvintes, sentadas nas camas à sua volta, interrompiam-na com exclamações de aprovação. Na disputa jornalística entre Pram e Sejling, diretor da escola superior, em torno da associação cívica, tôdas as outras alunas tinham aderido fielmente ao seu diretor. Até agora Nathalie só conquistara para seu partido a pequena Sofie Landerslev, do "Leste do Sol", sempre tão boazinha. Mas também, entusiasmara-a tanto, que Sofie, diziam, teria feito solene promessa de romper com o namorado, se êle, dentro de oito dias, não abjurasse a Bíblia como livro de evidência sagrada.

Soou, porém, a sinêta anunciando o início das aulas da manhã. Tôdas se ergueram correndo, e um instante mais tarde, cento e cinqüenta moças sentavam-se em alegre expectativa nos bancos do grande auditório. Após uma canção, o professor subiu à cátedra. Era o jovem bacharel Schoenberg, que continuou suas preleções sobre lendas populares dinamarquesas e sua interpretação.

2

Seguiu-se um dia muito quente de mormaço, com o ar completamente parado, as vacas correndo inquietas de um lado para outro, e um céu tão brilhantemente polido como se suasse. Nos quintais dos camponeses, o sol se espalhava como um fogo vivo sobre o calçamento e empurrava as sombras até bem embai-

xo dos beirais, onde os pardais faziam fila e sacudiam as penas, como senhoras de idade que sofrem com o calor. O cachorro, de guarda estava ao lado de sua casinha e esticava as quatro pernas como se estivesse morto; os patos tinham caminhado até o tanque público, e as galinhas dormitavam sob os arbustos de sabugueiro. Não se ouvia um pio, sequer.

O jardim do presbitério era o único lugar onde havia tanta sombra, que os pássaros ainda cantavam. Era um jardim de presbitério dos velhos bons tempos, de quatro hectares de terra, com bosques cerrados e árvores seculares, sob cujas respeitáveis copas havia grande frescura e a quietude de uma igreja. O próprio presbitério era um dos remanescentes dos idílios rurais de tempos passados, hoje quase desaparecidos, um conjunto de quatro longas casas baixas cobertas de palha, de aspecto insignificante ao lado das modernas vilas camponesas. Com suas paredes revestidas de hera e telhados cobertos de musgo, era uma encantadora visão do país dos contos de fada.

Ali morava o velho pastor Momme, de 80 anos, que também era venerável lembrança de tempos já pertencentes à lenda. Sentado em seu grande e verdejante jardim, a sonhar solitário à sombra duma árvore, o velho com sua estatura de anão, solidéu preto e veludo, longos cachos de prata na nuca e traços de antigo pastor popular, parecia uma figura de fábula. De fato, já fazia quase meio século que o pastor Momme viera à paróquia de Sandinge. Os mais velhos do lugar ainda se lembravam de sua vinda, e dela muito contavam. Certa manhã, o velho pastor Jerrild fôra encontrado morto, sob o lampião, no seu quarto de sótão enfumaçado, onde vivera enterrado entre garrafas de vinho do Porto durante mais de uma geração. Em silêncio os camponeses de Sandinge tinham enterrado seu pastor, e, convencidos de que êle agora estava feliz, voltaram calmos à labuta cotidiana. Mas, poucos meses depois, uma estranha caravana vinda do sul, desceu as colinas. Na frente, aos solavancos, duas carroças carregadas de trastes domésticos, e, atrás, um velho trole de aluguel, de cujas janelas espiavam caras grandes e pequenas. Ao lado do cocheiro, estavam sentados dois rapazes que seguravam uma bandeira desfraldada. Cada vez que passavam por uma casa, todos irrompiam em entusiásticos vivas. Nos campos, ao vê-los passar, os velhos e graves camponeses de Sandinge detinham-se, boquiabertos e pasmados. E quando o cortejo, ao entrar na cidade, deu três vivas e depois, ao canto de

"*Danmarks dejligst Vang og Vaenge*", entrou no presbitério vazio, os camponeses em crescente admiração trocaram olhares céticos por cima das valas. De fato, passou mais de um ano antes de começarem a se dar bem com o pequeno e vivo pastor, o "pastor macaco", como no comêço lhe chamavam. A primeira vez que êle fizera convites para "uma reunião cristã com cantos" em seu jardim, ninguém compareceu; não se estava acostumado a outra espécie de reuniões, na paróquia, além de brincadeiras e festinhas, e causava dissabor que um adventício quisesse introduzir, por sua própria conta, novos hábitos na região. Aos poucos, porém, notaram que o homenzinho sabia fazer-se ouvido. Correram cada vez mais notícias de camponeses que tinham começado a deixar o baralho e a aguardente, procurando secretamente as assembléias bíblicas no presbitério. Sobreveio então a grande época, a época da dissidência, da revolta, os dias dos abalos espirituais da terra em que os pais maldiziam sua prole e o rico Oel Vemmeloev fêz em pedaços seu cajado, nas costas da mulher, por ter encontrado um dia, o nôvo hinário na gaveta de sua cômoda. A resistência dos velhos apenas servia para fortalecer ainda mais a solidariedade entre os moços, robustecendo sua fé e transformando-a em entusiasmo. Muito além dos limites da paróquia, até o outro lado do fiorde espalhou-se a notícia da nova e alegre mensagem, e de longe vinha gente para ver e ouvir. Era como se até o ar levasse por tôda a terra a mensagem primaveril do Espírito, trazendo à luz do dia germes adormecidos. Tudo crescia, florescia; eram os dias radiantes da promessa.

Hoje, o velho pastor Momme vivia solitário e retraído em companhia de uma cunhada, Srta. Katinka Gude. Já ia longe o tempo em que o jardim do presbitério de Sandinge desempenhava papel importante na vida da região; quando os gramados e caminhos hoje tão bem tratados eram pisados por pés grosseiros de imensas massas de povo, quando cânticos de muitas vozes e conversas acaloradas ressoavam sob as copas das árvores. Hoje, porém, já estava prestes a esquecer que êsse recanto cercado de sebes de espinheiros era terra sagrada para os amigos da causa popular. Lá dentro, sob as largas faixas, o próprio Grundtvig já estivera anunciando seu evangelho de luz; ali tinham falado Bubstikke-Bojesen, além de Lindberg, Birkedal, Svejstrup, Frederik Barfod, Dines Pontoppidan e tantos outros que haviam seguido as pegadas do grande vidente e interpretado sua obscura linguagem figurada para o povo atento.

A população estava às vezes inclinada a legar ao esquecimento a própria existência do pastor Momme. De algum modo estava-se orgulhoso d'ele e em ocasiões solenes gostava-se de apresentá-lo e homenageá-lo como o último patriarca ainda vivo dos dias da idade de ouro do povo. Mas em geral era opinião corrente que êle já estava velho demais. Ouvia-se também o povo dizer que, apesar de tudo, êle nunca fôra um dos profetas verdadeiramente grandes e quase se tinha na conta de sacrifício, ir-se, vez ou outra à igreja para ouvir-lhe as prédicas, nas quais nunca ocorriam as menores alusões, por remotas que fôsem, à exegese bíblica ou a outras das grandes questões que atualmente agitavam os ânimos.

Não era todavia essa falta de reconhecimento de seus méritos que nos últimos anos tinha atirado sombras cada vez mais densas sobre o rosto outrora tão vivo e sorridente do ancião. Ele sentia-se até grato pelo retraimento no qual, esquecido de todos, lhe era permitido viver seus derradeiros dias. Em geral nunca fôra dos que sentiam grande necessidade de se impor, de fazer valer a própria pessoa; a idéia que fazia de si mesmo e de sua atividade sempre havia sido por demais modesta para achar que merecia reconhecimento. Em seu tempo, encarara como a coisa mais natural dêste mundo que outras personalidades mais importantes, como por exemplo o antigo diretor da escola superior, tivessem tomado o lugar de condutores do povo. Na realidade, ninguém se alegrara mais do que êle com o nôvo impulso que especialmente a escola superior tinha dado à comunidade, com a vida movimentada que constantemente atraía à região.

O pastor Momme, porém, estava — no mais amplo sentido da palavra — farto de seus dias. Sentia melhor do que ninguém já ter sobrevivido a si mesmo, ter ultrapassado o seu tempo; e cabia-lhe agora a dura sorte de presenciar o julgamento de sua vida e de sua época. A preocupação que lhe anuviava a velhice era que agora, aos oitenta anos, tinha começado a desvanecer-se a fé confortadora na causa a que consagrara tôda a sua vida. Durante muito tempo, não o quisera confessar a si mesmo o censurara-se por suas dúvidas, e se tinha na conta de um velho de cabeça fraca e tentava consolar-se com as palavras do cântico que "olhos jovens vêem muito melhor". Mas não conseguia tranquilizar seu coração magoado. A mocidade que êle via crescer a sua volta, os pensamentos e sentimentos que agora dominavam o povo, não constituíam absolutamente a colheita que êle esperara da rica sementeira espiritual que espalhara. Sua maior

amargura era presenciar o velho adversário da igreja livre, o pietismo, temeroso da luz e inimigo da vida, que ele julgara vencido para sempre, a percorrer, agora, em triunfo, todo o país. Quando lia nos jornais sobre o entusiasmo com que quase por toda a parte o povo se congregava em torno dos anunciadores da crença obscurantista, e quando ouvia que mesmo gente de sua região se levantava no meio da noite, desafiava ventos e tempestades no fiorde para ir ao outro lado e ouvir o pregador do inferno lá em Vejlby, exatamente como outrora tinham vindo de lá para cá, para Sandinge, identificar-se com o evangelho da luz e da liberdade, apoderava-se dele um sentimento de opressão. A sensação de que todas as lutas do espírito humano pelo reconhecimento da verdade tinham sido um vaivém infrutífero, e que um Deus invisível zombava de todas as aspirações e derrubava todas as torres de babel, até a hora da eternidade, não o largava mais.

Só lhe restava, hoje, a esperança dos desiludidos: a outra vida. Por isso é que ele era tão grato pela obscuridade em que lhe permitiam viver. Na paz de seu jardim cercado de espinheiros, apenas a poucos passos do lugar onde seria cavada a sua cova, sentia-se como pertencente, já, em parte, ao mundo dos espíritos. Como sempre, estava naquela tarde ensolarada imerso em pensamentos, sob a faia que tantas recordações lhe trazia. Tinha as mãos postas no colo e fechara os olhos para deixar a alma sozinha com seus sonhos, que não eram deste mundo.

Não longe dele, sua cunhada ia e vinha pelo atalho ao longo da sebe do jardim. A Srt^a. Katinka Gude e a falecida esposa do pastor Momme eram irmãs de Lene Gylling, com a qual, porém, Katinka não tinha semelhança alguma. Seria mesmo difícil imaginar contraste maior do que a viúva bonita e sorridente, admirada por todos, e a velha solteirona de aspecto insignificante, um pouco curvada, cabeça pequena e grisalha, cara rabugenta, e com as agulhas de tricô sempre em movimento.

Desde criança a Srt^a. Katinka se sacrificara pela família, que só se lembrava dela em casos de doença ou outras ocasiões análogas, quando se precisava da ajuda de pessoas de confiança. Principalmente na vida doméstica do pastor Momme, antigamente tão ampla e agitada, se tivera constantemente que recorrer ao seu auxílio; embora ninguém o notasse exceto ela mesma, Katinka na realidade passara a maior parte de sua vida no presbitério de Sandinge. Sem a mínima participação nas reviravoltas espirituais ao redor de si, a não ser por lhe encherem a cada

instante a casa de hóspedes barulhentos, ela se encarregara dos afazeres cotidianos da irmã, mulher de constituição delicada, que vivia ocupada em coisas mais elevadas. Com a morte da irmã e o casamento dos sobrinhos, ela tomou inteiramente a si a direção da casa do cunhado, tornando-se seu único apoio.

Também agora, enquanto ia de um lado para outro pelo caminho central do jardim e fazia tricô, ela vigiava o velho cuja figura se encolhia cada vez mais no banco sob a faia. Por último, aproximou-se d'ele e, falando aos arrancos, com a maneira desagradável que lhe era peculiar, disse:

— Momme... Você não devia... ficar aí dormindo. Não quer entrar e deitar-se um pouco?

O velho, de fato, tinha caído numa leve modorra. Olhou em volta com os olhos sem côr, como se primeiro tivesse de recordar-se em que mundo tinha despertado.

— Sim. Também acho que vou entrar um pouco — respondeu êle pondo as mãos no banco para se erguer.

— Venha, deixe-me ajudá-lo — disse Katinka.

— Obrigado, Cecilie! Que foi que você me contou de nosso Frederik?

O velho, após o sono, estava ainda meio confuso. Pensava estar falando com sua falecida mulher, e não se refez de todo antes de entrarem no seu quarto.

3

Katinka deixou o velho descansando e voltou ao jardim, onde tôdas as tarde fazia seu passeio meticulosamente calculado: ir e voltar vinte vêzes ao longo da sebe de espinheiros. Fora do presbitério a velha senhora só aparecia raramente, e quando isso acontecia sua pequena figura encolhida e sêca não despertava atenção muito lisonjeira entre a população do lugar. Mesmo as camponesas não podiam deixar de sorrir quando a viam passar vestindo uma velha mantilha verde, que ia até os pés, touca guarneçada de pregos e sapatos de lã sem saltos, amarrados dos lados.

Não era mistério algum para Katinka o que o povo pensava dela, mas conformava-se com seu habitual sangue frio. Em geral, não acatava tanto o julgamento de seus semelhantes, que se deixasse influenciar por êle. Muito especialmente o círculo em que vivia e o grande espetáculo popular religioso que vira desenrolar-se de modo algum conseguiram infundir-lhe respeito. Sua posição subalterna, meio servil, na casa da irmã lhe dera ocasião de sobra para mover-se nos bastidores sem ser observada, e ali presenciar com que facilidade os mais festejados heróis da fé se revestiam da dignidade de orador, ou se despojavam do mais apaixonado arrebatamento, e com que astuta sutileza a inveja, a ambição e a vaidade pessoal eram disfarçadas, também entre os crentes, em coragem, abnegação e santo zêlo.

Ela estava longe de ter passado cega e indiferente pela vida, sem contato com ela, como todos em geral acreditavam. Sua natureza não lhe permitira ficar parada. Embora não fôsse o coração que a impulsionasse, ela vivia instintivamente impelida a encarregar-se do papel de samaritana da região, e sempre existira bastante gente necessitando de ajuda em seu caminho, muitos infelizes naufragos nas águas agitadas da época.

Subitamente suas agulhas de tricô pararam; ela ergueu a cabeça e escutou. Estava certa de ter ouvido o portão ranger.

Não se enganara. Na extremidade da aléia vinha vindo inclinado um camponês de elevada estatura. As rugas no pequeno rosto cinzento de Katinka se contraíram numa espécie de sorriso, pois havia reconhecido o tecelão Hansen, e alegrou-se com a visita.

— Bom-dia — disse com um rápido meneio de cabeça mas sem dar a mão, quando o tecelão se aproximou, cumprimentando-a. — Então sempre veio até aqui hoje, Jens Hansen... Traz algum recado?

— Ah!, sempre se anda às voltas com uma coisa ou outra — respondeu, arrastando as palavras. — Quando cheguei aqui à cidade pensei cá comigo que afinal podia vir fazer uma visita à senhorita logo de uma vez...

— Muito bem, muito bem, Jens Hansen. Já faz tanto tempo que não aparece. Vamos sentar!

Tomaram lugar no caramanchão. Katinka sentou-se no banco, no interior, e o tecelão numa cadeira de jardim, junto à entrada.

O tecelão Hansen vivia agora solitário. Tinha perdido por completo a posição preeminente em Skibberup e Vejlbj. Dera-se

com êle caso análogo ao que lhe sucedera quando se havia aproveitado de Emanuel Hansted para afastar do caminho o deão Toennesen: não conseguira conjurar em tempo as fôrças do mal que êle, numa trama meticulosa, tinha evocado. O movimento que êle com tanta astúcia havia criado para servir a seus planos, tinha rapidamente tomado um impulso muito mais forte do que fôra calculado e desejado e, antes de o pressentir, êle mesmo fôra derrubado, arrastado pelo turbilhão.

Katinka sempre tivera certa simpatia por êsse homem tão duramente julgado pela maioria das pessoas. Quais eram verdadeiramente os seus planos, ela sabia tão pouco como qualquer outro, e nem lhe interessava. Gostava de conversar de vez em quando com o tecelão, pois êste parecia encarar mais ou menos como ela, de maneira sóbria, as agitações da vida. Sua desconfiança e frio cálculo, suas maneiras misteriosas, a preferência pelos atalhos estreitos, sua tendência de alcançar os fins por meio de farsas e artifícios em vez de brandir a espada de frente, à maneira de Holger Danske (12)... tudo isso não a repelia, quase lhe agradava, lhe parecia uma prova de extraordinária compreensão da vida e dos homens.

— Então? Há alguma coisa de nôvo lá para os seus lados?
— perguntou ela, após terem estado durante algum tempo mudos.

— Não; não... Por lá não tem havido nada. Anda tudo no mesmo ramerrão. Há em demasia conversa de diabo e cheiro de enxôfre, mas isso por aquelas bandas é velho; às vêzes até parece que a gente sente o inferno queimando através dos tamancos... Por falar nisso, parece que temos então uma nova religião lá em cima?

— Ah! é? Que nova religião é essa?

— São êsses tais de Damgaardianos, uns doidos...

— São quem...? Damgaardianos? Parece-me que ainda não ouvi falar nêles...

— Isso creio eu! É gente que ainda cheira a cueiros... Quem inventou a nova religião foi o tal de Niels Nilen, ou Niels Damgaard, como êle prefere ser chamado. Já foi camarada em casa de Emanuel Hansted, mas sempre teve a mania de muitas leituras e de andar escrevendo em jornais. Depois, tornou-se orador missionário, e continuou a estudar. Foi assim que êle inventou essa tal de religião nova, que dizem que é até muito boa. Já ouvi umas duas pessoas dizerem isso.

— Mas o que tem ela de nôvo?

— Isso é que nós ainda não podemos saber. Mas acho que é qualquer coisa com a palavra do batismo, que para êles tem outra significação.

— É... Deus Nosso Senhor tem uma paciência... — observou Katinka.

— Agora disse tudo, Srta. Gude! É isso mesmo! — concordou o tecelão, voltando por um momento ao seu silêncio meditativo. Logo, porém, o sorriso ambíguo tornou a brincar-lhe nos lábios, e êle disse:

— Mas o que há afinal com o nôvo profeta aqui de vocês? Lá do outro lado já ouvimos falar muito sôbre o que se passa aqui. E o que se conta por aí é muito esquisito. Dizem que até milagres êle já está começando a fazer...

— É? Pois não ouvi nada disso...

— Pois é. Dizem que êle deu jeito até na "Sorte Trine", como vocês aqui lhe chamam. Se isso não é milagre, então não sei... Há um velho, lá embaixo na aldeia, assim dizem, êle curou da bebedeira, só com passar por êle uma tarde. E nem abriu a bôca, não deu uma palavra.

— É, é o que contam...

— Veja só! Vivemos num tempo bem estranho! A gente põe as mãos na cabeça e nem sabe o que pensar de tudo isso!

Falavam de Emanuel que agora se achava no lugar havia algumas semanas e se tornara o assunto da conversa de todos os dias. Apesar do seu retraimento estava em vias de despertar uma verdadeira revolução em certas camadas do povo que, a princípio se mostrara mais inclinado a sorrir do seu modo de viver como num convento, indo, segundo se comentava, ao ponto de jejuar algumas vêzes na semana para resistir às tentações do pecado. Na escola superior, dizia-se abertamente que êle estava louco. Aconteceu, porém, que, para grande admiração de todos, a Trine apareceu na igreja, onde procurou a mesa do Senhor, e logo correram rumôres de que Emanuel Hansted influíra naquela singular conversão. A partir dêsse momento, em muitos lugares a atmosfera mudou. Sobretudo entre a gente miúda e muito especialmente entre os pescadores pobres da aldeia, até então nada influenciados pelos movimentos espirituais da região, muitos estavam fortemente dominados por êsse homem estranho e singular que voluntariamente devotava sua vida às humilhações e desonras da pobreza. Pusera-se muitas vêzes a conversar com êles quando estavam na praia cuidando de suas

rêdes; nem sempre lhe compreendiam as palavras, mas o aspecto extraordinário, a meiguice dos olhos e da voz do profeta causavam aos pescadores uma sensação de enlêvo, de terem entrado em contato com o sobrenatural. Ele visitava também com regularidade os doentes da região, especialmente os mais pobres, mas não para consolá-los. Quando estava junto ao leito dêles, falava-lhes de sua doença como de uma imensa graça concedida pelos céus, e chamava a seus sofrimentos "o sinal do amor divino", pelo qual deveriam sentir-se gratos e satisfeitos. Fôra principalmente muito comentada nos últimos tempos sua maravilhosa influência sôbre uma mulher de meia-idade que sofria de câncer do estômago e cujos gritos de dor costumavam ser ouvidos à noite, em tôda a cidade. Após Emanuel a ter visitado repetidas vêzes, não só êsses sinistros gritos tinham emudecido, mas gente que passava por sua janela, ouvia como, na sua cama, ela entoava hinos de gratidão, júbilo êsse que aumentava com seus sofrimentos.

— Devia ir também visitar o Sr. Hansted — disse Katinka.
— O senhor e êle foram, em seu tempo, bons camaradas.

Os olhos circundados de vermelho do tecelão a olhavam de soslaio com expressão perscrutadora.

— Penso que eu não ganharia muito com isso. Mas que acha a senhora, em que andarâ êle pensando?

— Sei lá...

— Será que êle conta fazer alguma coisa na reunião a realizar-se aqui, dentro em breve?

— Não sei.

— Vai ver que êle tenciona falar nessa ocasião!

— É, pode ser...

— Quer dizer que a senhora nada ouviu a respeito?

Puseram-se a conversar sôbre a esperada reunião, e o tecelão continuou incansavelmente a interrogá-la sôbre o que ela tinha ouvido a respeito dos assuntos das conferências e dos discursos; quanto às primeiras, fôra finalmente decidido que a palavra seria livre. Por último êle tirou da algibeira um jornal dobrado, ficou algum tempo alisando-o com a mão e, depois disse:

— Tenho um assunto sôbre o qual eu gostaria de pedir sua ajuda, se me puder fazer o favor.

— Que é Jens Hansen?

— Há aqui uma pequena palavra que eu não entendo. Deve ser latim, acho eu. Se a senhora quiser fazer-me o favor de dar uma olhada... Marquei a palavra com a unha.

Estendeu-lhe o jornal.

— Utopia... — leu Katinka. — É esta a palavra?

— É, sim, utopia. Que quer dizer isso, se me dá licença?

— Isso quer dizer... uma coisa que se sonha... Uma coisa imaginária que não se pode alcançar, assim como...

— Coisa imaginária... Ah! bom! Pois veja, era justamente o que pensava. Utopia! Pois fico muito obrigado, minha senhora — disse êle, guardando de nôvo o jornal no bôlso.

— Mas por que lhe é tão importante esta palavra, Jens Hansen?

— Por nada, eu só queria mesmo saber a sua significação.

— Pois bem, mas com algum fim especial?

— Eu sempre achei que é bom saber o que se está lendo.

— Mas o senhor deve também ter pensado em usar a palavra, visto que faz tanta questão de saber o que é...

— Bem, está na hora de eu ir andando — disse o tecelão, erguendo-se e fazendo de conta que não tinha ouvido a última observação de Katinka. — Então, adeus e muito obrigado...

Katinka riu-se intimamente. Ela conhecia muito bem o tecelão e sabia o quanto seria infrutífero querer desvendar-lhe os pensamentos.

— Adeus, Jens Hansen! — disse ela, e desta vez lhe deu a mão.

4

Emanuel saiu, à tarde, de seu pequeno jardim junto à praia. Ficou parado durante um momento, imerso em pensamentos, olhando para o mar. Depois continuou, a passos lentos, seu caminho rumo às altas colinas ao oeste, revestidas de urzes.

De tocaia, oculta pelos arbustos da cêrca do jardim, onde esperara pelo momento em que êle saísse para seu giro da tarde, Sigrid o vigiava. Quando não o podia ver mais, levantou-se às pressas e pôs-se de pé, com o rosto voltado em direção ao sol, apalpando ao mesmo tempo o bôlso do vestido.

— É isso mesmo — disse ela a meia-voz.

Agora ela o sabia! Eram a mãe e a avó que o pai ia visitar regularmente tôdas as tardes.

Ficou sentada na cêrca, pensativa, com as faces afogueadas.

Desde o dia em que chegara, a inquieta criança com sua ativa imaginação se ocupara da mãe sem parar. Em Copenhague, havendo sempre muito com que se distrair, passavam-se freqüentemente vários dias sem que pensasse nela. Ali, porém, o ambiente lhe espertava, diàriamente, a lembrança de seu antigo lar, ela acabara por se convencer de que a mãe deveria estar por perto. Cada vez que uma mulher estranha se aproximava pelo caminho, ela parava de brincar, com o coração batendo, na esperança de que fôsse a mãe. Da manhã à noite esperava por sua vinda, tal como a tia o havia prometido. Com tôda a sua força de imaginação tentara interrogar as criadas e tôdas as outras pessoas com as quais entrava em contato, sôbre o lugar em que a mãe se achava e o motivo de sua ausência. Mas nada conseguia saber.

Na véspera, entretanto, insinuara-se na confiança da velha Ellen, a confeitadeira, que acabou revelando o que sabia: a mãe morava não muito longe, na casa da avó que estava doente e com quem tinha de ficar para tratá-la. Continuando a perguntar, ela conseguiu saber que a casa da avó ficava na direção onde o sol se punha. Na verdade um pouco do lado de onde o sol entrava. Não do lado onde ficava o bôlso do vestido, mas do outro. Pois era nessa direção que o pai tinha ido.

Então era absolutamente certo que a velha Ellen havia falado verdade.

Sigrid ficou sentada na cêrca, com a cabeça entre as mãos e perdendo-se em conjeturas. Assim amadureceu nela a resolução que já desde o dia anterior a preocupara inteiramente, mantendo-a mesmo acordada durante uma parte da noite: ir um dia visitar a mãe, sem que ninguém o soubesse. Agora conhecia o caminho e não se poderia perder. Dagny também teria de ir, por mais que chorasse. E a boneca Lise iria também e precisava ter tôda a sua roupa lavada e passada, para estar ber bonita. A mãe haveria de se alegrar quando elas fôssem. Mas, além de tudo, ela sentia saudades não só da avó, que estava doente, mas também do cão Fiel, do gato vermelho e do velho avô. De certo não era verdade o que Ellen tinha contado: que o avô havia morrido...

No entanto, Emanuel continuara seu caminho ao longo da praia. No decorrer da tarde, o céu tornara-se um pouco nublado.

do e o mar estava como que nervosamente inquieto, embora o ar estivesse absolutamente imóvel.

Lá embaixo, rodeando um barco puxado para a areia, um grupo de pescadores em mudo respeito descobriu a cabeça quando êle passou a grande distância. Um dêles, um velhote pequeno cujo rosto de fortes côres indicava não ter pertencido sempre aos adeptos da lei sêca, ficou mesmo parado com o chapéu entre as mãos trêmulas. Todos seguiram Emanuel com os olhos enquanto êle se distanciava vagarosamente.

Nos últimos tempos Emanuel vivia ainda mais isolado e retraído. Havia dias em que êle, justamente por causa do respeito que lhe era tributado, parecia temer a presença de gente. Sabia muito bem que não merecia tal veneração que estava bem longe de ter alcançado perfeição que evidentemente lhe atribuíam. O mundo ainda o prendia com pulso forte. Tinha de lutar todos os dias contra as dúvidas que o atormentavam; ainda, tôdas as noites, travava lutas violentas contra os maus sonhos da carne! Sentia o desânimo e as preocupações materiais, temia principalmente pelo futuro incerto das crianças, após o pai ter transformado em realidade sua ameaça e haver-lhe tirado todo o auxílio.

Decidiu por isso ir-se embora dali. Apesar da promessa que fizera a si mesmo e a Hansine, de não voltar ao seu convívio antes de seu coração estar purificado, regressaria com as crianças para sua companhia, e juntos, cheios de amor e esperança, reedificariam seu lar. Havia vários dias escrevera a Hansine sôbre isso, e embora ainda não tivesse recebido resposta, não duvidava que ela certamente compreenderia o quanto êle necessitava de seu apoio, e que agora teriam de lançar-se de mãos dadas à derradeira e decisiva luta pela sua libertação.

Êle não iria esperar pela realização do comício na escola superior, como fôra antes sua intenção. A despeito de tudo o que Deus, com Sua graça, lhe havia concedido realizar, ali não podia considerá-lo como autorização para falar em Seu nome. Reconhecia humildemente que era um barro frágil demais, um espírito por demais pobre para ser intérprete do poder de Deus, a espada chamejante de Sua ira, a voz de Sua misericórdia clamando no deserto. Mas êle não se queixaria por isso. Satisfeito e grato haveria de levar a vida num retiro sereno, ignorado pelos homens, conhecido apenas por Deus, esquecido pelo mundo, atirado a êsmo como uma fôlha carregada pelo vento. Um som sem ressonância.

Passou pelas colinas cobertas de urzes e alcançou o seu ponto culminante, de onde se descortinava o vasto panorama do fiorde até as costas do outro lado. Parou junto ao alto marco marítimo em forma de cruz, de onde tôdas as tardes estivera olhando para o outro lado, a querida praia familiar, renovando suas saudades de Hansine. Com o coração batendo tumultuosamente ficou contemplando a costa longínqua, que ao brilho dourado do sol da tarde se erguia acima do fiorde como etérea visão de sonhos.

Sim, êle devia partir, devia afastar-se da solidão e do perigo do desânimo, e também dela, do espírito maléfico de sua vida, que sempre de nôvo cruzava seu caminho como a tentação disfarçada do pecado, a mulher impudica com seu galã sacerdotal, em cuja proximidade era como se o próprio ar estivesse saturado das volúpias demoníacas da carne. Sentia saudades de sua casa, de um lar... Queria voltar à paz e à tranqüilidade, queria repousar ao lado do anjo bom de sua vida, que sempre lhe dirigira os passos no caminho do bem, sempre o suportara quando êle tropeçava, sempre fingia não ver quando êle errava. Haveriam de encontrar um casebre de barro e uma nesga de terra lá na praia do outro lado, onde poderiam ir vivendo. Êle nada temia, pois ainda era mômço e forte, seus braços ainda traziam as reminiscências da pá e da enxada, a pele de suas mãos ainda estava calejada, tendo a marca dos sete anos de lida nos campos e celeitos. A hora havia soado! Reergueria em nome de Deus seu lar destruído. Livres como pássaros, êles construiriam seu ninho atrás do outeiro das urzes, e seu cântico de louvor subiria aos céus, como o canto da cotovia nas douradas manhãs de verão. Era como se harpas fôssem tangidas em seu íntimo quando pensava nisso. Uma previsão de ventura, um júbilo de liberdade avolumavam-se e elevavam-se em seu peito. Nada mais temia! O que significavam pobreza, fome sofrimento?

O Pai Nosso, as palavras do Senhor,
Cobrem a mesa matinal dos Cristãos.
O poder da oração, o pacto do batismo,
Guardam o lar como vigília de anjos.
Cânticos de gratidão e de júbilo,
Elevam ao alto o mais humilde aposento;
As aflições da alma, o nome de Jesus Cristo,
Abrem as portas acolhedoras do Céu.

O pastor Rudesheimer e a Srta. Ragnhild vinham nesse momento em alegre colóquio, passeando pelo prado: êle de chapéu de palha de abas largas e com grande rosa na lapela; ela, de vestido estampado claro, que erguia cuidadosamente acima dos sapatos de vernis para que não se prendesse nos eriçados ramos de urze.

Era a primeira vez que ela se atrevia a subir ao alto dos campos desertos e não deixava de sentir-se um pouco amedrontada nesse vasto lugar solitário, mudo e sinistro, sôbre o qual os ventos do estio sopravam com um murmúrio fantástico.

— Que lugar asqueroso! — exclamava ela a cada instante. — Quem é supersticioso não pode mesmo duvidar que aqui moram todos os maus espíritos... E como isso deve estar pululando de víboras, largartos e tôda a espécie de bichos nojentos! A todo instante tenho a sensação de que alguma coisa me está mordendo os pés.

No entanto, a excursão fôra proposta por ela mesma. O pastor, conhecendo-lhe o pavor por tudo o que ela costumava chamar de natureza em trajes de Adão, se admirara muito ao ouvi-la excluir de repente, quando estavam combinando o programa do dia:

— Hoje iremos à última Tule!

O segredo todo era que, de sua janela, vira, momentos antes, Emanuel sair em direção às colinas — as Hammerbakker —, e como ouvira contar que êle freqüentemente ia lá para cima e muitas vêzes ali ficava horas inteiras, até dias, não resistira à tentação de saber o que iria êle fazer afinal de contas, lá no alto, na solidão, entre os espíritos das trevas e da superstição.

Por essa razão a conversa entre ela e o pastor girou durante quase todo o passeio, em torno de Emanuel. O pastor, como de costume, tentava evitar o assunto perdendo-se a cada momento em considerações gerais. Tinha começado a contar anedotas e acontecimentos alegres da vida social de Copenhague, mas Ragnhild, com sua habitual habilidade, sabia com muita naturalidade fazer voltar a conversa rapidamente, ao ponto de partida.

— O que é isso que ouço do senhor? — perguntava ela, após o pastor havê-la distraído com uma história a respeito de sua visita de despedida ao velho conselheiro de estado, Hansted, quando tivera a pouca sorte de encontrar o nôvo ministro do culto que mal lhe dera a mão. — Foi então o senhor uma espécie de intermediário nas últimas negociações entre o pastor Hansted e sua família?

— Como assim? Negociações?

— Sim. A Sra. Torm contou-me outro dia que o senhor se tornou confidente do conselheiro Hansted nesse assunto.

— Hum! Então a Senhora Torm lhe contou isso? Bem... De fato, antes de viajar para Karlsbald, o conselheiro me pediu que falasse com o filho e tentasse ainda uma vez fazê-lo desistir de sua infeliz resolução. É só isso!

— Então não se pode dizer que o senhor teve sorte!

— Infelizmente, não! De fato não se pode dizer isso. Bem... Mas o que eu queria contar do jovem que atualmente preenche o cargo de ministro do culto é...

— Então nem a sua capacidade de persuasão pôde conseguir alguma coisa! Imagine! E agora o conselheiro, ainda por cima, nega-se a continuar a sustentá-lo. Ora muito bem! Deve-se em todo caso reconhecer que o Sr. Hansted tem método em sua loucura. Estou convencida de que seu elevado objetivo como mártir é acabar um dia com toda sua família embaixo duma ponte!

O pastor a olhou um momento com ar de censura. Depois disse com a profunda e sinistra seriedade que, por vêzes, de relance deixava transparecer:

— Srta. Toennesen! Isso me parece assunto sério demais para brincadeiras.

— Pois é o que também acho! — respondeu ela, ofendida, e num tom desafiador. — Nós nos vemos todos os dias cercados de tão tediosa sabedoria, tão grande bom-senso, que nos faz bem encontrar uma vez uma pessoa que tem coragem de seguir sua própria vontade, sem primeiro pedir respeitosamente permissão à opinião pública.

— Hum! Acha mesmo, Srta. Toennesen? Aí sou naturalmente de outra opinião. Não sou absolutamente capaz de desculpar, quanto menos me entusiasmar por uma leviandade só porque ela é maior ou mais perigosa do que tudo o que habitualmente presenciamos em nossos semelhantes. Eu sei muito bem que o bom-senso não tem lá grande cotação em nossos dias, com

seus elevados sentimentos. O herói de nosso tempo é o criador de confusão, que por toda parte dá com a cabeça na parede e acaba quebrando o pescoço ao tropeçar nas próprias pernas. Isto é como poeticamente o chamamos, o seu trágico destino. Prevenir-se, usar os olhos e os ouvidos e pensar bem num assunto qualquer antes de agir, tudo isso é considerado indigno da verdadeira hombridade e deixado caridosamente aos espíritos mesquinhos e aos pacatos burgueses. Não é assim mesmo?

— Ora! Nem tanto ao mar, nem tanto à terra! — exclamou Ragnhild. — Não é o que diz o maravilhoso rifão que costuma citar para mim?

— Mas sim, justamente! — replicou Petersen com crescente entusiasmo. — Eu, de fato, considero essa doutrina de grande utilidade em nossos dias, quando todos temos uma tendência doentia de nos transformarmos em exceções e fenômenos interessantes. Cuidamos zelosamente de nossas pequenas esquisitices, acariciamos com amor uma ou outra pequena peculiaridade, uma ou outra idéia fixa, só por medo de nos tornarmos iguais "a todo o mundo", o que é o pior que possa acontecer a alguém. Temos que ser originais, alguma coisa de diferente, independentes, havemos de ter traços especiais, como se diz. Os tempos dos dogmas já passaram! Cada um que não quer ser considerado como um dogmatista deve ter sua opinião particular a respeito de tudo entre o céu e a terra, deve pelo menos por conta própria ter decifrado o enigma do mundo e poder revelar uma interpretação, fabricada em casa, dos mistérios de Deus, do Céu, da vida no além, e assim por diante...

— Como o senhor se exalta, Sr. pastor! Mas pelo amor de Deus não pense que eu esteja querendo defender o Sr. Hansted. Eu me permiti apenas a observação de que se deve compreender em todo caso sua coragem para viver em concordância com suas próprias teorias. E seja lá como fôr, há qualquer coisa de atraente no fato de um homem fazer a ação seguir as palavras e sacrificar seu bem-estar pela sua convicção. É indiferente nesse caso qual o valor que possa ter essa convicção, por si só...

— Não para mim! Para mim isso é apenas uma triste prova de que a confusão das idéias e o endeusamento do próprio "eu" atingiram a fase culminante do delírio de grandeza. O que parece coragem e força espiritual, na realidade não passa de lamentável fraqueza de uma vontade quebrantada. Sei por mim mesmo. Por experiência própria, sei o quanto é pesado, quando se sonhou ser profeta e santo, habituar-se à idéia de ser, apenas

o simples pastor Petersen. Eu sei quanta abnegação é necessária para curvar-se sob a lei verdadeira da cristandade, a lei da igualdade e irmandade; tornar-se igual aos que o cercam, não ser maior nem menor, nem pior nem melhor!

Ragnhild deu de ombros, sem responder. Pensava lá consigo na fábula da rapôsa e as uvas. Em geral, ela começara a sentir-se oprimida pela companhia diária do pastor e estava muito satisfeita por saber que logo êle iria viajar. Cada vez mais ela dava razão a Betty; o pastor era mesmo parente muito próximo dos quadrúpedes. E embora tivesse alguma coisa da comovente fidelidade dum cão d'água, infelizmente não possuía, como êsse dócil animal, a capacidade de entender, a um simples aceno de mão, quando sua presença se tornava incômoda.

— Em geral — continuou o pastor quase com violência — não tenho lá tão grande respeito pela obra da casualidade chamada nossa convicção pessoal, que possa admitir a justificativa, de, sem mais nem menos, adaptarmos nossa vida a ela. Acho, muito pelo contrário...

Foi interrompido por Ragnhild que soltou um gritinho. Ela teimava que alguma coisa a tinha mordido no pé.

Fôra, porém apenas um ramo de urze que lhe havia raspado o tornozelo e desatado o cordão do sapato.

— Acalme-se, senhorita! Não há perigo de vida! — consolou-a o pastor, satisfeito por ter sido interrompido em seu ardor o encontrar oportunidade para mudar o assunto da conversa. — Permita-me agora ser seu médico e proceder uma operação extremamente necessária... dar um laço nesses dois pequenos cordões. ...

— Obrigada. Se o senhor quiser...

Sua Reverendíssima pôs-se galantemente de joelhos diante dela, no meio do atalho e, quer fôsse de fato por causa de seus dedos grossos e desajeitados, quer fôsse por desejar usufruir o maior tempo possível a visão do estreito pé feminino na fina meia de baguetes, — o caso é que ficou uma porção de tempo a mexer com os cordões, sem resultado algum.

No mesmo instante Ragnhild pôs os olhos num vulto que a certa distância se destacava, escuro, contra o céu agora inteiramente nublado. Parecia uma sombra, e descia lentamente, de cabeça baixa, a última escarpada além do alto marco marítimo.

— Será que estou apertando demais? — perguntou o pastor, que sentira o pé da môça estremecer.

— Não, assim está bem... — respondeu ela, recuperando rapidamente a calma, enquanto continuava embevecida, sem poder tirar os olhos do vulto que caminhava lá adiante, onde o céu e a terra se fundiam num manto de névoas.

O aparecimento de Emanuel, embora longe de a surpreender, causava-lhe efeito bem diverso do que tinha esperado. Viu, de relance, o quanto seu vulto estava em perfeita harmonia com aquêl planalto mudo e deserto, distante do bulício da vida. Êle surgia singular e exótico, como uma sombra estranha e enorme... Mas seria mesmo êle? Não só sua pessoa produzia curiosa impressão, ao mesmo tempo incorpórea e gigantesca, com o fundo nebuloso azul-pardacento do céu, como também a atitude e o andar tinham naquele ambiente um traço de altivez sobrenatural.

Nesse momento ela compreendeu o que já ouvira uma vez dos pescadores: que Emanuel lembrava a figura do altar da igreja de Santinge. Nem a auréola faltava. Por um extraordinário acaso, o sol, brilhando através das nuvens como vago disco luminoso do tamanho da lua, estava exatamente atrás dêle, à altura da cabeça, como uma glória, colocada apenas um pouco baixa demais.

— Agora espero que esteja a contento! — disse o pastor, levantando-se após ter concluído o trabalho.

Embora o vulto de Emanuel já estivesse fora de seu campo visual, Ragnhild ficou petrificada, como que hipnotizada, fixando o ponto onde êle desaparecera; sua fisionomia denotava cada vez maior espanto, e por último verdadeiro terror.

— Por favor, pastor Petersen — disse ela finalmente, pousando-lhe a mão trêmula no braço. — Será que eu perdi a razão, ou o que será que está acontecendo aqui? Também está vendo três sóis no céu, neste momento?

— O quê? Três sóis?

— Sim. Olhe, ali, ali... e ali!

— Realmente! Tem razão! De fato, tem razão!

Era exata a observação. De cada lado do sol, mas a regular distância, via-se nas nuvens uma mancha de luz do tamanho da lua, um pouco mais apagada do que o sol verdadeiro, tendo ao longo da orla interna ligeiro reflexos de arco-íris.

— Parece feitiçaria tudo isso! — exclamou ela sem mais poder dominar-se. — Que lugar é êste para onde o senhor me trouxe? E o que é aquilo... aquela grande cruz preta ali? continuou mais e mais apavorada ao ver, de repente, o marco ma-

rítimo na culminância de que Emanuel surgira. — Isto é um verdadeiro Gólgota! Quero ir-me embora. Está ouvindo? Não quero mais ficar aqui!

A môça, habitualmente tão calma em tôdas as situações, perdeu durante um momento todo o contrôle sôbre si mesma. O pastor tentou acalmá-la e pôs-se a explicar as causas muito naturais do reflexo do disco solar, na atmosfera. Não demorou que ela serenasse um pouco, sem, no entanto, recuperar todo o equilíbrio. Conduzida pelo braço do pastor, deixou para trás o "deserto asqueroso". E ainda em casa suas risadas não soavam muito espontâneas, quando contou a Betty suas aventuras.

6

O fenômeno, não muito raro, mas passageiro, que tanto assustara Ragnhild, de fato não anunciava nada de bom. Dos muitos avisos de tormenta que a natureza dá nenhum talvez seja mais temido pelo marinheiro do que êste, que pouco depois do nascer ou por volta do pôr do sol, aparece no céu ligeiramente nublado, o que ocorre com maior freqüência em tempo instável e após períodos relativamente longos de mar sereno. Então é tratar de sacudir a sonolência das calmarias antes de tornar-se visível o primeiro sinal da tempestade. Êste geralmente vem como um raio, um golpe repentino que arranca dos massames e mastros um curto gemido e deixa atrás de si, sôbre a água vigorosamente inquieta, uma calma absoluta, uma mudez sepucral e desagradável. Logo em seguida, porém, o mar principia a ferver. É a hora de as tripulações subirem aos mastros para ferrar as últimas velas, a hora de encaixar meticulosamente as escolilhas e lucarnas, antes de surgir no horizonte outro indício de tempestade com seu séquito de brancas espumas.

Grande agitação começa também pelas praias, nas pequenas e baixas cabanas cobertas de ramos de urze, de onde se costumam observar sinais no sol e na lua quando os pescadores estão no mar. Desde que o gato se põem a miar, e o vento atravessa a chaminé uivando como cachorro que cheirou defunto, podendo-se ver a cada instante a mulher do pescador na soleira da

porta, sombreando os olhos com a mão. Os velhos saem cangangando para a beira d'água, apoiados em seus cajados, e fitam o horizonte, murmurando palavras incompreensíveis. Como bandos de possantes águias, as primeiras nuvens escuras adegam no céu, altas e tranqüilas. Mas bem depressa massas de nuvens mais pesadas elevam-se do horizonte, ao passo que todo o mar é uma imensa espuma de ebulição, quando, envolta num manto pardo-negro, a tempestade finalmente se lança sobre a terra com tal violência que faz tremer as tôres das igrejas.

Hansine estava sentada junto ao leito de sua mãe e enrolava fios de lã na roca, à luz de uma fina vela de sebo que nas noites ainda curtas substituíra o lampião de inverno, àquela época ainda guardado. O aposento rústico de teto baixo continuava intacto, não influenciado pelas mudanças do tempo. Os pratos de estanho sob o teto e os dois quadros emoldurados com os nomes da família, datados de 1798, a poltrona ao lado da lareira e o restante do antigo mobiliário, tudo fôra religiosamente conservado com cuidados que, após o regresso de Hansine, quase assumiram caráter de uma demonstração ostentativa.

Só uma coisa faltava. O lugar no banco existente na extremidade da mesa de carvalho, onde outrora Anders Joergen ficava sentado, de óculos de latão oxidado no nariz obtuso, soletrando a "fôlha", agora estava vazio. No inverno o velho fôra atacado por uma febre maligna que rapidamente pusera fim aos seus dias.

Mas nem êsse falecimento nem a longa enfermidade, sem esperança, de Else tinham causado qualquer diferença nos hábitos e na ordem tradicional da casa. Hansine, que agora se havia encarregado de tôda a direção da quinta, fizera também questão de conservar os tradicionais traços antiquados que sempre caracterizavam o lugar. Ali, em solo familiar, recuperara tôda a sua velha segurança e trabalhava na cozinha e nos quartos com uma autoridade e um impulso incansáveis que lembravam a mãe em seus melhores dias. Havia tanto que fazer ali! Nos últimos tempos a herdade estivera muito abandonada por causa da enfermidade da mãe e da cegueira do velho. Tinham mesmo contraído dívidas por haver terminado com a morte do pai, o arrendamento das terras, que devia ser renovado, o que implicava em grandes despesas.

Ole Kristian administrava os trabalhos da terra. Era, agora, um homem de vinte e quatro anos, pequeno como Hansine, mas forte e robusto. Durante sua adolescência não deixara de ser in-

fluenciado pelo estranho casamento da irmã, e não poderia haver alguém a quem a desventura de Hansine tivesse ferido mais de perto. Tornara-se um homem taciturno, encerrado em si mesmo, quase um esquisitão, que ficava sempre em casa, evitando o mais possível o convívio com estranhos.

Hansine também não fazia questão de manter relações amistosas com a gente da cidade, e tal como a velha Else, apesar de todas as amargas experiências, ainda em seu leito de enferma não negava obstinadamente a estabelecer harmonia com os novos superiores da paróquia. À casa, outrora tão alegre, se tornara muda e quieta. Todos os "santos" da cidade a encaravam quase como uma mácula e quando, de dois em dois, iam ou vinham de suas assembléias de Deus na casa de reuniões, nunca passavam por ela sem falar em voz alta do orgulho e das palavras de Sirach sobre a soberbia, raiz de todos os pecados.

Nessa noite, como de costume, Hansine estava só. Ole Kristian tinha ido ao seu quarto junto ao estábulo, para deitar-se. Na mesa, ao lado da vela, ainda se encontrava o livro do qual lera trechos em voz alta para ela, após o crepúsculo. Da alcova, oculta pelo cortinado de risca azuis, vinham gemidos curtos, entrecortados: a respiração difícil de Else que dormia. A não ser isso, ouvia-se apenas a tempestade que batia com as portas e rugia à roda da casa.

Quando estava assim sôzinha acontecia muitas vêzes a Hansine, após um dia cheio de atividade ver seus pensamentos lhe fugirem, a procurar o passado que para ela deveria estar morto, e voltaram-se para as crianças e Emanuel, nome que não mais era mencionado naquela casa, pelo menos na presença da mãe. Velhos sonhos despertavam então, tentadores, em seu íntimo e lhe punham desassossêgo e dúvida na alma. Sobretudo nos últimos tempos a idéia de estarem as crianças assim tão perto a fazia passar muitas noites sem dormir. Ao receber a última carta na qual Emanuel avisava sua próxima vinda, ela teve de empregar o máximo de contrôle sobre si mesma, para que nem a mãe nem Ole notasse o seu desespero.

Também nessa noite estava temerosa e inquieta. O barulho da porta, o sibilar do vento por cima do telhado despertavam-lhe a lembrança de outra noite tempestuosa... Recordava-se — havia mais de dois anos — daquela em que seu filho fôra para a cama, para não mais se levantar. Também naquela ocasião ela estava só, com suas preocupações e tristezas ocultas. Ocorria-lhe, nitidamente à memória, como havia estado na sala gran-

de, com a porta do quarto aberta, para ouvir o menino que muitas vêzes gritava no sono. Sòmente lá pelas onze horas Emanuel voltara para casa. Alegre, alto e bonito entrara pela porta adentro com sua grande capa da qual a água escorria, de cajado na mão e uma lanterna que o vento havia apagado. Desde então lhe viera freqüentemente à idéia que, pensando bem, fôra aquela noite a última em que na vida de casados tinham sentido juntos um pouco de paz e felicidade. Daquele dia em diante, começara uma lenta dissolução. Com a morte do menino, Emanuel perdera aquela esperança radiante, aquela certeza inabalável de viver acompanhado pela bênção de Deus que até então o conduzira redimido em meio a tôdas as decepções.

Ela interrompeu o trabalho de enrolar o fio e ergueu a cabeça, pondo-se à escuta.

Que teria sido? Ouvira ranger o portão do quintal, ou fôra a tempestade que abrira um alçapão? Mas não! Agora soavam também passos cautelosos, de alguém que andava de botinas, lá fora no calçamento de pedra.

Ela empalideceu.

Emanuel! pensou num sobressalto.

Levantando-se cambaleante, apoiou-se no espaldar da cadeira. Ele viria mesmo para cá? Sim... Agora ela o ouviu subindo a escada e logo depois bater à porta.

Não, não! Ela não o queria ver! Ele não tinha o direito de vir...

No mesmo instante a tranca foi erguida devagar, e o corpo comprido do tecelão Hansen apareceu por cima da meia porta.

— Boa-noite, Hansine — disse êle baixinho e sem entrar.

— Eu ia justamente passando e vi que aqui ainda havia luz. Pensei, por isso, que deveria vir saber como iam as coisas por aqui. Como vai sua mãe? Há alguma coisa grave?

Hansine respondeu, aparentemente tranqüila:

— Sempre na mesma. Ela quase sempre está cochilando. E isso é decerto o melhor para ela. Você pode entrar, se quiser.

— Bem... Acho que está um pouco tarde — disse o tecelão indeciso, olhando em volta.

— É você quem sabe. Assim falando, Hansine, com a mão ainda um tanto trêmula, cortou o pavio da vela e depois sentou-se novamente ao lado do seu trabalho de fiar.

O tecelão finalmente fechou a porta, assoou o nariz junto à lareira e tomou lugar na outra extremidade da mesa. No mesmo instante se fez silêncio na alcova. Uma mão trêmula tentou

separar as cortinas, mas não o conseguiu. Pouco depois, ouviam-se novamente na quietude da sala os gemidos curtos, entrecortados.

— Trago lembranças para você lá de Sandinge — disse o tecelão, que estava sentado com o corpo curvado para a frente, os braços nos joelhos, enxugando os dedos no lenço vermelho axadrezado. — Dei uma volta do outro lado, hoje, para ver o que havia por lá. Tem-se ouvido tanta coisa esquisita nos últimos tempos.

Seguiu-se um momento de silêncio.

— Bem pensando, é interessante como êle... como... quero dizer, Emanuel... Como ia dizendo, é interessante como êle se está tornando assunto das conversas de todos os dias, lá em cima. Agora mesmo, êle fez outra vez um verdadeiro milagre num velho pau-d'água lá da aldeia!

— Ah! é... respondeu Hansine sêcamente.

Mas sôbre isso eu imagino que êle deve ter escrito. Você sempre recebe cartas dêle, não?

— Êle nada escreveu a êsse respeito.

— Não, êle deve ter imaginado que nem era preciso escrever, pois se fala tanto nisso. Só vendo como aquela gente está doida! Mas não é para menos...

Novamente se fez um longo intervalo.

Você terá ido lá do outro lado só para fazer uma visita a Emanuel? — perguntou, por fim, Hansine.

O tecelão ficou contemplando-a durante algum tempo com um ôlho fechado. Parecia estar meditando sôbre até que ponto poderia confiar nela.

— Nem o vi — disse êle depois. — Realmente nem cheguei a vê-lo. Mas... eu vi suas garôtas.

Hansine estremeceu.

— A menina, parece-me que se chama Sigrid, não é?, estava sentada numa pedra perto da água, e em cima, junto ao jardim, estava a pequenina, a Dagny e chorava, coitadinha... Mas não é por isso, eu teria gostado muito de dar outra vez um bom-dia a Emanuel. Somos de certo obrigados a confessar, Hansine, que nós, o povo de Skibberup, não nos portamos com êle como devíamos. Já pensei muito nisso. O tempo mostrou que êle tinha razão em muita coisa. Entretanto, pude notar mais de uma vez que Emanuel tinha uma espécie de poder esquisito, de profeta, um dom de ver o futuro, você não acha?

Hansine continuou a guardar silêncio.

Era sua intenção, prosseguiu o tecelão em sua conversa, fazer a primeira cautelosa tentativa de conquistá-la para um plano com que andava de uns tempos para cá e que, a despeito das muitas tristes experiências do passado, tinha projetado, segundo seu velho princípio, eliminar o mal com o mal. Pensava em nada menos do que levantar outra vez, na paróquia, os ânimos a favor de Emanuel, tentando usá-lo como remédio violento e que, fazendo a insanidade mental atingir a fase aguda da loucura, a levaria até a autodestruição. Mas como Hansine continuasse sem responder, êle achou mais acertado, na ocasião, não insistir muito; levantou-se por isso, e deu as boas-noites.

Após o tecelão haver saído, Hansine ficou ainda por muito tempo com o novêlo de linha. Mas a ponta do fio lhe fugira. Curvada, face apoiada nas mãos, ela fitava o chão. O tóco de vela iluminava-lhe com brilho vermelho um lado do rosto de linhas duras, cuja expressão se tornava ainda mais grave e severa pelas escuras sombras junto à boca e sobre os olhos profundos.

As palavras do tecelão a respeito das crianças tinham feito surgir outra vez tôdas as pesadas acusações que o coração materno fazia a si mesmo: não obstante, ela permanecia completamente tranqüila. Pôs-se a refletir calmamente na longa série de problemas que a vinham preocupando durante todo o verão, mas que desde a chegada da última carta de Emanuel a perseguiram dia e noite, ininterruptamente. Perguntava a si mesma se as meninas, principalmente Sigrid, voltando para a sua companhia, não iriam cansar-se bem depressa da monotonia do campo, com saudades da vida movimentada na qual agora se sentiam tão bém. Achava que sim. A desgraça já tinha acontecido e seria um êrro duplamente lamentável arrancar de nôvo as crianças do solo onde haviam começado a enraizar-se. O pecado que ela, numa espécie de loucura, cometera contra si e suas filhas ao entregá-las a outrem, não mais poderia ser remediado. Tudo o que agora lhe restava era fortalecer-se externa e internamente, estabilizar-se de modo que sempre encontrassem nela um porto para se refugiarem, se uma vez viessem a sofrer naufrágio na vida e necessitar de seu auxílio. E, quem sabe? Essa época estava talvez mais próxima do que se imaginava.

E Emanuel? Nunca se teriam compreendido menos, nunca teriam estado mais afastados um do outro do que justamente agora. Nas suas cartas percebera que êle esperava encontrá-

la exatamente como a tinha deixado. Ele nada sabia do que ela vira e vivera lá fora, diante do mar aberto, entre a gente forte e livre da terra dos *Skallings*; não fazia uma vaga idéia do que fôra o longo ano em que, só e abandonada, se encontrara de novo, nem tampouco do profundo sentimento de vergonha com que ela agora contemplava toda a sua vida passada e não menos os momentos dos quais Emanuel talvez conservasse as melhores recordações.

Ao cabo de suas reflexões estava firmemente decidida que teriam de separar-se. Não queria vê-lo mais, não queria ser atraída a novas aventuras. A paz a tanto custo alcançada, não seria outra vez posta em jogo levianamente. Os sonhos vãos da juventude estavam definitivamente mortos. Ela aprendera que a felicidade nesta vida consistia em se terem raízes no solo próprio e crescer-se à luz do céu pátrio, por mais baixo, estreito e sombrio que fôsse. Nunca, nem mesmo na solidão lá fora no mar, separada do marido e das filhas, se sentira tão desolada e alheia como no presbitério de Vejlbj.

Também para Emanuel seria melhor que tudo estivesse irremediavelmente acabado entre ambos e nesse sentido ela lhe escreveria de modo tão franco e decisivo, que nenhum mal-entendido seria possível; também ele acabaria, por certo, tomando juízo, encontrando-se a si mesmo e casando-se com a Srta. Toennesen. Ela desejava de todo coração que isso acontecesse. As crianças teriam outra vez um lar, de que tanto precisavam. Quanto a ela mesma... Bem, aos poucos iria adquirindo o sossego completo, encontrando uma modesta felicidade em viver pensando nos três, e a placidez de espírito ao confiá-los, todos os dias, à proteção de Deus.

1

No jardim, D. Betty andava inquieta de um lado para outro... Era quase meio-dia, porém ela ainda estava com seu vestido matinal. Trazia no cinto um pequeno molho de chaves e tinha os cabelos presos por uma rede preta de crochê. Ia várias vezes até ao portão e se curvava para fora, espiando para todos os lados. Uma vez ou outra saía mesmo do jardim e ia até a uma pequena elevação a certa distância da quinta, de onde, com fisionomia preocupada e tensa, olhava para as colinas distantes no outro lado da cidade.

Ao voltar, surpreendeu as crianças, escondidas num canto atrás do galpão onde Sigrid durante toda a manhã estivera atarefada em estender numa corda as roupas de suas bonecas, para secar. Também a pequena Dagny estava ocupada, embora não por sua própria vontade. A gorducha, com o dedo na boca, resmungava contrafeita, enquanto a irmã a cada momento ia ter com ela para confiar-lhe em misterioso cochicho seus grandes planos, ou para incutir-lhe com mais insistência, por meio de pequenos tapas e enérgicas sacudidelas, que nada devia contar à tia ou a qualquer outra pessoa do que se estava passando.

Não era por isso menos vago o sentimento de culpa que a pequena demonstrava, quanto a tia apareceu de súbito. Sigrid, porém, ficou vermelha até à raiz dos cabelos.

— Estamos brincando tão bem! — gritou ela logo que a tia se aproximou, com uma daquelas alegres exclamações com que as crianças julgam poder ocultar suas faltas.

Betty estava, porém, por demais absorvida pelos seus próprios pensamentos para notar alguma coisa de anormal nas crianças. Como sempre costumava fazer, recomendou-lhes, de passagem, que tomassem muito cuidado com a roupa, e voltou para o jardim.

Angélica, a criada, aproximou-se e disse:

— Senhora, está aí um homem que quer falar com o patrão!

— Diga-lhe que não está. Mas quem é êsse homem?

— Não o conheço. Mas deve ser o mesmo que já estêve aqui no outro dia, quando o patrão também não estava.

— Então diga-lhe que sentimos muito, mas que terá de vir outra vez, dentro de uma hora, mais ou menos, se lhe fôr possível. Até lá o pastor deverá ter voltado.

Betty sentou-se no banco à sombra da macieira, que durante o verão se tornara seu ponto predileto de repouso. Apanhou um trabalho manual que ali estava por acaso e pôs-se a fazer tricô, para combater a emoção. Seu rosto estava extremamente pálido; os olhos, vermelhos e irritados. A tensão das últimas vinte e quatro horas a tinha esmagado por completo. Todo o seu corpo estava como que eletrizado pelo nervosismo.

Desde a tarde do dia anterior não vira Emanuel. Tinha estado no quarto do irmão com uma carta chegada pelo correio e em cujo sobrescrito julgara reconhecer a rudimentar caligrafia da cunhada. Notava havia muito, que Emanuel esperava notícia lá do outro lado, de seu antigo lar, e compreendia agora que esta deveria ser a resposta tão impacientemente esperada, que decidiria a respeito de seu futuro. Logo se sentira meio apreensiva ao ver a carta; esta lhe parecia conter uma mensagem triste. Antes nunca lhe ocorrera que a esposa do irmão poderia recusar-se a renovar o convívio interrompido. Agora começou a sentir temor, os acontecimentos posteriores vieram reforçar ainda mais a negra previsão que logo a assaltara.

Emanuel não aparecera tôda a noite. Fechara-se no quarto e não deixara entrar ninguém, nem a criada com o jantar, nem as crianças que lhe queriam dar as boas-noites. Betty mesma desistira por isso de lhe falar, mas durante tôda a noite ouvira-o andando de um lado para outro no quarto, e êsse caminhar contínuo, sem fim, despertara nela uma recordação horrível. Sua mãe também tinha êsse costume... Lembrava-se perfeitamente de como ela às vêzes andava dias e noites inteiras de um lado para outro em seu quarto, sem parar uma só vez. Na noite da véspera de sua morte ouvira-a andar assim, incessantemente, e por isso agora o ruído soturno e macabro dos passos de Ema-

nuel lhe haviam infundido tal pavor, que também ela passara tôda a noite em claro. Só adormecera quando o dia começara a raiar e se fizera silêncio no quarto do irmão.

De manhã, a empregada lhe dissera que êle havia saído antes do nascer do sol. Ela acordara ao ouvi-lo abrir a porta que dava para o jardim, e de trás da cortina vira-o atravessar por entre as casas em direção às colinas situadas ao leste. Já eram onze horas; ia, pois, para um dia e uma noite que êle nada comia.

Betty nem se atrevia a pensar no que seria dêle se também lhe fôsse fechado o caminho para seu antigo lar. Êle se tornara aos poucos desajeitado como uma criança. Últimamente ela o tinha de tratar quase como um irresponsável, determinar suas refeições, incomodar-se com sua pessoa e cuidar de suas roupas, pois estava certa de que êle se esqueceria mesmo de mudar a roupa branca se não lhes lembrasse.

Ela estremeceu; tinha ouvido passos no caminho. O portão do jardim foi aberto devagar, e Emanuel vinha vindo pela aléia aprofundado em cismas.

Quando viu Betty, parou.

— Você está aí? — disse com voz abafada, acrescentando pouco depois: — Onde estão as crianças?

— Atrás do galpão, brincando. Quer que eu vá buscá-las?

— Não, deixe-as brincar! Estou-me sentindo um tanto cansado...

Sentou-se pesadamente no banco a seu lado.

Betty estava tão deprimida, que não conseguiu durante muito tempo proferir uma só palavra. Finalmente disse:

— Estêve aqui um homem que queria falar com você. Deve ter sido o mesmo que já o procurou no outro dia, quando você também não estava.

— Que homem era êsse, Betty?

— Não sei. Deve ser um estranho. Angélica pelo menos, não o conhece.

Como despertando dum sonho, Emanuel voltou-se para Betty:

— Ela não o conhece, diz você? Isso afinal é muito esquisito!

— Por quê? Tem estado aqui muitas vêzes pessoas estranhas querendo falar com você.

• — Sim, isso é... Naturalmente. . .

Betty tentou ler no rosto do irmão a confirmação de suas suspeitas, mas não viu propriamente confirmada sua suposição acêrca do conteúdo da carta fatal. Emanuel estava muito pálido, e evidentemente muito emocionado; pareceu porém, a Betty que êle se achava mais num estado de solene enlêvo do que acabrunhado.

Com um lampejo de esperança ela pensou que talvez assim mesmo se tivesse enganado.

— Parece que você se levantou cedo hoje, Emanuel. A empregada contou que você saiu antes de o sol nascer. Não dormiu bem essa noite?

Emanuel fêz mecânicamente um sinal com a cabeça, sem ter ouvido o que ela dizia. Estava inclinado para a frente, uma mão sob a face e a outra apoiada no cajado.

— Diga-me, Betty — começou êle por fim, parecendo falar ao mesmo tempo a si mesmo e a irmã, — Diga-me, você se lembra das horas do crepúsculo, lá em casa, quando éramos crianças?

— As horas do crepúsculo?

— Sim. Não se lembra? Mamãe estava na cadeira de braços na sala verde, onde caía a luz do lampião da rua, e nós estávamos sentados à sua volta, em tamboretes ou no seu colo. Contava-nos histórias de gigantes e filhos de reis que tinham saído pelo mundo afora para implantar a cruz de Cristo entre os gentios.

— Eu era então muito pequena ainda, Emanuel. Só me lembro de muito pouca coisa do tempo em que mamãe ainda tinha saúde.

— Isso é verdade, eu tenho alguns anos mais do que você! Lembro-me de que eu mesmo já tinha começado a ler as histórias lendárias e os livros de crônicas. Então queria ser soldado e guerreiro, e não podia compreender absolutamente a razão por que mamãe sempre dizia que eu devia ser padre. Numa noite, quando lhe perguntei sobre isso, ela me acariciou e disse: "Eu acho que Deus tem grandes desígnios para ti, meu filho!". Recordo-me ainda, nitidamente, da impressão estranha que essas

palavras me causaram. Naquela noite, pela primeira vez li a Bíblia por minha própria iniciativa.

— É, mamãe teve mesmo grande influência sobre você!

— Noutra ocasião veio visitar-nos o velho pastor Hagensen, que era bom amigo de mamãe. Deviam ter estado a conversar sobre que profissão escolher para as crianças, ou coisa semelhante, não sei ao certo; mamãe apontou para mim e disse: "Então, que lhe parece que meu filho ali vai ser, a julgar pelo seu aspecto?" Lembro-me tão claramente como se tudo fôsse ontem: tive de ir até junto do velho que me tomou pelo queixo, olhou um pouco para mim e me pôs a mão na cabeça, dizendo: "Tu serás um homem da Igreja, estou certo!". Naquela ocasião eu não tinha mais de treze anos.

— Mas por que você vem a pensar nessas coisas justamente hoje, Emanuel?

— Que é?

Emanuel ergueu a cabeça e a olhou surpreso. Aos poucos êle se esquecera por completo com quem estava falando.

— Ah! sim, — disse, pousando novamente a cabeça na mão. — O que eu quero dizer, Betty... já lá vão tantos anos a contar de quando recebi as sagradas ordens. Desde a infância minha vida foi como que predestinada. E assim mesmo, até hoje de manhã senti dúvidas sobre se, de fato, trazia dentro de mim a vocação.

Betty pôs o tricô no colo.

— A vocação? Não entendo. Que quer você dizer com isso?

— A verdadeira vocação, quero dizer. A vocação divina.

Betty, sacudindo a cabeça:

— Não entendo!

— Você sabe, eu nunca fui dos que acham que o hábito e o missal fazem o sacerdote, ou que um exame possa ser tomado como autorização de Deus para falar em Seu nome. No entanto, só tarde vim a compreender bem como Deus escolhe Seus servos, como Êle os educa e os disciplina através de duras provas, tornando-os obedientes executores de Sua vontade. Lembra-se Betty? eu há poucos dias contei uma história que acabara de ler: acêrca de um piedoso homem na Judéia que, durante toda a sua vida tinha procurado Deus e seguido Seus caminhos, para escândalo dos filhos do mundo. E assim mesmo o Senhor lhe assestou um golpe atrás do outro, até êle se ver tão abando-

nado aqui na terra como os pássaros no mar. Consta que êle só então compreendeu em tôda a sua extensão os desígnios de Deus, indo ao templo onde o Senhor, numa aparição, o mandou anunciar ao povo desobediente o Juízo Final. Desde então tenho pensado muito nessa história. Ela me parece um espelho para minha própria vida. Sinto agora que também a mim Deus chamou durante muito tempo... Arrancou-me com mão disciplinadora tudo, tudo... Arrancou-me, por fim, a última guarida. Só então compreendi plenamente a Sua intenção.

— Que está você dizendo? Então ela...?

— Sim, Betty. Também eu estou agora sem morada aqui na terra, como uma gaivota no mar. Não tenho mais espôsa, nem lar; nada mais. Estou sòzinho agora com minhas filhas!

O tricô caiu do colo de Betty, que juntou as mãos em frente ao peito e encarou o irmão, estarecida.

— E isso é... a vocação?

Emanuel fez sinal afirmativo.

— Sim, eu sinto que é. Deus me reclamou agora, todo inteiro... Ponho minha vida em Suas mãos!

Ficaram calados durante algum tempo. Betty curvou a cabeça e deixou cair as mãos no colo. Agora, que obtivera certeza, perdera as forças, entregando-se tôda ao desespero. Mas também Emanuel não conseguiu conter-se por mais tempo. Seus grandes olhos imóveis se encheram de lágrimas, e a voz soava como pranto a custo dominado.

— Tudo isso me é tão estranho. Pois, posso dizê-lo agora, sempre senti que Deus tinha um desígnio comigo e com minha vida. Não é orgulho de minha parte. Nunca me supus maior ou melhor do que outros. Longe disso! Mas o próprio Cristo disse: "Minha força é possante nos fracos". E apesar de tudo, agora que já se deu o fato, não compreendo que Deus me achasse digno. Esta manhã... esta manhã quando Êle me chamou para junto de si, e eu me levantei da cama... e depois, quando nos altos campos me vi face a face com meu Pai... era como se eu fôsse esmagado contra a terra pela força de Sua respiração, e eu não tinha coragem de erguer os olhos para Êle! Mas Êle viu meu temor e me achegou junto a Si.

Emanuel parou de falar, dominado pela emoção. À lembrança do pavor mortal por que acabava de passar, fê-lo estremecer. Tremia como se sentisse violento frio e as lágrimas lhe molhavam as faces.

Ficaram novamente algum tempo em silêncio.

— E que pensa você fazer agora? — perguntou por fim Betty.

— Completar a missão que Deus me confiou. Outra coisa não sei. Minha vontade está em Suas mãos.

— Mas, então, que quer fazer? Pensa em ser pastor outra vez? Ou o que é que você quer?

— Isso eu não sei...

— Talvez queira viajar? Andar por aí como pregador leigo?... E as crianças?

— Não sei. Pedi a Deus um sinal, para poder estar preparado!

Betty não se conteve mais. Atirou-se desesperada ao pescoço do irmão e gritou:

— Emanuel! Emanuel! Volte à realidade! Ouça-me! Você não sabe o que está dizendo! Não, não, eu não o deixo falar! Primeiro vai ouvir-me, afinal, sou sua irmã... É horrível, Emanuel! Você deve recobrar o juízo, está ouvindo? Deve pensar no futuro, nas crianças, em nós todos. Olhe aqui! Você não sabe se um dia vai estar na rua, sem um telhado acima da cabeça, sem um bocado de pão para seus filhos. Papai não quer mais ajudá-lo... e afinal nem pode! Eu já luto com dificuldades para me manter. Como você sabe, Torm me deixou muito pouco. Que quer fazer, então? Não nos atire à desgraça, Emanuel! Não, não diga nada. Uma vez você vai ouvir a verdade! Já não chegam os cuidados que nos causou a todos? Não é por sua culpa que papai está doente e desesperado? Todos nós estamos desesperados por sua causa, Emanuel! Sabe que até vi papai chorar... Pense nisso ao menos! Durante mais de dez anos vivemos todos temendo por você. Isso ainda não basta? Será que nunca poderemos pensar em você sem que seja com vergonha? Oh! Emanuel, se você soubesse...

Não conseguiu continuar. Num verdadeiro acesso de nervosismo, sacudida por convulsivos soluços, jogou-se contra o peito do irmão.

Emanuel afogou-lhe suavemente o cabelo.

— Calma, minha irmã! Assim você só pode prejudicar-se. E por que quer voltar-se contra mim? Diga-me, Cristo não nos mostrou o caminho para a eterna bem-aventurança? Ele que não queria possuir nem o lugar onde recostava a cabeça?

— Oh!... Como você fala! — interrompeu-o Betty com veemência, aprumando de novo o corpo. — Isso é audacioso! Acha

então que Deus lhe deu casa, lar e família para que você as destruía? Deu-lhe esposa e filhos para que você...

Não chegou a falar até o fim. Emanuel pousou-lhe a mão no braço e a olhou cheio de compaixão.

— Betty, não seria melhor censurar a si mesma antes de acusar os outros? Também a você o Senhor submeteu a duras provas! Então não acredita que Ele mandou um aviso quando bateu à sua porta com a mão fria da morte? Que veio para perguntar se você estava em casa para Ele, para Ele só? Abra as portas do coração! Veja: Deus tirou-lhe o filho, o marido, tirou também riqueza, honrarias, fama e admiração mundana... Já se lembrou de lhe agradecer por isso? Já apreciou devidamente que dessa maneira Ele tirou carga após carga de seus ombros, preparando carinhosamente o caminho que conduz ao Seu coração de pai? Se não, já devia estar horrorizada de si mesma! É urgente, Betty! Você não o percebe? O dia de juízo está próximo! Não vê como tudo está abalado, que o mundo se está desmoronando? Deus retirou a Sua bênção da sociedade dos homens, e os demônios nela reinam como os vermes num monturo. Não andam os vícios a descoberto pelas ruas? O orgulho e a sêda de vingança não envenenaram a mente dos homens? Não vê erguerem-se as classes umas contra as outras, os povos a se combater?... O ódio incendiou os países, e a sêde de sangue urra da boca dos canhões. Sim, mesmo da própria casa de Deus, da própria comunidade de Cristo, batizada com sangue, Seu espírito fugiu. A justiça farisaica e a sabedoria profana engalfinham-se em luta pelo excelso trono da Igreja! Realmente deve-se dizer: o dia do Senhor está próximo! E então, aí daquele que Ele repelir!

Emanuel pôs-se de pé e ergueu ameaçadoramente a mão para o Céu. Mas de súbito sua voz se apagou, e deixando cair os braços, disse, mais sereno e conciliador:

— Irmã! Dê-me a sua mão! Você não me quer ouvir agora, mas o seu tempo chegará, disso estou certo. Também você entenderá um dia, transida de horror, a máxima segundo a qual aquele que mais amou a própria vida deve perdê-la. Conheça a alma, Betty! Você com certeza irá acompanhar! Prometa-o, com um apêto de mão!

Ela fez como ele pediu, dando-lhe a mão; mas quando ele se foi, procurou a aléia de nogueiras, onde ninguém podia vê-la e, passou a esfregar as mãos, uma na outra, nervosa e desesperadamente.

Sigrid e a pequena Dagny estavam brincando na praia, por volta do meio-dia, quando o pai mandou chamá-las e, para surpresa delas tomou-as ao colo, beijando-as, comovido, repetidas vêzes, nas faces e nos olhos. A admiração das meninas aumentou quando êle, após o almoço, lhes disse que se vestissem para um passeio, coisa que não se lembravam de ter acontecido. Mesmo depois de estarem com seus chapéus de palha na cabeça, custava-lhes crer que o houvessem entendido direito... Mas Emanuel as tomou pela mão e, através dos atalhos saíram para os extensos campos verdejantes, onde entre risos colheram flôres ao longo das margens do ribeirão e contemplaram as imagens das nuvens e dos pássaros refletidas no espelho da água límpida.

Emanuel sentia renascer em seu íntimo uma força que o impelia a respirar mais uma vez a atmosfera livre da vida, antes que soasse a sua hora. Disse de si pra si que bem poderia aproveitar o prazo concedido por Deus, entregando-se às alegrias da paz em companhia de suas filhas, até chegarem os dias de angústia. Êstes certamente não demorariam a vir! Já agora sabia e com absoluta certeza —, para isso estava preparado: no dia em que, através dêle, a voz de Deus soasse por sôbre o mundo, seus dias se esvairiam numa luta sem tréguas, que exigiria, como derradeiro tributo, a sua própria vida.

Com o casaco de abas longas e chapéu baixo êle ia cantando, colhendo flôres e escutando o trinado das cotovias que subiam e desciam sob a abóbada azul do céu. Por fim, sentou-se com as crianças na margem do ribeirão e pôs-se a tecer coroas de flôres para elas, enquanto lhes contava dos pequenos elfos que no fundo dos cálices das flôres destilavam o orvalho e coziam o mel. Dagny adormeceu logo no início da narrativa, e também Sigrid não parecia divertir-se muito, mas êle estava tão absorvido com o passatempo infantil que nem o notou.

Só algumas horas mais tarde voltou para casa, carregando pacientemente nos braços a pequena adormecida, enquanto Sigrid, cansada, lhe pendia das abas do casaco.

Pouco tempo depois, Emanuel estava só na praia bem à beira da água, contemplando em volta o céu e o mar. Com pro-

funda tristeza ante a idéia da despedida próxima, observava suas velhas amigas, as gaivotas prateadas, e seguia com o olhar a silhueta do litoral nitidamente recortado e as altas encostas de ambos os lados, batidas de sol. Estava tão deslumbrado ante a beleza da praia nessa tarde, tão encantado sobretudo com as lindas cores em que tudo estava imerso, que as lágrimas lhe vieram aos olhos. Nunca a visão da natureza o enlevava tanto. Nunca a sua beleza lhe aparecera tão claramente como reflexo do esplendor celestial. Compreendia muito bem por que sua alma, finalmente, se elevava acima das tentações. Pela primeira vez em sua vida encarou o mundo como alguém que o venceu. Pela primeira vez via as coisas terrenas iluminadas pela glória do eterno... — Ah! suspirou êle — era só os homens quererem ver com os sentidos da alma, e o paraíso estaria sempre aberto ante seus olhos, qualquer que fôsse sua conduta. O canto dos anjos soaria através do espaço, e cada som se tornaria um eco das deliciosas melodias da eternidade.

— Bom-dia! — disse uma voz atrás dêle.

Voltou-se. Na praia estava Ragnhild com seu grande chapéu e um leque pendendo do cinto.

— Bom-dia — repetiu ela, evidentemente não muito segura de si ao ver que Emanuel nem cumprimentava nem respondia. — Sinto ter de importuná-lo, mas preciso, de fato, saber o que há com sua irmã. Venho lá de cima agora; a empregada me disse que Betty se tinha deitado e não podia receber ninguém. Espero que ela não esteja doente. Seu aspecto não era nada bom nos últimos dias. Estou muito preocupada.

Emanuel ficou parado um momento sem responder. A presença da moça lhe causou profunda surpresa, era-lhe como se fizesse muito tempo que pensara nela pela última vez. Lembra-se como de um sonho mau e longínquo da fascinação que ela exercera sobre êle. Sim, agora estava livre! Extinto estava o incêndio da carne que o tinha devorado... Não estava propriamente apagado, mas transformado, sublimado, absorvido pelo grande e terno amor ao próximo que agora lhe enchia toda a alma.

— Não precisa inquietar-se — disse êle, aproximando-se lentamente. — Creio que, pelo contrário, Betty está agora a caminho da convalescença.

Trazia no rosto uma expressão grave. Só nos olhos havia ainda como que um reflexo da luz celestial que havia pouco êle fitara.

— Mas como vai passando, Srta. Toennesen? perguntou.

— Eu? Oh!!, muito obrigada... Vai-se indo. — respondeu ela, com vivacidade forçada. Como éle se houvesse se aproximado tanto que ela podia sentir-lhes a respiração, Ragnhild começou a usar o leque. — Alimento-me bem, durmo bem, sinto-me bem disposta... Que mais se pode querer?

— Realmente, a senhorita é bem modesta Mas eu não perguntei pelo bem-estar corporal.

— Bem... Faça-me então o favor de dar lembranças a Betty. Preciso ir para casa. Adeus, Sr. Pastor !

— Srta. Toennesen — disse Emanuel, quando ela já se havia distanciado um pouco. — Posso falar-lhe um instante? Permite-me acompanhá-la?

Ela parou. Arfava-lhe o peito.

— Mas naturalmente! Mas só até o portão do jardim. Eu sou muito rigorosa quanto às boas maneiras, deve saber!

— O que eu tenho a lhe dizer hoje, é muito pouco!

Após andarem algum tempo ao longo da praia, ao lado um do outro, Emanuel falou:

— Diga-me, Srta. Toennesen... Não acha que entre nós dois existe uma espécie de desavença, que temos uma diferença a acertar?

— Uma desavença? Não posso imaginar o que será.

— Certamente ainda se lembra de uma noite clara de inverno há um ano e meio, quando voltávamos de uma festa, um suntuoso banquete, cujo luxo e extravagância devem ter feito chorar até os anjos no Céu.

— Meu Deus! Que festa foi essa?

— Realmente não se lembra?

— Não posso crer que queira aludir à última ceia de aniversário de seu falecido cunhado. Lembro-me agora de que naquela ocasião o senhor quis acompanhar-me até a minha casa, embora eu pedisse com insistência que não se incomodasse.

— Isso. É essa a noite à qual me refiro!

Ragnhild desabafou sua inquietação íntima numa pequena gargalhada nervosa:

— Sempre o mesmo, Sr. Hansted! Que idéia essa, de pintar uma inocente festinha em cores tão horríveis! Era até uma festa muito simples, quase só gente da família. Havia ainda luto

na casa do cônsul, por causa do pequeno Kaj. Lembro-me que tôdas as senhoras estavam de preto. Eu também.

— Sim... Também a senhorita! E por sobre a seda preta brilhavam os brancos ombros...

— Está-se excedendo, Sr. Hansted — disse ela, admoestando-o delicadamente. — Mas como é que o senhor afinal chega a pensar nessas coisas passadas e indiferentes?

— É porque hoje, Srta. Toennesen, estou acertando minhas contas.

— Mas a mim o senhor nada deve — retrucou interrompendo-o depressa. Nem ao menos uma explicação.

— Ah!, devo sim! devo-lhe muito mais do que pode imaginar. Agora já posso falar nisso; mais ainda, é até minha obrigação: naquela noite Deus decidiu o meu destino. E a senhorita foi o instrumento em Sua mão!

Emanuel ficou parado e contemplou-a com seu olhar que ardia de sagrado zêlo.

— Diga-me uma coisa — continuou. — Também o sentiu, naquela ocasião, da mesma maneira que eu?

— Não entendo absolutamente o que o senhor quer dizer — respondeu ela, cada vez mais inquieta e nervosa, apressando o passo.

— Eu sei que me está entendendo muito bem. Quero falar-lhe com franqueza, Sta. Ragnhild! Estive pensando que talvez tenha chegado o tempo das retribuições. A senhorita também está só. Aquê! que até agora foi seu companheiro aqui, foi-se embora. Talvez assim eu também possa ser ouvido. Está ficando impaciente, vejo-o muito bem. Sou-lhe desagradável, bem sei. Mas isso não faz mal! Se não fôr agora, se não fôr hoje ou amanhã, então será quando minha hora soar!

— Eu não creio que adiante falaremos sobre tais assuntos, Sr. Hansted. O senhor sabe que pensamos de modo tão diferente que...

— Ah! sim, adianta sim... naturalmente que sim! E eu terei paciência!

— Bem... mas desculpe, chegamos ao portão. Era aqui que nos queríamos separar. Adeus!

— Srta. Toennesen! Ainda uma palavra! Uma só!

— Que há agora? Ela o olhava de lado, com uma expressão meio irada, meio tímida.

— Está zangada comigo?

— Eu? Ora, que idéia!

— Então por que não me dá a mão para a despedida? Não o quer fazer? Não quer? Por favor...

Uma luta íntima fêz Ragnhild empalidecer. Era como se da mão, que êle lhe estendia humildemente, emanasse uma força à qual ela não podia resistir.

— O senhor é mesmo uma criança! — disse ela estendendo-lhe a mão, com a cabeça baixa. — Então? Está satisfeito agora?

Mas Emanuel conservou a mão trêmula entre as suas e disse com voz abafada, emocionada pela paixão:

— Srta. Ragnhild Agora é minha! Agora não a largo! Está ouvindo? Eu não a largo antes de se tornar uma filha de Deus! Oh! não, não me olhe tão irada! Eu suplico, eu lhe imploro, dê-me a sua alma, para que também nós dois nos possamos unir na alegria da bem-aventurança em tôrno do trono de meu pai celestial! Ragnhild! Minha irmã!...

— Vá, deixe-me agora! — disse ela com voz rouca e imperativa, arrancando com violência a mão das suas, e entrando pelo jardim.

3

Quando Emanuel pouco depois voltou para casa, a empregada lhe contou que o homem que já o procurara por duas vezes tinha voltado e o esperava no quarto. À sua entrada, um vulto ergueu-se do duro sofá de crina, única peça de mobiliário ao pé da longa parede interna; mas no estado de tensão em que se achava, Emanuel teve de fixar bastante tempo o outro antes de reconhecer o tecelão Hansen. As contrariedades dos últimos tempos também não tinham passado pelo homem, duramente castigado, sem deixar seus vestígios. Conforme ali estava, com a cabeça de lado, fingindo-se um pouco embaraçado e sem saber ao certo se devia ou não dar a mão, êle se parecia pouco com a figura que Emanuel guardara de seu antigo, irreconciliável antagonista.

Em toda a sua vida, jamais Emanuel guardara rancor de alguém, a não ser dêsse homem. O sangue lhe fervia só em pensar

na perversidade oculta com que o tecelão atigara cada minúsculo fogo de divergência que por acaso surgia em sua antiga comunidade, na maneira impiedosa por que o perseguira pessoalmente quando a discórdia por último, instigada por êle, irrompeu em luta aberta. Por isso, sua presença despertou em Emanuel o desejo de penitenciar-se por ter durante tanto tempo nutrido sentimentos de inimizade contra aquêle que era afinal seu próximo, seu irmão, um filho de Deus como êle mesmo.

— Seja bem-vindo — exclamou êle, estendendo-lhe pacificamente a mão. — Você veio chamado!

— Vim chamado? — perguntou o tecelão, apurando os ouvidos.

— Ah! sim, você ainda não o compreende! Não sabe, caro amigo, que um véu caiu entre mim e o passado. Agora só olho para o futuro. Venha, sente-se! Vamos conversar !

O tecelão ficou durante algum tempo esfregando o chapéu com a manga do paletó, como se a razão de sua visita lhe causasse embaraço, como se tivesse dificuldade em achar as palavras próprias para começar. Falaram das condições em Vejlbj e em Skibberup, e após haverem aludido também à esperada reunião na escola superior de Sandinge, disse Hansen:

— Pois falo com tóda a franqueza, tenho estado muito tempo assim... como é que vou dizer... nada satisfeito, ao ver o andamento das coisas lá em casa nos últimos tempos — das coisas espirituais, quero dizer. Não posso crer que sejam poucos os cristãos que, por dentro, se sentem bem tristes com tóda essa confusão babélica que estamos vendo na nossa igreja. Andam todos a se engalfinhar por causa de nossa bem-aventurança. Pois é justamente tóda essa discórdia que durante muito tempo me tem oprimido, a ponto de me parecer muitas vêzes que não entendo mais qual será o fim de tudo isso.

Emanuel fêz gesto afirmativo.

— Aí você fala verdade, Jens Hansen!

— Pois justamente nestes últimos tempos, quando penso na reunião dos amigos aqui, não me sai da cabeça que devia aparecer logo o homem que pudesse, com a verdadeira autoridade espiritual, reunir as partes desgarradas da comunidade de Deus em nossa terra. Foi, por isso, que eu vim falar com você, para lhe dizer, frente a frente, o que agora sei com tóda a certeza: você é êsse homem, Emanuel !

Um sorriso estranho, doloroso, bailou em tórno dos lábios de Emanuel.

— Por que o crê com tanta certeza, Jens Hansen?

— Porque sim. Já ouvi o que tem acontecido por aqui ultimamente. Hoje estou vendo o quanto, naquele tempo, me enganei a seu respeito, como não o compreendi direito, quero dizer. Mas no outro dia aconteceu comigo uma coisa esquisita. Era como se uma voz dentro de mim dissesse que eu devia... devia passar para o lado de cá e falar com você!

— Uma voz?

— Sim. Uma espécie de voz interior, da qual desde então não me pude livrar. Ela continuou viva dentro de mim, e não tive sossego até vir aqui e falarmos. Era como se aquilo tivesse uma significação tóda especial. Cada vez que eu, com apreensão, pensava na próxima reunião de amigos, era como se alguém me dissesse: "Emanuel é o homem. Ele tem autoridade!"

Emanuel não o ouvia mais. Curvado para a frente, era presa da mais violenta emoção.

— É o sinal! pensava êle, enquanto a revelação da presença divina o fêz sentir os calafrios da iniciação.

Finalmente o grande dia chegou. O dia há tanto esperado, com tanta inquietação e ansiedade. "A Reunião na Escola Superior de Sandinge" viera sendo, havia um mês, título permanente em tôdas as fôlhas da associação cívica; mas também fora dos círculos da comunidade se esperava com interêsse o resultado dos debates como um sinal significativo da época, que mostraria de maneira decisiva qual o rumo tomado pela evolução dos últimos anos.

Já no dia anterior à reunião chegavam sem parar hóspedes de outros lugares. Depois de cada trem, a estrada da estação era envolvida por uma nuvem de pó, e nela uma interminável caravana de carros rolava em direção à cidade tôda embandeirada. Tinham-se anunciado de antemão mais de quinhentos participantes que não habitavam a paróquia; a reunião duraria dois dias, e na escola superior não havia lugar para todos. A maior parte tinha de instalar-se nas redondezas, em casa de gente amiga e ainda assim celeiros, depósitos e até barracões tiveram de ser aproveitados e arrumados para que se acomodasse a rapaziada nova.

A noitinha, quando o sol se punha incendiando o horizonte azulado, os arredores da escola superior pareciam um acampamento recém-instalado, onde reinava confuso movimento de carros vazios e carregados, feixes de feno e malas de viagem; pessoas indecisas e desorientadas lutavam por obter informações, conseguir o que comer ou guardar as trouxas de roupa.

Viam-se os tipos mais diversos e ouviam-se muitos dialetos: grandes e pesados homens da Jutlândia ocidental, de olhos côr do mar, cujo dialeto ninguém compreendia; alegres habitantes do Fyn que ao mesmo tempo, falavam, riam e se divertiam; velhinhas da região de Ribe com vestidos de tricô e brilhantes coifas plissadas; pequenas mulheres de Fannike com suas

grossas e duras saias, parecendo surgidas de um tonel. Havia gente de Saelland, de tôdas as categorias e tôdas as idades; jutlandeses de Kallundborg e de Kulsvier, e arrojados moradores de Stevns com seu claro sorriso, anciãos e rapazes novos, doentes que tinham de ser descidos dos carros, e aleijados que andavam de muletas.

A despeito, porém, das diferenças, facilmente se percebia um certo traço comum a todos êles. Atrás da correria, das conversas e da confusão sentia-se a mesma solene gravidade, a mesma elevada expectativa. Havia naquela cena alguma coisa que lembrava as antigas romarias tradicionais da noite de São João às fontes sagradas, cuja água tinha a fama de possuir fôrça milagrosa. Em mais de uma fisionomia preocupada podia-se ler a história de uma alma doente que se contorcia sob as muitas dúvidas da época e que ansiava, sedenta, pela medicina da verdade.

Num baixo muro de pedra estavam sentados um homem e uma mulher de meia-idade, de mãos dadas. A grave expressão de ambos e seus modos meditativos contavam tôda uma história.

Vinham de muito longe, tinham viajado um dia, uma noite e ainda um dia, e agora ali estavam, atordoados após a longa jornada, alheios a si mesmos no ambiente estranho. Tinham seu lar na Jutlândia, numa região solitária próximo à divisa das grandes charnecas, onde a vida é uma paciente luta contra a rude natureza e a inclemência do tempo. Nas longas e escuras noites de inverno, quando os furiosos temporais do oeste sopravam da charneca, os dois em sua pequena sala, sentados no banco em frente ao lampião, liam um para o outro, em voz alta, as fôlhas e livros da associação cívica; nos claros dias de verão costumavam andar muitas milhas por penosos caminhos de areia para assistirem a comícios populares e reuniões de igreja, felizes por poderem satisfazer a ânsia de saber que em sua mocidade a escola superior nêles tinha despertado. Nos últimos tempos, porém, uma preocupação perturbara a paz de seus corações. Primeiro Vilhelm Pram os tinha desnortado com suas palavras ardentes e persuasivas. Na noite em que haviam lido seu primeiro grande discurso, no qual êle combatia tenazmente a aceitação da Bíblia como a palavra revelada por Deus, não tinham podido dormir durante muito tempo, atormentados por pensamentos alarmantes e confusos. Mais tarde, o pastor Magensen tinha abalado ainda mais os fundamentos de sua fé com o panfleto sôbre o inferno e os castigos infernais. Durante três

noites sucessivas tinham lido e relido o artigo antes de acreditarem que o tinham entendido direito. Havia dito um ao outro que se não existia mais o diabo e nenhum castigo eterno, e por conseguinte também nenhuma recompensa eterna; se mesmo os padres não mais podiam ousar expressar-se a respeito da vida após a morte; se a fé não fôsse uma confirmação daquilo que não podemos ver — que era então o Cristianismo? Que era a fé? Por fim, viam tudo caminhar sem firmeza. De nada valia fechar os perigosos livros e manter-se durante algum tempo afastados das reuniões. Os pensamentos não lhes davam sossego em sua solidão, as dúvidas continuavam a persegui-los e exigiam uma decisão! Não podendo suportar por mais tempo o fardo da incerteza, haviam, apesar das dificuldades financeiras, confiado os filhos e a propriedade à guarda de estranhos e se tinham pôsto a caminho. Ali estavam agora após a viagem de vários dias, tendo como única preocupação o desejo de encontrar uma explicação satisfatória, de reconhecer a verdade e recuperar a paz e a ventura perdidas.

2

Nesse meio tempo também começara a agitação na "Casa de Sandinge". Enquanto o povo, cheio de expectativa, se instalava em torno do teatro dos importantes acontecimentos iminentes, os que tinham papéis a desempenhar na cena reuniam-se em casa da Sra. Gylling.

Praticamente, tôdas as personagens mais conhecidas da comunidade tinham comparecido. Havia ali padres, gentes das escolas superiores, parlamentares, e até um conhecido professor de universidade, que não pertencia propriamente ao círculo, mas cuja presença não era por isso menos apreciada, pois demonstrava o reconhecimento final, por parte do mundo científico, do trabalho espiritual da associação cívica. Vilhelm Pram, como de costume, despertou grande sanção. Embora relativamente moço como personalidade pública, tinha revelado grande habilidade e perfeição na arte de cativar o interesse do pú-

blico e, tornar sua pessoa o centro por meio de ardorosos gestos de efeito dramático de tôdas as reuniões.

O que porém no momento mais se comentava era a notícia recém-chegada de que S.Exa. o Ministro dos Cultos queria honrar a reunião com sua presença e que possivelmente ali estaria para as solenidades de abertura, no dia seguinte. Justificadamente, via-se nesta grande e rara distinção a prova indubitável de que se tinha operado uma mudança na atitude dos dirigentes para com a associação cívica e sua tarefa, e por isso sentia-se notável harmonia em tôda a congregação. Mesmo Vilhelm Pram não se mostrava inteiramente indiferente à atenção que um dos homens do golpe de estado tencionava dispensar-lhes. Num círculo de seus adeptos êle observou que êsse ministro parecia pelo menos saber o que lhe competia na sua posição de inspetor oficial da igreja; e todos concordavam em que era importantíssimo tratar com dignidade e absoluto senso prático dos problemas que se iam ventilar, evitando antes de tudo qualquer divergência pessoal e afobação desnecessária.

Ocupavam-se também do caso de Emanuel Hansted. Diziam-se informados de que êle pretendia usar da palavra numa das discussões, o que teriam preferido evitar para não se arrisquem a escândalos, pois já era do conhecimento geral que o pobre homem estava incuravelmente louco; sabia-se que seu pai estava dando os necessários passos para o declarar irresponsável e interná-lo num hospício. Contudo via-se o perigo de proibir-lhe terminantemente o comparecimento. Tal modo de proceder poderia facilmente contribuir para exaltar ainda mais seus pobres e simplórios adeptos na região e aumentar a auréola de glória que essa gente desorientada lhe havia pôsto no cérebro doentio. Era um fato incontestável que o movimento por êle criado se tinha ultimamente alastrado muito. Não só tôda a população de pescadores pobres da aldeia, mas também vários camponeses da própria Sandinge se tinham deixado arrebatados pelo movimento e viam em Emanuel o esperado Messias. Concordara-se, por isso, em fazer como se nada houvesse, deixando-o falar se êle assim o pedisse, e apenas intervir no caso de suas palavras ou atitudes provocarem escândalo aberto.

Enquanto tudo isso se passava, o velho pastor Momme estava só em seu presbitério vazio. Tinham pedido que êle assistisse à reunião como uma espécie de hóspede de honra, e sobretudo se desejava sua presença por ocasião da solenidade de abertura, mas êle recusara a honra. Nem mesmo pudera deci-

dir-se a receber qualquer das muitas pessoas que no decorrer da tarde tinham procurado cumprimentá-lo. Dizia intimamente que já não compreendia a nova geração, apesar de esta chamar-se a si a herdeira de sua época. Ele se sentia cansado demais, necessitava de repouso; só desejava poder, na solidão, conseguir o perdão de Deus para sua vida malograda.

Estava sentado numa poltrona na sala, junto a uma janela aberta através de cuja cortina vermelha o brilho da tarde caía sobre sua pequena figura encolhida e por onde entrava o ruído da vida agitada da pequena cidade, o rolar dos carros, o relincho dos cavalos e o burburinho de muita gente em constante movimento. Outrora todo êste rumor lhe fôra tão grato aos ouvidos como o trinar dos pássaros que anunciavam o romper do dia. Agora aquêle barulho profuso e indefinido era como o dobrar de um sino sobre uma vida encerrada, sobre uma esperança extinta. Para êle era como se tudo aquilo fôsse um funeral que se preparava; fôsse a sua própria época, a sua obra, cujos últimos restos, em vias de se desmoronarem, estavam sendo sepultados.

Em frente à janela, no outro ângulo da sala, estava a senhorita Katinka Gude com suas indefectíveis agulhas de tricô.

Também ela não podia fazer-se surda ao movimento que havia por toda a cidade; mas aos seus ouvidos desinteressados tudo aquilo soava exatamente como o burburinho de uma feira. De modo geral a velha senhora encarava a grande reunião com extremado cepticismo. Nunca tivera maior admiração por seus semelhantes e muito menos por aquêles que se congregaram aos bandos; e quanto aos religiosos e oradores, sobretudo os da associação cívica, jamais haviam conseguido infundir-lhe acentuado respeito. Excluindo o próprio cunhado e o antigo diretor da escola superior, por quem até certo tempo tivera veneração, considerava os lutadores da causa, desde o grande Grundtvig até os profetas dos últimos dias, uma espécie de comerciantes que faziam de Deus um negócio, uma edição protestante dos mercadores de indulgências que faziam trapaças e barganhas com as coisas celestes, tentando constantemente competir uns com os outros no preço pelo qual ofereciam, em suas tendas, as alegrias da bem-aventurança.

A esquisita anciã não tinha atravessado toda a vida sem que também sua fé naufragasse. Com seus setenta anos de experiência chegara à conclusão de que nada no mundo era tão inconstante como "a única necessidade vital", nada tão perecível como as "eternas verdades". Ela vira que as mais comuns e,

por isso, mais desprezadas verdades terrenas — como dois e dois serem quatro e ferro ser mais pesado do que madeira — sobre-sistiam maravilhosamente bem ao passo que as verdades celestes morriam lamentavelmente, ressurgindo, entretanto, como um lastimável erro de tradução ou uma simples mentira.

— Katinka! — chamou o velho do outro canto.

Estou aqui!

— Conte-me alguma coisa sôbre Emanuel Hansted! Não há nada de nôvo nos últimos dias?

— Não, nada de importante... Isto é, falam a respeito de uma mocinha de dezessete anos, que anda a pregar sôbre êle aqui na região, e chamando-lhe Messias. Dizem que é uma sobrinha da mulher do médico lá de Kindby, do outro lado fjord.

— É... Bom seria poder acreditar em coisa assim! Imagine você, Katinka, se Deus me quisesse conceder a graça de presenciar Sua volta entre os homens, antes de meus olhos se fecharem!

A cunhada não respondeu, e durante longo tempo ficaram em silêncio.

— Katinka — chamou êle de nôvo.

— Sim...

— Você não poderia ler um pouco para mim? Estou tão agitado.

— De fato, a noite está muito quente. Não quer que eu abra mais janelas?

— Não, é melhor não abrir.

— Então, que quer que eu leia? Um trecho da Bíblia?

— Ah!, a Bíblia! Diz-se hoje em dia que isso não passa de uma coletânea de crônicas antigas.

— Então devo ler um pouco do antigo hinário de Grundtvig?

— Não sei, Katinka! Acho que não. Sinto-me muito desanimado para isso. É estranho, mas nos últimos anos cheguei a gostar mais de Brorson. Muitas vêzes fico cantarolando um de seus salmos, como por exemplo e pôs-se a cantar alto, com sua débil voz de ancião:

Procurai os lugares humildes,
Chorai no pó ante o Redentor,
E tereis a fala de nosso Jesus
Quando as roseiras florescerem no vale!

Quando terminou, Katinka falou, mudando uma agulha:

— Não é melhor ir deitar-se, Momme?

A cantiga o fatigara, e êle ficou durante um momento tomando fôlego.

— Sim, você tem razão. O sono é afinal de contas nosso melhor consôlo.

— Venha, deixe-me ajudá-lo.

3

Ao raiar do dia seguinte pesadas nuvens cobriam a terra. Fazia muito tempo que não chovia, tôdas as manhãs o sol cortara o véu das nebulosidades noturnas com lâminas douradas. O céu tinha estado azul, e por sôbre as estradas depositava-se espêssa camada de poeira. Embora o sol não aparecesse, o calor, assim mesmo, era desde cedo ardente; um calor sêco e opressivo, de estufa, que parecia emanar das entranhas candentes da terra. Pelos campos, o gado deitava pesadamente a cabeça na grama; as andorinhas estavam inquietas; e no ar pairava um cheiro esquisito de enxôfre.

Pelo meio-dia Ragnhild vinha caminhando lentamente em direção à quinta onde Betty e Emanuel estavam morando. Mergulhada em cisma, nem sentia o quanto já andara, quando uma voz bem perto lhe deu bom-dia.

Era Betty, que se encontrava no jardim atrás da sebe. Em seu vestido prêto simples e liso, a rêde preta de crochê nos cabelos, sua pequena figura delgada assemelhava-se à de uma estátua: tinha os braços cruzados sôbre o peito.

— Você vem fazer-nos uma visita? — perguntou.

— Sim. Mas será que eu venho incomodar?

— Não foi isso que eu disse.

— Mas minha cara, por que pergunta, então? E por que me olha dessa maneira?

— Faz dois dias que não aparece. Por quê? Tem-nos evitado ultimamente, Ragnhild, confesse! Eu o notei muito bem. Diga-me, será que você também faz parte da conspiração?

— Cara Betty, não vamos recomeçar — disse Ragnhild com voz cansada, passando pelo portão. O tempo, de fato, não está para isso. Posso assegurar que estou completamente aniquilada. E você também parece estar nervosa demais. Desculpe, mas vou sentar-me.

Tomou lugar no banco sob a macieira. Betty, porém, ficou de pé. Seu rosto estava lívido; os traços, flácidos. Só os olhos brilhavam.

— Diga-me uma coisa: é verdade que o pastor Petersen voltou?

— Sim, veio ontem. Teve vontade de assistir à reunião em Sandinge e vai ficar durante êstes dias. Aliás, eu esperei encontrá-lo por cá. Êle foi pela manhã à Escola Superior para assistir a uma conferência, e tínhamos combinado que em seguida nos encontraríamos aqui, pois me dissera que tencionava fazer uma visita a vocês.

— Ah!, é? Então êle vem para cá? Terá tal atrevimento? Ou você talvez queira negar, Ragnhild, que êle faz parte da conspiração? Estou absolutamente certa de que por detrás de tudo isto está a sua figura. Foi êle que influenciou mal a papai!

— Eu acho que você está completamente equivocada Betty! Ontem à noite falávamos de seu irmão e tive a impressão de que o pastor Petersen ainda nada sabia das últimas medidas tomadas por sua família, as quais não tinham, aliás, sua aprovação.

— Mas claro, defenda-o! Êle é seu amigo, seu cavalheiro! — exclamou Betty, pondo-se a andar de um lado para outro, sempre a forçar um porte ereto, fora do seu natural, com os braços cruzados logo abaixo do peito. — Você mesma sempre teve prevenção contra Emanuel. Você sempre gostou de o menosprezar, de vê-lo reduzido a nada. E agora está irritada por ver o quanto se enganou a respeito dêle!

— Quer saber de uma coisa, Betty? É quase cômico ouvi-la falar dessa maneira. Aos poucos você vai esquecendo que há não mais de quinze dias era a primeira a condenar o comportamento de seu irmão. Se formos ao fundo das coisas, quer parecer-nos que foi você mesma quem levou seu pai e seu irmão Karl, ou seja lá quem fôr, a empregar meios tão extremos.

— Que? Que teria eu feito?

— Acho que a sua própria descrição do que se está passando por aqui determinou o modo de proceder de sua família no caso.

— Ora, isso nem você mesma acredita, Ragnhild! E é vergonhoso de sua parte dizer semelhante coisa! Que eu, durante muito tempo, não compreendi Emanuel, que talvez ainda hoje tenha dificuldade em consegui-lo integralmente, isso — confesso com toda a franqueza — não procurei ocultar. Mas nunca; nunca, está ouvindo? — pude imaginar que uma coisa dessas pudesse acontecer. Tirar a liberdade a um homem como Emanuel, prendê-lo, fazer dêle um louco! É revoltante, é indigno! Mas isso jamais acontecerá! Aí eu também ainda tenho o que dizer, enquanto Emanuel morar sob o meu teto! E nós dois não nos separaremos mais de agora em diante!

Betty pôs-se novamente a andar de um lado para outro, e durante algum tempo as duas amigas ficaram silenciosas.

— Seu irmão também deve estar na reunião agora, não é? — perguntou finalmente Ragnhild, com certa hesitação.

— Ah!, então isso assim mesmo a interessa! Não, êle não está lá.

Ragnhild ergueu rapidamente os olhos.

— Não era hoje que êle queria falar?

— Sim, mas só à noite, nas discussões, quando a palavra fôr livre.

— Ah! bem! Você acha que é verdade o que ouvi hoje, que querem impedi-lo de falar?

— Êles não se atreverão a isso! E de que adiantaria? Não evitariam que êle conseguisse ser ouvido em outro lugar. E quando êle falar, milhares se ajuntarão em torno dêle, de sua annunciação. Disso estou convencida!

No mesmo momento ouviu-se alguém tossir no caminho, e o rosto corado do pastor Petersen apareceu um instante depois sobre o portão.

— Minhas senhoras, bom-dia! Bom-dia, *madame!* Devo quase pedir desculpas por lhe aparecer assim inopinadamente, pela segunda vez, neste verão. E ainda por cima com êste calor!

Betty o recebeu com tanta amabilidade que não se poderia achá-la descortês. Sentou-se no banco ao lado de Ragnhild e o convidou com um gesto sóbrio a tomar lugar na cadeira de espaldar, onde êle já se sentara em tempos atrás, na companhia das duas damas.

— Soube que o pastor esteve numa reunião na Escola Superior — disse ela.

— Sim, estou chegando de lá!

— Muita gente, não?

— Sim, sim, a ponto de subirem uns nos ombros dos outros para que pudessem escutar. Essa espécie de ginástica de opiniões tornou-se mesmo a diversão popular preferida em nossos dias. E lá dentro houve muito "tempo quente", em todos os sentidos... Os ouvidos de Deus Nosso Senhor devem ter zunido muito esta manhã... Atormentaram bastante o coitado do velho. Puxa! Sobretudo nosso bom Vilhelm Pram e os outros doutos escribas lhe encheram as medidas. Fizeram-no saber sem rodeios que se estava arriscando a ser pôsto completamente fora do jogo se não desistisse, imediatamente, e de boa vontade, de todo êsse negócio de mistérios que já não metiam medo a ninguém... O que a gente esclarecida de hoje exige da religião é a informação clara e completa... Nada de coisas ambíguas, faça-nos o favor!

Embora o pastor falasse com seu habitual tom de zombaria, não foi difícil perceber que por dentro tinha de raiva.

— Manda a justiça que se acrescente — continuou — que não faltou quem tomasse a defesa do bom velho, ou que tentasse desculpá-lo. Entre outro o diretor Sejling que revelou magnanimidade realmente louvável, aparecendo como seu advogado e alegando num eloqüente discurso, que as palavras do réu no trabalho de que se tratava conhecido por Bíblia, eram dignas de crédito pelo menos nos pontos mais importantes. Aí apareceu um sabido que em pleno calor dos debates fêz a incrível proposta de que o assunto fôsse submetido à votação! Que idéia sublime, transformar, assim, Nosso Senhor em objeto de eleição, não acham? Vivemos realmente numa época de progresso! Estou certo que não vai demorar muito e adotaremos as decisões acêrca das coisas celestes contando nossos botões ou deitando cartas!

— E qual foi o resultado da votação? — perguntou Ragnhild.

— Não sei dizer, pois não esperei até o fim. Para falar com franqueza... preferi vir-me embora, o que provavelmente será julgado muita presunção de minha parte... O que devo fazer por suportar!

— Afinal, não consigo compreender — falou Betty um tanto exaltada — como é que justamente o senhor possa manifestar-se tão contrário a essa espécie de discussões. O senhor costuma em geral ser ardente defensor do chamado bom senso.

— E sou, sim, senhora! Como um admirador da sadia razão aprecio, tanto nas coisas grandes como nas pequenas, a sábia doutrina encerrada no velho rifão, segundo o qual agimos me-

lhor deixando no seu lugar a pedra que é pesada demais para ser removida. É que eu mesmo já estive para levantar mais do que posso, e por isso aprendi a agradecer por me haverem outros tirado a carga. Meu Deus do céu! Por que será que nós, homens, continuamos a malbaratar a felicidade de viver aqui embaixo, partindo em busca de aventuras por cima das nuvens? Por que essa vontade de insinuar-se furtivamente na eternidade por caminhos escusos, por entradas onde está escrito com bastante clareza: "Proibida a entrada a estranhos"? Eu sou pastor, sem dúvida, mas confesso, assim mesmo, que, vendo tal reunião enfeitada de teologia, como a de hoje, penso melancolicamente nos bons velhos tempos quando aqui na lavoura cada um tratava do amanho de suas terras e alimentava o gado, com a sua necessidade religiosa absolutamente satisfeita qual a de ir à igreja aos domingos e comungar três vêzes por ano. Naquele tempo sabiam-se viver, quer dizer, compreendia-se a finalidade da vida. Suportavam-se pacientemente os seus fardos e, em compensação, tomava-se parte, sem escrúpulos, nas suas festas. Os velhos jogavam baralhos e esvaziavam os copos, e a mocidade dançava no assoalho de tulha, com fivelas de prata nos sapatos de fitas vermelhas nos gorros! Ah!, aquela era efetivamente uma época feliz!

— Nem todos podem achar que o ideal consiste nisso — observou Betty, incisiva.

— Naturalmente que não, aí tem tãda a razão. Percebo muito bem, e cada vez melhor, como é tempo perdido recomendar as simples e inocentes alegrias da vida numa época tão exaltada, em que só se conhecem os extremos — as dissipações aventureiras ou o auto-aniquilamento da ascese — e se tem no fundo o mesmo amor por ambos os pontos de vista, oscilando-se por isso continuamente entre os dois... Pois o que nêles se admira é justamente o extremismo. Se essa boa gente pudesse afinal chegar a um acôrdo quanto a um ideal comum, vá lá. Mas o que há no momento são tantos "modos de encarar a vida" quanto pessoas ansiosas por se fazerem notadas. E não se pode dizer que seja difícil nos dias que correm conseguir ouvidos para profecias e novas e incomparáveis verdades. No último meio século, o ar vive tão cheio de promessas e anunciações que nem um pobre alfaiate pode pôr-se de pé numa reunião e dizer meia dúzia de absurdos, um pouco fora do comum, sem que os ouvintes instantâneamente assumam ar grave e pensem: "Sabe

Deus se não é esta a palavra salvadora pela qual tanto esperamos!..."

Ragnhild começou a ficar inquieta. Viu Betty, em brasas, mexer nervosamente as mãos no colo. Depressa ela se levantou e se despediu.

O pastor a acompanhou.

4

À tarde, no quarto de Emanuel, êle e Betty estavam sentados ao lado um do outro, no sofá de crina. As últimas semanas tinham envelhecido Emanuel a ponto de o tornar quase irreconhecível.

Ficara mais magro ainda, as faces escaveiradas, os olhos fundos. Os longos cabelos e a barba pendiam-lhe despenteados sôbre os ombros e o peito.

Nas últimas vinte e quatro horas nada havia comido e pouco antes, ao voltar do jardim em companhia da irmã, desmaiara de fraqueza.

— Como vai? Está se sentindo melhor? — perguntou ela, acariciando-lhe de leve o braço.

— Obrigado. Já passou. Estou-me sentindo bem.

— Não quero insistir, Emanuel... Mas devo preparar qualquer coisa para você comer?

Um leve sorriso passou pelos lábios de Emanuel.

— De que adiantaria, Betty? O espírito divino me manterá e me tornará forte.

Nesse momento a empregada apareceu na porta.

— *Madame!*

Betty ergueu-se às pressas.

— Que é? Fale baixo; não nos incomode!

— A senhora não viu por acaso as crianças?

— Não. Elas devem estar no jardim.

— Não, não estão. Não as pudemos encontrar em parte alguma!...

— Então vá procurá-las e as faça ficar quietas em seu quarto. Não torne a importunar-nos.

— Que horas são, Betty? — perguntou Emanuel.

— São quase quatro horas. Faltam ainda três horas para o começo da reunião. Sabe, Emanuel... É melhor que eu o diga desde já, para que você não o entenda mal. Resolvi não ir à reunião. Não me arrisco. Tenho medo de cansar-me demais. Depois, há muita gente...

Emanuel bateu-lhe na mão, em mudo sinal de aquiescência.

— Mas diga-me... eu gostaria tanto de o saber... não pode contar-me um pouco a respeito do que você vai falar hoje?

— O que Deus me inspirar. Nada mais.

A resposta deixou Betty um pouco apreensiva.

— Mas diga-me, Emanuel, você não acha assim mesmo que seria melhor pensar antes um pouco, ou talvez anotar alguma coisa? Você não está acostumado a falar numa reunião tão grande e com gente desconhecida.

Emanuel fitou-a com um sacudir de cabeça, repreendendo-a suavemente.

— Você se enche de tantos cuidados, Betty. Só uma coisa é necessária!

— Decerto não o entendo bem, Emanuel...

— Não, ainda não — disse êle passando com ternura a mão sobre o cabelo e as faces da irmã. — Mas desde que você se preocupa por minha causa, vou contar. Tive há pouco uma visão doce, consoladora.

— Uma visão?

— Sim. Um encontro com mamãe. Foi ainda há pouco, no jardim. Minha alma estava inquieta e cheia de temores. Foi quando ela, numa auréola de luz, se aproximou, me tomou a cabeça e me beijou na fronte. "Seja abençoado!" — disse ela.

Betty cruzou as mãos no peito e o fitou, estarecida.

— Emanuel!

— Silêncio, irmã! Sejam os humildes! Por que se inquieta? Nunca sentiu, na solidão, que os espíritos nos cercam? E não é uma lembrança consoladora saber que o reino dos céus esteja assim tão próximo? Não é delicioso notar que diariamente estamos cercados pela sua invisível magnificência, que apenas temos um único e curto passo a dar quando a Morte, nossa libertadora, nos abre a prisão terrena e atira nosso mísero uniforme de forçado à sepultura, como alimento dos vermes?

Betty estava imóvel.

— Oh! sim, Emanuel! — exclamou ela de repente em êxtase, tomando-lhe a mão.

O calor se fôra fazendo cada vez mais sufocante no decorrer do dia, e já no meio da tarde a escuridão era tal, que dentro dos quartos mal se podia ver que horas eram. Rajadas repentinas de vento passavam por sôbre os campos ressecados e envolviam a região numa nuvem de pó semelhante a cinza; os galos pelas quintas cacarejavam, e as andorinhas por tôda a parte cruzavam como em agonia os caminhos. De vez em quando ouvia-se o rolar atentador de um trovão muito distante.

Pela hora do pôr do sol, enquanto uma massa azul-negra de nuvens se elevava do horizonte banhado em sangue como um animal disforme semelhante a um elefante, a grande sala de conferências da Escola Superior enchia-se até o último lugar e, apesar do calor e da presença de Sua Excelência o Ministro dos Cultos, os debates iniciados pela manhã continuavam com a mesma violência. Principalmente os "doutos exegetas" estavam cada vez mais exaltados por terem sofrido séria derrota ao votar-se a questão da origem divina da Bíblia. Vilhelm Pram declarou sem reboços que iria implantar a bandeira da revolução na comunidade e chamaria seus homens e mulheres livres para a luta aberta contra todos que, por temor, queriam fazer da razão um escravo sob o jugo do fanatismo da fé sem crítica. Esse desafio levou os antagonistas a igualmente saírem ao campo de batalha; e não só os oradores dos partidos, mas também o eco de muitas vozes das hostes paroquianas eram ouvidos com crescente intensidade. Um atrás do outro, os oradores homens e mulheres, figuras as mais estranhas, subiam à tribuna, todos arrebatados pelo mesmo ardente impulso de confessar, anunciar, prometer e renovar.

Em volta da tribuna estavam os hóspedes de honra e os oradores especialmente convidados, entre os quais o pequeno pastor Magensen com seus eternos castigos do inferno — o "pastor do diabo" o chamava o vulgo no campo inimigo — e o melancólico e céptico bacharel Boserup. Despertava, naturalmente, ao jovem ministro que tomara lugar ao lado da Gylling. Com dignidade um pouco afetada êle recebia de uns acadêmicos de hábito prêto, que o rodeavam, os esclarecimentos acêrca dos oradores que iam aparecendo.

Na tribuna, juntamente com os oradores, estava o diretor Sejling, presidente da reunião. Imóvel e grave, com os braços cruzados sobre o peito, contemplava a assistência. Sua fisionomia impenetrável, rude e autoritária, o tornava temido, não só pelos antagonistas, mas também pelos amigos. A inconstância que anteriormente caracterizava seu aparecimento em público e que tanto prejudicava sua influência na comunidade, tinha, à medida que aumentava a popularidade de Pram entre os moços, cedido a uma firmeza que era mesmo fora do comum. Na opinião geral, êle era tido como o guia da ala conservadora da associação cívica, e constava que a vinda do Ministro tinha sido principalmente obra sua, que representaria um golpe inteligente e muito bem calculado. Não havia dúvida que a presença do Ministro contribuía para a redução das atividades do partido oposicionista nos debates de amanhã e para que a origem divina da Bíblia fôsse decidida por maioria tão esmagadora.

O calor na sala tornara-se aos poucos quase insuportável. Embora se tivessem aberto tôdas as janelas e portas para que entrasse ar, muitas mulheres se sentiram mal. Os lampiões que pendiam do alto e pesado teto de vigas iluminavam, por fim, com brilho tão apagado, que principalmente a parte inferior da sala ficou imersa numa triste penumbra. De vez em quando ouvia-se o distante ribombar da trovada que lentamente se aproximava.

De repente observou-se certa agitação em uma das portas laterais. O povo que ali estava recuou para os lados e Emanuel entrou calmamente no salão.

Nesse instante um professor de aldeia expunha da tribuna seus pontos de vista, mas ninguém lhe dava mais ouvidos. Todos os olhares se voltaram para a figura alta e pálida que ficou parada junto à porta com a cabeça baixa e as mãos postas diante do peito. Mesmo os que nunca o haviam visto não tinham a menor dúvida de quem se tratava. No fundo da sala muitos subiram nos bancos para melhor ver, enquanto perguntas e respostas sussurradas corriam de boca em boca.

Só uma pessoa permanecia calada. Enfiado num canto, o tecelão Hansen ocultava com as mãos côm de sangue a parte inferior de seu rosto de Judas.

Quando o professor de aldeia terminou, e mais alguns oradores haviam usado da palavra, anunciou-se na tribuna que Emanuel queria falar. No mesmo instante uma moça vestida de prêto subiu no banco junto a uma das janelas e, uma atrás da

outra, ergueram-se-lhe em redor umas cinco ou seis criaturas maltrapilhas, entre as quais a "Sorte Trine", cuja presença despertara, o tempo todo, certa inquietação entre os dirigentes, especialmente entre os acadêmicos que cercavam o Ministro. Era Gerda e um grupo dos adeptos de Emanuel, lá da aldeia.

Enquanto êle se aproximava da tribuna, a moça lhe estendeu os braços com uma expressão extática e gritou decidida:

— Hosana! Bem-vindo vós que vindes em nome do Senhor!

— Hosana! Hosana! — repetiram os outros em cântico, com suas vozes rudes e sinistras.

O incidente causou profunda consternação entre os presentes. Olhavam uns para os outros e para o presidente, ou ainda, com certo receio, para o ministro. O diretor Sejling apanhou instantaneamente sua sineta para intervir, mas no mesmo momento Emanuel apareceu na tribuna, e o silêncio se fez completo.

Durante mais de um minuto não se ouviu ruído algum. Era como se um anjo adejasse invisivelmente pelo salão. O próprio Emanuel mais parecia um espírito do que um ser vivo, tal como aparecia, magro e pálido, fortemente iluminado pelo brilho de dois lampiões dependurados do teto, que lhe tornava profundos e prêtos como duma caveira os olhos e as depressões das faces. As longas mãos esguias postas sobre o peito, o olhar dirigido para o alto.

No salão todos estavam com a respiração suspensa. Até o Ministro esqueceu por um momento sua dignidade e espiava meio embaraçado por sobre suas lunetas. Vilhelm Pram parecia não saber mais o que pensar.

Emanuel ergueu os braços para o Céu e disse com voz fraca e trêmula — "Falai, Senhor... Teu servo escuta!" Ao mesmo tempo o ribombo soturno do trovão que rolava ao longe soou pelo edifício, e um calafrio correu de repente por todos os ouvintes.

Emanuel ficou ereto, com mãos erguidas para o alto e olhos cerrados; mas nem um som saiu de seus lábios lívidos. Podia-se ver que todo o seu corpo tremia e que o suor lhe corria pelas faces. Súbitamente caiu prostado, cobriu o rosto com as mãos e exclamou entre soluços e gemidos:

— Meu Deus! Meu Deus! Por que me abandonaste?

Tôda aquela multidão suspirou aliviada. Era como se todos se houvessem libertado de um pavor sufocante ao terem assim a certeza de não ser nenhum profeta enviado por Deus que ali es-

tava, mas pura e simplesmente um louco. O diretor Sejling ergueu-se rapidamente e, com a assistência de alguns homens que acorreram logo em seu auxílio, ajudou Emanuel a descer da tribuna e, sob a compaixão geral, o conduziu para fora da sala.

Ainda da entrada ouviam-se-lhe os soluços desolados.

Por mais aliviados que todos se sentissem e embora se comesse logo, por proposta do presidente, a cantar uma canção para serenar os ânimos, custou algum tempo até que passasse a impressão da desagradável cena, acrescida, ainda, pelo fato de a tempestade se aproximar rapidamente. Alguns violentos trovões rolaram sobre a cidade, e uma chuva misturada com grizo começou a bater contra as vidraças.

6

Em casa de Betty houvera também, nesse ínterim, grande inquietação. Inicialmente por causa das crianças. Sigrid, de fato, tinha aproveitado a confusão para finalmente executar seu plano, havia muito tempo preparado, de ir visitar a mãe por sua conta. Juntamente com Dagny, a boneca Lise e um carrinho de varas que continha a bagagem, duas maçãs, um mealheiro e uma lousa, ela saíra à tarde pela estrada, sem ser vista. Mas a pequena caravana não chegou a ir muito longe. Quis o destino que seu único guia, o sol, não aparecesse, além disso, a teimosa Dagny logo pôs a boca no mundo, querendo voltar para casa. Por fim ocorreu um acidente: o carrinho bateu numa pedra, e uma das rodas soltou-se. Sigrid acabou assim perdendo o ânimo e sentou-se descoroçada na beira do caminho, onde a criada, pouco depois, as encontrou.

Betty ficou seriamente zangada. No estado de exaltação em que se encontrava, fez às crianças um verdadeiro sermão de dia de juízo. Sigrid, constrangida, desatou a chorar.

Indo de um lado para outro do quarto rústico, mal iluminado, Betty esperava, numa tensão febril, pela volta de Emanuel. Não podia compreender por que ele ainda não retornara. Já eram quase dez horas, e estava certa de que ele não se deixaria deter pela chuva. Em sua impaciência começou a censurar-se por

não tê-lo acompanhado. Além disso, a solidão a amedrontava; a tempestade, com fortes trovoadas, aproximava-se cada vez mais, de minuto em minuto, e a chuva caía como uma tromba d'água.

Pareceu-lhe que vinha chegando alguém. Finalmente, devia ser Emanuel, pensou. Mas não, não eram os seus passos. Quem seria?

— Ragnhild! — exclamou ela quando a porta se abriu — Você por aqui... A esta hora! Que houve, meu Deus do céu?

— Boa-noite — disse Ragnhild, sem fôlego, livrando-se apressadamente de um xale preto que lhe envolvia a cabeça. — Não se assuste! Eu só queria saber, de passagem, como vão as coisas.

— Mas de onde vem você? Está toda encharcada! Ragnhild! Espero que você não tenha estado lá na reunião.

— Estive sim... por que não? — respondeu ela num tom que queria parecer indiferente. Mas sua voz tremia e a expressão do rosto traía temor e inquietação. — Tive vontade de ver uma vez como é uma reunião dessas.

— Mas quem a acompanhou? Espero que não tenha ido sozinha

— Claro que fui. Que é que tem? Seu irmão não voltou?

Betty ficou um instante sem poder proferir palavra.

— Ragnhild! — gritou ela em seguida e atirou os braços em volta da amiga. — Você o ama! Eu o vejo muito bem! Você ama Emanuel!

Ragnhild queria livrar-se do abraço da amiga, mas suas forças falharam, e ela caiu extenuada, numa cadeira.

— Acalme-se, Betty — disse ela, respirando com dificuldade e apertando a mão ao coração. — Responda-me: seu irmão não voltou?

— Não. Mas a reunião já terminou? Conte como foi!

— Seu irmão, de fato, ainda não voltou?

— Não, por que insiste? E por que me olha dêsse jeito? Aconteceu alguma coisa! Sim, vejo-o em você! Ragnhild... Que aconteceu?

— Então você não sabe?

— Quê?

— Que seu irmão ficou... adoeceu durante a reunião?

— Adoeceu? Emanuel? Mas onde está êle?

Um homem da escola superior havia acompanhado Emanuel de volta. Mas pelo caminho entrara numa casa para lhe buscar um copo de água e Emanuel havia continuado, não tendo sido mais possível encontrá-lo.

Nesse momento êle caminhava a passos lentos pelas *Hammerbakker* desertas, com os olhos no chão, indiferente à chuva que caía com violência. Não pensava em nada, seu espírito paralisado errava. Nem mesmo tinha consciência de que caminhava ao léu.

Dos acontecimentos da noite, de toda a sua vida passada só lhe ficara uma única recordação: a de um tremendo ribombo, seguido de um grito de pavor de milhares de bôcas, e depois um mar de chamas, uma fogueira imensa, sôbre cujas labaredas o espírito de Deus se tinha revelado numa ofuscante auréola de glória, rodeado de querubins brancos com longas trombetas douradas, cujos sons possantes o haviam derrubado ao solo...

De repente, ficou parado. O lado do ocidente aclarou-se em distantes relâmpagos, e o marco marítimo, no alto da elevação, desenhou-se durante um momento nitidamente contra a orla azul esbranquiçada do céu.

Sentiu calafrios. Vira um cadáver pendendo da negra cruz, e no semblante contraído pela dor, sob a coroa de espinhos, reconhecera seu próprio rosto. Tinham-no crucificado... Tinham-no tocado com lanças através das ruas da cidade, açoitado com flagelos e por fim crucificado! Era verdade! E agora êle andava por ali, no reino dos mortos...

O pavor da escuridão o despertou aos poucos. Olhou medrosamente em torno de si... E sua consciência começou a desanuviar-se...

— Está chovendo — disse êle em voz alta.

No mesmo momento lembrou-se de tudo o que tinha acontecido. Sentou-se nas urzes molhadas e chorou como uma criança.

Não queria voltar para casa. Depois disso êle não poderia mais viver na sociedade dos homens. Pediu com insistência que Deus o livrasse da miséria da vida e desse repouso à Sua alma fatigada.

Meu querido Pai! Tira-me desta agonia! Dá-me um lugar no Céu. Não tenho mais lar aqui na Terra. Tem piedade de mim, recebe-me em teu seio!

1

No dia seguinte, a disposição de espírito dos presentes à reunião matinal na escola superior, sobretudo no começo, ainda sofria a influência do que acontecera de desagradável a Emanuel.

Somente ao amanhecer fôra êle encontrado, mais morto do que vivo, por uma turma de homens enviada à sua procura desde a meia-noite, sob a direção do pastor Petersen. Falava-se que tinham sido convocados o juiz cantonal e um médico, e que se pretendia interná-lo logo num hospital.

A mudança na atmosfera da reunião deveu-se ao tecelão Hansen. Na noite anterior, calado, encolhido a um canto, êle tinha abaixado a cabeça sob o pêso da derrota que também êle, na ocasião, sofrera. Estivera grandemente empenhado em fazer Emanuel comparecer e falar, contando pelo menos causar sensação; sabia que seus conterrâneos de Skibberup não tinham esquecido por completo sua pátria espiritual e que, principalmente nos dias atuais, acompanhavam atentos, tudo o que se passava na Escola Superior de Sandinge.

Contudo não tivera dessa vez muita confiança em seu estratagema. O lutador até então infatigável, embora derrotado, tinha finalmente começado a perder as esperanças no triunfo da causa que lhe era a própria vida. À noite, em sua solitária cama de palha, aborrecido com o nôvo revés, entregara-se durante algum tempo, como de costume, à sombria recordação de sua mocidade, a fonte de veneno em sua alma, a fonte de amargura na qual, durante quarenta anos, diariamente, renovara suas forças e sua sêde de vingança: a lembrança da tarde em que êle, como menino-pastor, presenciara o espancamento de seu pai. Via sempre a cena diante dos olhos: os vastos arais de terra cinzenta, o pai curvado atrás da charrua, os cavalos suados, a ofegar, o cajado amarelo do jovem *junker*, a expressão humilde do pai, com o braço erguido e o olhar suplicante de

cachorro... Tudo isso estava como que marcado a ferro em brasa na sua alma, como um ferrete de escravidão. Naquele dia o menino erguera o punho fechado e fizera um solene juramento. Em vez, porém, do padrão de vida mais elevado para si e toda a sua classe, pelo qual esperara e lutara anos e anos, a submissão se tornara cada dia maior; o servilismo, mais humilhante.

Decidira agora abandonar a luta. Nada se podia fazer com um povo que em todas as situações parecia ter adotado o lema: "Quanto pior, melhor"! Se assim mesmo pedira a palavra, havia sido apenas para, uma vez mais, aliviar o coração e levar a seus antigos amigos e coreligionários uma saudação breve e bem intencionada.

Seu aparecimento na tribuna não despertou logo grande atenção. Ele era desconhecido para a maioria dos participantes da reunião e seu modo ponderado de expressar-se, sua fala arrastada motivaram, no início, alguma impaciência no auditório. Aos poucos, porém, começaram a escutá-lo. Que era aquilo? O homem falava em política, aludia a golpe de estado e a supressão dos movimentos de libertação...

Manifestou-se geral desassossêgo na sala. Todos os olhares voltaram-se medrosos para o ministro e dêle para o presidente que, de fato, se erguera com a mão na sinêta, pronto para intervir.

No mesmo instante, o tecelão mudou habilmente o rumo de sua oração para outro assunto: a idéia da vida no Além e os eternos castigos do Inferno.

Mal, porém, o susto se havia abrandado um pouco e ainda bem não tinha o presidente voltado à sua cadeira, Hansen tornou a enveredar pelos caminhos proibidos. Passou a ocupar-se da assistência à velhice entre as classes pobres, da instrução do proletariado e da já velha e caduca questão da pobreza.

O diretor Sejling tocou vigorosamente a sinêta.

— Peço ao orador que se mantenha rigorosamente dentro do assunto a ser tratado. Toda e qualquer intromissão de política é absolutamente proibida — disse êle. E, sob a ruidosa aprovação do auditório, acrescentou severamente: — Isto aqui não é nenhuma discussão de taberna, é uma conferência sobre assuntos espirituais.

— Peço desculpas — disse o tecelão com a voz mais meiga possível. — Eu apenas imaginei que bem se podia nesta ocasião aludir a coisas que, afinal, nos tocam a todos muito

de perto, sobretudo hoje, quando temos a tão grande honra de ver uma personagem preeminente como um Ministro aqui na nossa reunião. Pois, quanto à vida eterna, no Além... — prosseguiu êle elevando o tom, quando o presidente tornou a fazer menção de empregar a sinêta — eu acho apenas que Nosso Senhor cuidará disso. Mas da vida aqui na terra nós mesmos temos certa obrigação de cuidar...

— Chega! Chega! — gritaram alguns exaltados.

Mas sem se incomodar com os gritos cada vez mais impacientes da assistência e sempre escolhendo suas palavras com tanta habilidade que evitava a intervenção do presidente, continuou a falar. Censurou a comunidade por haver traído a causa popular deixando de conduzi-la à vitória, como era a sua missão, para tornar-se burguesa e adquirir atitudes aristocráticas. Falou de uma "arrogância de escola-superior", em nada melhor do que o "orgulho de estudante" que êles tinham saído a combater, classificando com um sorriso incisivo as proclamações da associação cívica como "essa infeliz religião de rendeiros" que servia apenas para gente que dispunha dos meios necessários para andar achatando o traseiro em banco de escola superior.

A agitação na sala tinha-se aos poucos se transformado em verdadeiro tumulto, e o diretor Sejling já estava em vias de intervir novamente quando Vilhelm Pram se ergueu de seu lugar no primeiro banco, logo em frente à tribuna e, voltando-se para o auditório anunciou em voz alta:

— Sinto-me com direito de fazer firme objeção às palavras dêste orador. Apesar de me opor a muita coisa em nossa vida paroquial, ou melhor, justamente por isso, faço questão de declarar que considero as expressões que acabamos de ouvir absolutamente inconvenientes, impróprias até.

— Apoiado! Apoiado! — aplaudia, unânime, o auditório, ao passo que o diretor Sejling tornou-se visivelmente pálido, mexendo nervosamente a sinêta.

— As questões sociais — continuou Vilhelm Pram com crescente calor — que o orador citou, não são de natureza a se discutirem aqui e nem são de nossa conta. Pelo contrário! No passado desperdiçamos demais nossas forças e capacidade, deixando de lado questões sérias para nos dedicarmos à solução de problemas que talvez, em última análise, nem possam ser resolvidos. Naturalmente todos nós sentimos profunda e sincera piedade daqueles para quem a sociedade é madrasta e, cada

um por si, podemos fazer o que está ao nosso alcance para atenuar a miséria ajudar os necessitados e compensar as falhas da sociedade. Existem defeitos em tôdas as obras de mãos humanas e não só é infrutífero, é até audacioso pretender-se poder aperfeiçoá-las. A idéia da bem-aventurança aqui na terra é uma quimera, é fruto de sonhos lindos, mas levianos. . .

— Sonhos? — repetiu o tecelão com um sorriso malicioso.

— Sim. Uma fantasia sem conteúdo, sem possibilidade de...

— Uma u... uto...utopia? — arriscou o tecelão.

— Um problema sem solução, uma idéia fantástica. Queer dela ocupar-se sèriamente é um absurdo.

— É afinal de contas curioso — disse o tecelão. — Essas mesmas palavras eu li outro dia num dos jornais muito antigos, tradicionais, arqui-reacionários, da direita; não julguei que o Sr. pastor comungasse das idéias de tais jornais.

— Aqui não tratamos de política! — gritou com rudeza Vilhelm Pram.

— Ah!, não. Mas não me entra na cabeça que se queira chamar justamente isso de fantasia...; que seja loucura querer ajudar a gente miúda a alcançar posição de igualdade com outra gente e conseguir justiça e condições sociais equitativas, enquanto se considera certo e fácil andarmos nós às voltas com os maiores problemas universais e virarmos pelo avêso o céu e o inferno. Eu, graças a Deus, não sou livre-pensador nem nada dessa espécie; sou feliz com minha fé que tenho desde criança. Mas assim mesmo não posso deixar de crer que se nós, homens, interviêssemos um pouco menos nos assuntos de Nosso Senhor, sobraria mais tempo e capacidade para solucionarmos um ou outro dos problemas que agora nos apressamos a chamar insolúveis... Esta é pelo menos minha modesta opinião.

— Por quanto tempo ainda será permitido a êsse homem falar de assuntos que não cabem nessa reunião? — gritou Vilhelm Pram num tom exaltado, dirigindo-se ao presidente.

— Sim, chega! Chega! — explodiram vozes a gritar de muitos lados.

Aparentemente calmo, o Diretor Sejling ergueu-se e disse:

— Chamo a atenção de Vilhelm Pram para o fato de que quem está presidindo esta reunião sou eu, e que sou capaz de exercer meu cargo sem sua assistência.

— Mas os oradores deveriam em todo caso manter-se dentro dos assuntos predeterminados.

— Sim! Isso mesmo! Nada de imparcialidade exagerada! — gritou dos fundos uma voz juvenil, ao mesmo tempo em que o tumulto generalizou-se por toda a sala. Ninguém mais queria escutar, todos falavam ao mesmo tempo, enquanto o tecelão, sorrindo, desceu da tribuna e saiu furtivamente da sala.

2

À noitinha, pelo pôr do sol, Ragnhild e o pastor Petersen estavam sentados num banco, no jardim do hotel, que se estendia até à praia. Ambos muito abalados pelos acontecimentos da véspera e do dia, sobretudo Ragnhild, que se encolhia toda num xale preto e parecia quase velha.

Também era só o pastor quem falava. Referia-se às demonstrações dos adeptos de Emanuel, quando o levaram no velho carro do taverneiro, sob a vigilância do médico que fora chamado e de outro homem. Esta gente que tinha emudecido ao presenciar o papel desastroso de seu mestre na reunião da noite anterior, começava novamente a se manifestar, após haver circulado o boato de terem posto veneno no copo de água colocado na tribuna e da qual ele bebera um pouco. estavam convencidos de que seus antagonistas tinham querido liquidá-lo, e que agora, como seu intento falhara, designavam encarcerá-lo para fechar-lhe a boca. Durante todo o dia fora considerável a afluência em torno de sua residência. Homens e mulheres ficavam gritando seu nome e pediam-lhe a bênção. Sobretudo a "Sorte Trine" estivera em grande atividade. Juntamente com alguns pescadores ela tentara forçar o acesso à casa, e cada vez que via o juiz cantonal atrás de uma das janelas, erguia ameaçadoramente a mão e gritava: "Ai de ti, Pilatos!" Com o passar das horas o tumulto aumentara tanto que por último mais de cinquenta pessoas, quase toda a população da aldeia, rodeavam a casa. Até gente que antes se mostrara indiferente à atividade de Emanuel ou mesmo zombara dela, fora arrebatada pelo movimento. A muito custo o guarda e o juiz cantonal conseguiram manter afastada do local a multidão armada de cajados. Quando o trole parou em frente à porta e enquanto a turba grita-

va e clamava, uma jovem mãe se aproximou à força com seu filho enfêrmo, para que Emanuel lhe pusesse a mão. Não fôra possível ao juiz mantê-la a distância. — "Eu o quero ver!" gritava ela. Mesmo quando o carro já se achava em movimento, ela, sempre agarrada na roda, continuou a gritar que êle devia salvar-lhe o filho.

Sim, êle teve mesmo um estranho poder espiritual sôbre certas pessoas! — disse Ragnhild pensativa, quando o pastor terminou seu relato.

— É o poder que a ingenuidade embelezada pela credence infelizmente sempre tem sôbre almas sem firmeza, e que transforma homens como Emanuel Hansted nos mais perigosos indivíduos da sociedade.

— É exatamente assim que o senhor o vê? Êle na verdade sempre fêz mais mal a si mesmo do que aos outros.

— Não resta dúvida; isso, com efeito se pode dizer. Provavelmente o êrro é reencarar em tais fenômenos com seriedade demais, em vez de logo se considerarem pelo lado humorístico. Se analisarmos melhor as coisas veremos talvez que a pior tara do homem atual é a absoluta falta de senso de humor. Pensando bem, tôda a carreira de Emanuel Hansted foi, antes de tudo, ridícula; sua vida, uma série de verdadeiras palhaçadas. Com forte razão poder-se-ia, quando êle morrer, escrever em sua lápide: "Aqui jaz o segundo Dom Quixote, de nome Emanuel Hansted, nascido para ser um virtuoso capelão mas que se julgava um profeta e santo; que por isso se vestiu de pastor de gado e via em cada ocorrência casual um especial chamado dos céus; que regularmente malbaratava o que lhe vinha às mãos, abandonou sua mulher e descuroou dos filhos mas nem por isso deixou de considerar-se a si mesmo, até o fim, um escolhido da Providência, destinado a preparar o advento do reino dos mil anos e anunciar o juízo de Deus sôbre o gênero humano".

— Está julgando com demasiado rigor. Esquece-se da atenuante de haver tido êle a mãe que teve.

— Ah! sim! E tanto mãe como filho têm a atenuante de serem filhos de uma época maluca, um século que vive às tontas, que incrementou mais que tudo a estupidez e distribuiu prêmios aos mais doidos... Tempo em que idéias exaltadas e extravagantes lamúrias históricas e tôda a espécie de charlatanismo são admiradas como a expressão da verdadeira genialidade, agraciada por Deus. Se é que Nosso Senhor, no dia de juízo, de fato aceitará desculpas... Então, sim, Emanuel Hansted poderá sem

dúvida apresentar como atenuante ter sido um resultado direto da vida sentimental mòrbidamente dilatada de nossos dias, um produto do lírico processo de decomposição no qual a sociedade do velho mundo no momento está em vias de se perder.

— É curioso ouvi-lo falar assim. O senhor realmente, julga que é um quadro fiel no nosso tempo que aqui está expondo? Um quadro do século da estrada de ferro, do telégrafo, das revoluções e dos *varietés*?

— Sim, senhorita. Um quadro do reverso da medalha. Da reação que seu espírito prático, hábil e comercial, sua vida agitada, febril, suas pulsações vigorosas, despertaram de todos os cantos escuros e mofados. O renascimento do romantismo e a invenção da máquina a vapor datam do mesmo ano... E de mais a mais... não nos vamos enganar a nós mesmos! Até nós, que gostamos de nos chamarmos os filhos ladinos e inteligentes de nossa época, mesmo nós, freqüentemente, poderemos notar que sentimentos medievais de tãda a espécie ainda nos assombram no sangue. Seja franca, senhorita! Pode sentir-se inteiramente livre? Tome o mais atarefado dos homens de negócios, o homem mundano aparentemente menos dotado de sentimentos, e raspe um pouquinho a crosta exterior... Vai ver o sonhador, o homem de espírito profundo aparecer. Nas horas solitárias, no crepúsculo junto à lareira, no mar prateado pelo luar... quem resistirá aí ao jôgo mágico, à fantasmagoria dos sonhos perigosos, das fantasias aéreas, do sombrio pavor... reminiscências da cela do claustro ou da floresta nativa.

— Lá isso pode ser. O senhor provàvelmente tem razão. Mas afinal, que mal há nisso?

— Não quero dizer que haja necessàriamente um mal nisso, é claro! Como outros pais carinhosos Deus deu a seus filhos brinquedos para seu inocente passatempo: a satisfação dos sentidos, o prazer artístico, as alegrias da fantasia e assim por diante. Mas quem quiser basear sua vida espiritual nesses brinquedos se estará portando como uma criança que come uma bola de borracha e acaba com dor de barriga. E poderá alguém afirmar que está completamente livre de ter sucumbido a essa tendência infantil? Não ouvimos ainda diàriamente a doutrina de que nos sonhos o homem tem sua verdadeira alegria, sua maior ventura, seu verdadeiro lar? Não. Não nos vamos iludir. Ainda estamos profundamente imersos no sono medieval... Ou melhor, encontramo-nos num estado de torpor, meio acordados,

na hora perigosa em que sonho e realidade tão curiosamente se fundem, parecendo a realidade um sonho, e o sonho, realidade... Deve ser, por isso, que nós, homens da época atual, somos uns curiosos seres duplos, temos uma face voltada para o dia e outra para a noite, que não se harmonizam entre si. Deve ser também a razão de muitas vêzes o mesmo objeto, assunto ou pessoa, nos causar a um tempo atração e repulsa, agrado e aversão; em suma, de que estamos sempre tomados por sentimentos antagônicos, como é característico em nosso tempo. Que dirá a sua própria experiência, senhorita?

Ao pronunciar essas palavras, o pastor fitou-a com tal intensidade que ela abaixou os olhos e nada respondeu.

Mas no íntimo estava de acôrdo com êle. Ela mesma começava a compreender o que se passava em seu coração com respeito a Emanuel Hansted, a compreender a mistura de desprezo, compaixão, ódio e real interêsse que sua personalidade sempre havia despertado nela. Quando pensava em seu convívio, desde os primeiros dias em que se conheceram, no presbitério de Vejlbj, ela reconhecia com pavor que também ela — até ela! — tinha sucumbido ao poder da demência, ao encanto da imbecilidade de que falara o pastor.

O pastor continuou:

— Eu sei muito bem que consta ter havido uma revolução espiritual em nossos dias. Sempre ouvi falar em revolucionários na ciência, na literatura e na arte. Mas ainda não consegui pôr os olhos em cima do que foi revolucionado ou contra o que foi dirigida a revolução. Em todo caso continuo a ver a mesma glorificação supersticiosa de nossa vida sentimental, anormalmente desenvolvida, a mesma adoração histérica da paixão, do exagêro, do desatino. Tenho até a impressão de que a insanidade se expandiu de um modo inquietador nos últimos anos, que o fungo do lirismo invadiu o povo até à medula dos ossos. É provavelmente o que a presente exaltação religiosa, como antes a política, nos demonstrou de maneira tão triste. Aliás, isso me faz lembrar o que ouvi hoje, que a reunião lá em cima, na escola superior, terminou em completa confusão. Dizem que Vilhelm Pram e seu séquito simplesmente ameaçaram sair da paróquia por acharem que ela não corresponde mais às necessidades da época. São os ratos que estão abandonando a cambaleante torre de babel... Mas a senhorita parece muito cansada, é melhor eu não falar mais. Devia entrar e descansar um pouco.

— Isso não tem a menor importância. Apenas o que me admira o tempo todo é que seja um sacerdote cristão que estou ouvindo falar. Confesso que compreendo cada vez menos como é que o senhor pode combinar pontos de vista, como êsse que agora e em tantas outras ocasiões expressou, com a sua posição de homem de confiança da Igreja.

— Fale sem rodeios, Sta. Toennesen! Diga com toda a franqueza o que está pensando: que eu devo ser um hipócrita, que no fundo se ri de toda a divindade; um velhaco, que tece obrigatoriamente o burel da Igreja e no resto deixa o barco correr. Eu o sei muito bem. É o que todos pensam do... Pastor Ruedesheimer!

— Pode ser. Mas eu não disse nem pensei semelhante coisa. Só disse que não podia compreender como o senhor, com suas opiniões, pode ser o defensor duma doutrina que justamente atribui o valor principal à vida sentimental do homem e ainda toma tanto o lirismo como a mística a seu serviço. Ainda por cima o senhor é mais ortodoxo em seu culto do que qualquer outro; eu o sei muito bem, o senhor sufoca, quase à força, cada tentativa de manifestações espirituais mais livres em sua paróquia.

— Sim, exatamente, como seu falecido pai. E vê nisso uma contradição? Pode ser que esteja certa. Para falar com franqueza, isso não me incomoda. Seja como fôr: não me permito criticar aquilo que é minha religião, pois assim deixaria de ser minha religião. E de mais a mais, um apêgo incondicional e confiante à fé que se herdou, que exclui toda a necessidade de tentar qualquer inovação, estará, de fato, em tão absoluta contradição com o bom senso? Pois eu vi meu pai, após uma vida longa, agitada e nem sempre absolutamente livre de censura, encarar serenamente a morte, apoiado na sua fé. Eu vi esta mesma fé manter minha mãe redimida através de uma vida repleta de sofrimento e de falhas... Não posso crer que os homens ousem mudar, com um simples gesto de mão, o fundamento milenário da paz e da ventura de sua existência. Não me refiro aos grandes espíritos isolados, aos titãs solitários de que a História nos fala que, responsáveis perante Deus, meditaram sobre o enigma do mundo. Seus caminhos me são indevassáveis e não os posso condenar. Mas eu sei através de dura experiência, que para nós, pobres homens de todos os dias, só existe um rumo só uma salvação: é crer incondicionalmente, sem vacilar,

sem querer mudar a mais insignificante letra das palavras da escritura. O que absolutamente não consigo entender é que possam, os que tenham uma fé, viver sempre querendo alterá-la. Aí, então, compreendo melhor o tempo em que, sem sentimentalismo, se queimavam os herejes e os duvidadores. Os verdadeiros escolhidos, os legítimos testemunhos da verdade, não se deixaram assustar pelas chamas da fogueira. E... estava-se assim livre de ver, como se vê hoje em dia, cada pobre diabo ignorante preparar sua própria religião com a mesma facilidade com que se prepara uma omeleta, ou de presenciar como qualquer teólogo novato, que aparece, vira as cabeças na paróquia que lhe foi confiada, interpretando as palavras de Deus como muito bem entende. Decerto já lhe contei que também eu, nos dias de minha mocidade, andei extraviado pelos caminhos nos quais hoje em dia tantos vão ao encontro do infalível desespero. Desvairadamente penetrei até no atalho da renúncia dos bens terrenos, semeado de espinhos, no qual Emanuel Hansted acaba de encontrar o fim. Percorri-o levado pela audaciosa idéia de que a peregrinação da dor, reservada ao filho unigênito de Deus, por causa dos pecados da humanidade, poderia ser repetida, sem mais nem menos, por qualquer alfaiate. Mas louvado seja Deus! Meu normal bom senso proletário venceu aos poucos tôdas as digressões do coração, e o são e ponderado sangue camponês, que corre em minhas veias, reagiu contra a feia autotortura que zomba de tôda a lei de Deus. Ao lado de minha esposa jovem e cheia de vida — Deus alegre sua alma no reino dos céus! — aprendi, antes que fôsse tarde demais, a agradecer pela vida, render graças por todo dia em que podia respirar, agradecer também pelas preocupações e fardos e das pesadas horas de melancolia — conjunto que faz a vida do homem tão maravilhosamente rica, profunda e interminável. Ah! sim, os bons velhos tempos! Procuro muitas vêzes consôlo e reforço minhas esperanças, pensando nos magníficos dias de minha infância, numa assim clara e assim tranqüila manhã de domingo no campo, quando o sino da igreja badalava a paz do dia santo por sôbre os campos verdes e para o íntimo das almas em festa, quando se abriam os portões das quintas nas aldeias e as famílias dos camponeses iam enfeitadas à igreja em seus carros de missa bem adornados, bem limpos, com cavalos ajaezados. E não iam para ouvir novidades interessantes de um pregador "cheio de espírito", nem para se aproveitar da última sensação do mercado de vaidades dos teólogos. Iam, como gente sim-

ples e devota que eram, confirmar o velho pacto, iam como crianças confiantes procurar a casa de seu pai, cantar em sua honra, receber sua bênção, regressando em seguida, estimulados e serenos, para casa, para a serenidade e as alegrias da vida. Essa paz e placidez das almas, êsse alegre equilíbrio mental é o que eu desejo que volte. E é do que muito precisamos. Estou quase opinando que a tarefa essencial do sacerdote, pelo menos nos maus dias que correm, é ensinar o povo a usufruir e amar a vida de maneira acertada, sem obstinação e sem temores, com alegria e gratidão, tal como é nosso dever perante Aquêlê que nos deu a vida. Por isso nada me é mais abjeto do que essa espécie de homens que hoje medram tanto por aí, que se tornam interessantes para si mesmos e para outros, andando pelo mundo a definhar e penar como sombras melancólicas, almas desgarradas, sem lar, e assim por diante, quer sejam os que atrevidamente se comprazem em encarar sua existência como uma longa via-sacra, quer sejam êsses modernos e anêmicos labregos que por causa do fastio andam com permanente náusea da vida e a cada instante sentem precisão de vomitar a alma, esvaziar o interior, deitar confissões — só não sabem nunca ao certo se devem ficar no seio do Senhor ou de uma prostituta. Não posso estar perto de tais indivíduos sem que a bílis ferva dentro de mim. Sinto então uma vontade quase irresistível de, a despeito de meus cabelos grisalhos, saltar em cima da mesa e dar, gritando com tôda a fôrça dos pulmões, três "vivas" para a vida.

— Mas então por que não o faz? — exclamou Ragnhild com as faces afogueadas, contaminada pelo ardor sempre crescente do pastor. — Por que não grita de maneira que ressoe por todo o país? Por que está aqui e só diz a mim? Por que silenciou ontem, na reunião? Ali era a ocasião de falar!

— Agora está sonhando, senhorita! O lirismo está-se aposando da senhorita. Logo me vê na sua imaginação como um gigante a abrir caminho, como herói que subjuga os povos. Mas acha mesmo... Será, de fato, sua opinião que eu deveria pôr-me a concorrer com o Sr. Vilhelm Pram e os outros artistas populares? Eu teria primeiro que fazer um curso de arte dramática e vestir qualquer hábito de profeta, pois infelizmente não se causa impressão alguma no grande público quando se representa em trajes comuns de todos os dias.

— Talvez o senhor tenha razão...

— Creio que sim. É verdade que sou um pastor mas tenho, no entanto, como única, última dúvida que me atormenta, um invencível medo da palavra e do seu poder falaz e sedutor. Deus me livre de falar com frases altissonantes sobre minha insignificante pessoa, vocação, missão e coisas semelhantes. Contudo sinto que a minha obrigação de religioso, como de homem, é contribuir modestamente, nas coisas pequenas e em silêncio para despertar a consciência do povo... a clara e completa consciência. Sei perfeitamente que não me posso gabar de ter tido muita sorte nisso. Mas paciência! O que não posso mesmo é conter-me quando julgo ver alguém ir ao encontro de uma desgraça. Acho que tenho algo da natureza de ama-sêca dentro de mim, que não deve servir de desculpa perante os que eu por acaso tenha prejudicado com meu zêlo não vocacional e talvez freqüentemente inoportuno, com os temores e cuidados de galinha choca muito pressurosa, que nunca consigo dominar. — Mas agora esqueço novamente que a senhorita está cansada! O sol já se pôs; devo retirar-me.

Levantou-se do banco.

— O senhor, de fato, quer ir-se embora?

— Sim, já é tempo. O carro deve estar à minha espera, realmente nada mais tenho que fazer aqui. Adeus, Srta. Toennesen. Peço especialmente que me perdoe por minha interminável presença aqui neste verão. Pode confessar! Não desejou muitas vezes que eu fôsse plantar batatas? Eu o pude ver em sua fisionomia, apesar de ser a senhorita uma finíssima diplomata. Mas agora não está mais zangada, não é mesmo?

Ela apertou-lhe a mão em silêncio.

— Adeus, Srta. Toennesen! Acho que ainda nos veremos em Copenhague. Vai ficar aqui muito tempo?

— Enquanto Betty ficar. Não a quero abandonar agora, e haverá provavelmente muito que fazer antes de poderem pensar em viagem.

— Dê-lhe lembranças minhas. Sinto não poder despedir-me dela. Mas, decerto, também a verei em Copenhague. Adeus, senhorita!

— Adeus — disse Ragnhild. E muito obrigada por tudo — acrescentou quando ele já se tinha afastado alguns passos.

Ele voltou-se e saudou-a, apertando sorridente o chapéu ao peito.

— Seu criado, senhorita! Sempre às suas ordens!

Num dia chuvoso de outono, alguns meses depois, um cortejo fúnebre subia vagarosamente pelo caminho sinuoso das areias de Skibberup até à velha igreja solitária no promontório que dominava o fiorde. Estavam levando Emanuel ao derradeiro descanso.

Embora seus parentes tivessem desejado que o sepultamento fôsse feito com a máxima simplicidade, considerável séquito se formara de gente de Vejlbj e Skiberrup. O caminho formigava de carros e pedestres; apenas os mais teimosos entre os "santos" da região tinham-se mantido afastados, por se haver tornado público que, segundo desejo de Hansine, não seria feito discurso algum junto à sepultura.

Viam-se praticamente tôdas as velhas caras que em seu tempo rodearam Emanuel; sua desgraça dos últimos dias os tinha feito esquecer discórdias passadas. Comparecera até o *viking*, o carpinteiro Nielsen, com sua grande barba, embora se mantivesse bem no fim do cortejo, como se assim quisesse manifestar que não se achava ali de boa vontade. Em seu rosto grave podia-se ler claramente que de maneira alguma fôra sem muitas reflexões que êle se decidira a tomar parte na cerimônia. Êle pertencia agora aos firmes adeptos dos pregadores do inferno e era muito bem visto na comunidade em virtude de sua grande devoção. O tecelão Hansen pôs-se de propósito a seu lado, o que evidentemente o aborrecia muito. Fazia repetidas tentativas de se ver livre dêle, mudava de lugar no cortejo e punha-se a conversar com outros; mas o tecelão continuava a se agarrar nêle e gozava ao notar a sensação que causavam assim juntos.

Também o ex-veterinário Aggerboelle estava no cortejo, embora mais como uma sombra de si mesmo, pálido e encolhido, com um casaco digno de misericórdia e uma cartola surrada, mas sempre com a mesma atitude ereta e o lornhão nos grandes olhos severos. Êsse homem tão rudemente tratado pelo destino tinha finalmente acabado no asilo dos desamparados. Naturalmente êle não o queria de maneira alguma reconhecer. Por piedade e um certo respeito invencível por aquilo que êle mesmo chamava sua "classe", tinham-no deixado morar em sua

antiga casa e faziam o auxílio público vir-lhe às mãos da maneira mais delicada possível. O velho afirmava, e com tanta insistência, que êle próprio acabava por acreditar que o diretor da associação beneficente apenas "administrava seus bens". Reconhecia quando muito que, vez por outra, recebia presentes; isso certamente feria seu sentimento de honra, mas em consideração a seus filhos estremecidos julgava não ter o direito de recusá-los...

Entre os que se mantinham afastados do funeral e cuja ausência dava na vista, estava em primeiro lugar o comerciante Villing e sua esposa. Não se tinham atrevido a expor-se ao desagrado de seus fregueses "santos", e por isso haviam em boa hora ficado em casa; especialmente para Villing, não fôra nada fácil desistir de tal oportunidade de representar, de entregar-se a sentimentos solenes e pronunciar palavras comovidas sobre a morte, o destino e as estranhas reviravoltas da vida. O casal que sempre navegava a favor dos ventos tinha novamente entrado num período de grande azáfama e prosperidade. A fé inabalável de Villing na superioridade e na vitória da educação profissional resistira a tôdas as provas. Durante a agitação dos últimos anos, com tôda a espécie de questões espirituais, a comunidade não tivera suficiente circunspecção nem a necessária energia para manter de pé a cooperativa de consumo que o tecelão fundara com o fito de reforçar a independência do homem comum e o pequeno negócio de Villing tornara-se de nôvo o ponto de reunião habitual, que desde a manhã estava cheio de povo ansioso por comprar e onde os camponeses de Vejlbj iam pelo menos uma vez por dia matar uma hora de folga com conversas e cachimbo.

Da família de Emanuel só estavam presentes Betty e seu irmão, o oficial da guarda-nacional em trajes civis. O velho conselheiro não se arriscara às dificuldades da viagem. Estava muito fraco e acabado, e não se esperava que vivesse além do inverno.

Por seu próprio desejo Emanuel ia ser enterrado no cemitério de Skibberup, ao lado da solitária igreja do promontório. Tantas vêzes falara de seu amor a êsse lugar deserto e abandonado, com a vista aberta para o fiorde, de como seria bom uma vez descansar ali ao lado do filho, rodeado pela grande quietude interrompida apenas pelo bater das ondas e o grito das gai-votas. Durante sua enfermidade êle continuamente, em delírio, fa-

lava da velha igreja à qual se ligavam tantas recordações felizes de sua vida. Em seus momentos de lucidez contara à enfermeira do dia de seu casamento, do longo cortejo nupcial todo enfeitado, do bispo que os recebera à entrada da igreja com paramentos completos, e da viagem noturna para o lar, quando o "Outeiro do Padre" repentinamente se erguera sôbre colunas de fogo. Também quisera falar sôbre o presbitério de Vejlbj, mas a enfermeira fôra sempre levada a impedi-lo, pois as reminiscências o abalavam demais. Muitas vêzes êle caía em soluços convulsivos ou aprofundava-se em negro e mudo desespero pela felicidade perdida, e por último quase não tinha outro pensamento nem outro anseio além de ver a espôsa e as filhas. Quando, ao aproximar-se a morte, consentiram finalmente em atendê-lo e as mandaram chamar, já era tarde. Êle morrera à noite. Reunindo as últimas fôrças, pediu aos que o rodeavam que dissessem a Hansine o que êle mesmo lhe teria dito, que lhe agradecia e a abençoava. Com a mão da enfermeira na sua, enquanto lá fora o dia apontava dourado e triunfante atrás das cortinas do quarto de hospital, êle exalou o último e doloroso suspiro.

Por sôbre o cortejo júnebre que lentamente ia caminhando, soava a voz baixa e profunda do sino, essa nota sempre igual mas que tem expressão para tôdas as emoções do coração humano, desde a alegria nupcial até à dor da despedida. O portão do cemitério abriu-se, e enquanto um bando de gaivotas assustadas começou a gritar lá na praia, como se também quisessem estar presentes para dar ao seu infeliz amigo o último adeus, o cortejo entrou e continuou entre os túmulos batidos pelo tempo.

Quando todos estavam reunidos em tórno da sepultura do velho Anders Joergen e o caixão coberto de flôres era descido lentamente na cova, os olhares instintivamente procuraram Hansine. Ela estava ao lado do túmulo, com seu vestido de viúva, e dava a mão à pequena Sigrid. Enquanto a criança, soluçando, escondia o rosto no vestido da mãe, esta parecia inteiramente calma. Mas os últimos tempos não tinham passado por ela sem deixar vestígios. Ela começara visivelmente a envelhecer, e parecia estranhamente pequena, no seu vestido prêto.

Após ter-se cantado um salmo, o pregador do inferno apareceu junto à sepultura, com fisionomia sinistra.

Era um homem pequeno, de estrutura firme, com barba preta aparada, lábios grossos, sanguíneos, e olhos com um brilho

fanático. Executou o aremêso de terra com gesto enérgico e voz autoritária e, em substituição ao discurso que não lhe permitiram pronunciar, sua "oração silenciosa" foi tão longa que alguns perderam a paciência, puseram os chapéus e retiraram-se.

Assim terminou a solenidade, e o cortejo espalhou-se lentamente.

4

Vários anos se passaram desde então. Ainda hoje o pastor Madsen domina a ferro e a fogo Vejlbj e Skibberup, estendendo-se sua autoridade muito além dos limites da paróquia, mesmo até Sandinge.

Mas também o diretor da Escola Superior, Sejling, não esteve inerte. Tudo o que a associação cívica nos últimos anos perdeu em expansão e influência nas largas camadas populares, ele tenazmente tentou compensar adquirindo poder e autoridade externos, conseguindo o reconhecimento pelos círculos mais elevados da sociedade. Nisso, de fato, ele tem sido surpreendentemente feliz. A comunidade, antes tão ridicularizada, está agora em vias de se tornar moderna, sua interpretação do cristianismo prestes a ser elevada a religião oficial, e o próprio diretor Sejling foi recentemente agraciado com a Ordem do Mérito no grau de Cavaleiro.

Essa inesperada prosperidade parece fadada a tornar-se fatal para a ala de Vilhelm Pram, que está até ameaçada de próxima dissolução. A primeira a trair a causa foi a Sra. Gylling, que bem depressa, após a significativa visita do ministro do culto à Escola Superior de Sandinge, reconheceu ter agido com muita precipitação ao dar ao partido reformista seu poderoso apoio. Também o amável bacharel Boserup conseguiu finalmente sossêgo, livrando-se de suas dúvidas. Renascido e purificado, o filho pródigo da associação voltou ao seio paterno, onde aceitou humildemente o bezerro cevado, longamente guardado no curral, na forma de um bom cargo eclesiástico.

Até o pequeno e virtuoso pastor Magensen, naturalmente sem nenhum cálculo interesseiro e com o coração despedaçado,

viu-se obrigado a abandonar seu ponto de vista extremo. Em um novo e sensacional panfleto sobre os castigos do inferno reconheceu abertamente que sua interpretação anterior se baseava num mal-entendido, num erro de tradução, confirmando de modo inabalável os últimos resultados das pesquisas dialéticas, isto é, que a discutida passagem da Bíblia deveria, de preferência, ser explicada em concordância com a interpretação da igreja oficial.

Quanto a Vilhelm Pram, continua sem enfraquecer, lutando com o mesmo ardor contra as autoridades eclesiásticas e a fé na evidência das escrituras. Mas parece que até seus bons amigos começam a achá-lo um pouco monótono. Ele evidentemente não corresponde às expectativas que se alimentaram a seu respeito. Recentemente, um de seus próprios adeptos o atacou pelas colunas do jornal, censurando-o por não ter durante longo tempo "apresentado qualquer novidade".

Entretanto, na casa de madeira da pequena herdade em Skibberup cuidada por Hansine e seu irmão desde que a velha Else fechou os olhos, os dias correm calmos e serenos. No portão ainda oscila a lanterna enferrujada pendente de um fio, tal como nos dias da mocidade de Hansine o Ole Kristian. Pelo jardim, pelos arais e no quintal vêem-se agora, a correr e brincar, Sigríð e a pequena Dagny, a nova geração que está crescendo, satisfeita e de faces coradas.

Às vezes, mas já raramente, pela hora do crepúsculo, ou a qualquer momento em que se sente contrariada, Sigríð amua-se, encoruja-se, num canto e sente saudades de Copenhague. Nunca chega porém a mergulhar muito em seu mau humor, pois a mãe logo aparece e a põe no trabalho. Ela já é bastante grande para fazer trabalho, cuidar do galinheiro, tomar conta dos leitões, carneiros e ovelhas e Hansine não perdoa nenhum desleixo.

Com a gente da cidade a pequena família não mantém relações muito assíduas. No entanto um ou outro dos velhos amigos de vez em quando aparece de passagem, para dar dois dedos de prosa sobre as novidades do dia. Às vezes até o tecelão Hansen lhes faz uma visita. Derrotado, vive agora calmo e sossegado, sustentando-se de seu mister e pelo menos aparentemente, deixou de lado toda e qualquer agitação. Conta-se que ele começou a dar-se com Svend Cerveja, Per Cachaça e o resto

da sórdida companhia das casas do Brejo. No entanto, quando alguém o interpela a êsse respeito, êle faz como se não ouvisse, começando a falar de outras coisas.

Aos sábados à tarde, quando o tempo o permite, Hansine e as crianças vão ao cemitério, com ancinhos e regadores, tratar da sepultura da família. Para as crianças êsses passeios aos poucos se tornaram uma espécie de divertimento, uma introdução à alegre solenidade dos domingos. Para Hansine, porém, essa hora em que em silêncio cuida das sepulturas do marido, do filho e dos pais, continua a ser a hora de meditação da semana, a hora em que, recordando, encontra recompensa pelo que a vida lhe negou. Hoje que Emanuel se foi ela pode pensar nêle sem inquietação, sem tristeza e sem amargura; hoje o possui inteiro, lhe dá todo o seu amor e sua dedicação. Também o filho parece ter adquirido vida novamente, agora que as sombras do passado se desvaneceram.

Há mais gente ainda que visita o túmulo de Emanuel. Não raro um ou mais barcos com homens e mulheres vestidos de preto vêm do outro lado do fiorde e ancoram junto às grandes rochas da praia, de onde os homens levam as mulheres nos braços para terra. Sobem calados ao cemitério e ficam durante muito tempo absolutamente imóveis em tórno da sepultura, entregues às suas orações.

São os velhos amigos de Emanuel, de Sandinge, que agora após sua morte lhe devotam verdadeiro culto. Formaram uma sociedade à parte, lá do outro lado, uma seita que se dedica inteiramente a recordações de sua vida e sua atividade — as "Ovelhas de Deus" — e, segundo consta, já tem uma expansão bem regular. Vivem todos pacíficos e quietos, esforçando-se humildemente por se tornarem iguais a Emanuel com tôdas as suas perfeições. Todos os domingos à tarde reúnem-se em assembléia para falar nêle, edificarem-se com suas palavras e escutar histórias de sua maravilhosa vida. Pelo menos uma vez por ano, sós ou em conjuntos, fazem uma romaria ao seu túmulo.

Consta que já andam circulando muitas lendas estranhas a respeito de seu nascimento e sua adolescência. Conta-se, por exemplo, que sua mãe, muito devota, enquanto o trazia sob o coração, sentira uma noite em sonho as mãos de Deus pousarem abençoadoras em sua cabeça e ouvira uma voz nas trevas dizer: "Tu vais dar um redentor aos homens!". Afirmam ainda que

êle, quando menino, muitas vêzes jejuava, indo diàriamente à rua para repartir comida com os pobres. Mas acêrca dessas histórias e de outras semelhantes reinam já certas discordâncias. Sôbre o que não existem dúvidas porém, é quanto a êle ter morrido vítima das perseguições do mundo, e um dos homens principais da seita, antigo professor, está atualmente ocupado em escrever a história de seu martírio, baseado em testemunhos verbais, para que sua vida e suas ações sejam recordadas com gratidão pela posteridade.

A TERRA DA PROMISSÃO

livro terceiro da Coleção Prêmio Nobel de Literatura foi produzido nas oficinas da Empresa Gráfica "O Cruzeiro" S. A., sob a direção técnica de Renato de Biasi, e sua composição e paginação tiveram a supervisão de André Aranha Garcia, acabando-se de imprimir em março de 1967.